

O Canhôtô

ORGÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO ESTUDANTAL

ANO I

S. LUIZ. 18 AGOSTO DE

NUM. 1

EXPEDIENTE

Publicação quinzenal

Jornal crítico noticioso e literário
Aceitam-se artigos, em língua
decente e instrutiva.

Correspondência dirigida á «O
Canhôtô». Rua 28 de Julho n. 53.

SÃO LUIZ

O Canhôtô

Eis nos enfim, após longo
tempo de vacilação expostos
á opinião publica, qual débil
batel em meio de tempestuo-
zas ondas, implorando a pro-
tecção do acázo...

Este jornalzinho, despidido
de dotes intellectuais, sente-
se, contudo, com bastante
animo, para contra os espiri-
tos zombeteiros, invejosos e
pretenciosos, lutar em prol
do progresso.

O nosso interesse, não é
pecuniario, não, o nosso fto
é unicamente, divertir-nos e
aplicar-nos nas lêtras, fun-
dando este periodico.

«O Canhôtô», apparecerá
quinzenalmente, trazendo sem-
pre variadas seções literarias
criticas e noticiosas.

Portanto, esperamos dos
nossos illustrados leitores, o
seu valioso apoio, para o nosso
jornalzinho.

O Bandido

Elle nacera um dia numa estrada
E logo pelos pais abandonado...
E crecera no meio envenenado
Dos vicios de uma vida desgraçada.

Uma vez recordando o seu passado,
A sua triste historia amargurada,
Elle, raivoso em plena madrugada
Pensára em se tornar um celerado.

Matar ! Roubar ! São couzas de
momento.
E assim pensando o pobre valdevino,
Treme, se agita em grande deza-
len-
to...

E logo apresentou-se a occasião:
Matar ! E elle matou ! Fez-se as-
sasino !
Roubar ! E elle roubou ! Fez-se la-
drão !

Americo Cezar

A louca

(para o Lido Amoras)

Por montes e vales... vague-
ando... os esbêlos soltos ao
vento... o peito aneado... ella
caminhava distraidamente... De
quando em vez... parava...
parecia esmorecer... simples
ilusão !...

Quem afirma, se naquele rós-
to angelico e puro, sulcado pelos
vestiços da dor e fadigas...
veria envoltos com dois fios de
lagrimas... um sorriso extra-
nho... que só poderia traduzir-
se por uma palavra... Avante !

E eis-a de novo correndo...
o peito num anear horrivel...
parecia desleir-se... porem,

ella caminha... caminha sem-
pre... dos seus labios fojem
palavras inarticuladas... do seu
peito um canto triste e pavoro-
zo...

Por toda parte onde ella pas-
sa... deixa a tristeza... e o
terror... Bandos de passaros
num constante voitar e chilre-
ando... escondem-se ao avistal-
a e emudecem... rebanhos de
ovelhas... brancas como a neve
que pastam indolentemente sob
um sol de meio dia fojem des-
garradamente... e mais além...
um grupo de creanças... tão
descuidadas da vida... correm
tambem ao avistal a... tremu-
las... palidas e arquejantes...
a abrigar-se sob os braços pro-
tectores das velhas mães...

De tempos, a tempos... uma
gargalhada estridente... corre o
espaço...

E' ella... a pobre louca...
ajoelhada ante uma toska cruz...
lonje... lá no campo... ali onde
pela primeira vez ella amou e
onde todos os seus ideais... ti-
nham desaparecido... pela mão
da fatalidade...

Um soluço rouco fêre o silen-
cio da morte... a mereuoria
lua... mostra-se triste, como
sempre... e os seus raios pali-
dos... envolvem... lá, lonje...
no campo... um vulto esbêto
e gracioso de mulher... abraça-
da a uma toska cruz...

Ella... sempre ella...

Franquizar



S. Filomena

A festa dessa santa, não merece crônica seria, pois esteve, sábado passado sem *sabôr*, sem animação.

Agôra a do dia seguinte, domingo, sim!

Que festa!... Que festa!...

E' a fraze, que se ouve pôr entre as janelas, nos cantos, nos cafés, nos cinemas e em toda parte...

Muitas moças da nossa seleta sociedade, rapazes bonitos e até *pescuções* etc.

Mêto *pescuções* no rôl dos concorrentes a esta festa porque foi uma das coisas que mais me chamaram atenção...

Dois *guaxelos* se esbofetaram em pleno conjunto de moças; rolaram por uma das cadeiras, até um se defender

com a resistente arma que todos nós usamos: a carreira.

Alguns rapazes, daquelles que andam sempre a dizer: eu quero *amal-a*! eu quero *amal-a*!

Todas as vezes que passavam pela mais bela senhorita que ornava o largo diziam:

— Olhe, eu sou seu *Alexandre Batista Lima*.

— Qui, qui, não vê que elle me disse que cá não vinha, (respondia a senhorita fazendo o mais encantador de todos os gestos).

Abria os lábios e deixava que todos vissem os seus, lindos e numerosos, dentes, de *ascâno*.

As mocinhas andam loucas de alegria, esperando cada dia, que anoiteça, para na praça, irem ostentar as suas elengancias, seus *smartismos*, os seus chapéus novas e verem os pequenos, todos me-

tidos á *snobs*, encaçados nos seus jaquetões de 3 ráxas com suas cartólas a *Max Linder*, enfim todos *não me toques*...

E' bem justo que as gentis senhoritas, não deixem de ir á festa, emprestando assim todo seu fulgôr para abrigar estas belas noites de Agosto.

Embora não tenha a concorrência dos anos passados em que o dr. Tiberio era jovem, ainda se pode ver, e distinguir varios tipos populares como: o Eudamidas, (de branco); o Franco, (com a sua cabeleira ante-deluviana); o Djalma, (ostentando garbozamente a sua altura de *galinha*); o Nereu Chaves a querer *amal-a* também etc.

O arcaico *carroussel*, amolando-nos a paciência, com seus sons arranhados de *gato amorôzo*.

O meu *Cupido* *ladrava* como um perdido!

Depois, mesmo de cabeça para baixo, elle me disse: — Isto por ora não é nada, *sia* Josephina! Sem vergonha!

Aquilo já não me estava cheirando bem, não! Enfim, como o homem estava há poucos dias em caza, eu não me importei muito! Ora, bem! No dia seguinte eu ia fazer a limpeza da caza e... e que hei de ver?

O homem estava deitado no meu sofá, com uma perna erguida, o meu criado mudo, de tampo de marmore na ponta do dedo grande, e lendo a *Distração*! E fumando! E fazendo a minha mezinha rodar p'ra cá e p'ra lá, assim! ó! senhora! Não sei como não me atirei em cima d'elle!

(Continúa)

A... B...

FOLHETIM

Um inquilino agradável

(extraído)

— Também zizinha, eu jurei que nunca mais havia de alugar minha sala a gente empertigada e de gravata lavada! São os pelóres! Ora, sabe a senhora o que me aconteceu?

Isto dizia a boa da sra. Josepha, a sua vizinha da direita.

— Que foi?

— Eu lhe conto, aqui, há couza de dois mezes, pouco mais ou menos... Dois mezes, sim... foi em fins de fevereiro... Nada... não foi! A coisa, foi em fins de Janeiro... Não... foi isso mesmo!

Foi em fins de Fevereiro.

Mas, como eu lhe ia dizendo,

aqui ha coisa de dois mezes, pouco mais ou menos (foi em principio de Março!), eu tinha posto escritos na minha sala. Vai senão quando, um belo dia, appareceu-me um rapagão hem parecido, todo puchado a sustancia, assim com ares de fidalgo. Eu vi logo que não estava com qualquer pinga-pulha,

E tão emprecionada fiquei, que lhe aluguei o sala sem pedir aluguel adiantado. Deus me perdoe! Antes eu tivesse morrido naquella hora! O *Diabo* do homem que era *artista equestre* num circo de cavalinhos, fazia coisas vizinha, fazia coisas! — Ora veja lá a senhora: um dia eu fui lhe levar o café na sala. De repente dei com o maldito rapaz deitado em cima da minha moringa, muito a fresca, de pernas para o sr. A! vizinha! Fiquei!... Fiquei estatelada, sem poder fechar a boca, e quasi que entornei o café todo por cima de mim!

anna, concentrada no coração.

Gosmundo.

...com a feitura do N...
C...
...com os versos do C.
Guêdes.

Trauttra.

...com a melancolia, os
pez zambetas e as pequeninas
mãos do Maneco Lisboa.
...com a dentadura do
A... S...
...com os dengos do nhô
Rêgo
...com as alturas do Fran-
co, A... Pires, J... Matta
e Sumaca.

Eudamidas

Salve 13 de Agosto! Salve!

(A minha mãe Alzira Fortuna)

Meu coração transborda de
alegria por completardes mais
um ano em vossa preciosa
existência.

Faço votos ao Onipotente
para que essa data se repro-
duza; para a felicidade de
vossos filhos que lhe estimam.

J. Fortuna

Anuncios

Remedio eficaz

Ai! ai! Seu doutor!...

—Que tens meu caro ra-
paz?...

—Não sei... seu doutor,
parece-me que tenho uma ter-
rível enxaqueca...

—Uma enxaqueca?...

—Sim senhor...

—Qual, acho que não; qual
o motivo de dizeres que tens
uma enxaqueca?

—que sinto uma coisa no
organismo, como que um nó
no coração...

—A! a! um nó no cora-
ção, pode ser... porém di-
ze-me uma coisa, caro rapaz
é a primeira vez que t' dá
este nó no coração?...

—Não, senhor Doutor...
não é... porém foi a vez que
mais forte me atacou!...

—Então, qualquer coisa t' li-
zeste, não é assim?...

—Não, seu Doutor, não me
recórdo...

—Ora, dize-me uma coisa:
tú fumas?...

—Fumo, mas não por vício
é porque vejo-me obrigado a
fumar, pois só tenho coragem
de falar com *Carmen*, a quem
tanto amo, quando estou a
fumar um cigarro, e hoje deu-
se o seguinte:

Eu estava sentado num dos
bancos da praça João Lis-
boa...

Ai! ai! estou cansado, não
posso falar...

—Já sei o que é... você só
fuma cigarros *mata-ratos*, eis
as consequências... Pois ca-
ro amigo quando lhe der von-
tade de fumar, vá á «Elite
Maranhense», a Praça João
Lisboa n. 2, e exija os sabo-
resos cigarros «Ramilhetes», e
verá como em pouco tempo
ficará radicalmente curado,
e poderá falar á *Carmen*, sem
receio de desmaiar.

Rodrigues Lima

Charutos Poock

Na ELITE MARANHENSE

Casa Bordallo

Rua Grande, 27 --- Maranhão

Encontram-se:

Calçados para homens, senhoras e crianças, em todas
as cores e dos melhores fabricantes.

Grande emporio de cabedões para sapateiros

Preços sem competência porém só vendem
á dinheiro

Nossos concursos

A' pedido de muitos assi-
nantes... exóticos e gordos,
... dar come-

RABISCOS

A' Bemdem Pires

Num altar, alvo como jasmim,
circundado de rendas d'ouro, vê-se
em seu nicho uma imagem, da
virgem da Conceição.

São 5 horas da madrugada
d'um belo dia de Maio, o mez
das flores.

Repicam os sinos festivamente,
e surge um missionario capuchinho,
com sua fisionomia austera
em direcção ao altar da virgem,
para celebrar o incruento sacrificio da missa...

Uma senhora acompanhada
duma menina dos seus treze
anos, mais ou menos, de olhar
fido na santa imagem, ouvem contritamente as palavras latinas do sacerdote, e em fim de cada oração, dizem *amen*.

Jamais tinha visto quadro tão
fêlo...

E ainda fique mais deslumbrado,
quando ao som d'uma campainha,
a menina levanta-se, com
a simplicidade de creança, dirige-se
para perto do gradil do altar,
e abre a boquinha de rosa, para
deixar que o missionario depoe
na sua lingua a hostiazinha
branca, que representa o pão
da vida...

Depois ella, dirige-se á senhora,
e diz-lhe:—Mãe, agora posso
morrer, porque não tẽmo mais o
fogo do inferno, o senhor é co-
migo.

E a imagem, da virgem parecia
rir, da innocencia d'quella creatu-
rinha, tão alheia da perversidade
humana, que tomava sua 1.^a
comunhão para salvar sua alma...

Sai dali, comovido, e fez este
contozinho mal escrito, que te
ofereço.

Lilico.

Encontra-se este jornal á ven-
da, na «Elite Maranhense», Praça
São Lisboa n. 2.

LANTERNA MÁJICA

(Versos de pé quebrado)

1.^a Figura.

Este menino brejeiro
Que vai passando senhores
Muito elegante e faceiro,
Parece feito de amôres...

«Não me toques não me mexas»
Diz elle sem mais canseira;
Senhores, eu sou bonito,
Me chamo...mingos Vieira.

2.^a Figura

Manéco se chama este
Que vai aqui, qual tucano...
Parece um pintalegrête...
Tem tipo de americano

Lá da terra de Lisboa,
Seu lindo apelido fez,
Sua mão rêma canôa,
Como um marrêco *ingulez*.
Raffles.

3.^a Figura

Esta figura giguenta,
De nariz pontegudo
Namorador sem ventura,
Devido estar sempre mudo.

Cara vermelha, espinhôza,
Olhos de gato barbado,
Tipo rodela e pedante
Se chama Zeca Machado.

Z.

O Domingo

Domingo passado, realizou-se,
com regular concorrência a mis-
sa que o «Colejio do S. C. de
Maria», sob a direcção das pro-
vectors educadoras maranhenses
Almerinda Roza e Roza N. Roza,
mandou celebrar.

Às 9 horas, já encaminhava-
se para a igreja da Conceição,
uma bem organizada fila de me-

ninas, com as côres da Virgem
da Conceição. Deste belo grupo,
salientavam-se pela belêza e sim-
plicidade: Regina Carvalho, (Alva
como o cristal radiado da néve;
cujas vestes, realçavam mais que
as da propria Virgem); Laura Ga-
meiro (Rutilante como a estrêla)
Virginia Wall (Atraente no olhar)
Bembem Pereira (Faceira como
a bonêca) Zulmirinha Marques e
Zelia Santos (Delicadas como a
anjelica); Bembem Pires (Simpa-
tica e gracioza no trajar) Alde-
nora e Lucina Fortuna (Meigas
como uns anjos) etc.

Finda a serimônia, regressou
o grupo ao colejio, onde á todos
os presentes, foram servidos fi-
nos dôces.

Os convivas retiraram-se sa-
tisfeitos pela gentileza daquellas
distintas professoras.

Dante Faria.

O BICHO

Para o Rodrigues Lima

A' proposito do jogo do bi-
cho, contaram-me a seguinte
veridica historia:

Havia no Rio de Janeiro no
tempo em que ainda não tinha
sido inventada a loteria, um vé-
lho portuguez chamado Praxêdes,
que explorava vantejoamente, o
jogo do bicho da seguinte fór-
ma: De vespera o Praxêdes pu-
nha numa encêbada urna, o
nome do bicho qua estivesse
menos votado, e assim o seu ca-
pital avolumava-se espantoza-
mente, sem que os adeptos do
tal jogo, dessem pela coiza.

Mas, um dia o Max, rapaz
muito escovado, empregado hu-
milde do commercio, ou pôr *bru-
zaria*, ou pôr *inspiração*, des-
cobriu o expediente do Praxê-
des.

Rezolveu tirar um bom par-
tido da sua vilioza descoberta e

2 O lecido que se bebe é em-
barcação—4—1.

3 O pronome que não é ma-
cho, é mulher—1—2.

4 O artigo governa esta mu-
lher—1—2.

5 A flôr, corre para esta ci-
dade—2—2.

Aos decifreadores, um belo pre-
mio. Prazo de 2 dias.

O resultado pode ser entregue
à «Elite Maranhense», com o
nome do decifrador.

CONTRA OS PIOLHOS

(receita útil)

Um medico alemão, inventou
recentemente o que há bastante
tempo, as moças procuravam,
contra os piolhos, que tanto
lhes perseguem em toda parte.
Diz elle: «Quando qualquer se-
nhora, for mordida por um pi-
olho, procura agarral-o com
todo o cuidado entre os dedos,
polegar e indicador; em seguida,
diz-lhe toda a sorte de desaforos
que lhe vier á cabeça, e final-
mente desta uma pequena pitada
de soblimado em sua boca, com
muito cuidado, porque seus den-
tes, são venenosos, solta-o, que
elle morre logo depois.

E assim faz com todos os que
lhes perseguirem.

Z.

Cuiambuca

d'«O Canhoto»

O. A. O. A. (capital).

A sua quadricha caro amigo,
alem de «exquezita» não é de
linguagem decente.

Mande nos couza melhor que
gostozamente publicaremos.

Aos nossos assinantes, pedimos
desculpa, por não terem saído
publicadas as suas produções, de-
vido a escassez de espaço. Pro-
metemos, no proximo numero,
publical-as.

Pedimos tambem, a finêza de

satisfazer as suas assinaturas, até
o dia trinta de cada mez; sob
pena de ser-lhes interrompida,
a remessa desta fôlha.

Mané Gostôzo (capital)

A sua próza não foi publicada,
por fazer parte como lêma um
ditado muito batido Crie criterio
e appareça com o nome.

Por motivo de força maior,
deixamos de publicar neste nu-
mero, o folhetim iniciado, pelo
que pedimos desculpas aos ama-
veis leitores.

Guaxinin.

DESCOBERTA VALIÓZA

Neuza, era uma linda menina
dos seus quinze anos de idade.

Tinha o costume de passeiar
toda madrugada em redor da fa-
zenda onde morava.

Certa manhã de inverno, quiz
dar o seu passeio um pouco an-
tes da hora costumada, e saiu,
sem ser vista por seus pais, le-
vando em seu braço a sua inse-
paravel cestinha.

Chegando ao campo, viu que
não enxergava o riacho que cos-
tumava marjejar; devido a espes-
sa neblina, occultar o rumo de-
zejado.

Porém, como tinha-se como
conhecêdora do terreno, seguiu
atômente, muito distraída, dan-
do acôrdo de si quando sentiu-se
cançada...

Vendo que estava perdida,
sem saber o rumo de caça, sen-
tou-se n'uma pedra e chorando
exclamou: Meu Deus! onde es-
tou eu!...

Estou perdida? /...

Ella estava muito alem do ri-
acho, proxima de uma floresta,
onde ouviu o esturrar medonho
das onças e o silvar sinistro das
cobras... como que junto de
si...

Horrorizada, Neuza correu para
o outro lado da floresta, embre-

nhando-se no tecido malagal,
onde ella viu um bello panorama
da natureza, matizada de flôres.

Sentou-se em um galho de al-
cace.

O sol ja despontava no hori-
zonte e a briza matutina beija-
va-lhe as afogueadas faces...

Passou horas embebida neste
espetaculo, ouvindo o trinar dos
ronxinois, saudando a manhã...

Depois veio-lhe a fome, a
sede, e ella longe de caça, po-
brezita, chorava...

Mais tarde, couza exquezita,
deu-lhe vontade imensa de fumar
o que ella mais detestava, porém
como era vontade louca e não po-
dia ir para caça, começou a co-
lher as flores mais meigas e for-
mou varios ramilhetes que guar-
dou cuidadosamente em sua ces-
tinha.

Repentinamente appareceu-lhe
outra vez a detestavel vontade e
a pobrezita, coitada, quasi a mor-
rer a mingua cravou os olhos
nos ramilhetes e estes por mil-
gre divino, foram transformando-
se em carteirinhas com cigarros.
Espantada pela maravilha, tirou
um cigarrinho e fumou, ficando
saciada logo da vontade de comer
e de beber...

Levantou-se satisfeita e viu á
sua direita uma ampla estrada,
por onde foi ter á caça paterna.
Seus pais já aflitos a esperavam
no limiar da porta e quando ou-
viram a narrativa de Neuza, grita-
ram festivamente: Salve estes ci-
garros!... que deverão ser chama-
dos os salvadores Cigarros Ra-
milhetes!...

Todos os encontrarão á Elite
Maranhense.

Rodrigues Lima.

AULA NOTURNA

A rua 28 de Julho n. 35, le-
ciona-se o curso primario, por
preço modico.

sentir que a sua meiga filha correspondesse ao amor que Julio lhe dedicava, e, nessa agitação febril levava as horas, os dias e os meses, quando por uma manhã, estava entretido com a leitura do «Goarani», para ver se assim esquecia do seu pensamento aquelle anjo adorado como achava, entrou o Armando em sua casa, e, satisfeito do que ouvira, disse-lhe:

Sabes tudo está arranjado, a pequena aceita a carta.

Julio apopleto e comovido, abriu o livro para o quarto contiguo ao que estudava, e, passado alguns instantes exclamou:

Antes de tudo, o amor! Armando, meu amigo, que fizeste? Oh! quanto sou feliz.

O seu amigo apoiado sobre um montão de livros, apreciando aquella cena disse:

Convém lembrarmos o máximo sábio, pois bem, amanhã é vespere de natal, irás me buscar as 10

horas em ponto, e, eu te mandarei entrar, não está bom assim?

Magnifico meu amigo, não poderia estar melhor!

Feito o accordo, Armando desapein-se e, Julio procurou o seu dormitório, mas foi debalde, as horas tornavam-se extensas e elle não pôde dormir, sentia o coração transbordar de alegria, lembrava-se á todo instante do prazer que ia experimentar no dia seguinte, ao lado da sua amada.

Decorreu-se o dia e chegou a hora marcada.

Partiu...

Chegando a casa, bateu palmas, e, pareceu a meuzinha: ó fatídico momento! As palavras falavam-lhe, e, elle muito mal pôde procurar o Armando.

Este ouviu a sua voz e mandou entrar.

Julio parecia estar atônito de alegria e procurava nas baixas

camadas de seu cerebro as frases, as mais empoladas para empregar deante daquelle que elle mais adorava.

As 11 horas da noite depois de forte e animada palestra, dirigiram-se então á igreja que nesse momento já regorijava de... in... fideis devotos.

Conquanto seja prohibido (logo por quem? Pelas pedras) o namoro em igrejas, Julio não deixava um só instante de ficar Amizilia a sua meiga e alocada Amizilia, (assim era o seu nome).

Amor sinceramente não é para todos o amor verdadeiro nada pode desmanchar o afastem-se os olhos, afastem-se os corpos; porem os corações estão cada vez mais unidos pelo laço da perseverança!...

Castro Arlich.

FOLHETIM

(Continuação)

—O! Senhor! disse-lhe eu. Olhe a minha meza que se quebra!

—Não tenha susto, sr. Jozefa! Não ha perigo! Ella está tão segura como se estivesse guardada! Estou fazendo exercicio.

—Não! decididamente a minha meza, já me tinha chegado ao nariz! Aquella sem vergonha, era capaz de me matar no dia.

—Ora, se eu fosse outra, bem sei que havia de fazer!...

Pespégava logo como elle via sala dos cães, que é o lugar dos vagabundos! Se não fiz, a senhora bem sabe porque foi. Primeiro, porque precisava de ter a minha sala alugada. A senhora sabe perfeitamente que o meu velho ganha pouco, collado! Segundo, porque, enfim eu não sou como essas mulheres que ha

por aí, de cabelinho na venta, que são capazes de brigar até com o Chefe de Polícia. Nada! Sou pobre, sim, mais muito bem educada. Meu defunto pai (que Deus lhe fide a alma!) sempre me dizia:

—Jozefa, minha filha! Uma mulher bem educada, val mais do que 30 batalhões bem armados!

Por isso é que continuei a tratar aquelle malvado como si elle não tivesse feito nada!

Um dia tomou-me pela es- quecer! fui fazer a limpeza da sala como de costume.

Entrei, e não vi ni-guem.

Bom! disse eu comigo. O bicho saiu! Assim é melhor, porque elle era capaz de me faltar a razão.

Nisto vejo a gaveta da commoda aberta. Ora, como não gosto de bezordens fui fechá-la, á vizinha! quasi que caí para traz!

—O diabo do homem, estava metido dentro da gaveta, todo

enrolado, com as pernas metidas debaixo dos braços e por cima do pescoço, mas de uma maneira tal, que a gente não podia ver o que era adiante nem o que era atrás. Só vi aquella cara de finha a dizer:

—Isto por ora não é nada, sr. Jozefa!

Não ve que eu hoje vou fazer de homem de barricha, lá no arco...

Ora, imagine a senhora como eu não fiquei!

Eu estava estalando de raiva! A minha vontade era ali mesmo pôr-lhe os pódres na rua! Então, calei-me e não souber disse nada ao meu velho. No dia seguinte... A! vizinha! A!, é que eu quasi morri!... Ora! que lá! Eu estava lá dentro cozendo. Ao pé da minha sala o meu Cupido, coitadinho! De repente, entra-me o equestre pela porta dentro:

(Continúa)

A. B.

RECREIOS

Devido o entusiasmo causado aos nossos leitores, pelas charadas publicadas no 2º numero d' O Canhoto, resolvemos apresentar-as de hoje em diante em forma de concurso, devendo os decifradores mandar-nos as suas soluções acompanhadas do Vale que vem impresso, sem o qual não serão contemplados em sorteio.

Do numero passado:

- | | |
|-----------|---------|
| 1.ª | Viana |
| 2.ª | Lancha |
| 3.ª | Eufemia |
| 4.ª | Amanda |
| 5.ª | Rozario |

Mandar-nos soluções certas, muitos assinantes que deixamos de publicar os nomes, por serem pequenas as nossas colunas sendo dentre elles sorteado: o inteligente jovem

WALDEMAR SANTOS

que terá como premio, seu nome inscrito na pagina de ouro d'O Canhoto.

Concurso n. 2.

- 1.ª A malvada herba da muca é instrumento 1, 1, 1.
- 2.ª A paixão, a preposição e a ruína formam este romance 2, 1, 3
- 3.ª A fileira do homem opulento é homem 2, 2.
- 4.ª Não são boas, nem baratas para divertimento 1, 2.
- 5.ª Estudei esta nota na menina 1, 1.

6.ª DUUE

Premio: Um luxuoso livro

As soluções devem vir até o dia 21 do corrente, em cartas

fechadas, dirigidas á O Canhoto, rua 28 de Julho n. 53.

Recreios d' O Canhoto

VALE

Para o concurso n. 2

No cinema.

—Sabes Alarico, vou para a Bahia amanhã, e não tendo tempo de ir até tua casa, des pedir-me-hei desde já...

—Perdão, exclama um pernostico reporter que estava a seu lado:

—O senhor vai ficar na Bahia?

—Não, vou somente de passagem.

—Então o senhor não vai para a Bahia, e sim á Bahia.

O Alarico, não deu importância a este aparte, e continuou a conversa:

—Da Bahia, irei á Europa.

—Perdão o senhor vai definitivamente para a Europa.

—Vou morar lá.

—Então o senhor vai para a Europa e não á Europa.

O rapaz ficou um pouco meditando e o reporter, vendo-o assim, perguntou-lhe:

—O senhor ficou aborrecido por eu lhe ter emendado?

—Não, estou pensando, se lhe mando as favas ou para favas...

Um negociante de mameadeiras, manda distribuir pelas ruas um prospecto, no qual se lia o que se segue: «Quando a criança acabou de mamar, é preciso tirarlhe a rôlha, e pol-a em sitio fresco, numa fonte, por exemplo»

Fala o sarjento:

—Dois dias de calabouço ao soldado Saldanha, por ter imitado a voz do comandante, gritando como burro.

Um veterinario ao seu ajudante:

—Encha esse tubo com aquelle pó, introduza no... do cavalo e sopre com força.

Um quarto de hora depois, o ajudante volta fazendo horriveis contorsões.

—Que é isto? O que tem você?

—O cavalo soprou antes de mim...

Z.

Cuiambuca d' "O CANHOTO"

Manoel Costa (Capital).

A sua declaração em forma de soneto, será publicada no proximo numero, juntamente com todas aquellas asneiras, Coitado!

Gosmindo (capital).

Recebemos o seu soneto, o qual achamos muito bem rimado. Para não lhe desconsolar, vai aqui somente a 1ª quadra:

Minha gáta

O' que manhã tão bela
Que minha mãe achou
Eu estava na janella, quando
dai,
Minha gáta tambem chegou!

(e por aí vai)

Waldemar Santos, (decifrador das charadas do 2º numero).

Pode vir buscar o seu premio prometido.

Guaxinin.

Perguntas inocentes

Porque é que o senhor Hermes Rangél tem os olhos encarambelados?

Porque o R. Pinheiro Costa só anda rindo?

Porque não tem quasi livros na Bibliotéca?

Para que o «Cazuza» quer aquelle inseparavel lapis que uza no bolso?

Que faziam o Satú e o Nelson, Domingo na janella do Casino? Piscavam?

raros dotes de coração, amigo dedicado, a quem a morte cruel feriu o barbalemente ainda na flor da idade.

O «Canhoto» envia á sua inconsolável família e á todos os seus parentes, os mais sentidos pezaes.

PERFIL

Porte elegante e graciozo. Estatura média. Nas suas faces de uma alvura deslumbrante sobressa a cor das pétalas da rosa. Os seus lábios de coral quando entreabertos num sorriso angelical, deixam aparecer dois lindos fios de perolas, que dão ainda mais vida á sua original simpatia. Os seus olhos negros quando voltados para o espaço, fazem com que os sonhadores fiquem possuídos da mais doce inspiração. Possui nos seus cabelos a cor da noite escura. Contemplando-a não há quem não fique convicto de que na terra também existem anjos.

Wilson.

PAUL ADAM

O povo maranhense, teve o prazer de hospedar por poucas horas de domingo, o festejado escriptor francez Paul Adam, que vai em viagem de excursão até o

extremo norte. O inclito homem de letras, teve ocasião de apreciar a Exposição dos nossos produtos e fotografar as nossas belas avenidas.

«O Canhoto», saudou-o efuzivamente, e a sua exma. esposa, desejando-lhes boa viagem.

O DOMINGO

Imagine o leitor, o quanto eu, pobre cronista improvisado, luto, para todas as semanas comunicar ao «Canhoto», tudo que vi de bom e atraente durante esse lapso de tempo. É uma coisa de tirar o cabelinho da venta!... De que devo falar? Experimentemos:

Saio e vou á Exposição. Está o Lúcio Rego sentado logo á entrada e o seu bem criado nariz, láááá!... Entro. Encontro tudo bem organizado, porém o que mais me chama atenção, é uma *chiculateira*, que tem a aza um pouco torta, e está isolada lá para um canto. Sem ser isso nada mais.

Vou ao zoológico, e encontro: o Manéco, apreciando o seu coléga pato; o Vitor Paulino, a conversar com o seu colega jaburú; o Viana na jaula dos macacos; o João Lima procurando a jaula dum bicho chamado alma de gato, para verificar se com

efeito parece consigo; e o Satú, a indagar se ali existe jaula de camêlo, sem que ninguém lhe informe.

Subo ás 7 horas. No S. Luiz, lá está seu Satú, todo corcovado, de boca aberta, e grelando para ali; dois passos mais adiante, o Vitor Paulino, também grelando para o mesmo lugar.

Men Deus, o cronista desta vez mete-se em pãu!

Na bilheteria, o Mariano Castro (Dr.), com o nariz encostado na ponta do queixo, a cabeleira (macia), está quasi toda fóra da cartola, e elle: «comprem bilhetes rapaziada, o cinema está cheio»!

Vou até o Palace; lá estão, o Juquinha, a querer furar a pança do Zeca Seabra e o Zeca a querer tirar as polainas e enterrear mais o chapéu de feltro do Juquinha, tudo isso por cauza de meninas.

Não assisto a sessão, porque, a um *reporter* do «Canhoto», não dão a entrada, pois vai lá para criticar e não para elojiar, assim dizem elles, nós queremos é quem nos elojie.

Volto para a casa e durmo até o outro domingo, quando saio á procura de assunto, isto é, á procura de sujeitos feios.

Dante Faria.

FOLHETIM

3

—Bom dia, siá Jozefa!

—Bom dia!

—A senhora, é capaz de me fazer um favor?

—Conforme... qual é?

—Eu lhe digo. Não vê que eu sou doido por cachorros! Antigamente, eu tinha comigo uns 10 ou 30 cachorros. Ora, o que lhe queria pedir, é que a senhora me emprestasse o seu Cupido para me fazer companhia.

E tantos elojios fez do Cupido que eu fui, e emprestei, mas sempre na boa fé.

Ainda bem não se tinham passado cinco minutos, quando ouço o pobre bichinho gritar, que cortava o coração.

Corro depressa, e vou dar com o homem de cócaras ao pé de duas cadeirinhas, que elle afastava assim com as mãos e em cima dellas, o Cupido quasi esquarterado, chorava, coitado, chorava!...

Então é que me não pude conter, e soltei-lhe a lingua:

—Seu dezavergonhado! Seu bandido! seu assassino!

O diabo olhou para mim e pôz-se a rir. Depois disse:

—Isto pôr ora não é nada, siá Josefa! Com mais duas lições, elle fica pronto, e eu posso até arranjar-lhe um emprego no circo. É um animal muito intelligente.

—Emprego no circo? Fique você sabendo seu badaméco de uma figa, que o Cupido não pre-

Films

Em matéria de cinema, foi uma bela quinzena a passada, pois o Ideal, como de ha muito o faz, exhibiu verdadeiras maravilhas de arte. Que de belezas, o mais exigente espectador apreciaria nas artisticas películas: O Amor Verdadeiro, Almas Transviadas, o Canal do Panamá, Pelo sertão, e tantas outras que inumeral-as nos seria impossível, devido a nossa pequenez.

Pois d'aqui damos um conselho ao leitor ou leitora, não percam as sessões do «Ideal», onde vive a arte combinada com o prazer; e aos amáveis proprietários, os nossos eluzivos parabens pelos louros colhidos.

Hoje haverá *matinée* para a creançada e a noite sumtuozas sessões com programa a capricho.

O «Palace» com os artistas: Black and White e Wanda tem colhido boas enchentes.

O «S. Luiz», também tem estado bom, luminoso e agradável

Manquillo.

Boátos

...o Fernando desmanchou o casamento com a vizinha, e contratou com outra, de cara de homem, porque é mais bonita...

Al Ferdinandinho!...

...o João Lima botou nova queixada, cujo operador foi o acreditado casal de *janotas*, que lutou com grande dificuldade, devido o queixo do dito *jornalista* haver despençado.

...seu Cinema S. Luiz, o Alfredo Albuquerque quando vem?

No dia da *inauguração* do estôto?

...o Pinho está satisfeito com a invenção, tem recebido muitos parabens.

...a Liga Dicologonio & Dias, está preparando nova surpresa.

E' uma gloria para o estado, possuir filhos tão m... ventadores.

O Estado deve remunerar-os, pois nessa marcha estão aumentando os nossos aparelhos de física.

«O Canhoto» por sua vez, felicita-os, dezejando a fabricação de um aparelho por semana.

...seu Zé Rêgo, o nosso concunho de feitura, não é agora, e sim pela festa dos Remedios, não precisa se pintar demais e apertar tanto o espartilho depois do pasto que faz mal

...o Dr. Tiberio quando entender-se, já o Mariano Castro, era assim: tinha 2 netos. Que idade pôde ter o vovô?

Z

Cuiambuca d'«O CANHOTO»

J. Q. (capital): Se a sua aplicação, ao francez, fosse verdadeira, o amigo, talvez traduzisse melhor, e não ouzaria *assassinar barbaramente*, uma das bellas fabulas do imortal *La Fontaine*.

Você tem aptidão é para... *farmacêbo*, para fabricar *drogas*.

R. Guterres. (capital): você caro amigo, é inegavel que tem um estilozinho poético, mas, matricular é que ainda não sabe bem.

Reparou, quantas sílabas pôz no primeiro verso do seu soneto que teve a bondade de mandarnos, e quantas no resto?

Se é miopo compre uma luneta ali ao alfaiate...

Manoel Theodoro Pinto da Costa. (capital): aqui vai sem aumento de uma virgula, a sua *púetiquice*, que já está ficando velha em nossa gaveta:

A... C...

Oh! Quanto és bella! E eu quanto me engano

Em pensar que tu és mulher quando és um anjo

Tendo no teu rosto o riso de um archanjio

Que illude e encanta o coração humano.

E que sejas mulher isso não creio

Pois que, nem de mulher tens apparencia

E de um anjo tu tens toda elegancia

E essa pureza que te adoma o seio.

Portanto fico pasmo e duvidoso

E em saber se és mulher, ou anjo és

Sem deixar de pensar um só momento:

Por isso quando quero ver-te oh! anjo!

Em vez de procurar-te aqui na terra

Te procuro mulher no firmamento.

Eu se fosse a sua *ella*, ficaria zengado.

Eotão o sr. não cre que ella seja mulher?...

Admitindo a hipoteza da liberdade poetica, que ella seja, anjo, assim mesmo você diz asneira, porque ainda não vi, em nenhum dos quadros de Murillo ou Raphael, um anjo *seido*, salvo se a sua infeliz vitima é uma aberração da natureza; não é uma mulher e tem pureza que lhe adoma o seio! !

E' verdade Seu Manduca, *adoma* é alguma coisa que se come?..

Pamp. (capital): Mil desculpas pedimos-lhe, por não podermos ainda nesse numero satisfazer-lhe, pois a falta de espaço com que lutamos é grande.

Aos indagadores:

O Cazuza procurou nos

Para nos comunicar

Que o lapis que elle uza

Faz coisa que faz pismar

E' variavel de condão

Para atrair as meninas

Quando passam para escola,

Tão galantes e tranzinas.

Guaxinim.

Agrada-as muito, lhes dá flores, engraxa suas botinas, etc.

Assim que o leitor deve tratá-las. Quando lhe atirem um... retribua com flores...

Vejam só como é o nosso Cazuzo.

Amável ao extremo!

Como o *Dão Crizóstomo* não admite a falta de uma vírgula, posso dizer também assim:

«Seu Cazuzinho é extremamente amável ao extremo da amabilidade!»

E até logo.

Bingo.

Films

Em continuação dos sucessos adquiridos, o Ideal cinema, exhibiu nos quinze dias passados, produções valiosas, das grandes fábricas cinematográficas.

A 2ª série, do importante film *O Dr. Gar-el Hama*, eletrizou os seus frequentadores, já pelas belezas das paisagens naturais já pelo brilhante desempenho do seu competente protagonista.

Anteriormente a esta, deu-nos o Ideal, enfeio de apreciar a mimoza joia cinematográfica: «Uma antiga Namoda minha», film este que afastado completamente dos assuntos triviais é d'um deslumbrante valor artístico, agradou aos assistentes deslumbrantes.

As outras duas que constituíram os seus apreciados programas, encuzados se a dizer, pela outra ouza não podia ser, atento ao bom gosto, dos seus proprietários, foram uma verdadeira delícia aos seus habitués.

Hoje haverá matiné com espirotozias fita cómicas, para divertir a creança.

A' noite então, segundo o programa confeccionado serão exhibidas as mais palpitantes e modernas produções artísticas, que vêm mais uma vez patentear os altos meritos de se centro familiar.

Com certeza a casa freirá pois para isso esforço se os proprietários.

Os outros Cinemas darão também *matinées* e sessões à noite, com programas novos.

Mauquito.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

10ª Figura

Olhem agora a cara deste
Que vai marchando lampreiro
E' tipo de Bigodinho
O Plinio Juca faceiro

Não dispensa o fêto branco.
Do cinema elle é amante
Tem *pequenas* que faz medo,
E cada qual mais *chibante*...

11ª Figura

E' mungo das salas
Este mogo rotineiro,
Trabalha lá no Correio
Como primeiro carteiro.

O Agenor das espíndas
E' rapaz muito caseiro
Se sai a noite, é depressa,
P'ro cinema, o gran matreiro

12ª Figura

Beto espirrinho de gente
E' estudante aplendido,
Aprende lá no colégio
Do padre que tem babado

Waldemar é o seu nome
E Santos, seu apêlido
Foi galgo nos pastores
Onde sempre éra aplaudido,

13ª Figura

Lá no Correio, trabalha
Esse pandego pagão
Conta pipócas milhãres
Não perde vaza o casido

Seu Carlos, perdão, mil vezes,
Lhe peço por ter faltado
A' sua pança, o respeito;
Mas, juro ficar calado...

Raffles.

AULA NOTURNA

A' rua 28 de Julho, n. 53, lecciona-se o curso primário, por preço modico.

RECREIOS D'"O CANHOTO"

Do concurso n. 3, recebemos inúmeras soluções de cavalheiros e distintas senhoritas as quais pedimos permissão, para publicar os seus respectivos nomes.

Decifrações:

- | | |
|---------|-----------|
| 1 | Anno Bom |
| 2 | Pote |
| 3 | Saracura |
| 4 | Bolacha |
| 5 | Rega-Bôfe |
| 6 | Praça |
| 7 | Pinto |

Decifradores:

Eduardo Pinheiro, José Lual, Waldemiro Vianna, Neron Chaves, Vicente Reis, Bernardo Oliveira, José da Silva Gomes, e outros.

Já foram entregues os prêmios, aos dois primeiros decifradores, respectivamente.

Novas charadas

Publicamos abaixo, as charadas que nos foram oferecidas gentilmente, por uns colegas que se occultam sob os pseudônimos de Braz Vêga e Humber.

3-1 Nada mais precioso depois do sol da felicidade, que uma corôa de Gloria.

2-1 Sempre formosa e quasi divina, é uma estrela de primeira grandeza.

2-2 E' um acontecimento do grande curso um matrimonio feito sem juizo.

2-1 A ilha que estudei, é animal.

—Saibamos Julio qual das minhas filhas é que pretende?

—Ainda não decidi.

—Pois decide-te: te dou 50 contos se te casares com a mais jovem; 75 contos se com a segunda e 100 contos se preferes a mais velha.

—E não teria vossa mercê, por acázo, alguma de mais idade.

Paeizem-se de vendedores para este jornal.

O CANHOTO

Ozino Costa (Dr.) vai aprender dançar, para não caçarem delia, é bom Dr.

...o João Crisóstomo durante a festa andará de monoculo.

...o J. Rodolfo já tem também?

...o João Nunes não vai a festa porque não ha cinema de ódes.

...o Caetano disse que não vai a festa porque sua querida não vai e muito longe.

...que o belo, (não bonito) votará para sua...ela quem será essa?

...Zeca Rego vai formar um club de esport como...ele...

tem graça nhô Rego.

...o casal de janotas vai mandar vir um aparelho electrico.

Para que?

Para extrair dentes?

...o Filomeno Tavares, está ficando velho porque seu Filomeno?

...o Euvaldo Oliveira está aborrecido com o «Canhoto» porque ainda d'elle não se lembra, espere!...

Z.

CAZA FILATETICA

Vendem-se e compram-se a maior quantidade de sellos em perfeito estado.

L. Silva.—Rua Saavedra 23 S. Lm.

Culambuca d'«O CANHOTO»

José Pereira (capital).

Voltu as nossas mãos, o vosso conto que com toda póze entregou ao «Cazua».

A electricidade já está pra vir, seu Pereira, jogue-se debaixo de um bonde, que é melhor do que: ouvir os gorgelias das passaru que estavam por rua a procuram de uma pessoa a quem lhe concedem al gumas migalha para salciar das fome canina que elles pi suia, como diz você no seu aborrecido de romance. Digo romance porque nos mandou dizer que ainda continuava.

Você com esta intelligencia, vai parar no hospicio.

Pamp e R. Azevêdo (capital).

As suas colleções de asneiras, já foram para o lixo, pois era o unico destino que poderíamos dar.

Herminio Salazar (capital)

Se não tem assunto serio para escrever, não estrague seu latim. Um conto do bicho! ora, penso que é outra coiza.

Se o bicho está dando fortuna como reza a sua ladsinha, seu bicheiro de profissão que não ha emprego nem officio, como o bicho, fique com elle, e faça bom uzo do seu dinheiro.

Ande em automoveis, pauladas xadrez etc. ou metada-se numa camiza de força.

Recebemos um bem inspirado soneto, intitulado «Supremo Preceito».

Apreciamos bastante: não só a inspiração, como também a sua chave de ouro: «Basta fumar os cigarros Ramilhetes».

Foi realmente uma boa idéa, pois estes cigarros são actualmente os mais sympathizados.

Gratos.

Do Anapérís, acreditado oram seminario imparcial que circula no Bréjo, sob a direcção de João Evangelista de Carvalho Sobrinho, são as linhas que se seguem.

«Recebemos os numeros 1, 2 e 3 d'«O Canhoto», interessante jornalzinho critico, noticioso e literario, que appareceu em 18 de Agosto na Capital do Estado.

E' de pequeno formato, mas, bem escrito e impresso. Ao novo colega, desejamos vida longa e com satisfação retribuirmos a vizita que nos fez.»

Agradecemos a gentileza.

Convidam-se os socios d'«O Canhoto», a comparecer segunda-feira

às 8 horas da manhã, nesta Redacção.

Recebemos os numeros 231 e 263 d'A capital, organ para nso, que com muito gosto retribuirmos a honroza vizita que nos fez.

Durval Lopes (Folha do Norte). Recebemos a sua atencioza e honroza carta, a qual sumamente agradecemos.

Goa.cinim.

Esplendor antigo

Pergunta-me Francisco, porque conservo este pedaço de bandeira velha, suja e rota, entre os objectos de estimação e valor. Vou responder-te: Passava eu um dia no largo da igreja de minha terra natal, e lá encontro pendurada em um mastro este pedaço de pano que ai vêz, tão triste, solitario, como envergonhado de sua miseria presente, que o meu coração gemeu de dor, pois este trapo já representou a nossa grandeza, symbolizando a nossa querida patria.

Muitos foram os bravos que nas inospitas plagas do Paraguai defenderam com heroismo e bravura extraordinarios, exalando o ultimo suspiro envoltos nella. Em dias feridos ella era hasteada a toque de clarins, a rufos de tambor e ao som do himno nacional. Hoje, nada mais vale, está decaída, do seu esplendor passado, resta apenas, uns raros fios de ouro, nos mostrando assim, o quanto foi bela, grande, sublime.

Os meus conterraneos não souberam respeitar os restos de uma bandeira que por espaço de quasi um seculo, sonbe al'o, bem alto encarnar a realzeu da nossa patria. Este pedaço de pano velho, sujo e roto, que ai vêz, foi a nossa bandeira no tempo da Monarquia!

V. V.

Precizam-se de vendedores para este jornal.

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literário.
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 300 réis
Interior e Estados . . . 300 réis

Correspondência dirigida á «O
Canhoto». Rua 28 de Julho n. 53
Maranhão SÃO LUIZ

Films

Nini, a Fêra, que nos apresentou o «Ideal-cinema» domingo, passado, por si só valeu um programa, mas seus esforços proprietários, aumentaram-n'o, com a espirotoza comedia da invencível «Nordisk»; Tia e Sobrinha ou — Pela forma, comedia esta, que em passes interessantestrouxe a distinta plateia do «Ideal» em continua hilaridade.

Terça-feira, — Corrida para a morte, esplendido drama de Lux, prendeu a atenção, dos espectadores, commovendo os, e daí ha, pouco Ministro Suffrajista, comedia, muito bem interpretada por valiosos artistas, divertiu-os bastante fazendo os esquecer a comoção.

E depois destas maravilhas: Tia e sobrinha ou — Pela forma, que como acima disse, cauzou, Domingo, grande successo, em continuas sessões transbordantes.

E' o caso de darmos parabens aos dignos proprietarios do «Ideal», por tão grandes successos, colhidos em uma semana.

Manquillo.

AULA NOTURNA

A' rua 28 de Julho, n. 53, lecciona-se o curso primario, por preço modico.

Precizam-se de vendedores para este jornal.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

Sentindo dôr de cabeça
Que me tráz em vai e vem
Seu Rôdes e seu Pimenta
Vão hoje cantar também.

Raffles.

14ª Figura

Tira leitor a cartôla
E presta bem atenção.
Que vai passar um—Viôla—
Que se mête a sabichão.
Chama-se João Pachôla
Alfás Lima João.

E se mête a tôdo instante
A analizar portuguez,
A ser das letras constante,
A corrigir o francez:
Afinal não passa adiante
De um literato de mez.

Se queres rir ó leitor,
Muito fóra de perigo,
Não precisa muita coiza,
Faze uzo do que te digo:
Quando o vires pela rua
Tôdo de fraque e cartôla
Não deixa que elle te veja,
Grita detrás:— ó Pachôla!!!

Rôdes Pimentel.

15ª Figura

O Zeca Neves, senhores
Vive «rôxo» de paixão
Por uma certa pequena
Que não quer seu coração.

A lição não mais estuda,
Vive só a fazer versos
Dedicados a pequena,
Que o chama de perverso

Já prometeu a alguém
Quebrar a venta o marôto
Que publicasse algum dia
O seu nome n'«O Canhoto».

Pimenta.

A Elegancia

Continúa bem animado entre as senhoritas, o nosso concurso de elegancia, cuja apuração será feita, não hoje, como dissemos no numero anterior, mas alguns domin-
gos depois da festa.

O primeiro premio, que será um belo quadro executado pelo futuro e conhecido pintor Purciun-
cula de Moraes, já está em prepara-
ro. Os demais premios ainda não
estão determinados.

Victorinha Mendonça.....	37
Lilia Botelho.....	31
Maria José Moreira.....	27
Colinha Motta.....	25
Antoninha Maya.....	25
Sinhazinha Costa.....	20
Virginia Wall.....	19
Naiza Souza.....	17
Laudissêa Jucá.....	15
Caçula Nogueira.....	15
Ositha Burnett.....	13
Dinah Teixeira.....	7
Jessie Salles.....	6
Zenaide Lopes.....	6
Nazareth Costa.....	6

Os cupons devem vir em envelopes fechados endereçados á «O Canhoto». Rua 28 de Julho, 53. S. Luiz.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz é

Volante

O CANHOTO

...o Lilico Rego ao embarcar, o comandante não quis que elle levasse o nariz... Deixou?

...o Zeca Andrade, está sujo na rua da paz porque a pequena disse-lhe ao passar por lá: «eu não lhe quero mais, seu galinho branco pintado».

...diz o Baltazar pernos d'rolinhas, que a Avenida Gomes de Castro é calçada a moçambique!...

Junte se com o seu Cabré seu Bartazá.

...o Gastão Vieira, é caridozo, pois na sacola da igreja só deixa *vintem xemxem*...

Perguntem a menina do saco! foi encontrado na igreja o seguinte e bem notado bilhete de uma senhora para um cavalheiro que ella trata por «seu Minhóca».

«Seu Minhóca.

Meu sinhó. Os cimen despó de muitas coiza que as muléres lhe fazem para elle. E' pussiver que os meu coração lhe queira amar voce, eu lhe peço-vos para não te aborecer comigo, eu lhes prospronho que espere os meus corações, porque di qui pra poucu tempo elle pôde vos queiré lhe amar vos.

Eu lhe a guardo toda nus purtão para coizichos você cum vergá com meu coração que todo dia me fala-lhe de vencer.

Da tua

A... »

...o Djalma e o Nereu estão se psrecendo com o Cazuza pela cabeleira... Vjiem só...

...o Djalma anda tão poizudo, que ao passar em caza de sua Diva, esta fêchou casualmente a janéla, ficando o seu héque prezo nas grades...

...Veiu o pai della e... pân... fez-lhe um gálo.

Coltadinho do pobre.

...o Satú já não está o mesmo homem de outróra. Pois de namôro, não quer mais saber...

...o Ademar está amississimo do «O Canhoto». Porque, não sei, (sei não quero dizer).

...o Zé Rego (mocinha) foi a festa com calças apóveis das d'na ansgua de mulé.

Só porque era de mulé!

...o Victor Paulino, está votando no concurso d'A Fita, para si mesmo.

Pretenção!

...a produção de Crizostomo Souza d'Os Anais, está muito parecida com uma poezia de Mendes Martins «Notas de outr'oras»

...o jogo do *bião*, vai se acabar. Cuidado senhoritas e *senho* ritos!

...o seu Z. vai se *arretirá*.

Z.

Cuiambuca d'«O CANHOTO»

Durval Lopes (Folha do Norte.)

Com muito prazer, acellaremos vossa colaboração

Raimundo P. Pereira (S Luiz.)

Ainda mais uma vez recebemos pelo prestimózo Cazuza um soneto seu aliás de (R. B. de Carvalho Filho), dedicado ao Correia Pinto Ora seu Pereira, o Correia Pinto não merece que se dedique uma coiza destas a elle. Então você nem copiar sabe? Em vez de universo copiou inverso?

A revista de onde você copiou com todo requinte é bem antiga: «Cidade de Luza de Pianhy. Mas «O Canhoto» é que não admite isto, elle com sua mão esquerda dá fé de tudo. Eu vou lhe dar um conselho: Não copie mais poezia de outrem e assine o nomo, ou se suicide, ou mande o Correia Pinto lhe *suicidar*.

«O Martello», brilhante organ propagandista dos afumados produtos da Farmacia Marques, assim recebeu-nos:

«O CANHOTO»

Apareceu entre nós, com o titulo acima, no mez passado, mais um jornalzinho bem feito, bem impresso, com escolhas colab'ração e cheio de troça fina. De canhoto não tem nada esse coleguinha, é bem direito até. Fizemos votos sinceros para que dure uma eternidade e vá crescendo de mez a mez esse organ dos estudantes, salvo seja.

Convido aos socios á comparecer terça-feira ás 8 horas da manhã nesta Redação.

Velo trazer-nos o abraço de despedida, o nosso colaborador Abel Ramos que vai em viagem de excursão ao centro do Brazil. Ótima viagem

Guaxinim.

Sonho...

A'...

Quando, muito embóra, o sopro das dezilozóis, empila o barco da nossa esperança para as tétricas rejões do esquecimento, e que ainda sintamos que há um meio de salvação, embora vão, não devemos desanimar um muito sequer, para salvarmos-nos, e arriscando a propria vida devemos nos agarrar á esta taboa de salvação e tendo em mente a idéa de unirmos-nos um dia no terreno lateo da felicidade para gozarmos um verdadeiro e puro amor sonhado, havemos de chegar ao porto da gloria, sãos e salvos, desfraldando o pavilhão da amizade sincera.

Lilico.

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literário.
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 300 réis
Interior e Estados . . . 300 réis

Correspondência dirigida á «O
Canhoto». Rua 28 de Julho n. 53

Maranhão SÃO LUIZ

A esperança é o balsamo
consolador dos que padecem.

Stael.

A saudade é a dor mais
cruciente que pode martiri-
zar os corações que amam
sinceramente.

Elza.

Films

Após uma pequena suspensão,
reabriu o Ideal Cinema, seus
vastos salões sexta-feira, pas-
sada, com um artístico e valioso
programa do qual se fez desta-
car, o importante lovor de arte:
Os Bandos de Paris, que como
era de esperar causou franco
sucesso.

Foi mais uma conquista para
esta acreditada eza de diversões
que tem sabido granjear a sim-
patia do povo maranhense.

Hoje, com atraentes programas
dará *matinée* á tarde, e á noite
sessões contínuas, sendo portan-
to de esperar, que como sempre
lá falle ninguém.

Os outros cinemas, darão tam-
bem *matinées* e sessões com
programas novos, sendo que no
S. Luiz, os artistas Huertenica y

Cardozo, cantarão trechos do
seu vasto repertorio.

Manqueto

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

Bom dia, caros leitores
De novo me apresento
Vos mostrando as figuras,
Que possuem gran talento.

16ª figura

Esta rapaz de lneta
Cara rapada e rízonha,
E' tipo muito simpático,
O nosso amigo *frangonha*

Tem um irmão feito padre
João Rodolfo se chama,
Gosta muito das *pequenas*
E disto tem grande fama

17ª figura

Como *mosquito alemão*
O Humberto é conhecido
Trabalha com despachante,
Pelo que é convencido

E' ruivo quel o m is ruivo
Filho da bela Inglaterra
Toca flauta, *muito bem*
O felizado da terra

18ª figura

O nosso Herm's Ranjel
Conosco ficou zangado,
Devido termos bulido
Com seus olhinhos, coitado.

Seu Ranjel deixe se disso
Nos disculpe. (Disculpou?...)
Que a culpa não nos pertence
E sim a Deus, que o criou.

19ª figura

Parla mais que o papagaio
Em todo assunto elle fala,
Mas, não sei, não adivinho
Porque é que não se cala

No Palaca é mui constante
O Delmiro espiuado
Por ser amiguinho nosso
Vai agora aqui cantado

Raffles.

ESCULPINDO

II

Agora meus senhores, atenção
Este sujeito em bronze aqui entalhado,
E' tipo de estrangeiro, *agrandalhado*,
Mas é nosso patrio o grau-falhão.

Tem armazem de grande distinção
Lá no largo dos frades, E' falado,
Todo o mundo conhece este encarnado,
A carnauha e seu *lapzalão*.

Quando piza, a calçada se estremece
Quando tira o chapéu, a cabeleira
Do se'lo degeeste nos parece.

Quando as botas engraxa, é que bitóla,
Passa a trocar a sua vida inteira
Cu' as meninas que passam para a escola.

III

Este mano terceiro é ua verdade
Rouco amigo dos gestos masculinos
E creio que acertará os cidadãos
Em chamal-os: seu Masculinidade.

Dizem que até por maxinga bondade,
Deus que dirige aqui nossos destinos
Formou-o entre sorriso bem malinos
Duma costela de mulher de idade.

Em pentear mochinhas elle comprega
O seu rico tempinho, e inda carrega
Um soberbo espartilho, é que marica

Anda cheio de pó, todo pintado
Gosta de biliscar-o afeminado,
E se zanga com quem delle critica.

Peri.

Convido aos socios, á compa-
recerem segunda-feira as 8 horas
da manhã, nesta Redação.

O CANHOTO

...o chapéu novo do Polide-tes pertencem ao padre Pimenta.

O lindo padre esqueceu-se delle, quando estava rezando, e o Polide já... cabeça com elle. Repare bem...

...duas senhoritas, que não dispensavam suas respectivas bolsas, se pareciam muito, mas muito, com o Sati.

Não comparando mal, são 3 garralhas perfeitissimas.

...o professor Ory, cativou todas as pequenas que estavam na festa. Elle dizia a uma dellas:

—Que belo cabelo a senhora tem!

—E o do senhor seu Ory também é bonito, quem me dera possuil-o.

...o moço Cabré, discutindo com um colega:

—Sobra a luz, seu colega, é preciso nós fazermos uma quitação, se nós fizemos umode que fica uma sublimidade.

—Porquê meus candieiro não espalham?

...o Agenor com uma rara e vantajada bengalia que continha: bengalia, flauta, caieira, chirote et etc. Ella a é servio para apunalar uma Juana, que desmaiou com os encoimados liros. Ella gritou: Seu Agenor, meu coração está na mão!... acúte-me! egô... É o Agenor, mais que cepessê...
COMIDA

...o Jé Neves, (da companhia das Aguas) foi á torre executar belos repiques no grande sino.

Elle de lá mesmo estava vendo a sua... ella...

...o Albino (com sua altura de galinha) dizia:

A Senhora, Dona me é-miei capaz-me de dar-me ei acázo miei essa flor-miei...

—Que diabo de tanto miei sen galo, vá miar pra longe... (disse-lhe a moça muito calma)

...o Sardinha com sua avantajada boca enguliu sem querer

duas criticas fônicas que passavam ignais.

...o Abimeel seguia uma linda pequena e assim se espresava:

—...mos ô... inema?

—Vamos.

—...ô... não olha pra a... elle... ôço... inão elle... ôdo te... ére...

—Eu te sou sincera.

—eu... não a...redito purê o... oração de eu te adóra. Ora...ôlas!

...o João Pachóla, parece que só tem comito mudo de boi, pois no largo só falava em coração, muéla te...

...o Ryzmanno Lopes, precisa uzar mordaca, para quando conversar com as moças, não assustal-as com seu tradicional *carriume*.

...O Abimeel e o Victoriano são parentes até na garganta...

Z

Em vista das nossas assignaturas serem por diminuto preço, os assinantes que quizerem continuar queiram ter a bondade de vir pagar aqui na Redação, até o dia 30 de cada mez, visto não termos mais cobrador.

O BEIJO

(Para o Dante Faria)

—Querida Emilia, que diferença ha de imprimir á publicar?

—Uma simples distincção caro Jorge. Um beijo pode imprimir-se mas publical-o não!

—Pois deixas que imprima um na tua singela boca?

—Não!

—Porque?

—Porque considero os beijos uma falsidade.

—O! não!... Se os tens como falsidade, perdão. Dize-me e os dos teus amigos?

—Todos. Exceptuando os do amor materno ou paterno que indicam amor e sinceridade.

—Porque?

—Porque não procuram a bocca dão-se na testa, na face, nas mãos e nos pontos em que a qualidade sensível é rubra.

Não! Os outros indicam, e alem de tudo transmitem á alma a convicção sincera d'um amor.

—Não!

—Não? São! Para conheceres, abre um pouco a tua boca e deixa, que os meus labios encontrem os teus dentes niveos e humidos e a tua rubra lingua. Esse é o beijo dos que amam.

—Porque?

Porque transmite á alma a sinceridade, a bondade de intrelaçar-se a pessoa amada e apetejada.

São os labios que imprimem aos outros, é a boca que recebe da outra dando-lhe permanente agasalho.

—Permite, Jorge!

—Mas não me ofereças os teus labios cerrados. Nunca viste um casal de pombos a se beijar?

Os biquinhos abrem-se, as linguas se encontram.

Emilia refletiu um pouco.

—Nunca recebi um beijo assim.

—E' por te amar e querer ser o primeiro a ensinar-te os segredos do amor.

—E quem t'os ensinou?

—A Natureza.

—Qual as riquezas que tens para ensinar os segredos do amor?

—Nenhuma. Mas embora vês. Quando as flores amam, ellas abrem as corólias para que o polen afogue o pistilo. Abre os teus labios num sorriso angelical e deixa que os meus labios encontrem os teus dentes alvissimos.

—Assim?...

Quasi. Ainda vejo no teu sorriso afavel a timidez e nos teus labios rozeos o recato. Deixa, que elles se entreguem cheios de confiança.

—Assim?...

—Justamente.

—E não se ouviu o ruido do beijo? Foi como um murmúrio de prece; como um ciclar da briza. Assim fôra a transmissão do beijo á alma, não pelos olhos que estavam cerradas, mas pelos labios que permaneciam abertos, durante aquelle tão emocionante colloquio.

Lido Amoras.

O CANHOTO

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literario.
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 400 réis
Interior e Estados . . . 400 réis

Correspondencia dirigida á «O
Canhoto». Rua 28 de Julho n. 53

Maranhão SÃO LUIZ

pedi ao companheiro A. Erre, o
seu lapis, e os leitores terão a
bondade de dar os ultimos reto-
ques, pois como já disse, sou
leigo em retratos.

A vez primeira que a vi foi
em um elegante cinema, onde
tive a feliz dita, de sentar-me em
uma cadeira, atraz da fila onde
ella estava a puzer durante a
sessão, apreciar belos trechos de
lindas operas que esta mocinha
cantorolava entre dentes (pois é
muito ingenua da musica)

E' filha das terras pernambu-
canas, segundo me disseram,
mas gosta do Maranhão para
onde veio com a idade de 14
anos, mais ou menos, portanto é
quasi Maranhense.

A sua cor dum moreno fino
faz com seus olhos negros, no
conjunto, gradavel e quanto a
sobresdem duas filis, simetricas
de perolas, entre os seus labios
rubros de paeir.

E' qu' zi alta, mas não é baixa
Possue um tom eleganta que
ainda a faz mais agraavel

Quando canta, e in aquell' voz
de prata trizada pela accenlação
do an' terra, então os proprios
passarinhos deixam os seus ni-
bezinhos e vêm se empoleirar
em frente á sua janella, exta-
ziados.

Seu nome é o da virgem mãe
do Christo.

Reside em uma rua que o povo
não chama errada.

E agór terminante, mil des-
culpas p'ço aos leitores, se o re-
trato scuzar algumas imperfei-
ções

A retratada perdão, pelo atre-
vimento que nestes rabiscos en-
contrar.

E ao A. Erre, os meus agra-
decimentos, pel' delicadeza que
teve para comigo emprestando-
me sua seção, em ris-o de estra-
gar-se em minhas mão sem pra-
tica.

Feljo.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

20ª figura

O Maneco Souza, afirmam,
Que não é nosso assinante,
Porque não quer ser trocado
(*Vejam que moço pedante!*)

Mes agora seu marréco,
Por culpa do dezafóro,
Engula esses versos já,
Se não quier fazer d'seóro.

21ª figura

Est' outro, tipo baixinho
At'raído e buxido,
Parece cum p'ssarinho
Bondinho e barrigúto.

E' novo só vive quando
Tem patente de cacete
Vive sempre apreguando
Seus cigarros: «Ramilhete»

22ª figura

E' pelutro, não ha duvida
E muito eleganta e' ande
Só de tanto se ap'rtar,
Ficou penso de uma banda

Mas possue um'otra coiza,
O Zeca Neves simpatico;
E' que: quando vé um... ella
Fica todo... surum. batico.

Raffles.

ESCULPINDO

IV

Muitas coizas possue este sujeito.
Vamos depressa olhando essa riqueza:
O apelido que tem é com certeza
Do azeite doce o principal conceito.

Lá na casa dos cobres, com respeito,
Elle trabalha co'aria de agudeza.
Usa agora com muita sinjeleza
Um chapéu que por muito contrafeito

Seu pimenta caveira reverendo
Desprezon. E seu poli... lanceirão
Com elle ir para a festa fuj querendo.

Ha tempos se meteu numa rodola
Que resultou meter dum peçoção
A formosa careta na calçada.

V

Abrir alas, aqui tendes em frente,
Pancudo cidadão, baixo e elegante;
Curto da vista e um dente tem brilhante
Disque é de ouro, não sei. No áno corrente

No telegrafo muito triunfante
Fex exame solene e gravemente,
Enrolado num fraque *adolescente*
Que entre todos o fez muito picante.

Trabalha no escritorio que é *melhado*
E os cobres arrecada, este fu... lano
Troçando os companheiros E' *carado*

Quando encontra o João Victor Ribeiro,
Por um tal coronel, pergunta o *mano*
E vai passando em pozo de *baquero*.

Peri.

Culambuca d'"O CANHOTO"

Bene-dito Fouse a (e pitá!)
R'cebemos (pagando 200 réis),
Você seu Binó: é uma inte-
l'ctualidade, estou vendo, mas é
um pouco *miz'avel*. Então nos
obrigou a pagar 200 réis para
receber aquells porcarias?

Tipos excêntricos

Coitado!

Infelizmente só tem cabido á mim nesta divisão, ultimamente, tomar conta de plagiários.

Original ocupação...!

Agora, a coisa é fina.

Como quero descartar meus colegas e eu da responsabilidade, cito o Lilo Amôres, como plagiário paracletado por Garcia Redondo.

Caro leitor, não temos, indistintamente, necessidade de possuir almanques, revistas, velhos para não passarmos pelo dissabor de algum dos nossos colegas, copiar qualquer produção dum autor e se assinar, para passar, como se fosse sua e sermos depreciações, como fomos.

Pois nos fez passar pela decepção o, Lilo, nosso colega, de redação que há tanto tempo nos atanzava para entrar, como socio desta folha? Coitado, estreou-se mal!

Debaixo do pseudónimo Lilo Amôres, fez o tão galante conto que publicamos no passado numero, de muito boa fé.

Credo me mo que tivesse feito essa tolice por ingenuidade e mais nada. Supoz que tendo o trabalho de copiar, podia ouzarrar se assinar. E por isso leitor, como temos toda franqueza de menos prezear qualquer filante, damos-lhe o direito de quando vir algum contrasenso, parido desta folha, senão a nós a nosso reino, reclama-lo.

Bingo.

PELO RAIOS X

Vi domingo, na festa do cantor das timbucas, coisas excêntricas e quasi passos e contos:

...no bolo do Crisóstomo,

estavam trez celulas de R... X...

...em uma das abas do frasco do Pachóla estava pendurado um membro da sua antiga dentadura...

...O Antonio Dias, falando ás pedras.

...nos vidros dos olhos do Victor Hugo, estava ainda gravada a terna imagem da...ella (Celle).

...a gravata do João Victor, no momento em que falava o Fran Paxêco, ficou tão comovida, que deu a luz...

Então o João Victor convidou o Picta Teixeira, para padrinho.

...na cabeleira galizica do Alcides Costa, uma andorinha depoz trez ovinhos chocos.

...o Manéco Lisboa, cujas pernas estavam brigando com as do Albido Sorres, fez um *va ed va*, dos diabos.

Dr. Gaba-tudo.

Policiamento secreto

d' "O Canhoto"

CIE E OFICIAL DE RONDA

...o Bebê e a Vale, depois de chorar muito na rampa, anda que presos num cesto de botica... a se um gato te pega.

...o Delmiro é tão *francês*, que ficou prezo e bem prezo nas cadeiras concavas do «Palace»... Paciencia Delmiro.

...seu Plinio Bigodinho pôde uzar seu tato branco... «O Canhoto» não se importa mais.

...o Palmario Matos, não quiz ir domingo a festa com medo da polícia e da sua Faustina.

...o Bona, (não o dr.) anda com o Bebê contando suas paixões, dizia elle eu vivo com o coração fechado desde que a pequena me chamou de poeta e deu-me com a janela na cara...

...o João Teixeira (do Brazil) está aprendendo para... poeta. Consta que o mestre, é um outro João, O Pachóla.

...o Vitor Hugo, o Zeca Holanda e o Humberto Oliveira, desafiaram-se para um duelo, na praça Gonçalves Dias, por causa de uma... não digo.

...o Palace diz que é o unico no estado.

E onde ficará o «Ideal» (que não imita e é imitado) e o S. Luiz, (com suas cadeiras p'ra... osados)? No Pará, ou na China?

...a biblioteca do Zeca Neves (das Agnês), está na fazenda Jacaré.

...o Rodolfo Rego, está nas horas vagas, *mordendo* um lampião da rua do Alecrim, nem sente dor, tudo isso porque?

...o Mariano (Dr.) quando estava distribuindo as pedulas... do roubo no cinema S. Luiz tinha tanta póze, e vontade de azular com as cujas, que impunando o cigarro, quasi queimava a ponta do nariz.

...os alunos da Academia do Comércio, já falam francês... até pelos dentes dos pés. Um delles disse: automóvel em francês, é «fotom-bile».

...o nhô Régio assim que leu o «Esculpindo» do numero passado, disse lógico: sou eu.

...o discurso do Antonio Dias para o outro seu colega Antonio Dias, (Gonçalves) apesar de ser do tempo de D. Pedro, até as pedras choraram.

Tinham tantos erros que arder faziam dorri!

...o Corrêa Pinto, na festa do Rozario estava fechado de paixão, por uma morena.

...é preciso encomendar uma *leiteira* para alimentar os carteiros de 2.ª classe dos Correios...

...Victor Hugo e o Cazuza tomaram um automovel terça feira com destino ao... não digo... olha a morena Cazuza.

Winter

O CANHOTO

Jornal crítico, noticioso e literário.
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 400 réis
Interior e Estados . . . 400 réis

Correspondência dirigida a «O
Canhoto», Rua 28 de Julho n. 53

Maranhão SÃO LUIZ

fortíssimas e têm o efeito duplo,
só podendo ser proferidas em voz
alta e em jejum. Têm também
música própria, que ainda não
está escrita, composta pelo mui
conhecido clarinetista Cabral, que
a vai mandar imprimir na Alle-
manha, em folhas de *Frande*.

«Oração contra automóveis,
inimigos do canastro po-
pular».

«Dr. Lisboa que está na poli-
cia; mui conhecido é o vosso
nome; venha a mim a vossa pro-
teção; sejam cumpridas as vos-
sas ordens tanto nas ruas como
nos radezes. As patrulhas, que
não existiam, dai-me sempre;
não perdoei os criminosos que
também os não perdoamos das
pedradas; me não deixeis ser pi-
zado na via publica, mas livrai-
me do pavoroso. Amen».

«Ave Boa cheio de energi»; o
chefe está convosco; sois o me-
nor entre as autoridades; mal cri-
terioza é a vossa administração
policia».

«Santos Leoncio e Eleazar, su-
zulares do Bonz, velai por mim,
solredor, hoje e na hora do de-
zastre. Amen».

Quando não houver policiais
na ocasião em que o dezastre es-
tiver iminente, pôde se rezar o
Credo, em roda, esconjurando os
monstros que, vomitando fumo,
trarão, sem duvida, o Ferreirão

nos chifres

«Creio no Lisboa Chefe, todo
circunspecto, inventor da policia
e da regularização da carreira
de automóveis, e nos Delegados,
seus auxiliares, nossos salvato-
res; os quais foram escolhidos por
uma influencia perspicaz; surji-
ram de uma feliz escolha; ainda
não sofreram a menor censura;
foram convidados, aceitaram; em
barcaram e saltaram na rampa;
imediatamente moralizaram a ci-
dade; elevaram-se no conceito pu-
blico; estão auxiliando de lado di-
reito o Lisboa Filho; donde hão
de vir a fiscalizar as ruas e bicos.
Creio no Governador na neu-
tralidade da politica; na boa
vontade das praças; na morali-
zação dos costumes; na manu-
tenção da ordem e na captura
da *troupe* dos dezordeiros.
Amen».

Souza de Lima.

A Elegancia

Continua o entusiasmo das gen-
tis patricias por este nosso con-
curso, que terminará por estes
dias, obtendo a vencedora um belo
premio.

Votação até hoje:

Regina Jucá	324
Lilia Botelho	312
Maria José Moreira	300
Landicéa Jucá	282
Odila Nogueira	200
Caçula Nogueira	150
Virginia Wall	148
Ozitha Burnett	145
Bembem Meirelles	140
Antoninha Maya	139
Naiza Souza	137
Corinha Motta	133
Victorinha Mendonça	127
Santinha Arozo	122
Melinha Costa	121
Regina Carvalho	80
Sinhazinha Costa	62
Linah Teixeira	60

Jessie Salles	59
Nazareth Costa	30
Quetinha Pereira	29

Os cupons, devem vir em car-
tas fechadas, dirigidas a «O Canho-
to», Rua 28 de julho n. 53.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz é

Volante

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

23ª figura

E' este meus senhores, um elegan-
te
Lá das bandas do Anil, pela...
Maidôba,
De andar num *meche meche* tão ga-
lante
Apelidou a canalha de *socôba*
Quando elle se pôr do sol, bem em-
poado
Vai se pôr a janela bem chibante,
Esperando talvez um namorado
Que o tome por donzela, de distan-
te.
A lingua, os *postigos*, ultrapassa
Na vida albeia tezoirando, forte,
Cabelos pretos trezandando a *mas-
sa*,
Corpinho fino e dezairôzo porte

O CANHOTO

As mocinhas daqui o chamam Zé-
ca,
Mas eu gostava se o chamassem
Cóta,
Aqui modesto as águas sujas são
Mas na Malóba, a elegância bota.

Bismark.

24ª figura

Alguem lhe chama camélo
Por cauza de sua coreóva
Mas eu garanto, o Satú,
E' feito só de pindóva

E' dengôzo, o dengôzinho
Namora a mais não poder,
Mas eu lhe chamo socó
Devido elle magro ser.

Quando trabalha elle beija,
A carteira por um triz
A noite elle ta surubá
No canto do S. Luiz.

Guazéto.

25ª figura

Em nome do Padre e Filho,
Do espirito Santo amem,
Vai passando um grande santo
Lá da sagrada Belem...

José Maria se chama
De Jesus, também se assina
Este mocinho constante
Escórador lá da esquina...

Ragôra aqui faço ponto
Pois que o santo já passou,
Se cantar, vou p' o inferno
Comer o que bol deixou...

E assim saudôze vos deixo
Preparando p' r' outra vez
As olegas e a paciência
Pois cantarei um FREGUEZ.....

Raffles.

ESCULPINDO

Este amigo é doutor de engenharia
Einda mais um diploma elle al-
cançou
Na escola da farmacia... e inda ar-
ramou
Propagar sua farmacologia

Carregado de grande simpatia
Entre nós elle, não se desculdou
Da tarefa que o «velho» começou
Do terminar a igreja, co'alegria.

Agora meus amigos eu vos peço
Não digam que este é elle vos con-
fesso,
Tenho medo senhores, que me pelo

Elle pôde vingar-se desta troca
E se assim o fizer me descaroga
Os miolos co' aquelle seu martello.

Pêri.

O Remorso

Cançado de vaguear por mon-
tes e vales, voltei á caza paterna
Era ella tósca e velha como o
pensamento.

Entre Nesse momento, só o
silencio era testemunha da mi-
nha dor

Além, ouvia o murmúrio de
um reg-lo aflito, a quem o gor-
jeir dos passaros inquietos, de
galho em galho.

Assentei-me Em cada mo-
mento ao fechar e abrir dos
olhos via descambár Phébo ao
poente. Ao longe o badalar do
sino duma capela annunciava «Ave-
Maria». Ajoelhei-me.

A minha préce enviei para
aquella, remiras minhas faltas, a
quem nas alturas os anjos grita-
vam «Hosannas» Um silencio er-
mo reinava depois. Apoz um mo-
mento ouvi uma voz: Caminha,
mensajeiro desterrado!... Não
sabes quem sou eu? Pois, voltei
teu olhar ao passado, que na tua
alma de carrasco lêrás. Um tra-
mór apoderára-se de mim Chora-
ram meus olhos. Na face passava-
me a vergonha rega a pelas la-
grimas, que não eram as mes-
mas de outr'ora. E a voz impe-
tuoza ainda dizia.

Sou o remorso!... Caminha
pelo universo de sul a norte per-
seguindo as almas dos *plajia-*

rios!... E tu és um delles!...
Caminha, mensajeiro desterra-
do, nunca parar é o teu des-
tino!...

Lilo Amoras.

Films

A estrêla que mais brilhou,
durante a semana, no firma-
mento da arte, foi o querido
e simpatizado Ideal-Cinema,
pois fez projetar em sua alva
tela, domingo, segunda e quin-
ta feira o mimozo quão des-
lumbrante drama—Filho de
Conde e Atriz em continua-
ção ao não menos bello film:
Os 4 Diabos, já exibido entre
nós por esta acreditada caza.

Filho de Conde e Atriz é
incontestavelmente uma ma-
ravinha de arte que foi sem-
pre assistida em todas os trez
inexquecíveis dias por grande
quantidade de espectadores,
extasiados, entusiasmados e
delirantes.

Hontem, foi o que se viu-
sucessos sobre sucessos.

E hoje hoje então, o Ideal
fará a delicia da noite, com o
soberbo e bem interpretado
drama, da invencivel e repu-
tada fabrica dinamarquiza
«Nordisk» em 3 partes e 34
bellos e emocionantes quadros:
«Historia de uma mãe», que o
fará transbordar a mais não
poder.

E a *matinée*?

Já me ia esquecendo, será
o cumulo de divertimento ás
rizonhas creanças maranhens-
ses.

Nas outras cazas congeneres
serão levadas boas fitas, que
concorrerão para abrilhantar
a noitada de hoje.

Manquito.

E no cinema, sob a luz elétrica claríssima, seu todo fica circundado duma aureola luminosa, fazendo parecer-nos, uma santa sob a redoma límpida de cristal.

A casa onde ella reside, e da qual é a alegria e o carinho dos pais é situada na maior rua deste nosso querido torrão natal.

E basta de esclarecimentos pois decerto os leitores já a conheciam.

20-11-912

Feijo

O Colejio do Sagrado Coração de Maria

Quinta-feira, a festa com que as Diretoras deste acreditado collegio Almerinda Roza e Rosa Nina Rosa, encerraram o curso deste ano esteve ao apoio do entusiasmo. O discurso preliminar, foi corretamente proferido pela senhora Maria Neves.

Naná Lisboa, Maria Neves, Regina Carvalho, Edezia Machado, Guilbermina Nogueira, Virginia Wall e Adalgisa Neves, fizeram as delicias da festa, executando com proficiencia varios trechos musicas; Lucina Fortuna com a graça e entusiasmo de sua idade, recitou desembaraçadamente e com garbidade, uma interessante poesia: «A Escola»; a pequena e garrula Lyane Araújo, o monologo «As armas», a simpatica e meiga Zulmirinha Marães, digna de destaque, em o interessante monologo «Quando eu for grande», delicioz o auditorio; Helena Keri, fez com graça um belo monologo «Carapuça» e a companhia Zulmirinha, no dialogo «A boneca»; Isabel Araújo e Neuza Sampaio recitaram com entusiasmo duas lindas poesias: Edesia e Olga Machado e Helena Souza, bastante se salientaram nos papéis que lhes couberam. Depois, fez-se ouvir um galop executado

com esmero a quatro mãos por Naná Lisboa e Regina Carvalho.

Finalmente fizeram-se a entrega dos diplomas ás alunas que terminaram o curso, sendo a oradora escolhida, por suas colegas a senhora, Esther Burnett que com indescritivel competencia pronunciou belas e bem buriladas frases aos seus mestres e colegas. Terminou a festa por uma bela allocução proferida pelo digno professor Machado, que despediu-se de suas discipulas e saudou as irmãs Roza, pelo gosto e afinho que teem em educar a mocidade e a perseverança na labuta afozosa da educação.

Tiveram os convidados ensejo de apreciar belos e bem compostos trabalhos das alunas do colejio que os fizeram nunca esquecer o lucido momento em que collocaram seus filhos em tão seléta casa de educação.

Dante Faria.

A Elegancia

O prezente concurso, conforme noticiamos terminará no dia de Natal. «O Canhoto» circulará nesse dia, em edição especial, trazendo o resultado geral do concurso. O 1º premio que será entregue á senhora que obtiver maior numero de votos, acha-se exposto desde domingo passado, até domingo proximo, no salão de espera do «Ideal cinema». É uma pintura á aquarela, trabalho do habilitado joven Pareiuncula de Moraes.

Vai abaixo a votação conhecida até hoje:

Maria José Moreira	325
Regina Jucá	324
Lília Botelho	312
Laudicéa Jucá	303
Odiya Nogueira	210

Virginia Wall	202
Naiza Souza	190
Bebem Meirelles	181
Ozitha Burnett	162
Antoninha Maya	158
Caçula Nogueira	157
Santinha Arozo	142
Cotinha Motta	133
Vietorinha Mendonça	127
Melinha Costa	121
Regina Carvalho	70
Nazareth Costa	70
Sinhazinha Costa	62
Dinah Teixeira	60
Jessie Salles	50
Quetinha Pereira	40
Neuza Aranha	40
Vinolia Pinho	37
Eunice Machado	30
Marietta Souza	30
Maricota Castro	20
Lília Rocha de Souza	20
Anicota Godinho	17
Nhazinha Martins	15
Marietta Perdigão	11
Zezé Jorge	10
Maud Pereira	10
Laura Gameiro	10
Edith Ribeiro	10

Os cupons, devem vir em cartas fechadas, dirigidas á «O Canhoto», Rua 28 de julho n. 53.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Lutz é

Volante

O CANHOTO

Que portanto!

Volta á noite seguinte, com a mesma cantiga e assim, meus amigos, esse amigo do Crizostomo, vai prendendo com o seu andar de *urubu malandro* este especial chiste, os corações das incautas meninas.

Elle, com o *chefe* da litteracia maranhense, tem aprendido couzas *impagaveis*... termos do *arco da velha*; sintetiza-os em um pedaço de papel de quitanda e envia á sua amada... diz elle:

«E' UMA DECLARAÇÃO!»

Remplie de soi-même, (fraz de mr. Ury).

Birgô.

Policiamento secreto

d'«O Canhoto»

DIZ O OFICIAL DE RONDA:

...o Bigodinho, recebeu pelo ultimo paquete do norte, uma cartinha perfumada da ella (delle).

O Canhoto felicita-o.

...o Mosquito alemão (Humberto) constipou se quando fazia uma serenata á voz da sua flauta sonôra, p'ra guaxéla delle.

...o Maneco Souza, inventou um motor electrico, para o qual foi tirar a respectiva patente de *inventação* sendo-lhe negada unanimemente. Corajem seu coiza.

...o Aranha está *arremedando* o trez metros e meio. Pau nelle.

...o Aluizio Rocha Santos e o Rogerio Branco, vivem a perguntar quando tem viagem de recreio para Guimarães.

A se o Carlos Alberto péga este ultimo!

...o Gastão Vieira domingo fazia fitas ao ar livre. Não consegui saber se eram comicas, naturaes ou mesmo dramaticas.

Eram com uma meréna.

...o Borges, foi dar um beijo em sua guaxéla da rua formosa e o seu nariz não consentiu.

...o popular caixa, da Caixa Popular Flavio Souza, anda sonhando com os *bichos* e amaldiçoando a policia.

...o Poli comunicou-nos que para evitar briga com o lindo padre Pimenta Caveira, ella vai uzár o chapéu de outra forma.

...o Joquinho (amargué) está atacado de *canhotofobia*, isto é raiva d'«O Canhoto».

...sen bichano Crizostomo, foi beber no mesmo cópo, ficou atacado do mesmo mal.

...o João (Pachola) é feito exclusivamente de pó de arrôz. De modo que, se alguém lhe aplicar um reforçado murro, elle se evapora todo.

...Hilton Fortuna diz que seu coração está vago. Aproveitem meninas!

Maneco (mão de páto) disse ao Djalma (bico de ganso) que não gosta mais daquella *alma de gato*.

Sêbo é mesmo um jardim zoológico...

...o João Reis, está engordando prá... Crizostomo. Parabens, seu Chabi segundo.

...domingo passado um *coupe de rodô*, quebrou um dente do Pestana, mas felizmente o Belo (Joli) piron um dos seus e heroicamente emprestou o

Trés bien

...no cinema ao *Marche aux flambeaux* (isto é ao ar livre) o nosso Fausto Seabra ficou enganchado pelo nariz na *apertacurinha* que reinava.

Mas, como para tudo ha remedio, o escrivão Queiróz ponde a custo dezengancha-lo.

...o Jesus ficou *abai-xa-d...* *i...nh...*...o debaixo de um banco, para não ser pizádo.

...o Nereu Chaves, embarcou terça-feira passada para a importante cidade de Itapecurú levando n'alma o ribombar dos fogue-

tes do seu fabrico e tambem enorme quantidade de Canhotos para propaganda.

A rampa, estava tão cheia de *guaxélas* carpideiras, que foi preciso a intervenção do policia, para dispersar a multidão.

...o Djalma Vasconcellos (berterraba) convenceu-se de tal forma que é poeta, que só vive a apoquentar-nos a paciencia para publicarmos suas poetiquices.

Winter.

Para fazer rir

O patrão ao criado:

—João, que gritaria infernal é essa que estou a ouvir ha mais de meia hora no salão?

—A! deve ser o cão que uivou então a senhora que se prepara para cantar.

Um fumante, depois do jantar,

oferece a cigarreira ao vizinho da direita

—Obrigado; eu não fumo.

Volta-se para o vizinho da esquerda.

—Obrigado; não fumo.

A mulher segreda-lhe ao ouvido:

—E ao capitão, não ofereces?

—Deus me livre! Esse sei eu que fuma...

Um credor, exasperado porque um devedor não lhe pagava a conta, escreveu-lhe um dia uma carta que terminava assim: «E se algum dia o encontrar prometo aplicar-lhe a ponta da minha botina...O senhor bem sabe onde!»

O devedor respondeu-lhe imediatamente.

«Meu caro senhor. Dei-me pressa em entregar com a sua carta na parte do meu corpo ameaçada».

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literário.
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 400 réis
Interior e Estados . . . 400 réis

Correspondência dirigida á «O
Canhoto». Rua 28 de Julho n. 53

Maranhão SÃO LUIZ

moria estes versinhos que ouvi
cantar não sei onde:

«Os seus olhos negros brillam cheios de
ardor
Das moréas de Sevilha o casto amor».

E' ainda meninota, mas tem
um nobre porte, talvez orgulho-
za de possuir um nariz bem feito,
uns dentes alvissimos, umas mão-
zinhas bem moldadas, bastas e
ondulantes madeixas.

Trez sílabas ligeiras formam seu
nome, bem combinado com sua
pessoa.

E na janéla pela manhã, quan-
do o sol bate de rijo nos azulei-
jos de sua casa produzindo um
clarão diamantino, ella sobresae
daquella especie de meteoro, com
seu moréno fino e cativante, pa-
recendo misteriosa Deusa, nos
mundos fantasticos das iluzões.

E' filha de importante familia
desta terra.

A luz do seu olhar quer ami-
gavelmente, quer de revéz, pe-
netram e subjugam os mais in-
senciveis corações.

Feijo

MATUTADAS

(Conto para crianças).

A historia que vou contar, só

serve para os leitores d'«O Ca-
nhoto» que tiverem menos de
seis anos de idade, onde a paixão
por coizas futeis é bastante acen-
tuada:

Amiguinhos, ainda se lembrão
vocês do cinema ao ar livre?...
Pois bem.

Lá acima da Maiobinha num
logarzinho conhecido por Moca
jutuba, vive na mais completa
paz, plantando couves e quiabos,
uma mulher chamada Evarinta
cazada com um *cabôco* chamado
Cadete.

Quando D. Evarinta (é assim
que a chamo) soube pelos infor-
mes cá da cidade, que havia ci-
nema ao ar livre, fez um saiceiro
medonho com o Cadete.

— Seu Cadete, eu vou, porque
vou á cidade, ver o cinema, não
vê que eu *perdo* tão *golda pe-
chincha*... e mesmo *pruque* o
preço é nada abaixo de zero...

E começou a arrumar-se: go-
mou uma saia branca, passou um
cazaco amarelo, escovou os chi-
nelos, de couro de carneira pelada
e com armas e bagajens lá veio
D. Evarinta.

Aqui chegando, ficou entuzi-
asmada com os *astromóve* que
quazi a pizaram, e a noite mal
soaram seis horas, lá estava
ella na praça estacionada ante a
tela amarelenta do cinema *prá...*
Crisosti, como disse ella depois.

A's 9 1/2 começou a projecção
e ella não perdia um movimento
das sombras que passavam e
quando viu a seu lado um *smart*
fumando um cigarro de ponta de
cortiça, ficou furiosa e disse: ora
seu *cumpade* você fuma cigarro
de *burracha* na ponta?...
Não é borracha sua *fulana*, é
rôlha...

Acabou a primeira fita e ella
bateu palmas de contente.

Segunda fita.

Um moço beijava uma moça e
ella babava se de admiração, mas
o Nereu, com inveja, deu lhe uma

rodolada nos olhos e ella com
os cujos a arder, saio correndo
rompendo o povo, e bradando
aos diabos.

E correu assim até sua cabana
onde queixou se ao Cadete amal-
diçoando o progresso infame que
adotou pimenta respingadeira.

K. Milo.

Films

Quinta-feira, levou o Ideal «O
ouro que queima», que dispensa
qualquer ecomio.

E debiciará hoje, os seus im-
meros frequentadores da *matinée*
com a empolgante concepção dra-
matica de alto valor, que tanto
sucesso alcançou domingo pas-
sado, atraindo trez sessões a cu-
nha, e hontem que também lo-
grou enorme enchente «Um dra-
ma no mar».

A noite, levará o «Ideal» e rico
e incomparavel drama de amor,
executado pela reputada *Nordisk*
o que basta para afluir os *habi-
tués* deste cinema, que exhibe fi-
tas escolhidas com gosto e ca-
pricho: «O amor».

O Ideal, como sempre, prepara
uma surpresa da *Nordisk* para
domingo.

Hoje também funcionarão os
outros cinemas.

No S. Luiz, funcionarão suas
comodas cadeiras.

Manquito filho.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

29ª figura

Prestem atenção meus senhores,
Que está passando um *facetu*
Andando muito *poizudo*
Cavalgando sua laneta.

ESCULPINDO

VIII

Um dia destes deram-me um presente
Que eu guardei precavido: um bom pedaço
De cera do Japão, que só dum traço
Modela este tipo—*independente*.

Muito franzino, um tipo de doente
Lá no liceu por fim levado a passo
Bacharelou-se o cujo em grosso
masso
O inventor de coizas de repente.

Amigo o filho então do Dico Lopes
Conseguiu arrumar um aeroplano
De frande do Cabral—que dá galopes

Para trocar não temos, tão picante
Anda sempre a comprar do caremão
Bom pano de algodão p'ra seu turbante.

Pari.

Que coiza...

Contratam-me:

Uma autoridade policial do
Rio de Janeiro, jogadora do Bicho
de quando em vez mandava um
cobre, á casa de um banqueiro,
para o bicho que desse, tendo por
intermediário, um sarjento.

O sarjento que um tanto *escovado*,
encheu-se redondamente uma
vez, á custa d'elle:

Recebeu o dinheiro para o ex-
plorado jôgo e marchou, á casa
do banqueiro.

Em caminho incluiu á bolada
uma soma igual. Chegando lá, en-
tregou o dinheiro e rezou a costu-
mada ladainha da autoridade. Imediatamente, o banqueiro lhe poz
as mãos, á devida e reforçada bolada. Quando saiu, tratou logo de
tirar o que lhe portencia.

Noutro dia a autoridade encon-
trou o banqueiro e quiz se desculpar:

«Mandei buscar aquelle, cobre,

pois estava embaraçado com meus
negócios; por isso não se zangue».

E disse quanto tinha enviado...
Não, respondeu o bicheiro, o
snr. mandou o duplo do que está
dizendo.

A' então vou falar ao sarjento!
—Então, sarjento, quanto deste
ao banqueiro?

Dei o que o snr. me entregou e
outro tanto para meu jôgo, pois
via que ganhava sempre, então
joguei conforme vosso palpite.

Malis.

Policiamento d'«O Canhoto» DIZ O OFICIAL DE RONDA:



...a Liga Dicol-
gonio & Dias mandou
vir um automovel,
para passear aos
domingos. E' para
fazer medo ás mo-
ças janelleiras, que
sairão da janela gri-
lando:

Ai! ai! um clu-
be de mumias, ai!
uma porção de on-
ças! Trez caveiras!
Que desgraça!

...o Cecio e o Sumáca, anda-
vam a namorar a mesma peque-
na. Dizem que a dita é da altura
do Cazuzu.

...o Jozé de Riba-mar Pereira
lêndo o convite das festas da Re-
publica: traduziu *marche aux
flambeaux* por *sorvete de go-
des*.

Coitado do magricelo.

...o Maneco Lisboa breve-
mente fará uma Conferencia so-
bre: «The Canhoto in the north
of america, for the palinipedes».

Escuzado será dizer, que quem
não souber *corretamente* a lin-
gua de seu Maneco, tá *bestando*.

...o Mosquito (alemão) parti-
cipou-nos seu contrato de matri-
monio, com uma pimenta logle-
za.

A pimenta malaguêta ingleza

dofou-lhe com uma flauta de
prata.

Arre!

...o Cazuzinha, é tão baixinho e tem a cabeleirinha tão pequeninha, tem os dedinhos tão fininhos, que ao passar debaixo de uma arvore da Praça João Lisboa ficou prezo pela cabeleira como o celebre Absalon. Então veio o seu amigo Antoninho Silva Zê cabeça. «semilingua» e para completar o quadro biblico, enterrou-lhe a lança.

A', o caricaturista Zeca Neves (das Aguas) nesta ocasião.

...o Albino, do clube *gankes*, na festa servio de *delegado* á guaxelos que se beijavam em campo limpo. Mas um delles tirou o boné do inglez Albino, e leu escrito no fundo do mesmo aquelle soneto, aquelle mesmura que estava no leque quebrado do «Ideal cinema» aquelle: «Tem olhos».

Sabesssss...

...o Renê (Mucura) caxeiro de despachante, ficou zangado por que di-seram que ella parecia com o novo colega Nelson (Jacaré).

Calma...

...o Maneco Souza (careteiro) comunicou-nos que o seu motor electrico tem força de 40 *crizantes* na frente e 50 *cazuzas* atrás...

E' inegavel seu Maneco, *coo* é um *benemerito*.

...o Waldemiro Cecio, veio reclamar-nos que o apelido de «mariz de beterraba» lhe pertence, e não ao Djalma Vasconcellos. Briguem logo, que eu vou chamar o escrivão Queiroz para dezapartar-los...

...o Nereu soltou um foguete, lá do Itapecurú, e com tanta saudade que o cujo veio para detrás da igreja dos Remedios.

Paixão faz coiza de espantar rapoza.

Guaxélo.

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literário.

Acceptam-se artigos, em linguagem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 400 réis
Interior e Estados . . . 400 réis

Correspondência dirigida á «O Canhoto». Rua 28 de Julho n. 53

Maranhão SÃO LUIZ

Perfil

O. B.

E' linda entre as mais lindas desta terra:

Face morena, de um moreno finissimo, onde habita um sinalzinho que mais graciôzo faz seu perfil risonho, olhos negros e grandes a espargirem fulgôres que eletrizam o coração da gente, cabelos curtos e azevichados, dentes alvos como jasmim, e traz nos labios «a cor das rozas quando a aurora nasce».

Estatura mediana, senhora d'uma elegancia sem par, que a faz sobrepujar entre as mais votadas do concurso d'«O Canhoto». Possuidora d'uma educação sem jaça, é o enlevo de importante familia do nosso meio social.

Tem a perfilada uma sublime voz que arrebatá todos aquelles que têm a dita de ouvir a, e

«Quando ella canta, minha alma a sós, canta em seus cantos de Pastora bella.»—

A. M.

A Elegancia

Impreterivelmente, terminará este animado Concurso no dia do querido Natal.

Então o «O Canhoto» circulará em edição especial, de cores, trazendo o resultado geral. Só receberemos os votos para este concurso, até o dia 22, terminantemente.

Logo apôz, a apuração, será entregue o quadro que esteve exposto no salão do Ideal cinema, a senhorita que sair vitoriosa, e uns outros premios, á algumas que se seguirem. A votação é a seguinte.

Odija Nogueira	341
Regina Jucá	340
Lilia Botelho	337
Bebem Meirelles	330
Laudicéa Jucá	326
Maria José Moreira	325
Virginia Wall	322
Nalza Souza	300
Santinha Arozo	285
Antoninha Maya	270
Ozitha Burnett	269
Caçula Nogueira	260
Cotinha Motta	257
Victorinha Mendonça	250
Melinha Costa	245
Eunice Machado	109
Sinhazinha Costa	108
Regina Carvalho	100
Laura Gameiro	98
Nazareth Costa	97
Zezé Jorge	95
Marietta Perdigão	95
Dinah Teixeira	90
Quotinha Pereira	89
Jessie Salles	80
Vinolia Pinho	56
Marietta Souza	54
Helozina Calvet	50
Maricota Castro	44
Neuza Aranha	40
Lilia Rocha de Souza	30
Anicota Godinho	29
Nhazinha Martins	29
Maud Pereira	27
Edith Ribeiro	20
Edith Burnett	10

Os cupons, devem vir em cartas fechadas, dirigidas á «O Canhoto», Rua 28 de julho n. 53.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz é

Volante

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

31ª figura

Lá no cinema outro dia
Vi, ouvi, trez calinadas,
Ditas por dois marrecos
De caras esburrachadas.

Não declino os nomes delles
Nem mesmo dou um sinál
Só lhes digo: são dois moços
De cartola e anel fendal

Dizia um para o outro:
«Me parece-me a mim
Que isto em meu pice-né
Me fica bem mémo assim».

Responden o mais escuro:
«—Eu duvido que tu durma
Com esta canga pezada
Que não é igual da turma,

Mesmo de ouro não é,
Nem de praque nem de prata
Se tu saíres com ella
Irá dar mui grande rata —

O CANHOTO

O que se está passando com elles, e com os seus guiadores, a imprensa tem registado diariamente, e com toda a justiça. Pobre e desgraçado povo! Que mal fizeste para que teus gritos não sejam ouvidos, e tuas lagrimas enxutas?!
Telmo Ribas.

Policiamento d'«O Canhoto» DIZ O OFICIAL DE RONDA:



...o Gabriel Rebello, veio da Bahia todo polido p'ra... Crizosti. Gabri, olha o pózmetro do Dico Lopes.

...o Dico Lopes, ensina geografia pelo novo metodo de Cruzado.

...o Erson Souza, anda lá pelo cais, a fazer serenata sem muzica. Pobre coitado!

... diz o Bigodinho, eu te amo, em francez é: *je t'aime* e eu não te amo: *je non te t'aime pas*.

Vá aprender com o Black and White seu Bigodinho.

...o João Victor está fazendo uma coleção de contos... do caixoto.

...o Augusto Meirelles foi guian de o Agenor até o lugar onde devia haver um duelo entre este flautista e o Seabra José. Porque, não sei...

...o Dante Paris, está comprando todo o sortimento de *foguettes* que o Nereu deixou atraz dos Remedios.

...o Hilton ficou zangado, devido o Bello (joff) ter dito que elle se parecia com o onça do zoologico. Que dois!...

...o Jaquinha (amargué) teve a amabilidade de comunicar-nos o nascimento dum filho do seu *smoking*, cujo padrinho será o do Martins e madrinha o do Elter.

Comunicou-nos tambem que já se acha melhor do mal que lhe

acabrunhava: *canhotofobia*, isto é, raiva d'«O Canhoto».

Seu Juca, só se pode queixar de só mesmo.

...o Seabra zangou-se com o Raffles, por ter dito:

«Que não passa d'um estudante». Pois elle outro dia passou entre o Aranha e o João Reis.

Bassista.

... diz o Meirelles que quando o Agenor embaraçal-o com aquella sua grandissima sobranceira elle dará tão grande baque, no marreco, com a sua testazinha pequena que o flautista ira guiado para o outro mundo.

E digam que só os automoveis causam dezastres.

...as partituras das muzicas do «Ideal cinema» são do repertorio do maestro Malabuxo, de saudoza memoria.

Irra!...

...o Arthur Castro depois que chegou de Monção, só fala esperando e está gordo p'ra... Crizoste.

...o João Teixeira, deu a luz a mais uma poesia que tomou o nome de «Começar por encetar» de cujo assistente foi o João Lima.

lehe, deixem lá, que elle já passou Castilho.

...o Rocha Santos numa seção da Camara, apresentou uma proposta: os mandamentos da lei do ventre.

Os mandamentos da lei do ventre, são 10 a saber:

1.º amarás a carne sobre todas as coisas e ao peixe como o ti mesmo.

2.º não jurrarás ter bebido vinho puro nos hotéis, cazas do pasto ou tavernas.

3.º guardarás o jejum no dia 30 de fevereiro de cada anno.

4.º honrarás aquelles que te derem bons jantares.

5.º não matarás, senão os animais que te servirem para a panela.

6.º nunca encherás mal o copo, nem te levantarás da meza com appetite.

7.º não furtarás pão aos que não os tiverem.

8.º não arrotarás pescada, quando comeres bagrinho.

9.º não dezejarrás os ossos e os

pratos sujos da meza do teu proximo.

10.º não enbucaras a fome alheia.

Estes 10 mandamentos, se encerram em dois: amar a boia sobre todas as coisas e não ser filante da do seu proximo.

...os filhos da Candinha, perguntam se o Fabriciano é estudante ou negociante?

...o Bélo e o Moraes Rego irão ao baile do Teatro, em um clube de *roedores* chupando cana e quebrando castanha na boca de muita gente.

...o Neren lá mesmo das longinquas matas do Itapecurá, não deixa de fazer declarações por escrito a sua Dulcinéa.

Já é ter sorte.

...the Maneco of Lisboa esta agora arranjando um novo tema a sua 2.ª conferencia.

Talvez escolha este: *The Crizoste is the great plant of the littatures*.

...o Jesus faz questão de assistir as conferencias do Mister Maneco, mesmo porque elle é competente na materia.

o João Teixeira irá ao Teatro fantasiado de *puella* e para isso, já arranjou:

o chapéu do Polidetes; a cabeleira do Lima; as orelhas e a corôva do Satú; a cabeça do Zeca Fortuna; a testa do Meirelles; as sobranceiras do Agenor; os olhos do Rangel; a luneta do Garrido; as espinhas do Nereu; o nariz do Queiroz; os beiços do Crizostome; os dentes do Hilton; a lingua do Antonio Silva; a garganta do Abimael; o queixo do Mariano; o pescoco do Déda; os hombros do Nereu; as mãos do Manequinho; a panela do Aziz; as pernas do Albino; o péz do Dias; o fraque do Cora; orelha; as calças do Martins; as produções do M. Eterio; o lapis do Cazuzza; a altura do Djalma; o poze do Fillogrógnio; a verboxidade do Xixie e a raxa do João Victor para o pallto.

Será uma pandega e só de lembrar-me estou a rir.

á á á á....

Winter.

Ave glória!

(A' vencedora do «Concurso de elegância»).

Salve! Glória suprema! A primazia
Dentre todas vos fez merecedora
Destes louros gentis que a simpatia
Vos concedeu. Sois vós a vencedora.

Sobre as asas de terna fantasia,
Esta essência de Deus comovedora
Sobre vós, deca a gran soberania
—A e' r'oa do triunfo, encantadora.

Acceitai esta oferta genial
Porque traduz num gesto de ternura
Nosso humilde presente do Natal.

Acceitai-a e que o mundo delirante
Possa sempre vos dar dessa ventura
De outros louros ganhades triunfante.

Retratos a lapis

XI

Eis o meu segundo retrato, que
quasi de um mesmo estilo, nada
tem de digno da retratada.

Foi em um passeio marítimo que
pela primeira vez a vi cantar

Foi na «Ponta da Areia», há uns
anos atrás. E aquella voz arjentina,
executando varios trechos muzicais,
repercutia vibrando por aquelles
descampados, confundindo-se com
o marulhar das destemidas ondas
que se arremessavam sem pena, de
encontro ao litoral, indo se des-
manchar em branca espuma, hume-
decendo os nossos pés.

Depois, essa morena filha de lá
do dulcíssimo Pernambuco foi-se para
o extremo Norte, o Amazonas, sua
tez morena, isto não o deixa negar

E o nome seu, é tão doce, tão
melodioso combina-se tanto com a
sua pessoa que se repete todos os
dias na igreja, quando ao rezar a
ladainha.

E o seu exquizado apelido, é o in-
verso, de uma apreciada fruta, que
o Maranhão (onde ella está atual-
mente) produz com abundancia,
logo após o inverno. Passa a sua
alegre vida, na maior rua desta
bela S. Luiz, gozando portando das

inumeras amizades de colegas que
conta em o nosso meio.

E' extremamente amavel, delica-
da e mesmo tratavel. Em seu riso
anjelical de soberana, sabe atrair
a atenção dos que a conhecem.

Eis si, muito rezumidamente o
retrato de R. J. que bem sei, ouzel
publicar. Resta pedir aos leitores e
a ella mesmo a indulgencia para
as imperfeições que aqui encon-
trarem.

Dante Faria.

PATINANDO

Natal de Christo!!

Hoje se festeja a vinda, á terra,
do Filho de Deus feito homem en-
tre os homens.

Nacido em uma manjedoura ha-
via de ser o euviado que apavorou
os deuses pagãos!!

Pregou a sua e nossa doutrina
de que os homens embriagados pela
essencia da carne já se não lem-
bram. Sofreu o que lhe impoz o
povo herodiano, e não é imitado
pelo homem que tudo faz para não
sofrer.

E como a Cassiopéa que resplan-
deceu sobre a pequenita cocheira,
apontando ao mundo o berço de
Jezus, brilha ainda na cruz a sua
meiga veronica mostrando-nos o
caminho que nos conduz ao Céu

E eu, enquanto estou na terra
imitando o martir do Calvario, nas
dóres que me torturam a alma,
ólho, com resignação, a facinan-
te elegancia da «Veronica» vence-
dora no Concurso d'O Canhoto,
implorando-lhe que me enxugue
o rosto inundado pelo suor de san-
gue que me dá a vida e que ajude
levar ao Golgotha da morte a cruz
de sofrimentos que trago ao hom-
bro vergastado pelas infamias que
me atiram os satanicos soldados.

Si fôsse um rei e não um mendi-
go de carinhos de uma mulher bela,
com uma leilão de moços, ia defu-
mar-lhe o busto como os magos in-
censaram Christo, e mandava os
meus vassallos, com trombetas, pro-
clamar o seu porte de rainha.

Souza de Lima.

NATAL

Neste natal quizera eu ter a dita
De ir ao teu lado, á sombra do teu vulto
Ao Menino Jesus render meu culto
Numa egrejinha simples e catita.

Longe dos olhos do Universo estulto
Num illio de monja e cenobita
Ir num recanto silencioso e oculto
De amor a benção receber, bendita.

Do passarado ouvindo a sinfonia
Num cazebre, perdido nas montanhas
Ao teu lado passar o inteiro dia

E á noite, ao som de muzicas estranhas
O natal festejarmos numa orjia
De vinhos verde beijos e castanhas.

D. Xiquete.

Natal!

Natal! Dóce palavra, que se
ouve pronunciar desde o mais
tôco roxêdo, ao mais humil-
de berço de criança.

A criancinha que não fala, e
mostra por acenos; a ave, o
adorá do seu ninho; o pintor,
o transporta para sua tela; os
olhos, dos velhos tratam de
lhe render uma saudade; o fi-
lozofe, de estudal-o e descre-
vel-o com mais fervor; o
poeta, de lh'o cantar com mais
inspiração, enquanto o monje
lhe consagra o culto de suas
preces mais senciveis.

Natal! dóce palavra que
enche ainda o coração mais
frívolo e perverso, de assas-
sino.

Ayres Salomé.

O Canhoto

respeitosamente felicita os seus ama-
dos leitores e colegas desejando-lhes
muito boas festas; e um novo ano
cheio de prazeres e inundado de fe-
licidades.

25-12-1912-

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literario.

Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 400 réis
Interior e Estados . . . 400 réis
Correspondencia dirigida á «O
Canhoto» Rua 28 de Julho n. 53
Maranhão SÃO LUIZ

O NATAL DE CELIA

Noite. A lua brilhava esplendida no firmamento, inundando de luz as choupanas pobres e esburacadas.

Celia, sentada á porta do sordido cazébre, contemplava triste o céu, lembrando-se da mocidade perdida.

O natal era sua festa predileta.

«O natal! balbuciava ella, que boas noites gozei junto ao primo Mario...»

Não perdiamos a «missa do galo», chovesse a cantaros, era até um prazer irmos pela relva molhada. Que bom tempo esse... Hoje, não tenho sequer um pedaço de pão que possa festejar o nascimento do doce Rabi da Galliléa.

Não! Christo se hade compadecer de mim, elle é o salvador das almas transviadas, que não souberam obedecer seus preceitos!»

E nessa doce esperança, Celia adormeceu fitando o empireo interminoso.

A' manhã seguinte encontraram-na sentada á porta, fria, inerte, rijida como a rijidez dos seres mortos.

Ella, a doce Celia de outrora não pudera por mais tempo sofrer tão brutal transformação.

W.

O Filante

(Ao Nello Castro).

Todas as vezes que o via, elle sorria e me pedia um niquel.

Custasse o que custasse, havia de por força encontrar-me, para dar-me a facada do estillo.

Mas o ano passado, dia do Natal, lá eu muito satisfeito assistir a missa do galo e não estando para massadas, aliás, não tendo o competente tostãozinho, no bolso, assim que o avistei, com aquella cara larga de mãe da lua, a sorrir, quebrei a primeira esquina...

Segui muí convencido de que desta vez a facada havia falhado.

Mas, (com todas as mil bombas) quando cheguei perto do Palacio das Lagrimas, ouvi uns passos apressados atrás de mim: olhei e vi a bexiga prezença do meu famigerado furta niqueis, sempre a sorrir.

O que dezesas, com todos os Diabos, homem de Deus? — Pergantei-lhe.

E elle com a voz alambicada do costume, respondeu-me sempre a rir.

—O meu tostão...

—Não tenho, disse-lhe amuado...

—«Ora seu coiza»—replica o filante:—«quando saio, não se lembrou de mim que tanto gosto de si...»

E daí começou a desembuchar uns versos galantes, tão mimozos e engrossativos, que fiquei embeicado e não tive remedio senão dar-lhe o ultimo tostão que tão cuidadosamente guardava no fôrro do chapéu, para vêr se escapava da facada e jogal-o no bicho...

Pobre natal, ... meia-noite infeliz...

Mas diz o adajio: «quem é caipóra embóra mêtta-se no inferno sempre o será».

Lilico.

Jaques

O dia amanheceu esplendido. Nuvens brancas e arminho corriam céleres pelo azul do firmamento.

Jaques, um rapaz sonhador de idéas socialistas, admirava a belêza dos campos vastos que se estendiam como um mar de verdura, a perder de vista.

Não muito longe ficava a cidade com suas casinhas brancas e azuis, brilhando ao sol causticante dos campos. Das cidades do interior ella, sem duvida, uma das mais populôzas mas, talvez a mais pobre. Sentia-se ali a falta de estabelecimentos fabris que lhe movimentasse a vida. As mulheres fracas, magras esqueléticas, a tizica, a conspurcadora, devido ao trabalho rudimentar das ruelas que lhes roubavam a saúde.

Jaques pensava: «Ah! se eu fosse rico construiria estabelecimentos de instrucção, desenvolveria a industria, impulsaria enfim, tudo que dissesse respeito ao engrandecimento de minha terra, porem sou pobre nada posso melhorar». E olhando triste para o campo infinito, amaldiçoando a sorte dos homens ricos que tem um culto ferrenho ao dinheiro, abominação os de sua imaginação sonhadora.

Dizia elle consigo mesmo: «Quando os homens compreenderem o que é a vida dos pobres, talvez isto melhore, mas em que tempo será?»

—Triste e pensativo tomou o caminho de casa, lastimando a formação do mundo, cheio de vícios e erros, o qual seguramente melhorará quando a Justiça e a Ciencia Social imperarem.

V. V.

O Canhoto

BIBLIOTHECA PUBLICA

ANO III
ESTADO DO MARANHÃO

O Canhoto não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martolito»)

S. LUIZ, 26 DE JANEIRO DE 1913

NUM. 14



Progridimos

Houve quem dissesse, isto é, os nossos inimigos que para tal se incumbiram, que havíamos morrido...

Mas, julgamos, que tal contrasenso, não encontrou, apoio na opinião dos nossos leitores.

De fato; pois hoje resurjimos em formato maior, com o espirito mais aperfeiçoado e com mais força, para como dissemos no programa traçado no 1º numero—: contra os espiritos zombeteiros, invejosos e preleziões, lutarmos em prol do progresso.

Alem da reforma que hoje apresentamos, ainda temos reservada outras, como sejam: publicar instantaneos de senhoritos, retratos de homens celebres, etc., etc.

E convencidos de que os nossos queridos amigos não nos desaparrarão, esperamos merecer a confiança e estima com que temos sido acolhidos, tanto por parte do publico, como da imprensa, deste e de outros estados, assim como da imprensa estrangeira, de quem temos recebido lisonjeiras referencias.

O "Canhoto", pertence agora, não á uma associação de estudantes, mas á um grupo de rapazes amantes do progresso e das letras.



Esta seção, ha muito que iniciamos. Pois resolvemos continuar publicando nella somente produções femininas, as quais sairão publicadas pela ordem que chegarem.

Distante do teu olhar meigo e querido, minha alma fica imersa num labirinto de saudades.

Eta.

A esperança, é uma gotazinha de orvalho que Deus conserva no coração da mulher para amenizar lhe as maguas de uma ausência prolongada.

Carmelita.

O intrigante

(A' quem servir a carapuça).

Sempre em seu rosto paira, insinuante,
Belo produto de um apurado estudo,
Um fingido sorriso que diz tudo:
Da vil chuleira a coiza mais picante.

E não sei porque o pódre meliante,
Com quem de ora em diante não me fado,
Com seus olhos mioses, de veludo,
Val de tudo saúde, triunfante.

Hoje, porém, com o verso mal rimado,
Quero encilhar-lhe o avantejado bôjo
E pôr-lhe uma canção no costado.

Para depois do semelhante arrojado
Ver o bruto marchando carregado,
Com a montanha de ago do meu nójo,
Janeiro—1913.

Arlindo Martins.



LILIANA

e a conclusão cheguei bem convencido,
de que não pôde haver maior tormento,
como o de amar sem ser correspondido.

Americo Cezar.

Vivia na poética aldeia da Esperança, uma linda jovem, que podia ter seguramente seus dezoito annos, dourados pelos sonhos do futuro.

Chamava-se Liliana e quando seu nome saia dos labios de algum camponio, como que as rozas sorriam e os crizantemos aplaudiam.

E'ra tida na aldeia da Esperança, como a personificação da meiguice e enviada da simpatia, secretária de Cupido.

Havia tambem nessa mesma aldeia um tólo camponez, muito nu-

trido, olhos azuis, um buçuzinho a enfeitar-lhe os labios quasi infantis, da mesma idade e quasi com o mesmo nome, chamava-se Liliano.

Amava Liliano secretamente Liliana e atormentado pelo desprezo desta vivia coltado, como que errante pelas campinas aridas da paixão, procurando ocasião para revelar-lhe o doce misterio que trazia sepultado no seu coração.

Numa bela tarde, Liliano viu Liliana, muito descuidada, costurando sob a sombra de frondosa mangueira, á margem do regato da Saudade e revestindo-se com toda a coragem precisa, foi pé ante pé e segredou-lhe, como vido: Liliana, se piedosa; tem pena de mim; basta uma palavra tua para tornar-me feliz.

Atmo-te. Sem tens olhos luminózos, sem tens encantos e enuidados, sem ouvir a tua voz, não posso viver nesta enfadonha aldeia da Esperança.

— Não Liliano, não posso te amar, disse Liliana: porque és pobre...

Liliano ouvindo estas duras palavras que para si foram vergastadas cruéis em seu coração, abaixou os olhos e foi chorar no alto tópo da montanha do Dezespero, fazendo confidente de suas maguas, o só que se quedava no ocato.

... a conclusão cheguei bem convencido,
de que não pôde haver maior tormento
como o de amar sem ser correspondido.

Lilico.

Nunca mais

Já não me odeias? Bem. Agora vamos
Relembrar os carinhos já passados,
E desmentar os tempos que andamos
Como filhas da Patria, desterrados.

Vamos meu bem, os dois de braços dados
Pela estrada do gozo a tirar ramos,
Esquecidos dos males já passados
E do muito sofrer que já passamos.

Depois, então verás o resultado
Do amor que gerastes ao meu lado,
Numa criança meiga e bonitinha;

Convicção eu tenho do que digo...
Tu serás minha amiga, eu teu amigo,
Nem tu, nem eu, ficamos mal Chiquinha.

Belem, janeiro 1913.

D. Lopez.

O CANHOTO

Organ quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.

Número do dia..... \$100

Número atrasado..... \$200

Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Colaboradores—diversos.

Assinatura para o interior e estados.

Semestre..... 1\$200

Ano..... 2\$000

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida á «O Canhoto» Rua 28 de Julho n. 53.

SÃO LUIZ MARANHÃO BRAZIL

Folha solta

A mulher só encheira o que pode agradar a sua vaidade, olvidando a ventura que a rodeia, não sabendo ella que veio a este mundo para servir de companhia ao homem, fazendo a sua completa felicidade, e, para isso é preciso que se eduque para que possa conhecer os meios que lhe inspirem os gostos os quaes lhe fação conseguir a sua gloria; porque assim não tenha de certo motivos de se queixar do seu destino.

Bismark.

A Fúrida

Era noite! Tudo era solidão
Ouvia-se somente a brisa ciclar
Quando ao longe eis uma visão
De pouco a pouco se aproximar.

Parou. E lá a solidão contemplar
Interrogando talvez a escuridão.
Assobios. Ouvia o assobio imitar
Por segundo vulto d'outro lado então.

Aproximaram-se, e segredamente
Ouvi exporem os seus desejos
De seguirem mui apressadamente.

Compreendi então qu'era uma fúrida
E ao longe ouvia o ciclar dos beijos
Dos amantes na estrada querida.

João Teixeira

Historia de um grão de areia

NARRATIVA HUMORISTICA DA ATUALIDADE

Por Helle Facatú. (1)

Vivia eu ha mais de cincoenta e tantos anos, escondido no seio da minha familia, gozando as caricias

Conversa popular

A seu Chico, nem na calçada, temos mais garantia!

—Como assim?

—Ora, você duvida? Então nesta desventurada terra, qualquer crizostil não guia automovel sem ter a minima competencia?

—De certo, tenho reparado.

—Pois bem sei, que culpados não são elles, mas, é coiza inatural. Imagine você que eu e outros colegas estavam em um dia destes conversando em cima do passeio do aprazível «Ideal-cinema», quando menos esperavamos, vem um auto guiado por um crizoste qualquer, e sobe a calçada, devido a nossa ajetividade, e o previo aviso de um dos nossos companheiros, só alcançou a perna de um de nós.

De repente, e muito assustado, olho para o auto que o crizoste se ia escapando com velocidade sem dar satisfação do que tinha feito.

—E o que teve?

—Ora, que pergunta.

Que é de o numero do automovel? Vi apenas que era um «Ford» e de numero de matricula: zero!

Veja seu Chico. Isto acontece nas outras partes que tem automoveis?

Não. Isto só acontece na terra dos esgotos. Tal coiza só se vê neste Maranhão.

—Com effeito.

—Pra voce ver, o progresso!...

Faria.



Films

Após uns dias de suspensão, começamos a acompanhar a evolução da arte, pelo cinematografo.

dos meus filhos, quando um belo dia sobresaltei-me aterrorizado, pois os meus pequenos moviam-se e desapareciam.

Mal tive tempo de correr quando fui levantado brutaemente por um instrumento chamado pelos entendidos: *pá*.

Gritei, pedi socorro, mas os desalmados animais bipedes que infame-

Acaba de ser passado na eximia tela do «Ideal-cinema» por diversas vezes um emocionante drama, fazendo lembrar-nos «Historia de uma mãe». Tal é o bello e raro enredo que se desenrola em nossas vistas, no fim «Os transviados».

Hoje, para que a garizada, possa também apreciar-o será levado na *matinée* mais uma vez.

Hontem este mesmo cinema deu-nos uma bella concepção dramatica que bom será, seja repetida mais umas vezes. Pois tanta beleza encerra o fim «Acusado inocente».

E' conhecido, o gosto unico, com que são escolhidas as fitas do «Ideal-cinema».

E é assim que a mundial fabrica Itala-film de Turim acaba caprichosamente de editar, o maior successo da epoca, a fita «Amor de pai», que será um triumpho para o «Ideal-cinema». Este fim, alem de ser dramatico, mas de um enredo fino, e atraente, é de uma indescritivel interpretação.

Os papeis principaes, para tudo dizer, um foi confiado ao grande trajo italiano, de fama mundial: Comendador Ermette Zaccari, que pela primeira vez no Maranhão teremos ensejo de aplaudir o seu eximio porte de artista; e o outro, já conhecida Lydia Quarantotto.

No desenrolar de tal fim, assistirá, o espectador um devorador incendio, que desviando o enredo do fim, virá emocionar ainda mais os assistentes eletrizados.

Tal raro fim é composto de um lindo prologo e trez emocionantes partes.

O «amor de pai», será passado hoje e mais algumas vezes na semana, no «Ideal cinema».

O S. Luiz e o Palace estão a funcionar regularmente tendo sempre variadas variedades variadas.

Dante.



Impressões

Pôca! Tá danado! Matá a póca! Ixe! Não valhe a pena a gente se disputado! Irra! E' uma cansera

memente me tiraram da doce paz do meu lar, não ouviram ou fingiram não ouvir as minhas suplicas e atiraram-me para um monte onde gemiam magoados outros tantos colegas meus.

Mal me tinha estabelecido nesta nova posição, quando uma rajada de vento levou-me ao infinito, onde desmaiei e caí pezadamente

essa viaje todo o ano pra cidade. Olhe qui eu me arrumo desde a vespra do nascimento de nosso se-nhõr Jezus Christo. Inté a matalu-taje foi aperparada de p-reilha cum a cumida da missa, incluzive uma cabeça de porco cheio, que, infiltz-mente, deu bicho e tive intão de bajugá ella nagna. Mais foi discuido da Remunda, condo sargou a dita qui não sarpicou muinto sar.

Dispois de uma noite e dois dia de viaje aqui chegé, passano mu'n-to má qui unda sinto os órgo bas-tante duído. Istó neste istado, mõe qui foi divido eu té mi dei-tado diversas vez de peito pra baxo no istrado de bórdo. Toda istó cum a cara e as perna incalombada pur via das picadela dos maruim do mangue.

Incónto não entro as discursões da Caza vó discança estes dia, apruveitano o sol fóra pra mim di-sincumbi de argumas incumbença qui me dero os amigo do meu in-trior. Eu, purqui me acho bastante muido e pur isso não posso arre-cebê vizita, não mandê pró jorna-es a minha chegada. Sinão quede discança? O pessoá amigo e as fa-milha não me afroxó mais. Apareço logo listra pra viuva póbre sem marido, cunvite pra batizado de cri-ança e pra consorce da rapaz cum moça na igreja.

Inté nos papelãozinho dentro de invélpe qui se chama aqui passe pra inirá no balhe me mando. Tudo o qui teim de nóvo é pra seu dipulado assiná, comprá e pagá. E uma castatrófe! Não apareço nim na janela. Só cõndo õço se apro-ximá um esro sem burro cum rãda de pano é qui melo a pontinha da cabeça na vidraça pra isperetá os mõe qui veim dentro. Tirante disso nim qui passe uma pureissão.

Agora, acabano de avia os amigo qui me houraro cum as suas incu-menda e de passá pra ôtro papé cum letra milhózinha os projeto qui trave, intão serel dimocra-to: istarei as orde de quem me porcura, anunciano ante petos jornaes.

Pra cum amis prestora atendê aos qui de mim percurre, vó dá odiença aqui teráo direito os qui integara os cartãozinho ao partiêro da pórtia

Forgenço K. P. Ninga.

n'uma gola roída, d'um elegante poeta.

O meu homem levou me não sei onde, mas creio que andou de automovel, a julgar pelo *fon fon*, e estava em frente d'uma caza que mais parecia um inferno, pois tinha fogo na frente uma paulifican-te campainha, que muito me ame-drontou e lá dentro uma orquestra,

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

Maneira de conhecer os mascarados de domingo:

Se fôr mosquito alemão,
Ou se camêlo encoberto
Sendo o segundo é Satú,
Sendo o primeiro, é Humberto.

Se o Nelson e o Poli,
Se mascarem de pé,
Serão vestidos, senhores
De garça e de jacaré

Se fôr marréco ou perú,
Se fôr perú ou marréco
Um delles é seu Martina
E o outro é mister Manéco.

Se quizer o Zeca Neves,
Se mascarar de garrafa,
Aluizio Rocha Santos,
Sairá pois de girafa.

Portanto facil será
Conhecer pois o saum
Que será pois o Agenor
De cara de miculim.

Se tiver muita zoada
E tambem muito bezouro
Sairá o seu Meirelles,
Fantaziado de touro.

Se o Taboza sair
Vestido de taquiri
O Salvador sairá
Vestido de ciriri.

Se fôr um'alma de gato
Ou então um tatú-bóla
Um delles é Paulo Prado,
Ou o jornalista Pachóla.

Se tal figura sair,
Logo atraz verão então
O nosso amigo Vieira
Mascaradinho de cão.

Se tiver muito «Rodó»
E tambem multosconfetti
E' o nosso Waldemiro
Que de macaco se vesti.

E logo atraz meus amigos
Pra completar a fileira,
Sairá pois de coruja,
O Poéta João Teixeira.

dezañadissima, dava aterrorizado-res acordes.

Conheci no meu dono, o grande belettrista que botou nova dentura, e que fazia gracinhas japones-cas a uma menina galante, que as-sim me viu e querendo ser ama-vel disse: Seu João, olhe o que está em sua gola...

O moço embaturou, pensando

E finalmente leitores,
Eu sairei, esta lojico,
Vestido de todos elles,
Como um jardim zoologico.

Guacelo:



Nossas relações

Recebemos:

«O Binoculo» — Bélem.

«Aurora» — do Pará.

«A Razão» — de Estancia.

«O Movimento» — de Fortalêza.

Aos distinctos colegas, desejamos vida longa, e com satisfação retri-buiremos a vizita que nos fizeram.

Agradecemos:

os cumprimentos de boas-festas dos senhores:

Antonio M. dos Santos;

A. S. Ribeiro;

«Revista Aduaneira»;

Caza «Serip» de Netto, Pires & C.^a Succe., na cidade de Floriano.

«O Martello» orgam de propa-ganda dos conhecidos produtos da Farmacia Marques, que obedece a competente direção do talentoso Dr. Carlos Marques, a nda mais uma vez, de nós se occupou em seu nu-mero 17.

«O CANHOTO»

«O pessoal do interessante e es-pirituoso jornalzinho que circula, ha já algum tempo, entre nós, com título acima, gostou tanto do con-ceito que emitimos a seu respeito, em nosso numero de 1º de setem-bro, que o colocou como subtítulo daquelle jornal.

Assim, em vez de — Orgão de uma associação estudantil — passou a ser «O canhoto não tem nada, e bem direito até (d'«O Martello»).

Quanta honra. Santo Deus, para um pobre martello!...

AINDA NÓS

De Durval Lopes um dos rutilos ornamentos intellectuaes da «Folha do Norte», recebemos laumeras atenciozas cartas, de uma das quaes, extrahimos o seguinte trexo:

«Bastante apreciado tem sido «O

que ella se referia ao estrago feito pelas traças...

Mas, vendo que era eu, pegou-me elegantemente entre o polegar e o indicador e lançou-me raivozo de encontro a uma parede onde quebrei a costela e uma nova ven-tania levou-me envolta numa nu-vem de pó de arroz...

(Continua)

Canhoto» em o nosso meio de leitura por parte de varios colegas que apreciam a literatura e tem queda por ella (sem pegar no bico da chuleira), porque tem varias coizas cheias de verve, do espirito apimentado, sem a *rabuça* da malicia e nem ofensa ao pudor.

«O POPULAR»

Está ornando a nossa humilde meza de trabalho «O Popular» apparecido ha pouco na cidade de Florianopolis em Piauhy.

Nelle figuram educadas penas sobre uma nitida impressão. E de formato regular.

«O PALADINO»

Mais um colega appareceu, em Dezembro, na cidade do Codó. «O Paladino», tem o mesmo programma que «O Canhoto». Fazemos mil votos pela prosperidade do novo colega de luta, e com plena satisfação já retribuimos a honrosa visita.



Estatutos discutidos e aprovados em sessão de 10 de janeiro de 1913.

O Canhoto

ART. 1.º

A sociedade e seus fins

Fica constituida uma sociedade jornalística, com o titulo acima, tendo por organo um periodico do mesmo nome que circulará duas vezes por mez.

§ 1.º—Esta sociedade, é composta de 20 socios fundadores e tantos atelivos quantos forem propostos e aclamados.

§ 2.º—Desles socios serão, por eleição nomeados 2, para durante um ano exercerem as funções de: Redator-chefe e Tezoureiro, podendo ser reeleitos.

§ 3.º—Só será admetido socio, rapaz decente, que tenha habilitação para o jornalismo.

§ 4.º—Se o Redator chefe, o Tezoureiro ou ambos, forem em sessão, acuzados como infrator ou infratores de qualquer dos artigos, será ou serão substituidos.

§ 5.º—A sociedade, terá um «conselho julgador», composto de tres socios que julgará os atos da diretoria, as propostas de admissão e demissão de socios, quando seja preciso.

ART. 2.º

Dos Deveres do socio

O socio usará um determinado distinctivo.

§ 1.º—O socio concorrerá mensalmente com a importancia de... 35000 (trez mil réis), devendo satisfazer este compromisso anticipadamente, isto é até o dia 10.

§ 2.º—O socio que não contribuir no prazo estipulado, deverá comunicar a redação e esta lhe marcará um prazo de acôrdo com o Tezoureiro, para satisfazer este pagamento.

§ 3.º—Se porém terminado este prazo, não o fizer, será então illimido.

§ 4.º—O socio efetivo, será obrigado a uma joia de 35000 (trez mil réis) que pagará integralmente, quando for aclamado.

§ 5.º—O socio deve caprichar para que a sua colaboração não seja livre, nem offensiva, porque a redação não a aceitará em taes condições.

§ 6.º—Todo socio deverá comparecer na sessão do dia 1.º de cada mez.

§ 7.º—No caso do socio não poder comparecer na sessão ordinaria, comunicará ao Redator chefe, podendo constituir um outro socio para representá-lo.

§ 8.º—O socio que for denunciado como plagiario, mas que fique provado, será immediatamente illimido.

§ 9.º—O socio guardará completo sigillo dos negocios concernentes a sociedade e os infratores serão repreendidos em sessão.

ART. 3.º

Dos direitos do socio

O socio terá o direito de propor novo socio, mas deverá fazel-o em sessão na qual será eleito o «conselho julgador» de acôrdo com o § 5 do art. 1.º.

§ 1.º. O socio não terá direito a mais de cinco exemplares de cada edição.

ART. 4.º

A orthographia official, sera a moderna segundo as regras da Academia Brasileira.

ART. 5.º

As reclamações e communicações quaesquer deverão ser feitas por escrito, sem o que, não serão atendidas.

ART. 6

As deliberações não previstas no prezente regulamento, serão a juizo do Redator-chefe.

ART. ULTIMO

Este regulamento, só será reformado depois de trez annos. Red: d'«O Canhoto», 10 de janeiro de 1913.



Policimento d'«O Canhoto»

DIZ O OFICIAL DE RONDA:

...o Mustaphá Beck, de um muro quebrou os dentes do Bêlo.

...o Dias, da Liga Dicológico estava colhendo fóra do cinema os acôrdes da cantora para applical-os em seu pôzmetro.

...o Bigodinho anda apreensivo, rezando á Jesus para que lhe dê coragem contra as ingratições...

...o espirito do «Lagardere», felecido há pouco, encarnou-se no Ademir Serra.

...o Ribeiro Antonio Serrão, diz que pelo fato de seu bigode parecer chavelho de bôde, não é que elle seja o Diomedes Santos Rocha, como muita gente acha.

Com cafeite...
...o Dêda estava domingo passado, fantasiado de tartaruga, procurando o jardim zoologico.

Não foi conhecido.
...o Nina, foi ao Rio somente criar mais um pouco de pariz.

Sipe...
...o Valadão filho e neto da Fazenda está a praticar para photographo.

Coitado!...
...o Deusdedit Cortez, foi ao funileiro da rua de S. João, pedir consentimento para aprender aquelle officio; o Seabra foi ao Assis, pedir logar de caxeiro; o Plinio com muito custo conseguiu o logar de fiscal dos esgotos do referido trexo e o Sebastião Souza, com a interendencia conseguiu o logar de «Varredor» do mesmo distrito.

Suicidem-se!...
...o Dicota Mattos, comunicou-nos que elle não dansa de patins como andam a propalar, aquillo, é apenas «dansa hespanhola».

...o Filonilo, (do Garibaldi) está a sofrer de uns staques de delicadeza, e os cujos estão concentrados naquella sua interessante giga, (Lagardere segundo).

...o Moraes (dos pinceis) disse que aquella sua rara gravata, veio-lhe da Andaluzia, por intermedio do Famada.

...o guante Meirelles, vive coitado. (Deus lhe fale nalmã) a trajar-se a ingleza. Tenho pena, das suas belas canéas, se partirem, e elle dar uma testada na pedra.

Vôôôte!...

Winter.

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martello»)

ANO II

LUIZ, 16 DE FEVEREIRO DE 1913

NUM. 15

Inspirações femininas

A mulher que ama sinceramente não dezanima perante os trabalhos que ameaçam a sua felicidade, ao contrario, suporta com paciência os revezes da sorte.

O coração é o nosso verdadeiro amigo, pois nelle depositamos todos os nossos segredos e encontramos lenitivo às nossas máguas.

Elza.

A TARDE

(«Dedicado a Amelia Ribeiro»)

E' a hora da saudade, hora em que o nosso coração se desprende, para dar expansão as suas máguas.

Nesta hora ouve-se os sinos das igrejas baterem compassivamente.

Ouve-se os cantos monótonos dos passaros como que saudando o dia que se vai oscultando nas sombras da noite.

As borboletas azues esvoaçando por entre as flores e os colibris saltitando de flor em flor depositam em cada uma um osculo por despedida.

O céu torna-se bello, mas, que beleza merencória ?

Nessa hora então, arrebatam-se-nos a alma e eleva-se-nos o pensamento !

A noite deca lentamente ! A tenue luz da lua esparje-se sobre a terra e reveste a natureza de melancolia e de saudade. A minh'alma que vive envolvida na mais acerba dor, recorda todas as pajamas doridas de um viver cansado. O meu peito inlellez, aviva a dor que o tortura vem as tristes lembranças que julgava mortas.

Muitas vezes dizemos, que o tempo destróe todo o passado, porem, nos olvidamos, porque quando recordamos é com intensidade e é a hora da «Ave Maria» hora esmagadora; hora de recordação e de saudade !

Ulaizel.

Domingo gordo

Sob a pressão atmosférica de tanta perfumaria, a muito custo e mesmo aos empurrões, como em tempos de guerra, conseguia-se atravessar

as belas praças Deodoro e João Lisboa, sendo que nesta ultima o rumor era tal que os reverendissimos frades abandonaram a paz de suas celulas para *entupigastarem-se* na janella do convento.

Mas era mesmo estupenda, sensacional e piramidal, (com licença do Dr. Vinhaes), a animação, ao ponto de ir ao apojão.

A respeito dos bailes, não sei nada, pois não fui a nenhum delles, mas segundo me disse o amigo Dante Faria que para bailes é *dunga* estiveram bons, brilhantes e tudo que termina em *antes*.

Lastimei bastante o máo senso de algumas senhoritas, que estavam sozinhas pela praça num verdadeiro estabamento a bolar *roda* em todo mundo em risco de serem desrespeitadas por algum D. Juan, que aos mil infestam a nossa Atenas.

Uma critica muito interessante e que bastante me agradou, foi a dos bondes...

Segunda feira, correram um pouco dezanimados os folguédos.

Mas terça feira, foi o mesmo delirio de domingo, gente gente por todos os cantos.

— «Não me bote nos olhos» — éra só que se ouvia. — «não me bote pimenta» — éra só que se dizia.

As batalhas nos cinemas, estavam mesmo otimas, principalmente no «Ideal», onde os enchenes foram enormes a ponto de eu quasi ficar esmagado.

Foi com bastante pezar meu que o Carnaval nos deixou, mas que fazer leitor amigo, se nada vale o pobre.

Hilafor.

Retratos a lapis

12º. C. H.

Ave ! grande Brazil, que tens vinte e um estados, cheios de belezas e encantos ! Ave !

Mais uma vez, leitor, saia da minha humillima posição de cronista sem valor, para esboçar em linhas incertas, mais uma gentil filha do nosso querido Brazil.

E' meiga qual uma rosa primavera, mas, uma meiguice deslumbrante.

Baixa em estatura, mas alta, elevada, em talento, sendo que, por

signal é diplomada professora em um dos mais afamados colejos desta capital, e a sua modestia, faz com que viva retraida, gozando os carinhos de seu bom pa e o convívio de seus irmãozinhos, sem mostrar-se como soe acontecer, com outras senhoritas que saem e passeiam.

Ella não. As poucas vezes que os paralelipedos teem a honra de serem calcados por seus mimozos pés é quando vai á missa.

A não ser isso nem a janella a vê.

E' uma modestia sem par.

Filha do pequeno e grandioso Rio Grande do Norte, para esta capital veio em tenra idade.

Cabelos castanhos, palida como uma sacerdotiza dos tempos cristãos, mãos pepnenas, dedos curtos, enfim toda a sua pessoa, inspira meiguice e sympathia.

Maria, é o seu verdadeiro nome, porem só é conhecida por um outro, que constantemente ouve-se na ladainha:

Ce... não digo o resto porque de certo os meus leitores já desde o principio a couheram, pois faz parte de uma distinta familia que é apelidada com o mesmo nome do menor paiz europeu...

— «Formosa e pura imaculada e santa, Santa, formóza, imaculada e pura As mais mulheres em poder suplantam a Suplanta as mais mulheres em candura ! !

Feijo.

Falsa

Noite escura e tormentosa. Gho-via a cantaros, e eu silenciozo como uma léra que espéra a preza, oculte-me debaixo duma pequena mangueira das que circundavam a casa.

O coração batia-me com força; sentia o sangue agitado nas veias e uma densa nuvem vedarme os olhos; mas a colera e a vingança imperavam. Sofrego, maltratado pela chuva, esperava a cada momento a vizão que toucamente amava, alirar se aos braços de outro homem. No meu cerebro dissipavam milharres de pensamentos odiosos e vin-

O CANHOTO

Organ quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.
Número do dia.....\$100
Número atrasado.....\$200
Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Colaboradores—diversos.
Assinatura para o interior e estados.

Sinestre.....1\$200
Ano.....2\$000

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida a «O Canhoto» Rua 28 de Julho n. 53.

Contratam-se annuncios por preços modicos.

BRAZIL MARANHÃO SÃO LUIZ

gativos. Com os dentes cerrados, apertava com força o punhal, parecendo já estar cometendo um crime.

Bateram 12 horas.

Ao longe descobri um vulto coberto por pezado capôte. Não me mexi, esperei.

A passo largos, aproximou-se do pateo da casa, esperou um momento, como que vacilando, depois puxou do bolso um apito e tres vezes o eco repercutiu por toda a quinta: uns cinco minutos de silencio a fe chadura ranjiu, a porta abriu-se, e nella, vestida de preto com um guarda chuva aberto, appareceu alguém, era mulher, bem vi, a minha amada. Riudo, deu o braço a elle, e seguiram.

Tomei o mesmo caminho sem ser visto e experimentei mais uma vez a ponta do punhal.

Não muito longe, estava uma pequena cabana, coberta de palha. Entraram. Também eu, sem ser visto sempre com a mão suspensa, a espéra da hora propicia, entrei.

Elle sentou-se em rude tronco d'arvore que ali se achava e pegou com delicadeza as mãos daquella mulher que não era outra, senão aquella que por muitos anos povoou os meus desgraçados sonhos.

Aos poucos, se foi deixando cair levemente, e quando uniram-se por um forte amplexo, cravei-lhe com força a minha arma.

Horror! desperto, procuro e na da veja, estava sonhando.

D. de V.

José Vinhaes

No dia 14, «O Canhoto» enviou um amistoso cartão de felicitação a José Vinhaes, pois completou este distinto amigo e coadjuvante de luta, mais um ano da sua prestimosissima existencia. Mil votos fazemos lhe de completa felicidade.

OS ATENIADAS

Canto primeiro

Os fatos, e os rapazes malucados
Que pela Atenas nossa americana,
Por meios que por mim são detestados
Passam por sabios (gente dezumana);
E em tarefas, brutacas, (1) mal arru-
mados,
Mais do que manda a lei já soberana,
Entre nós, veteranos, arrumaram
Novo grupo de sabios (2) que englo-
baram;

E tambem as historfias afanozas
Dos illustres que foram granjeando
Louros justos, e as obras gloriozas
Do estudo seu andaram compilando;
E aqueles que por coizas horrozoas (3)

Se vão no rol dos doidos internando;
Rimando estampelei neste estan-
darte,
Se o tempo não faltar, a pena e a arte.

Cossem do Luzo Torres, (4) do Ge-
orgiano (5)
As grandes produções que compuze-
ram)
Calem-se o Maranhão, (6) Vespaziano
(7)
Que os versos seus a fama não per-
deram,
E eu canto o verso puro, americano,
Com que Bilac (8) e muitos se entre-
teram;
Cesse tudo o que a lira vossa canta
Que meu estro mais alto vos suplanta.

Camonilo.

NOTAS

- (1)—composições semi-plajadas.
(2)—assassinos da litteratura.
(3)—plajias
(4)—Luzo Torres.—1º tenente do Exército e deputado ao Congresso do Estado. Exer-
tor de grande nomeada, nas colunas da
«Pacotilha».
(5)—Dr. Georgiano Gonçalves—Bacharel
em ciências jurídicas e sociais, Juiz federal
em disponibilidade e deputado ao Congresso
do Estado. Orador de quilate superior, lati-
nista e geografo.
(6)—João Maranhão Sobrinho—Grande poe-
ta maranhense.
(7)—Herculano Vespaziano Ramos—Outro
poeta maranhense.
(8)—Olavo Bilac—Poeta fluminense e de
grande destaque.

Ideal-Cinema

Condignamente festejou a 6.
seu 3º aniversario, este querido
e apreciado Cinema.

O edificio onde funciona, es-
tava galhardamente e com bom
gosto ornamentado, interna e
exteriormente.

Desde as 6 horas da tarde, já
a animação era grande, e só a
muito custo podia-se passar
pela rua Grande no respectivo
trecho.

A maviôza banda do 48º Bata-
lhão, se fez ouvir, em lindas
composições.

Seu programma, artistico e fi-
namente composto, estampava

na 1ª pagina o edificio e no ver-
so a fotografia do Sr. A. B. No-
gueira, seu actual proprietario.

Seguia-se belas produções
buriladas por penas abalizadas
em nosso meio.

As fitas nada deixaram a de-
zejar, notando-se em todos os
assistentes a mais franca e ex-
pansiva alegria.

Foi uma bela festa a do nosso
Ideal Cinema, que bastante calou
nos espiritos de seus frequen-
tadores.

Fazemos votos, para que o
Ideal continue na brilhante tra-
jetoria que ha 3 anos vem tri-
lhando garbozo e sempre com
a sua reconhecida modestia, vá
nos dando a ver as mais belas
produções cinematograficas.

Manquito.

Hilaritas

Uma professora levou para ser
submetido a exame, um pequeno
burriculo. Na ocasião da leitura da
nota, o Diretor deu o nome do can-
didato a exame de admissão, como
reprovado.

A profetora do dito, ouvindo a
nota que obtivera o seu prolejo,
vai imediatamente á Secretaria e
pede licença para falar no appare-
lho telefonico como disse ella. O
Secretario diz: pois não, a vontade,
pode falar...

E a professora lança a mão no
auscultador e encostando a boca,
grita:... diz a mamã, que F...
foi reprovado. E sai correndo dei-
xando dependurado o auscultador.

Uma outra mais curioza.

O lente de Historia, em uma ex-
plicação do corpo humano, ás suas
alunas: «desta forma, meninas, é o
corpo dos pretos; nós brancos, so-
mos assim...».

E continuou na sua explicação:
«Agua quente nelle...».

—Esta, inda é mais curioza.
No dia do exame de admissão.
Dialogo entre dois cavalheiros:

—Quem prezide a sessão?
—O Diretor.
—Quem é o Diretor.
—Aquelle que está assentado, a
prezidir a sessão.

—Eu vejo ali, mas é um porco.
—Cala-te, que estamos cercado
de meninas.

Nestâs escôlas se dão coizas do
arco da velha...

Dêdo Furado.

Notas sociais

Completaram annos:
—a 5 a Exma. Sra. D. Olindina
Nogueira Vinhaes, virtuôza espôza

do dr. Raymundo Alexandre Vinhaes e genitora do nosso colega José Vinhaes.

—a 10 a menina Aldenora Fortuna, irmã dos nossos companheiros Hilton e Djalma Fortuna.

Completem.

—a 17 o Sr. capitão Alfredo da Silva Fortuna digno e conceituado escrivão do Juízo Federal.

—a 21 a garrula e inteligente Iáá Vinhaes nossa gentil leitora e colaboradora.

A todos os nossos efuzivos parabéns.

Embora tardiamente, O Canhoto felicita o conego Chaves por ter a 27, passado a sua data natalícia e a interessante Lili irmã dos nossos companheiros Augusto e Salvador Meireles por ter também a 27 completado mais um ano de florida existência.

Consociaram-se a 28 do passado a Exma. Sra. D. Odineia Rosa Vinhaes e Antonio Nogueira Vinhaes, Enjeiteiro electricista.

Agradecendo a gentileza da comunicação que nos fizeram, desejamos aos jovens nubentes as mais risonhas venturas.

AGENOR SANTOS

No dia 2 deste mez, o nosso companheiro, Agenor Santos, passou sua data natalícia.

E' um distinto companheiro amigo leal e sincero. Por este motivo Agenor foi muito cumprimentado recebendo um amistoso cartão de felicitação que «O Canhoto» lhe enviou.



Com pezar registamos o falecimento do Capitão Luiz Saturnino das Neves, na vila de Guimarães. O extinto, era irmão e primo dos nossos distintos companheiros Tenente José Amorim Neves e Agenor Alves dos Santos aos quais apresentamos os mais sinceros pezares.

Triste pensamento

Ha mais de 3 semanas estava sentado descançadamente, num dos poucos bancos da nossa melhor praça, divagando meu espirito acobardado, no passado, e investigando o futuro, maldizendo os insucessos da vida, bendizendo os momentos de felicidade, quando batem-me no hombro.

Despertando daquella letargo, re-

conheço um amigo de infancia, que me diz:

Que estás fazendo aí com este ar de palerma?...

A querido amigo, se soubesses o que me vai malma, (disse-lhe eu) se pudesses imaginar o que me corração sente, não virias trocar-me chamando-me palerma.

—Que diabo será o que tens, com certêza é alguma morena que te faz andar pelo beirão...

—Qual morena, qual nada homem, não ligo á estas serigaitas, que por ahí andam mostrando escantilozamento as fórmulas...

O assunto que me preocupa, que me faz palerma como dizes, é mais serio.

—Então, já sei: é algum amor mal correspondido.

—Com todos os diabos, já te disse, que não ligo nestas dandadas...

—Então não advinho, a unica coiza que pôde atormentar-nos é uma cabecinha tentadora, umas formas atraentes...

Pois não é, o pensamento que me persegue, é que «O Canhoto», o melhor jornal critico que conheço, vai sair reformado, trazendo como sempre farta colaboração esmerituzas criticas, e não vejo meio de arranjar um toslão para comprar-o.

Ora se é só isso, toma lá duzentos reis, compra um para ti e outro para mim...

Fiquei tão contente, que me esqueci que o amigo era homem e dei-lhe dois espaventozos beijos na face.

H. Ferrari.

O Canhoto

Acha-se entre nós, vindo de Caxias, o talentoso joven jornalista Sadoc de Berrêdo que tomará passagem para o Rio de Janeiro, onde vai encetar o seu curso de medicina.

Agradecemos a vizita que nos fez e auspiciamos-lhe, um brilhante curso.

O Canhoto deixou de circular domingo ultimo como é do regulamento, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso.

Agradecemos efuzivamente os innumerados parabéns da parte dos amigos e colegas, por ter «O Canhoto» aumentado o formato e melhorado o material.

Acrecentamos que ainda não estamos satisfeitos, enquanto não iniciarmos a nossa seção de instantâneos.

Estamos somente a espera de uma resposta de Portugal.

Deixamos de responder a imbecilidade de um crizostil qualquer,

sob o imbecil titulo: «Encher-guero-se imbecis», publicado no Jornal «O Rebate», devido o imbecil, imbecilmente ocultar-se, sintetizando aquellas imbecis palavras não merecedoras de respostas.

Crega e apareça. Liberte-se primeiro...

Em vista do atrazo havido em a officina onde é impresso, «O Canhoto» circulará domingo 23. Pedimos aos colaboradores trazerem as suas colaborações até amanhã a tarde.

Mandou-nos o seu cartão de despedida o jovem M. Noel W. Correa de Araújo que tomou passagem no «Pernambuco» com direcção a terra do mesmo nome, de onde é filho.

Dezajamos-lhe feliz viagem.

Pelo correio urbano

Ao Dante Faria

Para afujentar o tédio que me persegue ha muitos dias, resolvi endereçar ao amigo, fazendo «O Canhoto» intermediario, esta cartinha ligeira, salpicada de um humorismo insulso.

Creio, mas creio piamente, que o meu caro redator não se molestará com o seu missivista, e, assim crendo, vou uzar da franqueza que deve existir entre as pessoas que permitam uma amizade sincera, resguardada por uma culta educação.

Todas as vezes que o meu pensamento, rasgando as correntes etérias, aproxima-se de você, meu Dante, um sentimento de compaixão me invade a alma, e o meu todo revolta-se contra a Natureza, anatematizando-a, porque foi injusta, lhe dotando com um nariz disforme.

Você é feio, meu Dante, e toda a sua feitura é oriunda desse seu nariz.

Aliança que, se conhecesse a arte de Esculapio, nella me embrenharia, até encontrar uma fórmula de efeito resolutivo, para lhe ofertar, porque estou certo que, com a quarta parte desse pão de assucar que possue na casa, você teria ainda nariz de sobra.

E as vezes pensando em seu nariz, lhe faço velho, persuadindo-me que Paulo Pereira, quando imprimiu o seu «Humorismo», em 1885, já conhecia o seu nariz, porque nelle encontro uns versos inspirados e talhadinhos como se fossem dedicados a você.

Veja:

«Tenho visto narizes bem formados,
De boa construção, marca patente,
Que tem dado que fazer a meio mundo
E posto um alvoroço a muita gente.

E' certo, tenho os visto de mil formas,
De todos os tamanhos e feitios,
Que sinto, ao recordal os, pelo corpo
Enorme sensações e calefrios.

Porém, como o que tens, falo a ver-
dade,
Nunca vi, nem sonhei nariz assim,
Nariz que não consente, que te priva
De chegares, sem risco, junto a mim.

E' pena! Tenho medo! Não me atre-
vo
Contemplar-te de perto a formosura,
Por cauza desse ponto culminante
Que tens como nariz, ó creatura!

Eu sei que soffres muito, que deffinas
Ao peso esmagador que te matrata.
Isso tudo porque? Couza tão simples,
—Por cauza do nariz, dessa batata!

Batata, sim, batata! mas tão grande
Que passou de batata a batatão,
Nariz que quando acazo tu te assôas
Rebrame duro e forte, qual trovão.

Não sejas inclemente! Quando fôres
A' noite te deitar *bela creança*,
Sentido que teus roncos não pertu-
bem
A paz que deve haver na vizinhança.

Tens nariz que podias de bom grado
Deitar fóra emprestar, mesmo vender,
Ficando na certeza que haverias
De com grande nariz inda morrer!

Já basta! Até mais logo! Tenho sono!
A dormir estou quasi por um triz,
Mas antes de o fazer, dize, responde,
—Onde foste arranjar um tal nariz?

Tenho ou não razão de assim
pensar?...

Já me alonguei de mais, e pa-
ra você não me taxar de cacôte,
aqui finalizo, pedindo que des-
culpe a minha franqueza e acei-
te muitos abraços.

Do amigo e admirador

A. S. Recordora.

O PRIMEIRO BEIJO

Sorria o mar...

Eram sentados ao cume dum
penhasco...

Nas fraldas dessa obra-gigan-
tesca da natureza, corria paulati-
namente, o mar, como que es-
taziado, admirando aquellas
duas jovens cabecinhas, des-
preocupadas fruindo a luz de
Phébe que, já pelo extasi decata
lentamente iluminando com os
mais fuljidos dos seus raios
aquelles dois protótipos do
amor.

De quando em vez, vinha uma
diáfana vaga, quebrar-se, ás en-
costas rochózas, prateada por
aquelle satellite, estabelecendo,
assim, um sussurro e era a
única coisa que rompia aquelle
silêncio.

Urjiam-se de ternura e o
amor que já os guiava para um

caminho lubrico, se fez ouvir
por um subito rumor, um pouco
acanhado, fuljido de paixão...

O PRIMEIRO BEIJO.
E essa manifestação de amor,
comocionou-os de tal efeito que
a joven imperada por uma ver-
tigem, despencou-se do cimo da-
quelle abismo...

Elle, alucinado, vendo-a no
sopé da penedia, esmerava-a
com lagrimas...

Já, aí, as ondas não a admi-
ravam de lonje, vinham beijar-
lhe a fronte, com mais franqueza
que o ente que até então, era o
que ella mais amava...

Depois daquelle comoção, do-
minou nelle, a palermice...

Olhava para um e outro lado,
com os olhos esbugalhados. E
com o ciciar da briza acompa-
nhada duma condôente voz, ou-
viu esta palavra: ingrato!

Como que tornando ao seu
estado normal exclamou: Amé-
lia, és tu?!

Pela primeira vez tinha pro-
ferido o nome de sua amada...
Incontinentemente, arrojou-se em
sua direcção.

Aí, na desgraça, findaram-se
aquelles jovens...

O amor nunca pôde ser um
impedimento para o infortunio.

Salvaterra.

O Canhoto treme

Quando ve:

...o reclamo do cinema Pa-
lace: O C P.

...o dr. Carlos Marques com
sua póze de enjenheiro prá...
farmacia...

...o dr. Luiz Domingues,
brincando «Rodó».

...os frades dizendo missa.
...o Antonio Lobo, fazendo
carôta.

...o dr. Tiberio, falando fran-
cez.

...o Mingo Barboza, no Pa-
lace, aplaudindo as cantoras.

...o Esteves Dias com suas
pernas «direitas».

...o coronel Adacto, passan-
do revista as tropas.

...o comandante Jardim sem
as luvas entre os dedós.

...a madame Constance, en-
sinando francez.

...as *matineas* cheias de bo-
bês de 60 anos.

...o Bluum com a mão fóra
do bolso.

...o Ambrozio Vianna, tocan-
do flauta.

...o Lameira, rojendo sua
orquestra.

...o comendador Mingote
com os braços para a frente.

...o dr. Godóis falando alto.

...o Luiz Ory, dezenhando
uma perspectiva de... claridade
...o dr. Bona, passar zau-
gado.

...o dr. Alvares Pereira con-
versar baixo.

...o Victor da livraria, com
sapatos apertados.

...o Costa Basto, do leitão,
em caza dum barbeiro.

...o Chico Teixeira pergun-
tando: «Não entra? a sessão,
começou agora».

Dêdo Fraturado

Glos Para coleções

Informa-se nesta redação
quem tem, para vender, um be-
lissimo sortimento, recebido,
pelo ultimo vapor, duma impor-
tancia caza da França.

Tambem informa-se quem
venda um cinematografo com
fitas em perfeito estado.

Gula noturna

A' rua 28 de Julho n. 53, le-
ciona-se o curso primario por
preço modico.

Policiamento d'«O Canhoto»

Diz Nick Winter que:

...o conego Chaves será o papa
na vaga do Leão XIII.

...o Xixi Rayol vai ser frade.

...o Araujo do «Sul Americano»
parece mesmo um «quati» qua...*elle*.

...o Cozuzza Lauletta foi a Per-
nambuco levar uns cobres para os
velhos guardarem.

...o professor Martins mandou
fazer um terno novo.

...o Ribeiro de Moraes da De-
legacia anda «enfado» na vara.

...o dr. Alvares Pereira conver-
sava baixo com o Godóis que grita-
va.

Mister Maneco andava dizendo, do-
mingo que:

...um membro da Liga Dicol-
gonio & Dias, chegou ao Ideal e a-
parvalhadamente perguntou a nos

rapazes que estavam na porta:

Esta é a sessão gratis?...

—E'.

Elle não esperou mais nada e va-
rou.

Que vergonha...

...o João Novaes, irá em brave
em segunda comissão, inspecionar

a importante Aduana de...Gaspó...

Não passará jaçaná por jurara...

Dizem que o joven poeta Tactito
Hollande, é parente do filosofo Mos-
quito alemão.

Porque? Pelos cabelos?...

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martello».)

ANO II

S. LUIZ, 23 DE FEVEREIRO DE 1913

NUM. 16

Inspirações femininas

O ciúme é a seta cruel que envenena o coração de quem ama sinceramente.

Assim como as flores, vivem enebriadas pelo ar, eu vivo alimentada pelo amor e embalada pela saudade.

Elza.

A. J. C.

O amor, quando sincero, é um sentimento que vence os maiores obstáculos, e eleva o coração mais humilde ao trono da verdadeira felicidade.

Ulaizel.

O ultimo amigo

(Original para «O Canhoto».)

Vão-se os amigos um a um, deixando da grata e doce vida as alegrias;
Os tão pequenos, luminosos dias
Vão-se em trevas eternas transformando!

Partem todos enfim, mas um, chorando
—Testemunha de tantas agonias!
Resta... surpresa, atônito!... Sombrias
Vão-se lhe as horas ultimas soando!

E elle, de pé em meio á turba extranha,
Elle, está ali num areal deserto
Onde somente a magua o acompanha!

O' grande Mãe—Terra—que estás tão perto!
Abre teu seio áquella dôr tamanha!
Corre a lhe dar teu calmo abrigo certo!

Ricardo de Berrêdo

HONTEM

a Seta. N...

Não posso me esquecer um só instante de ti. Não esqueças

como disfarço esta paixão ardente, com risos e alegrias não sentidas.

Hontem entrei, te vi debruçada a mesa de trabalho, as tuas delicadas mãos, pegavam com todo mimo, aquella pequenina caixa—que estavas enfeitando.

Quando transpuz a porta da varanda, e deparei com tua formosa imagem, com um doce sorriso nos delicados labios, fiquei perplexo, encantado pela tua fascinante beleza: e quase exclamava: és bela! amo-te. (mas a prudencia mandou calar)

Como, que não tendo sofrido um choque horrivel no meu amargurado coração, entretive conversa para disfarçar a dor causada pela tua presença e ingratidão; arrancando a custo uns finjidos risos.

Depois de ter gozado um pouco da luz dos teus olhos, dessas duas estrélas cadentes, tornei satisfeito e triste ao caminho do trabalho; satisfeito sim, porque todo ser que ama, quando vê o anjo amado alegrar-lhe o coração dá-lhe força a alma amargurada, e triste, porque por mais que te ame sou cruelmente desprezado.

Não consegui esquecer, aquellos instantes felizes daquella bendita tarde, que foi hontem.

Quem dera que eu podesse todos os dias, alimentar a vida do meu triste coração, com a doce luz do teu olhar, e a sonora harmonia da tua voz, até chegar o dia da minha inteira felicidade, que será a de me chamares esposo.

S. Luiz, 28-1-913.

D. de V.

A morta

Ha muito tempo que não a vi. Anxiosa-lamente e era amado, porem por um mero capricho deixei de vel a dois mezes, para experimentar se era amor ou sonho.

Jamais, passava em sua mão, só em caso de grande necessidade e assim mesmo de mim se apoderava um tal ou qual desejo de a ver na janella, como dantes nos versavamos a sós, dizendo um

ao ouvido do outro palavras esperançosas e doces, porem, nunca aconteceu, ella apaixonada, não vinha á janella. Fui me esquecendo paulatinamente de que a amava, já pensava em outra!...

Parecia-me que se a visse, não sentiria desejo de lançar-me a seus braços, para pedir perdão da ingratidão, porem o capricho afastava-me a todo tranze, della é do seu amor.

Ella era bela, linda, sedutora e esbelta, a atrair o mais indifferente de todos os homens, seus cabelos azevichados desluzavam-se em caixos peloaveludado pescoço, seus pretos olhos, eu já os entendia, porque ella me amava pelos olhos e fazia assim suas declarações. O andar, uma das coisas que eu mais apreciava, era o mais atraente de todos os azares.

Em uma noite de domingo do mez do Coração de Jesus, dirigi-me a igreja. O céu envolto num negro e espesso lençol de chuva, cava á terra, a mais aterradora de todas as noites. Entrei tranquillo, subi o corredor central da igreja e coloquei-me lá em cima. De repente, senti e fraquecerem-me os nervos, conheci que ali tinham uns olhos que me devoravam com sua força magnetica. De repente, vejo ao meu lado, os olhos que tanto me torturavam, e que me devoravam com uma sofreguidão inaudita. Fiz o possível para conter a comoção, mas foi debalde, cambaleei, almejei, lançar-me aos seus braços para pedir perdão do que fizera, mas o lugar não permitia. Fiz um estupefado esforço e saí da igreja para procurar qualquer distração, os seus olhos me seguiam como a estrela seguiu os Magos ao berço do Cristo. Cheguei em casa, depois de um andar tropeço e interrompido de momento a momento por uma idea de amor. Deito-me e não posso dormir tranquillo, o pouco que durmo sonho com ella.

E vejo a em sonho!...

Desgrenhada urqujante e anelente, lança-se a meus pés e beija-os. O' ingrato! deixaste-me assim, provando a crueldade dos homens. Despeço-me de ti, adeus, irei vagar já que me não sabes amar.

Acordei horrorizado, levantei-me, tomei o sobre-tudo e com o coração transgredido de dor, saí por uma coplora... Mas, ornamento

O CANHOTO

Órgão quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.
 Número do dia \$100
 Número atrasado \$200
 Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Colaboradores—diversos.
 Assinatura para o interior e estados.

Sinestre \$200
 Ano \$2000

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida a «O Canhoto» Rua 28 de Julho n. 53.

Contratam-se anúncios por preços módicos.

BRAZIL MARANHÃO SÃO LUIZ

veis e falsas talvez. Não era uma briza amena e saudável que naquele momento sussurrava, mas um vento tempestuoso sibilando aterradora-mente, indicando tempestade. Além vis-se o mar emaraphando-se enfurecido, negro como o céu; a quem, chovia a cantaros. E eu tímido como um frágil barco em tempestuosas ondas sem timoneiro, sentia-me mal pois a chuva inundava-me os pés. Chego, encontro a palida, fria, languida e inanimada.

Aquelles rubros lábios de papoilas, semi-abertos sempre a sombra de um sorriso, restavam inertes e mudos, unidos pelo pano com que elle atáram a cabeça, dir-se-ia que ella fenecera clamando por mim. E aquellas prêtas madeixas circundando aquelle languido e anjelicall rosto que não era outro, senão o da mulher que já havia povoado o meu primeiro sonho.

Havia morrido sem me ver... Ella, sempre ella...

Historia de um grão de areia

NARRATIVA HUMORISTICA DA ATUALIDADE

Por Helio Facatú. 2

Voel... voel, mais de uma hora levado nas azas do zefiro, visitando as tetricas cavernas naxas de um illustre e ativo escrivão, que dum espirro retumbante lançou-me do alto do santuário Palacio da Justiça, desfalecido nas penúfens capilares do avermelhado mosquito alenado, que por sua vez não estando disposto a abrigar-me, atirou-me dentro da boca cavernosa do... bellissima Bêlo Joli.

Dentro desse subterrâneo de nova espécie, circundado por uns cabelinhos, que, mais pareciam esponja negra, ou talos de fumo; uns dentinhos, uns dentes... meu Deus... uns dentinhos tão bem feitos, tão simétricos tão bem polidos, que qualquer senhorita simpática, vendo-os, dirá: são dentes... prá... cristo!

Passel enfim um mui quarto de

«E hoje volto de lá ferido exangue
 Tísico em febre, vomitando sangue
 E desprezando todas as mulheres?»

Dante Faria.

Sai de minha alma

A...

Mulher, sai da minha alma, eu te suplico.

não posso resistir tanta aflicção, dilacera-me todo o coração, estas horas que em ti, pensando fico.

Quando dormindo, sonho, mortifico o pobre coração que uma canção exalta, pra pedir por compaixão que saias da minha alma. E te suplico,

deixa que eu te dedique este meu verso,

cantando a ti, só hinos de primôres, assim que eu sou feliz, cá no Universo.

Deixa que eu viva neste bôo mar, dedicando a ti, todos meus amôres, com a furtiva luz do meu olhar...

S. Luiz—janeiro—1913.

Dante Faria.

Sonhando..

Pare o bonde... faça favor de parar...

Sentia-me um pouco incomodado, e por este motivo acendi um inoffensivo cigarro «Caxias» de aroma agradável.

Como era natural, em tal situação a saliva exijia que expedisse, submetendo-me a tal exigência ta cuspir, quando o condutor me observa:

—O! seu aquelle, seja mais observadô da icis, aqui não se

hora, naquele salivôzo quarto infernal.

O feio pegou-me e não queria me soltar e comigo foi passear lá para o largo do Quartel, onde um sujeito de calça encarnada estava atracado a uma buzina amarela soltando agudissimos berros que cauzaram-me horror.

Tremi, chorei, pulei, dei murros nos dentes (?) do bicho, mas elle estava impertubavel, parecendo-me que tinha os queixos e as genjivas de borracha...

Depois de muito tempo de sofrer para mim, elle lembrou-se de assobiar.

E ai e que foi o bonito, soltou uns sons tremelicados de rouxinol sem papo ou ocarina sem escala e no meio daquelle vapor, graças a elle, sai bordejando a rua pacifica da Paz.

Ajoelhei-me nas escadas do Carino o roquel fervorosamente aos frades pedisse-me virjem que minorasse as minhas dores e que não me botasse mais na boquinha de seu bôo.

Mas quando estava mais atônito

cuspe no chão do bondes, sabe?...

—Mas, meu caro amigo, observei-lhe: veja que ao meu lado direito está uma senhora e do lado esquerdo um cavalheiro e eu não tenho o direito de encomodá-los para cuspir, essa exigência não é razoavel, não acha o senhor?...

—Não se admite repriça seu aquelle, aqui não se cuspi, já disse; dos ultimo cazo, você cuspi no lenço e ponha no bolso...

Ai não me contive, repelli tamanho dezaforo da parte do tal insolente, o qual resistindo dezaforadamente, obrigou-me a uma resistencia fizica, do que resultou irmos aos trambolhões no meio da rua.

Nessa ocasião despertei, a rede em que dormia tinha arrancado o armador e eu dado com o costado no soalho do quarto.

Belem 1913.

D. Lopes.

Instataneo

1.

M. T. L.

A noite tardava a extinguir-se, então, eu meio atordoado pelo sono procurei o leito.

Mas, quanto mais procurava, dormir, mais se apresentava, em meu pensamento, varias idéas tôdas dezencontradas e faziam-me uma confusão tal, que dezejava um ponto fixo, para meditar.

Nada!

Subitamente, veio-me á mim uma parte dum livro dum escri-

nas minhas orações, passou um automovel cujo jofré (do vocabulario Cabrá), assim me viu, apitou o bicho e fui levado aos empuchos no remulinho de suas rodas, sem saber por onde.

Desmaei, e quando estava com perfeito uzo da razão, *investiguei* (frase do Agenor) o sitio e reconheci que estava em pleno jardim zoológico.

Em um banco estavam sentados trez paquidermes colossaes: o orijinal Pereira, o caixa Flavio, e o Bêlo Chaby refrescando com a briza da tarde, seus respectivos azédos e suarentos corpinhos.

Mais adiante, estavam quatro garas conversando sobre a baixa da incomivel carne verde, o *baixo* Aranha, o mimôzo Almadeu, ou Amadeu, o Novaes e o simpatico e anti-cataral João Nunes.

No passeio, assobiando, passou um rapazinho mimozo como um canario, bonito como New e depois de muito olhar foi que vi que era o mui popular Ptilio aliaz o Bagedinho

tôr cujo nome, eu me não lembro, agora:

«A mulher, é a teozira que corta as azas dos nossos largos vãos de ideal e sonho.»

Contesto, pois nessa menina que decora a nossa sociedade, com os lustros mais aproveitáveis que lhe dotou a natureza, encontro o santuário da inocência, da bondade, dos nossos sonhos e ideias.

Mora junto a Gonçalves Dias, gozando aquella brisa de poesia que lhe dá, assim, a cor negra do ébano, nos cabelos que lhe emolduram a morena derama do rosto.

Com seus olhos penetrantes e inocentes, extrazia desde as palmeiras que rodeiam aquelle vate qual vive junto á essa jovem, até a santidade da igreja daquelle praça.

E o leitor, se já a reconheceu, ponha seu pensamento em sua pessoa e creio não dirá o contrario deste instantâneo.

Instantâneo, pois com sua despretenção, fugiu-me rapidamente da máquina:

Mario Lial.

OS ATENIADAS

Canto primeiro

1

E vós, leitores meus, pois esforçado
Trabalhador, em mim tendes valente,
Se sempre tive em mente agasalhado
Esse intento p'ra mim tão excelente;
Dae-me sempre valor, mas denodado,
Um auxilio possante e diligente,
Porque este meu capricho não sero-
ne (9)
E eu possa ir lá no pico do Cile.
ne (10)

isto é, o querido das Sinhá e tudo quanto acaba em á.

De repente, «uma nuvem que os arcos encobria, sobre minha cabeça apparece» era um rapaz gentil mais de uma gentileza sem igual, feio, como eu pertencia a insupportavel classe dos desdentados, gingando como uma guariba ou couza semelhante.

Passou apressado perguntando á todos onde era a «Confeitaria Mi-gnon».

Mais tarde, quando estava chegando a noite, passou um grupo exótico, estupidamente exótico, parecia um clube de duendes ou mefitofões.

Segui-os.

Andaram muito, subiram e decaíram a rua do Sol, virando pela de Sant'Anna.

Conversavam coisas de meninas, coisas de pequenas, coisa muito sem valor, somente pra... *criticisti*.

Dizia um com voz fanhosa, verdadeiro tipo ante-diluviano:

—Qual é o melhor cinema, que nós temos?

5

Dae-me uma força activa e caudalosa,
E não de simples voto ou baixa ajuda,

Mas de gran protecção imperioza
Que a corajem seus tem e o gosto es-tuda;

Dae-me o poder dos plajios: dassoim-broza,

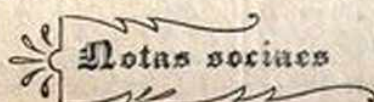
Gente *sábia* atrazar (*assaz* rombuda);
Que se saiba ás direitas e ao inverso
Destes feitos que canto no meu verso.

6

E vós, ó divinal perseverança
Da americana gente de vontade,
Em quem tenho perene confiança
De não perder a gran tenacidade
Vós, ó rutila bemaventurança
Astro feliz da grande humanidade
Rezervado ao mais forte, que se es-pande
Para impedir que a sorte não de-zande...

Camonilo.

(1) — enfraqueça.
(10) — monte da Arabia onde nasceu
Mercúrio.



Notas sociais

Completam anos:

— a 1.º de março, Antonio de Vas-concellos Pires; filho do sr. Alexan-dre Pires, comandante do vapor Brazil.

— a 3 a senhorita Ozitha Burnett
— a 4.º o interessante Waldir No-gueira Vinhaes.

Hilton Fortuna

No dia 28 deste «O Canhoto» se fará representar para a cerveja em eza do Hilton, pois completa este colega, mais um ano no jardim da sua travessa existencia.

Respondeu o outro muito con-vencido: é o Pelace...

Pelace... Ora *Pelace*, seu Chico; o nome generico *filologicamente* falando, segundo os mais afamados gramaticos e linguistas é *Pelace* res-pondeu um outro, com ares de ame-ricano dagna doce, moreno dentes *alvorrinos*, paquininos prá... *cri-zosti*, dentes ligados como marréco e cara lavada de coruja...

Pois eu replicou um outro mais distinto do grupo, acho que é o mo-desto e acreditado Ideal, pois que as suas fitas, são belas e sensacionais.

Não pude ouvir mais nada, porque fui dezastramente pizado por um pé, pézão, igual ao professor Amaral.

Com o corpo doído, fui me arras-tando como cobra e me escondi num escuro cano, para me abrigar da chuva que já caia forte estalando na calçada.

Passou a noite encomodado e quan-do amanheceu estava com febre e fortemente constipado.

(Continúa).

José Neves

José Teófilo de Amorim Neves, completa, a 5 de março, mais um ano. Por isso, será alvo duma pequena manifestação da parte dos *canhoteiros*.

O Canhoto treme

Quando vê:

...o Eugénio Almeida, com um chambre purpureo na jaqueta de sua residencia.

...o major Crecencio montado a cavalo.

...o José Vinhaes calado.

...o Mister Maneco falando in-glez.

...o Babê Vinhaes, falando ver-dade.

...o Filomeno Tavares, com os cabelos fuvios.

...o João Lima, conversando com D. Leonete.

...o dr. Georgiano, sem trazer o charuto entre os dedos.

...o Filonilo (Largadere), lá pelas bandas dos Remedios, enco-mendando alguns foguetes.

...os dentes superiores do dr. Lopes da Cunha.

...o A. Nogueira, sem colarinho.

...o Eudamidas dizer depois de acabada a sua aula:

—meninos, podem irem, dois a dois, cada qual de persi.

...o dr. Sacramento, andar sem ser penso duma banda.

...o *virado* Cabra, com aquel-le seu fraque de brim e chapéu a Napoleão.

...o dr. Carlos Martelo, ao sair, substituir, sua luneta branca, por uma preta.

...o Antonio Cabeça Zé, raspar a cabeça por economia; e muito atentamente ouvir o «sermão do encontro».

...o Antonio Silva reproduzir fielmente o sermão do conego Pi-menta (malaguêti), das «Latas de doces».

...o *siriri* Meirelles, com a sua musculatura.

...quando ouve dizer que o co-nego Pimenta sabe bem «canto-chão».

Dêdo Furado

O Canhoto

Tivemos o prazer de receber duas distintas visitas: «O Jornal Baista», organo religioso que circula no Rio de Janeiro; e a «Revista Escolar» do Instituto de Humanidade de Ceará, trazem farta colaboração, obedecendo um excelente sumario. Com muita satisfação, permularem.

«O Canhoto», circulará no do-mingo 9, do proximo mez.

Senhorita Silvina Luz... (Pará)
 " Izabel Costa... (Rio)
 " Maria Luz... (Caxias)
 " Maria da Glória Teles... (S. Luiz)
 Com imenso prazer, aceitaremos suas colaborações na seção «Inspirações femininas».

Pelo correio urbano

2º.

Ao Bismark.

Alegremente traço estas linhas que são dedicadas a ti, meu particular amigo e irmão em profissão: digo alegremente e para isso tenho até razão de sobra, porque vivia triste, e uma nuvem negra toldava a minha vida de moço.

Dirás, com os teus botões: «O que tenho eu com tua alegria e com a tua nuvem tétrica?» E eu te direi, que tens muita couza, porque então não teria valor nenhum a nossa amizade, não de vinte anos, mas de umas vinte semanas.

E sabes, Bismark, donde promana esse prazer, te direi: lendo a «Pacotilha» n. 38, do ano passado, vi, na «Sabatina» do illustre L. F., que um celebre Dr. Carrel, com toda a força do seu ente operador, grita nos gabinetes da ciência, que nós, os homens não descendemos do macaco, fazendo, com essa sua asserção, rir, desmoronar, toda a teoria de Darwin.

E eu, Bismark, francamente te falando, estava persuadido que pertencia a família dos símios, (al está minha tristeza); e a minha persuasão ia á mais, desculpa a franqueza, estava também crente que não pertencias a essa família eras macaco em carne e osso, pois os teus modos, teus gestos, provavam indubitavelmente, porém eras um macaco digno dos laboratórios dos cientistas, ou das vitrinas dos naturalistas; e agora, como Carrel, grito entre as quatro paredes do meu quarto: «Zeca não é mono, assim como sou e os demais homens ainda somos desse bicho...»

«Te aprecio e te rendo um culto de admiração: pasmo, feroz, quando te vejo conversando Bismark, dizertantastotamente com elegancia, que eu tenho impeto de ti pedir o autor da gramática que estudaste e nome do colégio que cursas...»

E potestas... mais um dom que...

reno, e os teus companheiros de reparação, inclusive o Parga, o velho, ficam furiosos quando descobrem alguma flôr, dentro da gaveta da tua meza, e, se em vez de flôr é carta, a ira multiplica-se, e bradam: «não faz mais nada, não vale o ordenado que percebe».

Te digo isto, amigo, porque não quero que vivas enganado no centro dos teus colegas e, segundo a expressão do cronista acima citado, entre amigos não ha geringonças; portanto não te a borreças com o teu amigo sincero.

A. S. Reverdôza.

Films

Manqueto, com a bondade que lhe é peculiar, quiz, um bje, por elle, fizessse esta seção. Fazê a, vou tentar, não tendo, embora, a pratica de crônicas. Começemos, pois:

— Domingo, o «Ideal Cinema», o pretillo do povo, levou na malinada, com verdadeiro exito a pellicula «O Mergulho da Morte», em 2 partes.

No sábado, framur de povo, em 3 sessões quasi continuas, exhibindo um bellissimo programa dinamiquez.

Deste programa, que compunha-se de 4 excelentes fitas, destacava-se: «O papel mais difficil», em 2 partes, fita dum enredo superior e duma linda encenação, que foi, incontestavelmente, mais uma prova do bom gosto que ha na escolha das pelliculas que exhibe o «Ideal», e mais um loiro que orna a, já muito brilhante, trajetória da «Nordisk».

Exibiu, segunda-feira em repetição, a artistica fita «Os cavaleiros de Rhodes», historico episodio das grandes conquistas da hoje decadente Turquia.

Terça-feira, levou lindo programa, destacando-se a primorosa pellicula «Vi-te mais uma vez...!», lindo e soberbo drama interpretado por Lida Quaranta, e «Estudos de Fellos!», interessante fita natural — identifica.

— Quarta-feira, apresentou-nos com bõs concurrencia, «A Cantilena de Vovô» e «O papel mais difficil».

Quinta-feira, delicioz-nos, apresentando-nos Asta Nielsen, em franco triumpho, na fina concepção «Rapariga sem patria».

— Hoje, em matizada, levará «O papel mais difficil» — e no sábado — a maravilhoza e incomparavel composição da invejavel «Nordisk» — «Atriz dos bastidores», que promete um bom exito ao modesto Ideal. O «S. LUIZ» tem funcionado

O PALACZ, continúa como diz Manqueto, com suas variadas variedades, variadas.

Jacinto Valente.

Policiamento d'«O Canhoto»

Diz Nich Carter:

...que o seu patricio Lord, The Mister of Marreco good boal — vai apresentar-se candidato a cadeira de inglez pratico, no Instituto dos Surdos mudos, que só podem, namorar Hilton, meninas cegas.

...o Seabra, precisa de te, falar á te, Crizoste.

...o Filonilo Lagardêr diz que vai de hoje em diante, mandar todas as moças, pentear macacos e dedicar-se exclusivamente ao inglez pratico.

Hoja o The of Lisboa...

...o escrivão Queiroz anda procurando o A. S. Reverdôza, para dizer-lhe que aquelles versos do Paulo Pereira, não foram feitos ao Dante Faria, e sim á si, que era muito colega del-le...

O mau.

...o Reverdôza vai ver se pôde encaixar a fermadura do Meirelles em um Correio Urbano...

Não pode, eu protesto...

O Vieira, da farmacia Mattos, estava brigando com o Ignacio Timura, da mesma, por tel-o chamado: fotomobile de cemeterio...

Só não foram á mais, por ter se metido o macaco alemão.

...o espirito do Raimundo Moraes, está se confundindo com o do Nemrod Taveres...

...o almerindico Silvio Souza, diz, que anda procurando um pires, para cazar com uma tijela lá pelas bandas do caminho da Boiada.

Três jolies...

...o Agenor, carteiro, das espinhas, anda procurando aparralhadamente, um Cinema, mais barato, para que não lhe quebre a bolsa...

Por ali, não vem ninguém?

...«O Canhoto», tem dado no gôto dos invejotes que estão danadinhos da Silva. Quanto mais quando xirem o resto.

...o Vinhaes (dos óculos) vai eliminar do seu vocabulario, as palavras-piramide e inverosimel, — para admitir palacemidal e incristalimita.

...o Moraes Rego, já não usa pó, por ter o limo arrebatado todo que havia no mercado.

...o «Palaco» não pretende dar sessão no dia dos Finados...

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martello»)

ANO II

S. LUIZ, 9 DE MARÇO DE 1913

NUM. 17

Inspirações femininas

A. D. O. R. M. E. N.

Viver sem a luz do teu olhar, é ser condenada ao mais cruel dos suplicios. Pois esse clarão divino, que me conforta a alma e delonga a minha existência cismadora, só me é dado indirectamente, quando sem forças e privada desse bálsamo consolador, vou cautelosamente, procurá-lo entre a incerteza e a esperança.

Esperança — palavra santa e consoladora, por meio da qual os que sofrem e têm o coração dilacerado pela luz de um olhar atraente, occultam sempre suas profundas magoas.

Soldore.

Retratos a lapis

13.

C. B.

Gentil morena, é a simpática retratada de hoje, um dos belos ornamentos da nossa sociedade de escó.

Cabelos negros, dentes alvissimos, sintetizando preciosas perolas de Offr.

Não é muito alta, possui um bom crescimento, para uma jovem na idade florida, onde os sonhos são embalsamados por doces inspirações do futuro.

Vive sempre alegre, tendo nos lábios um doce sorriso primaveril e rara é a vez que está zangada.

Téz velutina, rosto oval, esbelta com um acento tom da apurada elegância.

Quando no Cinema, então me parece que as próprias figuras na tela, que tem-se fascinadas, pela sua impressionante simpatia.

Modesta e dada, impõe-se a todos, que ficam cativos da maneira líbia de seu trato.

Pernambuco, foi o estado que teve a suprema dita de lhe servir de berço.

—(Agota peça vem a uma senhora que anda a dizer que só sei fazer retrato das pernambucasas.

Mas senhorita que fazes se as pernambucasas são simpáticas e amáveis?...)

Seu nome começa pela letra C, letra do coração e termina por A inicial de Amor.

Seu apelido de família não digo, para que fique algum misterio aos leitores que apesar de tudo ainda a não reconheceram.

Reside em uma bela mansão situada na mais direita das nossas vias publicas.

E terminando, desculpas peço a retratada, se estes rabiscos, estiverem molestando a sua modestia.

Feijó.

Recordação

Voltei de lá, pensando em ti, donzela flor que perfuma o meu coração. Apaixonado diâda, vê-te, ó bela! Uma vez pra minha consolação.

Como é que pude da primeira vez, Apalxonar-me por teu olhar sinfêlo? —Sim, porque penso que no mundo existe, Somente um este assim tão esbêlto e bêlo.

Como azevicho, tens cabelos negros Quando soltos, assim caracolados. Pelo pescoço aveludado e esbêlto, De quem tens como tú, dentes navados.

Os mundos do ideal e os da poesia, Ao vêr-te assim, tão perfeita, tão bêla. Dizem logo: de certo a mais formosa, E', sim, já disse, neste mundo, é ela!...

E por isso, o coração, entre prantos, Vem pedir-te, ó mui bêla e qêda amada. Aquêlo que no mundo vague errante. Porque sem tó, o mundo todo é nada...

Dante Faria.

A' Deusa dos meus amôres

E' linda, linda como as lindas deusas sonhadas pela imaginação apaixonada dos poetas. Linda como podem ser as rozas orvalhadas numa manhã primaveril.

A sua nímica boca avermelhada confunde-se com o mais perfeito e delicado botão de rosa, que os primeiros beijos ardorosos do sol d'iram vestindo o de luz e o seu sorriso impregnado de doçura é como o favoio agreste das flores-las que faz desabrochar, abrir os lábios, tão meigos, tão limpidos dessa flor ideal.

E' uma deusa perfeita, divina e sedutora, os seus olhos negros, grandes e cismadores, decramam raios de bondade, effluvis de amor.

O'!... como é linda! como admiro, essa visão doirada dos meus sonhos, esse anjo celestial por quem tenho constante, prezo o meu sentido! como é bêla, como é tentadora!

O seu olhar! ó!...sim o seu olhar meigo, e penetrante possui a mais ardente ternura, os mais brilhantes raios de amor, e é por esse olhar, e por essa graciosa te infinita de mulher ideal que tenho experimentado e acreditado na felicidade.

Essa mulher, essa visão querida nem mesmo sei dizer!... só sei que ás vezes quando á noite silencio e triste, e enfastiado desta vida amargurada, ponho-me, a pensar, ela surge, ela aparece cheia de bondade, cheia de amor, resplandecente de ternura, apontando-me através deste sofrer insano desta amargura, um futuro risonho bêlo e florido.

E assim encorajado por esse idolo da minha adoração prosigo.

Sabes quem é essa deusa, esse anjo, essa primor, essa beleza rara esse amor!

E's tu minha mãe, a denza idolatrada, a deusa encantadora dos meus amôres.

Bismark.

Fantasmagoria

Ao distinto Amigo José Vinhas

Era em uma noite de inverno, das mais feias e temidas...

Embrulhado em meus alvos cobertores fui arrancado do doce sono em que jazia, por um medonho e sinistro — tá tá tá, produzido cadencialmente pelas gotas pluviais fugidas dentre as telhas, no bordo da bacia estanhada do meu simples lavatório...

Eu acordava, cochilando, e confesso, com certo medo, como criança impressionada com a «Historia» do famigerado «Ali Babá», e me punha a escutar...

E sempre o mesmo — tá tá, tá... — Será o gato vadio? — monologava — Será a torneira mal fechada?

—Serão meus colarinhos que se contorcem sob o jugo da gôma?... — Será a minha avó tacitando seu cachimbo?...

O CANHOTO

Organ quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.

Número do dia \$100

Número atrasado \$200

Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Colaboradores—diversos.

ASSINATURA

Simestre \$200

Ano \$2000

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida a «O Canhoto» Rua 28 de Julho n. 53.

Contratam-se anúncios por preços módicos.

BRAZIL MARANHÃO SÃO LUIZ

— Lembrava-me das lendas de gatinhos, de frades sem cabeças, que em outros tempos ouvia contar.

Todas essas iluzões me chicoteavam a cabeça dorida, e eu, pobre de mim, suava, gemia espavorido.

A pendula monotona do relógio da varanda, contribuía para o meu pavor.

Cada hora, contava febrilmente entre lábios: — uma... duas... três...

— Noite tão grande, tão interminável como aquela, só mesmo no inferno...

Com grande prazer, para mim chegou a aurora, mas que aurora!... feia como a mais feia alma de outro mundo...

O *Tá, tá, tá*, continuava a perseguir os meus auditivos...

Sal do quarto como um forçado evadido de longas gálés, não falei, lavei o rosto, mas não sei como, em vez de água tinha na bacia tinta de campeche; não me importei, o que queria era lavar o rosto...

Bebi um gólo de café com um náco de pão, mas o *tá... tá... tá*... batia na tijela, no pires, no

pão, no bule em tudo... — Era a aljema que me agrihoava, era Lucifer encarnado em *tá... tá... tá*...

Depois que o sol subiu os degraus do horizonte foi que me lembrei do papel que havia feito e envergonhado fiquei de ter tido medo de *tá... tá... tá*...

Mas ao mesmo tempo consolei-me com uma história que me contou um supersticioso colega, explicando o meu pavor:

O *tá, tá, tá*, disse-me elle, é o teu coração que palpita por alguém que o não merece, daí o teu pavor, a tua febre.

H. Ferrari.

Confissão Paternal

(Para o Sadoe de Berrêdo)

— Uma esmola! Implorou Maria, para a janella dum sobrado.

— Suba! Respondeu uma voz de criança.

Subiu Esperou. Momentos após appareceu uma criança que lhe perguntou:

— Quem sois? Como vos chamais?

— Maria!

— Tendes pai?

— Sim! Mas abandonou-me.

— Como se chama?

— Thomaz! Dá-me uma esmola

para saziar minha fome?

— Sim! Espera.

Nesse intervalo, eia que entra o dono da casa e perguntou-lhe:

— Já falaste?

— Sim! Uma esmola.

— Como te chamas?

— Maria!

Thomaz, nesse momento, corou a ouvir a pobrezinha pronunciar o nome Maria. Passava-lhe além disso na sua consciência o remorso no desvendar da infamia cometida.

Thomaz, como num delírio de febre ardente, disse:

— Maria, tu és minha filha, quanto a ti fui ingrato! Perdôa-me!

Si nos teus olhos de criança, por

pensamento nunca me viste, porém, agora ouve minhas falas!

Sou teu pai, mas não contes a tua mãe, nunca, que um dia bateste a porta deste infame, para esmolar!

Nesse momento trajico volta a criança com a esmola desejada dizendo:

— Toma!

De subito corou por ouvir e ver ainda esta cena paternal, enquanto Thomaz e Maria deixavam algumas lagrimas humedecerem suas faces.

Aires Salomé

Um coração pode amar duas mulheres?

Sim, pode amar, uma, duas, dez ou mais, ai nós podemos finjar que amamos todas, quando só a uma nos une um afeto espartacoço, um amor puro nacido da inocente infancia, um amor inquebrável que só a morte o extinguirá, deixando para substituí-lo a paixão e saudade.

O! mas é irrisório o finjimento, se amamos uma, não devemos com palavras falsas entregar nosso coração a outras, enganar-as com sonhos fantasticos, com esperanças impossíveis. Não posso admitir tais fantasias.

Mas se dois pequeninos olhos vivos, verdadeiros punhaes, nos ferem, nos atraem, devemos abandoná-los? Não, devemos chegar-nos e sentirmos o calor dos seus pequeninos raios, gozarmos aquelas duas luzinhas que nos clareiam a alma, e nos dá certo desejo e esperança.

Não, não posso consentir tal coisa; si amamos não nos devemos deixar atrair pelos olhos de outras, embora com pensamentos de mansos desejos, que não poderão partir, se não de um coração vil e desprezível.

O amor é puro, é santo, e nos faz sofrer, mas devemos nos resignar com os sofrimentos.

Já que por amor e palavras,

Historia de um grão de areia

NARRATIVA HUMORISTICA DA ATUALIDADE

Por Hello Facatú. 3

Embrulhei-me numa folha de murta prezepeal e fui titubeando até uma farmacia, onde veio um tipo magro, elegante moreno, cara espinhosa, olhos de gato sonhador unhas polidas, um verdadeiro tipo a Paul de Kock formado a pouco, em qualquer das mil infaculdades; e que de rocha só tem o nome.

Mas como tinha muita gente, retirei-me com medo de ser novamente pizado.

Na porta da farmacia, se me de-

parou um fato estupidamente singular, que causava vergonha ao mundo civilizado.

— Um moleque, alto, magro, olhos de carneiro mal morto, trajando um fato preto, que em outra geração talvez tivesse pertencido ao seu tataravô, passou, tendo debaixo do braço diversos volumes, que de certo iam ser vítimas dos mais escandalosos plágios...

Todos dezenhamente se quedavam na praça, para deixar passar tão insignificante intellectualidade, digna dos profundos observadores das fraquezas humanas...

Ao passar o tipo, eu, que sou, nada mais, nada menos, que um fragmento de asfalto, palavra, senti asco por tão indecente e presumida figura, que em outros tempos conheci vendendo

mocotó na refinação, batendo sola para rematar tóscos chinélos, que mal anotecia ia vender de porta em porta...

Hoje, com toda a póze e requinte dos espiritos fracos, quer ser jornalista, engazopando os leitores, com produções que lhe não pertencem e representando a toda hora a imprensa Maranhense...

Estava lamentando as petulancias do ex-sapateiro quando em vertiginosa carreira de zig-zags, passou o Juquinha (amargue), em sua maquina e no deslocamento de ar produzido por ela fui arrebatado e em movimento levado por essas ruas de meu Deus, até o Cinema Palace...

Entupigattei-me socoçado no cantinho da porta, e adormeci.

olhares e pensamentos, demos nosso coração a uma mulher, devemos também a ela entregar a nossa vida e o nosso futuro.

Devemos rir nas suas alegrias, chorar nas suas tristezas, e acompanhá-la em toda a vida. Eu que só a uma amo, e hei de amá-la até a morte, é que posso dizer o que é amor.

O que é a dor de uma cicatriz aberta pelo desprezo.

Se a vejo e com ela troco algumas palavras, sinto uma forte commoção; pois em vez de proferir as palavras que me poderão servir de lenitivo, aprofunda cada vez mais, este abismo de dor, esta ferida exangue com seus gostos e frases zombeteiras. Deixa que os seus purpurinos lábios, zombem da fraqueza deste coração: se o tivesse como o meu, não faria assim; mas o seu coração é de ferro tendo por artérias cercaduras de mármore.

Um dia hei de rir, e alguém se não chorar compartilhará desses rizes. (Não há mal que sempre dure) e mais sofreu Job.

D. de V.

Notas sociais

Completem anos:

—a 4 distinta senhorita Anicota Valente

—a 15 a senhorita Esther Fortuna, filha dileta do Sr. Alfredo Fortuna, e dedicada irmã dos nossos colegas Hilton e Djalma Fortuna.

—a 20 a galante Oldinira Vinhaes, interessante filha do Dr. Raymundo A. de Vinhaes.

A todos os nossos parabens.

Veio trazer-nos o abraço de despedida, o inteligente jovem Sidoc

Pela manhã, pude ver e apreciar os figurões que passavam.

Uns, embasbacados, saboreavam deliciosamente os espalhafatosos reclamos que na parede jaziam desde a madrugada...

Outros, torciam o nariz, resmungando: Não vêem que me pegam!... não estou para cacetadas...

—Aqui, tudo é francez, só se fala francez, francez e mais francez...

Não admiro *chanteuse, discuse, dançasse, cuse, cuse*, quanto mais *Teixeirenses, Caricuras, Branquese e perfumeuse*...

Não, que não sou arara, gosto mais de estar delatado...

—E assim por diante...

Num *fononar* estridente apareceu o *autobus*, entupido de gente. Del um

de Berredo, que seguiu com direção ao Rio no «Manaus». Última viagem.

No «Manaus» seguiu para o sul, o inspirado poeta 1°. Tenente de Engenharia Ricardo do Berredo, nosso distinto colaborador. Auspiciamos-lhe boa viagem.

João Victor Ribeiro

Segundo telegrama particular, foi nomeado 4.º escrivão da Fazenda Nacional, este nosso distinto colega, de redação a quem enviamos os nossos efusivos parabens, por tão justa distinção.

Djalma Fortuna

Enviamos a esse nosso ilustre companheiro de redação, os nossos sinceros emboras de envolta com os nossos abraços de congratulações, pela sua admissão, por ordem ministerial, como praticante de telegrafia.

O Canhoto cumprimenta efusivamente ao amigo e leitor Herculanio Parga, pela sua justa nomeação de praticante de Telegrafia.

Recebemos o Relatório da Equitativa e algumas fotografias dos diversos prédios que já possui no Rio de Janeiro, esta importante sociedade, cujo representante aqui é o ilustre Dr. Lourenço Holanda.

Gratos.

Pela Aduana

Seu Guima grande *cadete*
Brigou com *camaleão*
Por causa de todo dia
Marcar os quantos *lhe vão*...

Se o caixa errado estiver
Se dána o *camaleão*
Por faltar'inda dar baixa
Em um sinal de leilão.

pulo e caí no chapéu *anti-clerical* do rellizoso professor Fernandes...

No auto, estavam as mais distintas figuras desta terra e do chapéu, pude ouvir trechos interessantes das palestras; contarei os mais originaes.

—O Dr. Verra, cavaqueando com um colega, fazia espantozas referencias á sua invejável musculatura.

Imagina, que quando estava brincando, com colegas, quebrei sem querer, o queixo do Araújo e ao apertar a mão do Dr. Carvalho, Delegado Generalissimo do Estatística, esto ficou *munhêca*...

Uma outra: o Ory, foi meu professor de francez e um belo dia, estava eu fazendo evoluções no trapezio, de cabeça para baixo quando ele passou, e eu como todos os estudantes, lembrei-me de lhe puchar os *cabelos*...

Sê outra vez são errado
O *Cadete* logo espóca,
E o... *carcêinho* protesta
Por faltar a D. Dêca.

Se terceira não confere
Se dána ainda o *Dermól*
Por inda ter escapado
Duas gulas de *Faról*.

Adeus, meu caro *guígui*
Rei do claro *querozêne*
Deixa o besto Ricardo
Que no caixa sempre péne.

X.

Pelo correio urbano

3.

Meu Aires Salomé

Sei que gostaste da carta que enderecei ao Dante Faria, assim como tenho a certeza que zombaste do Bismark, pela que lhe foi dirigida na edição paasada. Mas «quem tem telhado de vidro, não atrai pedras no do vizinho»: riste dos outros, e, a tua vez chegando, é justo que os outros riam de ti.

Não te aborreças comigo, porque sou teu amigo, e se vou ironiar-te é porque «a consciencia e o coração do individuo devem pulsar sempre juntos», segundo a opinião do Dr. Georgiano; e assim sendo, a minha consciencia me intima a fazer e o papel do meu coração é se conformar...

Gosto tanto de ti como aborrêço a tua execução muzical, para não dizer a tua falta de senso na arte de Jubal. Se conhecesses, se soubesses o teu valor nessa arte, esteu crente que não mais na flauta pegarias, quanto mais tocar, porque és um bom rapaz e te havias de coudoer da paciencia dos teus vizinhos e dos ouvidos dos teus desgraçados ouvintes; pois, segundo me disseram, o Senhor dos Martirios, que móra defronte de ti, queixando-se dos seus flagélos, inclui a tua execução

O' decepção, o professor ficou ca-rêca e eu com um *chínô* na mão...

No segundo banco, estava repinpado o Alcide Costa, que ao passar o veículo pelo largo dos Remedios, viu o José Vinhaes que passava, atacado de suas terríveis contrações e não se podendo conter, atirou-se do auto, abecando o cujo nestes termos:

—Vinhaes, tu estás me *arremedando*?

—Não, não é só tu Alcide, que engole cobra... eu também gosto...

—Quando de volta o auto deca a rua Grande, uma grande multidão estacionava, vendo o *mimozo* Dante Fari... nha muito pezaroso, chorando debaixo de uma janela, exclamando: —Ella, sempre ella!...

(Continua).

no rol deles, alegando doer mais que a corôa de espinhos...

Tens outro defeito digno de correção: queres ser *yankee* a murro, usando calças estreitíssimas e palitões compridíssimos. Deixa-te disso, mais se não me quizeres a tender bebe, ao menos, inspiração no *mister of Lisboa* figurino dos Estados Unidos que poderás à noite passar como tal.

Possues uma outra cisma que ia esquecendo: és feio, mas és desses feios persuadidos, e se alguma moça te olha (porque os feios também se admira) é o bastante para que te sirva de *guia*, isto é, tu a acompanhavas até findar o seu itinerário. E a tua pouca formosura parte desses têm olhos encovados, aproximando-te das corujas. Digo coruja porque na sexta-feira, 28, passaste, revestido de opa, na rua do sol, ouvi uma moça te achar parecido com essa ave noturna.

Estou cansado meu Salomé e como isso não é meio de vida e sim passatempo, e ser «tarde e o astro rei no poente, a cortina da luz ir cerrando», von de ti, me despedindo, te enviando um abraço de desculpas.

A. S. Reverdoza.

OS ATENIADAS

Canto primeiro

7

Vós, Ilustre «brazão» (11) aurifluente
De uma luta renhida e mais campada,
Que outra qualquer que seja adjacente,
Mais rubroza, mais forte e mais uzada;
Sede bem o trabalho que imprudente
Vos atiro na vista sublimada,
Na qual ganhei por arma (e não mudou)
Uma pachorra igual a do vovô;

8

Vós, mestre Mingo (12), cujo ministério (13)
Não vê este meu trabalho, acesa castro
Não vê também o autor (14), posto que aéreo
E quando passa é rápido e matreiro;
Vós que seguimos voas majestoso (15)
De incógnito cidadão bem brasileiro
De ilustre bofetista, e seu bofio
De mais alto valor do Norte ao Rio (16)

9

Reporas tua instante esta humidade,
Que os outros signis voas belo exemplo,
Que o mundo vê com máxima bondade
E eu lá muito, com gosto, assim contemplo
A atenção voas, com seriedade,
Dirijilhe e vereis num baixo templo
Nossos grupos e seus feitos prodigiosos
Em prova e versos breves, desculhões.

Camonilo,

(11) — chefe
(12) — Domingos Barboza, grande contur
maranhense; ex-deputado ao congresso do
Estado e diretor da Imprensa Oficial.

(13) — glória
(14) — Camonilo
(15) — pegadas
(16) — Em todo o Brasil.

O Canhoto treme

Quando vê:

— o Ricardo Camaleão, brigando com o Cadete por causa dos *quantos lhe vão*

— o deputado Figueira, zangar-se no Congresso, esmurrando as mezas.

— o bacharel Raimundo Lopes, falar com exatidão...

— a altura do «Sacramento» do Godois...

— a *póse* do novo escrivão João Victor

— a lista das pessoas que estiveram em palácio com o Governador: Estiveram com S. Ex.^a Frederico Figueira, Fulano, Beltrano, Cícero, João Lima e Crizostomo De Sousa...

— o Moraes Rego (não o de pó de arroz) tremendo com nervoso, isto é, *parafobia*...

— o Jesus, discutindo com o Henock, sobre o espiritismo...

— o Eugenio Almeida, passar por uma borbearia e olhar para dentro...

— o Nascimento manifestando as manifestações que se manifestam, no manifesto...

— o A'nizio (o girafa) falando com *póse* na porta do *cinemause Palaceuse*, aplicando os sinônimos da gramática *crizostérica* do célebre sabio J. Crizoste. Vóóóóte cobra!

— o Novaes, narrando a tempestade passada no tranzatlantico que o trouxe de Capadó...

— o segundo Seabra, declarando se a uma ela qualquer, dizendo que está loucamente apaixonado e que o seu *grande amor* é logo que lhe queima a alma...

— o Bigodinho ditar o caixa ao Camaleão...

— o Gê (do telhado molhado) zangado, porque perdeu o bicho...

— o Americo, com a boca cheia de lingua...

— o Caldas chorando...

— o Lima (o Pachóla) lendo a lambada que tomou na «Pacotilha».

— o Sadoe dizer *adoravel*...

— o Botelho junto ao Nogueira...

— o Tabosa em automovel...

— o Serra discutindo fitas...

— o Tomé em frente ao João Diogo...

— o desembargador Braga dançando quadrilha á francêza.

— o deputado Raposo, receitando bromurêto...

— o Nereu Moura recitando os versos de Bilac...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

— a lista das namoradas que tem tido o José Bordalo...

«Satanaz», belo film da Ambrozio, cuja 1.^a parte, foi domingo assistida por estupenda enchente em 4 sessões, nada deixou a dezerar...

A 2.^a parte levada com igual êxito, confirmou o triunfo da 1.^a

Sexta-feira, ainda as 2 partes foram postas em exhibição, perante grande numero de extaziados espectadores.

Hontem, «A prova», belo lavor da «Nordisk» e tendo por complemento «O Bilhete de 1.000 fr. ?», comedia de Ambrozio, conquistou mais um botão brilhante para sua corôa de triunfo.

Hoje com certeza, fará a honra do dia, com matizada ás 4 horas: «Satanaz» e em sessões continuas a noite, com bem confeccionado programa do qual faz parte a estupenda e piramidal pellicula da «Nordisk» em 4 partes «As filhas do Comandante» que de certo será a delicia da noite.

Manquillo.

Ultima hora

Já havia decido para o prelo o nosso jornalzinho, quando tivemos a grata noticia de terem sido nomeados no ultimo despacho coletivo, os srs: Augusto Reis, fiel dos Armazens da nossa Alfandega, para o lugar de 1.^o Escrivão da Alfandega do Alto Acre e Neuton Valente, despachante geral, para o de conferente da Aduana Paraense. Aos distintos jovens funcionarios o nossos efuzivos parabens.

— 3 —

Policiamento Secreto d'«O Canhoto»

Diz Lord Jackson que:

...o Godovaldo Bastos, está mesmo matando os corações das pequenas, com aquele belo uniforme amarello... Pudera!

...o The of Lisboa e o Dante Faria, estão fabricando um novo dicionario, tendo por base o de Candido de Figueiredo... Bem nos disse o Mucio Teixeira, que havíamos de ter dois malucos no norte...

...na grande praça da igreja de St.^a Ana, vai ser colocado o busto do imortal e sempre lembrado Artur Azevedo, desde que appareça o arame que se angariou furtivamente, para esse fim... Dia de São Nunca?

...a vilante da Modelo, quando alguém vai se aproximando ela diz, sacudindo o braço direito:—Não me faça coisa

... todos os alunos da Normal são feios e desdentados.

...o Horacio tem mais zangões do que despachos...

Sipo!

Films

Do leito de febre, em que me acho, pedi pena e paizal para falar em fitas...

Os leitores, prontos que estão dizendo com seus botões: lá vem o ideal, pro meio...

E acertaram; porque é ele, incontestavelmente o clou das nossas diversões.

O Canhão

De canhão não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martello»)

ANO 11

S. LUIZ, 23 DE MARÇO DE 1913

NUM. 18

Américo César

Passa, a 26 do corrente o 1º aniversário da transição, desta para a vida de além-túmulo, do dulcíssimo poeta, que foi Américo César.

Não é um nome desconhecido do nosso meio, por isso, que durante, seguramente, um decênio, andou, aí pelos diários, hebdomadários, revistas etc., a subscrever mimozas produções poéticas, que só mimosas o são, porque não têm, a castigar-lhes a plástica sentimentalista, o canção esparilhado da forma torturante.

Não é um nome desconhecido, sim. Mas um nome que passou sempre esquecido dos seus patricios, porque Américo César, nunca transpôs o círculo de ouro da sua singelêza, para ir bater á porta do cenáculo de beletreistas histriões, que se vão glorificando, mutuamente, nos banquetes dos constantes pregões, que, da sua balôfa sabença, publicam e descaradamente fazem.

O nome do autor do *Martha*, *A minha mãe e Ao meu coração*, conserva-se ainda esquecido pelos seus ingratos patricios, porque nunca serviu, em letras garrafas, de pomposo título a notícias encomásticas, que, a miúdo, se nos depaeram, nos nossos jornais, e em que se exaltam os pseudos méritos dos literatos de encomenda, que se guindam, embora não passem do réz do chão ás alluras em que pairam con-ôres.

Mas, nem por tudo isso, será completamente esquecido o nome do poeta da *Oração da tarde*. Porque, em torno das fulgurações do seu talento, se acham ainda alguns rapazes que, desprezando, por dignidade, o despatismo de talentos pachisbeques, fujam, por lhes fazer asco, aos setérrimos do pessimismo grassante nesta terra, para sómente cantar lóas a tudo que louvores mereça.

E o nome de Américo, mais vivo ainda ficará, si a família do poeta enviar esforços no sentido de nos deixar, em livro, o que ele nos deixou brilhantes versos, que são o mármore em que se gravou o seu nome, para alestar, a quem o livro perliustrar, que, no simples homem, que não se deve esquecer, havia coisa de mais útil e admirável, que se deve lembrar.

E' é por isso mesmo, que, noticiando o 1º aniversário do passamento do poeta, relembramos lhe o nome, não, porém, cheios de saudade, que Américo César não morreu, intelectualmente:—Vive, glorioso, no doirado sólio, que ele mesmo construiu, dos seus singelos versos harmoniosos. Ele não morreu.

Não f... Nem fúnia a parca temerária
Conseguiu ensonbrar os fulvos brilhos
Dos talentos daqueles que são filhos
Das muzas, —numa campã funerária.

Não conseguiu fúnia f... Prêza aos filhos
Do verso, o poeta, a alma, em luminária,
Deixa, e, da rima, embora secundária,
O nome prende aos fújidos cadilhos.

E tó, cisme do canto brando e terno,
Tá tens a vida, sonhador, gravada
No Mármore das rimas do teu verso.

Morreste, sim, mas que te importam prantos,
Se vivas, se o teu nome existe em cada
Estrofe azul dos teus mimosos cantos f...

Apolinário de Carvalho.

Retratos a lapis

14º

C. P.

Desviando-me do estilo redaccional do colega Feijó, busco miriadas de rozas e alguns cravos, dos inúmeros craveiros que existem na rua onde mora, e formando delles um lindo ramilhete, inicio o breve retrato desta senhorita.

E' dotada de uma rara e inação que a faz mais amavel. Louca pela dança, faz d'ella objeto de sua predileção, pois é uma das nossas patricias, que melhor e com mais perfeição valsam.

Vendo a dançar, dir-se-ia Terpsichore, tal é a sua afeição a tão apreciada arte. Gracioso, é o seu sorriso, pois, com o seu rosto redondo, decorado pelos caprichozos lagos que uza, formam um encantador e romantico conjunto. Orgulho-me do retrato a lapis, pois raras vezes sai, entregando-se somente, ao carinho com que é tratada, no concheço da sua familia.

O seu ideal, parece ser a musica, pois estuda com afino o bandolim, e quem por lá passa, ouve suas alyas moçosilhas, executando sempre *Carmen* a grande opera de G. Bizet.

Dante Faria.

Flôr do luar

Lonje, muito lonje, em parajens silenciosas de montanhas azues, Santinha nasceu.

Era bela como o sorrir dos anjos, meiga como o doce murmurio da briza caprichosa e pura como o cascatear dos arroios alvissimos que suspiravam dolentes como o seu coração de virgem enamorada.

Os jovens da aldeia dedicavam-lhe ternos cantares, —doce siofonia de amor, que se ia despedaçar na altiva indiferença da rainha d'aquellas rejões.

Quantas vezes, quando a Douza passava, por aquelles poéticos caminhos, de flôres alcatifados, ouvia os queixumes dolorozos das pobres almas amantes.

Ela, porem, voltando á casa, cismava á beira de um regato branco que, banhando as campinas viventes, dezaparecia ao lonje, dizendo talvez a romantica cismadora:

Vou procurar teu noivo! E Santinha, branca, muito branca como a mimosa flôr do deserto acoitada pelo *simoun* bravo, de flichava dia a dia, vento que não voltava o noivo atorado que partira em busca de fortuna ou talvez, quem sabe? de outros olhos mais lindos que o inebriassem com ternas caricias de amor.

Choroza, ela vivia a contemplar o luar que, mais constante que o noivo ingrato, vinha beijar-lhe a fronte.

Uma noite, quando gemia parecendo ouvir uma voz que lhe dizia: Chora noiva infeliz, o branca flôr do luar! Chora! Como oinho vazio que soluça com saudades das alegres avizitas, assim tu carpes, ó pobre orfã de amor, o cruel dezanlace de um noivado feliz. Tua vida, outr ora paraizo de encantos e doce carme de venturas, não mais deslizará suave como o regato siviado —que singrando a verde alfama das campinas, vái morrer lonje, muito lonje, levando no seio a essencia pura dos teus olhos de Santa!

Chora, ó noiva da noite! porque o altar do teu himnoeu será o céu imenso, a benção de sacerdote —o triste gemer da briza; as flôres do dizdema de virgem —a ramada verde dos ciprestes e o talamo nupcial —a aljôla do túmulo, mais doce que o beijo do luar e menos fria

O CANHOTO

Organ quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.

Número do dia..... \$100

Número atrasado..... \$200

Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Tiragem 1000 exemplares

Colaboradores—diversos.

ASSINATURA

Semestre..... 1\$200

Ano..... 2\$000

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida a «O Canhoto» Rua 28 de Julho n. 53.

BRAZIL MARANHÃO SÃO LUIZ

que a alma do cruel noivo que te desprezou!

Santinha, a triste fiór do luar, levou a nivea mão ao peito, e, sem presentir que o coração se espedaçava tombou como a fiór mimóza de deserto ao ser agitada pelo *sismoun* bravo, tendo nos lábios um sorriso meigo tão triste quanto um raio de lua, como o funeral das suas iluzões.

Hoje, no sinjelo cemitério da aldeia que a viu nacer, dorme a virgem daquelas solidões tendo por leito a tristeza de uma campa, e por noivo querido a doce luz do luar.

A. C. N.

A criança

Todas as vezes, que na pena pego, para rabiscar qualquer couza a mão me trema, a tinta se enrolece o mata-borrão se nega às caricias do papel, as letras dansam-me diante das pupilas, e o meu fraco intellecto se embrenha por regiões incognitas, e eu não acho assunto...

Diz-me um: Faze um Retrato a Lapis...

De quem? pergunto.

Ora essa é boa, de qualquer senhorita, tua conhecida...

E eu faço.

Historia de um grão de areia

NARRATIVA HUMORISTICA DA ATUALIDADE

Por Hello Facatu.

Por espaço de uma hora tivemos que ficar ali, por ser impossível o tranzição, com grande pezar do Gondoalvão, que estava vendo fujir a sua querida gazolina...

Depois que o Dante acabou de cho-

Outro replica: Mete a táca nesta canelha.

Que canelha? replico.

Ora essa ainda é melhor: os pre-tenciôzos *crioçstis*...

E eu tôzo.

Assim é que é.

Hoje por exemplo, estava indeciso, sobre o assunto, quando o colega Mario Leal, lembrou-me, que falasse sobre a infancia, em todos os pontos de vista.

Em todos os pontos de vista, confesso seria impossível, atendendo a minha tacaña intelligencia, mas contudo, vou vaguear em algures mais interessantes.

A criança meiga, jovial e formóza, tem valor para aljear as mais corruas concienças, os mais perfidos bandidos.

No sorriso da infancia ficam prezos os mais sacrosantos dos sentimentos, os mais puros dos ideais.

O Amor, para ser sincero, puro, devolvido é mistér, que tenha origem desde a infancia, onde os sonhos inocentes são embalados por favonios doces de caricias...

A criança, mereça as mais altas considerações, porque é na criança que o pai esperancozo ante-vê o descanso e o conforto do futuro; é na criança que se concentram os mais puros mananciaes os mais aperfeiçoados espiritos...

Quem não se sente enlevado com o sorriso da criança?

Quem tem coragem de mal querer uma criança?

Ninguém, de certo.

E é embalsado com os sorrisos alacres das crianças que eu faço estas linhas, despidas de beléza intellectual—mas, exprimindo toscamente um puro sentimento para com estas crianças de hoje e glorias de amanhã.

H. Ferrari.

CORA.

Ao Siloa Aldenor

Parece que ainda estou a vel-os. Cora o divino anjo que o infeliz Alcino roubou dos carinhos maternos, debruçada sobre a pequena mala que servia de meza aos moradores

rar, olhou para traz, e vendo aquélla porção do gente, espantou-se e em vertiginóza carreira, veio esbandalhar o nariz, no batente da casa, quando entrava...

Prárrá pan chitit, fon-fon, já seguiu o auto e eu sempre no chapéu do professor.

—Pare al—disse o professor, ao chegar perto do Cinema S. Luiz.

Ele decen, e eu com ôle.

Quando passava pela biblioteca, pul e tropei na janella.

As môças viviam nos salões zun-

daquella desgraçada choupana, chorava amargamente, lagrimas que mais pareciam orvãlho em perólas. Alcino, o bom filho que por amor da mulher que ele acabara de maltratar, tornou-se um miseravel, um bandido safu carabaleando de um ao outro lado da rua, perseguido pelo forte vapor do alcool.

Pobres e desgraçados jovens!...

Quantas vezes a pobre Cora, no seu abandono debruçada em lagrimas, dizia: Ai minha mãe... ai... da tua desgraçada filha... amor... miseravel... pobre de mim... pobre... ALCINO... amo o... Calava-se por instantes e depois continuava: Fazem dois anos que eu miseravel filha, abandonei a minha pobre mãe, quem dera te-la agora junto a mim para me dar animo e resignação.

Dois anos de sofrimentos que mais pareciam dois séculos, tinha eu então quatorze anos, era inocente e amava loucamente ALCINO; ouvia atentamente seus projetos, de no futuro sermos felizes, eu fiel espoza carinhosa, ele docil marido, ninho do meu amor.

Um beijo! um beijo! ai miseravel beijo, doce outrôra, e amargo para sempre. Com o beijo um forte abraço, e com o abraço... (sinto ainda o palpar do seu anciozo coração) veio... veio a fujida, a desgraça, pobre de mim, pobre de ti ALCINO, e adormecen...

Banhava a terra, os primeiros raios solares, ALCINO que em perfeito juizo volveu á choupana, encontrou-a ainda debruçada sobre a mala, mas adormecida. Admiron-a e falou baixinho:—como é bafa, como amo-a: ajoelhando-se poizou delicadamente os lábios, nos lábios daquelle anjo adormecido.

Ao sentir o calor do beijo do seu ingrato amante, despertou, ALCINO: balbuciou. Voltaste? Vae desgraçado, não mates com finjimentos aquell que tornaste uma miseravel, vai, parte deixa-me só, só morrerei contente.

—De joelhos supplicou ALCINO: CORA, perdão, perdão! amo-te anjo, não me abandones, vem aos meus braços, seremos felizes um dia. Não deixes o teu desgraçado ALCINO atirado ao desprezo. E dizendo isto, rolaram lhe pelas fa-

bindo como em mezas de necroterio. As prateleiras quasi sem livros, gemiam com saudades dos seus antigos inquilinos.

Um rapaz bem parecido, que pelo jeito advinha ser academico, entrou e contou-se e do Catalogo escolheu uma das belas obras de Zola. O empregado tomando a numeração, foi em todas as prateleiras e voltou dizendo: Tem, mas já acabou.

Esta outra também deve ser boa disse o rapaz. Também já acabou, foi a resposta.

ces duas grossas e cristalinas lagrimas.

As lagrimas do arrependimento!
O lindo anjo atirou-se aos braços do infeliz amante, e os seus lábios chocaram-se em doces e frementes beijos.

D. de V.

OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

10

Vereis um rasgo raro e bem subido
De corajem «canhota» e «bem frater-
na» (17)

Que nos dá muito orgulho, desmedido
Por um meio notavel e moderno.
Vereis rasteiro (18) o altizono ruído
Daquelles que co'as «azas do galerno»

(19)
Filam (20) de mais; vereis qual mais
potente
Se ser como nós somos, se indolente

11
Sabei que não vereis grandes patra-
nhas (21)

Cheias de fatos mil, cenas ruidosas,
Nem de couzas fatias, nem varias ma-
nhas

Colossaes, gigantescas, mentirozas;
São verdadeiras azas (22) de campa-
nhas

Que nos enchem de glórias mui honro-
zas

Que não granjeia um grande literário
Que ostenta orgulho vao, do mais ras-
teiro.

12

Aqui retrato co'o maior esmero
Um cidadão de fama p'ra... xouriço:
Cristostomo DE SOUZA ou—João Bo-
lero

Beletrista de nome em grande viço
Grande escritor de noveis fóra... zero.

Ela em porção e assim co'este serviço
Voa mudando de chapá e a atiro á
chama

P'rá se *diafanizar* sem ser na lama.

Camonillo.

(17) — de comum accordo

(18) — acobado

(19) — penca e lapis

(20) — plajum

(21) — historias fahlozas

(22) — ajuda-auxilio.

Precizam-se de crizostis
para a venda
deste jornal.

E esta?

—Tambem.

—E aquela?

—Tambem.

O'ra sebo, que aqui tudo já se a-
cabou, não tem mais nada que se
possa ler, zangado saiu, bradando ás
armas.

Poderia leitor, narrar-te mais ou-
tras coizas que vi, mas não faço hoje,
talvez mais tarde.

Atireime na calçada e enrabichado
numa sala preta, sala não, era batina,
fui levado até o Congresso.

SAUDADE

A. B. M.

Quando se esvai a tarde desmaiada
Como que, pela noite repelida,
Sinto minh'alma triste e abandonada
Padecer de saudades, ó querida!

Que saudades da noite enluarada
Que te considerei a mulher mais fida,
Quando depositei, na fronte amada,
Tremulo beijo de uma despedida.

E desde então sofrendo, vivo auzente
De ti, que te amei tão veementemente
Aos primeiros clarões da inocidade.

Depois, esta minh'alma tão sonora
Frá chorando pelo espaço em fóra,
Nas azas rixas de forte saudade.

Jóia Té.

Assassinos olhos

Quanto á mim custa, parar
diante duma mulhêr!

Tenho medo.

Afigura-se-me um espectro! Uma
coiza aterradora!

Saio! Corro! Fújo!

Não sei explicar. E' fantástico...

Há homens que, quando são
alvo de suas lizonjas, afirmam-se ao
abismo que, prezide *Capido*.

Eu não, apavóro-me... est'rreço-
me... Suponho nma perseguição!
E' original.

Dentre o sexo masculino crê-o
seja eu, o único que se acováda
diante da mulhêr.

Porque?!

A! Não sei. Escurece-se meu
pensamento, como que passando
espessas brumas!

Deixo passá-las... espero...

Lá se foram!

Agóra é limpo, claro mas...

O', espanto!

Lá veem... são eles! São eles,
os seus olhos!

Aqueles assassinos!

Mario Lial.

Informa-se nesta Redação,
quem venda fitas cinematogra-
ficas e um cinematografo, em
perfeito estado.

Deci da batina e subi no predio,
que logo depois deixei espavorido,
porque lá dentro estava uma algazar-
ra terrivel e ninguem se entendia, era
só bromurêto e mais bromurêto...

Felizmente pizado (fortemente) fui
enterrado trez palmos na terra do ex-
gôto, e hoje graças á Deus, estou en-
tre os meus, gozando os carinhos da
minha saudosa espôza e os beijos de
meus filhinhos, livre dos bulícios da
cidade e contando aos meus netinhos
as histo-*as* e façanhas dos célebres
maranhenses.

ILUZÕES

As Feijo

E'ram dez horas. A noite ia
bela, banhada pela luz sonolenta da
lua, que de momentos a momen-
tos, se escondia pelo céu mórno e
merencorio. O frescor das aguas,
se exalava pelas campinas envoltas
no sudario do silencio. A noite ia
bela e eu sozinho passeava pelas
ruas. As luzes apagavam-se pouco
a pouco e tudo ficava êrmo, quan-
do um vulto feminino appareceu á
janêla de uma casa solitaria.

E'ra esta mulher, morena como
que filha da Andaluzia. As suas fa-
ces palidas pareciam uma taça de
dôr, de onde rolavam fios de la-
grimas.

E'la desapareceu no escuro da
janêla.

A noite agóra era medonha e a
lua sumira-se atraz da negra bru-
ma...

Momentos apóz, a jovem saio
como que espreitando alguem...,
seguiu com as lagrimas lhe macu-
lando as faces.

Nisto não sei se adormeci, o que
sei é que, quando rompeu o véu da
noite e que surgiu a aurora, estava
no cemitério...

«No entanto meus suspiros que se
vão.

Para sempre se vão do peito meu,
Deixando me isolado o coração».

Itapecurú.

Nelio Castro

Recebemos «O Martelo», orgam
literario, critico e noticioso que
appareceu a 2 de março na capital
paraense. Nele figuram educadas
penas como a de Durval Lopes e
outros. Almejamos-lhe vida longa,
e com imensa satisfação permuta-
remos.

José Fran Seabra

No dia 2 do proximo mez, faz annos
este nosso coadjuvante. Os seus ami-
gos «canhotos» irão nesse dia levar-
lhe um sincero amplexo, como ga-
lardão das suas belas qualidades. (Se a
sua pança consentir).

Aos leitores d'O Canhoto, peço des-
culpas se a minha historia não os de-
leitou; ás senhoritas, peço que ao pas-
sarem pela rua do Ejito, lembrem-se
sempre do grão de areia, que muito
sofreu as agruras das rodas e pés e
roguem a quem tenha poder para
que não me tirem mais da doce paz
da minha familia que tanto estimo e
prezo.

Fim

Fitas

Sucedendo Satanaz, apresentou-nos e Ideal hontem pela 3ª vez «A terceira potencia», arrebatadora criação da invejada «Nor-disk». Hoje no serão, levará o Ideal uma piramidal fita de arte n. 62, em 2 atos, 201 encantadores quadros e 1030 metros, dessa mesma fabrica. O principal papel, foi confiado a afamada artista norueguesa Regna Welbergreen: «Entre o dever materno e o amor», pelo triunfo que vem obtendo, será mais um exito para o *mignon cinema*, que vem ha muito *despertandose a invejeuse* dos seus *conferencistas*.

Na matinal, levará: A Melhor Vingança 2 partes—da Itala e A Terceira Potencia—3 partes—Nor-disk.

—O S. Luiz anuncia para hoje a fita sacra: «O monte do conito Christo».

—O Palacuse levará O enloppeuse de apeuse, fita comica de grande rizo—Dante.

Hilaritas

De um deputado

Uma lição de quimica.

—De que é composta a atmosfera?

—Ora, seu fessor, a atmosfera, é formada de *hidrojenio*, algumas gotas de *oxijeno* e uma grossa camada de *azougue*...

Um exame de geografia.

—Que é a terra?

—Terra, e um corpo oco, completamente redondo, achatado nos pólos que nos dá agua, luz e calor.

—Muito bem. Agora diga-me: qual é sua dimensão?

—Ora seu professor, isso eu não o posso saber, pois ainda ninguém teve o trabalho de fazer um metro do tamanho dela, para medi-la.

—Bravos, está aprovado com distinção e vitupério.

Did.

Hatos e Hitas

Encontrei-me certo dia com o amigo X, e ele me pediu emprestado o belo romance «Historia de um beijo», que ha trez anos guardava cuidadosamente na prateleira do meu armario, como lembrança de um antigo amor.

Tinha por este livro o mais profundo ciúme, mas, por instantes rōgos do amigo, e promessa de ter todo o cuidado e de assim acabar de lê-lo trazerm-o, emprestei.

—Passaram-se dias, mezes e anos, sem ver o meu estimado livro e o amigo.

—Uma bela tarde, saí do cinema, quando topei cara a cara com ele...

Sem mais preambulos fui lhe perguntando:

—Então, X, que é do meu livro, que é da tua palavra, assim é que se faz com as coisas alheias?...

—Não meu caro, não te levei ainda o livro, por motivos imperiosos a isso me obrigarem.

—O que? ... que motivos são esses que te obrigam a ficar com os objetos alheios?...

—Ora, colega, não te amofines, não te levei o livro, não levo, e nem te levarei, simplesmente porque mudei de pensar e peço-te desculpas por esta metamorfose de pensamento...

—Calei-me, e até hoje, tenho saudades do meu belo compendio.

Hilpafor.

O Canhoto treme

Quando ve:

...o par de colchêtes do «Diário Oficial»...

...na rua pequena, uma senhora que sofre horrivelmente de tosse, e vive constantemente tomando Bromil.

...o nariz torto do Israelita...

...o Hilton dizer que traz aquela vassourinha, no seu *mimozinho quizinho*, somente para matar as pequenas direitas...

...a chusma de sonetos que vem saindo, em *inglez* da cachola do *the of Maneco for Lisboa*. Coitado de sua *pequena mãozinha*, que tem de escrever tantas descrições de passeios aos Remédios...

...o Pilonillo Lardadere, fazendo conferencias diarias com os 4 evangelistas... da Igreja dos Remédios...

...a «pose» do Garrido que duplicou depois de sua nomeação. Agora, ou suas pernas quebram, ou ficam como as do Albino.

...o Sati dizer que no salar, o Guarda, quiz-lhe cobrar o imposto do contrabando que julgava trazer na corcova...

...a Apolinario andando, sacudir violentamente os *pequenos* braços... os labios inferiores do José Amaral...

...o novo tenor improvisado, andar de nariz para o ar, apreciando talvez os astros...

...o Eiter Souza dizer que já esbe com 2 dias de pratica, passar telegrama, o que vai dar essa noticia na «Pacotilha».

E' muito raro ver-se um rapazinho *cheiroso*, que não seja tulentoso...

Dêdo Furado.

Gula noturna

A' rua 28 de julho n. 53, lecciona-se o curso primario, por preço modico.

Policiamento Secreto d'«O Canhoto»

Diz Nick Winter que:

—o Amadeu, vai colocar o seu coração á leilão, no cinema Palace.

—o professor Da Melo, foi nomeado representante da Liga antifeminista, nesta capital.

—o Nereu (das espinhas), no curto tempo que está em Itapacurú, já conquistou tantas *guaxetas*, quantas espinhas tem no rosto lindo.

—o Jesus, está preparando um novo medicamento, contra as enfermidades do coração que tem por base a cocaína. Deus é grande...

—o Bigodinho quando passa na rua do Sól, em companhia do Dante, fica branco como neve... e cantorola:

«Sinhá me deixe

Aprender pra sapateiro,

Que o seu Assis,

Necessita de caxeiro».

—o Dante, quando viu passar o Enterro do Senhor, lembrou-se da MORTA dele, e foi aquelle berreiro dos diabos.

Quasi que era prezo...

—o the Maneco of Lisboa, foi ao Miners, aprender taquigrafia inglesa, porem, este disse que com *semelhantina mãozinha*, não há hipoteze de aprender taquigrafia. Haja em casa, the of Lisboa.

—o Garibaldi, fazendo as vontades de sua giga, só admite caxeiros concunhas. Examinem!...

—o Albino, desmanchou a sua ida a Lisboa.

—o Mosquito alemão, anda pezaroso: porque não tem saído d'O Canhoto.

Espera homem, calma...

—o João Lima, segundo o editorial da «Pacotilha», antes da posse do Director da Imprensa Official, já havia seguramente fechado a mala.

—O Facatú, não se lembrou de pouzar o grão de areia na Lilliana do Lilico.

No Parque 15 de Novembro, n. 1, informa-se quem tem á venda um bellissimo sortimento de selos para coleções, á preços modicos.

O Canhão

De canhão não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martelo»)

ANO 11

S. LUIZ, 13 DE ABRIL DE 1913

NUM. 19

Notas historicas

O Tiradentes

Absolutamente não deve passar despercebido o 21 de abril, dia em que subirá mais um degrau dos anos a memória de Joaquim José da Silva Xavier.

Porque? Fez alguma coisa, ao Brasil, para deixar essa data tão inesquecível?

Talvez não tivésse feito, no parecer de uns, mas idealizou uma vida singular, para o Brasil, quiz tira-lo do jugo, do estado mórbido de governo d'aquele tempo.

E assim chegando em Minas Gerais Drs. Barbôza e Maciel encontraram, em Tiradentes e outros, seus coadjuvantes nas mesmas idéas de independência.

Com Claudio Manuel da Costa e outros pensaram até na divisa para a bandeira *Libertas quæ sera tamen*.

Frustradas idéas!

Tendo o visconde de Barbacena sabido do que tramavam, intercepcionou os cons, irantes o pretexto do levante, suspendendo o lançamento da circular de 23 de março de 1789...

Depois era prêzo Tiradentes, no Rio na rua do Latãoiros, hoje Gonçalves Dias.

O visconde logo depois mandou prender os outros indigitados na conspiração, em Minas.

Só o Tiradentes foi julgado não ser digno da clemência de D. Maria I.

E assim subiu ao patíbulo, no dia 21 de abril de 1792, resignado e com o coração esperançoso do Brasil ser algum dia só dos seus filhos e se tornar independente!

Só o Brasil, hoje, é dono de si próprio, apesar de estar de pernas para o ar, essa idéa de independência pariu ne outros e de Joaquim José da Silva Xavier.

O Meu Jardim

Laila Vinhaes

(Sempre viva)

Cansado desta vida constante de duros trabalhos, resolvi ficar em casa por uns tempos.
Mas, a vida caseira, sem nada

Pessimista

Meu Pac:

Ao péste da saizéria acorrestado,
Por um crime por mim desconhecido,
Tenho vivido assim, sem ter vivido,
Cinco lustros de dor de um condenado.

E' surda a multidão ao meu gemido,
Ninguém me escuta o grito angustiado!
E' meu presente a copia do passado,
Meu futuro na dor ser envolvido.

Si tudo em meu redor canta e palpita,
Num delirio de amor suave e eterno,
Numa ventura interminável... infinita...

Só eu, eu só, um Tântalo moderno,
Vivo preso ao rochedo da desluta,
Sofrendo as amarguras deste inferno.

Arlindo Martins.

Fazer, deu-me tédio e então para expulsar-o, fiz este jar-jinzinho modesto...

Depois de bem cultivado, e competentemente arborizado, comecei a de ficar-me todo ao seu progresso.

Logo na manhã do outro dia, olhando da janela, vi todas as flores converjindo dobradas e reverentes ao pé da sempre-viva.

Deci para vós qual a cauza.— Sabem o que era?...

—Era lá! que airozamente de-zabrochava, era ela, sim, que des-umbrava todas as outras.

A sua fisionomia delicada, alegre e expansiva, sorria... Colhi-a para encerrar a deb lida da redoma do Anjo da Guarda.

E' uma sempre-viva mimóza a lá! —Mãos pequenitas, cabelos ca-razolados e negros e os seus olhos, men Dns, são mesmo de matar a gente!...

E que simpatia tem ela!...

Moreni-lha, fronte oival com o sangue a colorir-lhe os labiozinhos, é mesmo a deusa das sempre-vivas.

Vestidinha de branco, jovial assim me vê, vem logo conversar comigo.

E que conversação agradável sabe ela sustentar?!

Parece um que um humano com o timbre de voz, encantador.

E' muito minha amiga e por isso é a flor da minha predileção.

Mais bella mesmo que a rosa,
Não ha no mundo sem fim;
Sempre vive a flor mimóza,
Só adormecida no meu jardim.

Peijo.

Realismo

Numa sala de flores, palpitante
Entre frou-frou de seda cintilante
Reina alegria, paz amor e tudo
Que existe, bello e lindo, em todo o mundo

O coração amando, mais fardante
Entreguei numa valsa delirante
A' Dolores. Seu labio qual veludo
Me fingiu consagrar amor profundo

Sai do baile enfim e alem chegando
Encontrei um cadáver no atão de
Tendo á cabeça, uma mulher chorando!...

—E' que aquele cadáver, tinha amores,
Como na sala com magnífida
Eu amava a morena entre fulgores...

Djal Pontoura.

Retratos a lapis

15.

H. C.

Quiz um dia, um pobre genio, também retratar como os mais. Pois bem se o retrato desta linfa morena sair imperfeito e as cores esmorecidas, desculpa leitores, que este genio, nem die pulo é.

Pois bem, essa que aqui retrato, também vem orar as colunas d'«O Canhão», como as outras retratadas, não só pela sua modestia, como pelos dons de virude que a cingem como orfã.

Possue, na face duas covinhas que se vê no fornar dum angelical sorriso.

Nos olhos languidos tem o fruir que se vê de ternas expressões dum sentimento.

Quando ella fala, um metal de voz doce e brando como o ciciar da briza, acarici os nossos ouvidos...

A letra inicial do seu primeiro nome é a do instrumento com que os stygos entoavam os dôres salmos do: «Gloria in excelsis Deo».

A outra, inicial do seu sobrenome é a do coração.

Portanto leitores ji deveis ter bem ouvida o as feições, embora, nestas esmorecidas cores e nesses imperfeitos talhes.

Agora, só vos falta dizer, o pobre genio que com custo se assina,

A. S.

O CANHOTO

Organ quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.

Número do dia \$100

Número atrasado \$200

Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Tiragem 1000 exemplares

Colaboradores—diversos.

ASSINATURA

Semestre \$200

Ano \$400

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida a «O Canhoto», Rua 28 de Julho n. 53.

BRAZIL MARANHÃO SÃO LUIZ

DETO DE MORTE

Quando uma noite, lá deitada aitas,
Um forte casto nos teus lábios cãidos,
E vejoas junto a ti, duas mãos palidas
De luz que mais pareçam rubras tintas.

Não grites, ó querida, não te assustes,
Sou eu morto, que levo a triste palma,
Da morte que já estava esta minha alma,
Tenha morte que me apaga os lustres?...

Irei dar-te o meu beijo derradeiro,
E segurar qual triste aventureiro,
Sem achar nas estradas qualquer horto!

Purgarei para sempre o meu pecado
De um dia, nos teus lábios ter beijado,
Nao quando em vida mas depois do morto!...

D. Voltare.

UM BÉLO FEITO

Que é do futuro dos jovens estudantes licentistas?

Como pôde um estudante, sem recursos, cultivar sua inteligência?

Pretendo gravar aqui o que penso, atendendo o meu pouco cultivo, vilíssimo pela reforma há pouco tempo elaborada.

Outrora via-se o Liceu repleto de moços, a maior parte deles pobre que, graças ao método de ensino antigo, e com facilidade conseguia sua formatura, pois os diplomas a isso facilitavam.

E hoje? Ah! hoje, vê-se o Liceu frequentado por diminuto número de alunos, mas que é dos professores? ... Existem materias no Liceu, das quaes os alunos não aproveitaram sequer uma aula desde o início do ano. Uma das que me refiro, lá um dia teve a feliz dita de ver o lente, porém este logo depois retirou-se, alegando ter morrido a avó de sua avó ou coisa equivalente, deixando os alunos sem aula. Uma outra, até é hilariante, vê o lente e também os alunos, nesse instante, começa a chover e a pedagogia dizendo: «é demasiadamente perigoso dar-se fun-

PREFACIO

Sabe a - mais ao paratiro dos titulos,
Que, outrora, com bastantes estopidas,
Enchia este jornal com tantos páculos,
E, agora, co' estas linhas mal rimadas.

O rastro dos pulões, indolentes
Seguires, com facetas e avarências,
Da De Souza os produtos cordões
Imitares. Não coizas plajadas!

Serão, com grande ataque, apreciados
Estes versinhos meus tão mal fundados,
Mas julgo irão do sul do norte pólo.

De sul ao norte pólo irão soando,
Aborrecendo nas e outros delectando,
E sempre molestando o deus Apolo!

Mário Lial.

ciamente a estes aparelhos, pois neles se encobrem imans que nos podem chamar um raio, portanto, deixem s para mais logo, e adensa, Lá vai o lente escalfando-se, é original...

Sá desta para entre a aula o desventura to aluno a o professor exclama: «já que o colega teve mé to em também que o meu compasso é de aço, tenho mé to de raio» e vai também se escalfando. A aula subsequente, a professora com o bróxe de aço, também tem mé to que o raio lhe venha matar, e vai-se E assim sucessivamente...

Ben sei leitor que se aqui fosse reatar o que vê na nova sorte de ens no, certo ficaria de que seria abominado e pissor por indiscrétio e seria deposto a bem do serviço publico mas... falar verdade não é pecado.

Si o que acabo de narrar estivesse na vontade do critério Diretor do referido estabelecimento, certo est u ou melhor, afirmo qua, éla sempre sobeito a m realizar este estabelecimento, como todos nós sabemos duria tudo e tudo faria para tal fim.

Em todo caso, viva a memoria do Rivadávia!...

Dante Faria.

Amor Materno

(PARA O MÁRIO LIAL)

Éra dez horas

Somente a côla estava alumada por um frouxa lamparina que bruxuleava um bágo elarão.

Nun canto, repousava inerte numa cama, um corpo de um frade que parecia bem moço...

Nesse momento, entrava no tósco albergue, um monje. Momentos após, tirando da batina um crucifixo, disse:

—Toma irmão, beija-o -que foi este que na cruz morreu por nós!

E o joven fradépo já ten o no rosto a palidez decarna; nos olhos a languidez baça pôde fltar um

momento penas crucifixo e depois tirando da sua já molata batina, um retrato de mulher, expirou dizendo, com o olhar fito n'ele:

—Dize-me cá, ó mãe! A morte é tão dura assim?...

Aires Salomé

Os Atentados

CANTO PRIMEIRO

13

Agora um tipo de mais esperança
E que tem nome certo em no sa historia
E' este janota lido uma criança
Que se chama João Lima (23)... e que

Den-lhe Deus! pois t m grande confiança
Nas frases que decora e na notória
Quantidade de pã e doce cheiro
Que ele consome pelo corpo inteiro.

63

Cumpro agora explicar: veréis contidos
Igual mente nesta obra (e não demora)
Um verso a cada um dos que entendidos
Nas lides literaes par-ira em fora.
Neste mundo real e merecidos
Hoje já haviam por agóra
Cantares os senhores cuja sorte
Por usar exajero a todo o norte (21)

13

E enquanto assim vos falo, eis um colosso
Leitores me us, capaz de um bom quebranto
Tem rara intuição, entim é um poço
De sapiencia o dico, mas no entanto
Fala tão alto, grita o nosso moço
Quando conversa e causa grande espanto
Que as moças recitando seus versos
Já lhe escapam das portas singulares.

Camonilo.

(23)- João Batista de Lima-contos cheiros e empoados, reporter do organ dirigido pelo prof. B. Melo.

(21)- Em todos os seus costumes.

Fatos e Hitas

Ora vejam os senhores:

Aqui nesta nossa S. Luiz, um rapaz não pôde su-ir na ribalta jornalística, sem que se sujeite a ser apupado e que se levante de todos os lados comentários sobre sua vida cára, feito e modos...

Já viram que gaiatos insensatos os taes comentadores?...

—Se o fulano que surge é vésigo ou tórto, dizem logo os detratadores: Qual, eu não leio jornalecos dirigidos por fulano, porque éle é vésigo e tórto.

—Se o cicerano que aparece é peládo, tem só dois dentes na frente, e gosta de andar glogando; dizem as más linguas:

Quem dá eu diche ro para um pasquim onde escreva cicerano, peládo, sem dentes e cediado?...

Que tem uma couza com a outra, ar tas?...

Então não concordam que não é um peládo ou uma tortura que fazem

a inteligência e o desembarço de quem quer que seja?

Não se lembram que o maior vate luitano, era zarólio não lhe proibindo isso que concebesse o mundial poema «Os Luziadas»?...

Não se lembram que o falecido «chanceler de oiro», era obézo.

Não sabem que a grande agulha de Hila, tem uma cabeça deste tamanho?...

Não reparam que as contorções do ilustrado Diretor do Liceu não o impediram de escrever: «A Carteira de um neurastênico» «Pela Rama» e outras belas produções?...

Ainda não virem que a pequenez de estatura, e espinhóza fice, ainda não cortaram a carreira do Vianinha, que dia a dia e a largos passos vai subindo a longa escada que vai direito ao panteão da história literária da nossa Menas?...

E assim é tudo. Falam de Cristo, sem conhecer a sua história.

Eu é que não estou me incomodando.

Que digam que sou feo, tórto, vésco, pelá-o, zarólio e mesmo defeito, não me impede de meter a taca naquilo com que não concordo, custe o que custar.

Hilpafor.

Fitas Canhotas

Leitores e leitoras, para que as vossas inteligências, fulguem n' O Canhoto, vamos abrir hoje esta seção, oriunda de instantes pedidos de todos vós:

Eis a.

Móte:

«Do nariz de um escrívão
Fiz poste de telefone».

Atenção! As Glórias que devem ser mortas serão aceitas até o dia 20 do corrente, em cartas fechadas.

Premio—Ao mais esportivo, será oferecido um ingresso para a primeira função de cinema ao ar livre que houver.

Max Linder.

Notas socines

Vem de ser empossado do cargo de 4.º Escrivão da nossa Allandega o nosso distinto colaborador José Maria de Jesus, pelo que «O Canhoto» augura ao jovem funcionário muitos louros na carreira que ora enceta.

Fez anos hontem a virtuosa senhora D. Josephina Bittencourt con-

NA HORA EXTREMA

Meia noite. Na escura e feia.
Duro convento soturno e desolado.
Um frade inda bem novo falava,
Pela irmandade toda recolhido.

Uma lagrima pura reluzia
No rosto seu, tristonho e macerado.
—Em nosso pai — um padre lhe dizia,
Mostrando a túnica do crucificado...

Indiferente e calmo, o moribundo.
Para Jesus, o redentor do mundo...
O dúbio olhar nem levantou sequer...

E morreu proferindo um nome brando.
Entre os convulsos dedos apertando
Um divino retrato de mulher!

Orozimbo Anhaia.

sorte do Sr. Antonio Bittencourt, comerciante da nossa praça.

Fazem anos:

—a 14, o Dr. Lourenço Justiniano Tavares de Hollanda, integro magistrado.

—a 18, a talentosa quartanista da «Escola Normal», Luiza Viana, irmã do nosso distinto colega de redação Waldemir Viana.

—a 23, o ilustrado professor Ozório Jorge de Mello Anchieta.

—a 24, a Exm.ª Sr.ª D. Zella Perdigão Lopes, digna esposa do Sr. José Lopes, negociante nesta capital.

Jozé Rego

Passa a 17 do corrente, sua data natalícia, este nosso colega. «O Canhoto» efusivamente felicita-o por tão preciosa data.

Jozé Mauricio da Silva

E' com imenso prazer que «O Canhoto» noticia o passamento a 19 do corrente, da data natalícia do Ilustre Chefe da 2.ª Secção da nossa Allandega.

Apostolo do dever, Jozé Mauricio de ha muitos anos, ha conquistado a simpatia e dedicação dos seus subalternos, e «O Canhoto», que se conta no numero dos seus admiradores, vendo passar mais um ano, na brilhante trajetória da sua existência felicita-o cordialmente, desejando-lhe inúmeras venturas.

—Veio trazer-nos seu abraço de despedida, o inteligente joven Roberto Nogueira Vinhaes que seguiu para a França, onde vai dedicar-se ao estudo da medicina.

Feliz viagem.

CARTA ABERTA

Meu caro Dante Faria:—Só hoje depois de muito pensar, é que resolvi escrever-te para mostrar o meu fizeo (do meu rosto.)

Tenho eu, muitas espinhas para engasgar as guaxetas ao almoço; muitos cravos para cobri-las da cabeça aos pés.

O nariz grandíssimo, para bem sentir o aroma dos seus extratos quando passam; a boca um pouco malus nla para bem sorver os... doces que elas me dão; as orelhas grandes para divertilas, n'um puxa puxa, nas horas de conversa.

E assim me julgo feliz, tendo tu to que póle agradelas.
E tu meu caro Dante?
Que queres?

«Voltas de lá feble exangue
O tanto horrivelmente sangue
E vomitando todas as mulheres.

Dentes Velhos.

Bilhete em verso

Celeste

Por que desta

Teu retrato para o America...
Grê-me, flor, liquid colérico,
Quando soube de um tal feto
Pôde de moça tão formosa,
Não se probava o retrato,
E eu que te estimo, em segredo,
Da conturção, via rade prova,
Tão grande, emel deslita,
Acreditava,
Tive medo.

Por isso, peguei da pena
E venho contar em verso,
Que o teu retrato, morçosa,
Foi, pela mão do perverso,
Cortado, para a medalha!
Vê que corajoso! O canhoto,
Pegando de um canivete,
Cortou-te os cabelos, os braços,
Deixando apenas os braços
Da tua fisionomia.
E assim foi, pintando o «Sete».
Com a tua fotografia.

Que o patife,
Sem ter o menor recato
A' tua exalta beleza,
Recortando o teu retrato
Com o canif,
O collocou, com desleão,
(Nem mões minha tristonha...),
Numa medalha indecente.
Que esse parvo oza, pudente
Da chateleite.

Desculpa se te desdouro,
Neste bilhete contando
Do Américo o desafio:
Mas se fizesse apreciando
O proceder desse ingrato,
Eu, entretanto, Celeste,
Vendo cortar se o retrato
Da mulher que amo, em segredo,
Digo-te, agora, sem rancor,
Não perdoo a que fizeste!

De quem, com muita razão,
Mesmo um tanto arrependido,
Te dedica o coração.

Cupido.

Exposição

Jornalística

Do distinto patricio Dolival Moura, recebemos amizosa carta-con-vite, a concorrer ao grande certamen, que pretende realizar, cujo objectivo é a exposição de todos os jornais editados no Brazil.

Tal iniciativa, de certo, merece o aplauso, e acção de todos os

brazileiros, pois é a primeira que nessa sentida se faz em nosso querido país.

Todos os diários, periódicos, revistas, etc. que queiram concorrer à exposição, devem dirigir-se a D. Lival Moura, rua Marechal Floriano n. 149, Cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, até 30 de Julho do corrente ano.

Fitas

Inicia hoje o Ideal, a sua semana de triunfo, com a fita «Direito de espôzo». A interpretação artística «ujo sublime trabalho, delicia a todo tranze: o Wuppscklander e a Elba Tompson. Taes artistas, compenetrados do papel que lhes cabe, com a maxima perfeição desempenham-o até nos mais insignificantes lances.

Wuppscklander, suprasumo da simpatia do palco dinamarque, Elba Tompson, supremacia da elegancia. Será uma noite de primores no Ideal. A fabrica «Nordisk», já nos está tão simpatisada. O Ideal dará a criança o enredo de ver na madrugada «A Feiticeira» que na semana finda, foi o deleite dos seus frequentadores.

Uma surpresa, tivemos hontem, a dançar na Saharoth, com sua garridice sem igual, no «Fogo Fatal» concepção dramatica que emocionou a plateia, no seu decorrer.

—O PALACEUSE, por centenas de pedidos levará ainda mais uma vez «Os Miseráveis». Entradas de 1^a — 200 reis e de 2^a — 100 reis. Avance.

—O S. LUIZ, levará um programma estrondoso do qual será o estrondo «O principe demente».

Dante.

O Canhoto

Honra a nossa modesta meza de trabalho, trez bem elaborados numeros da «Revista Escolar», organo do importante Instituto de Humanidades, cujo Director é o nosso tabutizo confrade Joaquim da Costa Nogueira. Semelhante permuta, honra-nos sobremaneira.

Recebemos o n. 3 da «Via Lúcia», organo do gremio literario Abilio Neves.

Com mais essa revista prova o Plauí seu amor pelo progresso e pelas letras.

De Pernambuco, recebemos «O Despertar», periódico que se publica na cidade de Palmare e «A Lanceta» que incontestavelmente é uma das melhores folhas humoristicas do norte. Demasiadamente apretamos afeitura desses colligas e com indilivel satisfacção permutaremos.

Recebemos o n. 1 do «Labors», organo dos alunos do collegio S. Francisco de Paula. Meu caro Redactor, uma franquezinha franca: vosso periodico, com o organo de S. José, S. Benedicto, S. Pedro e todos os santos da corte do céu, aqui, apreciamos muito a sua correcta e instructiva redacção.

Parabens, e auguramos ao collegio uma futuro rizenho.

Pedimos a attenção dos leitores para — «Fitas Conhótas».

O Canhoto treme

Quando vô:

—o cego Silvino, expirar agua benta nos fiéis

—a cira de dór do demente da Pezeguíro filho.

—Jãozinho Ro olfo, lendo tran-ez na tela, traduzir *frutas indigestas*, por *frutas indigenas*.

—a vós retumbante do microscópico O Argôa.

—a vós alambicada do Saint Clair.

—o Cécio e o V. sconcillos, porque pensam que têm deante de si, duas heterrâbas em vez de dois bem criados narizes.

—o Lima com o saquinho das piégas com que o Palaceuse gratifica o pelos arrembantes e comovedores elojs no organo do professor.

—a «Pacotilha» e tupida de annos cinematográficos, da cabeça aos pés.

—as inumeras operacões que já tem feito o academico Nina.

—a *great attraction* do Palaceuse, antes da acontecer. A *great attraction* prevista. *Coitadeuse*.

—a elegante senhorita que disse no «Palaceuse» que se não occupava em ler o «Canhoto». E mas mo, porque «O Canhoto», dela se não occupa, só se fór nos «concursos de feitura ou prezação que serão bravemente.

S. Ex.º Dr. Domingues, dando lições ao congresso.

—o He l annecendo *matinada*, pelo organo cinemático gráfico «Pacotilha» e *matinee* nos seus programas e cartazes.

Deixem *matinee* nos Palaceuses.

—o José Vuhães, dizer que é antileical, só para não entrar para o «Coração de Jesus».

Olha o *of Lisboa*!

—a reminiscencia umbigastrica do Dante Faria

—as moças misturadas com os ursos atravessando as ruas.

—a póse do «molho» que evita conjunctivas no canto do «Normal».

—o annuncio que o Dico Lopes attorou no «Pacotilha»

—o grupo das novas praticantes a telegrafia incluzive o Dante.

Hilaritas

S. f hontem á noite para vizitar um amigo.

Caminhava pelas ruas mal calçadas, óra ven o automóveis que passavam, ora pessoas que se di-

rijam ao Cinema, quando ao passar pela Fonte das Pedras, pizei alguma coisa que me pareceu um sapo. Cheguei á casa do amigo que me tratou mui cordalmente. Depois de conversarmos trez minutos ele disse-me: Serrôto, sinto um cheiro de agradavel que parece partir de ti.

—Não pôde ser balbuciei. E ouvindo isto, retirei-me muito envergonhado.

Mas quando cheguei á casa, chamei o criado e entreguei-lhe os sapatos para limpar. Ele porém olhou-me e com um sorriso de zombaria, disse: o patrão pizou um bruto *crizoste*.

Frei Serrôto.

Policiamento Secreto

d'«O Canhoto»

Diz Scherlock Holmes que:

—é na giga do Corrêa que está concentrada toda aquella sua reputada sabença.

—o Bigodinho diz que tem esperanças de possuir 300 *contecós* somente para despozar a morena que está no Rio. Cava Bigodinho.

—o «Palaceuse», acaba de perder mais um *habituê*. o Albino.

—um dos *pombinhos arruladores*, disse num cinema: a primeira exhibição desta fita, o Wuppscklander estava melhor vestido e o cabêlo abeto a dir-sta é em vez de Malheiro tinha escrito Beltrano, reparaste?

—o Asdrubal, comunicou-nos que estre rá domingo, um novo fado, pois está sendo muito fadado.

—será possível que para o cinema moderno, não venham *chanteuses*, *dizenses*, *danceuses*, *chocolateuses*, *arturzinhas*, *adateuses* e outras *euses*? ... E lá também, não será perfumeado com *essences*? ... Os deluntos também prezam de perfumas.

—o modernismo, segundo o ultimo modelo parizense, manda que os cinemas modernos tenham as parêdes de madeira e o telhado de zinco.

—o Djalma está aproveitando as pilhas da vassourinha do Hilton para seu bigode.

—o Jão Diogo vai man far cortar o bigode para apresentar o Arlindo.

—o tesoureiro da Alfam lega muito parece no fado o mais «chegado» sábio do Brazil — Ruy Barbosa.

—o 4º Garrião abondonou sua famôza luneta.

—a Baccalar depois que foi a Europa pizeu a Inglaterra.

—o Hilton chegou a comprar uma menina dis(que)usó vendo.

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d' «O Martello»)

ANO II

S. LUIZ, 27 DE ABRIL DE 1913

NUM. 20

O Meu Jardim

Zulmirinha Marques
(Anjélica)

Logo após ter cuidadosamente guardado a sempre-viva, uma outra florzinha, não menos graciosa, brotou festivamente banhada pelo orvalho matutino — a anjélica.

Um rumor de pé, foi a saudade da brisa a mimosa Zulmirinha — Salve a rainha das flores! — gritava uma — Viva a meiga anjélica! — baibuciava outra —

Pequenita, seu rostozinho de um moreno fino e aveludado, dentes, nevados, cabelos bastos, negros e ondulantes, a sua voz de citara, em trinado melódico, penetra aos ouvidos como salmos divinos. Ainda bem me lembro da doce aparição da meiga Zulmirinha quando fez o papel de anjo, ao grupo das simpáticas pastorinhas da Família Santos...

E sempre que surja entre fogos cambiantes, um frenético estorir de palmas vibrantes, era a saudação sincera à minha garrula anjélica...

Tenho ainda na memória a grata recordação do diálogo mimoso A BONECA, que com arte e graça disse o ano passado pela festa do Colejio do Sagrado Coração de Maria... E assim, vá lá crescendo, sempre adorada e bela. E hoje, tenho a honra de apresentá-la aos meus leitores, como uma das mais finas e belas flores do meu jardim.

Junto com a sempre viva, isto é, dentro da minha alma, guardo a hei para sempre, e cantarei sempre hinos à sua arrebatadora formosura.

Hoje, é menina galante;
Amanhã talvez — rainha
Brilha mais que o diamante
A anjélica Zulmirinha.

Feljó.

Conversas ao luar

Enquanto as moças a um canto da varanda profuzamente iluminada pela luz do luar, conversavam sobre modas, passeios e amores num

vozear alegre, os velhos sentados em confortáveis poltronas relembavam os tempos felizes da mocidade.

Vieram a falar em sonhos. Sonho engraçado tive eu — disse o Antonio Pires, verdadeiro apreciador das moças, embora tivesse sobre o costado o peso de sessenta janéis. — Imaginem: sonhei que era Santo Antonio.

Via-me num luminoso altar lindamente ornamentado de flores perfumadas.

Depois de ter assistido impaciente a uma missa que em meu louvor celebravam, vi que os fiéis se retiravam e uma formosa moçoila, a meus pés, rezava fervorosamente.

Coloquei no altar uma vela dizendo: — Eis aqui, meu Santo Antonio, o que lhe prometi para restituídes a saúde de meu noivo. Venho pagar-vos a minha promessa. E, arrancando do peito um ramo de violetas, ia depol-o nas minhas mãos.

Ao ver-lhe a dextra, branca como a camélia e linda como o que-rubim do céu, não resisti: segurei-a e nela depuz um osculo ardente.

A moça recou e caiu desmaiada e eu esquecido do meu papel de santo, julgando-a morta, desci do nicho florido e disparei a correr até... que acordei.

Eu também tive um sonho de que nunca me esquecerei, tal a sensação que me produziu — retorquiu o Seixas um fazendeiro de nariz de pimentão maduro. Sonhei que tinha morrido.

Via-me estirado num caixão, rodeado de sírios e meus herdeiros que choravam angustiadamente pensando nos cobres que eu lhes deixava.

Minha mulher, debruçada sobre mim chorava, chorava e eu sem poder dizer-lhe que era um morto vivo!

Chegou a hora do enterro. Depois da choradeira habitual, percebi que me depunham no coelhe e ao chegar ao cemitério senti a gelidez da região dos sete Palcos. Cobriram-me de terra e retiraram-se.

Onvi, contudo uns soluços. Com uma força hercúlea arrombei o caixão e, como a terra estava fofa, pude sair dali sem grande esforço.

Eis-me outra vez cá em cima acariciado por uma brisa suave e penetrante.

la retirar-me quando vi uma pessoa ajoelhada; a chorar.

Quem és? — murmurei.

Ah! meu Deus! meu genro!

O que? Minha sogra aqui? — retorquiu espantado e, presto, atirei-me na cova e gritei:

Vai te embórra mulher!

Estou morto! Estou morto!

Acordei... e vi-me estirado no chão.

Vót! — exclamei — Que caratona tem minha sogra que, de susto até cai da cama! Todos acolheram as últimas palavras do Seixas, com gargalhadas atrevidas e eu, leitor, paro aqui, para com licença rir também.

A. C. N.

FURRAÇAS...

A' quem de direito

As vagas que se quebram mansamente,
Nas encostas de um monte em noite escura,
Quebram da noite a solidão dolente,
Quando em ti penso, imaculada e pura.

E sonho... e gozo, tão leve ternura,
Que me extasia e mata lentamente...
Vêjo na sombra a tua doce alvura,
E juro amar-te sempre, igualmente.

Mas, ó desgraça! tudo não virões...
Fatalidade atroz que me consome
São furraças, desjumbres de iluzões...

Mas há de ter um dia de valor,
Em que eu possa ligar enfim meu nome,
Ao nome santo que me inspira amor.

H. Ferrari.

Notas sociais

Fazem anos:

— a 29, o interessante pequerrucho José Hollanda.

— a 1.º de maio, a menina Anna Hollanda e a senhorita Sinhá Chagas.

— a 3, o sr. Alexandre de Vasconcellos Pires, estimado comandante do vapor Brazil.

— a 6, o simpático, querido, nevado e conquistado Plínio (Bigodinho) que passará essa data festiva, no canto do seu Assis, ou no Rio de Janeiro se puder, gozando-a junto as suas belas pequenas.

«O Canhoto» de quem o Bigodinho é apreciador nesse dia enfeitará a fachada da sua redação e circulará em edição de papelão em honra a tão bela data natalícia. Viva o Plínio!



Página solta

Dica:

Alma cheia de luz vaguel cantando
Pelo conceito azul da fantasia.
Falando aos astros, a sorrir, vadia
Borboleta de luz—rindo e sonhando.

Aqui, a branca pétala macia
De um labio de mulher, louca, sugando,
Além e mais além, sempre, pairando
Por sobre um mar de amor e de poesia.

Nas, hoje, que minh'alma aborça em flor,
Magnolia de luz, branca flor-de-rosa
Aos raios de luar do teu amor.

Só tu, Mulher, tens riso e teu olhar.
Pedem dar vida a planta que fenéce
E me fazer cantar.

Arildo Martins.

Manhã de sol

Vem nascendo a manhã, Caprichosa, vadia,
Novas constelações no céu pontuando,
Sobre serras azues, leves asas flutuando,
Borboletas gentis adojam folhadas.

Um rumor no pombal. As pombas, erradias,
Contra o vento batendo as penas, arrulhando
Céleres vão, correndo o espaço, namorando
Dos verdes milharões as espigas sedias.

Estrela esmeralda o sol sobre as folhagens
Dos altos coqueiros, dos cajueiros floridos,
Que desgrenham no vazio as rudes cabeleiras,

E, em concerto, do vento ásperas bafagens
Rompem notas pelo ar, como pendões venci-
dos,
Os tristes pavilhões róticos das bananeiras.

F. Lisboa Filho.

PÁGINAS SACRAS

Inda me lembro. Foi no ano atrozado
Por uma tarde azul de primavera,
Que numa sala a vi muito sévera
A olhar-me indiferente... e eu afastado.

Sem ao menos pensar que condeado
Ja ser pelo amor, que ali trouxera
Aquela virgem meiga, que hoje impéra
Neste meu coração apaixonado.

Muitos meses passaram, sem que a visse
E uma noite num baile esplendoroso
Encontrei-a, falei-lhe, e com meiguice

Um sorriso me deu e uma esperança...
Hoje de seu amor vivo orgulhoso
E a relembrar a ex-celso contradição.

Santinho Roiz.

—a 9 a gentil senhorita Clotilde Nogueira, distinta apreciadora d'«O Canhoto»

—Sabemos que foi aprovado em exame de admissão à escola de medicina, o nosso distinto conterrâneo Carlos A. da Costa Nunes.

Manoel Lisboa

A 6 do vindouro, o lar da família Lisboa, estará pleno de satisfação, por transcorrer a data natalícia do nosso distinto colega Manoel Lisboa.

Companheiro de lutas, dedicado em todos os pontos, cultivador das letras, Manoel Lisboa, em cada um de nós, tem um apreciador e um amigo leal.

Um dos diretores deste jornalzinho, e por isto, não podemos deixar passar a essa data sem mandarmos-lhe, um afetuoso abraço de congratulações.

PANTAXIA

Naci!

Mas quando vi a luz sem par
Que brotou dos teus olhos para mim,
Como o sol crepitante tocou o mar
Projetando clarões, como marfim,

Amei!

Amei como se pôde amar.
Si o puro amor de Homero, era sem fim,
O meu então querida, declarar,
Será profanação cruel prá mim.

Vivi!

Vivi, porque viver te amando,
E' melhor que viver no reino eterno
Ao toque de clarins e harpas cantando!

Sofri!

Quando na noite do noivado
Morrêste de alegria. E eu neste infer-
no,
Penando vivo, como um desterrado.

Djal Fontoura.

Recordando

O Adeus quando é expressado
com toda a sinceridade ao ente pelo
qual os nossos corações pululam
inflexível amor, não se esvaia jamais
do nosso pensamento. nem separa
as nossas almas e nem apaga o
amplo das nossas esperanças!

E'sse E'sse.

?

(A' que se convence)

Velinhas frágeis que no mar imenso
Navegam doudas e co' amor intenso,
Resistem com brandura ao turbilhão
Das vagas em procelas e a detrição.

Donzela penas que é o mar imenso,
Sôja meu coração muito propenso
A' por impedimentos em porção,
Para as velinhas que vinjare' então.

Si forem esculpidas puramente,
Passarão em tumulto élas somente,
Pois adoro a mulher escultural!

E tu que és a formosa das formosas
Passarás num completo mar de rózas,
Distinguindo-se delas, sem igual.

Mário Lial.

Agressão injusta

No início d'esta semana ao pas-
sar pelo Cinema Palace, a noite,
foi inesperadamente surpreendido
o nosso companheiro José Vinhas
pelo sr. Francisco Pinto Teixeira
que, tomando-lhe um dos braços,
com gestos rudes, convidou-o a en-
trar assim, de melhor espírio o que
ali se estava passando!...

A simples narração supra é bas-
tante para demonstrar até que
ponto tem aquele Sr o espirito obse-
cado e cheio de apreensões, o que
faz com que não exite em praticar
atos impróprios de quem tem a
cabeça embranquecida.

O nosso companheiro, espirito
indiferente a estas pequenas mize-
rias, pede-nos que nos dispense-
mos de comentar um fato que só
e só deprime á quem o praticou e
jamais alijará os que embora jo-
vens sabem respeitar se.

PENSAMENTO

A' S.

Dizem que a triste saudade
E' como a dor dum anseio
Fremindo o pranto no seio
D'uma esperança já fria...
Mas se algum dia em perdesse
Esta esperança ardente
Onde a saudade morresse
Meu coração morreria...

Jota.

O Canhoto

O Canhoto efuzivamente agradece ao ilustrado professor Benjamin de Mello as referências honrosas que fez a respeito do nosso numero passado, no «Diário Oficial», tão competentemente confiado a sua direção.

—Recebemos a «União», órgão hebdomadário da «União Caxial Caruaruense» de Pernambuco. Muito temos a agradecer as lisonjeiras referências a nosso respeito.

—Temos entre nossas permutas, 2 numeros do «O Popular» que se publica na Parnabyba e obedece a sabia direção de Americo Ribeiro. Agracemos permutaremos.

—Recebemos o n.º 251 do «Correio do Prata» que se publica no Pará na cidade do mesmo nome. Já está no sexto ano de publicação, é bem impresso e traz farta e bizzarra colaboração. De chapéu na mão, agradecemos e de chapéu no chão, permutaremos.

Fitas Canhótas

Móte

Do nariz de um escrívão
Fiz poste de telefone.

Glózas

Andava bem distraído,
Por estas ruas em vão.
Quando encontrei um colega
Trazendo grande peléga
Do nariz de um escrívão...
Eu então sem mais tardar
Lijeiro como ciclope,
Sem perder de tempo um triz
Agarrei o tal nariz
Fiz poste de telefone.

Did.

Do nariz de um escrívão!
Prá falar não acho meio
Desse escrívão o nariz,
Pois precisa mui rodeio.

Nisto não vejo razão:
Fiz poste de telefone,
Pois nariz dum escrívão
Pode ser só zonofone.

Braz.

Subia mui distraído
A rua do Pespontão
Quando um crizoste a cacete
Machucava o covileto
Do nariz de um escrívão
Já berrava, o coitadinho
Berrava como trombão
Mas eu com a pena que tinha
Agarrei a tal coizinha,
Fiz poste de telefone.

Cacete.

Jota Firo; Cecio; I Sem Ponto;
Cabral e Filonilo, as suas glózas,
estão boas prá cavalo comer. As
menos macarrônicas foram as supra
mencionadas. Ninguém ganhou o
prêmio, pois engarrafaram de tal
forma os seus espiritos que não
chegaram a dizer quem é o escri-
vão de que se trata.

Vejamos se no proximo numero,
irão dos nossos leitores fabrica de
gargalhadas. Eis o móte:

Quando a moça tem trinta
anos
Passa a ser alcoviteira.

Acertam-se glózas, até o dia 4,
do proximo mez.

Max Linder.

Retratos a lapis

16

L. J.

«O Canhoto», cognominado o que-
rido das pernambucanas, não pôde
deixar de se curvar ante a facinante
e candida belôza desta alagoana que
atualmente flori o escôl maranhense,
com sua rara simpatia e encantador
pôrto de rainha esbelta.

Ufanôzo retrato-a hoje, incluindo-
a na lista das mais prazenteiras e
expansivas senhoritas que até hoje
tenho visto.

Folgaça, jovial, facécia, doada de
esmerado cultivo e apurada elegân-
cia; é duma gentilêza e afabilidade
dignas de justos encomios. O seu bôlo
e simples módo de trajar, sobresai
sob seu morêno deslumbrante o entre
seus rubros labios, mostra arrebatá-
doras fileiras de dentes alvos ao al-
rôzo nacer.

E eu, como romero, das senhoritas
da náta, todas as vezes ao passar pela
rua Grande, contemplo esta «Venus»,
tão simpática e encantadora quanto
as mais simpáticas e encantadoras
maranhenses, tão cantadas pelos poé-
tas. Mas, eu como não o sou, aqui
faço ponto, desfazendo-me em des-
culpas pela audacia talvez.

Dante Faria.

Deziluzão

Para quem eu sei

Nem mesmo assim eu posso crêr que houvesse
Um dia me votado amor, querida,
É que naquela passadeira vido,
Amastes tanto assim... Se me quizesse

Amor podias... A! se me quizesse
Amado!... É em vez da moça tão sentida,
Deixasses em minha alma entristecida,
Venturosa canção de amor e prées...

A! eu cria em teu falso juramento,
Mas hoje, anullando o pensamento,
Não creio em teu amor, anjo adorado,

Só creio é que te amôjo loucamente,
E que no meu viver tristonho e crente,
Quanto mais te amo, mais sou amado!

C. Guêdes.

O Canhoto treme

Quando vê:

—o 4.º Garrido dizer que o Go-
vernador deferiu uma petição
em seu favor...

—o Agenor (carteiro) entrar no
Palaceuse...

—O Gondó, dizer que se não
lembra de ter feito dezastres,
sómente quebrou dois lampeões e
machucou varios crizostes, com o
auto-omnibus eslá visto...

—o Filonilo apregoando Leão...
—o Djalma (da beterraba), fazen-
do Fitas Canhótas para pegar o
prêmio...

—o João Ribeiro recebendo car-
tas perfumeuses, das grandes...

...a móssa que o Lette deixa
no passeio, produzida pelo salto
do seu snob sapatinho. O nosso
amigo chega a botar póse quando
anda que até faz pena, com aquê
caixo, pendurado de banda...

—o carro funebre de reclamos
do Palaceuse.

—o espelho do Palaceuse sem
reclamo...

—o empoado conteur João Pa-
chola, de chapéu do Chile (de éra-
que), a falar á sua bêla pronun-
cia...

—a póse pra... maricas do Zeca
come cocó de moças...

PORQUE?

Porque, diz-me porque tanto corrias
Si por acêdo no portão bem cêdo
Eu te fitava? Diz-me, tinhas medo
Era porque somente a mim tu vias?

Inda não sei porque, si algum curd o,
Si por despeito rias ou fantasias
Encontras tu naquillo. O que é que vias?
Diz-me por Deus, porque diz-me em segredo,

Não te perdôo nunca aquêdo exoloso
Tão desagrêdo, vil, negro procezo
De me tornares infeliz, descreto...

Hás de dizer mais dias menos dias,
Porque, porque somente tu corrias
Quando teu pello ria interiormente?

D. Lopes.

Editál

Juizo dos tórtos Cazamentos
desta Capital—

De ordem do Dr. Porquini Caza-
túti, juiz dos tórtos cazamentos,
faço saber ás senhoritas que povô-
am esta nossa terra e as do estran-
jeiro que, Filonilo Lagardere estan-
do em boas condições, pretende
cazar-se, e para isso apresentou
os documentos legais.

As ditas que, pretenderem a
fermôza pechincha deverão apre-
sentar as propostas neste cartório
á Rua de Nazareth obedecendo os
seguintes quesitos:—

1º)— Não ser maior de 30 anos,
nem menor de 20...

2º)— Estar dispôsta a lêr com
atenção as produções pueticas e
discursos que o marido lhe apre-
zentar...

3º)— Comprar todos os domín-
gos «O Canhoto»...

4º)— Não ser alta, baixa, má-
gra ou gôrda e trazer uma giga
lagardérica que combine com a
sua, para evitar desgostos.

5º)— Não ser estrabica, dentuça e
nariguda, para não perturbar a lua
de mel...

6º)— Não olhar á repazes feitos e
não emburrar com o Carneirinho.
filho...

O CANHOTO

Organ quinzenário.

Literário, crítico e noticioso.

Número do dia..... \$100

Número atrasado..... \$200

Propriedade da sociedade do mesmo nome.

Tiragem 1000 exemplares

Colaboradores—diversos.
ASSINATURA

Semestre..... \$200

Ano..... \$800

Os manuscritos quer publicados, quer não, não serão devolvidos.

Toda correspondência, dirigida á «O Canhoto» Rua 28 do Julho n. 53.

BRAZIL MARANHÃO SÃO LUIZ

7º)—Não ter espinhas iguais ás suas...

8º)—Zelar carinhosamente pela sua pessoa...

9º)—Falar muito bem o inglês...

10º)—Arranjar freguezes e trastes para os leilões...

11º e ultimo)—Não gostar de cinema, para não ver todo dia o Agenor (carteiro)...

E para constar, em Tito CUMAUÇA, escrevi, lavrei o presente, que será afixado na estação meteorológica.

Porquini Cazatuti.

Está conforme,

Tito Cumauça.

ACUMULADORES
ELETRICOS

A' rua da Cruz n. 38, informa-se quem carréque esses aparéllhos.

PREÇOS MODICOS.

Fitas

A pequenez da nossa folha me obriga a não me alongar muito nesta seção onde falo dos exitos obtidos em cada quinzena que se vai passando pelo invejavel e invejado «Ideal Cinema». Montem vimos no gerão dessa familiar casa de diversões uma das mais belas concepções até hoje vistas em S. Luiz do Maranhão. É uma fita de real e merecido destaque, taes asbelezas que encerra a película «As nossas mulheres modernas». Encarregam-se do seu desempenho (o que basta para não carecer de encomios) o Wuppschlander e a simpática Clara White. Veremos hoje na matinal «Uma intriga na corte» que tanto nos deleitou na semana ultima.

No serão, teremos o seguinte caprichoso programa: Tempestade nas costas de Azurra—Natural; «Uma Velha Historia» Drama da reputada Nordisk e Sucesso Diplomático, Comedia pelo nosso 2 Max Linder, o tão simpático artista do «Santo do Pau Oco», o Rodolff.

O S. Luiz, em vista dos esforços empregados pelos seus proprietários, tem alcançado triunfos sobre triunfos.

O Palaceuse ?...

Dante

Os Atenladas

Por acabar-se doente, isto é, com os labjzinhos inchados, o Camonilo, deixa de sair as noites do costume.

Carta aberta

Caro colega Mario Lial: aprecio os poetas e como no numero passado subiste ao parrão dos titanicos, com aquele belo soneto intitulado Prefácio, venho dar-te os meus sinceros parabens, pelo inicio da tua carreira poetica.

Não calculas como o aprecio, do Sul ao Norte Pólo; e como gostei da maneira de escrever, pelo modo do grande mestre Canfiguere que tanto te ilumina a alma, a ponto de te tornar embebedado.

Pena tenho eu, de não seres brasileiro, pois se és, não pareces, e juro-te que alguém vendo te pensa ter junto a si, um verdadeiro «Norte Americano».

Esperanças tenho, de ainda ver-te um Joaquim Nabuco, (e olha que os meus presentimentos sempre realizam-se) e que novas e belas inspirações poeticas possam sagrar-te o nome além do Parnázo, que ora subiste.

«Do de Souza os produtos oceanicos Imitare! Não coizas plajadas».

Recebe um abraço do teu amigo certo.

Dente Virado.

Foi promovido a Capitão de Fragata, o distinto e brioso official da nossa armada o Sr. Ernesto Mafaldo de Oliveira.

«O Canhoto» entusiasticamente felicita-o, por tão justa distincção.

—Por ato de 22, o nosso benemerito governador, nomeou para o lugar de Desembargador do nosso Tribunal, o illustrado Dr. Aarão Britto. Os nossos parabens.

Policiamento Secreto

d'«O Canhoto»

Diz Tóto Fouinard que:

—o Dico adotará para o curso dos normalistas as «Postilhas Crizostilacicas»...

—na penultima paráda do corpo militar, os officiaes eram invisiveis.

—o João Vitor anda se afogando... em amores.

—o Moraes Rego vai processar o Lima, por crime de leza po-de arrôz...

—o Agenor anda, coitado todo não me toques, por uma poetiza, muito parecida com o Feijó...

—o of Lisboa, pretende strapalhar o Miners, por diverjencia de pronuncia: um diz—pequena e outro pequenechion, e daí a complicação.

—o Jesus recebeu uma declaração em forma de um perfumado soneto, duma poetiza oxalá. Deve ser mesmo uma delicia.

—o Palaceuse, estava mesmo feerteo: ariri, murta, pastor-mestre, guia, florista etc., etc...

Da 2 em 2 momentos assistia-se a queima de um balão Chinez acompanhada pelo hino brasileiro. Na porta via-se um bem trabalhado letreiro com os dizeres «Salve o Palaco», o que tem dado na cachola da gente. Ele estará morto ou agonizante para pedir ao povo que o salve?

—o João Rodolpho e o Leitão, tiveram muita pena de não glozarem desta vez o nariz do escrivão, para pegarem o bilhete do cinema ao ar livre. Mas, da outra vez, dizem, eles, não lhes escapa.

—uma epidimia severamente grassou aqui na nossa Atenas, é o fazer versos. Dizem que não tem cura, só camisa de força. Coitadinho do Rodolffo do Leitão e da poetiza oxalá do Jesus farmaceutico.

—em vista do proximo mez, ser o Mariano, o Palaceuse, vai encetar o seu mez Palaciano. Função toda a noite feérica...

—o Bigodinho, quando acabou de ler «O Conde de Monte Cristo», ficou com pena de não ser o Dantes, para pegar a morena, que está no rio...

Cava Bigodinho...

—a sala de espetaculos do Palacuse, já passou á ser mictorio...

—o Jesus da alfandega está a conquistar. Continúa, que eu não digo nada.

—o Nestor Verdurejo, passando ao Palacuse disse:—está á me apitecêre entrare neste cinema.

—a lira do poeta Clemente Guêdes, está debaixo da meza...

—o Barros Lima, depois que entrou para a imprensa Official, anda mais satisfeito...

Porque será ?...

—não se conformou com o carnayal do Palacuse. Festa domingo, segunda e terça.

—implicou com as palmas dos proprietarios desse cinemuse, quando terminava cada parte do concertuse. Haja o Club dos Claques...

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º



S. Luiz, 11 de Maio de 1913



NUM. 21

Ave Liberdade!

O Meu Jardim

Bembem Pires

(SAUDADE)

Há vinte e cinco anos atrás, isto é, aos 13 de maio de 1888, a Princesa Izabel, ajuí dignamente para libertar leijões de inteliçes, que por diferenças etnograficas eram como os irracionais, vendidos em feira, e, sob o jugo do chicote enebado dos nababos fazendeiros, gemiam com as carnes abertas ao sol e à poeira...

Como cães leproços, os miserios negros eram encerrados, as vezes por ter quebrado um prato e não ter pilado bem o arroz para o mingau da manhã, nos fundos calaboiços dos seculares castelos e retiros, a pão e agua, roendo ossos que restavam dos festins e das orijas de seus amos...

Por não se sujeitar, as paixões, dos seus proprietarios, as pobres escravas eram surradas em pleno dia, amarradas aos troncos, por vigorosos pulsos, até sangrar...

Horror!... Maldição!...
Potem, hoje leitor, graças a Princesa Izabel, não te amedrontes, que o tempo do terror é já decorrido, e o véu do esquecimento, cobre este quadro negro dos nossos ante-passados...

A vida hoje é facultativa a todos!...
Todos podem viver livremente!...
E «O Canhôtô», dia da fraternidade brasileira, congratula-se contigo, para um brado vibrante de entusiasmo cantar lóas a lei aurea da abolição da escravidão, que em boa hora souo em nosso querido Brazil.

Salve a Princesa Izabel!
Ave Liberdade!...

Inspirações femininas

A ausência é um vulcão em erupção, que lança sobre nossos corações as lavas da saudade.

A' ALGUEM.

ASSIM como o batismo, precisa do confirmar-se com o crisma, o amor precisa de sua confirmação... O Beijo.

E da Te.

Passou-se abril, o mez das chuvas e tempestades, caindo nas profundas dobras do passado e surgiu o querido maio, sorridente, florido, dedicado à virgem Maria...

E por isso mesmo, a primeira florzinha deste mez, que no meu jardim brotou, a Saudade, com uma feliz coincidência, foi também a meiga Conceição de Maria; em familia apelidada: Bembem.

Esta simpatica Saudade, com seus encantos juvenis e meiguices, mereço-me toda a afeição e amizade.

Ao surgir, balançando-se no sopro da simpatia, seu primeiro movimento, foi um enesquecível: *Bom dia*, que com toda graça me deu...

Quelei-me eletrizado e por muito tempo contemplei a Saudade mariana.

Sigo facinado seus passos, à escola, onde cursa com grande brilho, uma das aulas superiores...

Morêna, e como todas as morênas, simpatica e formosa.

—Meiga Saudade do meu querido jardim, consente que com ufania e mesmo com vaidade, eu te apresente a Sempre-viva e a Anjélica, para que te reunindo a elas, forme uma fulgurante trindade de flores mimozas!...

Permite sim, meiga Saudade, que te abstraia da modestia em que vives e vá collocar-te no trôno auri-fulgente das minhas mais puras afeições.

—Sendo assim teu lugar é enfeitando o altar marmoreo de Maria...

—Sempre-viva, Anjélica, e outras mimozas flores, ajudem-me por quem sois, a saudar o surgimento da simpatica e modesta Saudade!...

Ao trôno das lindas flores
Mais uma flor vai tambem;
Esta se chama: Saudade,
Modesta e meiga, Bembem

Feljo.

A morte do meu amor

Foi ali, naquela grutazinha que o meu amor nasceu. Ali, circundado de passarinhos saltitantes que entoavam salmônias, saudando a primavera... que ela me fôr amar...

Todas as tardes, lá estou.
Há já muitos dias que ela não vem, para onde teria ido?—Para o céu talvez. Já me haveria desprezado?...

Um triste presentimento perduravelmente enche meu coração... quando

Edição especial em comemoração ao 13 de maio.

procuro esquecer a numa tarde de maio...

Alem passa um caixãozinho alvo como a neve, é ela, a minha amada, o meu primeiro imaculado amor... Havia morrido, levando... naquele beijo, toda a minha alma, todo o meu ideal...

E sob essa lenta e húmida terra, ouvindo ainda o trinar do passarêdo, que repouza eternamente o meu amor. E sob aquela cruz, que sua facezinha sorri, ouvindo o gorjeio dos seus amiguinhos que saudozos lhe chamam.

E lá chego, deponho naquele sepulcrosinho, uma coroa como simbolo de minha eterna lembrança e amor imorredoiro, com estes dizeres: "Os anjos, não pertencem a este mundo"... teu...

D. Reginaldo.

RETRATOS A LAPIS

17.

M. R. S.

Ha muito tempo que eu pretendia retratar, porém hesitava entre o receio de minhas frases serem por vós leitores desprezadas, igualmente, a esperança de as receberdes com agrado e outro tanto a-está a quem eu retrato.

Mas sempre o receio cedeu e vou hoje apresentar-vos o meu tócco trabalho.

Sinhá, eis o seu apelido de caça, como se costuma dizer.

Faces rozadas, tôz morena o fina, cabelos finos e mesclados, olhos castanhos e sobranceira espessa tudo isto concedeu-lhe a natureza com mão prodiga.

Porém, de tudo isso nada, que faz compreender a sua alma virtuosa, é um complexo de qualidades moraes que embelezam o seu puro coração.

Aplicada estudante, de um dos mais acreditados colégios desta capital, é uma das que mais se distinguem entre as suas colégas e a que mais goza da simpatia de sua mostra.

Acha-se atualmente na antiga rua da Paz.

Para valsar! A'...

Não ha expressões de prazer que vos possa dizer leitores, basta citar quando vella dansar: E' amante de Terpsichore!

Eis o meu rude trabalho, se houver alguma coisa que o faça defeituoso releve, porém não digam aoutrem para que se não me chame do louco.

Gentil de Granada

PARNÁZO

E' mentira

Ela me disse que não tinha lido,
Ela me disse que não recebera,
A joia que mandei-lhe comovido
E onde tinha um versinho que escrevera.

Me disse mais que havia já sabido
Pela amiga que co' ela se entendera
Que eu lhe beijei um dia, E que escondido,
Eu beijara também a quitandêra...

E' mentira querida; não modiste
Que quem te disse, tem janeiros trinta?...
Te lembra, a vez primeira que me viste,
Te lembra, a vez primeira que me viste,

Lá na porta do parque que é na quinta
Eu te disse sem sneto e sem rodeio:
—Toda velha trintona, anjo e odeio...

Djal Fontoura.

Distante

Quando o manto noturno vem surjindo
E a fria brisa passa levemente;
Sinto-me desprezado e assim carpindo
Triste abandono, d'un amor descrente.

Triste e bem triste, é meu viver distante,
Sentindo o coração se esfacelando,
E tu ingrata! não achas bastante
O meu grande sofrer, por ti penando.

Vem! Traz-me o teu consêlo desejado,
Que espero receber, amargurado
E suportando tão amarga dor.

Não te demores! Vem me reviver,
Pra me não vires, breve falecer,
Principiante, nas lutas deste amor.

Jôta Tê

O desterrado

Choro e lamento a vida do passado
Quando alegre, bem creança inda inocente,
Nos braços teus, ô doce mãe elemento,
Dormia o puro sono immaculado.

Cantavas-me, quando eu já dormitava
Ouvindo o teu cantar tão melindroso,
—E vivo como um triste cão leproso
Sem gozar do conforto que gozava.

A! si pudesse vêr ardendo em febre
A chegada da morte tão traiçoeira;
Receber tua benção derradeira
No leito onde naci, no teu cázêbre...

Impossível!... Jamais teu rosto santo
Sentirá do teu filho um triste beijo;
Tú não verás jamais o ultimo arcejo
Deste meu peito que desfaz-se em pranto.

D. Voltaire.

"O Canhôtô"

ORGAN BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticioso

Propriedade da sociedade de amigos nome

Tiragem 1.000 exemplares

Assinatura anual,.... 28000

Toda correspondência

dirigida a "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

Djalma Fortuna

Transcorrerá n. dia 16, o aniversário natalício, através de nosso intenso contentamento, de Djalma Fortuna, nosso amigo e colega em quem sempre vemos um apóstolo do dever, na chefia deste jornalzinho.

Um dos fundadores da sociedade e um dos que tiveram a lembrança do jornalismo, depois que quasi findamos o curso do Liceu.

Sempre paladino invencível nas letras, tem se salientado nas colunas deste periódico.

Iniciou sua carreira literária em 1911, com estas quadras simples, mas prometedoras:

A' gentil Novinha Serra

«Florista, quando surtes radiante
Com todo teu fulgor, beleza, encanto,
Carva-se a Natureza deslumbrante,
Ante o timbre de voz sublime e santo»

Tua meiguice excêde ás lindas flôres,
De que tens rodeada, No bailado,
Te assemelhas, Rainha dos pastores,
As loiras bailarinas, do Condado...

E completam estes versos, outros que pela escassez de «paço», não transcrevemos.

E' com grande alegria que sentimos essa data se aproximar, pela dedicação que sempre revelou, pela prosperidade da sociedade, como pela harmonia que implanta entre os socios, seus colegas.

Portanto, o 16, aqui será, o dia alegre festivo, pelo aniversário do distinto e correto companheiro Djalma Fortuna.

—X—X—X—

ESCULPINDO

Segunda série

I

Muita glória nos dá pela nobreza
Este grande varão que aqui aliguro,
Pois o nosso paiz, réto e seguro
Ele governa então com gran firmeza.

Soldado justiceiro e de grandeza
Tem no sangue o valor sagrado e puro,
Do grande Deodoro. E eu obscuro
Com respeito o moldei na minha meza.

Lá do sul um jornal mui caricato,
Muito mais do que nós, o falsifica
E o vae "malhando" assim pelo retrato.

Por isso não faz mal que seu perfil
Saia por mim mal feito e, se não fica,
Salve 13 de Maio... Honra ao Brazil..

Cinzel.

O Canhôtô Elegante

Fiz-me, leitor amigo, arvorado em nova posição de cronista, apresentando-vos informações do nosso escôl. O Canhôtô elegante, não deixará passar despercebida

qualquer festa, assim seja elle cheirado. Pois bem, em toda parte que vá o cronista cá de casa, absolutamente não escapará móça que deixe de figurar n'«O Canhôtô», como ornamento predileto das festas, passeios, cinemas, teatros (?) etc. ... e etc. ...

—O 1.º de Maio, foi bem cercado de justos festejos, não só da parte da igreja católica, como também da dos operários que fizeram sua festinha que teve não menos brilho que a dos anos anteriores.

Os Aprendizes Artífices, deslizarão em formatura pelas ruas, mantendo, em toda sua trajetória uma irrepreensível ordem e disciplina. A sua passagem, «O Canhôtô» para especular, foi preciso gastar 2 horas de pé, durante o seu transitar por um trecho da rua do Sol.

Mas, foi necessario que cada um desses minúsculos soldados, desse um hilariante pulinho, porque a lama, não era pouca (vivam os esgotos).

—A's 9 horas, o Corpo Militar do Estado, sob o comando do competente e brioso militar Coronel Guapindaya, fez a sua parada em frente ao Palácio. Notava-se uma certa estética na formatura, o que, com franqueza, nunca jámais e em tempo algum houve. Depois da respectiva continência ao chefe do estado, deu um pequeno giro, pelas principais ruas, conservando sempre a mesma disposição. A' noite, houve uma sessão no «Centro Artístico», porém, lá, «O Canhôtô» não meteu o nariz.

—O mez mariano foi iniciado. Tem estado sublime, principalmente na igreja da Catedral, onde quasi sempre, se faz ouvir o virtuoso D. Francisco, que delicia o auditorio, com aquella sua pratica cheia duma lojica bem fundada. E incontestavelmente, entre todos os nossos pastores o D. Francisco, que há sabido pelo seu fecundo preparo captar a simpatia e gratidão dos seus paroquianos. «O Canhôtô» lá está toda noite, pois encontra no virtuoso sacerdote, um conferencista digno de ser apreciado. As senhoritas, estas, não perdem uma só noite, durante o mez de Maria, o que contribui para maior brilho dar, á essas noites de tantos prazeres e santuozidades. Se nos for possível, daremos na proxima edição os nomes das senhoritas frequentadoras do mez mariano, isto, si o encarregado, desta can-

— O 3 de Maio apesar de ser o dia do nosso desolamento, descobrimos de repente o belo centro da civilização; aureolado pelos mais admiráveis prodígios da natureza; os festejos rezumiram-se em: parada do Corpo Militar; levantamento da nossa proeza; bandeira nos estabelecimentos federais e estaduais (excetuando o Tribunal Federal que não bordão tem); e uma sessão no Centro Republicano Português, onde se fez ouvir a palavra eloquente de Fran Paixão.

— No domingo 5, realizou-se brilhantemente na igreja da Sé, pela manhã, uma missa à grande instrumental onde teve lugar, a primeira comunhão de inúmeras senhoritas e meninas.

O passeio dominical, foi muito pouco concorrido, pois já estamos tão acostumados aos domingos assistirmos o cinema que se não aconter, até é capaz de nos fazer mal. Assim é que o Ideal cinema ao anunciar no seu programa dominical, que é caprichoso, a querida Asta Nielsen, atraiu à sua casa, todo o escol maranhense. A fita «A comediante» foi um primor que delicia os assistentes em pozo. A Asta, com seu esmero artístico fez as delicias da noite. A praça encheu-se, à obstar o tranziço dos bondes. Uma coisa temos, com franqueza, a dizer ao maestro do Ideal: seu maestro, é preciso não repetir tanto as suas músicas, são belas sim, mas já estão batidas. Os artistas que trabalham para a confecção de fitas para esse familiar cinema, não merecem que se lhes repitam tantas vezes as mesmas músicas.

O Rodolfi, no seu «Sucesso Diplomático» não merecia aquela *schaltisch* tão já conhecida.

Desculpe a minha franqueza seu maestro e passemos à outras belas fitas projetadas na quinzena finda. «O Desaparecido», o trabalho mais empolgante até então conhecido em cinematografia. Esta fita que está exibindo o Ideal é uma bela maravilha não só pelo seu fino euredo dramático, como também pelo profundo estudo científico que com perfeição nela se faz gravar. O comendador Ermetti Zacconi, é o melhor artista trágico que conhecemos, o seu trabalho, comoveu vivamente os que o assistiram na fita de que falo. Ermetti Zacconi, sabe e soube morrer...

Queria me alongar mais, falando à respeito de Zacconi, porém, o maestro já me fez gastar o tempo e papel...

Hoje, dar-nos-á o Ideal, uma outra não menos bela película, onde se fará apreciar um estudo psicológico de alto valor, concatenado em um fino euredo dramático, fazendo patente as situações das más companhias. Chama-se esta bela criação da Nordisk, «Os Remorso», e é desempenhada pelo simpático Wuppsehlander e pela esbelta Elba Thompson. Na matizada, será projetada a joia: «O Desaparecido».

O Ganhôto elegante, mais elegante ficou ao receber a visita do seu ilustrado colaborador, o habile estimado auxiliartécnico da Estrada de Ferro, Silvio Mamede de Souza, que havia ido para o interior do estado, em tratamento de saúde.

O Ganhôto elegante, elegantemente cumprimenta, a provezta educadora Almerinda Rosa, por transcorrer a 16, a sua data natalícia e a senhorita Judith Chagas, pela mesma razão.

No dia 20, fazem anos o inocente José Fortuna e o competente engenheiro electricista Antonio Vinhas. O Ganhôto elegante, felicita-os.

D. F.

OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

16

Em nós est'outro mano muito esguio,
Ha tempos, atirou muito zangado
Um palavras barbaras, sem fio,
Porque saiu por nós mal enarnado
Num pedaço de cêra; foi um rio
De expressões sem razão que o celebrado
Fiqueiro do molde vivo e tenro (25)
Dignou-se atirar ao nosso gen'ro (26).

17

Em nós também co' a cara enfarruscada
Dous senhores "fiéis" de alma de rozas;
Um na roda dos cobres, arriscada,
Outro nas couzas grossas, valorozas,
Atiraram de moda dezuzada
Outras tantas palavras alterozas
Porque foram aqui nesta cidade (27)
Cantados numas quadras sem vontade (28).

18

Mas enquanto isto se passa exprimento
Um desejo de rir, leitores vejam,
Dai vossa opinião: Pelo opulento
Natal do palacense (ô não negrejam)
Entre os aplauzos e contentamento
Enquanto todos juntos se esbravejam
Houve uma *habituase*, encalacrada
Que perfumou a linda palacada.

Camonilo.

(25)—expressivo
(26)—nosso grupo
(27)—em nossa jornal
(28)—de po quebrado

Fatos e Fitas

Bom dia, caros leitores.

Agradeço-vos bastante, a complacência de terem lido os dois dedos de Fatos e Fitas que hei publicado em numeros anteriores e (modestia à parte) apreciados, muito embora me taxem de pernóstico, com o que absolutamente me conformo...

Em minha estrêa, falei sobre a abominável *metamorphose* de pensamento e logo em continuação, sobre as idéas nefastas de certo grupo de *marçôcos* que não pôde ver com bons olhos algum estreir-se em jornalimo.

Hoje, faço desta modesta colúna um estandarte e apregoço com um bráido vibrante, o exito obtido pelo "O Ganhôto", aqui e no exterior.

Cada numero que se edita é mais uma consagração para nós, pois são tão grandes os elogios, com que se nos lionizam, que ficamos as vezes duvidozos si é exato tanta honra para um pobre *marçôco*.

As senhoritas, essas então não podem esconder a simpatia votada ao "Ganhôto".

De quem é este Retrato a Lapis? perguntava a Maricota.

—Este soneto aqui na 1.ª pagina, está sublime, diz a J. aquina ao seu pequeno, à noite, sob o clarão da lamparina de azeite.

E assim é, cada numero que circula, é mais um loiro na nossa carreira triunfal, que até já aumentamos a tiragem afim de satisfazermos tantos pedidos. Nos cinemas, nas casas, nos cafés, nos conventos, em toda parte, "O Ganhôto" é o lenitivo contra a tristeza.

Ante tão estrondosas recepções, fica confuso e não tem palavras de agradecimento o

Hilpafor.

Bilhete

Jovite presta atenção:
Si continúas com gritos,
Por cauza disto ou daquilo:
Eu me demito...

Si implicares comigo
Com a tua voz de apito
Quando eu passar pela rua:
Eu me demito...

Si em conversa colega
Me pregares algum pito
Embôra não haja zanga:
Eu me demito...

Si afinal, caro amigo,
Me ensurdeceres, repito,
Embôra mesmo no hospício:
Eu me demito...

Agá.

Filatelica

FRANCA. SELOS PERFUZADOS PELO NITO. Em virtude dum acidente da maquina, muitas folhas do 25 c., azul, foram perfuradas de tal maneira que o pontilhado, que deve normalmente separar dois selos vizinhos, se acha ao meio do selo e que cada exemplar se compõe de duas metades juxtapostas. Sobre a reclamação dum grande estabelecimento financeiro, ao qual estas folhas foram vendidas, o Correio declarou que accitaria estes selos como válidos e eles foram utilizados nesse estado.

Tinha duas folhas de 150 selos, pertencidas de tal modo que cada uma delas continha 21 filei as verticais de vinhetas em lugar de 20, seja 15 selos á mais; é verdade que a fileira da esquerda não compreendia, senão a parte da vinhetta, onde figurava o valor: 25 c., e que a da direita estava desprovida deste numero. Seja como for estes selos foram perfeitamente admitidos pela administração; pois foram assim franqueadas cartas que circularam no serviço internacional!

SELOS DO SENEGAL EMPREGADOS NA COSTA DE MARFIM. Fez-se provisão de enveloppes (enveloppes) com selos do Senegal servindo em Aboisso (Costa de Marfim). Aboisso é, seguramente, a unica cidade da colonia da Costa de Marfim que foi autorizada, por decreto do governo geral da "Africa ocidental franceza", a utilizar os selos de 5 centimos do Senegal.

Eu espero, em breve, publicar o texto do decreto em questio. Numerosas correspondencia, da Costa de Marfim, foi franqueada desse modo, sem que nenhum decreto do governo tivesse homologado esta exceção. Se eu souber, desta vez, a cidade de Aboisso foi a unica vizada na mencionada autorizacao. Não seria possivel obter mais autorizacao no mesmo tempo que as outras?

J. V.

Acumuladores electricos

A rua da Cruz n. 18, informa-se quem carregue esses aparelhos.

— PREÇOS MODICOS —

O Canhoto treme

QUANDO VÊ:

—o *palotet* do Garrido crescer, a proporção que ele vai crescendo. Segundo diz ele, *tem uma luneta bacalhada, o tal brim fasser é bem econômico.*

—o José Silva, sem o Pecogueiro e sem o Leite (do cacho)...

—o João Victor sem os seus óculos conjeturados.

—o Hilton (da vassourinha debaixo do queixo), com o seu turbante a moda do turco.

—a cabeça do Totó e a giga do João Vinhaes.

—o Caruzinha sem as suas *bernezas*.

—o chile do Herculano Parga, porque se confunde com a carnaúba do João Lima, atualmente no Rio.

—o Manduca, do celebre soneto «Minha gata», sem trazer sobre seu *narigão* nariz aquela luneta herdada do João... uns.

—o De Souza, uzar guarda-chuva. Pois que? Deveras?...

—o Filomeno do Brasil (loja) sem sua extrema amabilidade...

—o Hilton (não o da vassourinha) pronunciando *Pélico* em vez de *Pálaco*.

—Caramba! Já é ser inteligente...

—o N. Verilhadeira, meneando sua bengalinha... *Pose prá... crizoste!*...

—o Djalma Fortuna, telegrafista. É prá fazer tremer, mesmo, pois encasquetou-se nele que há de ser o á força... manipula nos bancos das praças e até com... os pés... Irra!...

—os tipos mais crizostes da nossa literatura... Todos sabem quem são.

—uma estatuetada suaretação, das ruínas de Pompeia, é verdade... Que é do escultor?

—os que não são vistos: drs. Soriano, Bôna e Lishôa Filho. Porque? pois são deste tamanho...

—o Jesus (aduanheiro) se barbeando...

—o José Vinhaes, se demitindo ou falando baixinho...

—a paixão do Jesus *farmático*, pela poetiza *acalá*...

Carta aberta

Caro colega H. Ferrer:

Desviando-me do modo de falar, sobre belezas, defeitos físicos, escadaria do parnaso etc, venho nestas linhas simbolizar o meu profundo pesar, pelo estado deplorável em que se acha a capital da Atenas Brasileira (escandalizada).

HUTOMOBILISMO

I

Dos carros automoveis em geral

A definição mais exata dum automovel é: «Veículo que se move por si e se dirige a vontade sobre um caminho comum». Deste resulta que um veículo deste genero deve possuir os seguintes elementos para corresponder a essas condições:—1.º Um motor; 2.º Uma transmissão ligando o motor as rodas; 3.º Um aparelho de direção facultativa.

Em todos os aparelhos de locomoção atualmente em uso, encontram-se os mesmos elementos que são: o motor, o propulsor e o governo, ou direção.

Ainda como dantes vê-se surgir de todos os cantos *poetas filisimicos*, *escritores capotados* ostentando nos tortos braços, grossos compendios de *Pacholofobia*; tipos que dariam bons calceteiros, para bem servir os filhos desta pobre Atenas, e muitos que nela vivem.

Não calcêlas a minha surpresa, ao volver da ultima excursão ao interior; quando em frente a rampa, áquela velha rampa, que tantas vezes os meus *delicados* pés têm pisado, encontro um buraco que tinha uma profundidade de dois metros. A alguém perguntei:

—Por acaso medou-se para cá o Cemiterio?—me disseram:—isto é o saneamento da cidade.

Palavra fiquei embasbacado!

Subo. Ao chegar ao velho Largo do Palácio; sentei-me em um banco, a espera de um bonde que me levasse a minha vivenda.

Esperei; baten uma hora, nada; duas, nada; então chamei um rapazito que por lá passava e indaguei:

—Moço, não me pode dizer que horas temos bonde para os Remédios?

—Bonde?... não existe.

—Não existe?—retorqui.

—Sim não existe, *nôis há de lá é uma tá viação elétrica*; e em sua lingua crizostérica contou-me o que sucedera aos bondes.

Pobre desgraçada terra!...

A paz de Deus seja contigo!... com lagrimas nos olhos, assino-me amigo e colega.

Dente Virado.

Policimento secreto

d"O Canhoto"

DIZ NICK CARTER QUE:

—o 4.º Garrido, veio a nossa redação, comunicar-nos que o Governador, não deferiu uma petição a seu *favor* e sim *contra*...

—o Pecogueiro Filho, chegou gordo como o Mimi e bonito como o Silva. Deixou no Parâ áquela sua celebre giga e o seu *sarcástico* riziño, mas não deixou a sua *norinha* cartola...

—o João Caldas, tem, coitado, pretensões a uma cadeira estadual...

—o *narizinho* do Aranha professor... deu a luz, no momento em que ele andando, se dengava todo...

Com estes trez organos essenciaes, o automovel, a canôa automovel, o aerostato se movem e se dirigem a vontade do seu condutor.

Para os veículos terrestres, o motor é o mecanismo, o propulsor é a *rota* e o governo é o *jogo-dianteiro* movel, comandado por um valente manipulador pelo *chauffeur*, ou condutor.

As carruagens mecanicas differem uma das outras por grande numero de detalhes de construção, que umas tem e outras não possuem, conforme os preços respectivos e o genero do motor empregado. As *caixas* ou *carrocarias* também differem umas das outras, como os proprios organos mecanicos, todavia para distinguir na grande quantidade de modelos que se encontra em circulação, adotou-se quatro grandes divizões compreendendo cada uma as carruagens

—o Garrido, anda todo *apereado* com seu diploma de bacharel curculado mostrando á Dens e ao Canhoto. Dizem que não está registado...

—um lindo padre, não podendo dizer missa por ter sido atacado de um terrível mal *beicol*, mandou o seu *lito* irmão fazê-lo. A *iluzão* *cozil* foi perfeita...

—na parada do dia 1.º, foi destacado um soldado para, na ocasião da continência á bandeira, nuandar todas as *posições* que pelos bancos estivessem sentadas se levantarem e fazerem a devida continência.

—o João Lima, está de posse, para publicar, da obra de um grande cronista, o *contar* Jansen.

—o Nascimento com aquela sua *luneta* pra... Doria, parece um doutor...

—o novo poeta Barros Lima, pediu-nos para publicar um *lindo* soneto seu, intitulado: *Seios de fulanas*...

o *maxilôzo* Lobato, deve a sua *maridinha* a uma dentada do Pestana...

—o Barros Lima, filho do «Diário Oficial», já é poeta. Com quem aprendeu? Com o De Sousa? Talvez.

—o jovem João Furtado (não por *môça*) anda apaixonado por uma morena solarenga, residente á rua da... mira. Cava Furtado, é teu tempo.

—o Filonilo (Largadêro) estando á vender algumas mercadorias, gritava:

Quem dá mais?...

E que a sua odisséia ouvindo, perguntou á uma amiga:—Que *ôpera* é aquela?...

—o *inteligenteiro* João Rodolfo, está uzando um chapéu de chile (diz ele) a sota-vento, e quando encontra uma menina bonita, pergunta: Que tal, não son um *môço* elegante?

—o nosso confrade Mâneco Lisboa, do alto do seu mirante, está estudando *gastromonia*.

Sim?—Bôa carreira!...

—o Dias (aquele que tem *pose* até na gravata), recebeu um telegrama de Paiva Couceiro, convidando-o para seu secretario na futura monarquia (de crague). Até que enfim, o Dias foi contemplado.

—o Bêbê Ferreira (chabi) ao embarcar para Alcantara, queria que os jornaes se occupassem largamente de sua *largura*. Agora não, na volta sim.

—o Leite (do cacho) ensinando á uma senhorita a disposição dos ferros da maquina *Singer*, tanto se faceiron... que ficou prezo pelo cacho na volta da... *pregadeira* quando *de...* *lira* o *catálogo*.

—o Zeca Neves foi nomeado *orador* do clube dos *narigados*...

que possuem o mesmo genero a força motriz e são: 1.º carros a vapor; 2.º carros a petróleo; 3.º carros electricos e 4.º carros mixtos petróleo, electrico e outros.

Seguiremos esta ordem para a revista dos veículos sobre os quais faremos o presente estudo.

O automovel pode ser comparado a um organismo vivo como se evidencia das analogias da mecanica creada pelo homem com o animal dotado de movimento e de vontade. Com effeito como o animal, o automovel possui esqueleto, membros, estomago, pulmões, musculos, tudo encerrado nos tecidos protetores das partes vitaes; o automovel tem movimentos dezojados, reflexos, sensibilidade particular e é, como o animal, sujeito ás doenças.

(Continúa).

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º



S. Luiz, 25 de Maio de 1913



NUM. 22

O progresso

É o que se levanta — o progresso — com mais pompa e entusiasmo, dilatando-se numa aspiração panteista dum catolicismo rúde, brúscio e descrente dos setários do panteísmo, que se arrebatam, só, aliciados por seus ministros, pelas promessas do reino do céu, ou paz e tranquilidade na outra vida...

Isso ouvem e lá seguem cabisbaixos e convencidos fervorosamente... e outros, fingindo creença, fazem dos pádes e santos, *pan de cabeleira*... E o progresso que cada vez mais estende uma civilização *bélica*, entre nós.

O dia de mais satisfação que se ergue no coração das moçoilas (e dos moçoilos), é o domingo...

Na véspera já estão a arrumarem seus dentes nos tocadores, suas fitas mescladas, seus postigos...

A noite não dormem. Levam contando o tique-taque do relógio; em cada tique e em cada taque suas almas cintilam duma inextinguível ância, pelo dia seguinte... já vêm seus predileitos encostados aos altares, simulando creença em olharem, para aquelas imagens numa posição *convidadora*, fitando-se seus olhos, eternamente, no céu...

Enfim lá chega o domingo. Lá seguem elas, ostentando seus corpinhos plásticos, todos sacudidinhos, numa fulguração infinita, com os cabelos ensebados dando a seus rostinhos redondos, uma cor lívida...

Encontram a bradar às armas, os jacobinos numa fila, seus predileitos:

— Bom dia, sinhazinha!

Sino sábado não passou, ele, pela sua janela, não deu um assobio ao canto, prá uma prozinha amorosa, vê-la amuada... toda arrebitada cheirando o ar do lado oposto do seu amado.

Criaturinhas amestradas!

Isso é prá experimentarem-no. Querem vê-los sempre subjugados.

Acaba a tal missa, o café dos domingos, e os coitos a se perfilarem, com as mãos nos bolsos, tirando os lenços numa elegância ridícula, com os espelinhos, alizando suas cheirosas cabeleiras, esperam as *pequenas*...

— O, você coraçãozinho, não advinha e nem falou comigo?

— Iou zangada, tu não foi vê-me ontem!

E assim respondem em duas palavras quatro tolices, convencidas duma grande vitória. Isso lhes é peculiar.

Repêtem-se essas cenas domingos consecutivos; nuns, seus olhos submergem-se nos dele e os dele nos dela, noutras, suas costas submergem-se nas dele e as dele nas dela.

Até que um dia se torna mais séria a cena, estão postados a frente do juiz, lançando o contrato de casamento.

Enfim as mocinhas e os mocinhos só vão as igrejas, prá enraizarem seus amôres.

E os velhotes e as velhotas?

Esses é que vão aliciados, pelas promessas do reino do céu...

Entretanto a igreja, agora, tem sido mais agência de casamentos. É o que vale...

M. L.

Inspirações femininas

A INGRATIDÃO

É ela um crime ante a consciência, deslealdade de injusto coração, mácula indelével, para as almas puras, como apanágio dos espíritos mesquinhos. O ingrato, nunca foi sincero, nem, jamais sinceros foram os ditames de seu coração, alheio aos sentimentos grandilíquos da amizade. Seu feto único, é ilaqueando a fé e a inocência, finjar, finjar sempre...

Augusta Santos.

FLÔRES PERIGRINAS

A hora solene em que se vão esmaecendo os tons de opala de uma tarde lindíssima, e vibram os corações num anseio vago, foje o belo Sol, que vai dourar novos horizontes.

Quanta saudade! Quanta ilusão! Quanta lagrimal...

Há um não sei que de misterioso e sublime que se reflete no mais íntimo d'alma, fazendo-a vibrar em lances de amor ou ternas ilusões.

Vem perignando as primeiras estrelas e recendo o aroma das flores, que esperam os beijos da lua.

Num leito de alvíssima aréa ondula vagaroso e calmo um modesto regato, que conduz duas lindas flores, flutuando a pequena distancia uma da outra.

Uma vem acompanhada de soberbo cortejo de outras tantas; a outra vem triste e só.

Encontram-se; e, reciprocamente, indagam a sua significação.

Então, diz a primeira: não advinhas?

Eu sou a Saudade, a consoladora dos amantes ausentes.

Vivo a perfumar-lhes o coração e a levar-lhes doces esperanças. Sou filha do amor e da ausência e venho do Mistério: um grande reino que demora a sombra do passado.

Louga e penosa tem sido a minha jornada, que comecei numa noite sem estrelas em que rompi-me a cada que unia dois jovens apaixonados.

Vou agora inspirar o poeta e depois, residir noutro país encantado — noutro Coração...

Como és feliz, torna a segunda! que de pois contida:

Sou o Desprezo, o Nada; as cinzas de um amor que já não existe.

Nacida do rocio brilhante, ao surgir da aurora de um dia de encantos, fui o arôr, a gota cristalina e pura de sua essência, o canto harmonioso de suas cavatinas...

Fui invejada das outras flores e beijada dos candidos luars. Mas, ô! destino cruel!

Quando sonhava um futuro risonho, fui impiedosamente lançada ao esquecimento, donde passei a vagar.

Debalde procuro fugir à sombra que me enluta a existência, debalde procuro um seio amigo a quem confio as minhas amarguras, um braço que me arrebatte ao caos que me sepulta...

Sem mais força, p-ra tão sinistra luz privada da mais leve esperança, busco também um paiz misterioso — a Morte.

Yvone.

O Meu Jardim

Maria de Lourdes Bottentuit

(ROSA-MENINA)

Mais outra Maria, vem abrilhantar esta seção e aromatizar o meu querido jardim neste mez mariano.

A primeira foi Conceição de Maria e esta, agora, tem o mesmo nome daquela que, segundo a historia, apparece na grutazinha em Lourdes, á casta Bernadette, entre letras de ouro: *«Je suis l'immaculée Conception!»*...

Pois, é Maria de Lourdes, a delicada Rosa-menina que com prazer eu vejo agora, no meu jardinzinho, alva, corada, tendo a emuldar-lhe o rosto, fios de ouro, banhados pelos raios solares, a fazer inveja á todas as deusas, á todos os arcanjos...

Miguonnie, simpática, dedicada aos estudos é o enlevo de seus pais e da sua querida professora.

Apezar de infantil, já mostra a forma esbelta da elegância maranhense.

Os beija-flores andam á sua rôda, a querer sugar o néctar de seus labios porém a minha Rosa-menina, troça deles, rindo e mostrando-lhes os seus dentes orientais. Olhos azuis, sombreados de espessas sobranceiras, formam o atrativo solene do seu perfil de criança bela.

É roza e mais do que roza, não só porque é linda, como, porque é menina!

Maria de Lourdes bela,
Consente roza em botão
Que deponha aos teus platinhos
Inteiro o meu coração!

Feljo.

PARNÁZO

Suplica

Quando eu morrer, ninguém venha chorar-me,
Nem pai, nem mãe, irmãos, nem meus avós,
Lancem meu corpo à solidão. Chamar-me
E ver bramar nas plagas sua voz.

Lá, o murmúrio de ondas vem chamar-me,
A voz do Onipotente consolar-me,
O' mãe! não chores tanto, a tua voz,
Vem assim aumentar-me a dor atroz.

Eu sei viver também na solidão...
Levarei no meu peito contrafeito
O nome que adorei na terra em vão.

O nome que é mais puro que a bonina,
Levarei bem gravado no meu peito,
Mas sempre repetindo: adeus! Celina!

D. Fortuna.

VOLUVEL

A St.ª C. Moraes.

Quem supôrtia mulher teu olhar ferino
Que com teu riso dilacera o peito?
Quem é que não dezoja ter por leito,
O negro mar do teu cabelo fino?

Esse teu rosto amorenado, fino,
O teu retrato divinal, perfeito,
Fenho gravado neste triste peito,
Como si já te amasse anjo divino.

Te amar, te amar, em tempo algum podia
Porque tu tens teu amor por fantasia
E jamais dedicaste amor perene...

Eu não posso te amar linda sereia,
Porque teu amor em corações vagueia
E o meu, é firme, divinal Círene...

D. Voltaire.

Criança

A. S.

Não sabes criança, quanto é grande o amor,
E pudoroso, forte e onipotente,
Que remove a nossa alma docemente
Num majico vibrar, n'um terno anelôr.

Quanto é belo, sublime e sedutor,
E quanto nos abraza mausamente
Em desejos, em sonho florecente
D'uns lábios purpúreos, lídua flor.

Si tu sobesses quanto é delicioso
Viver assim, em sonho vaporoso,
Certo não me darias os resabios;

Deixarias no seio palpitante,
Aminhar-se a minha alma delirante,
Saboreando a docura dos teus lábios.

Bismark

"O Canhôtô"

ORGAN BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticioso

Propriedade da sociedade do mesmo nome

PRESIDENTE—D. Lima Fortuna.

VICE-PRESIDENTE—Manuel Lisboa.

SECRETARIO—Agostinho Santos.

TEZOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 Exemplares

Assinatura anual, r. r. 28.000

Toda correspondência

dirigida ao "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

RETRATOS A LAPIS

18.

N. L.

Com o pensamento ocupado casualmente com a gramática, sem querer, repeti duas vezes a contração da preposição em com o artigo a, o que com indizível júbilo, vi que era o divino apelido de uma das mais belas senhoritas que ornaram o nosso fino esôdo. Morena, mas dum moreno fino que do confronto com seus lábios e negros cabelos e com seus prontos e donatadores olhos, nos dá um tipo de mulher maranhense, verdadeiramente belo. Os seus carinhosos pais, como galardão às suas belas qualidades, dotaram-lhe duma rara e perfeita educação que se faz observar quando com ela tratando. Possui o talhe da elegância maranhense em sobre pujança. Agora, desculpem o apodo: —quizesse ter sempre dentes à enfiar para constantemente estar no consultório d'esse excelente e carinhoso pai.

Todos fazem de ver tanta beleza,
Pois nesta Deus de eternal majestade,
Escreveu-se deus a Natureza.

Dante Faria.

ESCULPINDO

Segunda serie

II

Este segundo vulto que apresento,
E que entre nós, leitores, se enaltece,
Digo, também, que quasi não mereço
Ser descrito por mim, neste momento,

P'ra saberdes quem é, Grande talento
Deu-lhe Deus e isso muito prevalece,
Para a estima do povo que o obedece
Por entre rasgos de contentamento.

Eleito, lá na Câmara servia
Entre os sete que o Estado ali mandára
Representa-lo e p'ra maior valia

Da nossa mais subida estimação,
Fomos busca-lo em festa muito rara,
A governar o nosso Maranhão.

Cinzel.

Gronica maranhense

Certas coisas nos preocupam o espirito
Há poucos dias os leitores devem estar lembrados, houve no teatro um concerto e eu lá estava com toda a minha pése numa cadeira, a imaginar n'esse momento as execuções dos professores que haviam de expô-las. De repente fiquei surpreso com a presença do Filonilo Lagardère que, ao meu lado estava. Cumprimentei-o, e ele, sem mais de nós sair-se com esta:

—Sabes, estou muitíssimo aborrecido com o Lameira.

—Como assim? perguntei-lhe.

—Ora, o meu patrão tendo, para levar em leilão um birimbau e eu achando que poderia competir, com os grandes músicos: Zola, Victor Hugo, Shakespeare e outros, resolvi aprendê-lo. Para tal fim, me atirei do corpo e alma ao instrumento, deixando quasi por completo o inglês do Miguere. No dia seguinte, já dava a escala de norte

para sul, de leste para oeste, finalmente pra todos os pontos da rôza dos ventos. Bem, andando progressivamente, pude conseguir no fim do ultimo mez tocar divinamente muitas peças de concertos, como sejam: «Vem cá mulata» «O Valpão» etc.

—Diz-me cá, uma coisa, não foste tu que saíste dum baile, safo?

Sai com esta também, para ver si assim ele me deixava prestar atenção ao concerto, mas nada, ele proseguia:

—O Lameira, sabendo da minha perfeição no birimbau, não teve a coragem de me convidar, ainda mesmo, para fazer numero. O Carvalhinho, este não, convidou-me também, porém eu não quizei ir: como tô bem sabido, o birimbau, segundo as regras do professor Angolinho, é o instrumento que só pôde ser tocado em surdina, para comover a alma e fazer falar o coração, e assim eu com o meu birimbau entre 400 músicos, nada adiantaria.

A' leitores! quando eu dei em mim, tinha terminado o concerto e ele ainda continuava, porém deixei-o e vim para casa, perdendo a quantia da cadeira, o efeito do concerto, ganhando uma chuva no costado e além disso todo birimbauado.

Chegando em casa, convenci-me de que certas coisas preocupam mesmo, o espirito, como agora, o meu, com o birimbau do Filonilo Lagardère.

B. Quadro.

OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

II

Já na arena das letras se agrupavam
Miriades de sabies praticando
As lândas do papel, já não prestavam
De riscos e borris que iam levando
De originaes, as redações inchavam (20)
Onde á mór parte os iam separando
As sabias penas, rétas, justapostas
Que entre os tais imperavam sublimadas.

20

Quando os trinta do núcleo vigoroso (30)
 o governo obedecia humanamente,
 Se congrega em conselho rigoroso,
 Se o estado, das coisas, decrecente (31),
 passando um corte reto e doloroso,
 levando as revistas, lentamente,
 os reinos impunham por diante
 na imprensa da casa governante.

21

Adendo assim aquêlo movimento
 tinham por semanas retomado,
 em todos do vez nesse lento (32)
 rio dos convencidos (por um lado),
 outro os mais sabidos, outro vento (33)
 nem, porque já tem nome fundado;
 quelês, por aqui sem ter quem ronde
 pelo escôro, então, co'ares de conde (34)

Camonillo.

(1) — estavam atalhadas;
 (2) — os deputados;
 (3) — duvidoso;
 (4) — estado lastimoso;
 (5) — outro destino;
 (6) — ares do poeta.

Canhóto Elegante

Paz azeite nas mihas para dezenferrujal-
 da apozentadoria em que se achavam há
 a trez páres de mezes, para vêr si con-
 to fazer esta crônica que, para mim foi
 a grande porascada que me atiraram.

Em todo e a, vamos lá:
 Sexta-feira 16, a nossa redação amanhe-
 ceu em festa, pois o nosso companheiro
 Alma Fortuna, fez tempo de nado.

O seu aspecto (da redação) estava des-
 cobrante; flores e bandeirôlas formavam
 o conjunto agradável e festivo.

A noite, tendo-se reunido gentis senho-
 ras que vieram cumprimental-o, organizou-
 se um pequeno sarau que durou até alta
 noite. Nos intervalos o jovem e simpático
 senhor Madureira deitara o auditorio, com
 interessantes monólogos e belas poesias
 arrastadas.

A senhora Herondina Kangel disse com
 ilho uma poesia e Lilla Botelho cantou
 uma melodia formozas canções que agrada-
 ram todos os ouvintes.

O aniversariante, recitou varios sonetos
 e fez um interessante monólogo;
 recitando francos aplausos.

O fulgurante poeta Manuel Lisboa exco-
 tou ao piano lindas óperas que só podo-
 mos apreciar as que aqui estiveram.

Uma alegria dominava todos e assim se
 passou a noite na mais franca intimidade.

Domingo 18, fui ao mez Mariano na Ca-
 dalal.

Canal... Eram tantas as porcelas fentui-
 ras que brilhavam no vasto templo, que,
 não fiquei pateta.

Quando, entret, umas diziam às outras:
 "Quem está ali?"

— Quem?
 — O Redator do "Canhóto"...

...E não nam sociegavam.
 E indretavam-se nas cadeiras, abanavam
 e compunham os colares, procuravam po-
 zas estéticas e me fiavam...

Eu, arrastado, suava a mais não poder.
 A noite como de costume fui ao Ideal.

cinema e lá tive ensaio de apreciar a bela
 maravilha "Amor e Espada" e ver o que
 de mais chic possui a nossa sociedade.
 Uma doce aragem passava em nossas cabe-
 ças de envolta com o perfume das suas
 frequentadoras. — e quanto a fumaça de ci-
 garros, não digo nada, porque sou medro-
 zo...

Passou a 21, a data natalícia da interes-
 sante, Celeste Carvalho, extremecida pri-
 meirinha do nosso amigo Antonio Carvalho
 acreditado negociante.

A 21 fez anos o virtuoso e querido
 Monseñor Galvão, o patriarca da igreja
 maranhense, a quem um pouco tarde cum-
 primos os votos.

Lenhos com imenso prazer "A Sinetaz" que
 se publica em Alagoas; "O Conservador"
 na Bahia; a humorística revista "Iris", de
 S. Paulo; "Nortistas" do vizinho Ceará que
 pela bondade dos seus redatores, temos a
 honra de contar em meio das nossas per-
 mutas e, sobre tudo agradecemos ao bri-
 llhante órgão pernambucano "O Trabalho"
 os elogios, aliás, desmerecidos que fez a
 nosso respeito.

Tivemos a grata noticia de haver sido
 aprovado, em Manaus, o jovem José Bra-
 ga Mendes, em concurso de pilotagem a
 que se submeteu.

Hontem, festejou-se solenemente a bata-
 lha de Tuyuty, ocorrida em 1866 nos cam-
 pos Paraguaios, dando-nos o "Diário Offi-
 cial" uma esplendida edição especial onde
 fulguraram as penas mais abalizadas em
 nosso uicio jornalístico.

Hoje, dar-nos-á o Ideal uma esplendida
 matutina e sorrisa da moda, com progra-
 mas caprichozos destacando-se a estupenda
 fita de enredo policial "Tigres" da querida
 fabrica Italia.

Com mais esta fita, o Ideal subirá mais
 um degrau da escada da simpatia, de que
 goza entre nós.

Passará no dia 30 no paço de sua queri-
 da familia a data do seu natalicio o honra-
 do e conceituado escrivão do fóro estadual,
 Fernando Antonio de Souza, que não po-
 derá neste dia negar um abraço ao "Ca-
 nhóto".

A "I", terá o prazer de comemorar o seu
 natal, em companhia de suas amiguinhas,
 a nossa gentil leitora, senhorita Regina
 Jucá, filha do Dr. Paulino Jucá dig-
 no Conferente da Alfandega de Manaus,
 atualmente, zeloso e competente Inspetor
 da nossa repartição aduaneira.

Os nossos sandares.
 E finalmente leitores, sem mais assunto,
 aqui termino, com grande reverencia.

H.

Carta abérta

RESPOSTA AO DENTE VIRADO

Agradeço-te penhorado a "carta-abérta",
 que me dirigiste no numero passado, da
 qual não sou merecedor.

— Então estás bestificado de vices do
 interior após mezes de *bedito* retiro e encon-
 traras a cidade em estado fúnebre de con-
 tário em valas?

Paciencia.
 A questão é simples: Já ficaste amato-
 tado e ao saltar no nosso *Pharoux* to
 espantaste pelos *levantamentos* do progresso
 de que infelizmente a nossa ilha é vítima.

Quanto a falta dos *sifisticos* e *tuerculosos*
calhambótes, só tenho de me congratular
 contigo, como maranhense da gema, pela

supressão dos cujos, que serão *amanha*
 substituidos, graças ao governo municipal,
 por electricos.

Agóra, perdôa-me a franqueza: Porque
 procuraste pelos bondes de 200 réis quando
 por mais 45\$803 andavas de automovel,
 sem gastares teus preciosos calcantes?

Falta de *moneys*? ...
 Olha, queres dinheiro? ...

— Arranja uma mezinha, uns copos or-
 dinarios e vá vendel-os ao povo na praça
 impinjindo-os como feitos de *arcias-monaz-
 ticas*, como fez o espanhol e veras o cobre
 cair como na Caza da Moeda.

Então, si não quizeres isto, vá enforcar-
 te debaixo da janella da *casa branca da serra*
 de quem tu bem sabes e não me afoles mais
 com tuas queixas.

No mais dispôdi do

H. Ferrari.

Filatelía

Nova-Caledonia. — De Numéa informan-
 que foi renunciada a emissão de selos
 comemorativos para o aniversario do
 cinquentenario, o tempo que faltava
 para a preparação das *sobrecargas*. Teve-
 se, entretanto observado uma mudança
 de tipos para esta colonia e o diretor
 dos correios pediu que se lhe aprezen-
 tassem os projetos. Houve uns modelos
 que tiveram, parece, obtido menção
 honrosa. Estes modelos parecem ser
 bem complicados para selos postais.
 Eles só poderiam ser utilizados, em uma
 impressão em *taille douce* (gravura ao
 bufril).

ABYSSINIA. — Viu-se em diversos catalo-
 gos, um selo abissínio com a *sobrecarga*
 4+4 AFF. EXCEP. FAUTE TIMB. Este
 selo não vale mais que 4 *guarches*.

O Correio estando a servir-se de selos
 de 1894, que não podiam, por falta de
 algarismos, circular em a união postal,
 foi obrigado, para os tornar válidos,
 indicar seu valor, mas o selo 4 *guarches*
 não vale senão 4 *guarches*. A edição des-
 tes selos circulou durante seis ou sete
 dias e foram tirados 20.000 exemplares,
 sejam 200 series, somente, de 1/4 ao 16
guarches, e, sobre as praças abissíneas,
 valem já de 25 a 30 francos, a serie.

Acçõs. — Sabe-se que circulou a serie
 comemorativa de Vasco da Gama, com
 a *sobrecarga*: REPUBLICA. Isto demo-
 estrou bem o caracter especulativo des-
 sa emissão, que os Acçõs não tendo selos
 taxa, desta serie, se serviram dos da
 metrópole, para prefizer a serie, ajun-
 tando a palavra: ACORES; o resto da
sobre-carga é o mesmo que em Portugal.

Além disso, houve mais uma surpresa;
 os de 2 1/2 réis, verde-azulado, não
 existindo, mais que 25.000 exemplares
 e, como se viu, se esgotavam rapida-
 mente, decidiram só serem vendidos
 nas series completas.

A *sobre carga*: ASSISTENCIA foi, tam-
 bem, obtida sobre os dois selos dos A-
 cores, 10 réis, verde-bronze, e 10, roza-
 vivo.

J. V.

Hilaritas

DE NARIZ PRÁ CIMA.

O leitor há de pensar com certeza que se trata do Paulo Prado; do Heros ou do Arthurzinho Tenor que andam pela rua, como no tempo do Haley, de nariz no cometa. Não, não se trata desses narizes arrebitados, trata-se de coisa equivalente. O atestado aviador francês Lucien Deneau que está fazendo o seu vôo em torno de Belém, tem dado o que fazer às moças; daqui que dizem ser bem fácil, em vista do Pará não ser vizinho, o aviador vir até aqui. É o que se vê e ouve: moças pelas janelas de nariz *prá cima*, não esperando os bondes (caixa de fôsticos) como outrora, mas esperando o balão que vem do Pará.

— Já viste o balão?

— Mas que diabo de balão é este e, pergunto eu ao passar, será o meu chapéu ou por outra o meu nariz que elas, estão chamando balão? Tem me dado o que fazer... Ora, um dia dessas, sai a dar o meu passeio. Ao passar por uma casinha à rua da Paz, mais feia que o Garibaldi e mais velha que o Dr. Tibério, na cuja, estava a janelinha, uma moça, dessas que já chegaram aos trinta e... náda de casamente... passam a alcoviteiras. A cuja que estava de nariz *prá cima* e não me reparando, lançou em meu chapéu a formidável bolota de fumo, com que limpava os seus poucos dentes. Eu envergonhado, ajuntei a tal cozinha e entreguei-a à *tipa*, que com toda fleugma me disse: — Não, seu balão, pôde levar para o balão que eu balão me não importo balão. E eu tão encafiado, julgando tratar-se de uma louca, continuei o meu itinerário, mas levando a *cheirôza* bolinha na mão. E depois que em casa cheguei, é que soube da tal trixa do aeroplano e compreendi, a causa de tantos narizes *prá cima*. Agora, coragem não tenho para ir dizer-lhe que me não chamo balão. Mas, daqui mesmo, digo à senhorita da casa velha à rua da Paz:

— eu me não chamo balão, e sim

D. Fontoura.

— JURE —

O Canhoto treme

QUANDO VÊ:

- o Wuppesschlundertitos querer abocar o Danilo.
- a menina da escola chegar-se ao Caldas

AUTOMOBILISMO

O esqueleto d'um automóvel é o seu *chassis* que forma a armação e tem 4 rodas que são os membros portadores, diretores e motores; os *miembros* são a transmissão que comunica às rodas os movimentos determinados; os *nervos* são os órgãos que transmitem a máquina a vontade do condutor pelos canais que parecem, como nos seres animados, bem finos para os esforços a fazer.

Os sistemas: respiratório, nutritivo e motor do automóvel, possuem uma organização especial, pois são as pulsações do coração que levam à vida o movimento a todas as partes deste corpo maravilhoso; pôde-se supor, no reino animal, a existen-

— o *elo* *fazendeiramente* dizer: *je n'a pas d'argent*...

— o anel do apontador do Dr. Arthur Castro...

— o Alcide Costa e o José Vinhas imitarem as contrações do Ermetti Zaccou...

— o Brilhante cronista Danilo, a pregar moral pelo órgão cinematográfico «Pacotilha».

— o Jesus *ozali* entrar no cinema com o seu passo de urubú manhoso.

— o maestro do Ideal trepar ao cume do despeito e atirar rábias ao *Canhoto*. Ora maestro, o único culpado é você que não comprou músicas para nos deleitar as oíças. Compre as e verá, como você fica bonito...

— o Humberto com ares de astrônomo *parabolístico* dizer que a Alandega anda cobrando os direitos aos automóveis: *ad valorem*. Eu não sabia que existia mosquitos com bigode...

— o pintor de gaúlos da rua dos Afogados...

— o bigode do Buzaglio, porque parece chavelho de bode.

— os 49 pontos do *perinho* do Percegueiro...

— o Afonso tocar a Mascote ao piassar pela enxa da amada...

— o Silvio sem sua distração...

— o Grillo cantar a *Travolta*.

— o Nestor *Ventureira* deixar num baile 4 apaixonadas pela maneira elegante da sua declaração.

— a energia de espanhól da Estrada com as toálhas.

— os desenhos a aquardela do Valle (sem espíndas e cabeleira) resumirem-se em — amor perfeito. Icho já é ter *inteligência*...

— as inegualáveis condições das muitas sociedades de peculios...

— a pose bigodal do Herculano Parga (o molhado).

— a quantidade de candidatos apresentando a sucessão do marechal Hermes.

— as pontualidades das matinadas do Cinema S. Luiz.

— o engarrafamento do Tito Seabra.

— o Gecio (alto) pretender fundar em oposição ao Clube dos Nariconsultos o Clube dos Batiscidos, cujo emblema será a batata do seu narizinho...

— a prospera fundação do «Clube dos Condecentes» (condes sem dentes). Já foram propostos: o Rodolfo, o Bello, o Serra e o Raymundo Lisboa (zangote)...

— que o nome do Polidetes significa *miúto*...

— *verdades*. Segundo verificamos, o nosso *miúto* queria ter título, como o guarda aluaneiro... é *muito* espuma...

— o Canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— a canhoto deixou de circular ontem, por acúmulo de serviço na tipografia onde é impresso. Por essa falta, pedimos desculpas aos nossos assinantes.

— Por um susto,

morre um amor.

Foi em uma manhã de maio, na igreja da Conceição, que a vi.

Sinto-me completamente apaixonado ante sua fascinante beleza.

Traçando um simples vestido branco, com uma saudade ao peito, uma delicada fitinha azul prendendo as suas belas madeixas loiras, formava o prototipo da beleza e graça.

Procurei aproximar-me, para melhor admirá-la, o que me não permitiu, a compacta assistência de fiéis. Terminada a missa, ela saiu.

Acompanhei-a e a vi entrar em uma, casa de onde não saiu, pois seguramente duas horas esperá-la. (Não sei se chorava, ou fazia sol) para assim me certificar si realmente era ali sua residência.

E depois, pensativo voltei para casa, procurando um meio de aproximar-me e confessar-lhe meu ardente amor...

À tarde, preparei-me convenientemente, tomei uma *poze de trez* com goma... e dirigi-me à casa onde vi entrar a dona de meu coração, e na o forte propósito de confessar-lhe, de corpo presente quanto sentia e até disposto a pedir a seu cazaumento, si em vez dela encontrasse o velho...

(caramba!)... nunca tive tanta coragem e assim pensando, patee a porta.

Rezolutamente bati as palmas, quando onvi na sala, uns delicados e miúdos passinhos; senti-me nas nuvens... cadeos corajim!... Procurei fugir, mas... já era tarde.

Apressado e tremulo sai para a rua e sem tempo de por em execução o meu desejo a janela abriu-se e ali apareceu, sempre encantadora, ainda com a fitinha azul ao cabelo e com meiga voz perguntou-me: — que deseja o senhor? Estive quasi a lhe dizer que desejava o seu amor, por m *engasgada* de comoção, falou me animo.

Então *milagrosamente*, inspirou me um protesto. E ainda, um tanto atrapalhado respondi-lhe: — Desejava falar com o Jovira. Jovira?... não mora aqui, o senhor está enganado! — Então queira desculpar-me, obrigado! E graças a essa partida fui andando, já me não lembrando do encontro da manhã, unico causador de semelhante susto. E a cada passo que dava, ia baixando um grão daquele amor, repentino e brusco, até... E hoje nada!

Jovira.

assim que o motor a petroleo exige um mecanismo de distribuição, para a admissão e escapamento dos produtos de combustão, um aparelho elétrico completo, para a ignição dos gases combustíveis no momento de chegada do curso do pistão; um regulador para manter a velocidade sensivelmente uniforme, enfim, uma completa canalização de água para o resfriamento das paredes aquecidas pelas explosões sucessivas do gás, que se produzem no interior do ou dos cilindros.

(Continua)

ERRATA—No ultimo numero, na segunda coluna, onde se lê: ... um volante manipulador... leia-se: ... um volante manipulador...



O progresso

A MULHER

As coizas progridem; a humanidade progride (falo, só, do sexo masculino), tanto o seu intellecto, como suas obras; e sua moral expande-se propozitadamente, com consciencia.

E o feminismo?

Que pergunta! —ê embatucou, lá pras bandas do esquecimento e záz... fez uma máta espessa e impenetravel, de palermice.

Nêle, a unica coiza que progride, são as modas quais são amigas leais de nossos olhos...

Mas, não são de tôdo, leais, não nos deixam conhecer completamente, a beleza e formozura de suas dônas. Inda estão muito encubadas...

Pois, si assim é, não devja perguntar pelo sexo femenino.

Porem, também, não é inoportuno:

Que são beleza e formozura feminis?

Nós homens, não conhecemo-las, mas, também não será, para o futuro, impossivel conhecemo-las.

Impossivel mesmo, não será... as modas progridem. E nessa progressão, verêmos coizas que nos farão, estaticamente, cair os olhos.

Alto! sim, são beleza e formozura, mas, as do feminismo casto, puro, immaculado, que nós faz jogar pelo seu contraproducente ar de rizo, pela sua indiferença as nossas olhadélas sempre com maledicencia ou quebranto...

Assim, parece impossivel; mas, minhafe estão nisso. Altissimo que é lá nas alturas altamente atadas!

Ora, deixem andar e...

Entretanto, temos um consôlo nas estatuas dos amorôzos e laivos esculptores; mas, prá que nos servem? —só, pára admirarmos a pericia ou impericia do autor, ou pouca coiza mais. Mesmo que sejam copiadas da nudez virjinal, nós são inabilitadas de dar um tom da castidade oriunda.

O homem molda em gesso, talha com o buril ao marmore, uma mulher, mas, nunca está de bom humor, pôde mentir, enganar-se, errar, não nos pôde dar odor de sua derma rozada, diáfana e suas ondulações de almofada macia...

Isso, sim, que é impossivel, êle não tem poder de copiar ao marmore ou gesso, tudo aquilo. E alem, o homem não tem afinidade, nem uma, com a verdade; êle nasce e morre, no erro.

Vem ao mundo errando, por se ter de entregar aos caprichos feminis e morre errando, por deixa-los.

Vivêmos de colizóis.

O mundo é uma errada, onde estamos nós, as bestas!

Isto aqui, ficaria melhor, se não houvesse a mulher (é engano meu); e, si assim fôsse, também não haveria o pedantismo e até, a ignorancia no meu sexo. Que pena, si não houvesse tudo isso.

Mas, sem ela, nem existiria o homem, nada... E sem o homem, ela existiria? A! isso é com os fisiologistas!

E ninguem sabe, como começou a humanidade... Diz a h stória, que decendemos de Adão e Eva, mas alguém os fez e esse alguém não appare. Eu a esmo... vem de quaisquer (?) estranhas.

Logo, aquêle alguém é decendente da mulher. Sim?

Então, ela é a baze ou a razão de tudo que existe ou vemos e podemos imaginar... Assim julgo.

Isso não quer dizer que ela é o pedestal de tôdos os feitos. Também, já era de mais.

A ilação é esta, a mulher deu e dá o homem, porem, êle que trabalhe, estude, e até invente.

E inventou tudo.

A natureza não administrou ou administra eruditismo e tanta intelijencia, na mulher.

Seria uma extravagancia, a mulhersabia!

Há mulhêr pernestica; mas culta? Isto é que não.

Que dezaforo, si tal houvesse!

Não tem regra sem exceção, mas esta desmente aquêla e, como essa regra no feminismo, nos deleita imenso, deve ser proscrita a exceção, prá vigorar a generalidade. Si não, pobre de nós! —viveriamos sob os calcanhares da mulhêr.

Mas, é verdade, já disse mais ou menos que, si ela não existisse não existiria o homem e si ele não existisse, ela não existiria. Não. Pois, a mulher conforme penso, prá apparecer, não foi precizo o homem.

A origem dela é excentrica.

Abyssus abyssum invocat. Por isso desculpem-me, vou dá-la:

Esperteza, Extravagancia, Amor em alto grau; Beleza e Formozura encontraram-se um dia; confundiram-se numa só coiza. Depois de algum tempo, naquele lugar appareceu uma flor.

Essa flor foi tomando proporções espartozas. Subitamente, dela organizou-se a mulher. Depois, sem mais nem menos ela nos, deu o homem que fez este mundo de asnidades.

Mas, como se origina aquêle homem, sem outro com as mesmas formas, os mesmos organs?

Não sei. É uma confusão, um misterio, prá nós.

O melhor é sêr a mulhêr, o fundamento de tudo...

M. L.

O Meu Jardim

Lygia Nogueira

(JASMIM)

Na imensidade do céu,
Em madrugada florida,
Brilhava uma linda perola
Formosa, muda e adormida...

Mas, certa manhã de junho,
A linda per'la caiu
Em cima do jasmimero
Que logo depois floriu...

Brotou jasmims delicados,
Formozos, puros, gentis,
Lindos, gracios, naciados
Co'os beijos dos colibris.

O mais travesso de todos,
O mais traquinas jocial,
Mais alvo, mais engraçado,
E' este agora, afimil.

Delicada mezininha
Do meu jardim — o Jasmim,
Tão elegante, estudiosa,
Não há talvez outra assim.

Carinho dos seus paizinhos,
Rainha da traquinagem,
Quando calada é tão linda
Que semelha santa invogem.

Não te tangues minha flor,
Por seres cantada em verso,
Fiz isto, porque o jasmim,
Existe em todo universo...

Em todo mundo êle existe,
Mas não assim tão perfeito,
Reunindo tão belos dotes
Encanto, graça e respeito.

Co'as outras flores amigas,
De belezas um tezoiro,
Iris formar um conjunto
De mais valor do que ouro.

Feljó.

O beijo e a lagrima

d' Vespertina Marques

Encontraram-se na curva de um caminho o Beijo e a Lagrima.
Ele, formozo menino rozeo como um raio do sol.

Ela, linda creança de faces palidas e olhos tristes. Falaram-se:

— Quem és tu, o encantadora menina de olhos ternos como o maviozo cantar do rouxinol?

— Eu sou a Lagrima. E tu?

— Beijo, é o meu nome. Venho de um paiz onde so ha rizes e cantos, flô-

PARNÁZO

Injenua

Sob o clarão da lamparina fria,
Conversava o Lourenço com Faustina
E junto, a avó mantendo a disciplina,
Grelhava os dois pombinhos co' energia.

Era já tarde. O noivo co'ouzádia,
Vendo a guarda dormir, disse á menina:
— Abraça-me querida o co'alegría
Vibrou-lhe uma beijóca clandestina.

— Então menina, não se tem respeito?...
— Que falta de vergonha, onde se viu,
Cinjur-se a noiva com ternura ao peito?...

— Não é, vovó, repare, eu com meu lenço
Estou tirando a poeira que caiu
Nos olhos do Lourenço!...

D. Fortuna.

Falsária

Tirava, vou dizer-te francamente,
O que sei, o que penso a teu respeito;
Mas não julgues, contudo, que meu peito
Encerre odio tornando-me imprudente:

— Naceste bela e após o torpe leito
Da idade vil, madura, de repente,
Tu trilhaste... E's cascúda qual serpente,
Trinta e um anos, decerto, já tens feito...

— Tuas rúgas do rosto estão cobertas
Do pó do arroz em grande quantidade
E velhas carnes tu cruelmente apertas

— E's falsária iludindo a humanidade,
Dos amantes cercada por ofertas
E assassinando a fresca mocidade!...

H. Ferrari

Sou Eu...

As' pernambucanas.

O' doce caridade, olhai p'los pobres!
Quem vos suplica é puro desgraçado
Que de miséria dura está coalhado
E desprezado pelas almas nobres.

Socorrei-o que, já do sino os dôbres,
Ouve, já na tristeza acorrentado.
Correndo, andando, como o vil soldado
Pelas impuras matas ou alôbres...

Arremessaram-no sem ter piedade,
Para a aljibeira da triste desgraça.
Socorrei-o, ó gran, doce caridade!

Vinde, que ele é rapaz amigo meu
E que se encontra, sem nenhuma graça!
Ora, sabeis quem é? — Digo. — Sou eu...

Verdureira

"O Canhoto"

ORGAN BI-MENSAL

Literario, humorístico e noticioso

Propriedade da sociedade do mesmo nome

PRESIDENTE—Djalma Fortuna.

VICE-PRESIDENTE—Manuel Lisboa.

SECRETARIO—João Vinhas.

TEZOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 Exemplares

Assinatura anual..... 28000

Toda correspondência

dirigida ao "O Canhoto"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

res e perfumes. Feliz de quem lá vive
porque é embalado pela fada da Esperança.
Sabes? A terra de onde venho, e
resplendente como os anéis do meu
cabelo, azul como os meus olhos amor-
rosos e feliz como a aza sutil de um sor-
rizo que quasi sempre por meus labios
esvoaça.

Queres seguir comigo?

Caminharemos juntos entoando um
doce madrigal e no paiz em festa to-
dos cantarão a nossa ventura!

Não! Eu devo trilhar sozinha, por
caminhos escabrosos.—triste como este
manto roxo que me cobre e macerada
como a palma do martírio. Venho de
um paiz onde tudo é lúgubre, onde so
geme a Dor. Como a negra cor dos
meus cabelos é a triste expressão do
meu olhar, assim é a terra de onde ve-
nho.—Teu caminho é radioso como o
sol e no meu reino a treva da noite.

No teu, ha rizo e cantos; no meu...
tristeza e prantos! Não, amigo! Con-
tigo não seguirei! Volta ao teu paiz!
Lagrima! Já não posso voltar ao meu
paiz porque te conheci e sem ti não
posso viver! Si não me segues minha
vida tornar-se-á horrível pezaço e por
meus labios tão lindos jamais adejará
a aza sutil de um sorriso!

— Infeliz! Não sabes as torturas que

sofço quem de mim se avizinha? Sabes
o que é o perfume de uma lagrima?

E' o funeral de uma ilusão! Sabes o
que é a ventura na terra de onde ve-
nho? E' a agonia de um coração que
geme sem cessar! Sabes o que é a ma-
gua? E' a lamina cruel que revolve as
chagas de um peito cruciado que mor-
re lentamente! Não,—Beijo, não me
queiras seguir!

A! Tu não sabes a ventura que po-
deres dar!

E tu não sabes o que poderá sofrer!
Mas, já que falas em ventura, dize-me
de que paiz vens.

— Eu venho do paiz do amor, naci nos
labios de uma noiva. E tu? — Eu ve-
nho da saudade naci nos olhos de uma
mãe!

Nisto deceu do céu um anjo resplan-
dente de beleza, envolto em nuvens
vaporosas.

Vem comigo—disse a Lagrima. Diri-
gindo-se ao Beijo disse:

Volta a tua terra, porque quem vive
do amor não pôde viver da lagrima, a
triste filha da Saudade. E que nunca
mais, Beijo, saias de onde vistes; por
que será a tua infelicidade encontra-
rás a Magua.

Tu, lagrima, brilharás no céu, no seio
divino do Senhor, e tu, Beijo, cantarás
na terra, nas deliciosas plagas do
Amor!

A. C. N.

ESCULPINDO

Segunda série

III

Leitores, reparei atentamente
Neste nobre varão, consuetuado,
Que em todo o Maranhão, sempre acatado
Representando competentemente.

Vem, desde muitos anos para a frente,
A suprema justiça, que enfadado
O povo encara, um tanto subjugado
Ante o réto juiz, sempre potente.

O Canhoto Elegante

Por motivo do seu anniversario natalicio
a 30 do passado, foi o dr. Paulino Juca
digno Inspector da Alfandega, alvo de ex-
pressiva manifestação da parte dos em-
pregados, daquelle departamento publico, des-
pachantes e do comercio, ás 11 horas da
manhã, onde se efectuaram diversos discus-
sões aos quaes respondeu o homenageado, em
brilhantes palavras que muito calaram nos
corações dos que lá estiveram. A' noite,
tendo-se reunido varios amigos do anivers-
sario para se fazerem cumprimentos, impro-
vizou-se um sarau, onde tomou parte o es-
côl da nossa fina sociedade. Dentre as in-
meras senhoritas que abrilhantaram
aquella tão inesquecivel noite, conseguimos
notar: Maria José Moreira, (quando a Misi-
ca Rosa Concoção ás vezes olha atordoado, em
atenção, lembro o teu vulto, teu soberbo culto).

Maria deliciosa o auditorio, executando
com magnificencia ao piano, varias parti-
turas musicais; Maria Thereza Gama Lobo,
(toda a brancura d'uma estrela é pouca para
ofuscar-te, ó pérola do mar! Palavras gor-
jeiam-te na boca... Mil auroras fúscam-te
no olhar!); Izolina Régio e Maria Augusta
Godinho, formavam um céu azul onde ful-
guravam as rutilantes estrelas: Maria da
Gloria Bello, Rozica e Mariocita Castro que
valsavam com pureza e perfeição; Francis-
ca Godinho, (gracia toda tuas por onde pizas re-
benfiam sonhos, como em maio flores, cohi-
cham ramos e farfalham brisas e o proprio
céu de amor muda de cores...); Elvira Assis
Odyia, Jandyrá e Capula Nogueira, vesti-
das de branco, formavam um lençol niveo,
dicernindo-se assim: Elvira, Odyia e Ca-
pula, alvas como o cristal radiado de neve
facciosas e delicadas, e Jandyrá (sorridente,
sozinha entre as flores, graciosa, gentil mo-

resinha, tão formosa, tão linda e tão bela, junto as outras, lá eras rainha; Santinha Gandra, Lília e Cealutina Botelho formavam uma triundade formosa qual pincel em tela fina debuxar jamais pode, ou nunca ouzara; formosa qual jamais no céu brilhara, astro gentil, estrela matutina; Maria Luiza Braga; Rozalina, Euphrazia e Santinha Santos; Julieta Sampaio e Georziela Silva resplandeciam dando mais graça e esplendor á bela festa; Ayrine Oliveira e Laura Ewerton metavam os acordes que iam soando, como pianistas inspiradas. E finalmente, Laudicea e Regina Jucá que, pela lhanza do seu trato cativaram a simpatia dos que lá estiveram, não só pela maneira fidalga com que acolheram os que lá foram felicitar o seu carinhoso pai, como, também pela afabilidade com que trataram suas amiguinhas; eram a alma da festa.

Brilhavam mais do que a rosa; fulgiam mais que a bonina; eram as delicias do baile, a Lanchete e a Regina.

O buffet esteve irrepreensível. Até, alta madrugada, todos com júbilo divertiam-se quando terminou a festa. Naturalmente faltou alguma senhorita que não tomou parte nesta modesta crônica, mas, há de perdoar, pois o nosso representante é dançador e quem dança, tudo esquece.

Tivemos ocasião de apreciar dois belos dezentos: o projeto de reforma da parte do edificio do «Colejo e Azilo de S. Ierozas», habilitante e com perfeição executado pelo dezentista Ethelbert Valle e um trabalho a carvão que nos foi oferecido pelo talentoso pintor, cenógrafo e dezentista Porciúncula Moraes. Gratos.

—A 31, «O Canhoto» elegantemente se fez representar em casa do Coronel Fabricio Caldas de Oliveira, conceituado e honrado Tezoureiro da Alfandega. Reuniram-se varios amigos do distinto funcionario que haviam ido levar-lhe suas felicitações, mantendo uma agradável palestra com a familia do festejado, salado após todos satisfeitos e cativos pelo cavalheirismo com que foram acolhidos. O Coronel Fabricio teve nesse mesmo dia, o supremo prazer de festejar o natalicio da sua virtuosa esposa.

O Canhoto elegante leu com elegancia, os elegantes collegas: «O Popular», da Bahia; «O Graco», do Ceará; «O Norte», da Barra do Corda; «A Lanterna», organo anticlerical e de debate que se publica em S. Paulo e «O Maranhão Philatelico» desta capital, no qual dozeja 24 horas de video leu brevemente, um folheto intitulado «Deus», contendo um interessante torneio entre o saudoso poeta Americo Cesar e o conhecido vate, Apolinario de Carvalho.

O referido folheto sairá em breve. —O domingo ultimo, correu animadissimo, atraindo o «Ideal» para sua casa de diversão a elite maranhense, além de apreciar o Wuppelander na maravilhosa fita «A noiva do ouro». Essa joia será levada hoje, pela ultima vez, na matinalda.

—No dia 4, zarpor a bordo do «Manáua» o nosso colega Agostinho Santos que vai iniciar sua carreira para pilotagem. Muito sentimos a separação deste inteligente companheiro que sempre se fez distinguir pelas columnas do nosso canhoto. Mas, já que não podemos faz-lo ficar, limitamo-nos a almejar-lhe um futuro brilhante e os laços de que é merecedor, na brilhante trajetória que ora enceta. De lá mesmo, Agostinho continuará a escrever no canhoto o que bastando nos anima e alegria. Almejamo-lhe ótima viagem.

A 6, les atos o nosso inteligente amigo e colaborador Nestor Madureira que,

nêsse dia recebeu a vizita dos seus collegas canhotos que o foram saudar. O simpatisado luzitano, há poucos dias que aqui chegou e conta já, inumeros amigos e admiradores em nosso meio.

—O Canhoto elegante, elegantemente felicitou o elegante amigo Jesus Noberto Gomes, proprietario da farmacia Sanitaria, pois a 6, passou o seu natal, caladinho com medo do canhoto elegante.

—Felicitou também a sua gentil leitora e distinta apreciadora Jandyrá Nogueira, pois festeja a 10, o seu aniversario natalicio. A ambos os nossos efuzivos saúdaes.

—Foi com grande contentamento que acolhemos a noticia de haver sido nomeado Praticante de Telegrafia o nosso companheiro Silvio Mamede de Sousa eximio dezentista da Estrada de Ferro. Tão justa distincção feita a esse nosso inteligente collega, alegre-nos imensamente.

—O Ideal cinema que prima na escolha dos seus films, deu-nos quinta-feira, «A sombra do mal», soberba concepção dramatica, onde se desenrolam as paixões mais deslumbrantes do contiuo com a pericia dos atores italianos. Nesse mesmo dia, deu-nos o Wuppelander e a Regina Wintergreen na comedia «Cazamento do hotel», que nada deixou a desejar. Hontem exhibiu este modesto cinema «Em pena extrema», peça em 2 atos da Nordisk que empolgando os assistentes, delicia-os sobremaneira.

Hoje, dar-nos-á o «Ideal» a maravilha das maravilhas, «O Homem do capote», drama desempenhado pelos mais afamados artistas mundiais, os da fabrica Nordisk. Consta de 3 atos, encerrando um enredo deslumbrante e gravando as mais encantadoras paixões dinamarquezas, infatuando os que a assistirem. O Ideal anuncia as mais recentes novidades, para a proxima semana, onde se vê o fino escrupulo empregado pelo seu proprietario, na escolha de fitas para esta familiar casa de divertimentos.

—Hontem teve lugar na residência do capitão Antonio Francisco da Silva, o baile intimo que a Diretoria do Club Terpsichore resolveu dar. Correu animadissima, comparecendo lá, a nossa elite.

A casa era pequena para os inumeros pares que, se cruzavam sob uma deslumbrante iluminação. A orquestra esteve irrepreensível.

Os nossos parabens, a zelosa Diretoria, pelos exitos alcançados na ultima partida, a de hontem.

—Festejam o seu natalicio no dia 9, a senhorita Jauca Alves e o nosso amigo Lino Gandra; a 14, o talentoso Roberto Vinhaes, atualmente em Paris, e a gentil senhorita Santinha Gandra; a 14, a interessante Maria de Lourdes Fortuna e a Exm.^a Ser.^a D. Virginia Pires de Sousa filha do avaliado comandante Alexandre Pires; a 16, a Exm.^a Ser.^a D. Joanna Pontes de Sousa virtuosa e exemplar consorte do Reservado do foro estadual Fernando Antonio de Sousa. As nossas felicitações.

D. F.

João Ribeiro

A nossa alegria, já se avulta num delirio, por ter de passar o dia 15, o aniversario natalicio de João Vitor Ribeiro, nosso colaborador inseparavel de tadigas.

Esse rapaz que, desde o nosso começo nos labores do jornalismo, sempre nos acompanhou para enfrentar as imprecações dos crizostis que infestam

e querem sujar a nossa literatura maranhense.

Tem se manifestado com garbo nas columnas deste nosso canhoto, tanto, pelo seu humorismo, como, pela sua reflexão em coisas sacras...

E' digno de muita atenção, pois, criterio na sua caximônia, tem prá em prestar até, prá dar [fiquem atentos].

Tem feito diversos concursos [de sabedoria] mas, aonde concorreu com mais entusiasmo, foi prá nossa alfandega, onde é 4.º escriturário.

Mas, porque nela encontrou o seu primordial emprego?

Desconfiamos, é para não deixar passar os contrabandos de literatice. Esplendido!

Bem, nêsse disse estaremos em sua caza filando sua cervejinha.

Fazemos mil votos, para que o nosso onipotente Deus dê ao recenacido do dia 15, já nacido, e continue a dar bem buriladas produções, prá esse amigo abrilhantar nossas columnas.

OS ATENIADAS

CANTO PRIMEIRO

22

Andava assim o bando peregrino,
Sem ter onde erigisse o dezumano
Quartel (35), que o povo nosso cidadão
Trazia quasi todo em grande engano;
Tinha a feição de um grupo mui ladino
Que afinal não passava de profano;
Tendo á frente um senhor muito pedante
Que tinha uma bolota (36) radiante.

23

Entre os lidões (37) passavam carregados
De trabalhos alheios que imitavam;
Estes por fim, de mais admirados
Suas obras com suato publicavam;
Aqueles muito já desorientados,
As gramaticas sabias reprovavam,
Quando um nobre rapaz aparecendo
Assim lhes fala, os olhos acendendo:

24

«Senhores meus da literata gente
Do Maranhão que agora reprezento;
Se esse vosso debate mui ardente,
Que caceio nutris sem fundamento
Não cessais, eu prometo de repente,
Como mandao Candoa (38) em seu invento (39)

Instruir-vos um pouco p'ra que nãofos, (40)
Possais analisar vossos troianos (41)

Camoulo.

(35)—acampamento;
(36)—bolota;
(37)—lidões;
(38)—Candido de Figueiredo;
(39)—obra;
(40)—convicto;
(41)—troianos.

Djalma Vasconcellos

Ficaremos encervejados neste mez, pois ainda temos um aniversario do dia 12, Djalma Vasconcellos, nosso amigo e também da literatice.

Com grande satisfação, damos o nome desse colega ao nosso diario jornalzinho.

A festança desse dia, melhor seria, si ele pudesse se manifestar, para corresponder nossas ovações, pois entrará muito cordado.

E não digam que «O Canhoto» é profa-

ta, já prediz o nascimento dum brilhante vate!

Ele terá colaboradores que, antes de nascerem já são literatos de grande nomeada.

Auguramos um ponpôzo aparecimento do Djalma, neste mundo de tristezas.

Mal ele sabe que é isto aqui, senão, não se lembraria de aparecer logo, no dia 12, dia de festas, foguetes, alegrias e nem sabemos mais...

O Canhôtô treme

QUANDO VÊ:

—o Lulú Cunha escrevendo cartas numa confeitaria. Continúe seu Lulú, é bem poético até...

—um certo lázaro a propalar por aí que, si sair no canhôtô, vai às narinas dos Redatores. Então não vê que o canhôtô é deconte e...

...o Dr. Garrido enfraquecido (isto é, de fraque)...

—a verborridade do escriturário Andradão...

—a declaração dum certo bacharel d'olhos amarellos, á uma senhorita maranhense.

—a vassourinha do Hilton, emprestada ao Numa, filho do Tezoiroiro...

—o Madureira recitar o «Sou eu»...

Filatelía

BRASIL.—No correio pneumatico do Rio de Janeiro, usa-se um carta-bilhete que traz no alto uma vinhetta terminada á direita por uma esfera terrestre atravessada, pela palavra: BRASIL; em cima e em baixo está inscrito o valor: 320 REIS. Há sobre a face o dorso desse carta-bilhete, numerosas inscrições.

A impressão é em negro e azul sobre cinzento.

CHILE.—Eis os esclarecimentos, sobre as effigies que figuram sobre os novos selos do Chile:

Guardarei silencio, sobre o selo de 1 centavo, pois a effigie [Colombo] é conhecida, por todos os amadores-colecionadores.

O 2 centavos traz a effigie de Pedro de Valdivia, o conquistador do Chile, que fundou a cidade de Santiago em 1541; tomou parte nos tumultos que agitaram o Perú, após a morte de Pizarro e se associou a Gonzalez, irmão deste, contra Nunez de Vela, representante do rei da Espanha, ganhando assim, o titulo de *Capitão General* do Chile.

Foi vencido e feito prisioneiro, pelos Araucanos [nação indigena da Araucania]

Autórobilismo 3

Os musculos que trabalham, para accionar os membros são substituídos, no automóvel, por uma transmissão mecânica que põe o motor em relação com as rodas propulsoras por intermedio do veres de engrenagens.

No trajeto desta transmissão se acha uma solução de continuidade que se substitue por um organismo de ação progressiva, quando se quer ligar o motor ás rodas. Este organo é a *embragem*.

Em todo lugar, onde houver giro de partes metálicas, umas sobre outras, lubrificam-se as superfícies em contacto com óleo

em a batalha de Tucapel e morreu em 1559.

O selo de 3 centavos nos mostra a effigie de Toro Z. [Zambrado], o presidente da primeira assembléa que teve lugar em Santiago, aos 18 de setembro de 1810. Enquanto Napoleão invadia a Espanha, as colonias españôlas formaram essa assembléa que foi encarregada de governar a colonia.

Bernardo O'Higgins, cognominado o *Pai da Patria*, que figura sobre o 5 centavos, nasceu em Chillan [Chile]. Entrou no exercito de sua patria, onde se fez notar por sua bravura.

Venceu com o apoio do general argentino San Martin, os Espanhois na batalha de Chacabuco.

Depois da Independencia, foi nomeado *Director supremo*, retirou-se em seguida para uma herdade que o Perú lhe havia dado; O'Higgins, aí morreu em 24 de outubro de 1842.

Figura sobre o 10 centavos, Ramon Freire que foi companheiro de armas de O'Higgins.

Venceu os Espanhois na batalha de Rols e foi nomeado Presidente da Republica depois da partida de O'Higgins. Morreu em dezembro de 1851.

O selo de 12 centavos representa o general Francisco Antonio Pinto que foi eleito presidente da Republica, em 2 de maio de 1827 e governou até junho de 1829.

Lutou, com os Espanhois, pela independencia do Perú e foi ministro plenipotenciario do Chile, em Londres.

Traz o selo de 15 centavos, a effigie do general Joaquim Pinto, que foi, tambem, Presidente da Republica e teve, como adversario, Francisco Antonio Pinto. Sob seu governo, estalou a primeira guerra, contra a Confederação Peruvio-Boliviana (1837).

Têve sob sua presidencia, um celebre ministro de nome Diego Portales.

[A seguir].

J. V.

FUMEM os cigarros LUA os melhores até hoje conhecidos.

Policiamento secreto

d"O Ganhôto"

DIZ PAULINO BROQUET QUE:

—o Valle (da cabeleira) zangou-se com «O Ganhôto».

Não tem razão, que o Juan espanhól lhe fará presente de um *amôr*—perfeito...
Mucho bueno...

—a Enéas telegrafista, mostrando no

mineral ou graxa; é ainda uma analogia com o animal do qual todas as articulações são lubrificadas pela *sinovia*.

Enfim, a direção é mantida pela deslocação á direita, ou á esquerda, do eixo dos membros anteriores (isto é, do joelho dianteiro, cujas rodas são montadas sobre *pitôtes* ligados por uma barra e engrenagens á uma haste de comando obliqua que termina na parte superior em um volante colocado sob as mãos do *chauffeur*, ou condutor.

Vê-se, pelo que fica dito, quantos pontos de semelhança realmente existem entre o animal de 4 rodas: o *automóvel* e o animal de quatro pés; pois, ambos têm um esqueleto, membros propulsores e directores, um coração, estômago, musculos, nervos e uma

«Cinema S. Luiza», os seus promotores gráficos. Al' tardia, foi por Baudet?

—um *limpa-penas*, da secretaria de Falcão, discutia sobre a bancada Maranhense em plena rua dos Afogados, numas noites chuvas; será algum deputado?

—o mosquito alemão vai montar sapataria afim de fazer *borzeguins* só para si; e bordal-os a sua vontade...

E' de fazer inveja...

—o Lagardère quer se chegar ao Canhôtô...

Cá estamos amigo, quando quiser...

—o Verdureira vai se naturalizar brasileiro, para nascer em Pernambuco...

—devido ao pessimo estado das ruas, Dante só andará de hoje em diante de automóvel... Fon!... Fon!...

—o João Ribeiro vai processar a Cinema que só vende café em chicaras pequenas que o incomodam os labios.

—o V. Luz diz que não vê luz, porque se ele visse luz, a luz era vista, logo não vê luz...

Que luta!...

—O maestro do Ideal, já está melhorando, graças á Deus...

—O Crizóstomo não vai atualmente cinema que não seja o S. Luiz. Pulera, não?...

—os artistas Luna & Stix são *maestros*...

—o Caldasquiz protestar, contra «O Canhôtô» que falsificou a sua fração;
Je n'a pas d'argent... quando ele disse:

Il n'y a pas d'argent rien est possible...

Está certo, doutor?...

—o João Lima (pachola) embarcou para o seu biblioteca...

—o acumulador do Maneco Souza, tanta força no dinamô, que quasi lhe escorria a lingua quando ele lambia o nariz.

o Hilton Biminoz-se do clube de condecedentes (condes sem dentes)...

Acumuladores elétricos

A' rua da Cruz n.º 38, informam-se, por carregue esses aparelhos por preço módico.

Salve 25 de Maio Salve!

A' GENTIL SENHORA

L. A. T.

O dia de hoje é de alegrias para os que te adoram.

Data que a natureza, mãe dos seres te fez o alvo da generosidade humana protótipo do bello sexo e o idolo da milia. Eu rogo ao Redactor, para que te conserve até a eternidade e prolongue tua existencia sempre coroada de felices.

S. C.

circulação completa; o sangue nutre a aencia, a agua e o óleo no outro. Para a semelhança seja completa, falta um cerebro dirigido os movimentos dando vida ao animal de metal.

Esse *cerebromotor* é o do condutor do carro; é elle que é a alma da maquina a coostrar a obediencia a sua vontade. Apoiando-se a um botão, ou alavanca, antea qualquer organo, simula, ou regula a força, regula a alimentação, a direção, o movimento de accionamento, dali em diante, elle se identifica e é o *condutor*.

(Continua)

O Meu Jardim

Camélia e Magnólia Costa

São duas flôrinhãs galantes as duas irmãs amiguinhas Camélia e Magnólia que agora apresento, aos leitores deste meu jardim, sintetizando o protótipo da graça, beleza e inocência.

Uma brotou no canteiro da amizade, que se limita com o da beleza e a outra surgiu no da simpatia que se avizinha do do encanto.

Naceram; e todas as outras sentiram-se curvadas e humilhadas ante seus bustinhos elegantes de linhas bem feitas.

Desabrocharam perfumozas e o ar impregnando-se de seus odôres, espalhou aos quatro cantos a superioridade encantadora da bela Camélia e a graça divina da meiga Magnólia.

Eu me senti uma creatura tão inferior ante estas duas flôrinhãs que curvando os joelhos em terra, beijei humildemente seus delicados pezinhos, como outrora fazia a plêbe aos reis poderosos de Roma.

Como a luz de uma vela que se esmorece, quando o sol monta no horizonte, eu quando vi a Camélia e a Magnólia no meu jardim, quedei-me fascinado.

O flôres do meu jardim! inclinai por um pouco a majestade e contemplai atentamente a formozura destas duas queridas flôrinhãs de hoje!

Reparai se não é verdade que elas são encantadoras!

O Camélia, eu te adoro!
O Magnólia, eu te contemplo!

A Magnólia e a Camélia,
São duas flôres tão belas
Que fazem as nossas almas
Cativas de todas elas...

Feljó.

Inspirações femininas

A Flôr

Sempre nos traz uma flôr
Ideal, no pensamento.
Uma lembrança de amor
E depois... o sofrimento.

Das flôres, sendo rainha,
É muito engraçada a roza
Uma flôr tão bonitinha,
Sempre flôr muito odorôza

As flôres têm expressões,
Mas falam, tão mudamente
São falas de coração
Que se sente, intimamente.

Quantas vezes! quantas vezes!
Um firme e fiel amante
Padece tantos revêres.
Embora seja constante?!

Augusta Santos.

RETRATOS A LAPIS

19.

M. P.

Tivo pela vez primeira a honra de ocupar esta seção que tem sido até hoje tão brilhantemente cultivada pelos meus mais distintos colégas de redação, muito embora me falte um certo grau de desenvolvimento intelectual, vou procurar vencer todos os aborlhos. Portanto, quem aqui vem retratar uma jovem senhorita cuja beleza encantadora faz conciliar os corações mais retruidos não é um escritor, não é um literato, é apenas um ilúzo que concizo não podia por mais tempo, deixar de esclarecer esses finos traços deste porte nífico e rejio com que a Natureza lhe dotou. Alva, tendo na sua velutinea téz a brancura do cristal da néve; cabelos da cor da noite tormentôza e olhos que cintilam, eletrizando-nos, como dois astros luminôzos. Quizera ser Pirax, para cantal-a em verso. E quando embora nas rejiois mais longinquas do Mundo, como ao sol no ocázo, jamais deixarei de admira-la.

Esse Esse.

ESCULPINDO

Terceira Sete

IV

—Armas em continência! Apresentar!
—Braçoarmas! Descançar! Olhar em frente!
—Fica bem o soldado reverente
Que aqui neste soneto vou mostrar.

No alto pósto em que está soube alcançar
A confiança, enfim, do dirigente
Des negócios da guerra pondo-o à frente
Das forças federais, neste solar.

Seu passo é grave e calha bem ao dono
Porque tem todo o corpo sitiado
De uma vasta gordura. E lá do stromo

Eu que está não ao canço; seu papel
Desempenha com calma o tem gostado
De viver entre nós, o coronel.

Cinzel.

O CANHOTO acha-se a venda na
agência de lotaria «Gato Preto» na
rua Grande.

AVENTURAS DE UM COIÓ

Quando vejo uma pequena, que me faz
palpitar esse pedaço de carne mole, que
chamamos coração fico completamente louco
a ponto de chamar bonito o Edu das Neves
e... vou para caça; empunhando a cabeleira,
tomo uma póse crizotérica e zâs uma
declaração a Veribureira...

A poucos dias, no Ideal, vi uma dessas
raridades e não havendo tempo para empunhar
a cabeleira, (foi mesmo, a Eurico Macêdo) que
sentou-me ao lado da morcundez e aguardava um
momento de distração do seu vizinho para
começar a ladainha declarativa...

E muito atento ouvia a conversação do
bêlo par quando a senti dizer, nêcos filho
de...

Não pôde ouvir o resto, pois ali estava
me esperando uma sóva de pau si puzesse
em execução meu intento e apavorado fui
saído cêgo de raiva, batendo com o nariz
na barriga do Botêlo; perdendo a seção, os
1.000 rs, livrando porém... o pêlo...

Jovira.

O CURSO PRIMARIO é lecionado a
noite, na rua 28 de julho n. 33, por
preço modico.

Retratos a martêlo

Faço começar esta seção, para formar
um par, com os retratos a lapis. Isto
é para martelar os tipos esculpturais da
qui.

Mas caros tipos, não suponham que
hei de lhes comparar com coizas formôzas
e farei seus retratos, dando bêlos
retrôques. Isso é que não.

Vamos ver em quem pega o martêlo.
Este é um doutorinho, bem pequenino
no morêno (assim ele quer)... Que
cára! Tem duas magôs na ponta do nariz;
quando funga... nem sei que parece.
Não dispensa um fraque que lhe
faz magrinho e tão baixinho...

É engraçadinho! Uma boneca! Mas,
o fraque é só um, assim... cor de...
ébono misturado com coizas
russas... enfim, já não tem cor.
No extremo da sua estátua usa um
chapêu de palha.

Já se convenceu que santa Ana é sua
namorada!

Que ouzadia! Não vê que uma santa
lhe não pode vê; só santa Luzia. Pronto,
está conhecido... Mas o martêlo
é mau! Desculpe...

Ze Braz.

FUMEM os cigarros LULA os melhores
até hoje conhecidos.

PARNÁZO

Nenem

Sempre um lacinho na mimóza trança
Da cabeleira perfumada e bosta,
A cuja tréva o pirilampo arrasta
Quando do vôo dondejante cança.

Sempre um formozo rizo se balança
Pelo céu de seus lábios, onde a cista
Nuvem, da densa cabeleira bosta
Rola, travessa qual gentil criança.

E quando a noite no portão da rua,
Contemplo o claro cirial da lua
Por sobre a fronde do arvoredor em flor.

Maldigo ainda o meu rival ouzado,
Que quiz furtar-me o gozo prolongado
Daquella noite sensual de amor.

D. Lopes.

Digo?...

Essa, de tén morena e aveludada,
De olhos grandes, sombrios, peregrinos;
Essa que tem no olhar uma alvorada,
E a tentação nos lábios purpurinos

Essa florinha humana e perfumada,
De rozea boca e dentes pequeninos,
Faz andar a minha alma atormentada
De amor, sangrando nos grillhões divinos.

Querem saber quem é esse trigreiro
Arcajo a cujos pés eu prisioneiro
Do seu encanto um doce olhar mendigo?

A quem no altar dos sonhos meus venéreo?...
Não... Não digo, sei cá si um peito fero
Irei ferir? Perdoem-me! Não digo!

J. Neves.

18 anos

Já trez lustres fugiram, condenados,
A lei do meu viver louco e sedento,
A lei deste cruel padecimento,
Em que vejo os meus anos dissipados.

Todos eles se foram, orvalhados
Belas lagrimas deste meu tormento
— Horas tristes passei, algum momento
Em sonhos de esperanças embalados!...

Já o quarto aí vem, rizados talvez flores
Me venham terminar os dissabores,
Os cruéis e funéris dezanoveanos...

Eu sei que a minha vida é forte pranto;
Jamaiz existirá um doce canto
Que me possa florir os negros anos!...

D. Voltaire

"O Canhoto"

ORGAN BI-MENSAL

Literario, humorístico e noticiôzo

Propriedade da sociedade do mesmo nome

PRESIDENTE—Djalma Fortuna.

VICE-PRESIDENTE—Manuel Lisboa.

SECRETARIO—João Vianha.

TEZOUZEIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 Exemplares

Assinatura anual.... 28000

Toda correspondencia

dirijida ao "O Canhoto"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

Postal misterioso

Minha querida M.

Porque me desprezas assim? Pois não sabes que o mundo dá muitas voltas e que ainda podes, um dia, ser minha?

Não sabes que no coração dos grandes é que se fundem as paixões dos pequenos?

Deenhás-me assim e eu te quero, tanto!

O mundo é de materialidade, de infamias, de injustiças, de iluzões. Talvez por isso mesmo me repudies assim.

O orgulho é abatido, a pompa exterminada.

Olha: a vida é uma longa estrada toda alantilada. O viajante quanto mais apalmita mais causa e mais a perda de vista.

E nunca chega à meta desejada.

Canta, gora, ri, na certeza do um dia, te veres enfiado pelo mundo ingrato.

Perdão-me. — Ten Arthur.

OS ATENIADAS

Recebemos a seguinte carta:
«Messieurs les canhotenues».
Avec un peu de vexameuze, j'ai l'honneur de communiquer à vous que je suis cancé d'écrire dès le comencé de le sécondième nacement de votres «Canhôte». Maintenant j'ai fini le premier cant de mon poème et seulement continuerai dans le proximé mois d'agosté.

Sans cérimonie je vous supplique de traduire canhotolement mes malquizeux troianeuzes.

Votro serviteur

Camonilo.

Cartas de um matuto

Tirizina, 15 du miúdo do mez de maio.

Gumpadi Pilidóru.

Cum prazê e satisfação, pegu na pena, móto na alma e ti iscrivi esta, pra ti da nuíças e tombem arresché as tuas.

Pur aqui vai tudu muita bem, só tia cumadi Micaela, qui anda soffrendu di dô di istambu e...

com licença da palavra; o qui mais li(a)la atrapaia é uma dizintia horribe já arricuri us corado doto, fromocébo e nada.

A muito dia qui ela num sai prá tomá ventu, porque tem médum dum tá bixu qui us intindidu sama otomóve.

Nu priméru dia qui vimu a bixu corré Micaela e Felibunda, tomou um sustu qui lartó poco pra morrer e a talá como

home de bem, eu tombem, fiquei arresché, mais como tu costumadu ve curisco dirruhá jatobazéro e onça brigá cum tamandu bandéra, num dei liscandio cum ela.

Cum a ti de luz inlélica qui acendi sem azeite e os bondi qui corre sem bol puxá, tô arizurvidu mui mudu pra roça, porque Micaela tá pejada e sei qui ela num arizeste esta trapalada, purisso e hom invita.

Niki

Pru módi via dessas coiza tu tem qui ti mudá, cumpadi, porque eu já sube qui aí tombem ara di té isso e mais alguma coiza.

Tô cansadu de escrivina, purisso aceta lembrança de Micaela, Felibunda, benção do teu afiádo e muito me arricommenda a Felinta e arrespondi a carta do teu cumpadi vem

Bastião Nastaço da Silva.

O Canhoto treme

QUANDO VÊ:

... o V. Luz, fechar os olhos para ver melhor o Verdureira com aquêla pernambucana

... o João Pereira (o branco), com a sua pose de cégo, metido no seu jaquetão azul, aos domingos...

... o Macieira, falando ingléz com o Duabib.

... o The Of, rezingar com o Zé Vianha, por falta de baze...

... o Djalma dansando no Terapchore.

... o Bolôu a contar toróias.

... o Waldemar Santos, com toda convicção, pronunciar ingléz e francet macarronicamente; e dizer que é jornalista. Ora seu colega, deixe o ingléz ao Filonilo e o jornalismo para o DE SOUZA...

... o Nazeu na sua oficina, sustentar o seu diminuto beicinho, alim de que não despenque. Porque, amigo, não lhe aplica o porrimeto do Dico Lopes, ou não dá ao Plínio para vendê-lo ao Assis sapateiro?...

... a amizade do Menandro Oliveira com o Silvio Serra...

... a majestosa luneta do Nascimento, arremedando a do Garrido (Dr. Oitavio)...

... o Alcides Costa se sacudir todo quando anda...

... o Guêdes limpar a liza debaixo da moza?...

... o Maneco lambê o nariz...

... um ator pernambucano recitar

do no palco do «Cinema Grilo» o—
Sou eu...

... os redatores do futuro jornalzi-
nho «O Estudante»...

Cada um?...
... os membros da trempe literaria
que estão isolados.

... o Garrido fundar academias no
pensamento... isto é, a vol d'oiseau...

QUE INJENUA!

(Ao Verdureira)

A noite ia bela banhada poeticamen-
te pela doce lua de agosto e toda a pe-
quena povoação da aldeola de X, esta-
va passeando, para dar a consumo o
jantar succulento de um dia de aniversa-
rio.

—João, um robusto rapagão de olhos
azuis, caminhava ao longo do litoral,
com o palito ao quexo e saltando ao
vento diáfanos espirais de um bom taba-
co...

—Ao passar por uma isolada viela,
encontrou um grupo composto do ve-
lho Praxédes e sua indefectível consor-
te D. Cunegundes Percevejo da Anun-
ciação Praxédes, trazendo a loirinha Zu-
ila, sua neta, orfan, rapariguinha muito
injenua á quem a rapaziada do logar fa-
zia um cerco em régra.

O escovadíssimo João, ou melhor Jô-
ca, como qualquer um de nós, tratou
logo de fazer seu *pi de alféres* com a pe-
quena; e assim entabulada amigável pa-
lestra, chegaram a casa do pachorrento
Praxédes.

Sentaram-se; Praxédes, D. Cunegun-
des Zuila perto do endiabrado Jôca em re-
dor duma meza posta a jogarem o do-
minó, em tais casos favorável aos D.
Juans.

—Ganha prá cá... ganha prá lá... e
assim passaram-se as horas em maior
harmonia.

—Meia noite soou e já D. Cunegun-
des resonava beatificamente ao lado do
Praxédes que roncava como burro...
E agora?... O que succedeu?...

—Beijos prá cá... beijos prá lá...
lá...

No melhor da festa, a velha acorda
sobresaltada e diz á sua neta:—Isto é
uma falta de *posca vergonha*; olha Praxé-
des o desembaraço da nossa serigaita a
a beijar seu Jôca...

E Zuila muito atrapalhada e amarela
como chim, balbucia enfim *afortunada-
mente*:

«Não é, vovó, repare eu com meu
lenço, estou tirando a poeira que caiu»
aqui no olho esquerdo do Sr. Joqui-
nha...

O mais importante é que o Jôca fin-
gia que dormia...

H. Ferrari.

Um anúncio de 3 ou 5 linhas no «O
Canhoto», custa 15000.

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

Amar sinceramente, é viver como o
Martins com o coração horrivelmente ata-
do de uremia.

Dr. Wladimir.

O amor é uma fita natural em cores.

R. S.

O amor é uma espinha de peixe que,
atravessa a boca do coração, engasgando-o.
Agá.

A auzencia deixa aos que se amam, uma
consolação que é a esperança de se torna-
rem a vér.

Moreno.

Assim como o diabo morreu de um nó
cego nas tripas; o Filonilo Lagardere mor-
rerá de uma erupção na corcova.

D. Telmo.

Carta aberta

Amigo The Of:—Eis-me em campo
para vér se terminas, a tua constante
maçada.

Há muito que te queria fazer a von-
tade, mas cansado de remexer e procu-
rar assunto, estava á dezistir, quando
hontem um extraordinario acaso me fez
deparar uma cena, obrigando-me a cor-
rer á casa, para te escrever esta dexor-
ganizada carta.

Como sabes, já há dias, que todas as
noites, élas duas, a mãe, (virgulas,) e fi-
lha, passam num espaventoso luxo, ora
a pé, ora de automovel, com inumeras
joias, imenso oiro, pérolas e brilhantes,
fazendo pasmo e inveja a todos que ad-
mirados, perguntam:

—Quem são?!!... Donde serão?!!

—Que elegante mulher?! E como

a filha é bela e gentil?!!...

Aqui, dirás tu:

Mas que *crizoste* este, que me vem
contar um assunto, que eu prezencio
todos os dias!...

—Mas escuta, não corras tanto.

Conheces o que fica dito, vamos ao
que importa e que tu não conheces.

Hontem á noite, como de costume,
passavam élas numa das principais ruas
mas já era demaziada, a curiosidade;
dizia-se umas ricas americanas (com tua
licença) filhas talvez, d'algum miliona-
rio... Num grupo, já em calorosa dis-
cussão, se falava em condessas, barone-
zas, e até princezas.

Eu, sozinho, admiradíssimo, misturá-
va tudo isto, e para mim eram umas
rafinhas!... Porém, mais tarde, passava
eu numa rua erva e escura, e com
enorme pasmo, vi a mais nova, numa
velha escada, despedindo-se dum janó-
ta, trocando beijos impuros.

Ela, num instante corre á casa, onde
numa imunda salêta, e em meio d'um
cheiro nauzeabundo, se acha a mãe,
(virgulas,) estendida numa velha e suja
rede, unico adorno, de mistura com al-
gumas figuras pela parede.

Embragada, algumas garrafas pelo
chão, péga com rancor, na moeda que
a filha lhe entregara, mandando-a sair
de novo, e bebendo mais uma enorme
golada!...

Hein?!... Olha que isto é forte... Por
fóra, córda de viola, e por dentro...

Sempre ás ordens, o amigo—Ver-
dureira.

O CANHOTO

É o unico jornal que publica uma
pagina de anúncio, por duas vezes, pelo
preço modico de 20000.

Meia pagina, por duas vezes, 15000.
É successivamente.

Policimento secreto

d'«O Canhoto»

Diz TOTO FUINARD QUE

—o Zuza no «Cinema Popular», estava
com uma carta escrita a maquina.

Será *anotada*?...

—o Dr. Garrido se admirou do THE OF,
nosso colega, saber literatura...

—Garrido, tu não... te lembrás da *cheve*
de ouro da aula de fizica...

—o Agenor (do Ideal) estando com calor
no beijo, raspolu o bigode, sentindo-se agôra
mais fresco...

—na ultima guerra: a da Balaiada, o
Brazil na *batalha das toalhas*, venceu a Es-
panha. Vivam as *afamadas batalhas das*
toalhas!...

—o Vidigal estradeiro (isto é, da Estrada)
pretende em breve dar a luz a um letreiro
para a pensão que, só ficará pronto em
1920, si não houver inconveniente algum.
Já é ser elétrico. Assim, só caranguejo...

—o Chabi Costa Ferreira foi contratado
para o «Cinema Moderno». Já está até en-
saiando a *Caraboo* pelas ruas, em noites de
luar...

—todo o *reporter* do «Diario Oficial», é
obrigado ao uso do fraque, assim parece...

—o Verdureira, só frequentará de hoje
em diante o Ideal...

—o Manéco Souza, também é poeta nas
horas vagas. Eis uma produção sua:

«Melhor do que isto, só na China ou na
Combucá»...

Perceberam?... Nem eu...

—o Caldas (Dr.) já está mais satisfeito
com o «Canhoto»...

Qui non petit joll...

—o Nogueira, anda procurando um co-
larinho que lhe sirva...

Só na China ou na Combucá, como diz o
Secretario... ou o do Monteiro da Lója...

—o João Ribeiro, está atrapalhado por
causa de um certo postal que lhe filaram...

Aura l'il balser?

—o Jesus (Dr. Homicópata) outro dia
aprezentou-se com um jasmim na lapela do
paletó. Até ele, hein?...

—o Moreno andava pelo Galpão a pro-
cura do Teixeira...

—na ultima produção do Caldas, a revi-
zão enguliu uma sílaba do nono verso...

—o Bigodinho, de hoje em diante, esere-
verá o seu nome com Z...

—o *crizote* já está mais satisfeito, pois já
temos *microfólio* na praça...

o Noveco disse que nunca viu romancos
mais mal traduzidos do que os do Eça
de Queiroz... (espírito santo do *crizoste*)

—brevemente será inaugurado o «Cinema
GRILLO» que estreará com a poppoza canço-
neta A *TRAVATA*, cantada pelo José Dias...

—o Erson, a ultima vez que falou no
Cemiterio, até as pedras choraram e «O
Canhoto» tremeu...

—«O Canhoto» apresentará... o No-
vaco para o futuro presidente da Republica
ocupando então a pasta da Fazenda o Ex-
bricio e a do Exterior o Ricardo...

—o Dr. Garrido, vai versar o Novaco,
quando for presidente, fundará a pasta da
Instrução Literaria para aproveitar o seu *lolo*
e garrido *cul d'oiseau*...

—o Nuno já botou fóra a vassouri-
nha...

Quem a ajudou?...

—o Dante deixa de neste numero *foliar*,
por estar muitissimo *arrastado* com um
palavra «Os *ruborados*»...

O Canhoto Elegante

O Canhoto com um tempo destes, se vê obrigado a aparecer em seu mundo elegante com seu fraque acidentalmente molhado, pro seu bem estar e contra os fogos do pastor S. João.

Todavia é aceito, ouvido e chorado em tudo; vê e fala de tudo.

Admitido nas rodas sociais, aproveitou bem a ocasião, a ponto de trazer detalhadamente o que viu e ouviu.

Foi assim que soube que no dia 5 de de junho, mais um anjo se foi no lar do poeta Apolinário de Carvalho e o Madureira esboçou outro sorriso parodiando aquele o lembrando seu primeiro dia de vida. A inocente Racine desejamos como profecia um bouquet de felicidades e ao impagável ator do «Son eu», eterno admirador das pernambucanas, muitas e muitas lunetas.

—a 11, foi o canhoto bacharel Aleide Costa, cujo lar revestiu-se de justa satisfação por tão fausta data;

—a 12, outro canhoto, entortou-se mais para a idade de vez e esse foi o Djalma Vasconcellos;

—a 15, outro canhoto exibiu-se na mesma linha, entre festas e moças que filon canhoto-talmento;

—na mesma data as senhoritas Nhazinha Botão e Erzila Celeste Pinto, afilhada da exma. sra. professora Lolô Cunha, virtuosa consorte do coronel Eduardo Mello, a quem como aquelas, enviamos sinceros cumprimentos;

—hoje, o canhoto regozija-se imensamente por ver transcorrer a data natalícia do supremo representante da justiça, entre nós, o réto juiz que tão dignamente sabe honrar a sua toga, o inclito sr. dr. José Vianna Vaz, a quem enviamos cordiais saudações;

—amanhã, a senhorita Deca Rodrigues, prezada irmã do dr. Leoncio Rodrigues competente juiz municipal da comarca do Codó.

—24, será o nosso distinto amigo João Ferreira Lima do Nascimento, cavalheiro honesto, filho do florescente Estado de Sergipe, que muito nos honra, como 2.º escrivão da nossa Alfândega, onde goza larga simpatia, pela lhança de seu caráter e cultura do seu espírito;

—a 28, será o sr. Leandro Ericeira, capitalista em Lapella.

—a 1.º de julho o major Garibaldi Pinheiro de Brito e a senhorita Carmem Pontes, nossa distinta apreciadora.

—a 5 o proveito educador da mocidade Domingos Afonso Machado, que desde longos anos vem, com acertado tino preparando milhares de rapazes, hoje de nomes feitos, que ornar a sociedade maranhense.

HUTOMOBILISMO

Melhor que o cavalo, o automóvel obedece instantaneamente ao seu dono; parte, faz evolução, vira, diminui a marcha e para a vontade pelo simples jogo de algumas alavancas e, finalmente, com um animal vivo, ele tem fantasias, repugnâncias e docenças e toda variedade daquilo que se quer tornar um verdadeiro automobilista consiste em conhecer, com a anatomia do seu camêlo, seu caráter particular, isto é a maneira de o tratar para lhe manter a saúde e evitar a doença a par de doçolante,

Parabens e muitos parabens a todos.

Já na ultima hora, soube que ainda este mez transcorreram os seguintes aniversários:

—a 10 a exma. sra. d. Violante Pinheiro extremada irmã do sr. Zeca Pinheiro;

—a 13 as senhoritas Sinhá e Nina, diletas filhas do sr. Manoel Mathias das Neves;

—a 14 o coronel Fabricio Caldas de Oliveira, digno tezonreiro d'Alfândega lembrou pela trizeigima quarta vez o seu primeiro dia de noivado;

—a 18 o pequerrucho Delmiro, interessante filhinho do nosso amigo sr. Augusto Botelho;

—a 20, o interessante Dico filho do nosso amigo Raimundo Mendes;

—a 25 transcorrerá o da sra. d. Joaquina Vasconcellos Pires, virtuosa consorte do comandante Pires.

A familiaridade do canhoto não existe unicamente aqui na capital, ha tambem por quasi todo o Brazil, onde ele espalhou seu cartão de apresentação, fazendo vizitas aos colegas que agora retribuem-nos.

Entre estes, acham-se «O Cravinho» — Organ do partido republicano da cidade de S. Paulo; «Pará Nô» jornal critico e bem impresso do Pará, O Combate critico de São Carlos.

«O Lixo» — de Pernambuco; «Aratuhype» da Bahia; «O Lidador» — de Pernambuco; «Correio de Seridó» — de Caicó, Rio Grande do Norte; «O Popular» de S. Amaro, Bahia; «O Condor» de Aratuhype, Bahia; «O Crato» — da cidade de Crato, Ceará; «O Gremio de Timbaúba, Pernambuco; «Ipiranga» — organ do Centro S. Catharina — Florianopolis.

Vizitaram ainda o canhoto, os novos colegas «A Luz» que se publica na florescente vila de Guimarães, rejido por sabias penas que proporcionam esplendida leitura, e «O Combate» de S. Amaro, Bahia, onde tambem se encontra otima colaboração. A ambos o vizitado dezoja próspera viagem pela estrada que ora trilham.

Penhorado, o canhoto agradece a distincção a ele concedida pelo «Diario Oficial», deste Estado, transcrevendo o soneto do esquerdo Djalma Fortuna e ao «Martello» do Pará, as palavras amigas que usou para com o mesmo.

Pelo mundo estudioso, soube o canhoto que no proximo domingo, 29 do corrente ele terá que saber de couzas que interessam não só a ele como á mor parte da mocidade maranhense: «Os Namorados», palestra pelo Djalma Fortuna, na sede provisoria da sociedade. Ha de ser pandego e terá eco entre nós porque é um assunto por demais apreciado pela flôr da mocidade em cujo numero está agora o nosso amigo Hermes Rangel, inteligente academico de arquitetura.

que proem muitas vezes d'uma falta, de um esquecimento do condutor e não dum defeito de maquina.

As carruagens á petroleo podem ser classificadas de modos diferentes, quer seja com relação ao numero de cilindros que o motor comporta e teremos carruagens: monocilindricas, a dois, a tres, quatro, seis ou oito cilindros; quer seja em relação a seu peso e ao numero de lugares que elles comportam.

As pequenas carruagens de 2 lugares paralelos, não passam de 350 kilos; as carruagens ligadas de carroceria aberta, pha-

No mundo das fitas, o canhoto tem em contrato o necessario conforto ás suas horas de aborrecimento vendo passar ante seus olhos, esplendidas pelliculas desdobradas na tela do Ideal-Cinema. Foi assim que em tres noites consecutivas ele apreciou a suntuosa peça de Mr. Georges Ohnet «Le maitre des Forges», na qual fez papel saliente, pela primeira vez, a celebre atriz franceza Jane Harding, representando Clara.

Domingo ultimo, foi uma delicia o caprichoso programa que exhibiu, inteiramente nordiskano, destacando-se o majestoso trabalho «Corrida contra um banco», que foi um primor, sendo interpretado pelos afamados artistas dinamarquezes: Elba Thompson que fez de Maria Davarella; Clara Wilt e intrepido Dr. Gar el Hama como Purillo, que estiveram a contento de todos. «A pulga» fina comedia agradeu bastante.

Hontem, vimos a peça de Mr. Georges Ohnet «A Grande Margueira».

Hoje, na matutada verá a criança «O Grande Industrial»; o delicto da semana finda. E a noite a querida Asta no drama «A morte em Sevilha», fita tirada na Espanha, onde pela primeira vez, teremos ensaio de apreciar uma tourada em Sevilha, onde tomam parte 40000 pessoas.

Bonito! O tempo convida para um passeio ao luar, o o Verdureira de luneta opaca, o João Vitor com suas historias de santa, o Hilton, desvarrendo os queixos, o Djalma se enpinando para crescer e o Maneco, candidamente falando e garridamente discutindo, se reñem e lá se vão de nariz p'ra cima, apreciando o astro, ou melhor cumprimentando ás senhoritas que vão encontrando, procuram, cada qual mais azafamado, inspiração e trabalho para as pennas. Por fim a uma voce todos lembram-se do S. João, o da moda. E logo o verdura lembra-se que bom seria passar fogo com todas as pernambucanas, para que o chamem tambem pernambucano; o João Vitor, lembra-se que bom seria passar fogo com S. Pedro, para que ele conseguisse ser santo (?); o Hilton lembra-se de passar fogo, com um cirurgião para dar-lhe boas dentadas; o Djalma lembra-se de ir para a roça passar o S. João, e passar fogo com os caboclos e comer café; por fim o Maneco lembrou-se que seria bom passar fogo com as obras do Candido de Figueiredo e as tonificações. Tudo isto o canhoto espanta sorratamente e o melhor do que todos eles desejou passar fogo com todas as senhoritas suas admiradoras para contar entre elas, primas, simpatias etc o desculpem se ele não as agrada com isto.

J. R.

GOIABADA especial vende-se na rua 28 de julho n. 53.

eton, a 4 lugares, 2 adiante e 2 atrás não peçam mais de 800 kilos; as carruagens de viagem a 4 ou 6 lugares, com carroceria aberta ou fechada, pesam de 800 a 1600 kilos, etc.

Esta classificação é a mais usada; pode-se entretanto ainda determinar o genero de carro, segundo a força do motor mas não é facil acertar porque muitas vezes os cavallos-vapor dos automoveis são apenas ponys-petroleo que longe de fornecer 75 kilogrametros por segundo, esgotados pela equidade, não atinjem se não a 30 ou 40, conforme a qualidade do mecanismo e da respectiva construção.

(Continúa)

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º



S. Luiz, 13 de Julho de 1913



NUM. 25

Domingos Machado

Imersos no mais justo contentamento vimos transcorrer no dia 5 do corrente o aniversário natalício do grande educador Domingos Affonso Machado.

Ha 52 anos atrás, naquela data, o Maranhão serviu de berço a um novo ser que vinha destinado a trazer-lhe um grande orgulho e esse novo vivente foi o invicto lutador de hontem, hoje gloriôso.

Afeito ás letras illustrou-se até o mais alto grau de sua posse lutando para o progresso do conhecimento de sua lingua.

E fez muito.

Novo ainda já tinha abraçado o majestoso com acerto tino e a maxima dedicacão.

Havia, porém, quem o quizesse num posto mais alto, com um pergaminho mais forte e assim teve de abandonar o professorado e seguir para o Recife onde iniciou o curso juridico.

Lá entre os muitos patricios era um vivo modelo de applicação; o Maranhão começava a se orgulhar por ter mais um filho que engrandecia.

No entanto ele preferia essa carreira a que primeiro abraçara.

Sentia-se melhor entre aquélas centenas de alunos distribuindo entre elles o que sabia, e cultivando-lhes o espirito.

E voltou.

Firme em seu posto, que então retomára, vem ha mais de trinta annos guiando para a senda do futuro e da sapiencia um extenso sequito de seres submissos á sua autoridade de mestre.

Atravessou assim toda a faze da sua mocidade, orgulhoso agora de ver o fruto de seu trabalho entre doutores e grandes homens da nossa sociedade.

Quasi todo o Maranhão lhe é grato pelos grandes serviços a elle prestados, como rejente da cadeira de Portuguez no Liceo.

Por aí passaram muitos desses grandes homens de hoje e ainda passam pequenos soldados desse batalhão que busca a gloria e recebe d'ella o necessario para a luta.

Entre estes, estamos nós que muito o queremos como mestre.

O CANHOTO achou-se a venda na loja de lotaria «Gato Preto» na rua Grande.

O Meu Jardim

[Conchita Vaz].

REZEDA.

Quando dia de S. João estava tocando uma *chacha de ouro* da janella que dá para o jardim, o jorro luminôso ao chegar em uma certa altura, deslocava-se e caía como flocos de pérolas, sobre as delicadas pétalas de uma florinha mimososa que a principio não pude saber qual era.

Prestei bem attenção e vi que a flor tinha todos movimentos humanos: uma cabecinha infantil coberta de belos cabelos, sacudia-se alegremente.

Uns labozinhos rózeos sob um narizito bem feito, sorria com delirio...

Um par de bracitos bem torneados, fazia gestos de quem chamava a alguém...

—Era a linda e encantadora Conchita a bella Rezeda que acabava de ornar o jardim e com a Sempre-viva, Anjélica, Saudade, Camélia, Magnolia e o travesso Jarmin, brincava a *Ciranda Cirandinha*.

Depois foram ao *padre-cura* e enfim chegou a vez da Rezeda ir á *berlinda*...

—Porque ella está na *berlinda*?

—Porque é mimososa.

—Porque é alegre.

—Porque é a mais linda flor.

—Porque parece anjo.

E foram tantas as sentenças que até já me não lembro do resto.

Era um quadro encantador aquelle, todas cantando os dotes da Rezeda...

E quem tivesse a gloria de apreciá-lo, como eu, decerto sairia crente do ter visto em meu jardim, um céu aberto, cujo Deus era Rezeda.

A sua voz melodiôsa, confundia-se com as doces vibrações das harpas, em cânticos divinos cantando Hozanas!...

Fiquei tão entusiasmado que comecei a cantar:

*Ciranda cirandinha,
Vamos todos cirandá...
Vamos já cantar victorias
A' mimososa Rezeda...*

Feljo.

Inspirações femininas

A dôr da ausencia, não há duvida, é horrivel, mas é suportavel.

Aquella porem, que se sente, quando se amando verdadeiramente e sabendo-se da pessoa amada, presente, mas, que se não pôde vê-la, nem dizer-lhe essas palavras doces e santas ditadas pelo coração e inspiradas pelo verdadeiro amor, é ainda mais horrivel, insuportavel e desesperadora. Sô tem um lenitivo—O suicidio!

Esmetostrella.

RETRATOS A LAPIS

20.

A. L.

E' a segunda anista mais assidua e uma das mais estudiosas alunas da escola cuja esquina é a mais frequentada pelos apreciadores do belo sexo estudantil. Vai á escola todos os dias; e dizem até, que por habito, a frequenta aos domingos e feriados.

Tem bastante fé no seu espirito culto, pois sua manção fica em frente ao simbolo da fé, da cruz duma igreja na nossa *menor* via publica da qual son constante tranzelete. A virgem Conceição regozija-se por ter a seu lado uma outra virgem não menos bela como A...

Uma educação sem jaça vem abrilhantar mais esta facciôsa morena de real e admiravel simpatia.

Não tive a ventura de ser-lhe apresentado, mas julgo-a delicada e attenciosa o que mais facilmente aumenta o conceito que goza entre suas colegas e gentis amiguinhas que lhe idolatram.

Com a sagacidade da *lebre*, dirijo-lhe olhares; pois sou demasiadamente humilde ante tanta formozura e olhar apreensivo como o desta senhorita que tanto abrilhanta a sociedade maranhense o que tanto aprecia o submisso.

Dante Faria.

Major Seabra

Com indizível pezar soubemos do inesperado passamento do major Heracleito Pires Seabra, cavalheiro distinto, exemplar espôzo e estremo pai de familia. O seu enterramento esteve justamente concorrido, pois gozava geral estima pelo seu carater e inimitavel procedimento.

«O Canhoto» sinceramente envia os mais sentidos pezaes ao seu distinto redator José Seabra, estendendo-os á sua digna familia.

Caiporismo

Do distinto Amigo Hilton Fortuna

Luar á beira mar....

Passa pelo cas um rapazinho pensativo, o Zezico; ouvindo numa casa vozaria de criança, aproxima-se.... entra.

Junta-se ao brinquedo do *Padre-cura*... Eram flores. Ou por chailaça ou porque

PARNÁZO

Falena

Suplicando

CARESTIA DA VIDA

Palena que brincais por entre as flores,
Que passais colliando presurosas,
Beijando aqui o cravo, ali a rosa,
E alho beijando muitas multicores,

Tuas beijas ternas, são beijos d' amores,
Que os santos, santos, Beca venturoza
Talvez não sinta como sente a rosa,
E como sentis vós os seus odores !...

Mais a fimo com beijos de flores,
Com seu orvalho vós maris a sede,
Sós venturoza borboleta, crede !...

Viveis de beijos, não sentis as dores,
Viveis de rizes, não sentis abrolhos,
Que a nossa vida nos levanta aos olhos...

D. Voltare.

Morre a Pepita, quebra-se uma vida...
Sua obra prima enquanto aqui viveu,
Foi a fessura de beijos sem medida
Bem talladinhos... e é pena, já morreu...

Será poeado um beijo, uma folhinha?...
—E. Vais purificar ao negro cru
Que mais poeado tem, jrohetida,
Que o corpo impuro e polchepado tou!

Volta Pepita dêsse teu doçasso,
Meu, esta terra, triste, póbre e vil
Guarda teozitos nã no seu regazo!

Despreza os santos que com mais dardelões
Depois de te alitarem um covil,
Querem bejar-te, devorarte em beijos...

Mario Lial.

“O Canhoto”

ORGAM BI-MENSAL

Literario, humoristico e noticioso

Propriedade da sociedade de organ bi-me

PRESIDENTE—Djalma Fortes.

VICE-PRESIDENTE—Manuel Lisboa.

SECRETARIO—José Vinhas.

TEOTRIBERO—Hilton Fortes.

Preço ann. 1.000
Assinatura ann. 25000

Toda correspondencia

dirigida ao “O Canhoto”

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

Inspirasse a parodia com o amor ou perfei-
ção?... b. lá foi ser o Zézio o Amor per-
feito. Foi infeliz, não só pagou propra,
como se suicidou a lhe escreverem na testa,
cozas assim: antipatico, vadio, pedante, por
ser d’O Canhoto, etc.

Já com isso as pequenas ficaram de al-
tadas; não tomava mais pe.

Vendo isso, propoz mudança de brin-
quedos... Escolhem a *berlinda*... mas
qual foi ainda tocha, pois foi pela suco-
da! Dão-lhe como canza de lá estar
leio, diurnibico, triste... e até apaixo-
nado (coitado!).

Enfim, *dão um tiro na berlinda*...
Já estava muito acordado, quando dizem:
Vamós no piano!... Dancam... Diri-
je-se a *harmonia* e pede-lhe uma valsa;
maga-lha! Vai a Nana é recusado...
Dirige-se a Cico... mas, vsta *lle idá um*
firo... E assim como esta, todas.

Finalmente, dá um relógio 9 1/2. Uns já
bocajam e outros se retiram... Noto u-
mero, vai Zézio, pensativo, primo de casa,
a matular.

13. VI 915

Vitor Jovem.

CINEMA OGRAPHO em perfeito
estado com... vende-se nesta red-
ção.

O que dizem de nós

A “Folha do Povo” organ compe-
tentemente dirigido por Nobreza jun-
ior, onde fulguram abalizadas penas co-
mo as de Carlos de Laet e Afonso Cel-
so; assim nos acolheu: «Recebemos «O
Canhoto» interessante jornalzinho notí-
cioso e literario, editado em S. Luiz
(Maranhão) por penas de real merito.»

Agradecemos a extrema amabilidade e
com indescriptivel contentamento per-
mutamos o nosso «O Canhoto».

E «O Combate» do Rio Grande do
Sul assim se expressou a nosso respeito:

«Pela ultima mala, recebemos um bem
escrito jornalzinho, fazendo, patente o
fulgor dos atenciosos brasileiros, os
maranhenses. «O Canhoto». E organ
da sociedade litteraria «Barão do Rio
Branco» e já está no segundo ano de pu-
blicação. No numero que temos em fren-
te, vemos a mimosa joia «Ingenua» de
D. Fortuna e o bem elaborado artigo
«O Progresso» de M. L. Bastante aprecia-
mos este collegiunha nortista e permi-
taremos com alegria».

Não temos palavras para agradecer tão
lisonjeiro acolhimento. Limitamo-nos
a enviar com regularidade o nosso «O
Canhoto».

Fatos e Fitas

Perguntou me um colega abelhudo, qual
é a razão de eu botar nesta columna, en-
lhetas garralhadas o titulo de Fatos e Fitas...

E agora eu vou explicar.

Fatos, é um substantivo commu, eleva-
do ao plural, que segundo os fillogos, quer
dizer: *cazas, acontecimentos*, etc. e tal.

Fitas, é outro substantivo que empregro
aqui no sentido fannironico, isto é, em
cozas farradas, fofices, canha fitas...

O leitor (só o leitor) sei a paixão do-
minho, com um fatinho e *la mode americana*,
durante do bolso, bengalinha de junco,

Quando elugo da rua lazgado
Dos trabalhos da vida protectora,
Aos quas a alma se entre e volutaria,
Fazendo-me abstratto do passado,

A *esperdora* em mim horridaria,
Me faz gozar o minizo orlendido
Que constitui o meu logido,
Voluntando eu a vida é um preceira.

Mas, todas as penurias e paixões
E alguma coiza mais que não relto
Para não condour os corações.

E mesmo até o horrivel colbido,
Tudo deslaxo em puras lituções,
Ante o vulto gentil de tua retrato...

H. Ferrar.

chapim dezalado, aos quatro ventos...
ao passar pela caza de uma qualque Ma-
ria, bota *alompaga*, torço o bigode (si o
tem), acende o cigarro e automaticamente
como fannico, deslaxa uma horrida
deste tamanho...

—E fita...

Si vá ao cinema e lá encontra a meua
de olhos azuis, acompanhada dos vellos, de
duas trinta, teias pra... burro e tras foz
aniga japaga, pucha da cartada relei-
vela (coitado) o diz entuziasmado ao in-
lhetor:

Deu, cozo iso não lhe canzo licençado
algun: oito entradas— muito embora
amalhã não tenha chida para mi este. Que
foi?... *Fita*, o nada mais que uma fita
que não aconselho aos amigos...

Pois já sabem, não?
Todos neste mundo fazem *fitas*, umas co-
pivas outras paticas e quem não é fici-
ro nos tempos que corre, os frito.

Eu com fanniqua, lago as oitavas *fitas*,
mas não daquelas que fann a bolsa da
gente.

Pr a estas — *do amor*!...
Uma fita de que ja me ri a valer, foi esta:
Um certo mactoy, paulificava *des cda*, o
auditorio, com muzes caedros e corro dia
esse cda, que lhe pizaram na fozta esse cda,
o homem ficou angrido e com uma gague-
ra de esse este jron de vingar-se...

E até hoje

Sabem a canza?

O meuro nuda cavando muzices novas,
até na China, esse *cda*

O mais interessante é que até nem o com-
passo, acerta.

Al... Al... Al...

E engracado, esse *cda*...

E aqui termino a *fit* dos fatos de hoje,
para me não tornas como o meuro...

HILPAFOR.

O CANHOTO E o unico jornal que
publica uma pagina de annuncio, por
duas vezes, pelo preço modico de 20\$.

Meia pagina, por duas vezes, 10\$000.
E sucessivamente.
Um annuncio de 3 ou 5 linhas no
«O Canhoto» custa 1\$000.

O Canhoto Elegante

S. João:

Sob uma fumaça sofocadora de enxofre e pólvora e ao estalido das pistolas, em concerto com as fogueiras crepitantes, passou-se o tradicional dia de S. João, afastando o tédio em que vivemos, quando não vamos ao cinema.

Parte da população abandonou caminho afóra da Maióba para apreciar as jalapa-nescas *Cutirinas*, pilhereando com os espirituozos *Pai Francisco*, principais figuras do *Bande meu-bó*...

O Canhoto lá não compareceu por ter sido convidado para uma brincadeira íntima em casa do distinto coronel Alfredo Nogueira, onde se apresentou elegantemente ante os olhos luminózos do gentis senhoritas que lá estavam.

Brincaram-se prendas na mais íntima familiaridade, até alta noite quando foi servida uma bem organizada meia de doces e finos licôres, retirando-se todos saudosos da aquela bela noite e cativos pela cavalheiresca maneira com que foram tratados. Só o Manóco foi quem chegou em casa pedindo ao velho, *bichinhos corriqueiros* e fogos de salão...

A festa do Sagrado Coração:

Depois de um mez de brilhantes novenas chegou afinal o dia da procissão, para a qual as Exmas. Sras. Zeladoras empenharam todos os esforços para aquele brilho estupendo que se viu no dia 29 do passado.

Era tirado o solene cortejo, por pendões a cargo de gentis senhoritas e simpáticas crianças, trajando vestes características ao ato.

Seguia-se uma fila alva e garrida de associadas, rejidas pelas respectivas zeladoras.

Apareceram, como que por entre nuvens: Edith Ribeiro muito bem encarnada no seu sublime papel, vestida de Caridade «humanitária e doce», ladeada pelas simpáticas Lucy Moreira e Nana Lisboa, sintetizando respectivamente a santa Fé e a sublime Esperança, todas de branco, arrobata-doras e ideais...

Do belo andar da imagem, pendiam fitas tendo em cada ponta «estrelas», verdadeiras estrelas belas, entre as quais destacamos pelo porte rejido: Maria Lobo, Sinhá Lima, Elvira Silva, Maria Palhano, Violeta Correa, Eliza Silva, Erzila Pinto, Vignolia Pinho, Maria Belo e Judith Machado.

Seguia-se então o palio e sob estavam 3 figuras do nosso clero ilustrado, e após, enorme massa de povo num silêncio profundo e solene, recolhendo-se o cortejo quando já anoitecia:

Dr. Luiz Domingues:

A 30 esteve esta capital em festas, comemorativas ao aniversário do nosso illustre e benemerito governador Dr. Luiz Domingues que, volven da sua terra natal, do disciplinado Corpo Militar, cinematográfica a noite, com tantas famílias e representações, classes, o que ainda mais a a popularidade do nosso governador.

A Penelope:

Vevo essa folha que, segun-tracado pelos inteligentes, situam seu corpo redacção, contrariando apoio na nossa so-

cidade intelectual.

Ao colega dezojamos muitos loiros e longa existência.

Professor Machado:

A 5 passou-se o natalício da catedrático de Portuguez do Liceo, o estimado professor Machado que se viu cercado naquele dia dos carinhos e justas manifestações dos seus alunos.

Uma comissão composta dos jovens estudantes J. Abreu, J. Perdigão, J. Vieira, T. Lima e A. Santos, mandou celebrar na Catedral, missa em ação de graças pela passagem daquele dia, onde compareceram membros da imprensa, secretario do Governo, funcionarios publicos, estudantes e varias pessoas gradas.

A' noite a comissão constituída por A. Caldas, G. Diniz, F. Figueiredo, levou a efeito uma brilhante *soirée* dançante, sendo pelas duas comissões oferecidos minios valiosos ao illustre e querido aniversariante.

Aniversarios:

A' 10 passaram-se os dois distintos amigos João Naves e Alfredo Costa, zelozos guardas da Alfandega, da distinta professora Amelia Ribeiro e da menina Zizi Ribeiro, dileta filha do major José Ribeiro.

Amanhã, passará o da Exma. Sra. D. Marcolina Serra.

A' 16, o da jovem Maria do Carmo Tavaras.

A' 21, passará o da gentil e estudiva Normalista senhorita Maria José Moreira. Muitos parabens a todos.

Fitas:

No mundo da cinematografia o Canhoto tem apreciado belas fitas de real merito, principalmente no caprichoso Ideal onde o bom gosto do seu proprietario, tem feito exhibir maravilhas, como as que vimos de apreciar.

Hoje levará em matizada «Sergio Panina» e a noite a joia nordisquina «Albareador de cereais ou Carastia da vida», que mais uma vez o coroará de loiros.

Palestra:

Realiza-se hoje, conforme o anunciado, a palestra íntima do nosso companheiro Djalma Fortuna, sobre «Os Namorados».

Para outra vez procurem-se ser mais informante e por hoje basta. —H.

MATUTADAS

Marão, 31 do fim do mez de maio.

Cumpadi BASTIÃO

Arricibi o arresponda' riá carta di 15 du miádu du mês qui tá si acabando.

Tô sastifeitu in té sabido qui tá cum a família vai passando bem, insêtu cumpadi Micaela qui anda si arritoseu com dō di istambre e dizintiria.

Prôla fica boa cumpadi, é só da uma purga di azeite cum iscrumelano o intouso di pilras pra bixa, é pá casa.

Nós vai passando sufriviente, rigulamente, Deus lovadu.

Arrespetu os istromove, luz inlética, o bondi qui erri sem boi pixá, como pedra si dispensa da ladêra; só posso ti dizê qui é tudo uma indimaginação, apois magina cumpadi qui us istrômôve anda só caladu nus buracu das rua, praque a tá di isgôti foi só pra fazê das rua cinotêra e dexá tudo in pitigão di miséria, mais us hor e dia qui a di só assim mesmo, purissu...

Aqui tem uma miôra cumpadi, um di *micrôtera*; di manêra qui quando a miô si ispana en bêrra dus *micrôtera* dentu i num dá isc indio en *micrôtera*, cumu foz cumpadi Micaela e *micrôtera*.

Aqui u qui tem cum buodança *micrôtera* e caza, nada. magina qui us rapaz são memo qui viadu catiggnêro, quando sento chêro di caxôro e as moça cumu jurity quando vê mio, cai lógu na rapuca e o mais ingracada é, qui us pae dêlas num sâbo di nada, praque us brojêro só faz biête prálas, pêlo jorna e prús vôo num sâbo, êles iscrivinha cá mão isquêda e assina: — Camumêla, Denti viradu, Vinagrêra, Juvira, Bismarço, Dêlu, Ciozêla, Fêjão, Frei serrôto, Anta Faria, SS SS, e tem até um tá di fazêdo di sêla, qui assina: — Selêru, di forma qui dessa manêra, o namuriscu vai num porguêssu danadu e us vôo vai ficandu ingazôpudu, praque no tempo dêles rapaz, num se fazia a coiza assim cum tanta falta de póca sirimouba (ou mesmo vergonha) in mais miô portuguez! ...

Tô cum vontadi di píti caximbu cumpadi purissu me arricimenda a todas, acolta lembrança dus nossu, bôra benção in meu afiadu, pita essa vara di fumo, qui ti arro-metu dentu desta, tem cuidadu cum a vaca de minha mãe, o cavalo do meu fio e arrespon-di a carta di teu cumpadi vôio.

Pilidora Zidora Sargadu.

—*—

O Canhoto treme

QUANDO VÊ:

—o Luz na berlinda...

—o Jonquin (dinamite) da «Elite mara-hense» disentiado com o Macieira que está satisfeito com «O Canhoto»...

—o Nestor passêr em Vinhaes cantando a «caboclinha Cecília»...

—o organo cinematografico «Pacotilha» dizer que o Campos Sales morreu antes de nacer...

as constantes reclamações do povo contra os câis na rua, sem contido serem atendidas... Si ainda não bastar mais esta, «O Canhoto» tremêrá mais fortemente.

—o envenenamento estar em vôga atualmente aqui. Proiba-se a venda do sublimado, que alex arzaio o *arêto doce*...

—o Mr. Olafia, com o respectivo corpo vivo, já vendido a academia de Pariz...

—a rivalidade encubada do Voltaire com o Verdadeira... Cecília.

—o empôado Ritor Souza no dançar-dizer a sua dama, palavras tão doces de fazer carênis.

—a imprensa oficial sem u u, para compôr as cartas do Pilidoro.

—o Voltaire contar as sílabas dos seus sonetos, até nas paredes do escritório e com os pés quando as mãos estão ocupadas.

—o Crizostomo antes de partir para Guimarães onde está atualmente, mandar imprimir o seu cartão de visita com estes funebres dizeres: «Crizostomo Da Souza, S do Governo. Será Secretario ou...?»

—a barba fosforescente do Tóto Vinhaes, Tem só 4 hos bem criados, para não dar indigestão...

—o W. Cecio fazendo propaganda dos cigarros do seu fabrico, da marca veigarros beterrabas. São cada um, da grossura do nariz do seu *invento*...

—o Venancio oferecendo-se ao Palacete para fazer do fogo, coisa melhor do que faz o «Olafia». Em casa o P. Fogo...

MULHER BONITA

A mulher, conforme os preceitos antigos, para ser bonita, deve ter:

Trez coizas brancas; pele, mãos e dentes.

Trez coizas pretas; olhos, pestanas e sobancelhas.

Trez coizas rozadas; lábios, genivas e unhas.

Trez coizas compridas; vida, mãos e cabelos.

Trez coizas curtas; dentes, oréllhas e lingua.

Trez coizas largas; fronte, hombros e intelligencia.

Trez coizas apertadas; boca, cintura e tornozélos.

Trez coizas delicadas; dédos, lábios e entendimento.

Trez coizas redondas; braços, pernas e dote.

Trez coizas firmes; coração, olhar e lingua.

Trez coizas indispensaveis; amor, caridade e tostão para comprar o Canhóto.

O maior criminôzo do mundo

A SUA CONFISSÃO

«Sou o maior criminôzo de todos os tempos. Tenho matado mais homens que todas as guerras reunidas. Tenho transformado o maior numero de homens em brutos. Tenho feito milhões de lares intélizes. Tenho transformado muitas vidas jovens e esperançosas em abjetos parazitas.

Destruo o fraco, e faço o forte fraco. Faço do sabio tolo, e afogo o tolo na sua tolice.

Armo o laço ao inocente.

Derrogo a lei quando ella se me opôe.

A esposa abandonada, os filhos esfomeados, os pais cujas cabeças foram cobertas de cãs, pelas maguas que lhes cauzaram filhos viciôzos: todos esses me conhecem.

Tenho arruinado milhões, e, se me permitirem arruinarei milhões de milhões.

Eu sou Alcool.

Gavêta Canhóta

Esuetostrella—A sua bela produção bem diz o seu talento do maranhense. Gostamos tanto d'ella que a publicamos hoje na seção competente.

HISTÓRIAS II

O motor

O motor a gaz difere completamente do motor a vapor, pelo seu funcionamento. Enquanto este funciona pela expansão d'um fluido elastico que, dilatando-se, leva em sua frente um pistão movel dentro d'um corpo de bomba cilindrico e a cada curso ir e voltar saindo o seu lugar, o motor a gaz não é verdadeiramente ativo e não fornece trabalho senão durante um curso sobre 2 ou 4.

Quando quizer, pôde continuar com a sua colaboração, que aqui estamos prontos a servi-la. O seu mimozo pseudônimo, bem mostra a possôa.

João Silva—Ora, *bussorê* não debia perguntar semelhante coisa, pôde continuar, que não ficamos zangados e continuaremos a apreciar seu bem feito «Tira Olhos»...

Polidetos—grates pela comunicação, do abandono do chapéu e felicidade dezojamos-lhe.

Filonilo—sua giga pode crescer até uma polegada por minuto: «O Canhóto» não lhe chamará mais *Lagarêre*.

«O Volutivo»—Brejo. Recebemos e com indizível prazer permitiremos.

«Folha de Lavras»—Minas. Temos remetido o nosso humilde «O Canhóto» com regularidade.

«O Avizo»—Picos. Agradecemos a gentileza.

—Murilo Poincaré—Aguarde espaço.

Direito.

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

A sarna, quanto mais coçada, tanto mais coceira provoca. Assim é o amor: quanto mais se ama, tanto mais se quer amar.

Edmi Nina.

Quem quizer que qualquer desventurada lhe tenha amor, é só declarar-se da seguinte forma:

—Minha senhora, tenha compaixão, seja humana; um insupportavel vôlvulo ataca neste momento meu coração que só me bájuga prá vosmencê....

Assim fez o Diomedes á morena e foi... pá... casca....

Dr. Wladimir.

O coração é uma chama d'agua. Si o coração é uma chama d'agua, que será a queixida do *Paxôla*?—Uma aquática chama....

Dão Crizoste.

Amor! O vicio mais sublime e edificante não é bem pronunciado.

O Candôca manda dizer *quere* e eu digo por isso: *amôre*.

The Of

Policimento secreto

d'«O Canhóto»

Diz NIK-WINTER que:

—o P. Vasconcelos está imitando os gestos do nosso prof. Lobo.

—o Nestor sabe fazer bem *kô kô rô kô*...

Durante os outros éle prepara sua ação, ou dezmbarça-se dos reziduos desta ação. Em lugar de agir por expansão, éle trabalha por detonação brusca d'uma mistura de gazes combustiveis, tornados explosivos por sua propria composição.

Sabe-se que, se juntar ao ar, numa certa proporção um gaz hidrocarbureto: *gaz de iluminação, gaz d'agua, vapores volatéis de hidrocarburetos líquidos*, que se provoquo a inflamação desta mistura, introduzindo-se-lhe um corpo em ignição, ou levado a alta temperatura, esta mistura detona subitamente e produz uma explosão semelhante a do fogo grizú nas minas. Dezenove-se

—o Luiz está choroso porque «O Canhóto» ainda se não lembrou d'ello...

—nunca vin maior supplicio do que ouvir durante o mez do Coração de Jesus a palavra eloquente do padre orador. O *Canhóto* não se convence de que só diz asneiras e que a sua voz acalenta bem uma criança...

«O Canhóto» tremeu quando viu uma zeladora na porta da igreja mais furiosa que uma jaranica porque um *dandy*, por graça, meteu o dedo na argola da imundade. E tremeu mais, quando ouviu o *dandy* responder-lhe:—qual dôna, eu não me casava com uma filha sua, nem pôr um milagre de Jesus Cristo!

—foi condemnado a galés o Silvão, sem por haver apanhado o uma sóva do *Canhóto* gra D. Urraca Eufancia dos Anjos.

—o Mr. Olafia quiz trabalhar no *Canhóto*, porque este é a perfeita imitação de *la Opéra de Paris*... sem contudo ir ao Moderno...

—o mosquito quiz fazer concurso para guarda da Alfandega, só para se fardar...

Onde se viu mosquito de farda?!... Não pôde!...

—o Djalma anda a procura de quem venda papel, para terminar a sua conferencia, pois as cinco rezmas que éle tinha, se acabaram e a livraria não vende mais para não acabar o sortimento...

—o Guilherme anda a construir «castelo no ar» com suas conquistas...

—O THE OF vai ver si a evolução do seu «progresso» admite que o Mariano continue e deixar o seu queixo crescer desproporcionalmente...

—O Jezus brincando com duas pedrinhas, uma lhe quebrou a cabeça. Então éle vai se suicidar com um clister de carbureto. Coitadinho...

—o Filonilo Lima estando atacado do canhótofofia (isto é, raiva do «Canhóto»), o medico lhe receitou um purgante do «tiroc queda», preparado pelo Jesus...

—o Jozé perdeu um dente e vai botar um annuncio no jornal á quem achar o cujo perdido, entregar-lhe que «ará... fofo. Examinando bem o Silva (sêbo de holanda), vê-se que éle é da familia do Tontolino...

—o Pecegueiro construindo um «castelo no ar» caiu, quebrando um fio do seu elegante bigode a Magalhães...

—assim que é a vida, caro Alfredo (das joias), o homem pôe e a mulher dispõe. Julgavas voltar á terrinha e...

—o Gondovaldo quando passa pela rua Rio Branco de automovel, bota tanta pose, que se vê até no cemiterio...

Pobres defuntos...

—o Hilton Magalhães inventou um extrato bem cheirozo, o qual está explorando...

Talvez seja o Hilton algum Santos Dumont, quem sabe?...

—o Esron vai deixar de andar de preto já fazem 12 mezes que o «general Canhóto» morreu...

instantaneamente um grande volume de ácido carbonico e de vapor d'agua, resultando da combinação dos gases combustiveis com o oxigenio do ar, a uma elevadissima pressão, que atia sobre a superfície do pistão e o impelle até ao fim do cilindro. É esta detonação que dá ganho a causa dos motores dos automoveis, e que porisso se deu o nome generico de *motor a explosão* a todas as maquinas movidas por combustão oxidada no interior do corpo de bomba ou cilindro de *hidrocarbureto* empregado em misturar com o ar.

(Continua)

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º



S. Luiz, 27 de Julho de 1913



NUM. 26

0 28 de Julho

RETRATOS A LAPIS

21.

A. C. M. S.

O Maranhão antes de ficar independente passava por um abjeto estado agressivo.

Isto já ha perto de um seculo.

Os fatos belicos, que decorriam naqueles tempos, pode-se dizer, eram um elemento para o desenvolvimento de nossa terra.

Outrora o povo foi ambicioso: nunca via obices para o progredimento de seu torrão natal. Hoje é o contrario.

Ora, para que se sinta o progresso, o povo deve ser pelo menos ambicioso...

O Maranhão, desde sua fundação, vivia, até uns tempos atraz, quasi que de feitos marciais, tanto pelos selvagens, como por povos invazores. Isto fazia com que seus filhos, se sentissem mais tocados de orgulho pela sua patria.

Assim procuravam interceptar as conquistas estranhas, as invazões, e esbarrar o progredimento por estas terras.

Era o que enchia de cobiça aos olhos daqueles povos.

Deste modo foi passando quasi que sempre numa escala progressiva.

Os fatos se sucediam constantemente e cada vez mais, lhe davam corajem e força para ir subindo, subindo e... esbarrar hoje.

Esbarrou completamente... para nunca mais.

Agora é que devia estar nos pináculos da importancia, pois, desde 28 de julho de 1823 que pôde se guiar independente.

Mas não... o povo de hoje não é o de outrora.

O povo de hoje vive numa attitude morbida, preguiçosa; é um povo tímido.

Não sabe aproveitar as occasiões. Talvez vive, porque a natureza ainda lhe dá vida!

Lord Cochrane foi o promotor da independencia do Maranhão, em 1823, e nem uma outra mais foi vista.

Ainda falta alguma:
«A independencia do pensamento dos maranhenses!»

Para isto nadacusta,—é só praticarem iniciativas... o que lhes é um suplicio.

Amanhã é um dia proprio. Para que a independencia maranhense tenha uma companheira, proclamem a sua intima, que sera rejistada na aurea folha de nossa epoca, e daqui a uns anos collocar-se hão os restos no panteon da historia.

Amanhã é um dia de comemoração do elevado carater maranhense, antigo. São os fatos antigos, que nos dão coraj hoje.

Ao regressar do meu trabalho quotidiano, pela rua onde moro, encontrei casualmente uma beleza e uma encantadora senhorita que, pela impressão que me causou o seu sinjelo porte; julguei-a a mais bela compatriota que até agora conheço.

Saudou-me com um «bom dia» pequeno, de accordo com a minha estatura, que como todos os meus colegas retratistas canhotos tenho o coqueiro como antonomasia.

Mas, elevo-me, sinto-me jatanciozo ao encomiar esta conterranea com minha frase sem metodo e sem erudição, cantando os mais sublimes dotes que, quiza se possam encontrar no belo sexo. E esses dotes de que falo, os tem, a senhorita que, hoje tenho a audacia de retratar e outro tanto, de tê-la como patricia. Alva, tendo na sua alvura a brancura do cisno. Olhos negros que, fulgindo fazem a alma dum poeta vibrar as suas mais ideais inspirações.

E' elegante, e modestamente traja-se, o que faz mais encantador o seu perfil divino.

E' pouca amiga de festas, mas, quando sai, é festejada pelas amigas que, lhe apreciam sobremodo pela maneira educada e lhana do seu modo de tratar, como toda a aluna do «Colejo de Santa Tereza».

E' amiga das missas dominicaes; e ao contemplar a clareza daquelas atraentes madeiras castanhas que bem compostas, dão-lhe graça e esplendor; e ao ver a fé de sua oração, digo como o poeta:

—E' bela

E quando os olhos para o céu levanta, Inundados de mystica doçura

Não parece mulher, parece santa.

Dante Faria.

Inspirações femininas

Pensando em ti

Tremelazem os citios do infinito,
Como pendentes gotas luminôzas,
Sobre o dorso das ondas murmurôzas,
Que se quebram na rocha do granito.

Perde-se ao largo da atalhia o grito
A bordo nos navios silenciozos,
Monstros marinhos, genios asombrozos,
Como fantasmas de um estranho rito.

A terra dorme envolta num andario
Domina o Deus, silencio tenebrozo,
Num cortejo de sombras mortuario...

Só eu, pensando em ti, este sandozo
Sou do escravo, d' luz do lampadario
Correado de um terror relijiozo...

Augusta Santos.

O Meu Jardim

(Hermínia Moreira)

LIRIO

Passou-se S. João, e vieram as noites das belezas sublimes, fazendo as manhãs frescas e as arvores orvalhadas.

E no meu pequeno jardim, maravilhosamente brotou o alvo Lirio, meigo e puro como o sorriso de Maria.

O Lirio casto e belo de que vou tratar é a menina Hermínia, travessa e jovial.

A vi, um dia, brincando garrida, em uma festa com suas amiguinhas, entre as quais estava o Jasmin; e o amigo Plínio apresentou-me a ela:

—Olha aqui Hermínia, o Feijó quer te conhecer

—Que Feijó? —perguntou-lhe ela.

—O dono do Jardim d'O Canhoto...

—A! já sei, mas não vá fazer flor para mim....

Eu sorri e achei tanta graça e encanto na minha nova amiguinha que cheguei a caza impressionado.

—Pois sim Hermínia, a teu pedido, não queria te botar neste modesto jardinzinho, mas que fazer, si com a tua beleza entraste nêle e dominaste meu coração?....

—Perdoa-me.

Teus loiros cabelos, teu busto elegante, teus olhos de menina simpatica e teu porte infantil, quem pode ver-te sem admirar os?...

Tua voz é tão meiga e penetra tanto alma!....

E's o Lirio mais formozo que existe.

Não te zangues portanto comigo e deixa que te coloque junto a Saudade no trono da minha adoração e imensa simpatia.

*Hermínia, meu casto Lirio,
Te cantam com ocações
Porque tu és bela e gentil
E matas os corações!....*

Feijó.

O Instituto de Coimbra

Um intenso contentamento nos invade a alma de brasileiros patriotas. O Instituto de Coimbra, onde se veem os mais rutilos talentos, acaba de nos distinguir com a escolha de cinco dos mais illustres talentos brasileiros para fuljirem com suas fecundas capacidades de brasileiros, o celebre instituto. Entre eles achase o nosso conterraneo autor de *Chamas e Malabarês*, Dr. Graça Aranha, que mais uma vez vem a sua fronte aureolada pelos mais justos louros que ornaram a sua já muito brilhante trajetória de inextinguível esclarecida pela luz da filologia.

PARNÁZO

SUICIDIO

Como Julieta firmemente amava,
eu amava a Morena, mui fielmente.
Era belo me vêr. Eu a adorava
desde a festa onde o meu amor nascente

florir. Mas, quando eu já a idolatrava,
o meu peito feriu incontinentemente,
deixando-me por outro. E eu que almejava
possuir seu coração completamente . . .

quasi morri de dôr. E o onipotente
permeia que eu a esqueça e que meu peito;
mais palpito pelo amor descrente . . .

Resta agora, dizer-lhe sem temor:
—De tua escolha tires bom proveito,
que jamais gozarás do meu amor . . .

D. Fortuna

Horas trajicas

Suportar uma sogra, a dor de um câlo,
Sentir vazia a física aljibeira,
Ter dôr de dentes a semana inteira,
Sem um minuto ao menos de intervalo;

Pelos pedrouços de ingreme ladeira
Decer, atado á cauda de um cavalo;
Do pôr do sol ao despertar do galo
Ouvir o zabumbar de um zê-pereira;

Ser em amor *coitô sem sorte e arida*,
Perder no *bicho* o reduzido arame,
Ouvir um desafôro em plena cara:

O' desgraçada vida! ó vida infame!
Mas nada disto á sorte se equipara
De um estudante em véspera de exame.

D. Xiqueto.

Nariz bolóta

(A' um amigo mais bolotado do que eu)

—Esse grande volume que carregas,
Entre os teus olhos negros de menino,
Parece de relance gran papino
Que espanta, lêro e mata os teus colégas...

—Com fomalhas abertas como sino,
Cujos badalo é o dedo que tu esbrégas,
Quando não tens no bolso trez pelégas,
Ou quando asneiras dizes de Calino...

—Do osso dêle, farás boas colhéres,
Um tacão elegante prá uma bôta,
Ou beclôques e figas práas mulhéres...

—Vê si podes cortar, ó meu janôta!
Um terço, um quarto, um quinto, o que
quizeres
Dessa bojudia e estupidia bolóta.

H. Ferrári.

"O Canhôtô"

ORGAM BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticioso

Propriedade da sociedade literária

BARÃO DO RIO BRANCO

PRESIDENTE—Djalma Fortuna.

VICE-PRESIDENTE—Mário Lemos.

SECRETARIO—José Vinhas.

TEZOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 exemplares

Assinatura anual..... 2\$000

Toda correspondência
dirigida ao "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

Retratos a martelo

Chega-me a inspiração e levanto-me pressu-
rizado, empunho o martelo, oprimo o burl
e começo a dar os primeiros golpes no mar-
more. A cada golpe, vejo sair um traço hu-
mano. Quem será, amigo martelo, que es-
tas aí a retratar?

Um poeta como os muitos que infestam a
nostra Atenas. Cabelos cor de jaboticaba,
nariz moreno e aspero como lixa, um tan-
to pedante, lábios arroxeados.

Al já sei, aquilo que escreveu uma estro-
fe a um leque?

—Sim...
—O! como está parecido!

Empunha fio de cabelo, trouxe do interi-
or um pente, agora será (embora á força)
um Vespertino. Como tem ele ao um lado
cabelos e um cabelo tão lindos! Vou po-
der-lhe um cabelo para fazer um cabrestão
para um maracá que me veio do Caxi-
as.

Desculpe, poeta, o martelo do seu

Zé-melo

Quo-Vadis, Domine?

—Vou ao Largo do Carmo, ver se
apanho o bonde, pois estou cansadissi-
mo.

—Então, sempre os bondes que não
prestavam para nada, já valem alguma
coiza.

—Pelo menos, para quem estiver
cansado...

Pois sim, mais vale isto, do que
nada.

—Até logo, até logo; deixa-me ir que
já são horas.

—Então o bonde já se iria embora?!

—Não, o sr. não o vê ali?

—Ali, onde?!

—Olhe, ao lado d'aquella czinha das
necessidades...

—A! aqui é que é o bonde?!?! E
lá vai partir. Adeus, adeus...

—Para onde dezeit?

—Rua dos Afogados.

—Mas nós vamos para os Remedios.

—E eu para a rua dos Afogados.

—Bem, só si o sr. sair na R. da Paz.

—Sim! Deixe ver, quanto é?

—Duzentos réis.

Duzentos réis?!?! Na minha terra
por um tostão ando um dia inteiro de
elétrico...

—A! isso, sim! E de elétrico, não
tem burro para sustentar.

—Tem razão. Até logo.

—Adeuzinho.

Maduro.

O Canhôtô Elegante

Um futuro escultor.

Tivemos ocasião de ver, casualmente um
pequeno busto do Barão do Rio Branco,
o patrono da nossa sociedade, executado
em cal, pelo nosso amigo Hermes Rangel.
Este pequeno trabalho, sintetiza a extra-
ordinária vocação que tem o seu inteligente
autor, para tão encantador tributo, á es-
cultura.

Adelmeiro Costa.

Tivemos o imenso prazer de meia hora
de íntima palestra com o nosso amigo e
constante leitor Radiografista do "Ma-
nâus" cujo nome epigrafa estas linhas.
Adelmeiro, após haver percorrido as nossas
principaes ruas, apreciando-as bastante,
embarcou no "Manâus", em companhia do
nosso distinto Redator-propagandista Age-
nôr Santos. Boa viagem.

Os bondes.

A tração horrical, foi inaugurada entre
nós.

Os calhambôtes estão mais bonitinhos.
Os molôres que os empurram coitados, us-
gros... Inda existe aquêllo burro da ron-
queira, conhece?

Os burros da «ferro carril» são petrifica-
dos e assim sendo, nunca mais morrerão.
Enfim, como já temos *niroterio* na pra-
ça... é progresso.

Aniversários.

—O digno Fiel do Tezoureiro da Al-
fandega, o sr. Thomaz Guimarães festejou
no dia 12, o 29.º aniversário do seu con-
socio.

—Passou a 14, o 24.º aniversário do
passamento do Escrivão da 2.ª freguezia
desta Capital o sr. Augusto Olympio Pi-
mentel Bastos.

—Passaram no dia 25, os seus natalícios;
o nosso amigo Aluizio Azevedo, atualmen-
te no Acre; a exm.ª sr.ª d. Maria de Frei-
tas Machado, digna consorte do Prof. Do-
nângos Machado; a senhorita Almerinda
de Souza Ribeiro e o Capitão Trieto Ja-
nuário França, farmacêutico em S. Bento.

—No dia 26, o da inocente Anica Jorge.

—A 27, hoje, festeja o seu natal a se-
nhorita Mariêta Fortuna, aplicada aluna da
Escola Modelo.

—No dia 2 de agosto proximo o nosso
assinante, o innocente deus Vicente Reis
festejará o seu aniversário no Galpão, con-
frats e mais confrats...

Nesse mesmo dia, passarão entre flores
os seus natalícios, as exm.ª sr.ª d. d. Lúcia
Serra Pontes e Maria de Lourdes Costa
Lopes da Cunha.

—A 3, passa por entre o contentamento
dos seus discipulos e mais pessoas que ilu-
são carna, o seu natal, o prof. José Augusto
Corrêa, valho de real destaque no con-
texto literário.

—As senhoritas Laudina Jua e Zelina Costa no dia 12, passaram na intimidade do lar, os seus aniversários: o que aconteceu igualmente no dia 15, com o sr. Alberto Ferreira, honrado empregado da nossa Alfandega. Parabéns.

Baile íntimo.

O Decehista Ethelbert Valle teve a extrema gentileza de oferecer-nos, pela comissão, um cartão para assistirmos no dia 2 de agosto um sarau em casa do Capitão Antonio Francisco da Silva. Para a referida partida, segundo nos informou o nosso companheiro Miguel Ribeiro, um dos diretores, reuiu muita animação.

O Professor Amaral.

No dia 23, prestou compromisso do cargo de Diretor da Imprensa Oficial, o talentoso historiador e abalizado professor José Ribeiro no Amaral, figura sobejamente conhecida na imprensa maranhense.

«O Canhoto» sinceramente felicita-o por tão justa distinção.

Coronel Ignacio Paray.

No dia 25, passou o aniversário natalício do ilustre e conceituado Deputado estadual e honrado Gerente de «Companhia das Águas de S. Luiz», cujo nome epigráfico estas linhas. «O Canhoto» envia ao ilustre Deputado, os seus mais respeitáveis saudaes.

Coronel Tiago Torres.

Nesse mesmo dia, o lar do Coronel Torres encheu-se de justo contentamento, por ver contar o conceituado e activo Solicitador do nosso fóro, mais um ano de sua prestimoza existência entre o intenso contentamento de sua digna família. Parabéns.

O nosso aniversário

«O Canhoto», no dia 18 do proximo mez, completa o seu primeiro ano de luta. Para tão inesquecível dia, os canhotos prepararam imponentes festejos para os quais em breve serão convidados os seus assinantes e apreciadores. Podemos adiantar que «O Canhoto» em uma edição especial circulará nesse dia.

Fitas:

O modesto Ideal cinema continua a merecer o nosso *chateamento* pois si é lá que o publico tem ensajo e ver as mas recentes novidades e os mais empolgantes filmes com os que vimos domingo: A serra de madeira e «Um tiro no meio da noite».

Encomiar uma fita de Asta Nielsen: é ensoberbecer-se de apreciar o trabalho mais perfeito no mundo cinematografico como o desta tragica no film que para hoje está anunciado «A culpa dos pais». A sugestividade destas palavras bastante atrai a curiosidade dos amantes da arte cinematografica, inspirando ao mesmo tempo um sentimento de compaixão.

HOTOMOBILISMO 6

Antes que a mistura de ar e de gaz, ou vapores combustiveis se inflame, é indispensavel comprimir sob elevada pressão, como tem mostrado a experiencia, afim de obter-se melhor rendimento possível. E' preciso, pois, encher o cilindro da mistura gazosa e comprimir esses gazes antes de lhes comunicar fogo e por fim evacuar os produtos da combustão antes de reconhecer. E' a esta serie de quatro operações, exigindo cada uma um curso do pistão de uma a outra extremidade do cilindro, que se dá o nome de ciclo a quatro tempos, que

«O Outro Funesto» projetado quinta-feira bastante agradou. Da matizada do hoje, destaca-se «A Serra da madeira».

As festas de Amanhã

O nosso Governador prepara para amanhã inúmeros festejos já anunciados. Presidido pelo talentoso jovem José de Mello Alencar, partirá um grande cortejo civico havendo durante o seu trajeto inúmeros discursos de jovens estudiosos.

Carlos Rodrigues

Vizitou-nos ontem o nosso distinto amigo, Carlos Rodrigues, que nos deleitou com sabida palestra. Há pouco vindo do Rio de Janeiro, trouxe-nos interessantes novidades. Gratos.

F. D.

O Canhoto treme

QUANDO VÊ:

O sineuse do Palacense, para sobrepujar os outros...

As *rombiferas triscupedes* da baixura do Luz não vê Luz...

O Joãozito Carvalho falar francez sem nunca haver aprendido.

A cabeleira doirada do grande-mestre Dante Faria.

A paixão encubada do D. Voltaire, que dizem já procurou as testemunhas, para bater-se em duelo com o Verdadeira. (Cecis).

O Palmerio e seu elegante cumprimento.

O Bordalo meditabundo e a querer voltar... Não vai beber sublimado, coléga.

O bigode austriaco do Ademir (herbivoro) que já mandou fazer a sua farda, levando a traz 5 metros, por cauza da giga. E' muito apressado.

O Renaldo glozando o feminino do mote.

O Sales & Silva (o que chegou com pose até na inteligencia) depois da vaia, já anda menos duro e já deixou de uzar o anél.

O Dr. Polipé...

O Pedro (irmão do Nereu fogueteiro) com uma cara de tia-onça em vespera de quaresma.

O Numa sem a vassourinha herdada do Hilton.

O Filonilo escrever o seu nome assim: PHILONILULO IXE... camarada.

A nova viação urbana de chocálhos.

O Evandro dizer que os algarismos ro manon são empregados exclusivamente nos jornais...

FUMEM os cigarros LUA, os melhores até hoje conhecido. (1)

lhe foi dado em 1852 pelo seu creador e engenheiro Beau de Rochas

Assim pois—estando o motor imovel, o pistão no fundo do cilindro, sua marcha se decompõe em 4 fases ou operações distintas:

No primeiro curso ou recuo ou avanço do pistão, é creado um vacuo no cilindro por esse movimento, porém uma vavula com mola, ou de comando mecanico, abre-se e deixa esse vacuo aumentar com entrada de ar misturado em proporção conveniente de gaz ou vapores carburados.—E' o periodo da—*aspiração*.

Estando o cilindro cheio, o pistão volta a sua primeira posição de recuo, ou avanço,

Policimento secreto

d'«O Canhoto»

Diz TOTO FUINARD que:

Do brilhante poeta H. Ferrari—surta brevemente um livro denominado «A Jeca».

O Maneco Souza já não mete muito a lingua no nariz.

O Bento (em seu maravilhoso) pretende crescer mais uns trez palmos. Haja 3 metros o meio.

O Hermes, depois dos óculos e depois daquela pose carioca, já arranhou oito poetas de uma só vez: O que faz isto Rangel é tua linda cabeleira...

O Bento foi ao Quartel General, sabido do Inspetor da Região, si existem escolas para meninos... barbados.

O João Ribeiro não quiz colaborar nesta edição porque está estudando musica.

—Amanhã o «S. Luiz» dará em vez de *soirée rose*, *soirée cravo*. E em vista deste grande acontecimento, o «Palacense» dará uma *soirée jasmim* e o «Ideal» por ser mais modesto, dará uma *soirée gira-sol*...

—A lira do grande *vaite* Teixeira encadeou.

O Novaes (de Cajapió) tem uma vaza preta que dá 24 garrafas pela manhã e 24 pela tarde.

O Dico Lopes é geógrafo até no punhal da cama.

O Dr. Oseas vai comprar uma grama de *garridos* púcaros de pó de arroz. Para que tanto? Para rol d'oiseira?...

O Erson tomou uma assinatura dos bondes da Estação. A si o Morone te põe...

O R. Lopes vai *rapá* o bigode para ver si «O Canhoto» fala dele. Não é preciso tanto, basta suicidar-se.

Ouviu um distinto poeta dizer que o Ermette Novelli, jamais pozos para fazer fitas.

O Miguel Ribeiro já vive somente murmurando:

«No «Salon Riche» é que se encontra o melhor perfume e tambem os melhores barbeiros para o serviço com limpeza e perfeição. Já é fazer reclamo»...

Na marcha que vão os cinemas, em breve, em vez de 5, 8, 10, 13, e 15 fitas, numa sessão, teremos numa só noite 333 longas partes...

Entra-se em 1.º de janeiro para sair-se em 31 de dezembro. E os olhos que agucem e o operador que se amole...

GOIABADA especial, vende-se na rua 28 de julho n. 53. (4)

O CURSO PRIMARIO é lecionado a noite, na rua 28 de julho n. 53, por preço módico. (5)

mas a vavula d'admissão estando fechada, a mistura se acha comprimida no espaço livre, ou *câmara de compressão*, situada atrás do cilindro. A arvore principal faz uma rotação completa; é o periodo da *compressão*.

N'esse momento, quando via começar a 2.ª rotação, comunica-se fogo á mistura comprimida por uma flama subitamente descoberta, por inflamador, ou por faísca elétrica. A *dellagração* se opera: uma pressão consideravel é creada subitamente pelos gazos instantaneamente dilatados e levados a uma excessiva temperatura. o pistão é expellido e a *ação motora* se produz. (continua)

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º

S. Luiz, 17 de agosto de 1913

NUM. 27



JUSTA HOMENAJEM d' "O Canhôtô"

à memoria do eminente patrono da sociedade literaria

BARÃO DO RIO BRANCO,

"hontem o maior dentre os vivos e hoje o maior dentre os mortos"

O NOSSO ANIVERSARIO

Amanhã é um dia de imensa alegria para nós e para os que nos apreciam. Contam-se amanhã 365 dias de vida do «O Canhôtô».

Pertencem outrora a um grupo de estudantes que o puzeram à opinião publica, sendo geralmente bem acolhido aqui e em todo o Brazil onde nos não constantemente lizonjeado com encomiásticas referencias.

Mal equilibrado estando porem «O Canhôtô», passou a pertencer a uma sociedade jornalística com o mesmo nome.

Mas, um sentimento de patriotismo nos enche a alma de jovens brasileiros pelo grande talento do saudoso «Barão do Rio Branco», «hontem o maior dentre os vivos e hoje o maior dentre os mortos».

E, cumprindo um dever, será inaugurada amanhã a sociedade literaria, que tomará o nome de «Barão do Rio Branco».

Será, como disse, um dia de contentamento cá em casa. De nível com as nossas posses, procuramos festejar esse dia.

Inaugurando a sociedade literaria «Barão do Rio Branco», e festejando o nosso aniversario, daremos ama-

nhã uma sessão solene ás 7 horas da noite, onde falarão diversos dos nossos colégas que para isso foram designados.

O palacete da rua 28 de julho, n. 33, gentilmente cedido pelo senhor Alfredo da Silva Fortuna, será decorado a capricho pela casa Parada & Gomes.

Após a sessão, haverá uma brincadeira intima, afim de que as nossas gentis apreciadoras compartilhem tambem conosco nessa comemoração tão gloriôza para nós outros.

A Redação, durante o dia, estará franqueada a todas as pessoas que quizerem honra-la com a sua visita.

Na nossa proxima edição, comentaremos os festejos com minuciosidade.

"O Canhôtô"

ORGAN BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticioso
Propriedade da sociedade literária

BARÃO D. RIB. B. L. A. N. C. O

PRESIDENTE—Djalma Fortuna.
VICE-PRESIDENTE—Manoel Lisboa.
SECRETARIO—Djalma Vasconcellos
TESOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 Exemplares

Assinatura anual... 28000

Toda correspondência

dirigida ao "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

Entre parentezis

O jornalismo é a autonomia do pundo-not.

E' mais um enormissimo campo de batalhas, das mais sanguinolentas, do que is-o que supomos sê-lo.

Um assassinio, um roubo, um estelionato, são incencias ante esse campo já tão explorado, onde se praticam os mais capitais crimes.

Um assassinio não tem liberdade, ao passo que o jornalismo tem-na: uma sua protetora; vendo-se assim com toda autonomia, toda autoridade, manifesta a seu talente tudo que pensa. E' um erro. Já é abusar de mais da confiança da tal liberdade.

Gutenberg, quando quiz glorificar seu nome, injerindo ao progresso universal sua primorosa invenção, talvez estivesse dezechilibrado. Então não anteviu os prejuizos que causaria para o futuro?

Quanto caratêres corruptos coálham a humanidade, depois dessa invenção! quanto! —uma infinidade!

Só n-ste ponto, que a imprensa periodica é insuportavel.

O homem que abraça a profissão do jornalista, trabalha e luta maximamente pra' evoluer seu inteletto não prevendo os desvars que nos acometem, quando nos propomos a enfrentar com a espada aguçada, a adversidade de tudo que se pode imaginar no jornalismo—o amplo campo de batalhas das mais sanguinolentas.

O sangue que o tinje é a verve, o preparo do jornalista.

Si um carater puro, transparente, sem opacidade nem uma, é o que nos domina, um grande erro será nos atirarmos de corpo e alma a esse campo que metamorfozêz completamente a enjeria moral de qualquer homem.

Um deslocado qualquer por um impeto de loucura desembainha a espada e sai correndo em direção ao campo... esbarra.

Com a propria lamina começa a tecer... os panejiricos. Isto é a primeira coiza que faz uma pessoa, quando se atira intrepida, ao campo das batalhas, para arranjar garbozamente um nome de... jornalista. Esplendido!

Tecê os a um qualquer egreja dos egreja e dando um estilo pintoresco e a seme-

lhante superlativo a forma analitica para maior imponencia, e fazer da traição (isto não passa aqui por caza) um chamariz ao louvado.

Si o alvo das encomiasticas palavras se torna indifferente, é uma afronta ao panejirista. A consequencia é um combate singular a pena.

E' isto o jornalismo. Hoje faz bombasticos ejolios a um infeliz qualquer e amanhã, inauditas afrontas.

Quem faz o jornalismo é o jornalista, então é este o corrupto e não aquele.

Isto de sina é coiza de transcendentalismo, mas aqui não, o destino é eficaz: ao homem que nasce com veia de jornalista, fica predestinada a corrupção, de seu carater... E' quasi que lógico.

Isto não é á todos, mas, entretanto é á maior parte.

O homem que tenha equidade e saiba analisar, não se meta em jornalismos que, si o fizer, fica izento de gozar na morte as delicias paradiziacas. Isto foi o que Moizês de-xou de por no seu Pentateuco:

Periodicos, só os recenacidos!

Este é um, mas, quem sabe que poderá ser para o futuro, si não morrer naturalmente, ou dum acidente agora?

Inspirações femininas

O Amôr



E' um clarão do céu, uma centelha desse fogo imortal que partilhámos com os anjos, e que o Redentor nos deu para que disligue-

mos da Terra os nossos desejos. A piedade eleva ao céu a alma do justo; o proprio céu dece nas nossas almas com o amôr. E' um sentimento que vem da Divindade, para destruir todos os nossos pensamentos grosseiros; é um raio de luz d'aquella que tudo creou, auréola brilhante que ilumina a alma.

Augusto Santos.



DEUS fez o orvalho para as flores, e as flores para a mulher.



UMA mulher ornada de flores pode atrair o mundo inteiro; enfeitada de brilhantes e perolas só atrairá os corações mercenários.

V. P.

A - O Canhôtô - A

Ha sensações indescriptiveis, e tal é a que experimento neste momento ao saber que completa amanhã um ano de circulação desta instructiva folha, fundada por jovens aspirantes de um brilhante futuro.

Puoda-se a esperança desse futuro na

Edição especial em comemoração ao 1.º anniversario d' "O Canhôtô".

dedicação desses mãos ao progresso da instrução, effluvio doce e vivificante que perpassa por nossa alma, dedicação esta de engrandecer a nossa querida patria.

Por essa razão não posso deixar passar essa data sem vir também hipotecar os meus fervorosos votos, afim de que O Canhôtô encontre sempre apoio de todos aqueles que trabalham para encher de luz os espiritos incultos.

Avante com o trabalho, pois é ele de origem nobre, os seus effeitos se fazem sentir em cada um de nós, por entre os menores atos de nossa vida no seio da sociedade inteira. Trabalhai que um dia vereis os vossos esforços coroados de lauros.

Foi assim, que principiaram todos esses grandes vultos, hoje consagrados nas paginas da historia.

No começo de qualquer carreira que empreendemos depara-nos muitos espinhos e represalias, mas com a força da vontade alimentada pela esperança, este balsamo sacrosanto, que nos ampara na vareda escabroza da vida, vemos as nossas aspirações surtirem transformadas em odoríferas flores.

Assim um dia surgirá o apreciado Canhôtô.

Ulaizel.

RETRATOS A LAPIS

S. M. P.

Eis a retratada de hoje, que com a sua celiçena formozura vem abrilhantar as colunas do nosso queridinho Canhôtô que aureolado de flores e garbozo regista um ano de sua fulgurante existencia. Embora não sejam meus traços tão perfectos, como exige essa incomparavel beleza que cuidadosamente vou retratar, mas ao menos cumpri um dever de adoração ao bello sexo.

Pois bem, vou submeter á apreciação dos leitores este meu tosco trabalho que lhes dará a idéa de uma mulher divinamente bella, ou por outra de uma mulher ideal.

Ei-la: é um verdadeiro tipo de belleza de elegancia; cabelos ondulados, longos e castanhos; olhos grandes e sonhadores e tão brilhantes como o sol radiante do meio do maio; o rosto é caprichosamente talhado e de uma cor morena, mas, de um moreno palido e suave; nariz bem feito, labios rubros e dentes que não parecem dentes, e sim duas riquissimas ordens de perolas, que fazem realçar a sua adoravel belleza; a boca engraçada e tão bem feita como um botão de rosa que as manhas primavera doiram vestindo de luz; pescoço bem torneado e garbozo; cintura singelamente elegante, mãos lindissimas e delicadas, portos anjelic, que completa os encantos de sua florecente juventude de mulher maranhense.

O! quanta perfeição, quanta graça brilha nessa encantadora jovem de uns 17 anos! Os seus olhares, os seus sorrisos, repassados de majia prendem e arrebatam os corações de fino gosto; sua vida, hinos de amor que ficam em nossa alma para eterna recordação.

Toda o encanto, toda perfeição a natureza derramou sobre esse tipo de mulher brasileira verdadeiramente encantadora.

Sobre tudo deveria ufanar-se porque não ha quem se não curve a seus pés para lhe pagar tributo. E' modesta e gracil e sua sinjeleza fa-la ficar mais formosa, mais divina entre todas as jovens da sua idade.

A! quanto desejava ser um artista celebre, perfeito, para fruar com a mais divina perfeição a effigie dessa mulher adoravel, mulher celestial. Mas, como não o sou, peço mil desculpas pela audacia destes meus rabiscos que não irão ferir a sua modestia. Pois si tal acontecesse eu me envergonharia de passar pela sua esplendida habitação, na rua a mais formosa do nosso feliz Maranhão.

E por isso, não digo quem sou, pois quero continuar a contemplar essa beleza tão rara que o nosso estimado Canhoto teve a dita de retratar hoje num dia tão glorioso, tão feliz para nós, os Canhoteiros.

J. Navarro.

ESCULPINDO

Segunda Serie

V

Eu não sei como foi. Sei que num dia, De uma combinação quasi sem fundo Atiram se aos combates deste mundo Uma folha, um jornal sem harmonia...

Outra edição, mais outra e a simpatia Lhe foi chegando, e mais a mais facundo Seu nome se espalhou. Noutro segundo Amaneo então creceu. Quanta alegria!

Os erros combatem de muita gente. Amigos e inimigos tem sem conta Mas, nada tem; e sempre independente

Nas rodas, nos salões, sempre e querido «O Canhoto», que todo mundo aponta E ao Brazil do Norte a Sul e lido!

Cinzel.

O Tanhoto

Tem tanta traça ta té tem trazido tanta touza nas tabéas de toda a tartulhada dos tanhoteiros, todos taludos, têm trazido toucinho no tachasso, e todinhos todos teimozos teimam na teimozia de teimar que hão de teimar e teimar entanto todos não teimarem tudo a tapona por todos os tantos da taza e torrêrem todos os tantos, tuadros, tinteiros, taixas, talendarios e tudo, tudo té liver tanhotisso torta.

Tás vendo?...

Verdadeira.

O Meu Jardim

AMOR PERFEITO

Muito antes de eu fundar isto é, de cultivar o Jardim infantil, do qual apresento sempre garbozo uma flôrinha, uma outra flôr não menos interessante brotou há espaço de um ano, entre ovações e carinho.

Mas, como naquêlo tempo ainda se não falava em Jardim, ella passou sem tomar parte n'ello, apesar de ser por todos apreciada e querida.

Amor perfeito é a flor de que falo e amabê que completa ella o seu 1.º ano de vida, von apresentá-la aos meus amigos e queridas amiguinhas.

Broto em 18 de agosto de 1912, dia da festividade de Santa Filomena, e o seu aparecimento, causou a todos surpresa e admiração.

Todos a queriam. Andou de mão em mão, miarvam-na reviravam-na, tal era a sua beleza e vice.

Cresceu sempre em progresso e cada vez mais conquistando simpatias, tanto que hoje, quasi que constitue um partido distinto.

Todos de certo já adivinharam que o Amor perfeito de que estou falando, si simboliza o nosso amigo — «O Canhoto».

Pois é.

18 de agosto!

E' o dia do aniversario do Amor-perfeito ou melhor: d'«O Canhoto». O dia tão esperado pelas nossas ledôras, o dia sublime, que marca uma grande victoria, 365 dias do nosso aparecimento!

Redação em festa!

Os canhoteiros, de cujo meio, sou eu a mais modesta parte, o festejam hoje, com alegria e pompa.

O Dante, retratou o aniversariante, e Voltaire, amoldou um sugestivo soneto. O Jovino, formou columnas humoristicas e assim todos os meus colegas, cada qual procurou mais caprichar.

E eu que sou tão pobre de verve, que fazer?...

Mantei longamente sem nada conseguir mas, o feliz idea, o lembrança genial!

Ornarei a redação, a sala, os canhoteiros, com as flores que hei colhido no meu jardim....

São lindas, graciosas, alvas, morenas, formozas, simpáticas e pequeninas.

A sempre-viva, como rainha, colocarei num escudo, bem na sala para que, os convivas ao passar por ella lhe rendam homenagem.

A Anjélica, também, colocarei na sala ao lado da Sempre-viva, para que, com sua graça idealista, faça passar os canhoteiros.

A meiga Saudade, para que continue a formar a trindade formosa, estará a principio junto as duas primeiras e depois a colocarei na lapêla do paletô para me dar vida «e me fazer cantar».

A Roza-menina, com seus olhos azuis e porque tem o nome da virgem de Lourdes, constituirá o idolo da festa.

O travesso Jasmim, sempre alegre, traquinas e jovial, troçará a todos, idealizando-os.

As irmãs Camélia e Magnolia, que brotaram no canteiro da amizade e no da simpatia, reviverão a festa.

A Rosalinda, com seus atrativos infantis, estará festiva e formosa, como no dia de S. João, quando brotou em meu jardim.

O Lirio, puro como o sorriso de Maria,

estará também sintetizando a beleza e completando o quadro sublime de flores virginaes.

É finalmente o Amor-perfeito com toda a sua perfeição, divertindo seus apreciadores, estará de mão em mão, como um bebê, do... celuloide.

E eu todo gaguejo, por vêr todos admirando minhas queridas joias, estarei como um rei poderoso e mandando os meus vassallos render tributo a ellas.

Não é verdade que assim sou eu quem dá maior alegria a festa?...

E sim, dirão todos, porque com tais flores, não há festa que não tenha vida.

E viva «O Canhoto»!....

Feljó.

O Canhoto Elegante



Salve!

Como então, estão todos a Olêr Canhoto com um certo interesse e porque? A! sim. Bem me recordo. Fala se de seu aniversario e todos que o admiram ai estão a lê-lo, satisfeitos e de quando em vêz uma fração amiga.

Ora muito bem, há um ano, justamente, que no dia de amanhã, 18 saia o primeiro numero do O Canhoto impresso num velho papel de quitanda na mais velha tipografia da terra.

Ainda por cima sem data, porque se lia: «S. LUIZ, 18 DE AGOSTO DE...»

Hoje afinal mais desenvolvido, em seu vizejimo setimo numero impresso em melhor papel e na mais nova tipografia, off! a passar de mão em mão de seus admiradores que festejam a comemoração do seu primeiro dia de vida.

Por esse motivo, seus vizejinhos prom-vem para 18 uma brilhante festa, prometendo grande entusiasmo.

Durante o dia arrumações, palestras, etc. doces a noite, muzicas etc., danças!

Haja festa!

Satisfações paronimas a nossa tem cerca de muitos de nossos lares. Entre outras:

— a 28 de julho ultimo, na intimidade do 1.º do Instituto majestoso dr. Raimundo Alexandre Vinhaes, amigo do O Canhoto, inaugurou-se a iluminação electrica, sendo convidado para assisti-la o corpo redaccional cá de casa. Foi uma festa simples, que muito agradou os convidados: que lá estiveram.

— Na mesma data contrataram noivado o Sr. Jaime Buzaglo e D. Clotilde Nogueira.

— Ontem 16, transcorreu o aniversario natalicio da Sra. D. Jacinta Chaves, irmã do reverendissimo conego Chaves.

— Hoje 17, o inteligente anahoto Silvio Souza, infatigavel colega e perito desenhista da Estrada do Ferro S. Luiz a Caxias. Por esse motivo apresentará ele o importante trabalho de sua lavra Um firm fundando.

— Amanhã será O Canhoto que verá colocada a segunda pedra a ereção de seu monumento.

— ainda amanhã, festejará seu aniversario natalicio, a Exma. Sra. D. Altira Fortuna, virtuosa consorte do Sr. Alfredo da Silva Fortuna, competente escriptora do Juizo Federal, e genitora de nossos colegas Hilton e Djalma Fortuna.

— a 23, será o sr. Felipe Benício Goul

mes dos Santos, zeloso 2.º oficial dos correios, neste Estado.

— a 24, a Exma. Sra. D. Arsenia Almeida, digna esposa do Sr. Sebastião Almeida e genitora das senhoritas Cotinha e Dada Almeida, assinantes do *O Ganhôto*.

— a 27, a senhorita Maria da Glória Belo.

Enviamos á todos tardios e prematuros parabéns.

Visitas honrózas:

Recebemos e agradecemos as honrosas visitas que nos fizeram a 30 de julho ás Sras. D. Marcelina Serra e gentis senhoritas Carmen Pontes, Mundoca e Santinha Pires, com quem estivemos alguns instantes em amizosa palestra.

Os mesmos agradecimentos aos jovens José Braga Mendes e José de Mello Alencar, rapaz inteligentíssimo onde se deparam os primeiros albos de um vasto talento próprio dos patricios de Coelho de Rezendes, Padre Joaquim Sampaio, Castello Branco, Aluizio Abreu, Higinio Cunha, Abdias Neves e muitos outros.

Com inenso jubilo vimos que os nossos colegas Admar Serra e Waldemiro Vianna, foram aprovados no concurso a que se submetteram para lugares de Guardas da nossa Alfandega.

E também por saber haver sido nomeado para um desses lugares o jovem Almir Souza, rapaz inteligente e operoso.

O nosso confraternal Apolinário de Carvalho, teve a gentileza de mimozear-nos com um exemplar do torneio, em verso, entre ele e o saudoso vate Americo Cezar: «Deus» que muito nos agradou pela sua leitura amena e divertida. Penhorados agradecemos a oferta.

O 7 de Setembro:

Um punhado de moços patrióticos, organiza solenes festejos para comemorar a data nacional de 7 de Setembro, havendo ao que nos consta uma sessão no Palácio do Governo, que naquele dia estará galhardamente embandeirado.

A comissão promotora é assim constituída: José Alencar que prezidirá a sessão, Eider Pestana, Djalma Fortuna, José Neves, Emiliano Macieira, Benedito Ferreira, Artur Castro, João Teixeira, Silvio Rebelo, Carlos Reis e Djalma Vasconcellos.

Associar-se-hão aos festejos a Escola Normal, Modelo e o Instituto Roza Nina. Aos bravos jovens apresentamos a nossa mais franca solidariedade.

Fitas:

Pelos cinemas temos apreciado esplendidos filmes destacando-se o Ideal com seus excelentes programas onde vemos as melhores criações do mundo cinematográfico. Nestas últimas semanas, deu-nos «Um drama no enjoo velho», «A bolsa de pompadeur», «Amor desvairado» e outras que proporcionaram aos frequentadores boas horas de completa admiração.

Domingo ultimo Asta Nielsen na sua sublimidade de artista reputada, emocionou-nos na peça de Urban Gad.

«O Poder Misterioso».

Quinta-feira «O Poder Misterioso» em repetição e «Amor desvairado», agradaram em toda linha.

A matinda está para hoje a capricho organizada.

A noite de certo estará acima dos acontecimentos, pois anuncia o programa «A Inspiradoira», drama grandioso, produção da mundial fabrica «Le Film a Art» desempenhada por artistas de renome francez, em trez longas partes e 351 belos quadros.

De certo «A Inspiradoira» confirmará os triunfos das anteriores noitadas.

Parabéns á seu proprietario, pelo seu conhecido bom gosto e pelas reformas que a cada dia faz passar a sua acreditada e simpatizada caza de divertimentos.

O ator Matos com seus companheiros, tem feito as delicias dos frequentadores do Palace.

O S. Luiz, como) sempre.

Santa Filomena:

Estamos em plena festa de Sta. Filomena.

Desde o dia 8 nos vêm os reverendos franciscanos pelos seculares sinos do Carmo chamando a atenção do povo de S. Luiz para a reza.

As primeiras noites foram revestidas daquela frieza propria das primeiras noites de uma festa longa.

Domingo 10, a animação appareceu até as 10 horas da noite quando foram queimados os muito conhecidos fogos de artifício.

Lá estiveram muitas senhoritas e não poucos rapazes que faziam suas fitas.

Entre outros só faltou o Zé Neves, com seu afuillamento pelos hombros acima para acompanhar o V... Luiz muito pequeno a querer plus, o João Vitor do alto da escadaria com aquela pose prá-escriturário.

O Djalma embarralhando sua cabeleira com a barba do Arlindo.

O Zeca Mello, medindo as costas com o Satú, e muitos outros.

Hoje de certo, dia da festa, haverá o grande concurso da mocidade maranhense sendo de esperar o destaque do belo sexo.

E enquanto elles e ellas folgam eu durmo para folgar amanhã.

Eu Migo.

Lanterna majica



SEGUNDA SÉRIE

(Versos de pé quebrado)

Ha muito tempo, ledôres,
Eu não tenho vos maçado,
Mas desta vez aguentem
Que já estou mais escovado.

A minha serie primeira,
Si não foi boa, foi má;
Mas esta que dou começo
Tem brados que a alma dá:

1.ª FIGURA

Vai agora um rapazinho
Do nosso mais fino esol
Que si fosse mais gorducho
Parecia um gira-sol.

Faz discursos em porção
Não é feio e nem é belo
E' um pouco corcovado
O colega Zeca Mello.

E tem brilhante talento
Orgulho da mocidade

O que é raro se encontrar
Nos rapazes do su'idade.

2.ª FIGURA

Clareou-se a minha tela
Talvez por cauza da luz...
E por ser a projecção
Bom palpite prá avestruz...

E' baixo mais não batôque
Faz versos que não decóro,
Tire logo a carapuça
Meu campêde Pilidoro...

3.ª FIGURA

Quazi sempre no cinema
Ele está todo poizido,
Com sua cara de rizo,
Com seu bigode pontado.

Si não dêr amanhã gato,
Tambem não dá elefante
Por não gostar dessas coisas
O Otelo Cavalcante.

4.ª FIGURA

E' alto como uma vâra,
Vergado qual mamoeiro,
Rizinho qual mãe da lua
O Chilberto Paceguero.

E' um rapaz elegante
De bonito tem um tique
Toda noite está arridado
Na porta do Café Chique.

Rafles.

Filatelía

CHILE (continuação). — E' representado sobre o 20 centavos Manuel Bulnes que era o sobrinho de Joaquim Prieto.

Nacido em Penco, em 25 de dezembro de 1779, tomou parte o movimento insurreto de 1810 e foi exilado para Quiriquina.

Reentrou no Chile e se distinguio nas batalhas de Cancha Rayada e de Maypo e foi nomeado general de brigada em 1831.

Eleito Presidente da Republica em 1841 e reeleito em 1846. Durante os dez anos de seu governo, o Chile viveu em uma paz profunda e prospera.

Devo-se a Bulnes a fundação da Universidade de Santiago, a Escola de Artes e Officios, do Conservatorio de Musica, etc.

Morreu em 1836.

O selo de 25 centavos mostra o presidente Manuel Montt que nasceu em Petorca, em 1800.

Foi primeiro, reitor do Instituto Nacional depois, ministro e Presidente da Republica.

Seu primeiro ministro foi Antonio Varas, seu concidipulo e melhor amigo.

Montt trabalhou pelo desenvolvimento o grandeza da Republica.

Morreu em 21 de setembro de 1880.

Dois de seus filhos deviam mais tarde, tambem, ser Presidentes da Republica: Jorge, de 1891 a 1896, e Pedro, de 1906 a 1910.

Figura sobre o 30 centavos a effigie do presidente Joaquín Pérez que nasceu em Santiago em 1801.

Recebeu uma solida instrução no Colejo de Carolino e na Universidade de San Felipe.

Em 1820, foi encarregado dos negócios na França e residiu algum tempo em Paris. Representou, em 1836, o Chile na República Argentina.

Ministro das finanças em 1845, depois Ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros em 1849, foi escolhido, para Presidente da República em 18 de setembro de 1861 e conservou o poder durante 10 anos.

(A seguir)

J. V.

O Canhoto treme

QUANDO VÊ

As constantes visitas do José Mattos, ao Waldemiro (inspector da rua de Santo Antonio).

O Cazuza contando as façanhas do seu galo carioca que já brigou com um que o Vinhaes tem do tempo da inquirição, vencendo-o...

O Vasconcelos, o Luz e o Verdureira dançando. Aquilo mordendo os beijos e estes batendo com o queixo na cabeça das pacientes... quase todas infantis...

O Nemrod feito um frade convencido de sua missão.

O Palacete brigando com o tenor Vivas no dia do benefício deste...

O Ideal abolir matinees por ser estrangeirismo e adotar *fautouls*, *films* e outros...

O Cinnamome, com as respectivas *societes*, também roses.

O Saldanha livrar-se das pequenas, dizendo: eu não cazo com a senhora porque não sei não quero". Bom sistema, amiguiço...

O Anselmo, o Martins e o Djalma manipulando com os narizes (?)

— certos *coits* querendo convir para a festa do "O Canhoto" sem serem atendidos.

— o Silvio Souza tirar retrato até... dormindo...

— um certo amigo que quer vir à festa sem convite. Coitado, voltará da escada...

— a nova sociedade "Barboza de Godóis" cujo fim único é abilitar os seus associados a falar em publico, bem alto...

O poeta Teixeira encorajadamente vestido, buscar reportagem fleira nos sermões dos capuchinhos. O seu Joãozinho, vá ouvir o padre Santos pela festa do Coração de Jesus que você tirará melhor resultado.

Olle que o Crizostomo de tanto ouvir o Eça, já está quasi se deitando mesmo sobre uma eça...

— o Albino domingo passado aparafusar-se pelas costas além de evitar o voo das abas do seu elegante fraque. Dizem que amaldiçoou ele virá aqui com ele. Não faça isso, porque já disseram por cá, que foi com o dito que o velho se cazou.

— o Admar Serra trabalhar a semana inteira fabricando foguetes para soltar-los na ocasião da entrada da pequena, na festa canhota. A vontade...

— o Neves mandar cortar pelo Dr. Horro a ponta da lingua, para não dizer mais nada da palavra "Canhoto". Consulte a poetisa azuli ses Neves.

O M. Rios e o Nestor a *conversa*. Este com sua miopia não ouvindo e aquele com sua enorme surdez não enchergando...

A Fila escrever o pronome *você* com *s. s.*

Pois que?... Devéras?...
O Albino com o fraque, que mandou fazer pra S. Filomena...

O Martins de cabeça pelada...

O Grilo grilando a festa.

O Silvio tirando *sortes* para fazer presente a dele

O Botelho eclipsando o Nogueira...

Os turniquetes do Lieurgo na dança...

O Galvão Neves manipulando com o nariz...

A retumbante e cavernosa voz do Carlos Rodrigues, a par com a pujante musculatura postiga do Alvaro Silva que de um *Bogre* eliminou a giga do Sati.

O Braga Mendes a vender sobranceiras ao Erson Wolf de Tobe de Souza.

A Imortalidade, a Proza e o Verso

Caro leitor, quem vos vai falar não é um sábio, um poeta, um prozador, ou mesmo um simples literato: e sim um improvisado, sem cultivo, que quasi a martelo conseguiu arrancar da cachola meia dúzia de a-neiras para vos maçar.

Não há muito tempo, formei uma discussão forte com um colega que tem a mania de fazer versos, sobre a imortalidade do nome, por esse ramo de literatura.

Dizia-me, a mostrar-me um dos seus sonetos, que não os classifico como bons, ou máus, por não ter competência; vê se não vou indo bem, o ultimo soneto que publiquei não estava mau, mas este está esplendido! Eu respondi-lhe:—devias deixá-lo e escrever sobre ciências, acontecimentos e outras tantas coisas que possam interessar os nossos leitores. Para que fui dizer uma coisa desta, ch mou-me de um cilismático, que não queria que imortalizasse seu nome, que eu bem devia ver: os escritores de ciências não são imortais, e sim aqueles que com perfeição entoam harmoniosamente a lira. Pedi-lhe desculpa de o ter ofendido e fui dizendo: a sós que ma s um Galiza aparecia.

Mau grado in- u! logo no outro dia, lá me vem outro com quatro tiras de papel escritas de ambos os lados, tendo sobre o cabeçalho escrito em letras garrafais «A vingança». Pensei logo, outro imortal! outro Crizostomo! que mania meu Deus!

Voltaire, andava a tua procura para te mostrar a minha ultima produção: vê lá se não sigo o caminho da imortalidade! (foram as suas primeiras palavras). Lá, reli e como é costume quando não gosto das coisas dizer:—endireitando esta bala, fiz o mesmo ao colega.

O homem olhou-me cinco minutos, fexou a carranca e respondeu: considerava-te o meu maior amigo, mas de hoje em diante serás teu inimigo e juro que esta minha resolução será eterna e, vo-ciferando, retirou-se.

Eu fiquei a pensar: terá este rapaz endoidecido? ou isto é fanatismo pela literatura?

Depois compreendi que estes e outros tantos iguaes, são tipos sem nenhum

valor intelectual e sem ter uma pequena cadencia para a literatura, mettem-se nela, e nela enlouquecem!

Bem podia vos citar alguns, mas seria enfadonho enumerar os Pacholofobos e Crizostofobos imortais.

E com esta leitor faço ponto, para que alguém não diga que sou um deies.

Desculpem a cacetada do

D. Voltaire.

MATUTADAS

Tirizina, 1 du principio do mês de junho.

Ilustri seu Redatô

Arreceba pur intermedo desta us meu cumprimento, que lhe arremeto cum toda satisfacão e peço qui ispiche o cujo prá banda de seus campanheiro.

Seu redatô, tô alegre mais qui cobra quando vê calango, rubá quando vê carniça, mué quando vê pade e finalmente cumo moça fêta quando fica noiva.

Vamincê hrá de se admirá pur que é tanta alegria do Bastião veio, mas eu lhe digo.

Entremu prá dento no assunto.

—Magina seu redatô qui meu campadi Pilidoru mandou umas camiza véias prá miá mué fazé outras nova prá nosso fio (meu e dela) e as supradita viero imbruiada in seu jornal e entonse meu vizinho (o dotô Pachola) me diss:

—Bastião, imbruiá teu fio neste jornal, qui éle hrá de sé um pueta cerebre e eu aquerditel no dito do dotô e entonse é pur isso qui tô alegre.

—Seu redatô, a razão qui mais me obrigo lhi iscrivinhi esta carta foi prá lhi pedi qui me mendi um nome bunito prá meu fio pueta, mas eu quera um nom qui encha a boca, assim cumo.

Galafão, Napoleão, Abecamão o coiza insimante, após num fica bunito um pueta cum nome do vaquero, cumo Aniquilêto, Tiadôru, Sabestião, Pula-queru e outros bixos.

Si vamincê mandá um nome cumo eu quera, lhe agarantu qui quando meu pueta abri o oio, eu mando éle fazé uma puizia prá se impressada in seu jornal e li manlo mais um bêjá de tapioca cum maça e coco mastigado.

Qui vamincê quize mandí tombem us prece de couro de hóde, cabra, boi, vaca, garrote e tombem de tocinho de galinha e pena de arves e pur isso eu lhi mando otro bêjá e um cofo de macaxera.

Aceti meus voto di infelicidade, qui Deus lhi ajude cum toda sua famia e até prá sumana du mês qui tá prá chega

Ispera qui vamincê arresponda esta carta qui é do criado

Bastião Nalço da Silva.

São convidados todos os socios a comparecer no dia 18, nos festejos canhotos.

Preveniros tambem as pessoas qui receberam as nossas cartas de convite, que os mesmos xtudem-se samente a familia.

Pedimos outrosi a muí a simplicidade no trajar.

PARNÁZO

Amor e cabelo

Do distinto amigo J. Luz, o Bastião principal do humorismo canhoto.

Só por causa da moda ou por paixão,
ou mesmo por preguiça de pentear,
raspei a cabeleira. E logo então,
mostrando a nova moda, fui passar

em casa da pequena que, ao olhar,
um côco, melancia ou requieijo,
respondeu-me fitando o narizão:
—em outra freguezia vá cantar,

seu grande maganão... E já não posso,
de tanta desventura e de tragar
tanto veneno assim... E o paradeiro

do meu cabelo?... O' cens! mas que colosso!...
Eu vou fazê-la crer, eu vou lograr,
que foi méro descuido do barbeiro...

D. Fortuna

Poeta pra burro...

No dia que arrancar a martelada,
Um triste verso do meu pensamento,
Nesse dia cruel, nesse momento,
Eu terei esta vida transformada.

Nunca mais minha lira apaixonada
Tocarei. Nas masmorras de um convento
Irei morar, e lá o dezaletão
Desto meu peito, se fará em nada

Mas enquanto fizer com inspiração
Um versinho pra minha doce amada
Ou então pra trocar qualquer marido

Alegria terei no coração,
Jamais farei a minha retirada
Cá desta casa, deste bom «Canhoto»

D. Voltaire.

Pasteis de briza

Vê, querida, o futuro que te espera,
Si te resolves a casar comigo:
Vivemos no reino da Quimera,
Sob um placido céu, radioso e amigo.

De beijos numa eterna primavera,
Tangendo a lira com um bardo antigo,
Do pão do céu hei de ficar à espera
Numa estalagem — romanesco abrigo!

Tu cuidarás da roupa e da cozinha;
Eu farei versos, ao clarão da lua,
Contos te contarei... da carochinha.

Quem há que uma ventura, igual possada?
Eu, faminto direi: —querida, lá minha!
Tu, como fome dirás: —meu bem, sou tua!

D. Xiquete.



Rimas Vermelhas

Quando ela á minha alcova em noite fria,
Um sorriso no labio cor de rosa,
Semi-nua, a sorrir, aparecia,

Louco de amor, com a alma sequioza,
Aos seus braços de marmore eu corria
Aurindo a sua essencia capitoza.

E a formosa madona que sasoniava
Aminha porta assim subitamente,
Num delirio satânico e fremente,
Transbordando desejos, gargalhava!

Todo seu corpo branco palpitava,
E de seu labio venenoso e quente
Partia como ferro incandescente
O sorriso com que ela me saudava!!

Quando ela á minha porta, desganhada,
Muitos anos depois, em noite fria,
Tirando do frio que sentia,
Veio bater exaunha, estafada,

Tremeu de horror minha alma alucinada,
Ante essa que á meus pés, louca, gemia,
A mesma á cujos braços eu corria
Outr'ora, para ser por mim beijada.

E essa pobre mulher, magra e doente,
Que ante meus olhos, palida, chorava,
Estendendo-me a mão, tremulamente,

Do seu labio sem cor, que tiritava,
Deixava que escapasse em tom planjento
O soluço com que ela me saudava.

Ante um boi

A' contemplar teu vulto afigantado,
Men velho respeitavel boi de carro,
A' sombra amiga da ingazeira esbarro,
Tal como um crente ante um altar postado.

E, com o olhar, ao teu olhar eu narro
A minha desventura, o triste fado
A que vivido tenho acorrontado,
E as misérias da vida a que me agarro

E sinto bem que o teu olhar amigo,
Nos escaninhos de minha alhoia entrando,
Trax consigo o conforto que me digito.

E assim, como a um deus te vou falando
Eu te agradeço ó boi, e eu te bendigo,
E vou contrito o teu olhar beijando.

Arlindo Martins.

(Páginas de um Vencido)

Cinema da Vida

Esta vida afigura-me um cinema
Cujos atôres mais movimentados
Do que aquêles que a noite são focados
Obedecendo sempre o mesmo léma:

São D. Jesus, autenticos, cruzados,
Discutem sempre em todo o qualquer

Ninguém os pode ver sem que não tremam,
Em assuntos de amor e namorados...

— No cinema do amor, querida amada,
As cadeiras têm grande lotação,
Ainda mais com amizade dedicada

— A casa representa um coração,
Eu represento a tólo immaculada
E tu, a projecção!...

A MINHA RELIQUIA

Essa reliquia santa, carenuda,
Que vês ali no canto desolada,
Já de certo mil vezes foi amada
E cantou-se mil vezes por vencida.

Era bela, elegante e bem torneada,
Hoje em frangalhos jaz apodrecida.
Ninguém lhe dá de certo uma guarida,
Porque é velha, não presta e está molhada.

Mas, contudo eu jamais a deixarei
Muito embora na hora de morrer
Com desvelo e carinho a tratarei...

E num arranco supremo do sofrer,
Ao túmulo um pedaço levarei,
Da velha cama que me viu nacer!...

H. Ferrári.

Amor fraternal

Eram dous irmãozinhos que do dia
A' luz gemeos vieram. Muito unidos
Foram crescendo e já des-envolvidos,
Eram na casa o emblema da alegria...

Era chegado o tempo em que devia
Cada um cumprir na terra os exijidos
Preceitos da natura e... (sempre unida)
A ambos dos dentes viera a romaria.

Inda fracos, a morte em seus labores
Não tardou em ferir o amor materno
Levando um dos irmãos. E o outro entre
flores

Tambem aou se subiu, como pedra:
— "Que o levasse também o Padre
Eterno

Para junto co' o irmão voltar um dia

Santino Rolz.

Fatos e Fitas

A propósito da ridícula *jupe-culotte*, que a moda aberrante tem procurado introduzir na fantasia do belo sexo, D. Niquete, o masculino poeta dos «Moinhos de vento», numa interessante *charade*, troca a tal saia, que alguma representação do referido sexo, em a lendo, jamais de certo a adotará em seus costumes.

Entre as muitas passagens, de franco humorismo, eu com o espírito de jovem investigador, apreciei as seguintes, que para melhor inteirar as leitoras que ainda não a leram, aqui transcrevo:

«Querem tirar a saia a mulher, dar-lhe falsas apariências viris! Moda, si tal fizésse, Si todo o mundo, assim passara a vestir calças, Não haverá razão para que haja mulhéres!»

«Que ha-de, ó céos! A mulher fazer da mão direita Quando fulgure o sol, ou do céu a água caia, Si a dextra ca mulher foi tão somente feita Para com chuva ou sol arrebanhar a saia?»

«Imajino a mulher de cabelos cortados Como os homens (meu Deus! que tal nunca aconteça!) Sem *chichê*, sem bandós para fazer penteados, Que é que havia a mulher de fazer da cabeça?»

E depois de varios pedaços dignos dos poetas de seu quilate, o distinto autor dos «Moinhos do vento» a encerra com esta chave de ouro:

«Fizestes bem, ó vós que destes vaias Na moda irracional que appareceu ha dias:

—Deus só fez as mulhéres para dar corpo ás saias. Pois fô a de mau gosto haver saias varias!»

Realmente, saia vazia, não se pô de pé.

Mas isto não vem ao caso; viram o juizo dos grandes sobre a tal *jupe-culotte*?

Viram? — Pois bem. Concorde em toda a linha com poeta e acho mesmo que minhas gentis patricias si tivessem um pouco de juizo (o que é raro) jamais aceitariam semelhante moda que depõe bastante contra o bom senso e pudor.

Uma senhorita, por mais bela que seja, metida nas tais saias, a se confundir com os homens, não concordam que é va dade insensata?

E, pois não. Eu como homem, quando acazo por troço de saia de uma saia, palavra que fico desconcertado e com verbonha, sem poder dar um passo...

Porque não acontece a mesma coisa com as moças quando vestem uma *jupe-culotte*?

Não, é feio e só aceitavel nas atrizes, e isso mesmo quando estão em cena.

Fôra a *jupe-culotte*.

Hilpafor

Retratos a martelo

O. C.



Este amiguinho é querido e conhecido a todo o tranze, não só aqui como também em todo o Brasil. O jecôzo e querido retratado de que falo, appareceu entre nós de traje elegante; tra endo sobre si, excelentes trabalhos que bastante agradaram as nossas senhoritas que, desde esse dia (18 de agosto), lhe estimam imensamente.

E' folgazão, brinca bastante com a rapaziada da nata maranhense, trocando-a, sem contudo a sua trínca ofendê-la. Em cada pessoa, com quem brinca, encontra um constante admirador e portanto, mais um amigo.

E' novo, só tem um ano, mas, é deslumbrante; tão criança por onde anda, é procurado e é conhecido em todo o Brasil como em alguns paizes estrangeiros.

O nosso distinto amigo é um verdadeiro apreciador de festas.

Ao teatro, lá está a face do amiguinho, bem *direitinho*, atento a tudo e sem da peça deixar escapar um pormenor sequer. No dia seguinte, lá vem o nosso herôe, comentando a festa de ontem e analisando os belos trabalhos que o deslumbraram. Em uma sessão de domingo, no cinema, ele anda por mãos de todas as senhoritas que lhe saboreiam com indizível prazer. E' o predominante assunto da palestra, durante a sessão.

E o nosso retratado que está ali representado, ouve todos aquêles elogios, com alegria e domingo proximo, o comentario é infalível. Si há um baile, é o primeiro a ser convidado; e lá se faz representar nesta parte do nosso escôl, onde a sua presença é tão desejada.

Pois assim é, este coleguinha faz inveja a muita gente que, não tem as regalias que ele tem, mas, esses que o invejam, coitados, estão atidos aos grilhões da ignorancia, e as suas burlescas ameaças, jamais o atinirão. Ele continuará a gozar do mesmo conceito. Mas já viram como é um rapaz elegante, *suave*, *smart* e queridinho das moças?

Já repararam o gosto que ele tem em vestir-se? Já viram como todos os dias feriadados ele deixa o seu habitual fato branco (enfeitado de preto) e reveste-se de uma imponente sem par, como a de hoje?

Hoje é o dia do seu natalicio. Já viram a sua intensa alegria e a dos seus apreciadores neste dia? Já viram como ele está mais engraçado e traça-se melhor?

Agora tá leitor que és apreciador deste que aqui retrato, da-lhe os teus parabens, almeja-lhe um futuro esperançozo, que, pelo *direito* amiguinho tão ovacionado, muito te agradece o

Dante Faria.

Até que enfim....

S. G.

—Então caro Jovira que mudança notou em ti. Ontem andavas pensativo, ma- canbuzio, até pensando no suicidio e,

hoje te vêjo alegre como moço de 29 anos... Que motivou semelhante mudança?

—Muitas coisas de uma só vez, imagina que não podia andar alegre se não encontrava dentro as *setenta e sete* apaixonadas, uma namorada...

—Como? ... Setenta e sete?!

—Sim, caro amigo, a setenta e sete todas me desprezavam, dizendo não namorar com amostra de homem, mas... até que enfim... encontrei uma, que é mesmo uma tetéa.

—Entã, meus parabens. Agora compreendo porque andas satisfeito! hein...

—Não. Não é só por isso, é mais, porque tendo em uma namorada, terei sempre assunto para escrever e par para dançar no dia 18, aniversario d'«O Canhoto», o meu rival.

—O teu rival?!

—Sim, meu rival, porque a pequena é uma das maiores admiradoras d'«O Canhoto».

—Já vê então que és feliz...

—Perfeitamente, porque tenho uma namorada que é também namorada d'«O Canhoto», posso considerar-me mais que feliz, por que andaremos sempre pensando nêle e nada mais faremos que não saia direito...

Jovira.

Gavêta Canhota

Recebemos:

O «Pedro II», órgão monarchista do Santa Maria do Rio Grande do Sul; «O Voluntário da Pátria» do Rio de Janeiro, «A Constelação» bem elaborada revista de Fortaleza, que traz boa colaboração em proza e verso; «Caixa Popular» órgão da muito bem equilibrada sociedade maranhense de pensões; «O Ceará-mirim», do Rio Grande do Norte e o «Jornal de Caxias», da nossa florecente Caxias.

Soares, Mello & Comp., (diretoria da sociedade filatelica S. Luiz, agradeçemos a extrema gentileza da comunicação.

Walfredo — Recebemos, mas creça e apa- reça.

Salles e Silva — «O Clíno tem a maxima razão de se orgulhar, em ser o homem mais ditôzo, entre todos».

Lá isso é verdade, mas, você tem neste caso a maxima razão de se suicidar, porque nacer para produzir isto:

«Adeus mulher. Adeus linda estrella res- plandecente»

Adeus ingrata — nunca mais te verei

—Pois sa, en? Quem há de mais eu viverei Do amor que me leva ao tumulo! Este [amor ardente].

Já é ser infeliz!...

Direito.

Petição sem sêlo

Illm. Sr. Coronel Presidente e mais Membros do Concêlho Municipal da Capital do Estado do Maranhão.

Eu, Murilo Póincare, cidadão brasileiro, natural deste Estado, na ple-

nitidez dos meus direitos civis e políticos, como a liberdade de vos dirigir estes lúbas sinjelas com o fim único de vos lembrar uma ideia talvez até hoje ainda não concebida por nenhum dos meus conterrâneos.

Como sabeis, ilustres Vereadores, é a Avenida Maranhense uma das mais belas da nossa S. Luiz, cujo aspecto faz lembrar a poética Estrada da Independência, da formosa capital paraense.

Uma iluminação mais intensa bem retrata a longa Estrada que liga Nazaré ao largo de S. Braz.

Fujindo da comparação que talvez nada influa para o fim almejado por este humilde signatário, passo a mostrar vos o fim desta, que, si não foi impulsionado por um sentimento patriótico, como julgáreis muitos, não é com o intuito de *engrossar* o illustre patricio, que, atualmente chefiava a política deste Estado.

Maranhense por natureza já é, conspicuos camaristas, a avenida onde demora o edificio em que funciona esse nobre Concelho.

E a substituição desse nome é o que vos quero pedir.

Mais que justo será o vosso ato de patriotismo e verdadeira amizade pelo grande maranhense que é um dos mais denodados auxiliares do *leader* da politica nacional, o valente Senador gaúcho General Pinheiro Machado, se decidirdes dar o seu nome á avenida de que vos falo.

Ladeando o nome do saudoso maranhense, Dr. Benedicto Leite, deve ficar o de Urbano Santos como o continuador da reforma maranhense e substituto do grande morto na politica estadual.

Franqueando Benedicto Leite que se ergue majestoso na praça de seu nome deve estar, por direito, o nome do Vice-Presidente do Partido Republicano Conservador, doirado em placas de marmore, na actual Avenida Maranhense.

E' convencido do vosso amor pelo Maranhão que vos dou esse pensamento, que, realizado, irá mostrar aos que visitam esta capital que os maranhenses sabem amar e admirar Urbano Santos porque na fina orientação do illustre Senador está a sua felicidade e a do seu Estado.

E é muito crente no vosso amor por esta Atenas, que espero ser coadjuvado, escapando antes do mui legal despacho: «sele a petição e volte querendo.»

Assim,

Aguarda solução.

São Luiz, 17 de agosto de 1913.

Murilo Polnecaré

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

O Amor-verdadeiro é um queijo em putrefação, que nos revoluciona o ventre. Assim faz ele com o coração e tolo é quem o prova.

Agô.

Deixe que li te diga que os anos que já lá se vão se que en fui para á bordo, carpindo o choro prazenteiro que me ia crucificando-me á mim as quistunculas do nosso amor seguramente firme.

Do Crizoste.

O amor do galante E. Pereira é como azeite de carrapato derretido, que queima e mata as pequenas do gostos crizostericos.

Bolôla.

A amizade da mulher é tão firme tão constante como agua em cofo.

D. Bitôla.

O coração da mulher é um regato que não só deriva a agua, como qualquer outra materia que ali procure abrigo.

S. C.

Amor!... Amor! Quem sabe que é o amor? Quem?

Ninguém... Uns dizem que o amor é grande e irresistível. Outros dizem que o amor é uma criancinha brejeira e ladina que seduz os nossos corações...

Pois o amor nada disso. É um bichinho de côco que vai roendo, roendo, até roer a paciência, e atirar-nos aos laços infernais do 7.º sacramento.

D. Juquinha.

Policiamento secreto d'«O Ganhôto»

Diz NAT PINKERTON QUE:

O José Assis com sua volubildade, tendo o que fazer á casa «Krause». De quando em vez o nosso *dandy* manda gravar as iniciais nos anéis U. V. V. J. K. R. etc. E enquanto o ourives vai gravando, o caso vai mesmo se agravando...

O chapéu *art nouveau* do padre Pimenta, atualmente, só é usado pelo Polidetes, nas suas aventuras amoradas para as bandas da Matôba...

—Durante a festa, o Bento (japonez), só andará com aquela sua cartola, sistema *corcovado*.

O motor do Manéco será colocado amanhã na praça para, com sua força de 316 cavalos atrair a *negra* á festa.

O Moreira Lima no concurso de guardas parecia um Ruy no parlamento...

O sino do *Palace* ficava mesmo a calhar com os gíricos da nova enferrujada ferro carril...

—Felizmente o *Philhinhilho* passou no concurso...

O João Ribeiro já abandonou aqueles anéis que ele usava com pedras verdes, amarelas, encarnadas, etc.

—O Manéco em vez de analisar o ponto da prova escrita, fez a descrição minuciosa do seu motor sendo por isso aprovado com louvor e... distinção.

O verdureira, mandou vir da *terrinha*, um grande sortimento de lunetas, olhos, binóculos, *lorgnettes*, *tutti quanti*.

—O seu Verdura, prá que tanto? ...

O João Teixeira procurou muito azafamado um dos nossos redatores para comunicar que o Crizostomo não faz parte d'«A Fita».

O *Carroncel* temtido mais gente do que a *precisão* de S. Benedicto...

Pobres cavalinhos... de pau...

A gaita do cujo, semelha-se á *muzica* tocada por ocasião do naufrágio do *Titanic*...

O (Totô) o decapitado, analisou assim

esta oração: «Pedro morreu». Onde está o sujeito? ...

—Está no cemitério.

O Mosquito alemão Humboldt foi uma sorte e saiu-lhe um relógio de bolso e ele abriu o queixo num berreiro *medonho* porque deixava um maracá de *frase* (ou *brá*).

O Caldas quer por força morder os redatores d'«A Fita».

O Zé Holanda vai festejar o aniversário d'«Canhoto» com um importante *convite* onde tomará parte o Neves de *altranga* rebocando a canoa do Holanda.

No ultimo dia da festa será feita uma *quermesse* de fraques e nela tomarão parte os do Garrido, Taboza, Albino, Amalém.

Que não sabe porque o Crizostomo *contou*, leitor assíduo do *Eça* e do *Cacho Neto*, *putta*, *beletrista* etc, não deixa crescer sua cabeleira?

O Jesus vai tomar o «Elixir João da Mata», para ver se cresce...

O Braga Mendes diz que não quer ser maranhense e sim amozonense, pois aqui além de não ter *zixiapa* os nossos *fofos* electricos não peraltam que se *conheça* a dois metros de distancia um amigo ou mesmo um electrico que se aproxime...

A mocidade Caxiense, vai erijir na praça Gonçalves Dias, o busto de Dias Carneiro.

O Luz não falha uma noite no *Palace*...

A' Corina... Corina...

O Bêlo no largo só procurou comer «nô me toques»...

Porque? ... Tem medo do Zélok?

Pasma quando vê o Nogueira sem colarinho e de chapéu de palha.

a raiz do bigode do Raul Serra Martins arrebitou na face direita...

O Chavinho, vendo o João Victor escorando um lampião, disse: «Depois vocês vão dizer que quem namora é a gente!»

A gente quem?

a *fizionomia* do rosto da cara do ator Mattos, parece um mono...

A paz Balkanica

Agôra, que os jornais anunciam a assinatura da paz dos Estados belijantes, com a Bulgaria, ess: paz que este ano ainda assombrava o mundo, pela bravura e disciplina, dos seus soldados, e que, em dado momento viu toda: suas glorias esborearem-se nos abismos insondáveis da infelicidade, ao ponto de perder Lule Burgas, Kirk-Ilse e Andrinopla!

Es a cidade, que dependia a sorte dos turcos que a defendiam encarnadamente, mas, que tiveram de ceder ante a força do inimigo, depois, de mais de seis mezes de cerco, retomam-na de novo encontrando nenhuma resistência, assim como em outras cidades.

A Bulgaria de hontem: que impunha uma paz vergonhosa ao Imperio Turco, nos campos do Tchataldja, é a que hoje assina um tratado de paz degradante sujeitando-se ás imposições vexatorias da Rumania, Servia e Grecia.

A cauza primordial d'essa *débacle* foi, sem duvida, a entrega desmedida com que queria fazer a partilha dos territorios conquistados ao mussulmano, desprezando as clausulas ao tratado secretos que mantinha com os aliados.

A sova que se meteu lhe servo de lição: jamais desprestijilará aqueles que lhe ajudaram a encher sua historia de paginas gloriosas e heroicas.

Foi dura, porém muito lhe ensinou.

V.

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.

S. Luiz, 21 de setembro de 1913

NUM. 28



Nós

Eis-nos em campo, após uma curta suspensão de quatro domingos. Graças a boa vontade do Prof. Amaral, o Diretor da Imprensa Oficial e ao seu amor pela mocidade em progresso, eis "O Canhoto" cada vez mais forte e resistindo com intrepidez os abrolhos que tolhem o seu progresso. O extraordinário acúmulo de serviço na tipografia do "Diário Oficial" foi o que nos obrigou a suspender a saída do "O Canhoto", o incentivo das suas apreciadoras, as nossas gentis compatriotas.

Ele manterá o seu programa, sempre com corretismo: o D. Voltaire continuará a dezanubar as suas paixões pelo "Parnazo"; o Feijó angariará, como sempre, a simpatia das leitoras com o seu jardim; o Pilodorô com aquela bizzaria que lhe é peculiar e aquele humorismo a borbulhar-lhe dos lábios, seguirá a sua rota; e assim todos nós, cada um, sente mais força e mais vigor. E o The O/, de lá das plagas fluminenses, inspirado na deusa dos seus sonhos, aqui deixada saudosa, não deixará de nos transportar ao Rio, graças a sua educada pena.

E viva "O Canhoto"!

RETRATOS A LAPIS

E. S. E.

Não tenho palavras com que possa definir o tipo de uma gentil senhorita onde a beleza encanta; onde a meiguice é incomparável, de uma ternura que só se pode encontrar nas mulheres brasileiras.

Quem me dera poder escrever seu nome em letras doiro, e gravá-lo com finas pedras de "Esmeraldas".

Quizera ser "Santos", para esculpi-la em mármore e quizera ter puderes para dar o brilho da "estrela" a essa escultura.

Escoltar ainda, uma de uma escola superior, umas das alunas mais dedicadas do seu curso.

Quando pela manhã, aparece como, por encanto, trajando o singelo branco, ou o azul calado, com um sorriso nos delicados lábios, dirigindo-se para a escola que fica a rua mais formosa desta pintoresca cidade, para?

Agora já sendo um rabisco feito o retrato desta querida patricinha, pouco-lhe desagrada, ai, por acaso, lhe forem for a sua esmaltada modestia.

Caruso.

ESCULPINDO

Segunda Serie

VI

Este filho d'Atonas Brasileira
Que aqui vides, leitores, modelado,
Naceu em Guimarães; foi deputado
E tão bem ocupou essa cadeira

Que politicamente fez carreira;
Noutro pleito, mais tarde, foi levado
Para ocupar um cargo no senado.
Agora convenção mais justiceira

Atendendo ao valor essencial
Que lhe assiste, num voto unisonante,
Seu nome poz na chapa oficial

Para ser sub-chefe da nação.
E O Canhoto num rasgo desistente
O felicita e a todo o Maranhão.

Cinzel.

O Meu Jardim

NIRÓCA VINHAIS

(Creio)

Ao zozicler da alvorada do dia 18 de agosto, o dia festivo cá em nossa casa, meu jardim revestiu-se de gala, todas as flores coloriram-se suntuosamente e brotou um Cravo pequenito, meigo e interessante - Niróca.

Cabélinhos quasi ruivos, uma filhinha muito fina, é Niróca. O meu Cravo, uma flor sem igual, uma flor sem par.

Quasi sempre a encontro no cinema e ela então muito dada, chega-se a mim e põe-se a t-garelar, o que faz acentuar mais a simpatia e amizade que, desde que a conheço, lhe dedico.

Sou doido por crianças.

— Então Feijó, diz-me ela sempre, com sua fala ainda um tanto atrapalhada:— está se esquecendo de mim?..

— Não Niróca, não me esqueci e jamais me esquecerei de ti.

Poderei acaso olvidar-se uma florinha tão bontinha e meiga?..

E' tão engraçada, que quasi lhe rendo um culto de idolatria.

E' a deusa da infância e irmãzinha da minha sempre-viva, rainha do meu jardim.

Si os anjos um dia vissem
Uma flor tão linda assim,
De certo queriam estar
Juntinhos ao meu jardim..

Feijó.

Nunca mais

Ha muito que eu projetava uma viagem a S. José de Ribamar.

Tinha inensa vontade de conhecer esse sitio, que diziam, ser belo, pintoresco, aprazível, encantador, delicioso, etc, etc, etc.

Falei a alguns colegas e no dia combinado, ás 7 h. da manhã, fretava-nos um automovel

Partimos; seguimos pela rua Grande, depois Caminho Grande, desceitando-se então, uma linda vista.

O automovel, numa marcha vertiginosa, assustava-nos.

Mais adiante, parou. Avaria no motor.

Depois dum trabalho insano, continuamos para logo ser obrigados a sair e meter mãos á obra. Estava enterrado, até ao eixo.

Chovia copiosamente.

Já extenuados, conseguimos proseguir a viagem, que tão mal principiou.

Mas, não foi por muito tempo. Um estampido enorme enudeceu-nos.

Era um pneumatico, que se despedia desta vida.

Felizmente, havia outro para o substituir, o que se fez em 1/2 hora, debaixo duma chuva torrencial.

Continuamos a encrenada viagem e quando nos julgavamos, livre de perigo, o 1/2 hora era passada, sem nada ter acontecido, chegamos ao rio S. João, e...

O vida! O cretoso! voei, corri, rolei e não sei mais nada.

Recordo-me, que mais tarde, acordei numa cadeira preguiçosa, com a cabeça amarrada e perguntando se já estava em S. José.

Os meus companheiros na minha frente; uns, de braço ao peito, outros, com as pernas empanadas e o automovel todo quebrado.

Ali passamos o dia, donde viemos a cavallo.

No dia seguinte, todos me perguntavam: — Então, gostou de S. José?

— Ah! muito lindo, muito bonito... mas não torna a pôr lá os pés, o

Verdureira.

MATUTADAS

Maridão, 31 de fim do mês qui tá si acabando.

Cumpadi BASTIAO

Enton-se cumpadi!, tô muito dimirado in té vido teu nome inscrito no "O Canhoto" em prosa e verso.

E num ti dimira deu mi dimira, após to mesmo dimirado in vé qui voce já se acorrespondi cás gente grãda, mas, não fica supozendo qui o inveja cumpa-

PARNÁZO

Inconstante

Assas ruilando tal uma ave muirosa,
Assim passaste, vaporosa e leve,
Passos meus, apressada e breve,
Com toda a faceirice da creança.

Amei-te o rosto, escultural, de neve,
Os pés, o colo, e teu sorriso, e a trança
Que me prendeu num elo de esperança,
Quando passaste, vaporosa e leve.

Segui os passos teus numa ancia lonca
Para o aroma boiar de tua boca,
Na luz do teu olhar todo envolvido.

Amei-te assim... Mas, vê, no mesmo ins-
taute,

Quiz adorar, febril, extravagante,
Um formoso ração do teu vestido.

Arlindo Martins.

"O Canhoto"

ORGAM BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticioso
Propriedade da sociedade literária

BARÃO DO RIO BRANCO

PRESIDENTE—Djalma Fortuna.
VICE-PRESIDENTE—Manuel Lisboa.
SECRETÁRIO—Djalma Vasconcellos.
TREZUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 exemplares

Assinatura anual... 28.000

Toda correspondência

dirigida ao "O Canhoto"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

di, praque eu tombem já tenho relações
cus homegrande, majina qui na mesma
cazião quizeu tava lendo as notícia es-
crivida no "Canhoto" a teu respeito, ar-
ricibi uma carta do redatô do supredito
mi dizendo qui eu mandasse d'zê prá
tá batizar teu fio pueta cu nome de Ga-
lilão, após é um nome de cumprimen-
tos elevado, qui inenche a boca e
mesmo praque é do tempe do Rei Car-
lo Magro, do almirante Balão e do
guerreiro Koldão, ficando mesmo
dequado prá teu fio. Fui então, a reda-
ção, agradecei seu redatô, pela resposta
da carta qui tui crivinhô prêle e enton
se ele me disse qui o nome tava muito
bonito, mas, si teu fio nacesse muiê, tui
tinha qui batizá cu nome nome di Gali-
ana, qui é tombem dos mesmo tempe.

Na mesma cazião dessa trivista o ho-
me me disse:

—Pillidoro, você no dia 18 venha a
festa do "Canhoto", faça um discurso e
si prepare prá dançá até mané chegá!

Majina cumpadi, como eu tô fazendo
figura, hein?

No dia da festa, vesti um fraque do
caxêro do correspondente, cumprei
uma gravata branca, tomei ovo môle,
prá criá força, entrei num fon-fon e me
adrijí prá lá. Mas, que luxo cumpadi!
Majina qui desde da porta até lá inriba,

Comedia

Dois amantes gentis, vos vou mostrar
Em quízi quatro tempos arriscados:
Ato primeiro—Coiza singular!
Vem-se a primeira vez... ficam marcados.

Ato segundo—Vão entrevistar
E os seus boieinhos já estão colados
Co um tremulido bojo de esgotar
O ultimo grau de amor dos dois amados.

Ato terceiro—De perder metragem
E esta cena e quazi sem linguagem:
Já do cazório está traçado o plano.

Ato quarto—E a alcova... é fim do drama
O firme maridinho tece um trama:
Tomba a primeira roupa... e cai o pano.

Mario Lial.

Saudade Festiva

Na festa aniversária santuosa,
Celebrada por todos com fulgôr,
Estiveis também mimosa flor,
Contente, magnifica e pomposa.

Quando te vi, erlei maior valor,
Meiga Saudade santa e grandiosa,
—Porque és bela, to juro, como a rosa
Que dezabrocha nas manhãs d'amôr!

—Sem ti a festa não teria encanto,
As flores morreriam de paixão
E a miúda lira não cantava tanto...

As saudades feriam um coração,
Meu pobre peito se inundava em pranto,
O meiga inculada Conceição!

H. Ferrari.

Gavêta Canhota

Recebemos:

«O Jaguaripe», do Jaguaripe, Ceará.

«A Sapucaia», de Sapucaia, Rio.

«O Povo», de Bicas, Minas.

«A Noite», do Rio.

«Magazine dos profissionais», do Rio.

«A Cidade de S. Paulo», de S. Paulo.

«Cidade de Bragança», de Bragança.

Pará;

«A Pua», de Timbalá, Pernambuco.

«O Labor», de Itabuna, Bahia.

«A Estrela», de Aracati, Ceará; o ultimo

numero do «Labor», nosso conterrâneo,

que, apesar de lidar só com catolicismo,

traz algumas instrutivas colaborações.

Sebastião Miranda Pinto—Veio-nos em

horas de mau humor o seu soneto: «A al-

guem», cheio de *linsiquites aquitais*.

Você talvez não conheça um tratado de

metrificação dum sujeito chamado Casilho?

Nem por acaso?

Sinval Costa—Gratos, mui gratos esta-

mos pela sua atenção.

Prof. Benjamim de Melo—Sumamente

agradecemos e desejamo-lhe pronto resta-

belecimento.

Ajenor Santos—O caro colôga bem ad-

vinhará quanto nos alegrou o seu amistos-

telegrama.

Ainda pela derradeira mala, recebemos:

«A Nuvem», «O Labor» e «O Irara» da

Bahia; «A Estrela», bem, cidade revista

de Ceará; «O Correio do P. ús», «O Chi-

cote» e «A Trombeteira», do Amazonas;

«O Laço», «O Gremio» e «O Procelio» de

Pernambuco; «Correio do Prata» e a «A

Patria» do Pará; «O Livro Pensador» de

S. Paulo; «A Patria» de Belém; «Norte de

Goyaz» do Goyaz; «O Mensageiro» de

Therézina; «A Fita» do Douro; «A

Trombeteira» e «O Chicote» do Manaus e «A

Revista Typographica», ótimo trabalho de

Lima Brandão, Astor Carvalho e José

Assis, trazendo esteticamente na primeira

página o retrato do Didot brasileiro Bel-

larmine de Matos, o imortal maranhense

dos compositores.

Penhorados agradecemos tão honrosas

vizitas e permutaremos.

Dante.

Pillidoro Zidoro Sargado.

Sêlos de todas as partes do mun-
do, por 200 reis cada um, vende A.
Santos. Avenida Rio Branco, 40. «Tran-
quilidade».—Rio de Janeiro.

Lanterna majica

Homenagem á mocidade caixeiral

Devido a extrema gentileza do distinto senhor João Luiz da Silva, incansável propagandista das «Aguas á Riba Mar», ofereço hoje esta poesia, cuja autoria ignoro; aos caixeiros em geral:

Rafles.

O Caixeiro

«No afan continuo da brutal carreira
Cumpro o caixeiro seu destino vil,
Da mocidade as vicejantes flôres
Todas se trocam por espinhos mil.

Do leito se ergue quando mal desponta,
Ainda frouxa a matutina luz;
O dia passa sem fruir descanso,
Gemendo ao peso da pezada cruz.

Se éie professa sentimentos nobres
Nunca do nada sairá então;
Pois não se pode em semelhante vida
Da sua virtude possuir braço!

Firme no posto que o dever lhe marca,
Sujeito á incerta, caprichosa lei,
Passa o coitado a mocidade toda
Sofrendo coiza que dizer não sei!

Tratado sempre com ferôzdesprezo,
A tudo atende sem a voz erguer,
Porque si fala, si repelle os lhos,
Incontinentemente vai a rua ter!

Não se diverte, não frequenta bailes;
E' criminoso si a teatro vái!
Si tem parentes que bem perto morcem,
Nem por descuido a vizilal-os vái!

Quando namora receio vive...
Teme se saiba da voraz paixão;
Porque, aos olhos do patrão altivo,
Amor é crime que não tem perdão!
Passam-se mezes no trabalho insano;
Nem um domingo de folgança tem!
Tem conhecidos, mas amigos certos
Poucos encontra que lhe queiram bem...

As aljibeiras, que andam sempre leves,
Só veem dinheiro quando finda o mez!
E o que recebe nem ao menos chega
Para as despesas que consigo fez.

Ao sapateiro quasi sempre deve...
O alfaiate sempre lhe é credor...
A lavadeira lá de vez em quando,
Manda-lhe cartas que não são d'amor!

Por mais que faça seu viver não muda;
Nao deixa nunca de sofrer assim...
Todos lhe dizem: «Sé prudente, espera,
Tem paciência e chegarás ao fim.

E na esperança a mocidade passa,
Sujeito sempre á rigorosa lei!
Vem a velhice e continua ainda
Sofrendo coizas que dizer não sei!

O Ganhôto Elegante

18 de Agosto

Uh... Já é ser querido!...
Irre!... Muito bem.

A festa do nosso aniversario, foi plenamente cercada dos loiros que não contavam.

Nas proximidades d'ela, era o assunto principal de todos, e em toda parte era só que se ouvia:

—Vais á festa d'O Ganhôto?...
—O! e porque não?...

Pois bem, chegou 18, o dia anciôzamente esperado, o dia do nosso primeiro aniversario.

esse pela manhã a relação foi vizitada por crecido numero de pessoas, sendo digno de menção a presença do bello sexo.

O palacete estava galhardamente ornamentado pela casa Parada & Gomes; flôres, bandeiras, escudos com os nomes das mimozas, e do patim do nosso colega Fagô, etc., etc., faziam um bello conjunto.

Pela 6 horas da tarde, começaram a entrar os convidados.

A 7.30, já estando a casa literalmente repleta, deu-se começo a sessão inaugural, tendo o Presidente D'jalma Fortuna, convidado para reger a homenagem o illustrado professor Domingos Machado.

Falou em nome do socios: D'jalma Vasconcellos, Hilar Fortuna, Joaquim Luz, José Neves, João Vitor e o Presidente D'jalma Fortuna, tendo todos os oradores no final do discurso salmado por frenéticas saúdes do palacete e parte dos assistentes.

Finalmente o illustre Professor Machado, encerrando a sessão, elojou a idéa dos jovens que tiveram a lembrança do nome do nosso illustre Rio Branco, para patro-

cinar uma sociedade, cujo fim é o desenvolvimento intelectual dos seus associados.

As ultimas palavras do querido catodratice foram acolhidas por entusiasticas ovacões.

Em seguida lavrou-se a respectiva ata sendo assinada por todos os presentes.

Concluiu então o animado sarau dançante que durou até ás 4 horas da madrugada.

Deliciou o auditorio com seu fino repertorio a eximia pianista D. Cotinha Muniz.

A nossa reportagem a muito custo pôde notar entre os presentes as distintas senhoritas: Luiza Viana, toda graça de uma viva estella; Raimunda Azevedo, sempre jovial; Cezaltina e Lilia Botelho, duas irmãs simpaticas, facciosas e meigas; Atalia e Odila Nogueira, todas do branco com a neve pura; Anicota e Laura Valente, duas meremas ideais; Justina e Silvina Pinachão, formozas qual pincel em tela fina; debuebar jamais podera; Otamirva Santos, graça ideal da singeleza; Carmen Pontes, facieira como uma bonéa; Arabella Fernandes, Noemi e El-Zula Souza, co mesmo entusiasmo as vivificas; Vitorinha Mendonça, gracioza deusa da dança; Guilhermina Carvalho, sublime no seu porte esbelto; Paulina, Niquinha e Hilda Tavares, flôres rociadas de simpatia; Iolanda Paraiço, gracil violêta; Palmira Souza, Edith e Vitorinha Souza, exccelssas meiguices; Sinhá Rios, Celina e Zuleide Prado, gentis borboletas; Iáia Vinhaes, Ativa Smith, Odessa e Odila Berniz, um grupo simpatico de flôres infantis que fazem prender as nossas almas nos elos das iluzões; Bembem Pires, a mais formôza porola brasileira, formada de simpatia; Edith Neves, Judith Chagas e Ana Torres, trindade celeste que nos encanta; Marcolina Jozes e Iris Pereira, elegantes e simpaticas; Esmeralda, Maria e Odixio Estrêla, irmãs encantadoiras e mimozas; Zozé e Esmeral-

da Martins, Candida Bilio e Zelaudia Costa, grupo da querubins; Orfiza e Luiza Neves, flôres matutinas; Leticia, Celina e Dolores Holanda, deusas da singeleza e outras que infelizmente nos escaparam; as exmas, Sras. D. D. Marcolina Serra, Lilia Pontes, Francisca Paraiço, Olladina Vinhaes, Aguil Paiva, Carolina Botelho, Amelia Torres Alzira Pires, Almeirinda Holanda, Ana Fonseca, Sinhá Tavares, Joana Souza, Genoveva Balça e os exmas Srs. Drs. Raimundo Vinhaes e Manoel Lopes da Cunha, Artur Paraiço, Fernando Souza, Tiago e João Torres, Dr. Holanda, Lieurgo Chagas, Jaime Buzaglio, Ezra Souza, José Alencar, Guilherme Berniz, Vertiniano Meireles, Raimundo Lopes e Mariano Castro, da Pacotilha, José Neves, Firmínio Valente, Humberto Oliveira, Almir Saklania, Hermes Ranjel, Edmir Nina, João Estrêla, Artôr Carvalho, José Matias do Prado e Prado Junior, Alvaro Silva, Pabidoto Oliveira, J. S. Dias, Antonio Vinhaes, Carlos Silva, Luiz Pires, Henrique Pires, Sotó Bello, Agripino Fouséa, Alfredo Nogueira, Augusto Botellic, João e Astrolabio Caldas, Francisco Cunha, Raimundo e João Matos, Vitoriano Almeida e outros.

Foi uma festa sublime que deixou em nossos corações grata recordação e imorteliza saudade.

Recebemos amistosos cartões de saudações do illustre Professor Benjamin de Mello e do briço militar Sinval Costa; telegramas do redator auzente Ajenôr Santos e das redações do «Trabalho» e «Jocôz da Baia», «Popular» de Pelotas, aos quais da coração agradecemos tamanha gentileza.

7 de Setembro

A data da nossa cara Independencia, foi condignamente festejada pela mocidade maranhense.

Uma historia...

Numa cidade de Minas Gerais morava um sapateiro, que tinha trez filhos.

Vivia, com eles, modestamente, dos poucos recursos que lhe proporcionava o ofício.

Os filhos, miúdos pequenos ainda, aprendiam a mesma arte do pai numa sapataria que este mantinha em um imundo rez do chão.

As posses do velho não davam pra encaixá-los em outro ramo de vida, a não ser aquele. Além disso, que dezar havia em ser sapateiro?

Nenhum absolutamente. A sorte não lhe concedia outro meio de vida. A educação e a instrução também. Que modo de viver melhor do que aquele, para ele que nem sequer assinar o nome sabia? Nenhum. Dos filhos, um, o primogenito, mais refratário àquela vida, mais altaneiro, deu pra peralta. E era de vê-lo na rua a jogar pedras contra os tranzeiros, dezanando em obediências torpes quando estes lhe exprobravam o procedimento e até mesmo desrespeitando o pai, ameaçando de batê-lo. Metia-se muito com os alunos de uma escola próxima, que conseguiram rejenerá-lo dando-lhe lições de civilidade, oferecendo-lhe livros a lér.

Muito filho de conhecimentos, com a inteligência embotada por aquela vida estúpida, de materialidade, a custo conseguiram os estudantes encaixar naquele corebro, assim deformado, algumas noções de polidez.

Isso a cada dêle, levavam-lhe livros pra aprender alguma coisa.

Até que afinal, depois de muito malhar o bestunio com aquelas lições, que lhe eram tão enfastantes, conseguiu adquirir algum conhecimento.

Já por esse tempo o velho sapateiro, com uma freguezia regular, melhorava de sorte.

Os recursos já se iam tornando mais largos. Um dia chegou-se ao pai e pediu que o mandasse pra capital—que lá se arranjaria bem, obterá uma colocação medíocre, enfim saberia impôr-se.

Vai daí e o velho fê-lo tomar passagem no primeiro comboio a partir. Horas depois chegou à capital, onde se hospedou em casa de um parente de boa posição e que era muito estimado.

Admirado, perguntou-lhe este o que o levava à capital, pois ele o sabia sem meios de empreender uma viagem. Que vinha ver se se collocava; o pai melhorára de sorte; estava cansado daquela vida de lurguez; queria um lugar e, porisso, lhe pediu que intercedesse perante os políticos da terra pra ver se lhe arranjavam um emprego de somenos importancia na imprensa; depois se faria jornalista. Quanto à sua manutenção, o velho lhe daria uma pequena mesada, até que se collocasse.

O seu protetor, então, amigo dos dominantes, não poupo esforços pra obter o emprego solicitado.

Não queria lá muita coisa, pois o seu protegido era muito bizonho ainda e mesmo não tinha preparo capaz de o elevar a um bom lugar na imprensa.

Começou, daí, uma luta entre a posição e a vontade do protetor.

De que modo apresentar aquêle intrujão à imprensa como seu protegido e parente, êle que exerceia tão alto cargo de confiança da politica dominante?

Tinha mesmo vergonha de mostrá-lo como parente seu, tal a certeza de que êle não satisfazia absolutamente às exigencias do cargo.

Ao mesmo tempo lhe vinha a vontade, mas não se sentia com franqueza, de dizer o que pensava ao protegido, quando este lhe não exija coisa de sete cabeças. Pedira um lugar de somenos importancia. Nem podia pedir de outro modo. Ele que não tinha habilitação nem para o de somenos importancia?

E assim se passaram alguns dias, sem que se resolvesse o problema.

Depois de algumas tentativas conseguiu o protetor um lugar numa folha diaria da cidade.

E o espanto foi geral quando viram o novo funcionario entrar cumprimentando os seus agóra colegas com uma intimidade como se já privasse com eles ha longo tempo.

Monossilabos picantes borbulharam dos labios dos redatores, que se entrolhavam num ar de debocho pela prozença de tão desfrutavel criatura. Um enjeitado que atiraram pra lá!

E êle? Agora sim, estava bem.

Que bela sorte! Alcançara o que dezojava. E, depois, quem poderia tirar dali, êle que entrara *decentemente* o possu talento bastante pra se elevar? Ninguém. Lá um dia as coisas se tornariam mais favoraveis e, então, viria a ser diretor do jornal.

E eis-lo agora, nessa posição, muito *compli de soi-même*, fingido não mais conhecer os seus parceiros, a juêles que tão honesta e ardentemente com êle trabalharam na officina do velho sapateiro.

O pai, a esse nem sequer noticias suas dava. Dispensára o auxilio que lhe prestava—ganhava muito o pra que receber dinheiro das mãos de outrem, quando, para isso, occupava um lugar que dava perfeitamente pra sua manutenção? Era um baixeza.

Os seus primeiros *débats* no jornalismo foram de castradissipos:—uma proza cívica de banalidade sem uma idéa em que se apoiasse a pena. Eram períodos longos, de uma originalidade fôfa, enfastiante, as mais das vezes constituindo um *mélange* de idéas triviaes, que o leitor, mesmo o mais inteligente, não comprehendia o alcance que viavam.

Pensava com isso democratizar-se.—Comprehendia bem os elementos com que

lidava; satisfazia-lhes as aspirações, pois era desse genero de proza que gostava o povo. Consagrar-se-ia.

E quem sabe se algum dia teria triunfos, daqueles que Roma só concedia aos seus generais vencedores! Sonhava passear pelas ruas galgando toda uma população sob seus pés, á maneira de Nero na *urbs aeterna*.

Esta febre de ambições o atormentava. Veria realizados os seus desejos? Certamente que sim.

Passaram-se annos *Autres temps, autres mœurs*.

Ele, que podia ter subido com o calor da proteção que lhe era dispensada, meteu-se com a ralé da sociedade. Identifica-se, aos poucos, com ela e, como tal, adotava todos os seus dissolventes costumes. Agora era a vida dos quiosques, em constantes libações a Baco.

Ao sabermos d'esse novo modo de viver, trataram logo os diretores de dispensá-lo do jornal.

Por uma tarde, depois das costumadas libações, bastante alcoolizado, travou-se de razões com um tranzeiro. No acendrado da luta, saca de um punhal e vibra dois golpes certos no contendor, deixando-o prostrado por terra. Populares acorrem ao local, a conhecer da cena. A policia tambem. Depois de algum esforço, os policiais tomam-lhe a arma sinistra e conduzem-no à delegacia de policia, para o depoimento. Após este, é detido para ser processado. Corre o processo os tramites legais. É ocasião de juri. Submetem-no a ele e os jurados opinam, *unânime*, pela condenação do criminoso. E eis-lo agora, arrependido, cambaleante, a subir as tetricas escadas da penitenciaria por um crime de que não era responsavel, pois o cometera num momento de inconsciencia, levado pela força irresistivel do alcool. E assim consumou a sua vida: na cadeia, entre das maiores vilèzes.

Pobre tipo!

Berthaut.

RETRATOS A LAPIS

L. V.

Hontem ao passar por uma das nossas ruas, fui alvo de um terno cumprimento, da gentil senhoria que hoje retrato.

O seu perfil divino por mim descrito, é uma incoerencia; devia esperar que uma pena de morito, se expandisse com todo o seu valor para descrevê-lo.

Linda donzela, tendo sobre o rosto a côr morena do fresco jumbo, olhos negros e vivos, ou por outra d'os farois de bonança; cabelos longos e negros e mo as noitas sem luar; arôzo o delgada porte; amavel, delicada, uma santa de moiguete e de ternura.

PARNÁZO

Recordando o 18 de Agosto

Dedicado a quem me inspira

Cantar-te no meu verso sem cadencia,
Sem ritmo, sem harmonia, tão roufenho,
Cantar-te no meu verso sem guarida,

E julgar-se feliz, é ter clemência!
Do pólogo tiraste o em teu canhenho,
O meu nome gravaste e deste vida.

Todos folgavam. Cérebro corria
O tempo que faltava a terminar
O delírio da valsa que fazia
Os meus olhos em febre te fixar...

E eu bendigo saudoso aquele dia!
E eu bendigo sorrindo o teu valsar!
E eu bendigo curvado a primazia,
Do teu furtivo e encantador olhar!!...

D. Fortuna.

"O Canhoto"

ORGAN BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticiário

Propriedade da sociedade literária

BARÃO DO RIO BRANCO

PRESIDENTE—Djalma Fortuna.
VICE-PRESIDENTE—Mansel Liboa.
SECRETARIO—Djalma Vasconcellos
TESOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tira em 1.000 Exemplares

Assinatura anual..... 28000

Toda correspondência

dirigida ao "O Canhoto"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

Traja-se modestamente, o que mais gra-
ça dá a seu perfil.

Diariamente a vejo a caminho do pro-
gresso, isto é, da Escola Normal, onde de-
dica-se fervorosamente ao estudo.

Tendo descrito em traços o perfil dessa
encantadora senhorita, resta dizer como o
poeta:

Vossa excelência é uma moça encanta-
doira!

Admiro demais vossa excelência!

D. Voltaire

O Meu Jardim

CELINA VASCONCELOS.

(Cravina)

«Em noites belas de luar de agosto,
A aragem passa, baloiçando a flor.»

Sob um luar esplêndido, passeio todas as
noites pelas verdadzinhas do meu jardim,
apreciando o idílio infantil da brisa com as
minhas mimózas florinhas.

Colho algumas delas e me pusho a con-
templá-las embevecido.

Isto quasi sempre acontece.

O cráneo em fogo e ávido do gozo
Alucinado o mísero delira...
Sente a febre do Amor, quer e aspira
Por uns lábios de mel, quentes, fogueiros.

Levanta-se do leito, espreita o mira
Em torno e vê, a sós, silenciosos,
Alvos lençóis de linho, vapores
Comparsas do prazer que anseia e aspira.

Pensa e não quer! Mas, subito, cedendo
Ao desejo da carne, ao crime horrendo,
A's negras tentações, louco se humilha...

E vem dum sol de estio um quente raio
Saudar o monstro em líbrico desmaio
Mordendo os seios virginais da filha!!

Arlindo Martins.

Hontem estava eu assim neste passeio,
vendo uma, adorando outra, quando uma
multidão de passarinhos me fez prender a
atenção para o lado oposto.

Com precaução aproximei-me e por en-
tre os ramos e folhas puz-me a contemplar
o quadro.

A principio nada vi, porque uma densa
nuvem passava em frente da lua empanan-
do-a e depois que ella se dissipou, percebi
algo de interessante:

Um sabiá batia-se em duello (de bi-
cos) com um canário amarelinho, tendo
por testemunhas um rouxinol e um pinta-
silgo, e tudo isto, segundo me contou a
Anjelica que estava perto, por cauza da
Cravina, que havia anjelicamente surtido
banhada pelos raios doirados da lua.

—Para acabar a contenda, disse:—A
nenhum de vocês, caros passarinhos, deve
pertencer esta mimóza Cravina; só a mim,
a mim proprietário do jardim é que deve
ser... e arrebatel-a triunfante.

Os coitadas de paixão saltaram um lon-
go e saudoso trinado, semelhante a vibra-
ções de harpas divinas...

E' linda, pequenina, morena como um
jambo, olhos jaboticabinos, dentes magnifi-
cos, luzidios como perolas do oriente.

Celina!... Que tão expressivo nome
tem a linda Cravina?!

—E' minha vizinha; toda a tarde ella
está na janella a troçar comigo com aquella
garridice infantil que me seduz.

—E' tambem prima da meiga Saudade,
que ha tempos apresentei aos meus ledô-
res.

—Oiro em pó, pedras de imenso valor,
fortuna, vida, nada vale mais para mim do
que uma flôr tão linda e mimosa como esta
Cravina simpatica, que vos apresento.

E' flôr das flôres mimózas,
Esta Cravina gentil,
Domina a alma da gente,
Com seus atrativos mil!...

Feljó.

O alter ego

Não sei se conhecem o Fuljencio da
Annuniação. «Talvez que sim, talvez que
não».

Aspirações

Cada hora que passa é mais um lábio
Que das costas eu tire do repouso,
Pensando em minha morte, vil serpente,
Cujos laços enfiar, talvez, não tarda...

Não quero que ella venha lentamente,
Nem de chofre me atire o triste dardo,
Não quero, tambem não, qual pobre lardo,
Morrer, vibrando a lira em tom plangente.

Tambem morrer não quero abandonado,
Nem de glorias repleto como um santo
De anjinhos mil e ninfas rodeado...

Por isso eu peço aqui deste meu canto:
Quero morrer, meu Deus, euamorado,
Tonto de amor e bebado de encanto!...

H. Ferrári.

É um tipinho agradável, insinuante, in-
teligente, orador de festas civicas, frequen-
tador assiduo de cinemas, enfim um rapaz
bastante «esperançoso»

O domingo, como sabemos, é um dia de
que todos nós gostamos, já para mostrar a
fatióta nova, já para passear a tarde em au-
tomovel e á noite assistir alguma fita nova
de grande metragem.

Pois bem, um domingo d'estes rúti-mos
no «domingueiro» e, ás 7 horas da noite, lá
estava no cinema, esperando que a sessão
começasse. Socogadinho em uma cadeira,
lendo o programma com as respectivas des-
crições das fitas, eis que de repente oigo
uma voz conhecida que me vem despertar
«d'aquella engana d'alma lódo e cogo...»

Era o Fuljencio, todo não me toques. A
queima roupa interpeleu-me:

—Estiveste hoje na redacção?

—Não, respondi.

—Não?!

—Não, porque?

—Ora esta! estás gracejando comigo?

Olha-me bem que sou bastante grosso para
palito!

—Estás completamente enganado, re-
torqui. É a primeira vez que hoje saio á
rua. Talvez fosse algum alter ego que en-
contrasse.

—A sim! foi mesmo. Cumprimentei-o e
ele cordalmente me respondeu.

?!!

—Que espanto é esse?—interrogou-me
intrigado o Annuniação. — Penalizado,
perguntei-o se não sabia a tradução da frase
latina.

Com ares de quem se não recordava
bem, respondeu-me se não era o nosso com-
panheiro Voltaire de que estava tratando?

E assim é a maioria d'esses que só cui-
dam de decorar discursos para a primeira
ocazião que encontrar nos impinjar que são
realmente «futurózos».

Pobres maniacos!...

L. Lux.

Gavêta Canhóta

Da Diretoria da «Congregação Protetora
dos Homens do Mar» recebemos com-

micação da sua fundação, em Paranaguá, estado do Paraná. Gratos pela atenção, e enviaremos com pontualidade o nosso diário.

B. G. (capital)—socôgo não rima com beijava; mas... enfim, no primeiro espaço sairá o seu sonetito.

C. G. (capital)—veja se consegue coisa melhor.

«O Martelo» (S. Luiz). Recebemos. Cuidado, que aquela poezia não é de B. Lobão e sim do talentoso Francisco Sales de Souza, falecido. Leia o numero 8 do «O Canhôtô», e verá que escandalôza copia. E' conselho do amiguinho direito.

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhóta

CAPITAL

CAPITAL, 27.—Porco tempo inquisição faleceu miopia. Pezames parentes.

Vinhais,

Amanheceu crucificado cruzeiro S. Antonio Waldemiro.

Palacio

No Ideal, Serra perdeu dentadura. Bêlo achou e não quer entregar. Policia acti vidade.

Quazimodo.

Poetiza Oxalá anda armada faca, procurando poeta Vasconcelos.

Waldemiro.

Circo Hermosa contratou Garrido dan sarina. Grande exito.

Foi eriado partido rôxo prestijiar novo artista.

Palhaço.

Poetiza Oxalá, inspirada vassourinha Hilton, deu luz poema épico.

Galica.

Neves esteve Teatro azando pequena poe ta Vasconcelos, que o dezafoi duêlo a quatico. Devido pezo bolôta, poeta afo gou-se.

Ricardino.

Raul cortou bigôde cara. Arlindo quer comprar por 2.000\$000 para completar barba.

Jezus.

Colêta arruinado. Botôis perdidos. Fa vor mandar ordem comprar novos.

Barbarel Matos.

Ozêlos escultor Ranjel, encontrado Galica. Cabeço admirados sem saber signifi cado precioso achado.

Pinia.

Plinio, temendo chegada noiva, fugiu sem destino.

Muito custo foi achado Padaria Vitoria

Vinhaes.

MAIÔRA, 27. Diga Djalma venha já, dança animada, cajú muito.

Pitidôro.

INTERIOR

MAXAUS—Noiva Plinio seguiu vapor Pa ra realizar casamento.

Consiga quarto porco Vinhais fazer asado.

Alugue carros bois.

Saudações.

Adriano.

ITAPECURU, 27. Foguetes caros. Meu substituto Djalma mande girandolas barco «Remedios». Saudades.

Nereu.

CANIAS, 26. Peça avizar Luz cumprir palavra, pois conto hoje 35 idade. Responda urgencia.

Manuêla.

CAJAPIÔ, 27. Participe Novais naci mento filho sua vaca preta. Leite 20 réis garrafa.

Bastião.

Rio, 27. Saltei bom. Saudades palmeiras.

Maneco.

Abrace The Of deslumbrado pano rama S. Terêza. Mandei comandante Burnett grôza cintos zita.

Ajenc.

Parabons ao H. Ferrári
Poeta da semifuza,
Parabons ao D. Voltaire
Por sua leproza muza

D. Xiquêto.

Diga Vinhais chegou Maneco.
Será amanhã recebido «Jornal Brazil»
bancada maranhense.

Ad. Nogueira.

Si João Victor não cortar labios, irei al comissão sanitaria.

Oscaldo Cruz.

Cortez conseguiu chefe manipular nariz.

Claudio.

RECIFE, 27. Stafa apanhou fita men pescoço. Está destinada grande revolução mundo inteiro.

Saudade guaxelâs daí.

Dêla.

EXTERIOR

PORTO, 26. Noiva Nestor suicidou-se, injerindo carburêto, devido ingratidão. Segue pai justar contas com êle.

Avize Guêdes.

Mandies.

BRUXELAS, 27.—Porometro firma Dicolonio & Dias exposto universidade aqui Aceitação unânime. Saudações.

Materlinck.

27. Chegamos bons. Porometro recebi do aplausos população. Grandes manifestações populares. Realizada imponente marche aux flambeaux.

Abraços.

Dias e Filogonio.

O Canhôtô treme

QUANDO VÊ.

—o grande numero de sociedades que estão aparecendo. Continuam, que é assim que se progride. A «Rio Branco» está aqui inteiramente às ordens.

—o Belo (sem cheveu), ao passar pelo «Coffe Beau tiful», almejar possuir as tortes mandibulas do Cecio (botocudo) para morder semelhantes arabes que lhe estão tirando o direito do seu sobrenome (beau tiful).

—o Luz (o brejeiro) pretender seguir a tournée Matos, somente para tomar parte na «Encenacao».

—o Vitoriano Almeida buscando inspi rações para os seus versos no baixo do Api... tanga.

—o garrido fraque do Garrido apozen tado há muito.

—os 1742 1/2 vales da ferro-carril, ad quiridos na linha dos Remedios pela rua das Hortas, pelo Dante Faria.

—o Joaquim Luz quando discursa as suas pernas tremem... palpitam... vac ilam... e espicham.

—o Henrique Pires á procura da florista Luiza para comprar «saudade», afim de dezencafunar a sua paixão, cujo unico lenitivo é a caça de flores odoríferas nas hortas.

—o Bigodinho por promessa partir da «Padaria Victoria» até S. J. de Riba-Mar, de 4 pés... mas, apesar dos pezares, inda nada conseguiu... o coitado.

—o Holanda (Jozé) dizer que só passará pela rua da Madre de Deus acompanhado quando a pequena não estiver na janela, pois tem medo que alguém a tome.

—o Silvio Souza com sua distração careca transmitir gorquilha por Gonzaga e chá pôdre por chá verde...

—o Vale dezenhar um amor perfeito nos óculos do Manduca (minha gata).

—a lanterna do Palacense de peixe frito.

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

O ator é uma fruta deliciosa, mas in digesta.

Belo Joli.

A minha amizade é firme como rocha.

Oliveira.

A minha simpatia está na minha alma do moço e nos meus discursos «seculari zados».

Dr. Garrido.

A minha Dulcinêa contenta-se em con templar a minha letra e em me deajar per petua simpatia.

Dr. Caldas.

Uma manilha entupida, sem deixar pas sar desembaraçadamente o seu conteúdo, é

o mesmo que eu sinto ao ouvir uma po-
quena dizer que a minha profissão me em-
palidece.

Miguel Ribeiro.

Uma barracão bem sortido e afreguezia
do constitue a minha perdição.

Pires.

A minha amizade é uma fita encruçada,
que só pode ser compreendida por meio da
leitura auditiva.

J. Martins.

O meu sonho dourado está nas moças
que consomem o xépo de Holanda.

J. Silva.

A minha lamúria é ver que todas as mo-
ças protocoladas no meu coração não toem
queixo.

Hilton.

A rabeca quando ela trina me faz lem-
brar a voz da minha amada.

Andrade.

O canto da minha amada adormece-me
como a um dente a cocaina.

Jezus.

Como deliciosa a pitada do meu tio, pela
quaresma!

Alberto Jezus.

Filatelía

CHILE (continuação).—Vê-se, sobre o sê-
lo de 50 centavos, o Presidente Federico
Errazuriz que nasceu em Santiago, em 1825.

Foi, prisioneiro, nomeado Ministro da
Justiça, depois Ministro da Guerra e da
Marinha. Provou reais aptidões de organi-
zador em um conflito que arrebatou com
a Espanha, em 1855. Com o receio duma
guerra com o Peru e a Bolívia, apressou-se
a reforçar a esquadra da República; para
isto fez votar os créditos para compra
de 6 navios de guerra.

E a ele que se deve a primeira idéa de
unir o Atlântico ao Pacífico por uma via
ferréea através dos Andes.

E representado, sobre o sêlo de 1 pezo,
o Presidente Aníbal Pinto, filho do Prezi-
dente Antonio Pinto, sêlo de 12 centavos;
ele nasceu em Santiago, em 1825, e fez-se
estudioso no Instituto Nacional e na Uni-
versidade.

Em 1845 foi enviado a Roma pelo Proxi-
dente Bulnes, na qualidade de oficial da
legação da República.

De volta ao Chile, se dedicou á literatu-
ra; escreveu em muitos jornais do país e a
reputação de seus artigos ultrapassou os
limites do Chile.

Em 1865 ofereceu-lhe o cargo de Mi-
nistro da Fazenda, mas elle recusou essa
honra; foi eleito senador no ano seguinte.
Em 1871 foi encarregado pelo Presidente
Errazuriz, para constituir um gabinete.
Desempenhou com habilidade esta mis-
são e só conservou para si a pasta da
Guerra.

Eleito para a magistratura suprema, em
1876, o Presidente Pinto salvou seu país
de duas grandes crises: uma economica e
a da guerra com a Bolívia.

Morreu, em Valparaíso, em 1884.

(A seguir)

J. V.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

5.ª FIGURA

Da Galizia me disseram
Que elle veio sem estilo
E que, ao saltar no Brazile,
O apellidaram de GRILO.

Porque elle é todo janota
Da vida pelos escolhos
E lá no Porto elle era
Redatôr do TIRA-OLHOS...

Um jornal muito trocista,
Um jornalzinho, afinal,
Que, prá ser mais engraçado
Gastava do mar o sal...

6.ª FIGURA

Não se chama nem Pafuncio,
Nem Marcolino ou Estacio,
Se chama sem mais nem menos
Sr. Jozé de Palacio.

Dos amôres das pequenas
Tem guardada grande lista,
Quanto mais se em tempos idos
Não fosse seminarista!...

E' muito trabalhador
E muito ativo, garanto,
Vai uzar uma figuinha
Prá se livrar de quebranto...

7.ª FIGURA

O meigo Moreira Lima,
Nosso Rui de parlamento,
Quer ser por força, ledôres,
Estrêla do firmamento...

Disse-me o Maneco Souza
Que elle é cabra escovado
E que vai em toda festa,
Com sua pequena ao lado...

Não sei se vósgea ou pilôra,
Se elegante ou se feia
Mas meu Deus!... até loguinho,
Deixemos a vida alheia...

Baffes.

O Canhóto Elegante

Cazacalmente vestido, de flor no peito,
«O Canhóto Elegante» vai transmitir aos
seus inteligentes leitores as noticias ul-
timamente apuradas.

Vizita que nos honra

Deu-nos o prazer de sua vizita o distinto
telegrafista Sr. Jozé A. Castelo Branco,
mantendo connosco animada e agradável
palêstra.

Jozé Castelo Branco serve actualmente
na estação desta capital.

Pensando agradecemos a distincção e
as suas ordens ficamos

Bodas de Prata

A 22 do corrente passou o natalicio da
feliz Boda de Prata do Sr. Augusto Botelho,
conhecido comerciante.

A noite uma comissão «Canhóto» in-
cumbria-lhe pela passagem de tão fe-
liza data.

Cronicas dominicanas

Iniciaremos no proximo numero a publi-
cação de uma serie de crônicas dominicanas,
da lavra de um dos nossos redatores.

Aniversarios

Senhorita Elzaila Souza

Decorrerá a 6 de outubro vindoiro mais
uma primavera da distinta senhorita, cujo
nono epigrama estas linhas.

Professora dedicada, fervorosa cultiva-
dora das letras, tem esta nossa esforcada
colaboradora, em cada um de nós «Canho-
teiros», um sincero admirador do seu ta-
lento, do seu desenvolvido intelecto.

Auguramos a reprodução desta grande
data por longos anos, para a alegria dos
que lhe são caros e dos que a admiram.

A 12 passarão os seguintes anniversarios:
Da distinta normalista Noemi Souza,
irmã da nossa colaboradora Elzaila Souza.

Do interessante Tacito Holanda, pre-
zado filho do integro Juiz Dr. Lourenço
Holanda, e D. Corina Marques Ferreira,
esposa do Sr. Vicente Marques Ferreira.

A 7—A inocente e engraçada Consuelo,
dileta filha do Sr. Raimundo C. Maia, co-
lherá no jardimzinho de sua preciosa exis-
tencia mais um meigo e perfumado botão
de rosa.

A todos os anniversarios «O Canhóto»
elegantemente cumprimenta.

Na tela

Domingo tivemos o prazer de ver desen-
rolar na branca tela do Ideal Cinema a es-
plendida joia da fabrica «Nordisk»—Uma
historia romanesca, onde, por uma hora,
fomos deleitados pelo esplendido trabalho
da invejavel artista Clara White, protago-
nista dessa excelente fita.

Também nos maravilhou na mesma data,
com as esplendidas paisagens da Dinamar-
ca, a fita—«Sob as Faisas da Dinamarca».
Cumprimentamos de longe a fabrica Nord-
isk, pelo modo com que facilmente nos
transporta as encantadoras cidades e vilas
dinamarquezas.

Terça-feira Segunda representação da
invejavel pellicula «Uma historia romanesca»
da natural fita «Um congresso de gi-
nastica», também da fabrica Nordisk, e da fi-
na e interessante comedia «Um acidente
de automovel», trabalho da conhecida fabri-
ca «Itala», foram a delicia da noite.

Quinta-feira tivemos o prazer de ver,
ainda uma vez, as duas atrizes fitas
«Uma historia romanesca», «Nordisk», e «A
Filha Vingadora», «Itala».

Hontem podemos avaliar o merito do
grande artista dinamarquez Wuppel-
der, por nós tão aplaudido, na faenante fi-
ta «Uma representação de passagem», que
muito agradou o fino gosto cinematográ-
fico e mais uma vez patenteou os singulares
esforços da fabrica Nordisk.

Hoje será levada á matineia a soberba
pellicula—«Uma historia romanesca».

A noite o mais perfeito trabalho da re-
putada fabrica Itala Film será desenrola-
do ás nossas vistas—«Abandonado dasespera-
do». E de esperar que agrade geralmente.

Sr. Augusto Botelho

Decorre hoje mais um aniversario da fe-
liza existencia do Sr. Augusto Botelho,
conhecido comerciante.

A noite uma comissão «Canhóto» in-
cumbria-lhe pela passagem de tão fe-
liza data.

Cardoso.

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.

S. Luiz, 12 de outubro de 1913

NUM. 30

12 DE OUTUBRO

O Meu Jardim

Celina Nina.

CRIZANTEMO.

A America regozija-se hoje, pela passagem do aniversario do seu descobrimento.

Em 12 de outubro de 1492, o grande navegador, o vulto proeminente Cristovam Colombo, descobria o continente Americano, pelos meios que todos já conhecem; portanto hoje fazem 240 anos do seu progresso, do seu levantamento, aparelhando-se ao nível, ou mesmo suplantando os outros países civilizados.

Nós brasileiros, que muito devemos a America, sempre celebramos esta memorável data, tanto que o governo de lá muito feriu este dia, e como alguns de nós somos empregados publicos e se não fosse domingo, a estas horas estaríamos deitados entre lençóis de linho, gozando o descobrimento da America, em sonolento repouzo, lembrando-nos do grande Cristovam, cuja figura já mais será apagada da historia dos povos.

E viva a America!

—*—

Inspirações femininas

RUINAS

Aqui onde se vêm estas ruínas,
Negro covil de vermes asquerosos,
Era um solar de nobres poderosos
Cheio de coizas raras, peregrinas.

Crê-se ouvir ainda as cristalinas
Notas de rizes, frausos, sonóros
Soltas por labios frescos e formosos
Neste velho salão todo em ruínas.

A um canto uma guitarra abandonada
Jaz junto a uma estatua mutilada
Representando uma gentil pagã...

Quantas vezes, guitarra muiçoca,
Tropen-te outr'ora, tremula e sandosa,
A péssima mãe da castela?

Alda.

Ledôres, venho tirar-vos da doce
contemplação da Cravina e apresentar-vos
uma outra florinha, cuja aparição traz
tambem um interessante epizodio.

O passado com a Cravina teve como
protagonistas dois seres vivos, dois lindos
passarinhos, e este agora é passado entre a
Lua brilhante e merencoria e a estrêla Venus,
sua companheira rutilante e viva.

—Ora muito bem.

Hontem, á noite, o tempo decorria habitualmente.

Soprava uma doce briza, baloiçando as
flôres e acariciando os passarinhos.

Eu estava sentado em uma cadeira de
balanço, embebido na leitura, inebriado pelo
delicioso perfume vindo dos canteiros, quando
ouvi um rumor vindo das alturas celestes...

Era a briga da Lua com Venus.

—Uma dizia: Quero ser a primeira a
iluminar a face do Crizantemo que lá embaixo
vai brotar...

—Outra replicava: Não te enxergas?...
Não vês tu que esse privilegio só é dado aos
astros de primeira grandêza como eu?...

—E assim cada qual puxava a sardinha para
sua briza...

Eu, meio desconfiado, olhei em redor e vi
que no canteiro ia deabrochar um mimozinho
Crizantemo, compreendendo então o motivo da
rezinga.

Subito tive uma sublime idéa: puz-me em
posição a occultar o Crizantemo das impostoras
ambiciozas que de raiva ficaram verdes.

E, assim acolhido, surgiu do botão o lindo
Crizantemo de hoje.

Reparando depois do deslumbramento, reconheci
Celina Nina, pequenina e graciôza, tendo nos
labios a doçura angelical, tendo no porte a
majestade de rainha.

Todas as flôres, boquiabertas, a admiravam
deslumbradas.

Mimóza e linda esta flor,
Menina muito educada,
Das flôres que temos visto
É ela a mais adorada.

Feljó.

ESCULPINDO

(SEGUNDA SÉRIE.)

Apresentai-vos todos, que do perto
Vouham render ao vulto que appareço,
O devido tributo que mereço
Pelo fino interesse, a peito aberto.

Que sempre relevou, no cargo exparte!
De educador da geração que crece
A cada lustro, e licito obedecesse
O supremo valor que já te a certo.

Filho da nossa Atenas, esforçado
Se tem pela instrução e obstinado
Interesse tomou p'a mocidade:

Rejendo no liceu com gran certeza
A cadeira da lingua portugueza
Lutando assim a bem da humanidade.

Cinzél.

1) — espinhôzo.

RETRATOS A LAPIS

N. T.

Não podia deixar de vir hoje por esta
coluna empunhar tambem o lapis, para
rascunhar, embôra com a minha imperícia,
o perfil da senhorita N. T., simpática
maranhense, moradora da rua Grande.

Alva, tem no seu rosto angelical a doçura
da simpatia. Cabelos bastos, que lhe
brincam na fronte, encaracolados, e
negros.

Elegante, tem no rejio porte a effigie
sublime de mulher maranhense.

Modesta, muito modesta mesmo, pois
o seu modo de trajar é simples sem
deixar de ser bello.

Seu nome de batismo é o mesmo da
Sta. mãe da Virgem Imaculada de Nazareth;
porém, em familia, é conhecida pelo
meio apelido de Nhozinha.

Filha obediente, consueve ela o enlevo,
o carinho e o amor dos seus queridos
e estremecidos pais.

R'aproveitando a occasião, de passar
amanhã a sua data natalicia, envio-lhe,
desde já, os meus sinceros parabens,
elevando-a ás torres da minha imensa
simpatia, augurando-lhe um porvir risonho,
repleto de excelsas felicidades.

Jorje.

Dominicais

Já que os meus companheiros do *O Canhoto*
tiveram a extrema amabilidade de me
convidar para elaborar uns rabiscos
dominicais, a mim, pobre amador de
coizas de arte, e acedendo á noticia
que fixaram dar naquêlle jornal, levanto-
mo do meu habitual torpor para garato-
jar umas boboreiras nesta coluna.

Antes do mais, devo transmittir aos le-
dôres que, dentro destas linhas, se não
injuriam pessoa alguma, mesmo porque

"O Canhoto"

ORGÃO BI-MENSAL

Literário, humorístico e noticioso

Propriedade da sociedade literária

BARÃO DO RIO BRANCO

PRESIDENTE—Djalma Fortuna,
VICE-PRESIDENTE—Miguel Lisboa,
SECRETARIO—Djalma Vasconcellos
TESOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 Exemplares

Assinatura anual... 2\$000

Toda correspondência

dirigida ao "O Canhoto"

RUA 23 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

nunca foi esse o nosso intento. É certo que, apesar da nossa inofensividade, temos encontrado quem queira impedir a marcha progressiva das nossas idéas. Que importa isso, se vamos angariando simpatia, embora em passos lentos? Diz um antigo proloquio popular que devagar se vai longe. É verdade.

Mas, deixemos esses que nos não compreendem e entremos em assunto.

A primeira vista parecerá que uma crônica dominical abranje muita coisa. Não é tal.

Dizer que os cinemas funcionaram com enchentes à cunha, que lá esteve a nata da sociedade; que D. Aspasia saiu com um vestido da melhor seda, tendo sobre a cabeça um rico *turban*, e que o Policarpo conversou toda a tarde com D. Anacleto, sob a sua jancela, lhe jurou eterno amor, prometeu casamento, não acham os Srs. que seja muito banal?

Ha um ponto, porém, que todos nós olhamos com indiferença, e para o qual deviam convergir todas as nossas vistas. A leitores, esse ponto! É a educação da mulher.

Ha anos appareceu, nas colunas do *Correio da Manhã*, uma distinta escritora, de cujo nome me não lembro no momento, pona em concurso a melhor profissão a seguir a mulher. Agora, que fim levou esse concurso é que lhes não sei dizer. Naturalmente, depois de algum tempo, caiu em exercícios findos. E caiu assim como caem em nosso paiz todas as idéas boas.

Sobre essa questão de educação da mulher já me aconteceu uma do tamanho de duas. Certa vez em que conversava com uma senhora da *elite* (reparem bem que era da *elite*), e como a conversa se encaminhava para esse assunto, fiz-lhe sentir as minhas idéas sobre a educação feminina. Mal sabia eu que tratava com uma das tais inimigas do progresso. Ao cabo da palestra, depois de lhe eu haver, assim, expellido minhas opiniões, que resposta acham os Srs. que me deu essa *demoiselle*? Talvez pensem que se mostrasse solidária com as minhas doutrinas. Qual nada! Levantou-se, deu-me as costas e se retirou. E a estas as moças do *high-life*. Por essas e outras pequeninas coisas é que se avalia do espirito pouco delicado da mulher.

Muitas vezes se vê uma mulher de corpo esculpural, cutis purpurina, olhos requetados, emfim uma mulher que, por assim dizer, reuna todas as

qualidades de uma *charmeuse*. Aquilo nos atrai. Atrai-nos enquanto não nos aproximamos dela. E, se o fizermos, quantas impressões boas se dissipam ante o contraste desgracioso do espirito grosseiro com a beleza das formas!

Foi o que se deu comigo: imaginei uma culta e defrontei uma inculta.

Não seria mais util que essa moça, que assim procedeu comigo, de uma maneira pouco cortez, fosse ler alguma coisa que lhe diminuisse a grosseira do espirito, e tratasse melhor das pessoas com quem entretivesse palestra? Parece-me que daria melhor resultado, não só a mim como também a ela. A ela porque aprenderia a ser mais delicada. E a mim porque lhe não ficaria formando o juizo que formo. Daria resultado duplamente benéfico. O que vale é que, se não fosse ela, não teria assunto para a palestra.

Wuppschlander.

No teu aniversario

(A A... M...)

Pela estrada real vem do Oriente
Da vida um novo e incanto viandante;
Chegam-lhe os anos... sempre vacilante,
Transpõe o umbral da idade em que na mente

Cruzam mil iluzões... o amor... e adiante
Compreendo, então que um sonho resplende
O transportara... Assim eu simplesmente
Pezava a vida, quando palpitante

Falou-me o coração num incentivo,
—Essa que outr'ora amaste e inda de leve
Me vem ferir num sonho redívivo

«Festeja seu natal...» e muito breve
Estes versos mandou que muito esquivo
Te oferecesse e ao culto que te deve.

Jorge Rios.

Carta avorta

AMIGUINHO DANTE.

Escrebo esta ainda tremendo dum susto que apanhei, ontem, á noite.

Depois de nos separarmos, seguia sozinho pela rua dos Afogados, de Vaixo dum silencio mortal. Só se ouyiam as pancadinhas dos meus tacões já gastos.

lá trauteando uma musica qualquer, para espalhare... *disse-se a verdade*... o medo de que ia possuido.

Ao passear o primeiro canto, comecei a sere seguido por dois bultos, que cochichavam.

Tudo eu tremia.
Então parei, para que eles me passassem á frente, porque, enquanto não bisse quem eram, não sociegaria.

Mas o maldito azare! eu a parare, e eles que largam numa correria doida.

Ora, como o seguro morreu de velho, fuji tambem.

Mas, quanto mais corria, tanto mais eles fujiam.

Emfim, chegaram ao Largo do Carmo e sentaram-se, naturalmente cansados.

Aproximei-me, para lhes perguntare porque tanto corriam.

Quando me diriji a eles, dezataram a gritare.

Fomos cercados por muito povo, e então deslindou-se o caso:

Eles, quando me biram, julgaram-me um ladrao, o mesmo que eu supuz deles.

De maneira que, quando parei, pensaram que era para os atacare, e fuji-ram a bom fujire.

Eu, assim que os bi fuji, fuji tam-Vem; estás a bere?

Pensei que eles tibess-m bi algum malfetore, mas longe de pensare que era eu.

Todos riem, retiram-se as gargalhadas, transmitindo a brincadeira a quem ia chegando, mas eu é que ainda não recuperei o sangue frio. E, por isso, termino.

Bou VeVere um copo d'agua.

Teu amigo

Berdureira.

Retratos a martelo

W. C.

Vende-se uma beterraba. É o que se lê, ao oihar esta encantadoira creatura.

Vende-se sola para sapatos. Lê-se ao contemplar a boquinha deste amiguinho.

Não ostenta a altura do Sumá o popular poeta dos «Rubis», mas sintetiza a altura do professor de ginastica do estabelecimento de que era aluno, dos mais *escocados*. Este galante ex-liceista trazia os colegas em constante hilaridade, produzida pelas *semicquitas cataplastas e cataforéticas* da sua face do imortal Quazimodo. Este *beterrabesco* amigo formava com os colegas a alda e Mariano uma trindade *«formosa, pura, immaculada e santa; santa, formosa, immaculada e pura!»*

Que encantadoira trilogia, extaziante!

Os corações mais insensíveis, ante esta mascula simpatia naciçal não podem suportar no coração aquilo que se chama *amor dezenfreado*.

Did.

Socialismo e anarquismo

Já ha muito que amanhece, porém o sol não se mostrara ainda, namorando as nuvens que, diuementes não o deixavam vivificar e alegrar os homens, as plantas e os passaros.

Julio se espreguejava no leito, aborrecido da vida monotona que levava. Desde que chegara da Europa, não cuidara dos negócios que se achavam entregues ao tio, velho conservador, com quem diariamente discutia, o qual esperava ainda a volta da defunta monarchia.

As vezes era sobre as greves e os tentados que versava a discussão e o velho nesse momento, cheio de indignação, bradava: «O socialismo é o cancro, é a peste que envenena e deturpa a humanidade!»

E a causa primordial das greves e tentados aos soberanos que não mais podem passear livremente como dantes, pois, se cairem em tal patetice, não voltarão vivos pra casa.

Repartição Particular

Telegrafia Canhóta

CAPITAL

Teatro, 14—Garrido, compareceu a uma calma vestida. Intelectualmente estava vazia. —Ricardino.

Anil, 11—Brevemente Crizoste dará luz seu livro de conferências sob o título «Poesias Postumas». Editor.

Gonçalves Dias, 11—Estatua poética, palmeiras, sa doza The Oz, amanheceu virada lado oposto; palmeiras perderam fertilidade, só produzindo pitombas. —Assis.

Ideal, 11—Telegramas canhótos franco sucesso entre leitoras. Despeitados, invejosos, crizostes, enforcaram-se. —Serra.

Ingádra, 11—Chapeu Padre Pimenta perdeu-se ocasião via hombros Nervos. —Polidetes.

Alfandega, 11—Graças milagre Santos mósas, nasceu primeiro fio minha barba. —Humberto.

Nascimento apareceu bigode, ficando todo *de dernier cri up to date*. —Raul.

João Vitor compareceu colarinho alto tempo porco Vinhais.

Empregados assustados fugiram. —Souza.

Telegrafo, 11—Castelo Branco promete endireitar canhóto, devido pequena Desterro ordenar. —Aureliano.

João Lisboa, 11—Convidamos Redação assistir duelo cuspo nosso. —Luz, Verdadeira Voltaire.

Jubilôzo Caxuxa voltará engraxativo.

Esperanças voltar Caxuxa, voltar namorado. —Antoninho.

Anil, 11—Eider Gomes acordou espantado passarinhos anunciando aniversário amada. —Torreão.

Normal, 11—Meninas lamentam doença «Cabeçudo». Dejejam pronto restabelecimento. —Eron.

Estação, 11—Alberto resolveu contrair empréstimo Nina Teixeira, Araújo, um par de oncos para si. —Um burro.

Estação, 11—Acaba ser conferido diploma de honra a grande físico H. Perdigão pela Academia Burrifera Universal. —Uma parrelha.

Ideal, 11—Escultor Rangel fez com grande passo publico busto Pinheiro Machado de um simples programa. —Serra.

Fandiça, 11—Hilton Magalhães vivo mostrando grande peça literaria intitulada «O caranguejo nada?» perguntando depois lula que impressão causou. —Nemrod.

N. Tavares tencionava visitar Palestina pelas correntes do galáxia, começando já aprender lingua arabe para contar aventuras amorosas de uma *aluna d'outro mundo*. —Lourenço.

INTERIOR

Itapocurú, 11—Chegaram foguetes molhados.

Encomende Mendonça mais outra partida mil. —Neres.

Transmita escultor Raniel sentidos poezias perda seus olhos.

Caxo ele queira outros, mandaram daqui, feitos de pindoba. —Araxo, filho.

Rio, 1—Mora S. Teresa *chalei* entre palmeiras. Hambôra estudia, siga S. Paulo. —The Oz.

S. Paulo, 11—Chegou americanamente saudado mocidade paulista, estação Luz. —The Oz.

S. Paulo, 11—*I cannot live here because I have not seen till the Ganhôto's Dada*

Impressão de um baile

Tudo era fantasia. «O Maranhense»
Se executava com arte e com fervor
E talvez o leitor ficando pense.
Que haja dança melhor, de mais sabor.

Em cada volta uma vitória vence,
Em cada olhar, lê-se a palavra «amor».
E de luneta, o amigo portuense,
Uma fita fazia e de valor...

—Minha senhora, queira, o que vos fiz.
Vos não inibirá de bem valsar.
E só por essa truca, a dama quiz.

Mas... nunca mais eu a tiro pra dançar...
Se a gargalhar estava por um triz
A dama ao contemplar o meu nariz!...

Dante Faria.

De relance

A CRIZE

No «Correio da Manhã» do Rio de Janeiro, na edição de 18 de agosto ultimo, encontra-se um artigo, aliás uma entrevista de um dos seus redatores, com um mestre de uma das mais importantes fabricas existentes naquela Cidade.

O operariado sente miseravelmente as consequências da má administração, que mais a mais vai levando o paiz ás portas das ruínas.

O comércio agoniza, a industria, sufocada pela falta do precioso metal para seu desenvolvimento, nos poucos desaparece.

As fabricas fecham-se pelo grande stock que possuem, a materia prima eleva-se de preço, a receita não atinge a despesa.

O stock de uma importante fabrica no Rio, talvez a mais acreditada, eleva-se á sublimo soma de centenas de contos. Como essa, muitas outras, que, para não despedirem seu pessoal, tem diminuído as horas de trabalho, diminuindo assim a sua produção.

Não é só no Rio que se sentem as consequências da crise: não aqui sentimos nós, e, conosco, todos os outros Estados.

Abandotam as nossas fabricas os seus produtos, amassando-as a fecharem a cada momento.

O honrado operario vê perdoe si a hora em que tem de vender a sua caza (produto da economia de vinte annos de trabalho), para não ver os seus filhinhos com os olhos arrastados de lagrimas, forçados pela fome.

Enquanto os grandes latifundistas com suas fardas, com lindas casacas torçadas a seda, gozam em lutos banquetes, sorvem os caros boijos das suas trineas, gemem ao peso da incessante miséria os infelizes operarios e os desventurados empregados do commercio.

E o cumulo? e o cumulo!

O Brasil padece miseravelmente...
Patria amada, digna de melhor sorte,
lastimo e teu futuro!...

D. Voltaire.

E de quem é esta obra destruidora se não desses fanaticos que imbuídos numa doutrina sem cabimento, que jamais poderá ser executada, pensam que o melhor meio de aceita-la definitivamente é jogando bombas de dinamite, para que tudo se estrague, se danifique e assim triunfe a tal Liberdade, Igualdade e Fraternidade, como se o fogo tivesse o poder supremo de nos fazer setarios de uma religião possível de ser professada por pessoas sensatas? Seria o cumulo!...

Então Julio respondia calmo, triste de ver a mais bela doutrina incompreendida, confundida ao anarquismo que é o mal entendido desse ideal nobre que não exige atentados nem lançamentos de bombas como o meio de ser adotado.

—Meu tio, o socialismo quer é que todos gozem dos mesmos direitos e das mesmas prerrogativas que a outros se concedem, e que sejamos irmãos.

E' nisso, somente nisso, que ele se baseia e não em acções destruidoras, como os anarquistas empregam. O Sr. está completamente equivocado; leia os pensadores modernos e verá de qual lado está a verdade.

Estes dialogos repetiam-se amiudadamente, sem que o velho se convencesse da pura realidade do que o sobrinho lhe dizia, baseado em argumentos claros e irrefutaveis.

L. Lux.

Os Ateniadas

CANTO SEGUNDO

1

Já aqui me tendes, pois minha caneta
Muito tempo levou se refundindo,
Para avançar de novo, sem carêta, (1)
Para a luta, cozinhas descobrindo;
E d'aqui, sem pensar em pregar péta,
Escou leitores meus já descobrindo
Belas coizas que fuljidas passaram
E trilhões de sandões nos deixaram.

2

Dentre elas uma — que *encolatinhado*,
Ao passar me deixou, sem alegria, (2)
Por a festa do mal-acostumado (3)
Por ver passar feliz, sem arreioia,
Plea segunda vez e agaloado
O 18 de agosto, o grande dia
Em que surgiu no mundo a Mulazarte (4)
Pra também ser falado em toda a parte.

3

Antes disso, porém, o grandiozo (5)
Cá do caza e com póze variada,
Reunio um trabalho misjeitozo
Parte de seu talento e apreciada
Uma palenstra fez, sobre o gostoso
Tema que todos nós já consagrada
Dedicação votamos e da fala (6)
Muitas coizas guardamos ed na mala (7).

Camouflo.

(1)—suaf receio— (2)—saudoso— (3)—
viciado no uso d'1 mão esquerda— (4)—sem
preambulos— (5)—o chefe— (6)—palen-
tra— (7)—dentro da cabeça—.

ispirada with its palm trees, houses and beautiful girls — The Of.

(Trad)

Aqui não posso viver porque ainda não vi a praça Gonçalves Dias com suas palmeiras, casas e meninas bonitas. — *Manéco.*

EXTERIOR

Lisboa, 11 — Felizmente noiva Nestor escapou garras carburêto, seguindo próximo vapor. — *Manéco.*

Paris, 11 — Governo mandou ai comissário contratar escultor Ranjel aformozear prédio Opera. Parabéns! — *Lo.*

Londres, 11 — Seguem brevemente, em 1930, trilhos e mais apetrechos para viação elétrica a querosene. — *Rock Brown.*

Petersburgo, 11 — Arranje paletó marron com Luz, pois aqui está frio insuportável. — *Romanoff.*

Gavêta Canhóta

De Santa Rita do Rio Preto, na Baía, recebemos a honrosa carta que se segue:

«S. Rita do Rio Preto, 21 de agosto de 1913. Ilustrados Srs. Redatores do jornal «O Canhôte». — S. Luiz — Maranhão. Afetuozas saudações! Comunico-vos que, por intermédio de um amigo, me veio às mãos um exemplar do vosso conceituado jornal «O Canhôte», o qual muito me agradou, não somente pela esplêndida nitidez com que é impresso, mas pela ótima compilação. Os altos ensinamentos que em suas colunas encontrei fizeram-me lembrar de muitas obras instrutivas da nossa época e ainda mais os nomes de Castro Alves, Cazemiro de Abreu, Olavo Bilac, Coelho Neto e Rui Barboza, verdadeiros amantes da literatura.

Pego-vos responder-me se aceitais colaboração para o vosso jornal. Ficaria muito satisfeito se os nobres redatores me enviassem uma coleção d'«O Canhôte», pois não avalio o desejo que tenho de as encadernar. Concluindo esta, autorizo-vos a fazer dela o uso que achardes conveniente.

S. Ribeiro Bastos.

— Recebemos os seguintes colegas: «O Livre Pensador», de São Paulo; «A Camélia», de Campinas, S. Paulo; «O Povo», de Guarará, Minas; «O Popular», de Floriano, Piauí; «Gazeta», de Terezina, Piauí; «A Sapucaia», de Sapucaia, Rio; «O Popular», de Parnaíba, Piauí; «Folha do Povo», do Rio de Janeiro; «O Norte», da Barra do Corda; «O Lepido», de Terezina, Piauí.

Recebemos, também, com o «Correio de Terezina», um amavel cartão da sua redação, pedindo permuta. Asseguramos ao nosso colega a nossa pontual vizita.

O MALHO

«O Malho» de 20 de setembro último, a nosso respeito, assim se expressou:

«Redação d'«O Canhôte» (S. Luiz) — Ora venha de lá um abraço pelo n. 27, celebrante do aniversário! Sim, senhores! Vocês, assim, organizando numeroso e variados e interessantes, estão aqui, estão na presidência... da imprensa periódica do norte, sa e que já não a galgaram.

Contem sempre com os nossos votos e a nossa larga simpatia.

Bravos o Maranhão!

A todos agradecemos tão honrosas distinções, permutaremos e inteiramente às ordens ficamos.

Direito.

O Canhôte Elegante

Todos sabem perfeitamente que o «Canhôte Elegante» é mesmo um rapazito elegante e folgazão.

Frequenta assiduamente todos os centros de diversões, de onde colhe as mais recentes novidades do nosso meio para descrever-las com chiste nos seus inúmeros admiradores.

... porém, muito preguiçoso, pois, para contar o que vê, recorre ao seu secretário particular, a quem encarrega da tarefa por ele classificada de maçante.

Ora, sucedeu que nestes últimos dias fosse eu o escolhido para secretaria-lo, o que aceitei não muito alegre.

Imaginem os meus caros leitores e gentis leitoras o meu embaraço para sair desse emburlo e não desgostar o nosso fidalgo.

Além de faltar-me inspiração para bem descrever os acontecimentos, faltam-me os próprios acontecimentos para descrever-los.

Em todo caso vou principiar garantindo-lhes que, de 28 de setembro até hoje, se passaram 14 dias e com muito custo em todo este tempo apenas consegui saber o seguinte:

Despedidas

Trouxe-nos as suas o jovem José Mélo Alencar, que seguiu a 29 do passado para S. Bento, onde, com o bom leite daquela terra, foi reforçar os pulmões para novos discursos ainda mais eloquentes e entusiasmáticos que os de uma pequena amostra que nos ofereceu pela ocasião de sua vizita.

Dezejanho-lhe feliz estadia, paz, gordura e breve regresso.

Soirée Blanche

Realizou-se a 4 a que estava anunciada. Por informações, sabemos ter estado bastante animada, pois infelizmente não pudemos comparecer, pelo que pedimos desculpa aos seus promotores e agradecemos o convite que nos mandaram.

Conferencia

Terá lugar no próximo domingo, na sede da nossa sociedade, a palestra humorística do nosso companheiro João Vitor Ribeiro, a qual versará sobre a «Sistematização dos Namoros».

Estamos bem certos de que as sabias apreciações desse nosso companheiro nos deleitarão por alguns momentos, pois de um espirito culto, como é João Vitor, não poderemos anunciar outro resultado. Autozozos esperamos esse dia o contarmos com a comparencia dos convidados a fim de influírem para o decoreamento de outras conferencias.

Aniversários

Amanhã, para felicidade de sua familia e alegria dos que lhe estimam e admiram, completará mais uma primavera a gentil senhorita Nhazinha Torres, filha do major Tiago Torres, conceituado solicitador do nosso foro.

Não temos expressões para descrever os dotes intellectuais da aniversariante, pois são eles bem conhecidos no nosso meio social. Limitamo-nos a almejar-lhe a reprodução dessa gloriosa data e que seja sempre coroada de felicidades. Em comissão treinos pessoalmente felicita-la, assim como a sua estremosa familia.

Aniversariante-se ainda:

Em 14, o Sr. Augusto Mélo e, em 17, o Sr. José Camôis, este telegrafista do Cabo Submarino e aquele operário auxiliar do «Diário Oficial».

Em 21, transcorrerá o natalício do Exmo. Reverendissimo D. Francisco de Paula e Silva, bispo da nossa diocese e atualmente em Paris.

Não nos cabe o direito de enaltecer as belas qualidades deste pastor, pois são elas conhecidas bem de perto; portanto nos limitaremos, mesmo de longe, a enviar-lhe os nossos votos de felicidade por essa data desejando-lhe breve regresso ao meio onde conta inúmeros admiradores, não só pelo modo com que cumpre fielmente seus deveres religiosos, como pelo seu reconhecido talento.

Os nossos parabéns.

Fitas

Terça-feira, 30, o Ideal proporcionou aos seus inúmeros admiradores uma bela notada, exibindo o monumental trabalho da «Nordisk» Durante a Peste», que agradeço imensamente.

Quinta-feira, 2, tivemos um variado programa, destacando-se as belas fitas: — «Confins Austros Servias», natural, da fabrica «Ambrosio», e a Luta do homem contra o Leão», emocionante drama da «Solax».

Sabado, 4. A função dessa noite esteve a cargo das laureadas fabricas «Le film d'arte» e «Nordisk» com a finissima comedia «Um Salvamento» e pela terceira vez «Durante a Peste».

Domingo, 5. Na matinaida vimos ainda esta bela fita e a noite a «Nordisk» encantou-nos com o grandioso drama «Na Roda do Leme», cujo papel de protagonista foi esmeradamente desempenhado pela graciosíssima atriz Elba Tompsen, completando as delicias dessa noite a fabrica «Ambrosio», com a bela fita natural.

— As Manobras da Marinha Italiana».

Terça-feira, 7. Vimos o arrojado drama da «Eclipse» — 210 contra 213 e «Na Roda do Leme», as quais, apesar de já conhecida, atraíram inúmeros assistentes.

Quinta-feira, 9. Foi um monumental successo a exhibição do empolgante drama da fabrica «Milano» — «A Fotografia Misteriosa», ao qual trabalharam os melhores artistas desta fabrica, mostrando mais uma vez os seus meritos.

E para fechar essa quinzena de successos está anunciado para hoje a monumental peça da «Nordisk» — «Entre Irmãos», dividida em 4 longas partes. De certo será uma victoria da laureada fabrica dinamarqueza.

Sociedade Literaria Rio Branco

Em comemoração a data do hoje, Descobrimento da America, haverá, na sede dessa nossa sociedade, sessão solene às 7 horas da noite. De ordem do Presidente da mesma são convidados todos os socios e familia, além de tomarem parte na sessão. Falarão durante a sessão os seguintes membros da mesma:

Djalma Fortuna, Hilton Fortuna, José Vinhas e Almir Cruz.

Jovira.

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

O meu coração!

A meu coração!

Um bichinho tão mimoso, tão faceto, tão cheio de garbosidade, que às vezes eu fico pensando si ele também tem pé de paca e mão de...

Chiloberto.

O Canhôte

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

De canhôte não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º

S. Luiz, 26 de outubro de 1913

NUM. 31

O Meu Jardim

Maria de Lourdes Santos.

(VIOLETA)

Que vale mais—muito dinheiro, imenso palácio de cristal ou uma flor encantadora e bem feita?

Todos decerto me responderão que é uma flor, e eu confirmo.

Sim, porque uma flor bem formada, colorida magnificamente, pequena, encantadora, perfumada, e mais que tudo infantil, vale mais, está visto, que todas as vaidades humanas, que todos os teozoiros do universo.

Assim penso; e, por isso, tenho cultivado este jardim, onde conto hoje no rol das mais mimosas joias a Violeta encantadora, Maria de Lourdes, a flor celeste com que Deus se dignou de mimozear este jardim.

E' tão linda, seus cabelos castanho escuro emolduram tão gracilmente seu mimozo rosto, iluminado por dois matadores olhos de luz morredora e quando sorrindo deixa ver seus dentinhos nacarados, pequenos e alinhados, que até fico pensando setenho em frente uma flor, uma menina ou se um querubim.

Filha de uma importante família, é Maria de Lourdes, a minha Violeta, o carinho de seu pai, que vê nela um encanto primaveril.

As estrelas, se a vissem, corariam por serem menos belas que ela.

Quando a conheci e lhe fui apresentado por um distinto amiguinho, ocorreu-me logo a memória do poeta:

"Quando a creança é bela, pôde a roza Ser comparada á formozura d'ela".

E eu também completo o pensamento dele com esta quadra:

E' muito bela a menina,
Linda e gracil Violeta.
Para estar sempre a adora-la
Quizera ser borboleta.

FELIX.

Claudio Ribeiro

Punje-nos a alma o doloroso dever de registrar nesta tira o falecimento de Claudio Ribeiro.

E que se tratava de um rapaz moço, no vigor da idade, quando ainda se é embalado pela doce ilusão dos sonhos, quando tudo é bonança.

Filho de Terezina, onde reside sua família e onde era telegrafista, para cá veio Claudio, removido, em princípios deste ano.

Aqui, pelas suas finas maneiras de trato e pela docilidade de coração, angariou inúmeras amizades.

Logo que a molestia se acentuou com gravidade, foi ele internado no Hospital Portuguez, onde veio a falecer ás 10 horas da noite de 20 deste, tendo por unica consolação, nos seus momentos de estertor, seu desolado pai o Sr. Benedito Ribeiro.

Compartilhando dos sofrimentos deste, testemunhamos, comovidos, a toda a família enlutada, a segurança dos nossos pezares e sobre a campa de Claudio depositamos um punhado de saudades mui sentidas...

Dominicais

Entre as múltiplas belezas da literatura dos povos antigos, há uma que está contida no Ramaiant e que se torna de real destaque.

E o caso das aventuras do hindu Rama. Este herói, chefe da tribo dos Pautchâlas, tendo sido sua esposa roubada pelos genios, pôs-se a frente de um grande exercito de Simios, toma Lanka, a cidade dos genios, na ilha de Ceilão, e reconquista a princeza perdida.

Transplanando esse exemplo para os nossos dias, veremos que ele se torna até ridiculo. Qual o homem hoje que, lhe sendo raptada a esposa, ainda tem esperança ou, por outra, ainda quer reconquistá-la, á maneira do grande herói acima descrito? Creio que nenhum.

Se acontece isso, é cauzado sempre pela propria esposa e o marido sai logo em campo á cata de outra, ou pelo marido e a esposa trata logo de arranjar novo galho a que se agarre. E' fato consumado.

Naquellas eras tudo era harmonia. Predominava, sobretudo, o carater relijiozo. Havia um culto. Adoravam, por exemplo, a luz, a treva, os astros, etc.

Da personificação de cada força dessas deparavam com um herói ou um deus, a quem temiam, porque esse herói e esse deus eram castigadores, os tanjiam com os seus flajélos. Temiam o por isso. Daí se formava um culto por esses seres supremos. Todos os adoravam com fervor.

Havia também o amor á natureza e os fenómenos desta eram tidos como emanados do deus.

Hoje, que há? Existe o respeito, o temor ás divindades, a veneração a estas? Quem nos dera isso!

O que há hoje é desfaçatez e desfaçatez muita, e aviltamento de sentimento em profusão.

Já não existe respeito nem aos pais, quanto mais ás divindades. Um filho as-

sassina um pai com tanto sangue frio quanto uma cozinheira mata uma galinha. Esse filho que assim procede é absolvido unanimemente pelos tribunais.

E o tribunal, o arcopago dos gregos, celebre pelas suas sentenças, principio da retidão, está reduzido a uma transação comercial, em que a sentença é dada pelo negociante mais endinheirado. E' o acanalhamento geral.

Aquella frase evangelica "Amai-vos uns aos outros" foi substituida por esta outra mais expressiva: "Persegui-vos uns aos outros".

Parece que depois do exemplo de Cristo ninguém mais sente as dores do proximo. Cada qual puxa a braza pra sua sardinha.

A vida moderna tem as suas inconveniencias, que a intelligencia arguta dos homens podia facilmente extinguir. As sociedades cada vez mais se desmoronam. E desse verdadeiro caos em que vivemos resulta a indiferença geral a tudo.

Um exemplo. Um rapaz está com um parente gravemente doente. Pergunta-se-lhe porque não liga importancia á molestia daquele. A resposta que lhe surge aos labios, logo, é esta: "ora, se eu morresse hoje, ele nem ao meu enterro ia; portanto, que morra quando quizer". Só falta é que se comam uns aos outros. E' ao venha a nós e ao vosso reino... nada.

Porisso é que Taine disse: "o unico meio eficaz de se suportar a vida é esquecê-la". Talvez partam do principio do grande filósofo francez. E partem mesmo.

Wuppschlander.

A LAZARA

A tarde morria lentamente. Nuvens atapetavam o leito do astro-rei que se deitára há pouco. Um crepusculo esplendido p'recia não terminar mais. Estrelas palidas, de luz morta, divizavam-se muito ao longe, como medrosas de se mostrarem.

O movimento nas ruas aumentava: um vae-veem continuo de gente, a maioria operários que procuravam a casa, cansados das fadigas do dia.

Marcos Santos saia apressado do escritório e, ao atravessar uma avenida, seus olhos se encontraram aos de uma mulher encantadora. Seguiu-a. Viu a entrar num botequim e entrou também. Minutos depois pareciam dois velhos amigos. Saíram. Ele a acompanhou até em casa.

Dentro, foi um explodir de intermináveis caricias.

De repente um presentimento estranho lhe perpassou no cerebro. Porque

PARNÁZO

Carmen Dolôres

Para o Wladimir Reis e Exma. Esposa.

A vida é um sonho. Mas, se a vida,
Tão breve como um sonho, assim não fôra
Como seria a um alma sofredora
Uma existência em dôres consumida?

Na mocidade a quadra sonhadora
Ama-se a vida e sente-se, querida,
Que a vida, sendo assim como é vivida,
É por demais volôz e enganadora.

E tu, que surtes para a vida agora,
—Neste vale de lágrimas e dôres,
Na suavidade clara de uma aurora.

Quando na quadra sonhadora fôres,
E eu a sombra dos dias já de outrora,
Não te esqueças de mim—Carmen Dolôres.

Arlindo Martins.

Recordando

Jurei que te amaria eternamente,
E jamais! quebrarei meu juramento.
Lida arde no meu peito o sentimento.
A chama de um amor, por ti somente.

Eu colhi os teus rizes docemente,
Busquei nesse teu olhar o sofrimento,
As dôres pra um viver louco e sangrento,
Chagando o coração bem tristemente.

Fizeste-me sofrer com teu desprezo,
Com teu olhar cativante e desdenhozo,
Depois do meu amor tu tores prezo.

Se te orgulhas mulher, se tens beleza,
De na muza viver, sou orgulhoso,
E tenho a minha lira, uma riqueza!...

D. Voltaire.

GRATIDÃO

(A UM LIVRO.)

Eu te bendigo, ó livro meu querido,
Desde quando num dia fui levado
Por um desejo ardente, obstinado,
De ter-te entre meus livros confundido.

A te comprar. De muito tens servido
Nos meus estudos: ten-te aproveitado
Tuas belas lições. Sempre obrigado
Ser-te-ei. Neste soneto definido.

Meu reconhecimento está, pois vejo
Que dupla utilidade a mim tu prestas:
Serves no meu estudo e se um desejo

Tenho de remeter à minha amada
Qualque coisa d'amour, logo te aprestas,
E levas a embaixada.

Ribas.

"O Canhôtô"

ORGAM BI-MENSAL

Literário, humbrístico e noticioso

Propriedade da sociedade literaria

BRÃO DO RIO BRNCO

PREZIDENTE—Djalma Fortuna.
VICE-PREZIDENTE—Manuel Lisboa.
SECRETARIO—Djalma Vasconcellos.
TEZOUREIRO—Hilton Fortuna.

Tiragem 1.000 Exemplares

Assinatura anual..... 2\$000

Toda correspondencia

dirigida ao "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N. 58

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

aquela mulher não soltava os cabelos,
trazendo-os presos como se escondesse
as orléas? Não! ali havia mistério,
disse consigo mesmo.

—Vamos, solta os cabelos, deixa afa-
ga-los.

—Não, filho, não é preciso, que mal
faz? disse ela ternamente, poizando-lhe
um longo beijo.

Marcos, perturbado cada vez mais, le-
vantou as mãos, acariciando-a com pa-
lavras doces, e sem que ela presentisse
abriu um bocadinho o penteado.

O sinistro agoiro não o enganara:
aquela mulher formosa, de uma beleza
extraordinária, era morfética!

Prendia os cabelos até as orléas por-
que já estavam purulentas. Correndo
como um louco, Santos saiu da casa
maldita, maquinalmente, murmurando:
ela é morfética! Ela é morfética!

E as estrelas já brilhavam na aboba-
da celeste, piscando isonicamente umas
às outras.

L. Lux.

A' tóa

E' uma cidadezinha de 60.000 habi-
tantes, situada sobre uma ilha, que ex-
perimenta todo o progresso duma cida-
de sul-americana.

A tração *burrial*, por fazer falta, foi
reencetada. Mas de uma maneira de-
gradante, própria de uma vilôta sem a
alavanca perene que se vê nos paizes
norte-americanos: a constancia, o amor
ao trabalho.

Eu vos vou relatar um fato prezen-
ceado por inumeros tranzeantes das
imediações de uma das ruas da cidade
acima:

Ao pezo dos seus setenta anos, uma
anceã andrajosa sai a comprar a taca-
nha alimentação quotidiana, trazendo
às costas um cesto de estôpa. Quando
tremulamente atravessava para o lado
oposto, a infeliz é atinjida por um ele-
trico que não havia avizado previamente
(pelo apito) a sua celere proximida-
de.

Ficou a pobrezita quasi imóvel lança-
da ao chão, cercada de curiosos, pro-
vocando hilaridade dos corações de
grótos mercenários.

Deus não dorme (diz o adajio), mas a
polícia desta cidade tão ditôza também
não dorme. E, vinte e quatro horas de-
pois, ei-la atomar conhecimento do fato.
Mas, já não compete mais a polícia e
sim a Higiene para o transporte do ca-
daver submerso em sangue.

—Que é do carro policial?—Pergun-
tou um senhor, comovido pelo drama
e anatematizando a maneira pela qual
se portavam os filhos daquela cidade,
com ironia ao cazo fatal.

—O carro da polícia desapareceu,
foi a resposta de um preto assistente.

—Mas, em cazos desta ordem, quem
transporta o cadaver daqui?

—Qua mimponta cradávi, quá nada:
a gente bajuga cū ele prá dentro duma
rede e saculeja ele pró cimiterio. prá
conta da Injenha, replicou o *crioste*.

E o senhor, possuindo no coração um
sentimento de caridade, ordenou que
por sua conta entregassem a Higiene o
cadaver da desventurada, pois remune-

raria com o necessario. E os assistente-
olharam-se mutuamente e murmura-
ram:—esse môço parece que não é
daqui!!!...

Eis, pacientes leitores, o fato que vos
prometi narrar. Contém estas linhas no
seu decorrer algumas sátiras feitas para
o deleite da leitura, pois, se tal não acon-
tecesse, não atrairia absolutamente nin-
guem a minha imperfeita pena de prin-
cipiante.

Dante Paria.

Os Ateniadas

CANTO SEGUNDO

4

E depois, nunca grande romaria,
Cento e quatro senhores rompante (8)
Altivo foram na guarda noiva
Exibir seu talento deslumbrante:
Grande parte, porém, na calmar,
Caíu de catrapuz num só instar.
Trinta e sete ficando pra sob jo.
Havendo entre eles um que *zui* festejo.

5

Ao professor o Bento então responde
As perguntas que o môço ia fazendo:
E diz que para que não pass um boade (9)
Não responde as perguntas se estendendo:
Porém, que, como o Souza vão esconde,
A lingua que ao nariz vice lambendo,
Responderá que *meis* sendo virado,
A' vezes quer dizer *multiplicado*.

6

Perguntão-lhe depois (já que não erra)
Pra coroar a fama que traria,
As por las principaes que a roupa encerra
Dos ventos, de que trata a geographia:
E elle com *paze* diz: "Na nossa terra
Dizem que quatro são, mas é mania
Que contosto, são tres unicamente:
Norte e Sul, a ser mais é *manita gente*."

Camello.

(8) *paze* (9) *asnoira*.

Fatos e Fitas

Bom dia leitor amigo, bom dia.
Hoje venho te falar, embora com um pouquinho de sensaboria, sobre um fato que ainda não vi nas fitas dos cinemas.

Porque motivo é que não se dão palmas nos cinemas, quando se desenrola as nossas retinas um soberbo e bem trabalhado drama ou um interessante arranjo cômico? Porque?...

Aposto que praí estás todo cheio de embaraço sem saber qual deva ser a resposta.

Pois eu já descobri a chave do problema e aposto também que tu me has de dar sobejas razões.

Devemos, sim, devemos.
Ora se devemos, e porque não?...

Porventura seremos nós, eu e tu, que vamos ao xadrez se fumarmos? mais policiais, digo, mais civilizados, que o povo culto dos outros países, nós que estamos aqui no cantinho do norte brasileiro, abandonados, sem progresso algum?...

Pois olha; devemos dar palmas às fitas que nos agradam a vista e nos despertam os sentimentos, não digo para entusiasmar os artistas; não; mas para dar livre expansão ao nosso entusiasmo e animar os proprietários dos cinemas, pois isto nada custa...

— Agora, diz-me uma coisa, tem lá geito isto: Foca-se a tela, vem uma soberbia de arte, galhardo desempenho, epílogo sensacional, e depois, sob a luz dos intervalos, ficamos nós a olhar a cara do vizinho e a murmurar preguiçosamente: — Bonito!... Que linda primadona!... Que guapo artista! etc., e, quanto às palmas, nada...

Não, não está direito.
Devemos deixar à parte a velha rotina e ovacionar o progresso civilizador, se bem que através das maravilhosas películas de Edson.

Bem, deixemos a proza de hoje e a domingo, no cinema, onde te quero encontrar dando palmas vibrantes às fitas.

Hilpafor.

Carta aberta

Meu Verdureira—

—Vê que coincidência: enquanto me escreveste após todo aquele susto em te pensarem um ladrão, eu não te escrevo com menor temor, motivado pela empolgante peça que me pregaste.

Imagina tu a minha inquietação ao ver o cadáver do nosso Luz. Ao receber o teu bilhete, eu não pude suportar as mil idéas sinistras impelidas pelo imenso afeto que consagramos, como sabes, ao nosso amiguinho Joaquim (o cadáver vivo).

Mas, eu já percebo, é o seguinte: o nosso Joaquim quiz experimentar se as nossas senhoritas da liga canhoto (da qual fazem parte duas das suas creanças) lhe tinham algum amorzinho.

E então eis o genial plano posto em prática. E tu, amiguinho, te serviste tão bem ao subterfúgio, que, mil vezes que

o Bastião morra, eu não mais acreditarei.

E, dóra em diante ele, será para nós nada mais nada menos do que um "cadáver vivo".

E, enquanto ao receber o teu bem estudado bilhete, corria para a afirmação daquilo que eu parecia sonhar, as bastiões que alimentam aquelas paixões encubadas pelo Joaquim, ao sabrem da falsidade do b.ão, deitaram em gargalhadas exclamando ao mesmo tempo: — de hoje em diante lhe será perene a alcunha de "Cadáver vivo". — Teu Dante Faria.

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

Se o telegrafo fosse aeroplano, eu me transportaria de quando em vez ao belo Rozário. Mas, a estrada de ferro já vem... — Aug.

Que prazer eu sinto em ver através dos meus óculos a minha Dulcinéia desterrada.

O único lenitivo para esse tão bom palpito eu acho dando diariamente dois passeios por lá pelo Desterro — Custelo Branco.

Comer uma curimatá frita, com molho de escabeche, à beira do lago de Viana, é... viver. — Edmundo Nina.

Dedico a minha amada esta quadra postuma:

É ta bela querida de tardinha,
É mais bela que o beijo de sepulcro.
É mais linda que a flor da borbolêta,
É mais fina que o pó dentro do puc'ro.
— João Teixeira.

O! a sugestão nos embevece. E que é a sugestão?

— São espíritos que se depauperam das estrelas e se extraem das corboferas da terra — Comendador Satiro.

O! o meu ideal! O meu ideal é ver todas as senhoritas da elite murmurarem interpidamente:

— O seu Laudir é um rapaz inteiramente celeumaco. As neutralidades circuncislaúcas que se operam nele por meio de estratégias físicas nos fazem corroborar e horificar os sentimentos plásticos e psicológicos que sentimos por aquele beterrabesco cachinho que ele usa ao lado. E do nosso coração se apodera uma chama tão rombifera e trispide que os nossos papas, em rasgo de elasticidade, nos surripiam da janela para não vermos o momento típico da sua passagem épica. — Laudelino.

Nada me deixou mais saudade na festa dos Remédios do que os dias que passei ao lado de Bêbé, mas com tanta sorte que parecia ver de um momento para outro a ocasião fatal de um desmancho. — Lulá.

Gavêta Canhóta

Tiburcio Pais Landim (Baía) — mas pelo seu primeiro nome (o seu respectivo rabicho) conheci que se trata de um bom colaborador para as cartas do Pilidoro...

Paulo Pinang — (Maranhão) — está desolado, não há dúvida, pela renúncia do seu soneto que nunca viu mortificação. E ao ler o seu soneto, quasi choro e

"Quando cheio de mistica docura"

Olhei para os seus versos encenados

Disse logo em voz firme: são plagiados!...

Dirêito.

O Canhoto Elegante

Partidas

Seguiu para Flores, via Terezina, o 1.º escrivão da aduana do Maranhão Arlindo Martins, um dos brilhantes talentos da geração moderna.

A Arlindo Martins, que, nas colunas do nosso jornal, tem dado provas irrefragáveis do seu culto espírito, auguramos felicíssima viagem e muito breve regresso.

Partindo para Natal, trouxe-nos o seu adeus o sr. Ricardino de Faria, ator da troupe Matos & Viana.

Visita que nos honra

De nossa viagem para o sul, deu-nos o prazer de sua visita o inteligente jovem Adelmiro Costa, habil radiotelegrafista do paquete Ceará.

A Adelmiro Costa, os nossos votos de bonança viagem.

Uma recepção honroza

O nosso ativo e inteligente companheiro de trabalho Agenor Santos, atualmente no Rio, onde estuda radiotelegrafia, fez, no fim do mez tranzado, uma visita à redação d' O Canhoto.

Recebido gentilmente pelos redatores da festejada revista, disse o fim da sua visita, que era, como representante do nosso jornal, dar incremento, tanto quanto possível, à nossa aranca cruzada.

Nessa ocasião, um dos redatores da referida revista, em feliz improviso, agradeceu, dos mais íntimos refolhos o' alma, a fineza da visita, salientando a simpatia que O Canhoto tem despertado a todos quantos o lêem.

Agenor Santos, comovido, retribuiu as frases delicadas desse jornalista e terminou testemunhando profundo reconhecimento pelas suas palavras.

Foi servida, então, uma fina taça de champagne a todos os presentes.

Deixe lá que já não é pouca coisa para O Canhoto.

Aniversários

Passa a 28 deste o natalício do nosso confrade José Gregório dos Reis, digno empregado de Fazenda, no Acre atualmente.

Decorre a 30 do corrente a data aniversário da meiga e travessa Lucina, filha irmã dos nossos companheiros Hilton e Djalma Fortuna, a quem mandamos um punhado de parabéns.

No mesmo dia estará em festa o lar do Sr. Alfredo Nogueira, gerente da companhia Aliança e ativo proprietário do Ideal-Cinema, pela passagem do natalício de sua filha a gentil e amável senhorita Odila Nogueira, um dos mais belos ornamentos da sociedade maranhense.

Se bem que pernambucana, Odila Nogueira veio para cá em companhia de seus pais, que fixaram residência na nossa S. Luiz, onde, de logo, souberam captar largas simpatias, atentos os seus raros dotes morais.

No nosso concurso do ano passado coube a aniversariante o premio de elegancia.

E' de crer, portanto, que a sua caza regorjite de amigas, dadas as peregrinas virtudes que ornão o seu coração.

Diqui enviamos á distinta natalician-te os nossos efuzivos cumprimentos, de envolta com os mais ardentes votos pela sua felicidade, votos que fazemos extensivos a toda a sua exma familia.

Fazem anos mais:

A 2 de novembro o Sr. Licurgo Chagas, guarda-livros da caza de Moreira Junior & Comp.

A 4 a senhorita Letice Holanda, estremecida filha do Dr. Tavares de Holanda, integro juiz de direito dos feitos da Fazenda.

A 7 a senhorita Cezaltina Sacramento, distinta professora particular e irmã do nosso illustre conterraneo Dr. José Sacramento.

A 12 o nosso companheiro Nereu Chaves, prezentemente no Itapeturu-mirim a serviço d' "O Canhoto".

A 14 a Exma. Sra. D. Helena Oliveira, esposa do Sr. Raimundo Odilon de Melo, habil guarda-livros da farmacia Franca.

Parabens.

O 3 de novembro

Em comemoração ao 3 de novembro, data da morte do grande lirico autor do Gigante de Pedra e do imortal drama D. Leonor de Mendonça, haverá, promovidos pelos moços amantes das letras, muitos festejos.

Ao que sabemos, organizar-se-á grande passeata, que irá em romaria á estatua de Gonçalves Dias, do pedestal da qual falarão diversos oradores.

Orará pela sociedade Rio Branco o nosso companheiro de luta João Ribeiro, 4.º escrivão da Alfandega.

A festa dos Remedios

E' pena que começemos esta noticia lamentando a pouca concorrência á tradicional festa da Virgem dos Remedios.

Tudo fazia crer que a ela acorresse a mór parte da nossa população. Mas tal não foi.

Sexta-feira, primeiro dia da festividade, vimos o templo completamente vazio. Sabado quase que o mesmo. E os demais dias da semana pouco adiantaram.

No domingo ultimo houve sempre mais alguma concorrência, mas esta foi muitissimo inferior á dos annos anteriores. Lembro-me bem que, no ultimo domingo da festa de 1912, quase me esmagam, tal a affluencia de povo.

O que se viu este ano foi uma vazante tremenda. Em todo cazo sempre vimos algumas demoiçolles atraentes a nos fazer espiaçar um pouco as agruras da vida...

Antes assim...
E daqui vão os nossos votos de melhor sorte á proxima festa de 1914.

As nossas palestras

Por motivo de força maior, ficou adiada para hoje, ás 9 horas da manhã, a palestra do nosso consocio João Vitor Ribeiro, sobre a Sistematização do namoro.

Fitas

Elba Thompson, a charmanle e loira artista da excelente Nordisk, nos seus tantos trabalhos do teatro moderno, já vae alcançando um logarzinho de muito destaque na alma do nosso povo, tão sequiozo por coizas de arte. Em um meio como o nosso, em que as companhias de operas, operetas e dramas já são apenas saudades bolorecidas pela poeira dos tempos, sente-se um verdadeiro entusiasmo, brotado do coração, quando se vê, embora na tela, uma mulher, como Elba, que reúne todos os predicados de uma artista perfeita. Porque uma coiza é a pessoa se dedicar a um ramo de vida a que não tem afeição alguma, e outra é entregar-se, de coração aberto, á vida que tanto sonhava. Elba Thompson está incluída na lista das ultimas. E assim é que a vemos, ora triste, punjada, no drama, e ora alegre, coquette, na comedia. Ora dando expansão ás suas dores, mixto de tristeza e resignação, no primeiro, e ora alegrando tudo com a luz do seu olhar de ouro, na segunda.

Pena é que não fosse ela a protagonista da fina pellicula *Abandono desesperado*, levada hontem pelo Ideal.

Para hoje nos promete o Ideal *Os quatro diabos*, que, de certo, logrará francos sucessos.

Pintan fo estes rabiscos, não podemos silenciar sobre o *tour de force* que têm feito os dignos proprietarios do galante cinema da João Lisboa com o fito unico de nos proporcionar *soirées* de fina arte. Os nossos parabens, pois.

A. C.

—CHOC—

Repartição Particular DE Telegrafia Canhota CAPITAL

Praça João Lisboa, 25—Professor Ory, horrorizado incendio vizinhania, arrancou de uma só vez todos os cabelos, ficando completamente calvo.—Conto.

Caramano inventor cadernetas e copos areia monazitica surtiu expondo preparadão ante queixal.

Descoberta importante tem por fim diminuir queixos, sem ddr. Mariano, Dr. Nunos, Belo e Hilton accearam-se da mesa, com imensa alegria.—Ferreira.

Padaria Vitoria, 25—Plinio ensueva aqui procurando se naturalizar portuguez e...—Jovito.

Ideal, 25.—Belo devolveu queixo ao ci-ranjão. Ignora motivo.—Serra.

Só deixo de ir ao Rio formar-me em doutor por sessenta mil réis se não obter o documento valerosos, que só pode ser dado por pessoas de quilate intrepido, ou quando, por motivos proficuos e improficuos da ambiguidade de minha dulcinéa, embirram de chegar mais tarde.

Depois de obtido o diploma adquiri um côgo e virei me instalar na Parnaita, Estado de Terezina.—Dr. Souza.

Telegrafo sem fio, 25—Castelo Branco seriamente encrencado conquista irmã cologa. Este convidou-o duello ôculos.—Aureliano.

Ajencia Sinjer, 25—Aviso Martins telegrafista que o espéro horas saída porta para caza "Krauzo".—Santinha.

Rio Branco, 25—Holanda e Viana, em busca pequenas, enveredaram Estação meteorologica.—Belo Feio.

Remedios, 25—Laudelino quase perde cacho, deslumbado ante conquistas Nereu.—Antoninho.

Remedios, 25—Sineiro, julgando calça Martins sino, atirou-se a ele sacudindo-o aos seus amarrado corda.—Rm.

Remedios, 25—Foram encontrados em pleno idílio, dentro do sino igreja, Aureliano e sua adoravel dulcinéa.—Velo.

Pastoril, 25—Se até fim ano não conseguir ir Rio, mudarei idéa, indo fazenda Pascoal.—Cortez.

INTERIOR

Terezina, 25—Cauzon grande alarma noticia inimizado boletrista Pachola com poeta De Souza. Faltam porruenos.—Jansen.

Itapeturu, 25—Previna pequena Remedios meu aniversario 12 meiz proximo. Diga estou saudoso ausencia prolongada. Fô em Deus...

Meu amigo Dante Faria zele meus interesses.—Nereu.

Rio, 25—Diretor telegrafos ordenou comprar local palacio esgotos no Balaarte, afim erijir estação a cargo bacharel Matos que colatualmente foi nomeado diarista.—Urba.

—DE—

CAZA BORDALLO

Joaquim Ferreira Bordallo Sucessor

RUA GRANDE, 27—MARANHÃO

ENCONTRA-SE: Calçados para homens, senhoras e crianças em todas as cores e dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros.

Grande emporio de cabedais para sapateiros

Preços sem competitor porém

—só vendemos a Dinheiro

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.



S. Luiz, 15 de novembro de 1913



NUM. 32

0 15 de novembro

O nosso governador está preparando inúmeros festejos á data de hoje, data da proclamação da nossa Republica.

Desde 1889, a soberania nacional é a base da autoridade social, no nosso paiz. Isto quer dizer que somos livres, igualmente a manifestação do nosso pensamento, graças ao trilho ideal republicano, para o qual seguem todas as nações civilizadas, como vimos de ver.

A sociedade literaria «Barão do Rio Branco», cujo patrono foi a estrela mais cintilante no enfarruscado céu de uma republica do século XX, não deixará passar despercebida a data faustoza de hoje. Realizará á noite, ás 7 horas, uma sessão solene, onde, com mais liberdade, nos expandiremos melhor, tendo os convidados para assistir a essa festa ensejo de julgar as nossas opiniões sobre a Republica de hoje.

Que amanuense...

Numa das secretarias de certo Estado tomou posse ultimamente do lugar para que foi nomeado em concurso um amanuense novo.

Logo dois ou tres dias depois, o amanuense entra mais tarde da hora, chega-se ao chefe para lhe tirar a falta e justificar-se da demora.

—Eu peço desculpa a v. ex. de vir mais tarde, mas minha mulher teve hoje um parto, e por isso me dei de madrugada.

—Ora essa! está desculpa, dizia amavelmente o chefe, deixando-o assinar o ponto.

Passados outros tres dias, o amanuense entra outra vez depois de fechado o ponto.

Dirige-se de novo ao chefe:

—V. ex. queira perdoar, mas não pude vir mais cedo. Deitei-me hoje era dia claro, por causa de minha mulher.

—Que! está peor?

—Não senhor, mas teve um parto esta noite.

—Outro?

—Outro, sim senhor, respondeu o amanuense.

O chefe amou com o negocio, mas tirou-lhe a falta.

Dias após a mesma cena: o amanuense entra perto das duas horas e vai direito á meza do chefe:

Eu venho pedir a v. ex. o favorzinho do costume.

O chefe olha-o meio carrancudo e resmunga:

—Eu não posso estar todos os dias a tirar-lhe a falta. Então o senhor quer me fazer acreditar a serio que sua mulher teve tres partos em 15 dias?

—Pode crer, sr. Conselheiro, e ás vezes mais ainda.

—Mais!

—Sim senhor... Tem tido dias de dois ou tres a seguir.

—A seguir! mas então sua mulher é uma rata.

—Não senhor, não é uma rata; é parreira.

Artur Azevedo.

A transformação

Sempre conheci o Damazo tristonho, melancolico, como se uma enfermidade incurável o maltratasse, mas não era um mal fizico e sim uma paixão doída, extraordinaria, sem cabimento até, que o arrastaria em breve ao tumulo, se alguém o não sustivesse.

Muitas vezes o visitava e nunca tinha a ventura de encontra-lo alegre. Um eterno abatimento não o despezava por mais que o convencesse de que o remedio estava em suas mãos: divertindo-se, mas qual eram baldados os meus conselhos.

Um amigo, o velho coronel Gonçalves, me contou que as Silves viriam brevemente do interior. Pressurizo corri a dar a noticia ao Damazo, que me pareceu despertar do torpor que o acobanhava.

Assim que o coronel me preveniu que elas tinham chegado, fui convidado para lhes fazermos uma visita, o que éle gostosamente accedeu, prevenido talvez que a Carmen já estivesse mudada e o aceitasse de boa vez. As cinco horas lá chegamos. Logo que a viu, mudou de cor e expressão. Conversamos bastante, mas, como a noite se aproximasse, parti, deixando-o só, propozitalmente.

Passados dias, fui visitá-lo, ansioso por saber do resultado. Conhecendo minhas palmas, vou logo me receber, completamente diferente dos outros dias. Adivinhei que tinha sido feliz e sem mais preambulos fui-lhe dizendo:

—Então? aceita meus...

—... parabens, não? atalhou-me ele.

—Sim, é isso mesmo, respondi.

—Muito agradecido. Agora sei que a felicidade me baleja. A vida se me abriu tão doce... Parece que uma nova aurora raiou em minha existencia, não tenho

tormento. Como nos metamorfozeamos... Eu, que muitas vezes senti um desejo louco de morrer, um desejo febril de me transportar ás regiões misteriosas do Nada, sinto, dum momento pra outro, um arrependimento de haver tido tais pensamentos. Quanto é mutavel esta vida... E a canza primordial desta mutabilidade é o Amor, essa força irresistivel, força que não obedece a travão alguma quando é sincero e puro.

E um canario que ele tinha, ha muito emudecido, nesse dia despertara alegre, jovial, como se lhe saudasse a nova alvorada.

Vicente Wilson.

Do Rio

Fragmentos de fatos e fitas

Constantemente me acho divertido por esses fragmentos. Ainda ontem sai de casa e me diriji ao jardim publico. Passados alguns momentos, fiquei surpreso por se apresentar ás minhas vistas uma multidão á beira do lago artificial e onde estavam alguns patinhos. Curioso, como sou, tratei de ir ver o que se passava. Compreendi então que se tratava duma desgraça, cuja vitima tóra um patinho. Faltava saber, porém, o criminoso.

Diriji-me a um guarda civil que estava trazen e perguntei:

—quem foi o homem cru que não teve pena de tanta mocidade?

—foi o Marechal. Porque perguntava senhor?

—porque sou reporter d' «O Canhôtô».

Na qualidade de investigador, fui sabedor de que o patinho tinha sido pizado pelo Presidente, quando, com a sua noiva, distribuía miolo de pão aos mesmos. Neste momento chegou a assistencia publica. Prestaram-se os primeiros curativos, que foram inuteis, por já haver o patinho falecido. Então foi transportado para o necrotério. Mas, o Marechal e sua noiva nessa ocasião se achavam tão abatidos que aquelle proferiu a sua amada, com grande dor, esta frase:

—vê! Como é o pato! Nace debaixo duma pata e morre debaixo de outra pata.

Conto de Gracinda.

—E o seu condutor, com ares de D. Juan, respondeu-lhe: — «Eu só posso parir o bonde lá emriba».

Demasiadamente contrariadas pela resposta, seguem as damas o bonde, que se em frente da «Confeitaria Mignon» parou.

São destes episódios que a todo o momento se vêem no Maranhão. E o mais depravado é que o bonde ia vazio e com trez gordos burros a arrastá-lo.

Muito pozar tenho de «pregar no deserto», pois é a segunda vez que me ocupo desse mesmo assunto, sem que seja ao menos animado por uma providência da parte de quem a compete.

E não é só isto.

Contar *stiffia* dessa ordem é arriscar-se a ser um dia posto aos muros para fora dos calhambotes, se alguma vez suberem os seus guilardos quem é o Dante Faria.

Mas, que querem os camaristas?

Ao primeiro contratante, o Barros, não podiam conceder o absurdo prazo de seis mezes, mas aos ingleses são concedidos tantos quantos queiram. Já se passaram quase dois annos, e nada de luz e bonde.

E a caveira de burro? — DANTE FARIA

—♦—♦—♦—

Os Ateniadas

CANTO SEGUNDO

4

Depois, minha grande romaria,
Conto o quatro senhores de rompante (8).
Ativos foram na guarda-moria,
Exibir seu talento deslumbrante;
Grande parte, porém, na calmaria,
Cain de catrapuz não só instante,
Trinta e sete ficando pra sobejo,
Havendo entre eles n-a que aqui testajo.

5

Ao professor o Bento então responde,
As perguntas que o moço lá fazendo;
E diz: «que para que não paze um bonde (9)?»
Não responde as perguntas ao estendendo;
Porém, que, como o Souza não esconde,
A lingua que ao nariz vive lambendo,
Responderá que mais sendo virado,
A vez que quer dizer multiplicado.

6

Perguntam-lhe depois (já que não erra
Pra corar a fama que trazia,
As perlas principaes que a roza encerra
Dos ventos, de que trata a geografia;
Ele com poze diz: «Na nossa terra
Dizem que quatro são, mais é mania
Que conteste, são trez unicamente:
Norte e sul, a sur mais é muita gente.»

Camello.

(9) poze;
(10) moço.

Reproduzido por ter saído com incorrecção.

Ao publico

A rua de São Pantaleão, n. 36, conservadora e prestam-se motores de automóveis. Propos modicos.

Fatos e Fitas

Dou inicio hoje a estas *fitas*, não como o meu classico — Bem dia — como me já fez notar D. Voltaire, o caro companheiro de literaticos, que, com uma cruz peçada, igual à minha, batalha com as letras, mas vi-brando em côlera pelo estado em que pararam as coisas.

Antigamente, ha bem vinte annos, só tanto, o Maranhão era fértil em letras, circulavam porais de valor, rubiscados por poetas de comp'entes; havia uma certa vida literaria, um tal fulgor de enthusiasmo, que bem mercedemente o apudaram de «Atenas Brasileira».

—Havia clubes dansantes, cujas partidas, conton-me minha avô, eram brilhantes e santuozas, clubes esportivos, linhas de tiro, velódromos, dos quais ainda conservo grata e indelével reminiscencia, e outras tantas coisas que, só em recordar, me fazem raios d'agua os olhos.

E hoje?

Que é que temos hoje? Que é dos jovens que tanto brilho davam à nossa terra? Onde estão?

Aniquilaram-se? — E triste.

E incrível que o Maranhão, berço de Gonçalves Dias, que possue tantos outros filhos illustres que honram o Brazil, na capital só tenha duas folhas diarias, das quaes uma é organo do governo e a outra organo politico da opposição.

Que é das letras?

Que é dos literatos?

Que fizeram dos clubes dansantes, esportivos, linha de tiro, velódromos e outras tantas coisas que tinhamos?

O Deus, isto é duro de crer, mas é verdade.

O Teatro já vive, coitado, quase sempre fechado, mudo e sardo as supplicas que lhe fazemos.

E parental dos nossos pecados(?) ainda temos que tratar com a tal senhora D. Crize, carrancuda, a consunir nos as bolsas.

Essa intrajou, de léro aspecto, vem em má hora para cá e julga talvez que o Maranhão todo lhe pertence.

Ora já viram o calorismo?

Além de pobres, lamintos.

Decididamente o Maranhão *procede*.

Felizmente é que nos consola, o que nos dá alguma lenitivo às maguas, são os tres cinemas que temos, onde, acalento de divertimento, accede o povo nos domingos para ver o progresso alheio através das fitas e... encher o dedo os automoveis que minoram os nossos calcanhares e a impagavel empreza *Ferro de Calhambotes Tetras*, que, a pessa do engado, nos leva por 20 réis, em 4 1/2 horas, de Palacio a Estação.

E, se não fosse isto, que seria de nós, pobres maranhenses?

O Deus! Se podesse e atende as nossas supplicas! Sopra um pouco de ventura sobre nós, infelizes e maldados filhos da ex-Atenas Brasileira.

E para não chorar mais, leitor, até logo.

Hilpafor.

—♦—♦—♦—

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

A mulher só se humilha diante da amizade paternal quando não conhece ainda a amizade superior, que é a do

dono do seu futuro; o ente a quem se tem de ligar. *Dante Faria.*

Disnar: — a minha ida ao Paris é um humor transitorio que lubrifica os globulos sanguineos do meu coração, subterfugiando, mais ainda a minha anatematizavel paixão. — *Hilpafor.*

A separação deixa aos que se amam um consolo: é a esperanca de se tornarem a ver. — *D. Voltaire.*

O amor é o aparelho telegrafico em cujo manipulador o pai da moça não pode tocar. — *Ar.*

Gavêta Canhóta

Clemente Guedes, D. Lopes e Murilo Pincaro. — Aguardem oportunidade, isto é, espaço.

Gustavon Koppen, ou melher Balaudo Hôlo Feio. — Você tem sobejas razões de «estar mudo tanada lra uma brete» qui gosdar ti lá Eça ti Guerreiro.

Mas aguarde lugar.

José Fortuna. — Muito lhe agradecemos a oferta do folheto. Mas, o que mais nos doleu a vista foi o rano que dozeouhou com tanta peridia, circundando o retrato do pranteado Benedito Leite.

«A Nuvem», bem trabalhado folheto do Alagoiô, e «Mensageiro», esplendido trabalho literario do Terceiro, assim nos distinguiram, respectivamente:

«Recebemos «O Canhêto», interessante folha literaria e humoristica, bem impressa e redigida, de S. Luiz do Maranhão».

«Chegou de S. Luiz o sr. Arlindo Martins, colaborador do «O Canhêto», e primeiro escriptorio da alfandega da pella capital».

Recebemos do Rio a importante revista «letras e letras», dirigida pela emerita pena da nossa patricia Amélia Bevilacqua.

Traz farta colaboração em proza e verso, onde se vê um soneto do nosso companheiro Arlindo Martins, actualmente em Flores. Gratos, permutamos.

Dirêito.

—♦—♦—♦—

O Canhêto Elegante

Partidas

Por ter de seguir para Cantanhede, deixou-nos as suas despedidas o nosso consocio Miguel Ribeiro, a quem almejamos boa viagem.

—Partem hoje para Sorjipe as distintas professoras normalistas senhoritas Maria da Purpura Torres e Ana Iria Torres.

Acompanha-as seu irmão Alfredo Torres. Boa viagem.

Clube E. Benedito Leite

Vieram à nossa redacção comunicar nos haver sido transfeida a sede de sua promissora sociedade, da rua da Palma, 36, para a da Cruz, 18, os srs. Estro Souza e José Monteiro, respectivamente, secretario e socio do aludido clube, fizesse que penhascos, agradecemos.

As nossas palestras

Consoante a noticia inserta no ultimo numero, realzamos, no lado da sociedade literaria Barão do Rio Branco, domingo, 20 de outubro, as 9 horas da manhã, a palestra de nosso confrade Ito Victor Ribeiro.

4

escrituração da alfândega, que escolheu para tema a *sistemática do amor*.

O conferencista discorreu durante longo tempo, revelando muito conhecimento na matéria.

Um abraço ao João Vitor.
Gonçalves Dias

Em virtude de haver sido adiada, só domingo último se efetuou a festa em comemoração ao aniversário da morte do sublime cantor da raça americana, passando ela, ao contrário do que se esperava, multissimamente desanimada.

Muito pouca gente compareceu, o que é de lamentar, num século tão avançado, em que a poesia tem sido tão bem cultivada.

Enfim... que fazer?

Aniversários

Passou a 6 deste o aniversário natalício do ilustre dr. Aníbal Padua Pereira de Andrade, conceituado e competetíssimo clínico nesta capital, a quem enviamos os nossos mais efusivos e respeitosos parabéns.

Faz anos a 21 do corrente a senhora Vitoria Souza, filha do sr. Fernando Souza, escriva da provedoria de resíduos.

A 22 a senhora Maria Amélia Costa, aplicada e inteligente quarentista da Escola Normal e filha do desembargador João Costa, a quem mandamos os nossos votos de perene felicidade, estendendo-os a toda sua digna família.

A 24 o galante e travesso Nilsino, o encanto e alegria do far bendito do sr. Alfredo Nogueira, ativo e incansável gerente da companhia Aliança e proprietário do Ideal-Cinema. Muitos beijos ao Nilsino e um ridículo porvir.

A 9 de dezembro a senhora Judith Chagas, prozada irmã do sr. Licurgo Chagas, guarda-livros de casa Moreira Junior & C.

A 12 a encantadora e doce Esmeraldina Fortuna, estrançada irmã dos nossos inteligentes companheiros Hilton e Djalma Fortuna.

Muitas e muitas felicitações.

A 15 a senhora Celina Holanda, simpática filha do dr. Tavares de Holanda.

A 17 a menina Zuza Ribeiro, querida irmã do nosso consocio João Vitor.

A 20 a gentil senhora Babá, extremosa filha do sr. coronel Alfredo Nicolau dos Santos, zeloso chefe de seção da nossa aduana.

No mesmo dia transcorrerá o natalício do jovem Ezra Souza, estudioso terceiranista da Escola Normal e secretário do clube estudantil Benedito Leite.

A 22 a senhora Maria Dolores Possada de Holanda, filha do ilustre sr. dr. Tavares de Holanda.

O elixir de Nogueira

Está nesta capital o sr. Francisco Borjes, representante da viuva Silveira & Filho, que nos deu o prazer de sua visita.

Anda fazendo propaganda, em varios lugares, do excelente elixir de Nogueira, fórmula de pharmaceutico-químico João da Silva Silveira, já falecido.

O referido sr. Borjes fez gravar, em diversas paredes das nossas ruas, annuncios daquele maravilhoso remédio, como tambem do vinho erozoatado, do qual está fazendo, igualmente, propaganda, colhendo já esplendidos resultados, pela franca aceitação que vai tendo esse preparado no nosso meio, o que faz elevar ainda mais os credits daquela importante firma de Pelotas.

Gratos á gentileza da vizita.

Joaquim Luz

Ora muito bem! Tambem aqui por eza vamos estar em festa, a 17 do vindouro, com o aniversário do nosso bom Luz.

Se bem que muito moço, Joaquim Luz conta já, entre nós, muitas e sinceras amizades, pelas suas peregrinas qualidades.

Muito inteligente, muito vivo, é o Luz, para nós outros d'O Ganhôto, e para toda a gente que com ele priva, um amigo dedicado, uma alma n'obra, dotos esses que o põem em saliente destaque no nosso meio ganhôto, onde o circolo de suas afeições é bem desenvolvido.

Quem o virai pelas ruas, baixo, magro, passo mudo e apressado, do chapéu da palha a lhe tomar as orelhas, quase, bengalinhando, apertando os olhos para enxergar melhor as coisas e os homems, sempre risonho, não dirá que é um bom qualidades nobrissimas. Mas é um bom.

Sabemos que varios amigos seus lhe preparam significativa manifestação de apreço por tão feliz data. Cá pelo Ganhôto tambem correrá a cerveja, fatalmente.

Ao grande Luz, que, desde o inicio da nossa sociedade, ha prestado relesantissimos serviços á nossa cauza, vão mancheias de parabéns, do envolta com inençãos abraços *crabitos*.

O sr. Alfredo Nogueira tem o grato prazer de ver passar, a 15 do vindouro, a data do seu aniversário natalício e tambem a de sua virtuosa esposa a exma. sra. d. Elvira Nogueira.

Será, pois, um dia de justissimas alegrias para o lar abençoado do sr. Nogueira e para todos aqueles que experimentam a felicidade de privar com tão distinta família.

Juntando a alegria destes ás nossas, enviamos ao sr. Alfredo Nogueira e sua exma. esposa cordiais e sinceros parabéns, extensivos tambem aos demais membros de sua ilustre família.

Fitas

No domingo ultimo o Ideal Cinema passou na tela o magnifico e atraente film *O noivado de Nupete*, que muito agradou aos seus innumeros habitues.

Deu trez sessões á caula.

Terça-feira, em repêse, foi apresentada a mesma peliula, tendo o chile cinema da João Lisboa mais de meia casa, apesar de debitar nesse dia a companhia Cristiano Souza, o que atesta evidentemente a justa fama de que goza o Ideal na nossa S. Luiz.

Em verdade, sem contestação, é o Ideal o cinema mais procurado que possui a capital, o que mais condiz com o gosto do povo.

Quinta-feira vimos—O jornal de Ideia, fita de alta concepção moral, encerrado trabalho artistico de acrobata fabril.

Para a noite de hoje foi proporelma o cinema *signos*. O revendo, que, certamente, alcançará grandes successos.

Está na parate, para amanhã, mais uma joia da cinematografia moderna, que levará muitas embelezas áquela consagrada casa de diversão.

A. C.

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhota

CAPITAL

Telegrafo, 1—Rezolve seguir definitivamente Rio, devido ingratitude. — *Corle*.

Extrada ferro, 2—Amorei "Canhota" desejo casar-me.

Pretendentes dirijam-se Rua Flores—Vale.

Delegacia, 2—Propale evidencia chapéu Poli para renovação número.

Com ele á cabeça, permaneci 5 dias do fronte Correio, voltando prontamente número. — *José*.

Praia Grande, 2—Morreu o Partado, o home mais intuido do município. Quando os cradavis murria, era ele qui fazia os ostrospia e quando os mecos chegava á uchava feito os prognostico. — *Manjo*.

Palace, 2—Brevemente não estreará os Geraklos.

Grande acontecimento! — *Palacense*.

Correio, 9—Houve grande degolação 21. inocentes. Carnificina somente 4 escaparam. — *Praticante*.

Ideal, 9—Homem Faca, quiz matar maestro Esse esse, motivo dezafeição. Maestro prometem corrigir-se. — *Ajeor*.

Gonçalves Dias, 9—Nota mais elegante festa foi sem duvida lato Caldas rapado.

Jezus (adnanero) pequenino estava *ad* à *fait magnifique*.

Dante assistiu discurso atraz eruida Remedios.

Wuppschlander, todo *estapafúrdio*, já molado esperava fim festa *identizando* o cinema.

Voltaire, devido sol, tinha dor cabeça horrível.

Moças quaze não eram vizíveis, infelizmente.

Bondes *algerias*, estupidos, deram nota *fantasmagorica* homenagem.

Oradores entusiasticos assistentes.

D. Raulino comoren poeta.

Zé Melo ia falar, mas, quando chegou momento *plastico* o *teatral*, deu *progo*.

Bastião queria falar sobre indios Caras e foi barrado *india* moreminha que estava *progo*.

Almir pelia santos não mande sem chuva.

Verdadeira não estava, deu *patito* Foot-Ball.

Tetseira improvisou comica *apito* *progo*.

O Curso Primario

Indo na rua 28 de Julho, a 500 por preço modico.

Maquina

Vendo-se uma em perfeito estado, a 200 28 de Julho, n. 58.

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELLO)

ANO 2.º

S. Luiz, 7 de dezembro de 1913

NUM. 33

Odorico Mendes

Até que enfim, depois de muitos anos de repoizo na liberal patria de Shakespeare, aqui estão, por uma nobre iniciativa do benemerito e preclaro governador do Estado, os restos mortais do immortal e excelso tradutor de Homero.

Ainda bem que temos á frente da gestão dos negocios do Estado um patrio eminente, que sabe dar, tanto quanto lhe está na medida das forças, real valor á santa cruzada das letras, a unica que consegue elevar o homem ao ápice da gloria, num periodo, como o atual, todo de entrecocar de paixões e odios politicos.

Os despojos do grande poeta serão inhumados hoje, na praça do seu nome, onde a Oficina dos Novos e a Mulher Maranhense, sempre devotados ás grandes causas, num momento feliz, fizeram erijir, anos atraz, o busto do gloriôso maranhense e inspirado autor do «Hino á tarde».

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», a quem tambem cabe uma pequena parcela das grandes homenagens que hoje se tributam ao inolvidavel vulto maranhense, juntando os seus aos aplauzos do povo, em geral, felicita a terra maranhense, na pessoa do inclito chefe do Estado, pela suprema dita que tem, hoje, de guardar, para sempre, no seu seio, os restos preciozinhos de tão insigne filho.

O meu jardim

(MARIA LUIZA LÔBO)

Verbena

No curto espaço de tempo que tirei para descansar, não julguem as minhas leitorazinhas que me esqueci ou abandonei as mimozas flores infantis de que é tão fértil o nosso querido Maranhão; não, antes muito ao contrario, este lapso de um mez, se tanto, passei angustiado, creiam, por não achar ensejo de contar um bello episodio que se prende com a historia do surgir da florinha de hoje.

—Ah, enfim, ei-lo!

—Mande fazer no centro da área do meu jardim um nove canteiro, pois os que já existem não comportam tanta quantidade de flores.

Pois bem: depois de competentemente tratado, e num tarde dessas que parecem que o céu está como que bordado de rendas doiro e franjado aqui e ali com pastas alvacentas de nuvens, numa tarde de belêza incomparavel, vi passar pelo firmamento uma rainha ou deusa, a julgar pelo cetro aurifero que empunhava e pela corôa resplendente de safira, diamantes e perolas nacaradas que lhe cingia a fronte auroral.

Quando a rainha passou perto do meu jardim, uma rajada mais forte fez cair uma das mais preciozas e magnificas perolas, no novo canteiro.

Que bela estrêa!

—A perola logo por encanto foi se tornando num viçozo pé de Verbena, que logo tomou proporções naturais, dêle nascendo misteriozamente a bela Maria Luiza, o anjo divinal e enlévo do seu querido pái, o illustrado mestre Antonio Lôbo, uma das maiores glorias do Maranhão intellectual de hoje, e carinho de sua estremecida mãe.

Menina de uma simpatia sem par, na suavidade de seu olhar vê-se logo que lhe é destinado o mais ridente futuro.

As suas mãozinhas alvas semelham-se ás da virgem immaculada de Nazareth.

Seus dentes, joias alvissimas de nacar, têm a simetria das coizas certas.

Seus cabellos, que lhe emolduram festivamente o mimôzo rôsto e lhe brincam nos hombros em graciosos caracóis, são loiros e bastos.

Seu todo, enfim, é deveras admiravel e poetico.

*E' linda, meiga, inocente,
Mimôza como a salena,
E flor das mais engraçadas
Esta pequena Verbena!*

Felô.

Dominicais

E' meu dever, como rabiscador destas croniqúetas, escolher as noticias mais palpitantes para transmitir aos leitores.

Ponho uma tira de papel na minha frente e começo a pensar no que deva escrever.

Escrevo umas coizas quase que inintelligiveis. Tomo dum jornal, e procuro noticias. A infeliz sorte! E um *Diario Oficial* da Republica, recheado de decretos do presidente da nação, de expedientes das secretarias de Estado, de um tal *Diario dos Tribunaes*, enfim

de assuntos que absolutamente me não atraem nem interessam. Aquella lista de nomes de deputados e senadores que compareceram ás respectivas casas de congresso, e que está apensa ao *Diario Oficial*, vem aumentar inda mais a minha contrariedade. Salto da cadeira, rasgo a tira e me aposso de outra. Penso comigo mesmo: que assunto abordarei?

Quando estou nestas conjeturas, oiço baterem á porta. Levanto-me e, com certa entoação de respeito na voz, brado á franceza: *Qui frappe à la porte?* Retorque uma voz desconhecida: não é trapo, senhor; é o carteiro que traz correspondencia pra vossunçê.

Então, meio alegre e meio atordado pela incerteza da noticia que me traz o correio, desço, quatro a quatro, as escadas, dou com um carteiro de proeminente barriga, dando-se ares de marquez ou coiza; que o valha, tomo á correspondencia e já não subo a escada quatro a quatro e sim oito a oito, dez a dez, tanto quanto me permitam as forças das gambiús.

De um folego, abro uma, cujo sobrescrito é feito por uma letra que não desconheço, mas que não posso atinar de quem seja pela atrapalhada do momento, como é natural. E o Mundico Baldez que me escreve, contando, dentre muitas coizas inuteis, haver partido o nariz ao saltar de um automovel. Felizmente, sotoposto a essa má noticia, como chave benéfica, vem um *felizmente estou melhor*. Este Mundico tem cada uma... Como está melhor, não lamento a queda.

Deito a missiva para um lado.

Abro outra. Quem me diria que essa era de uma dama da *haute-gomme*...

O que ela continha, porém, é que lhes não digo.

E a mezada... nada.

Abro, enfim, a terceira. E de meu pai. Que alegria! Ah vem a mezada.

Começo a lê-la. Que surpresa desagradavel! A mezada não pôde vir por falta de fundos da casa comercial de origem com a daqui. Como passar sem dinheiro num meio completamente estranho, onde pouca gente me conhece? Valha-me Deus; que mez desgraçado vou passar! O que vale é que me dou bem com o dono da pensão e até mesmo ele me tem dado umas *faradas* que já montam ao total da mezada. Mas, em resumo, não tenho dinheiro para comparecer ao cinema, para ir a uma brincadeira, a uma festa...

Kufim, *minima de nada*. Podia ser peor... ao este mez que passo na *prolacta*. Para o proximo mez, se Deus quiser, terei as duas em conjunto e passarei, então, a larga. Remato com um suspiro longo, luctuoso...

PARNÁZO

Revelação

A...

Tu que tens alma pura a divindade,
Que me fazes cantar em sons imersos
A chama deste amor em que os meus versos
Não são mais do que arrufo de vaidade;

Tu que vives em santa castidade,
Tu que sentes os passos teus dispersos
Em caminhos longínquos, bem diversos,
Desta vida, em tão franca mocidade,

— Não deixes, linda imagem, as minhas
As roças iluzões, que não conheces,
Deste viver punjente, aniquiladas.

— Se eu canto nestas linhas mal traçadas,
E que na vida és tu meu doce encanto.
Permite, branca flor, que te ame tanto!

João Caldas.

“O Canhôtô”

Orgão da sociedade literária
BARÃO DO RIO BRANCO

Literário, humorístico e noticioso
Tiragem 1.000 exemplares
Assinatura anual... 2\$000

Corpo redacional

Djalma Fortuna
Waldemiro Viana
Djalma Vasconcelos
Hilton Fortuna

Toda correspondência deve ser
dirigida a “O Canhôtô”
RUA 28 DE JULHO, N. 53
BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

São esses os múltiplos epizódios da
vida de um estudante.

Notem bem que essa exemplificação
se não entende comigo, pois moro aqui
e aqui tenho família. Fiz isso para não
perder tempo, pois o inglês já diz que
time is money.

Wuppschlander.

Inspirações femininas

A educação

A educação dada pelas mães é a mais
humana de todas.

O homem é a cabeça e a mulher é o
coração da humanidade. Aquele predomina,
é o juízo, o adorno, o consolo, enquanto
esta, perfeitamente boa, com a sua inteli-
gência, parece não obrar, senão por meio
das suas afeições.

E assim, ao mesmo tempo que o homem
cultiva a inteligência, a mulher eleva os
sentimentos que mais lhe determinam o
caráter.

Enquanto ele prepara o espírito, ela
transborda de virtudes.

Ela nos faz amar o que ele nos pode
apenas fazer crer, e é por isso que pôde-
mos chegar à virtude.

Augusto Sáez.

Voai, voai...

Pedaços de minh'alma louca e aflita,
Suspiros de um amor puro e sagrado,
Vosi pela amplidão, deixai banhado
O triste coração na dor maldita.

Correi pelo deserto, bosque e prado,
Ide depois á abobada infinita;
Buscai no espaço azul a luz bendita
Para esta vida de desventurado.

Agora os dias meus, lindos, risonhos,
Passam zombando destes meus desvãos,
Em pranto, em dor, em desventura imersos.

E' que fugiram dos sombrios sonhos
Os negros olhos, cismadores, belos,
Os lindos lábios que cantei em versos!...

D. Voltaire.

Fallecimentos

D. Maria FONSECA MADUREIRA

Trouxe o telegrafo a lamentavel noti-
cia de haver falecido na capital da Re-
publica Portuguesa, no mez passado, vi-
timada de atrozes padecimentos, a dis-
tinta e virtuosa sra. d. Maria FONSECA
Madureira, mãe do nosso companheiro
Nestor Madureira, socio efetivo da nossa
agremiação e auxiliar do commercio.

Ao collega enlutado apresentamos os
nossos mais sentidos pezaes pela sen-
sível perda que acaba de sofrer e que
jamais poderá ser reparada, estenden-
do-os tambem á sua exma. familia e de-
mais parentes de além-mar.

Sabemos haver succumbido na villa de
Machão, a 16 do passado, a sr.^a d. Iza-
bel Cunha, que servia naquella villa, com
proficiencia no cargo de agente dos cor-
reios.

Aos parentes da extinta e seus demais
amigos apresentamos nossas condolen-
cias.

Pastores

Aproxima-se o Natal.

Gratas e saudáveis recordações conservo
ainda das festas dos pastores. Desde o pri-
meiro ensaio até o ultimo dia da festa, era
eu um assistente infalível.

Nos dois primeiros annos, o grupo de pas-
tores era composto de innocentes e belas
crianças; do terceiro em diante eram es-
tas substituidas por gentis meninas e mesmo
por senhoritas da mais fina sociedade da
localidade. Foi justamente no terceiro anno
que deixei de comparecer nos ensaios, de-
bido a que não sabia qual a principal
pastora que tomariam parte na festa.

Foi então na representação do Natal que
compareci.

A principio nenhuma das novas pastoras
me chamou a attenção. Momentos depois,

O teu retrato

A uma criança

Este soneto, divinal criança,
Em suas rimas, curtas, sem valor,
Não canta o deus Cupido, o deus do amor,
Mas celebra contente uma lembrança.

Me deste o teu retrato: e é, linda flor,
Da minha vida a bemaventurança,
Nêlo vejo o negrôr da tua trança,
Nos seus lábios risonhos, vejo o alôr.

Te agradeço curvado esta oferenda,
Que contém o teu busto immaculado,
Firme, gentil, esculpado em renda...

Nêlo contemplo o teu rejinho pórtico,
Pois um retrato assim tão delicado
Hei de guardar comigo até a morte!...

H. Ferrári.

porem, toda a assistencia, num sorriso alacre,
voltava a vista para a porta de entrada:
era o Guia que apparecia. E então notei que,
dentre todas, era esta a mais bella, mais en-
cantadora, mais jovial.

Admirando seus encantos juvenis de uma
futura mulher bonita e comparando o seu
gracioso e elegante pórtico com suas compa-
nheiras, considero-a a mais bella de todas.

E logo senti meu coração pulsar com
mais ardor, com uma tal anormalidade,
que cheguei a considerar um sonho a apa-
rição de tão encantadora menina.

Sim, sonhava, porque desde aquelle mo-
mento não via outra pessoa, não sentia ou-
tro dezoito senão o de conquista-la.

Quando acordei desse letargo, foi ao ma-
viozoo som da orquestra, que dava princi-
pio ao baile, com a valsa “Luar de Luer-
no” (muito minha apreciada).

Ao despertar, o meu primeiro movimen-
to foi procura-la. Com facilidade encontrei-a
sempre jovial, valsando com garrido de
par com um amigo.

E então, acobalhado a um canto, admi-
rava a felicidade do seu par, felicidade es-
ta que devia ser dada unica e exclusiva-
mente a mim, porque era eu quem a amava.

Que fazer, porém, se não dançava? So-
frer resignado a desventura de que era eu
o unico culpado?

Ao terminar o baile, saia louco de amor,
com as mãos gelidas, o coração oprimido, a-
brazado pela inveja e, com um attribulo-
são, deixava-me sem poder conciliar o sono,
até que no dia seguinte, quando recommen-
çava o insano trabalho quotidiano, pensando
sempre na sua bella imagem, que me persegua
com tanta crueldade.

E assim succedeu durante tres annos, o que
sempre era para mim de grande martirio a
época do Natal.

Hoje, porém, que jamais poderei possuir-
la, posso tambem gozar a tradicional festa
do papa Noel com a mesma satisfação que
ela gozava quando eu soffria.

Puras iluzões! Puras iluzões!

Jovira

Os progressos da ciência

A transmissão de desenhos e fotografias pelo telegrafo sem fio.

«A transmissão radio-telegráfica de fotografias e desenhos não é mais um peizado sonho; milhares de fotografias e de desenhos têm sido trocados entre Paris e Londres, Berlim e Paris, Monte Carlo e outras estações de radio-telegrafia e a publicação de «clichés» nos grandes jornais ilustrados, ativamente não em uzo, tornou-se consideravelmente mais fácil e mais rápida do que no tempo em que as pinturas e desenhos só podiam ser transmitidos á distancia pelo correio.

Além do problema importante da telegrafia, vixão que, se baseado no mesmo principio da foto telegrafia, seria bem viavel se não fosse o grande dispendio de somas fabulosas que requer, estamos agora atraídos para o deslumbrante problema da transmissão dos desenhos e fotografias pelas ondas arcebianas.

Digam-nos:

Não seria mais interessante se a bordo de um transatlantico, além do radiograma que mantém o navio em comunicação directa com a terra, por meio de palavras, nós encontrássemos também no jornal oceanico «clichés» referentes aos mais recentes e sensacionais acontecimentos dos diversos paises que constituem o mundo?

Pois bem: já se pôde transmitir de bordo de um transatlantico para terra a nossa firtua absolutamente garantida, reclamada para um negocio qualquer, bem assim transmitir retratos, sendo essa ultima transmissão utilissima na pesquisa de criminosos que queiram escapar á ação da policia.

Sociedade literaria

"Barão do Rio Branco"

A esta sociedade literaria, fundada em 18 de agosto deste ano, pertencem, como socios, os seguintes senhores: Djalma Fortuna, Hilton Fortuna, José Seabra, José Vinnai, Manoel Lisboa, Agenor Santos, José Neves, Waldemiro Viana, Djalma Vasconcelos, Nereu Chaves, João Ribeiro, Silvio Souza, Arlindo Martins, João Guimarães, Alcide Costa, Nestor Madureira, Joaquim Luz, Clóvis Castro, João Caldas, Miguel Ribeiro, Marcos Rios, José Holanda, Baltazar Mendes, Almir Cruz, Raimundo Matos, Hilton Perdigão, Ethelbert Vale, Herminio Rangel e José Bordalo.

Como socios efetivos, as seguintes senhoras: Maria Carolina Botelho de Andrade, Cezalina N. Botelho de Andrade, Odila de Araújo Nogueira e Elzinda Souza.

Hoje, ás 9 horas da manhã, haverá, na sala dessa agremiação, uma sessão oratoria.

As 11 horas, reunem-se os membros do «Conselho Julgador» para a apuração da eleição para presidente e vice-presidente do proximo anno.

§ §

Num desses estabelecimentos de instrução, em que se realizam festas escolares, no termino de cada anno, cujo nome não é de necessidade de fazer men-

ção, por isso que, de um só *coup d'œil*, ficará inteiramente conhecido, assisti ao desempenho de uma missão que me causou especie.

Esta minha narrativa virá, certamente, dar ás gentis leitoras uma impressão que, estou certo, não será, dentre as demais, dessas que causam verdadeiro enfado, por se tratar de fatos em que se encontram sempre alguns pontos enigmaticos.

Mas, isso de se não revelar, aqui, qual o estabelecimento em que se deu o fato a que me estou referindo, é natural e não vem ao caso.

É a razão dessa naturalidade é porque não pretendo conquistar a antipatia das suas autoras.

Deixemos, porém, de parte essas ponderações, que, em conclusão, não são de nenhum efeito para a causa das minhas impressões, e passemos ao assunto primordial.

Naquele estabelecimento, tive ocasião de ouvir, em dois ou tres discursos, a demaziadamente arcaica e *celebrissima* expressão neste momento *solene*.

Muitas vezes, como no caso actual, estamos a ouvir uma peça oratória, em cujo encandeamento de frases domina a fantasia, essa alma divina da oração, quando, por uma irrefletida expressão daquelas, somos forçados a abandonar, quase por completo, a impressão agradável que nos deixara o trabalho.

Pela oratória é que se conhece, muitas vezes, depois da escrita de imprensa, a escala de intelligencia ou de preparo em que se deve colocar este ou aquele individuo.

Não me refiro, aqui, aos oradores que não são mais do que os aparelhos de reprodução de ideias de outrem.

Ora, é pela oratoria ou pela escrita de imprensa que podemos saber, mais ou menos, a que grau sobe a intelligencia ou a cultura de espirito de um individuo: se a sua peça merece ou não ser criticada, o que raras vezes acontece; e se, finalmente o orador seguiu aquelas ideias cinjadas por José Alves de Castilho e Lirio Ferdinand, nas suas micelaneas de discursos, que para nada servem.

A julgar pelos trabalhos que se fizeram ouvir na festa escolar, parece que os seus autores não se quizeram, totalmente, afastar do modelo apresentado por aqueles tribunos, que, em era assaz avançada, poderiam ter ganho terreno na senda literaria.

Neste seculo de luz, devemos, entretanto, procurar todos os meios de afastar dos nossos espiritos expressões como essa, que só podem servir para assinalar a nossa posição estavel.

Deixemos, pois, o arcaismo.

Abílio Pimentel.

INSPIRAÇÕES MASCULINAS

O homem, a meu ver, é um pobre e pacifico muro de pedra e cal que é atacado pela mulher, que assim representa a berra e a sogra a litrica...

Biloutra.

Nada é mais poetico que a viagem de S. Luis a Terceira num vapor *cosmético*, nascer como a que lra o lama...

Z. R. D.

Se a mulher é um aparelho Morse, está compreendido que o pai dela e a filha simples e a sogra é... o pararraio...

Ac.

O coração é um Caixa Geral onde es-rituro os dividendos do amor com os «pharóis» dos olhos da pessoa amada em transação com a projetada «caridade» matrimonial, mas que, se por um descuido não mencione uma simples partida, não é possível fechar a escrita.

J. Ribeiro.

Em uma barretada bem feita ficam prezas milhares de pequenas deslumbradas.

Landi.

E' incrível!

Desde que nos entregámos ás lides literarias, quer na imprensa, quer na oratoria, ainda não tivemos ocasião de registar fatos como o que ora observamos (a não ser o do Lilo Amoris e o do Crizostomo De Souza).

Trata-se de um artigo que publicamos neste jornal, na edição de 12 de outubro ultimo, dedicado á celebre data que nesse dia transcorreu, e que foi incrivelmente plagiado pelo «O Lazo», que saiu á publicidade em Pau d'Alho, Estado de Pernambuco.

Causou, deryças, verdadeiro espanto tal maneira de proceder, neste seculo de luz e de progresso, em que estamos, quando a pena, por mais fraca e irreverível que seja, do aprendiz de escola, discorre sem nenhuma dificuldade sobre o papel!

O nosso artigo, como poderão verificar os curiosos que se dignarem de conhece-lo, posto em confronto com o do nosso colega, foi quase *ipsis verbis et literis* para ali transplantado.

E basta de comentos!...

Gavêta Canhota

Imprensa em festa

O PROCESSO. Comemorou o seu quinto aniversario, com uma edição luxuosa de seis paginas, repletas de prosa e verso.

Eugenio de Castro deu-nos uma valioza joia em verso bem elaborado.

O POSTAL. O numero deste garrido colégua, comemorativo ao seu terceiro aniversario, está bem apreciavel e chistoso.

O JAGUARIPE. Completou o seu quarto anno de luta este bem dirigido colega da cidade do mesmo nome.

A ESTRELA. Antonieta Clotilde, talentosa directora desta galante revista cearense, deu-nos uma rica edição repleta da mais bem burilada colaboração.

CORRÊO DO COCO. Festejou o seu primeiro aniversario este colega, que obedece á sã direção do major Alcibides Silva.

Recebemos:

«O Defensor», de Santa Rita do Rio Preto; «A Alvorada», de Pelotas; «O Cosmopolita», da Capital Federal e «A Renascença», desta capital.

Gratos pela vixita.

F. Frota, Bibliotecario do Clube dos Democratas em Sobral (Ceará).—De muito boa vontade «avaliaremos» o nome «O Canhoto».

Red. d'A Sôrta (Santo Amaro)—A edição com que comemorou o 5.º aniversário da apreciável «A Sineta», que badalando nos veio às mãos, trazendo uma colaboração farta e bem cuidada, é digna de um abraço canhêto.

A «Revista Tipográfica»

Deslumbrou-nos de veras a estética e zelo empregados pelos diretores dessa revista, que já conta sete anos de vida, na confecção da sua última edição, a qual traz o retrato do rutilante *conteur* dos *Municípios*. Além de um trabalho gráfico irrepreensível, contém o referido número uma colaboração de penas de real mérito.

Dante.

O caranguejo nada?

Éis a grande questão que muito tem preocupado os cientistas dos séculos das luzes. Depois de muito estudarem esse moroso problema, coube a coroa de glória ao illustíssimo naturalista norte brasileiro Dr. Ormedlaw Anaiv, que, tendo feito um estudo minucioso na musculatura do caranguejo, bateu o *record* de todas as descobertas até hoje operadas.

«O caranguejo», diz ele, esse inseto marinho, é, de todos os seus patricios, o que teve a propriedade de nadar mais, não só pela grande quantidade de sangue que possui, como também por ter as fôssas nazais muito grandes, facilitando, assim, uma respiração forte e constante.

Para isso, isto é, para a natação, tem duas espécies de aas um pouco longas e curtas, logo abaixo dos pulmões e a dois centímetros do fígado, em comunicação direta com o umbigo, de onde recebe a força necessária.

Acrescenta ainda esse universal doutor «que os caranguejos nadam mais quando estão sofrendo de cólicas ou de outras moléstias nervosas».

O mundo das ciências vai pois, como se vê, progredindo assustadoramente. A descoberta desse tão inteligente e necessário doutor veio preencher uma lacuna tão profunda que só um caranguejo nadando pôde compreender.

Resta dar parabéns ao hidrodinâmico naturalista, almejando tire bom proveito de sua bela e vantajosa descoberta.

H. Pergão.

O Canhêto Elegante

A Associação Belarmino de Matos

Fomos honrados com um convite para assistir à sessão inaugural desta prestável associação mutua, organizada criteriosamente pela honrada classe gráfica do berço do mortal exemplo do trabalho cujo nome é o da mesma associação.

Mil votos fazemos, pois, pela prosperidade de tão útil agremiação.

O Colejo do Sagrado Coração de Maria

Em 23 do mez passado, este abalizado e acreditado estabelecimento de instrução, dirigido pelas proventas educadoras, irmãs Nina Roza, fez a entrega dos diplomas às alunas que terminaram o curso. Orou, pela

tarma, Rejoux Carvalho, que proferiu brilhante alocução, descompondo, assim, a missão tão acertadamente confiada ao seu fulgurante talento.

D. Francisco

Em 26, voltou de sua excursão ao antigo continente o virtuoso D. Francisco de Paula e Silva, pastor da nossa igreja.

Foi realmente com indizível júbilo que o povo maranhense acolheu a notícia da sua chegada, pois vê no digno sacerdote o verdadeiro exemplo do dever sintetizado em seu talento aurifulente.

Colejo de Nossa Senhora da Vitória

Da exma. sra. d. Leontina da Cunha Melo, competente Directora desta casa de ensino moderno, recebemos um amável cartão de convite para assistir à festa do encerramento das aulas daquele conceituado estabelecimento colejal.

Por motivo de força maior, «O Canhêto» não se fez representar, pelo que pede à sua digna directora desculpas e ao mesmo tempo mui reverentemente agradece a gentileza do convite.

Almirante Belfort Vieira

Embora demaziadamente tarde, «O Canhêto» vem mostrar-se penalizado, avar temetizando o empecilho que o obsteu de aquiescer ao convite que lhe foi feito pessoalmente por uma illustre comissão da conceituada União Militar da Guarda Nacional, composta dos illustres srs. coroneis dr. Eulálio Chaves e Antonio Guimarães Camara e capitão Augusto O. de Moraes Guimarães, para assistir às exequias que aquela digna e útil corporação mandou celebrar na igreja da Conceição por alma do inolvidável brasileiro cujo nome epigrafa estas linhas.

Camélias e magnólias

Festejou o seu aniversário natalício, a 19 do passado, a gentil senhorita Maria José Champoudry, que viu passar essa data entre o contentamento dos que lhe estimam.

O nosso colega Silvio Souza, desenhista da estrada de ferro de S. Luiz à Caxias, nessa mesma data contratou casamento com a simpática aniversariante.

O «Canhêto» felicita-os.

Passou o seu natal, em 27 do mesmo mez, o nosso amigo Astor Nina de Carvalho, que, com rara proficiência e dedicado zelo, exerce competentemente o cargo de sub-director da seção de obras da Imprensa Oficial.

«O Canhêto» efuzivamente felicita o.

Ainda no mesmo mez, a 30, aniversariou-se a senhorita Eletiza Alves, nossa digna leitora e apreciadora.

Estre a alegria de suas inúmeras amiguinhas e o contentamento dos que a apreciam, verá passar, a 11 do corrente, o seu aniversário a simpática e amável senhorita D. quinha Azevedo, prima do nosso companheiro Waldemiro Viana.

E' verdadeiramente um dia de júbilo para O «Canhêto», pois vê na gentil aniversariante uma apreciadora distinta e uma leitora desvelada.

E' esperado pelo «Olinda», a 11, do Rio de Janeiro, o talentoso quintanista de me-

diçua e hábil telegrafista do 3.º classe nosso amigo Jenatas Bonfim.

«O Canhêto» ancia pela sua chegada, para dar-lhe um abraço de sincera amizade canhêta.

Ideal Cinema

«A mulher tigre», de quarta feira, desviou o nosso espirito, já obcecado pelo encanto nordisquino, da idolatria porosa aos *films* da invejável «Nordisk».

A graça, o encanto e a garridice de Rita Sacchetto n'«A dançarina», exibida domingo, quinta, o que se repetirá hoje na *matinée*, nos quiz fazer esquecer a bela Elba Thompson, muito embora repercutam nos ouvidos dos frequentadores do Ideal cinema, o quase imperceptível eco da próxima aparição de Elba, o suprasumo da beleza e da graça, na monumental fita «Atlantis».

«Atlantis» é um verdadeiro monumento. E' o célebre romance do grande poeta e escritor alemão Gerhardt Hauptmann, que a rainha das fabricas cinematográficas escolheu para, com a sua inigualável perícia, editar em uma fita deslumbrante.

Para a «Nordisk» obter a devida autorização do grande filósofo alemão, sujeitou-se às suas exigências: — «pagar um honorário de autor de 20.000 marcos — cerca de 150.000; contratar artistas especiais, indicados pelo autor e submeter ao autor a aprovação da adaptação cinematográfica.» E, assim foi, escolheu a reputada atriz Orloff o o artista sem braços, Untham, para principais papeis na obra de arte que em breve nos dará o proprietário do Ideal.

Pelo esforçado dono deste *mignon* cinema, nos foi oferecido um luxuoso album que contém os principais quadros do belo trabalho. Deslumbrou-nos de veras o gosto e a nitidez das suas fotografias. Veremos nesta joia cinematográfica o artista sem braços como datilógrafo, atirador e tudo mais que se pode imaginar de semi-impossível; em pleno oceano, o tranzatlântico «Roland» sereno, orgulhoso, cortando as revoltas ondas. E a sugestividade do quadro que nos mostra o brado de «Salve-se quem puder» é verdadeiramente empolgante; enfim, no folhear do rico album mais desejo sentimos pela chegada do dia da exhibição do lavor «Atlantis».

O Ideal tem exibido estes últimos dias fitas lindíssimas. Pena tenho de não ser o nosso jornalzinho diário, para poder seguir o movimento de tão belas joias, sem deixar contudo que uma outra nos venha despertar daquele letargo que nos deixam as fitas que se vêem na tela do Ideal.

Hoje veremos 1270 quadros em paisagens deslumbrantes; as nordisquinas, numa película de 8 partes com 4.000 metros, denominada «A filha do faroleiro».

Na marcha em que vamos, teremos, creio, de muito breve morar no cinema.

O tricentenário da fundação do Maranhão

Do illustre presidente da sociedade Festa Popular do Trabalho, capitão Domingos de Castro Perdigão, recebemos um lindo album illustrado, contendo nitidas fotografias das nossas praças e estabelecimentos publicos. Enriquecem o referido luxuoso album o mapa da ilha do Maranhão e a planta da cidade de S. Luiz, esplendidos trabalhos do dr. Justo Jansen.

Gratos pela gentileza da oferta.

D. F.

Parágrafos

Natal!

Que dia de tamanha ilusão...

Que manhã doce é a de vinte cinco de dezembro, quando desponta o sol, com os seus sanguíneos raios de luz, numa alegria doudeante, num sentimentalismo de paixões.

Até mesmo nas flores se nota a memorizadora desse dia que anuncia o nascimento do menino Deus.

O coração do homem, assim como o da mulher, sente-se preñado de contentamento, e uma indizível satisfação transborda das nossas almas, — é uma inexplicável loucura, uma felicidade sem igual!

Que alegria e que prazer intenso todos nós experimentamos!

Vem a tarde, linda como nunca...

Que faixa luminosa se desprende da flamejante luz do sol!

Mas... que motiva tudo isso?

Nem eu mesmo saberia dizer, — se quizesse fazê-lo, — como é que o homem, cujo espírito não se deixa levar tão facilmente pelo que lhe impressionam os órgãos visuais, pode tornar-se ilimitadamente expansivo, extraordinariamente feliz.

Esquece-se, por completo, o passado, não se pensa no futuro, porque ele, nesse momento, não existe.

Trata-se, apenas, do presente, que é a noia primordial do nosso inflado delírio de santas ilusões.

Vem a noite, plenamente despida das trevas, cobrindo a cidade inteira, com o seu extenso lençol de luz, alvo como as águas de um rio de neve.

E um belo panorama que se desvenda ante os nossos olhos.

Preparam-se todos para o natal.

Ninguém dorme; passeia-se, canta-se, ouve-se música, há também quem se entregue à dança, e tudo sorri sob um céu cristalino e puro de uma noite de luar, extremamente poética.

Ali, à esquina, há quem cantarole,

acompanhado pelo mavioz som de um violão, que desdobra, em surdina, as suas harmoniosas notas musicais.

— Quem é?

— É uma santa, alguém responde.

Aproximemo-nos, quero ouvi-la cantar.

Ninguém a escuta, faz-se completo silêncio.

Momentos depois é interrompida a calma, a santa continua, e, com um olhar sereno, desabrochando um sorriso em

flor, dos seus formosos lábios, prende a nossa atenção com estes versos:

«O virgem que passas ao sol poente,
Pelas estradas ermas a cantar!
Eu quero ouvir uma cingão ardente
Que me transporte ao meu perdido lar!»

A lua não tarda esconder-se ali, entre as árvores, que jazem quietas, imóveis, enquanto uma leve e quase imperceptível brisa perpassa, promovendo um delicado ciclar de folhéis.

Segue-se a jornada, porque já vem perto a manhã e vem vagas de ouro a rubra luz da aurora!

Saudosa noite de ilusões!

Até o namorado, num feliz momento, num clima de amores, cumula de bijos, divinamente lubricos, positivamente humanos, numa alicia cruel de paixões, inteiramente unidos, numa sensação de delírio, num aconchego maldito, as faces rosadas e assassinas da sua amada, de cujos lábios, completamente colados, num freio doce, numa alegria santa de gozos, todo o seu ódio efêmero se desprende.

E que, nessa alegria santa de gozos, em recompensa de arrufos, tudo se desfaz, motivado, apenas, pela impressão suave e serena que lhes fornece o natal.

E eu guardo inteiro e sagrado o silêncio de tudo o que se passa nesse dia de quiméras, enquanto a minha alma se desdobra num branco sudário de luz e de fantasia, mas numa fantasia que nada mais é do que um sonho.

Acordo, finalmente, chorando o passado; transporto-me à solidão de uma noite de trevas.

«E que a saudade, essa visão dolente,
Noiva dos sonhos da cruel ausência,
Vem-me nessa hora de impressão divina
Lançar minha alma na fatal demência!»

Abílio Pimentel

O meu jardim

As minhas queridas flores

(Conto)

Hoje que todos comemoram o natal de Cristo ao som do pandeiros e comendo castanhas é que vos quero reunir perto de mim, amigavelmente, para vos contar, não uma história das que quando eu era pequeno, do tamanho de vocês, sempre minha avózinha me contava, tão inverosímeis que me impressionavam tamanho a ponto de eu não poder pregar as postais, mas uma historietta verídica e interessante.

Quando estiverem com sono digam:

— Há bem dois anos, o velho papai mandou-me passear na América do Norte, ou-

de passei três soberbos meses em férias, tomando alguns passeios diretos para o velho atlântico para o velho mundo.

Saí em Portugal, terra dos Mané e Neblina, e hospedei-me na fazenda Angolima, de propriedade de meu tio, passando ali um ano, três meses, duas horas, 4 minutos e 57 segundos.

— Naquela época eu era valente como os mil de nonos e a minha fama já tinha chegado até aos ouvidos das feras e feras, que viviam, e matinhos, alarmados temendo se encontrarem comigo.

— Mal ouviam dos pronunciados o meu nome (eu me chamava Mirau), saíam a correr como Lucifer em frente de uma cruz.

— Uma ocasião andei passeando a tarde inteira e a noite, reinou surpreender em plena floresta.

— Cansado de andar, dei-me na relva e pousei a cabeça em cima de um sapo curruco, o qual, com medo de mim ficou muito quietinho.

— Às horas tantas, senti aproximar-se, silvando medonhamente e chocalhando estabada, uma casavel medonha, que, se não estou enganado, media 32 metros de comprimento e 14 de diâmetro.

— A bicha passou perto de mim e, de certo, eu já não vivia mais, se de um salto eu não a agredisse com um formidável murro nas ventas e não lhe segurasse pelo pescoço...

— Soli a preensão dos meus dentes, a cobra deixou sair um ruído queixume como a querer se desculpar.

— Então eu lhe perguntei com severidade: «Sabes quem faz matar, sua dez-avergonhada?»

— Um signal negativo foi a resposta.

— Pois olha disse eu, quem te fala agora e te vai matar, miserável, é Mirau!

— A coitada, ao ouvir meu nome, ficou hirta de pavor, e bogalhou os olhos, escancarou os dentes, esticou-se, deu uma vertigem e, suando frio por todo o corpo, entregou a alma ao... diabo...

— Mal havia terminado desta façanha, quando vim um monstruoso leão do fauces abertas a me querer fazer de «Bôlo de Natal»; mas eu, como não sou manteiga pra fofinho de cachorro, pronunciei o meu nome e o bicho mal tinha acabado de ouvi-lo fez meia volta à direita e deu às de Vila Diogo, espavorido.

Eu voltei para casa satisfeito, e ao pé do prezepto, com uns amigos, comecei a devorar a ceia com imenso apetite, comemorando, assim, a noite do natal.

Feljo

Um natal...

(A uma flor)

Foi por uma dessas noites de farto luar.

Saimos de casa, eu e um colega. Dirijimo-nos à Avenida Maranhense.

O vento sibilara brandamente por eu-

PARNÁZO

ODIO

—Val-te mulher pra longe do meu alma,
Vai-te calada embora para o inferno,
Que já não posso amar pra sempre, eterno,
Sofrendo nesta vida agreste incalme!

—Leva o resaca em ventos do galerno,
Faz das tuas beijas um ardor a palma,
Deixa-me assim gozar a vida calma,
Rir-me mais do teu vil casório!

—Val-te! Mais uma vez te peço agora,
Que já não posso mais te suportar,
Não posso mais te ver nem mais hora,
Nas frouxas espiras do meu cigarro!

—E agora pra mim, menos que esgarro,
Não quero mais te ver, nem mais uma estar,
Nas frouxas espiras do meu cigarro!

H. Ferrari.

SORRISO

Por requeijo, versatil, rápido,
Ternos olhares que traduzem amores,
Tem no rosto o divino, formoso
A cor mais bela, que abrilanta as cores!

Quando me tira, quando o olhar desce,
Volta nos meus olhos que lhe mostram flores,
Passa-lhe os lábios um sorriso piado,
Quei goza brava que orvalhou mil flores!

Negros cabelos que lhe rodam ao peito,
Ornando a tez amarelada e fina,
Dão graça e encanto nessa flor divina!

E eu que a adoro, que por seu respeito
Vivo tristonho a respirar de dor,
Se mais a vejo, mais lhe tenho amor!

D. Voltare.

Só pôde ser a ti

No meu enorme livro da existência
Não vejo mais só falta de alegria,
Se não de duvida e sem elemento,
que apresenta um livro, rein malia.

Foi feito, creio, com maleficiência,
pois Deu, o onipotente Deus não via
que, preso nele tanta miséria,
tem posto em outros san, alegre orla.

Mas vivo... consolado e representado,
Não maldigo o mon fado destituido,
e vivo mais em meus sem rasquias,

pois há de amanhoeir a nova vida,
em qual amanhoeir se me topa,
para eu sugar o néctar dos tons latidos.

M. L.

tre os acovados. A delicadeza da briza
carava-se deliciosamente com a harmo-
nia sublime da luz benfazeja do luar.

A lua se espreguiçava por sob um céu
de cobalto, onde estrelas bellissimas cin-
tilavam pallidamente.

O silencio da noite era cortado, de
quando em vez, pelo badalar moutono
do relógio da vetusta Catedral, ecoando
longinquamente, perdendo-se no vacuo.

A noite corria placidamente. Na ave-
nida, despida de tranzeantes, somente
alguns moradores passavam, ora con-
templando a limpidez do luar, ora admi-
rando, da balaustrada que olha pram-
pa de Palacio, o ruir bravo do mar, a
se esbater no porto.

Sentimo-nos em banco, um já, carco-
mido pelo rigor da idade.

Falavamos de amor, de poesia, de
arte, embalados pela suavidade da ara-
jem que reinava naquêto ambiente de
luz e tristeza, naquela atmosfera de
prata...

Vinha-nos uma como lembrança de
coizas que se não passaram. Natural...

8 horas da noite. Resolvemos dar um
passo pelas ruas da cidade, sob o fres-
cor de um luar lindo com nunca vi
igual.

Caminhavam a passos lentos. Subi-
mos a rua da Paz, em direção a praça
Gonçalves Dias.

Um silencio inquebrantavel envolvia
a praça. A estatua do nosso lirico per-
manecia serena como sempre, olhando
compadecidamente para o mar, como a
sorrir eterno e desdenhosamente do po-
der das vagas procelozas. As palmei-
ras davam a praça um tom de leve e
branda tristeza...

Tudo nos sensibilizava o coração, na
vaga recordação de um passado que se
foi para nunca mais voltar...

—Vamos pra casa? disse ao compa-
nheiro.

—O! tão cedo assim e já te queres
reculhar? retorquiu-me ele.

—Então, que fazes?

—Vamos vagar pelas ruas.

—Já que queres, separa a tua volun-
tade.

Voltoamos pela rua dos Remedios e
abrimos a rua Grande.

Um pouco adiante o companheiro
bateu-me no braço:

—Que é aquilo? Bate?

Olhei para onde ele apontava. Uma
cara toda iluminada a gazolina, por on-
de se espalhava festiva alegria.

Lembrei-me, então, que era o dia de
dezembro.

—Ora veja como andamos nós que
nem mais nos lembramos do dia de
Natal!

Logo, um desejo incontido de entrar
e ver o que se passava lá dentro nos
tothou os passos.

—Vamos entrar? disse-me ele.

Como, se não são damas com a fami-
lia? Alem disso, que valem nós, po-
bres estudantes dezludidos da vida? En-
fim, tentemos.

Batemos a porta. Elegante senhora,
tão gentil quam delicada, mandou que
entrassemos.

Um terno quarteto de cordas fazia as
delicias dos pastores.

Ao fundo da varanda, o prezepto pe-
queno, mas carinhosamente trabalha-
do, Jesus, meigo e humilde, poizava
em seu leito, como seu olhar de pie-
dade para esta humanidade infeliz e so-
fredora...

Começara a representação dos pas-
tores.

O guia, uma linda e amavel oriança,
dizia, com timbre de voz suave e senti-
mental, estes versos:

«Eu amo a rola gemedora e terna,
Em noite clara quando vai em meio;
Amo os triguis, os auribus da mata,
O campo agreste de perfumes cheios».

Corria assim a representação, aos
sons vibrantes das palmas e os aplauzos
dos assistentes.

O quarteto executava com arrebat-
adora delicadeza de sentimento trechos
ora alegres e saltitantes, e ora soluça-
ntes e ternos... Que harmonia sublime!

Mas tarde vinham os galegos, dois
garrulos e travessos anjos, cantando:

«Se me pizes, como
Não seguirás a jornada;
Se tuas pranchas persigo,
E que tomam a estrada».

Mais palmas rebouaram ainda após a
cena dos galegos.

Tudo era gaudio, tudo contentamen-
to. Eu, que um pouco feliz fizera entrar
naquella festinha tão boa, já compa-
nhava também da alegria dos seus pro-
motores. E mais ainda, foi por todos ali
reunidos, num coro unanime de satis-
ficação, festejando, como rodava crista-
dade, a data do nascimento do Rei da
Galilea.

Acabada a representação improvisa-
da, uma brincadeira dançante muito
siniela, mas também muito boa.

O guia, pelos braços de um elegante
rapaz, valtava, valtava, num prazer ce-
lestial, infundo...

Gargalhadas injenunas de crianças,
sorrizos castos de moças, tudo se jun-
tava numa graça harmoniosa.

Todos estes quadros passavam pela
minha vista como um sonho lento,
lucido e amoro.

Dai a minutos fui despertado des-
estado de apatia pelo companheiro
que me convidava a seguir porque
era muito tarde.

Saimos. Separámo-nos.

Inda hoje guardo na retina essa do-
toza noite em que, pela primeira vez,
amei a vida.

Wuppachlander.

Djalma Fortuna

O nosso dedicado e companheiro de tra-
balho, Djalma Fortuna, foi, a 20 do corrente,
quando passava pela rua Grande, alvo de
uma agressão de abraços, por ter sido apro-
vado no exame de aparelho Morse, a que
se submeteu na estação telegraphica desta
Capital.

Essa espontanea demonstração de apre-
ço se fez reproduzir na sede da nossa so-
ciedade, partida dos seus amigos, vultu-
mais uma vez, atestar o alto grau de es-
tima em que é tido.

A Djalma Fortuna mandamos as nossas
felicitações, extensivas a sua digna familia.

NATAL

Palavra santa, que, ao pronun-
ciá-la, enchia uns corações de imenso júbilo
e outros de imenso pesar.

Quanto, ao aproximar-se este dia,
fazem planos sobre planos, projetos
e mais projetos.

Uma alegria doida invade as
almas destes, que não pensam, so-
quer, nas ilusões desta vida.

E faz-nos bem. Vivem felizes.
Hoje para eles, é uma alegria.

Reunem-se toda a família e enfeitam
se um galho de arvore, com primas e
objetos riquíssimos, que serão depois
sorteados e ao qual dão o nome de
"Árvore de Natal".

Danças, divertem-se, enquanto
os criados abrem garrafas de finos
licores e fazem estourar *champagne*
por todos os cantos.

Nada falta. Ai se encontra tudo o
que há de melhor e mais rico. Não
se olha a despeza.

Tudo isto está muito bem.
Quem, porque podem.

Mas, quando o pensamento a pas-
sar para a fora, é não impossível
de crer a infelicidade e desgraça
de muitos.

E doloroso, é triste, ver estes en-
cafiados num jizido cardalho onde
mal pode entrar a luz. Interrogam-
se com o olhar e vão saboreando,
com uma sofreguidão indescritível
um bocadinho de pão intragável, que
faz companhia a um camarão seco.
Eis o natal destes desgraçados.

Faz precisamente hoje um ano,
que presenciei uma cena, que é qua-
se o que me obriga a escrever esta
dolorosa relação de palavras.

Uma pobre mulher, coberta de
trapos, carregando uma criança e
segurando outra pela mão, pedia es-
mola, de porta em porta, debaixo
duma chuva torrencial.

Uma alma generosa a quem ela
tinha implorado caridade, deu-lhe
os restos dum doce qualquer.

O, que felicidade! Que alegria!
Nunca tinha visto daquilo.

Não sabia se havia de comer ou
guardar.

As crianças choravam; ela desfa-
zia-se em agradecimentos.

Enfim, era um tozoiro.

E o mequenho, o mísero bocadinho
de doce, foi o natal daquele grupo.

A pobre mulher chorava de alegria,
agradecendo a Deus o tão feliz na-
tal que passava.

Verdureira.

Sociedade Literaria BARÃO DO
RIO BRANCO.

O Conselho Julgador, em sessão
de 21 de novembro, teve a honra de eleger
para presidente, e vice-presidente da
sociedade, sendo este o resultado:

Djalma Fortuna, presidente e Hil-
ton Fortuna, vice-presidente. Em
sessão extraordinária de 19, ficou
deliberado mimozear-se a senhora
Laudicea Jucá, premiada no nosso
concurso de elegancia, do ano pas-
sado.

Foi aceita a sócia efetiva a se-
nhora Jucá na Costa.

A meza diretora do proximo ano
será a seguinte: Djalma Fortuna,
presidente; Hilton Fortuna, vice pre-
sidente; Djalma Vasconcelos, secre-
tário, e Joaquim Luiz, tesoureiro.

Dr. Paulino Jucá

Conforme notificaram os jornais, va-
mos ficar privados da convivência do
Dr. Jucá, competente conferente da Al-
fandega de Manaus, e que se achava em
comissão na Inspeção da nossa.

E com imenso pesar que damos esta
noticia, pois que nesta casa, como em
toda parte, tem o Dr. Jucá, sinceras e
largas afeições, causadas p'lo seu libe-
do proceder e maneira lhana de tratar
com quem tem a felicidade de o co-
nhecer.

Ao Dr. Jucá apresentamos solenes
protestos de estima e consideração.

"O Canhoto"

respeitosamente felicita os seus
leitores e colegas, almejando-
lhas FESTAS felizes e um rizo-
nho ANO NOVO.

28-12-1913.

A Assistência à Infancia

Aquecendo ao amizoso convite que
nos foi dirigido pela inextinguível comi-
ssão promotora dos festejos do Natal das
crianças pobres, tivemos ocasião de
apreciar aqueles brilhantes folguedos,
que, conforme disse no seu discurso o
ilustre dr. Cezario Arruda, dedicado
Diretor daquelle monumento, foram or-
ganizados pelas esforçadas Damas da As-
sistencia, e fortes sustentáculos daquella
edificação, tão util à infancia desvalida.

De doces finos, foi servida as crian-
cinhas uma lanta meza.

De lá trouxemos as melhores impres-
sões, tal a ordem dos diversos comen-
tamentos componentes daquelle paço
infantil.

Falecimento

No dia 21, faleceu a innocente Auri-
nia, filha do nosso amigo Eduardo Jorj
e prima do nosso companheiro Djalma
Vasconcelos. Tinha apenas um ano,
quando tudo nos sorri e são flores, quan-
do dos carinhos dos seus desvelados
pais, foi impiedosamente arrebatada para
as regiões longínquas do céu a fazer
companhia aos outros anjinhos.

Gavêta Canhota

IMPRESSA EM FESTA

O *Jornal Bahiano*. Em comemorando
o 15 de novembro, esse importante or-
gão religioso nos dá uma edição ver-
dadeiramente luxuosa.

O *Antigo*. Em sua ultima edição, mu-
ito bem impressa, nos deu gratuitamente
uma folhinha de parede, trabalho
tipográfico irrepreensível.

Dentre as muito apreciáveis colabo-
rações, destacasse o christozão e neurso,
que encetou este conceituado mensario,
onde oferece um premio de \$500 a
quem contar quantas vezes tem escrito,
no n. 24, a palavra *Antigo*. Gratos, per-
mutaremos.

REBEMOS - "O Paladino", orgão
dedicado as letras, artes e sciencias, que vê
a luz em Xapuri, no Acre; "O Periodi-
co", orgão do Grêmio Literario "José
Bonifacio". O numero que temos em
mão, o 21, é fartamente illustrado e con-
tem 8 paginas de uma colaboração inte-
ressante e bem cuidada; "O Indiatuba-
no", periodico dirigido por José Bozio,
de Indiatuba, S. Paulo; "O Bem-estar",
interessante collegiunha de Caetê;
imensamente nos delicia este novo
amiguinho, graças ao bem burilado ar-
tigo, sob a epigrafe "Guilherme na es-
cola"; "O Abelhudo", de Cametá, B.
orgão critico, noticioso e independente;
"A Lavoura", periodico da "União
Comercial Agricola", de Ceará-mirim,
e "O Trabalho", excelente jornalzinho,
independente e literario, de S. Paulo.

Gratos, permutaremos.
Boaventura Melo, bibliotecario da
Sociedade União Operaria Beneficente
(Caetê). - De muita boa vontade en-
viaremos o nosso "O Canhoto".

Red. d' "O Martelo" - (Capital) -
Muito bravo pela feliz evazião. Até
agora, o B. Lobão ainda não saiu da sua
toca para conosco se vir entender... só
em sonho.

Eustaquio Santos (Timbaúba, Pernam-
buco). - Sim, Com muito prazer enviare-
mos "O Canhoto", que solicito.

Urbano Pinheiro (Bahi). - Muito nos
cativou o seu amizoso cartão de
Boas Festas. Nos, os canhotoiros, muito
nos enjubelecemos em ver que nos não
esqueceu e reverentemente agradece-
mos, almejando-lhe muito poucas bombas
no decorrer do ano de 1914.

Operarios graficos da seção de
obras da Imprensa Oficial (capital). - O
"Bolo do Natal" que temos a ofertar, e
vos almejar por das festas e um ano novo
preenho de venturas.

Medalhas electro-medicas - A. Castro &
C., agentes gerais no Brazil destas já
conhecidas e uteis medalhas do Dr.
Robertson, communicam-nos a instala-
ção, no edificio do Jornal do Brazil,
dum escritorio e cluavamente para a
venda, destas med. lha electricas que cu-
ram todas as molestias.

Até "O Canhoto" irá comprar uma
para ver se consegue ficar direito.

NOS - "A Nuvem" jornalzinho bem
querido cá em casa e que permata co-
nosco ha pouco tempo, em sua edição
de 26 de novembro, assim nos distin-
guiu, deixando-nos babando e cativos
de tanta amabilidade.

"O Canhoto" - Temos recebido com
pontualidade este muito simpatico e in-
teressante colega, editado, com grande e

merecido sucesso, em São Luiz, capital do Maranhão. «O Canhoto», que está no segundo ano de vida, tem sabido, pelo seu «nítido e correto» e «sua mar a consideração dos leitores que lhe conhecem. É um jornalzinho bem escrito, de leitura var e de feição deveras agradável».

De canhoto só tem o nome».

Dante.

O Canhoto Elegante

De tempos pra cá o chefe nosso resolveu fazer esta seção, para a qual deixamos cada um a fazer as notícias ocorridas na seção elegante da nossa fina sociedade.

Assim é que, hoje, me cabendo a vez, eis-me aqui procurando bem informar os leitores e desembaraçar-me de tão espinhoso encargo.

As notícias que pude colher durante o tempo desta comissão vou agora apresentar conforme me permite «o enjenho e arte»:

—A festa com que os alunos do Seminário de Santo Antonio encerraram os trabalhos do presente ano escolar nada deixou a desejar, pois os dignos e reverendos diretores não pouparam esforços para bem ensinar seus discípulos afim de que a festa tivesse o brilho e desempenho majestoso, que de fato teve. As comédias, dialogos e farças levados a cena no pequeno palco daquele internato, agradaram sobremaneira os assistentes, que não regatearam aplausos aos seus interpretadores. Enfim, foi uma festa sublime que nos ofereceu aquele departamento escolar, e daqui enviamos os nossos agradecimentos pelo convite com que nos honraram, e apresentamos os nossos parabéns pelo brilhantismo da festa.

Camélias e magnolias

No ultimo dia 6 civil e religiosamente consorciaram-se o Sr. Jaime Buzaglo, abastado e querido negociante da nossa praça, e a senhora Clotilde Nogueira, irmã do Sr. Alfredo Nogueira e cunhada dos Srs. Dr. Raimundo Alexandre Vinhaes e Augusto Botelho.

Ao templo da Conceição, onde foi realizado o acto religioso, compareceu grande numero de amigos dos consorciados, que foi assistir á cerimonia celebrada pelo reverendissimo conego Chaves.

A casa dos noivos, que estava organizada com o mais apurado esmero, já se achava repleta de pessoas gradas quando chegou o brilhante cortejo.

A todos foi servida uma taça de «champagne» e uma artistica e fina meza de doces.

Aos nubentes, embora tardiamente, enviamos os mais sinceros votos de prosperidades e almejamos o mais ridente futuro, agradecendo a comunicação com que nos honraram.

Contrataram casamento, no dia 11 do passado, o nosso estimado companheiro José Bordalo e a distinta senhora Raimunda Lobato Azevedo.

Aos jovens noivos desejamos perenes venturas.

Comemoraram a 8 e 11, respectivamente, suas datas natalicias os jovens noivos José Lobato Martins, esforçado gerente das maquinas «Singer» e a gentil senhora Erlina Lima Barreiros, esti-

mada filha do coronel Antonio Barreiros.

Aos aniversariantes, nossos parabéns amistosos.

—A 13 teve a felicidade de festejar o dia do seu nascimento a gentil senhorita Justina Pinheiro.

A 14—o do sr. Dionizio Aragão, estimado comerciante de nossa praça.

Em 15, o lar do distinto proprietario do cinema Ideal, Sr. Alfredo Nogueira, esteve repleto de amigos que lhe foram felicitar pela passagem do seu natalicio e de sua digna e virtuosa consorte D. Elvira Nogueira.

«O Canhoto» lá se fez representar por uma comissão, tendo saído todos de lá cativos pela fineza com que os receberam o aniversariante e Exma. familia.

Mais uma vez os nossos parabéns.

A 19—1 de gentil «senhorita Dida Almeida, bastante apreciada na nossa e o da amavel e simpatica «senhorita Faustina Ribeiro;

A 21—tambem se nataliciou a senhora Cotinha Almeida, nossa prezada assinante;

—A 22, tambem se aniversariou a senhora Esmeralda Alves.

Felicitações cordiais.

Lilia Botelho

No dia 25, entre flores e carinhos de seus pais, passou a data do seu natal a distinta senhora Lilia Botelho, socia efetiva da nossa agremiação e um dos maiores ornamentos da nossa sociedade.

Enaltecer os seus raros e peregrinos dotes seria, por assim dizer, desnecessario, pois que todos que a conhecem já têm formado juizo a respeito da sua fina e e-m-rada educação.

A aniversariante e aos seus estremitos pais e irmãos, de quem é ela o carinho e afeto, «O Canhoto» que a tem no nune o de suas mais fervorosas admiradoras, envia suas respeitozas saudações, erguendo, ao mesmo tempo, um brinde pela sua prosperidade.

—Naquelle dia decorreu tambem o aniversario do sr. Manuel Viana, competente e funcionario estadual e progenitor do nosso consocio Waldemiro Viana.

—Ainda na mesma data, a senhora Ermina Costa, dileta irmã do nosso companheiro Alcide Costa, viu passar seu natalicio, cercada de suas amiguinhas e de seus estremitos pais.

A todos, nossas felicitações.

—Em 30 do corrente o dia amanhecerá festivo e o sol terá mais brilho, pois contará mais um ano de travessa existencia a simpatica Lilia Nogueira, aplicada aluna do Colejo do S. Coração de Maria.

Nós, que muito lhe admiramos a graça e o encanto infantil, desde hoje lhe enviamos parabéns e abraços.

—Neste mesmo dia fará anos tambem o menino Carlos Pires, querido filho do comandante Pires; e a 31 o farmaceutico João Terres, aos quais, efuzivamente, «O Canhoto» felicita.

A todos, nossos votos de perenes venturas e prosperidades.

Joaquim Luz

Foi alvo de expressiva manifestação, nesta redação, pela passagem de seu aniversario natalicio, em 17 ultimo, o nosso querido consocio Joaquim Luz,

um dos nossos companheiros mais esperanzados.

A sua entrada foi acolhida com saúvas de palmas, de seus colegas que o esperavam na redação para o felicitar.

Tomou então a palavra o companheiro Hilton Fortuna, que, em palavras simples e sinceras, o saudou pela felicidade que teve em passar aquella data, entre amigos que o estimam e prezam.

Depois falaram mais os colegas Djalma Vasconcelos, Djalma Fortuna e Alcide Costa, felicitando-o e almejando que a sua felicidade seja inextinguível.

A todos os presentes o aniversariante fez servir um copo de esplendida e golda cerveja.

Ainda mais esta vez enviamos ao nobre companheiro sinceras felicitações.

Festa da Conceição

Este ano esta tradicional festa revestiu-se da maior pompa e brilhantismo possível, pois o digno e virtuoso vigário daquela freguezia, enviou todos seus esforços para que ela fosse feita como foi.

Pela manhã de 8, o pequeno templo rezorjitou de fiéis, para assistir á missa pontifical celebrada por sua Exa. Revm. D. Francisco, que, após aquele ato, ministrou a todos os seus diocezanos a benção apostolica concedida pelo supremo chefe da Igreja Católica.

A tarde, com o giro costumado, saiu a procissão, cuja magnifica organização estava deveras deslumbrante. Aqui lindos estandartes, ali, ininterrupta fila de meninas graciosas trajando as vestes caracteristicas dos anjos, acolhi o bem ornamentado andor com a sagrada imagem da Conceição.

Foi deveras esplendida a festa deste ano.

Coronel Fabricio Caldas de Oliveira

De regresso da Capital da Republica, acha-se entre nós o distinto coronel Fabricio, ativo e competente toroureiro da nossa Alfandega.

«O Canhoto», que o tem no rol dos seus mais dedicados amigos, apresenta-lhe suas cordiais saudações.

Fitas

IDEAL CINEMA—Ainda temos lembranças e saudades da esplendida «Filha do faroleiro», que ha pouco fez as delicias deste cinema da João Lisboa.

Durante uma semana, foi ela exibida sempre com esplendor exito, e afirmando, assim, o bom gosto e esforço do seu digno proprietario.

Depois desta deu-nos, com igual successo, «O Homem que assassinou» e «A Dama Branca», aquella, esplendido drama colorido de «Pathé» e esta minora comedia da Nordisk, desempenhada por artistas de merito e cujo principal papel foi desempenhado pela simpatica Rita Sacchetto.

A matinal de hoje promete ser esplendida e a petizada vai passar boas horas de alegria.

Para as sessões da noite, o programa anuncia «A Joia da Rainha», possante e movimentado drama, desenvolvido em 4 longos e esplendidos atos.

Com certeza será mais um novo reconhecimento para a simpatica cara de diversos.

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.



S. Luiz, 11 de Janeiro de 1914



NUM. 35

Ano Velho

Caindo vai nas dobras do passado
Repleto de desgraças, maldizente,
Qual Judas traíçoeiro e penitente,
Para ser por demônios enforcado.

Caminha vagaroso, tristemente,
Tropeçando aos abrolhos do pecado,
Pizando o solo todo atapegado,
Dos estragos que fez a toja gente.

O seu ventre é rotando e no seu bojo
Leva crimes, infâmias, turbações,
Sangue vertido e tudo quanto é nojo...

—Meia noite. Lá rola o espenhadeiro,
O velho penitente, em convulsões,
Deixando todo mundo sem dinheiro...

Ano Novo

Eis que surge brilhante, aurifulgente
O menino bonito, esperançoso,
Apagando a lembrança do asqueroso
Que se extinguiu raivoso e maldizente.

Traz no rosto esperanças de bom gozo,
Alegria nos lábios tem pendente,
Salvem todos agora, este inocente,
Meigo, faceiro, jovial, formoso!

Vem alegre, sorrindo sem temores,
Firme, sublime em sua majestade,
Calcando o solo alcatifado em flores...

Talvez não venha a ser tão dezordeiro,
Viva entre nós com toda honestidade,
E nos farte esta fona de dinheiro!

H. Ferrári.

Inspirações femininas

O EXÍLIO DO PESCADOR

Morava numa cidade um joven casal.
Para esses entes não existiam contradições nem tristezas. Viviam modestamente, desconheciam o luxo e a vaidade que traz muitas vezes a desarmonia para o querido lar, que se sonhava um paraíso de felicidade.

Entregavam-se à pesca.
Um dia teve o chefe que ir para o seu destino, com alguns companheiros. A poucas horas da partida, caiu uma grande tempestade envolvendo tudo no seu manto de escuridão e a barca tombou submergindo nas valentes ondas do mar.

As pobres mulheres, aflitas com o grande temporal, de vez em quando iam à praia, tentando avistar alguma embarcação; nem informações, porém, adquiriram. Uma das vezes estava um velho muito triste, a contemplar o grande oceano, procurando distrair as maguas que o acabrunhavam.

Aproximou-se dele a mulher do pescador e perguntou-lhe: não sabe dizer-me se chegou alguma canoa a esta praia?

O velho, despertando da sua letargia, levantou os olhos, e fitando-a respondeu-lhe: — sei que chegaram diversos pedaços de canoa, de rede e algumas roupas, trazidas pelas ondas. Ela compreendeu a grande desgraça; foi-se para casa banhada em lágrimas de desespero.

Os naufragos foram lançados pelas águas numa praia muito distante, quasi sem vida, abatidos e enfermos. Os mais fortes, que até então dominavam o desespero de seus infortúnios, ao verem partir agora veloz, os pedaços da barca que os trazia, levados pela corrente, deixando, atrás de si, o suco espumante da esteira, a lembrança dos entes queridos, a recordação da pátria para sempre perdida, ficaram desvarados.

Erraram sem destino pela extensão infinda, aleitados pela firme vontade de voltar à pátria, pelo desejo dominador de tornar ao lar querido.

Tempos passaram...

A mulher já estava velha, acabrunhada pela crueza da dor que sofrera, e sua filha, que ficara com um ano, já se havia casado. Quando um dia se achava na praia, viu saltar alguns homens velhos, um deles com o aspecto de louco. Este dirigiu-se à mulher que ali via, pedindo informações. Até que por fim vieram a se conhecer.

Foi tal a alegria, que ele recobrou o juízo.

E, desde esse venturoso dia, voltaram a viver felizes e ele nunca mais tornou ao mar.

Utaizel.

Trinta e um de dezembro

Quanta desilusão!

O velho relógio da catedral soou a primeira badalada da hora sugestiva que determina os últimos momentos de um ano que nos foi mau e o começo de um novo que antevemos, com a mais faustosa esperança, cheio de felicidades.

Level as mãos aos ouvidos para não ouvir as outras.

Quanta desilusão!

Ano passado, precisamente neste momento cruel, eu gozava ainda da suprema ventura de estar ao lado da minha idolatrada Carmen. Sentados, o pé de uma pequena mesa de vime no jardim, nós aguardávamos, entre flores e trevos, a entrada do ano novo.

A lua com o seu rejão manto de prata derramava sobre o nosso terraço os seus arjenteos raios num conjunto harmônico de luz celeste e de perfume de jasmim e de rosas.

Foi, então, que o sino da legendaria catedral fez ouvir as doze badaladas da meia noite, cujas ondas sonoras como que se espreguiçando melancolicamente, perdiam espaço em fóra.

Colámos os nossos lábios num beijo quente (de lábios muito quentes) numa expansão ardente de amor e de volúpia.

Assim assinalámos a entrada deste ano terrível que vejo terminar neste momento de recordação e de saudade, como que entoando naquele beijo uma prece divina a Deus, que nos conservasse sempre tão felizes, como éramos naquele instante.

Mezes mais tarde, depois de ter cumprido aquela angelica creatura dos meus sonhos a mais sagrada missão de mulher e quando começava a especimentar a suprema ventura de ser mãe, Deus chamou-a a seu reino. Achou-a, talvez, demaziado boa para mim.

Hoje, resta-me para consolo a pequena Carmen, fru o daquele imaculado amor.

Meia noite!

Ela dorme e eu contemplo-a no seu leito de inocência, sobre o qual pende o retrato de sua mãezinha, para que ela, qual anjo da guarda, guie sua filhinha pela estrada escura da vida terrena.

Colei os meus lábios aos dela, num beijo sublime de amor de pai, como que entoando nesse beijo uma prece divina a Deus, que faça feliz, mas muito feliz, essa cretulinha que constitui o único enlévo da minha vida.

Clown

A Pastoral

Foi deveras surpreendente o efeito causado pelo ensaio geral da grande joia do "corvies da fraze". As gentis meninas, que de tão boa vontade concorrem para tão útil fim, estão erradas de um modo irrepreensível. A nu-

"O Canhoto"

Órgão da sociedade literaria
BARÃO DO RIO BRANCO
Literario, humorístico e noticioso
Tiragem 1.000 exemplares
Assinatura anual.....28000

Corpo redaccional

Djalma Fortuna
João de Lira
Djalma Vasconcelos
Hilário Fortuna

Toda correspondência deve ser
dirigida a "O Canhoto"
RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

quem absolutamente podia, melhor do que a Adalberto, ser entregue o papel destacante da Virgem Santissima. Aquilo que aos deslumbra em S. José, a naturalidade proficiente, nos estremece em Dina, uma voz clara e dominante num sibilar de ss discernente e arrebatador. O aparecimento do anjo anunciante do nascimento do Messias nos vem deslumbrar, formando um dos mais admiráveis quadros da «Pastoral». Santa Izabel, simples e modesta, deu cabal desempenho á missão que aceriadamente lhe foi confiada. Datan, Simão e Eleazar merecem real destaque na naturalidade dos seus papéis.

Não tenho palavras de enaltecimento ao merito da primorosa orquestra, nem tampouco á execução dos cenários.

Atendendo ao infante passamento da Exm.^a Sr.^a D. Maria Amalia Palhano, que inesperadamente nos veio encher de tristeza, pois foi quem mais trabalhou em prol da santa causa da religião, maxime porque foi ella uma das organizadoras incansáveis da «Pastoral», a primeira representação só teve lugar a 31 do passado, causando franco sucesso e provocando frementes salvas de palmas. As representações subsequentes veem cada vez mais ganhando terreno na arena da simpatia, graças ao escrupulo na escolha das gentis e graciosas protagonistas e á proficiencia com que foram ensaiadas pelo Sr. Francisco Furiati.—DANTE FARIAS.

Os Ateniadas

CANTO PRIMEIRO

25

«Ja passastes um século metido
Nesse orgão sem par, assáz terreno; (42)
Vossas obras o mundo convenceo
Longo tempo acolheu muito sereno; (43)
Pois o vosso contatjo desmedido
Sempre foi para si grande veneno; (44)
Tanto que se me não falha a memoria,
Muito tempo gozastes falsa gloria.

26

«Deixai moços atraz a fama antiga
Essas loiras que outrora vos cercaram,
E que os nobres varões da grande liga (45)
A sua voce num dia deceparam;
Deixai tambem a vil e baixa intriga
Que nutris contra nós, pois a formaram
Essas muitas cozinhas que o felino
Vosso chelo compila mui ladino.

27

«Agora vejo bem que vos fazendo
Este discurso meu, que julgo leve,

Mul temerario fui, me debatendo
Contra o vosso fulgor; e a franca grove
Que sustento, essas loiras desfazendo
E ação que pouca gente a tal se atreve
E animo a dizer que eu não queria
Gozar de fama tal sem ter valia.

42)—mesquinho; 43)—o lucano; 44)
—narcotico; 45)—o congresso.

Camillo.

Presente original

—Então, Dindinho, será possível que ainda este ano me dêes como presente um brinquedo, no dia do meu aniversário?

Não reparas que já tenho 14 anos e que as barbas já fazem sinal cá no queixo, como os vapores quando se aproximam da Ponta d'Areia?

Não, não serei tão criança para te dar um brinquedo, quando já vejo que estás rapazito e que já sonhas com o casamento e com as barbas que estão na Alfandega e não podem ser despachadas por falta de fatura consular!...

Assim falava o robusto e elegante Faísca, com o seu respeitável padrinho, o coronel Santos Lopes.

Depois de conversarem sobre outros assuntos, o padrinho despede-se, prometendo ao afilhado um bom presente no dia de seu aniversário. E efetivamente, no dia dos anos de Faísca, o padrinho oferece-lhe uma caixinha hermeticamente lacrada, fazendo, porém, a seguinte recomendação:—Guarda sem curiosidade e só abras esta caixa depois que receberes a fatura consular. Faísca, agradecido, mas um tanto intrigado, recebeu o presente e guardou com o firme propósito de só a abrir quando tivesse barba.

Poucos dias depois, faz anos a Nini (é o nome da namorada de Faísca) e este não podendo comprar um presente, depois de muito matutar, resolve oferecer á namorada o mimo recebido do padrinho, mesmo sem saber o conteúdo da caixinha. No ato do oferecimento foi tão inexperiente, que caiu na patetice de recomendar-lhe que não a abrisse senão depois de cazados.

Nini, como todas as mulheres, que preferem assinar termo de responsabilidade para despachar a mercadoria, a esperar a fatura consular, sem se poder conter, queria saber a originalidade do presente. Mal Faísca sá, fecha-se na alcova e louca de curiosidade, fremente de satisfação e elevando ao superlativo a dedicação do namorado, numa ancia maldita, rompe com sofreguidão o involucro da caixinha, que era de marroquim encarnado; e abre-a, mas... que decepção!...

A caixa continha uma navalha Gillette, para barba...

Jovira.

Hiláritas

Dia de Natal...

O carteiro á porta:
—Uma carta para o sr. Luz. Não traz estampilha; tem de pagar duzentos reis.

O Luz entrega-lhe cinco mil reis, dizendo:

—Guarde para si; é a sua consolação.

—Muito obrigado.

Depois de descer alguns degraus, o carteiro volta de novo á porta ainda aberta:—E' verdade, V. Ex.^a esqueceu-se de pagar os dois tostões da carta.

Ha dias, chega o Vasconcelos á casa pingando de suor.

—Mamã, me dá um copo d'agua.

—Alô o filtro está seco e não ha em casa nem pinga.

Diz o Djalma furioso:

—Então faça-me uma limonada!

Uma simplicidade de Vinhais

—O telegrafo é uma coisa assim broza pela rapidez com que transmite as noticias.

Este telegrama veio de Londres e a mim da traz humida a goma do subscrito.

Tlin! tlin! tlin!

—Quem é?—pergunta a criada.

—O' menina, diga a Sr. D. Cota que está aqui o Pinlefa.

A criada obedece e diz á patrão:

—O' minha senhora, está ali o seu Pim.

—O meu Pim?... Estás maluca?

—Qual estou! Ele disse-me que dissesse á senhora que está ali o Pim dela; não pode ser senão da senhora.

O dr. Tarquino é chamado a toda a pressa, para ver um doente.

O' minha senhora, diz elle á esposa, V. ex.^a chamou-me muito tarde; seu marido já tem as mãos róxas.

—Não é da doença. Ele é tintureiro.

—Pois tem muita sorte: se não fosse tintureiro, estaria irremediavelmente perdido.

Lanterna majica

SEGUNDA SERIE

(Versos de pe quebrado)

8.^a figura

Não se chama Clovis Castro,
Nem tampouco Pedro Aleixo;
Mas se chama um moço chique,
De grêlo por sob o queixo.

Ele vive, coitadinho,
Se queixando deste mundo;
E todo medita—baixo
De semblante cabis—bando.

Toda vez qu'elle me encontra,
Pergunta logo pra mim:
—Vieste da rua Direita,
Ou da rua do Alecrim?

E' tipo palido, magro,
De um verdadeiro francez;
E, duma queda, coitado,
Fez da perna uma torquez.

Do fraguão do Garrido
Ele não quer ver a pista,
E' chula pelo ideal
O Ostra telegrafista.

Dante.

O Canhoto Elegante

Como costume cá de casa, cada um tem sua vez. Agora chegou-me a difícil missão de mostrar aos nossos inteligentes leitores e leitoras o que se passou no curto espaço de 14 dias, onde se deram milhares de importantes casos que, forçosamente, não poderei descrever.

Logo após o Natal tudo sorri, tudo canta ante futura lembrança de um novo ano de felicidade, coberto de mais venturas que o decorrido que nos deixa fartos de agruras e prenhes de tristezas. Começarei a vos contar por partes:

Bozas e rizes

No dia primeiro tivemos a imensa alegria de ver decorrer mais um loiro de vida nas suas preciosas existências: a distinta educadora D. Zaira Roza, o sr. Arthur Baraiz, competente empregado público estadual, e o inteligente menino Oswaldo Parizo, prezado filho do mesmo senhor.

A três decorreram os natalícios da Sra. D. Genoveva Beleza, do sr. Vicente M. Ferreira e do Ilustre Sr. Dr. José Berredo Lisboa, pai do nosso distinto companheiro Manoel Lisboa atualmente no longínquo Estado de São Paulo.

A quatro—o interessante e meigo Odir Nogueira Vinhal, prezado filhinho do Sr. Dr. Raimundo Alexandre Vinhal e irmão do nosso inteligente colega José Vinhal.

Nesse mesmo dia aniversariou-se o menino Antonio Holanda, dileto filhinho do Sr. Dr. Loureço Fares de Holanda.

A cinco, viram decorrer os seus natalícios o Sr. José Simão de Assis, competente mestre da sessão de obras da Imprensa Oficial, e a interessante Tania, enlevo e graça dos seus carinhos pais, filha do nosso distinto amigo Sr. Luiz E. da Costa Leite, oficial servindo de diretor da Secretaria do Congresso do Estado.

A seis, decorreu ainda o natalício da Sra. D. Altina Feres Briceira. A todos os aniversariantes «O Canhoto» deseja boas festas e muitos dias.

Visitavam-nos

O sr. Ricardo de Faria, ultimamente chegado do sul; o jovem orador José Alencar, que, vindo do interior do Estado, se acha entre nós; o sr. João Luiz da Silva, competetíssimo auxiliar da Companhia de Seguros Esperança, que conosco entreteve uma hora da sua agradável e proveitosa palestra.

Agradecemos a distinção das visitas.

Patentes

Por decreto do Sr. Presidente da República, de 11 de dezembro próximo passado, foram nomeados para os cargos de Major e Capitão, respectivamente, os Srs. Alberto Machado Gonçalves, João Soares de Carvalho e Antonio G. Ramos da Silva.

Deziamos aos novos militares uma feliz bem feita e um porte marcial...

Sessão

A primeira do corrente realizou-se, no salão nobre do Palácio, a partir do novo estatuto da Sociedade Literária e de Arte do Rio Branco.

No dia 12, terça-feira, começou a sessão que se realizou no salão nobre do

Luz, Vice-Presidente do Conselho Julgador em exercício de Presidente.

A assistência era composta de uma parte da nossa sociedade, onde se achavam Srs. Senhoras, e gentis senhoritas.

Aberta a sessão, o Presidente nomeou uma comissão composta dos socios: Clovis Castro e Almir Cruz, para introduzir no recinto os socios Djalma e Hilton Fortuna, Presidente e Vice-Presidente ultimamente eleitos para o ano social de 1914.

Depois de empossado, o socio Djalma Fortuna pronunciou um eloquente discurso mostrando, o progresso da sociedade e enaltecendo a ideia da fundação de um quadro para senhoritas, onde poderemos ver parte do nosso escólo feminino, que é dotado de verdadeiro talento e de peregrinas e raras qualidades.

Falou em seguida a distinta socia sr. Elzila Souza, que num belo improviso, agradeceu as palavras de elogios dirigidas ao belo sexo, e levantou um brinde ao progresso e engrandecimento da sociedade.

O socio Hilton Fortuna, depois de empossado, proferiu um breve discurso, patenteando o seu amor e solidariedade pelo progresso da referida agremiação de letras.

Falaram os socios: Djalma Vasconcelos e Joaquim Luz, agradecendo haverem sido escolhidos pelo sr. Presidente para os cargos de Secretário e Tesoureiro respectivamente; Socio Clovis Castro, e o sr. Nelson Rodrigues representante do Gremio «Rui Barboza».

Foi suspensa a sessão para se proceder à eleição para dois membros do Conselho Julgador para o ano social de 1914, sendo eleitos por maioria de votos: Waldemiro Viana e Clovis Castro.

Tomaram posse dos seus cargos estes membros do Conselho Julgador, que prestaram o devido compromisso, deixando de fazer-lo o socio Waldemiro Viana, por se não achar presente.

As 4 1/2 foi encerrada a sessão.

A oito, a convite da Sociedade «Benedito Leite», tivemos o prazer de tomar parte na sessão solene de posse da nova directoria.

Presidiu a sessão o Dr. Nogueira Coelho, que pronunciou um agradável discurso. Falaram diversos socios. Com indizível prazer agradecemos a distinção do convite.

Festas íntimas

Aquecendo ao honroso convite da nossa distinta consocia sr. Elzila Souza, tivemos a ventura suprema de passar parte da noite de 5 (vespera de Reis) gozando doces e harmoniosos sons de muzicas, intercalados por sorrisos divinos, palavras brilhantes e embalados nas azas da valsa amena. Foi uma modesta festinha, que deixou saudades nos que lá estiveram e que bastante agradou, já pelo fino trato por parte dos donos da casa e pelo das gentis e adoráveis senhoritas que lá se achavam.

Nessa mesma noite realizou-se uma outra brincadeira em casa do sr. Coronel Luiz Santos, pai do nosso colega Agnôr Santos, prolongando-se até alta madrugada, entre sorrisos de alegria e olhares significativos de contentamento.

Agradecemos reverentes a honrosa distinção dos convites.

Vespera de Reis

Houve um tal movimento que ficamos boquiabertos, pois, da maneira em que nos deixou o velho 1913, «não somos homens para tal furia».

Tivemos a ocasião de ver o Reis dos «Atenienses», o que muito nos agradou pelo corretismo e decência da ilustrada rapaziada do comercio que compoz aquela agradável brincadeira.

Fitas:

28—domingo—o Ideal projetou na branca e pura tela as sublimes e arrebatadoras películas: «Cenas de Inverno na Finlândia», natural, e «A Joia da Rainha».

Em matinalada «A Dama Branca» e «Circo em Domicílio», importantes trabalhos que bastante agradaram a petizada.

30—terça-feira—Vimos novamente passar diante os nossos olhos, como a fresca aragem por entre as flores, «A joia da Rainha» e o «Beijo da Cigana», que mais uma vez nos vieram patentear o trabalho sublime da fabrica Italia-Film.

1.º do ano, quinta-feira. Foi levada a 1.ª serie d'«Os trez mosqueteiros», extraído do belo romance historico do immortal Alexandre Dumas.

3.—Sabado—Devido a um pequeno desarranjo nas suas maquinas, o Ideal não funcionou.

4.—Domingo—Frimos o prazer de ver na segunda serie «Os trez mosqueteiros» e o casamento do marechal Hermes.

5.—Segunda-feira—Novamente «Os trez mosqueteiros», segunda serie e o casamento do marechal Hermes.

6.—terça-feira—«Moi», importantissimo trabalho da fabrica Nordisk, desempenhado pela laureada atriz Betty Nansen.

8.—quinta-feira—Foi ainda uma vez levada esta soberba fita.

9 e 10.—sexta-feira e sabado—Dezenrolaram-se «Os trez mosqueteiros», em 12 partes, duas series.

Hoje, será levada «A Esfinja», de que é protagonista o reputado artista Psilander.—V.

Externato Rio Branco

SEDE—Rua 28 de Julho, 53

Curso primario

Diurno, das 8 às 11 horas.

Noturno, das 7 às 9 horas.

Matriculas para os diferentes anos, até ao dia 7 de janeiro proximo.

O ensino obedecerá a «mais modernos metodos até agora introduzidos nas escolas».

O Canhoto treme

Quando vê:

—o queixoso «canhoto» do dr. Mantredo, porque o ajuda bastante no violino.

—o dr. Alarico sem o seu inseparavel dog;

—o Caldas no cinema;

—o gingado do Clovis, o «sportman»;

—o João Ribeiro com uma gravata que não esteja dando a luz, oprimida por um colarinho auto-diluviano;

—o Almir Cruz alegre e risinho, com

sonhar com a pequena deixada em Caxias;

—os novos e grandes amores do Joaquim Luz, que, para isso, de hoje em diante, pretende crescer a torto e a direita;

—a ponta do nariz do Cortez, a quem se encontra com do G. Neves, o formoso, isto é, o da rua Formosa;

que «A filha do taroleiro» foi exibida duas únicas vezes;

—o Pedro Mendes e o seu inseparável Figueredo, porque pensa que tem diante de si uma garrafa de cola e outra de moscatel;

—a pose, de engenheiro, do Nogueira, com aquele chile garrido;

—o Garrido dizer que Wuppschlander é uma palavra alemã;

—a catalepsia do Zeca Neves;

—a auto sugestão do Serra na garrafa;

—o Luz contar os namoricos do Verdureira com uma santa, filha de S. Teófilo, no convento português.

Medrozo.

CAZA BORDALO

—DE—

Joaquim Ferreira Bordalo Succs

RUA GRANDE, 27—MARANHÃO

Encontram-se: Calçados para homens, senhoras e crianças, em todas as cores e dos mais afamados fabricantes nacionais e estrangeiros.

Grande emporio de cabedais para sapateiros.

Preços sem competidor.

Vendas sómente a DINHEIRO.

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhota

CAPITAL

Santo Antonio, 7—Descobriram pernas Nemrod pertenceram fantoche arca Noé. Nemrod impressionado tomou «606» garganta ao tempo que espocavam 3 aneurismas ponta de pé. —Bras.

Camara, 19—Durante entrega diplomas alunas, atenção assistentes preocupou-se indicações deducíveis orador bacharelco. —Campelo.

João Lisboa, 26—Pachola grande modestia dispensou carruagem conduzia curiosos desembarque restos Odorico Mendes, transportando auto-bipede. —Dandi.

Manjô, dia 10 passado, comprou liza distribuindo povo afim lizar bandidos sanguinarios. —Cabo.

S. João, 7—Jansen entrevistou Bazon sobre crime e este lhe respondeu com calma que fosse se enleitar... Jansen embatucou. —Teixeira.

Teixeira recitou soneto funebre perante bandidos, conseguindo comove-los e confessar crime monstruoso. —Matos.

Telegrafo, 15—Dante de hoje em diante, andará saudoso com bela saudade

paletó e se foi possível arranjara promoção para o Norte. —Ac.

Caxias, 16—Depois luto, Verdureira irá visitar convento português onde se vai internar. —Luz.

S. Antonio, 16—Voltaire tem vindo todo dia assistir reza Igreja e apreciar praça construção. —Perdigão.

Alandega, 16—Plínio ao deixar Maranhão levou peito os cravos da saudade e antes embarque irá peregrinação S. José afim despedir-se de... —J. Ribeiro.

Dante conseguiu companhia, fazer bonde Remédios voltar Rua Grande? —Jezus.

Palace, 16—Trabalha-se ativamente contratar grandes artistas Serra e Neves. O primeiro ilustre, o segundo auto-sugestionador. —Palacenses.

Praça D. Carlos, 21—Teveludo, desde chegada, permanece ao sol banco praça. Creura pediu-lhe tirasse luneta microscópica, engordasse e endireitasse pés. —João Henrique.

Avenida Maranhense, 23—Saudoso plagas Atlântico, João Henrique vizita diariamente muralha rampa. Entera chapéu até orelhas, afim não ouvir nome amada, pronunciado bulício ondas—Wladimir.

INTERIOR

São Paulo, 16—Estou estudando afimco, fim realizar ideal af. Lembranças palmeiras. —Maneco.

Baía, 16—Estou colegas maranhenses. Muitas saudades rua Sol. Irei breve. Saudades todos redação. —Zeca Machado.

Baía, 17—Hontem quasi nosso Carlos se suicida, saber sua Almerinda infiel af. Eu saudoso São Bento. —Urbano.

Mantius, 19—Dezejo saber Plínio vem com vizinha amada, ou cozinha. Caza primeiro, seguirei breve busca-lo. —Ditinha.

Itapetoca, 20—Fui informado, americano The Of vizita constantemente e praça estação meteorológica. Digam-me cauza, pois estou sobressaltado. —Nereu.

Cantanhede, 20—Como vai culbe Terpsichore? —Miguel.

Rio, 20—Cauzou sucesso cronica «Do Rio», devido aluzão marechal. Rua Palma sem substituição? Saudades—Ajenor.

Gavêta Canhota

RECEBEMOS:

«O Jornal do Povo», de S. Paulo; «Cinema Clube», órgão do Clube dos Democratas, Sobral; «O Trabalho», de Petrolina; «A Alvorada», de New Bedford, Mass; «Alto Acroz», de Xapuri, e «O Aunção», de Pelotas.

Gratos, permutaremos.

Do Gremio Rui Barboza, recebemos um exemplar dos seus estatutos, gentileza que agradecemos.

Da Farmacia Marques, recebemos o fascículo primeiro d'«O Recreio da Família», que contém variada leitura recreativa sobre um trabalho grafico irreprensivel. O Recreio da Família é dedicado à propaganda dos conceituados preparados daquela farmacia e é impresso na tipografia *signon* do nosso querido «O Martelo». Gratissimos

Bons-Festas

Tiveram a gentileza de nos enviar felicitações do Bons-Festas e folia Ann-Neves.

João Teixeira, do «Diário Oficial»; Raimundo Nonato de Souza, da Associação Commercial; Joaquim Vieira da Luz, nosso tesoureiro ativamente e ativo auxiliar da Cunha Santos & Cia. Sues; os Srs. Maria, irmão & Cia; Sival P. da Costa, digno official da milicia estadual; o nosso amigo Antonio F. Corrêa de Melo; o capitão Augusto Guimarães, proprietario da Tabacaria Lourdes; as nossas gentis leitonas e apreciadoras Camelia e Magnolia Costa; o nosso amigo prof. Benjamin Melo; e os nossos companheiros João Caldas, Ethelbert Vale, este habil dezonista da Estrada de Ferro e aquele competente secretario da Delegacia Fiscal.

A todos «O Canhoto» reverentemente agradece e almeja em 1914 prole de venturas e inundado de felicidades.

EXCELSIOR

Tendo por epigrafe o significativo nome acima, surgiu, cheio de força e coragem, domingo passado, o periodico organ da Sociedade Estudantil «Benedito Leite». Segundo o seu programa, é literario e noticioso. O primeiro numero do «Excelsior» nos deliciou com uma colaboração bem cuidada e rara de quem principia.

Mil votos fazemos pelo desenvolvimento do novo colega e daqui enviamos os nossos saudaes aos jovens da Benedito Leite.

Dante.

O Esperanto

Inaugurou-se no Rio, a 11 do tranzato, o 5.º Congresso Brasileiro de Esperanto, essa lingua cuja utilidade tem sido já tantas vezes apregoadas por penas de firmado merito nas letras patrias.

A solenidade compareceram inumeras pessoas e varios representantes de Estados.

A diretoria da liga esperantista é composta dos srs. dr. Alberto Couto Fernandes, presidente; dr. Everardo Backheuser, presidente honorario; dr. João Keating, vice-presidente; J. B. Melo e Souza, 1.º secretario; Hernani da Mota Mendes, 2.º secretario, e Edmundo Friboillet, tesoureiro.

E' seu representante official, neste Estado, o sr. prof. Benjamin Melo, que muito se tem empenhado para o bom exito da propaganda do utilissimo idioma do dr. Lazaro Zamenhof.

A escassez absoluta de espaço nos impede de emitir juizo mais detalhado sobre a preciosa e facil lingua auxiliar internacional, o que faremos na proxima edição, limitando-nos, desta vez, a enviar ao illustre prof. Benjamin Melo os mais cordiais parabens, pela distincção de sua escolha para representante da liga no novo Estado. —V.

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º



S. Luiz, 1.º de fevereiro de 1914



NUM. 36

Senador Urbano Santos

Depois de alguns anos de ausência, voltou à sua terra natal o eminente senador Urbano Santos.

Justíssima razão tem o Maranhão todo de vibrar com o mais franco entusiasmo e com a mais franca alegria, neste pequeno lapso de tempo em que terá a ventura de hospedar esse seu filho que, mesmo neste angustiosíssimo tranze da vida maranhense, tem conseguido, com a sua rijeza de caráter e com o seu fidalgo tino político, levantar e firmar o conceito desta terra que ele tanto idolatra.

O senador Urbano Santos é candidato ao segundo cargo da suprema magistratura do país.

Outro motivo senão esses de firmeza de caráter, de orientação segura e de competência inquebrantável, concorreram para que o nome desse nosso illustre conterrâneo, que tanto nos honra e nos orgulha de o sermos seus, fosse tão unanimemente indicado, por todo o país, para o alto cargo de vice-presidente da República.

O Maranhão já tinha mais uma vez rendido um justíssimo preito ao senador Urbano Santos, elejendo-o para o cargo de governador, cargo esse que, provavelmente, terá de renunciar para ser vice-presidente da nação.

Hontem foram os maranhenses que, num impulso unânime, o elegeram governador do Estado e amanhã serão os brasileiros todos que o elegerão vice-presidente da República.

Não sabemos se será motivo de nos entristecer pela desventura de ficarmos privados do homem capaz de equilibrar o presente e preparar o futuro do Maranhão, ou de nos alegrar pela grande ventura de termos um nosso conterrâneo como o senador Urbano Santos, capaz de alicerçar o conceito de sua terra, investido de um cargo de honra e de merecimento, como o em que brevemente será empossado.

E a nossa alegria de maranhenses é ainda maior pela certeza, que temos, de que, mesmo de lá, o senador Urbano Santos trabalhará, de certo, pelo soerguimento de sua terra.

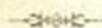
Será governador do Maranhão o homem que o senador Urbano Santos indicará, e nos tranquilizamos, pela certeza, que temos, de que indicará um homem trabalhador, honesto, independente de partidários e inimigo das politiquices sordidas que tanto dificultam a boa marcha do progresso.

O senador Urbano Santos tem recebi-

do os protestos de solidariedade de todas as classes sociais.

Cabe-nos agora a nossa vez, pequenos caminheiros da vereda da vida, como interpretes fiéis da mocidade maranhense, de apresentar ao illustre conterrâneo a firmeza do nosso melhor respeito e de nossa mais alta veneração.

—Passando terça-feira, próxima, 3 do corrente, o aniversário natalício deste nosso digno representante, «O Canhôtô» tem a honra de antecipar-lhe os seus mais efuzivos saudaes, extensivos a toda a sua digníssima família.



Retratos a lapis

N. S.

Ao pegar o lapis, o céu está todo marchetado de estrelas que piscam rutilantes como pedindo às musas e rogando ao Deus inspiração suficiente para mim, afim de bem poder delinear o perfil ultra-simpático, o porte mais que rejúnio desta senhorita, morena, de cabelos negros cor da noite e formôza mais que a roza de zabrochada em primavera.

Mas, á! Quem sou eu para bem fazê-lo, se não encontro palavras com que me exprima o sem mesmo ter coragem para defini-la?...

Sim, porque a expressão viva do seu olhar jamais poderá ser descrita no papel; porque a graça angelica das suas feições, como que talhadas por mãos de artista, não poderá ser traçada por penas imperitas como o é a minha, e, finalmente, porque o seu todo, me parece, foi mais feito para uma redoma, que para ser retratado a lapis.

Seu nome, formado com cinco letras apenas, começa por N e termina oxitona em I. Quanto ao numero silábico, apenas possui três, sonôras como vibrações poeticas e claras como a neve casta.

O apelido familiar é muito conhecido e deixo de o apontar, para matar a paciência de quem ainda não o adivinhou.

Reside á rua da Cruz, quase perto ao mar que parece querer saltar a muralha que o contém, para vir humildemente beijar-lhe os pés, em santa veneração.

É formôza, pequena, gentil, morena, simpática e mais que tudo—instruída, formando, assim, com estes predicados, um raro exemplar da beleza feminina, que, na opinião de Julio Diniz, tem como as flores o aroma que inebria.

É assim, leitor amigo, tens aqui um pallido esboço desta jovem aplicada aluna da Escola Normal.

Feljo.

Inspirações femininas

SAUDADES...

Á! doces e amenos dias de uma infância despreocupada, que se vão ocultando nas trevas insondáveis do passado, como vós sois, para mim, de uma indizível e gratíssima recordação! Minha mãe me acariciando com os seus oscuros terços e divinos, aconchegando-me ao regaço, a ver em mim a esperança fagueira da sua velhice...

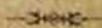
Á! como vós me emocionais, pondo-me nos olhos essa tristeza que só se traduz em lágrimas... Tempo em que eu não tinha ainda a concepção integral da vida, em que a natureza me sorria com o seu sorriso do fado, baloiçando-me por entre um jardim todo feito de alegrias e bonanças, na confusão estonteante das coisas terrenas... Tempo de iluzões enganadoras, que eram para mim o que uma gota de orvalho, despreendida do céu, é para um arbusto tenro e atrofiado. Davam-me vida, alentavam-me...

Os tempos se passam com a rapidez de uma seta; a alma vai despertando, aos poucos, do estado de caos em que vivia e penetra no vasto campo da realidade, que se estende diante de nós, assumindo proporções gigantescas, infinitas...

A vida é assim mesmo: feita de um bocadinho de ilusão e agonia, bocadinho que se transmuta ora em alegria, ora em felicidade, para depois voltar ao estado primitivo: ilusão e agonia.

E tudo o que foi tem no presente um aspecto suave de melancolia, porque aí mora a saudade, a grande alma triste do passado.

Ceci.



Parágrafos

É tempo de férias em toda parte.

Quer nas escolas primarias, quer nas secundarias, todos descansam das fadigas de um ano inteiro; algumas vezes, cheios de empecilhos, outras, fartos de aventuras.

Esse prazer, porém, pouco duradouro, já se vai extinguir.

Entrou o janeiro, com arcos novos, nova aparência, e tudo se vai alterando lentamente, sem que possamos observar, a olhos nus, a modificação que experimentamos.

As escolas de ensino primario são as que reiniciam o seu movimento, em primeiras aulas, abrindo, novamente, a cada ano que se passa, as suas portas, afim de dar entrada as crianças que ali vão colher as primeiras co-

PARNÁZO

Comunhão branca

Eu venho de dores cheias,
Pisando agudos espinhos.
Em busca dos teus carinhos,
De dóce arfar do teu seio.

Minh'alma sonha, eu anseio,
Como palpitam nos ninhos,
Num inocente gorjeio,
As almas dos passarinhos.

Eu quero beber o aroma,
Suave e deliziôso,
Que nos teus lábios assoma.

E comungar eu dezojo,
Tu'alma, ô lirio fortunado,
Na rubra flor do teu beijo.

Arlindo Martins.

Sofrer...

Soluço coração, gemo dorido.
No regaço da dor que te maltrata;
Ninguém ouve sequer o teu gemido.
Ninguém percebe o mal que te arrebatou.

Sufoca no meu peito a dor ingrata.
Extingue com teu pranto tão sentido
Essa magua cruel que teus sofridos,
Que punjo as fibras, que te alijõe e mata!

Não há no mundo, desditôso amigo,
Quem saiba as maguas por que sofres tanto,
Quem possa ao menos, enxugar teu pranto.

Só eu conheço. Chorarei contigo,
E se morreres como estás, desfeito.
Faz teu jazigo no meu próprio peito!...

D. Voltaire.

Triste recordação

Ao distinto amigo Plínio Just.

Vai-se minh'alma em dores consumida,
Cansa-me o peito assim sobressaltado,
Quando pensando estou no meu passado,
Nos momentos crucis da minha vida.

O céu se me parece negro eirado,
E a natureza toda amortecida,
Não encontro calmo pra ferida
Do presente tristonho, do meu fado.

Olho anclôzo as linhas do horizonte,
Perscrutando os meandros do infinito,
E grossas bagas caem-me da fronte...

Vêjo além, sob um véu de negro escuro,
Tôrpe, cruel, me perseguindo o espírito,
O pessimismo negro do futuro!...

H. Ferrári.

"O Canhôtô"

Órgão da sociedade literaria
BARÃO DO RIO BRANCO
Literario, humorístico e noticiôzo
Tiragem 1.000 exemplares
Assinatura anual.....2\$000

Corpo redacional

Djalma Fortuna
Joachim Luz
Djalma Vasconcelos
Hilte Fortuna

Toda correspondência deve ser

dirigida a "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

nhocimentos, que são exigidos à vida prática do homem.

Depois, por seu turno, reabrem-se os cursos secundários, onde a marcha do ensino, além de progressiva, já é mais tolerante para o aluno, porque a maior parte destes, rapazes quase sempre de bom senso, sabe, perfeitamente, que a instrução do homem é de grande utilidade.

Aqui, no Brasil, infelizmente, a instrução secundária está bastante fracionada, cuja origem, como dizem, a cada mais é atribuível, souão, exclusivamente, à nova lei de ensino.

Vê-se, entretanto, que as enchentes, nas academias, são extraordinárias, aumenta, dia a dia, o numero de alunos nas faculdades, em cujo numero ha alguns que muito abem, outros nada.

Deixemos, porém, de parte, esse chavão que involuntariamente abri, nesta ligeira cronica, e continuemos a tratar do nosso assunto—as férias.

Nã: ha duvida que a criança, ou mesmo o homem, seja qual for a sua idade, precisa, forçadamente, de descanso, nos dias trezentos e sessenta e cinco dias.

Quando se vem aproximando o natal, nós nos vamos sentindo já alcançados pelo irresistível poder da preguiça, que protesta, solenemente, o seu direito ante o trabalho, e, assim, ha quem a atenta, quem satisfaz a sua vontade, mas existe, tambem, quem a contraria, o que se considera um absurdo,

porque qual é o cerebro (não só o cerebro, o corpo) que não exige repouso, mesmo de meia dúzia de dias no decorrer de um ano?

Seria justo, portanto, que se gozasse, nos ultimos dez dias de dezembro, um pouquinho desse bem estar que tanto nos apraz—o descanso.

Abilio Pimentel.

Edital n. 2

Julgo dos tortos casamentos desta Capital

De ordem do Dr. Porquini Cazatuti, Juiz dos Tortos Casamentos desta Capital, faço publico e notorio que foi apresentada neste Juizo, na noite de Reis, pelas 11 horas mais ou menos, a prezente petição:

Plínio Bigodinho, o unico filho do pai dele na serie masculina, estando atacado de forte amizade e sobrenatural amor pela senhorita Romilda Jutorubá, filha do pai dela, e desejando ligar-se pelos laços soluceis do setimo sacramento da Santa Madre Igreja Catolica Apostolica Brasileira, vem respectivamente pedir a V. S. que se digne de lhe conceder a permissão necessaria para realizar, no proximo dia 15, tão nobre ideal, para o que dezo já convida V. S. e exm.ª familia a fim de assisti-lo.

Confiado na justiça que preside vossos atos, e pedindo um apozeno para se localizar com sua virtuôza consorte,

E. D.

Maranhão, 6 de janeiro de 1914.

A rogo de Plínio Bigodinho, por não saber lêr e escrever,

José Vinhas.

A fim de evitar devidas finanças, mandou o Dr. Juiz organizar o prezente edital e pedir às senhoritas e senhoritos que tiverem calgama coiza a declarar, ou opôr, que aprofentem suas razões, no prazo improrogavel de 48 horas, neste juizo, sem o que não serão atendidos e atendidas. E, para constar, eu, Tito CUMAUBA, escrivão, lavrei o prezente, que será publicado pela imprensa e afixado na Estação Meteorologica.

Está conforme.

Porquini Cazatuti.
Tito CUMAUBA.

Uma lição

Numa pequena aldeia dos arredores de Liorni, na Italia, vivia uma velhinha chamada Laurinda, mas uma dessas velhinhas beatas que a natureza conserva para dar exemplos e corrigir a mocidade. Esta senhora tinha uma petinha dos seus quinze anos apenas, que se chamava Roza. Era uma menina bonita, bem educada, mas namoradeira em extremo...

Um dia, lembrou-se d. Laurinda de leva-la à missa, na Igreja da cidade.

E foram...

Ora, Roza que procurava sempre os bailes e as igrejas, para cultivar os seus namoricos, foi muito alegre e satisfeita, contando já com seu amado. Ao chegarem, já a missa tinha começado.

Enquanto d. Laurinda rezava, pedindo a Deus que desse à sua netá um emprego rico e trabalhador, a menina vivava e revirava os olhos, a procura de quem a essa hora ainda dormia profundamente.

Roza, já contrariada com a pessima escola que fizera, terminou a missa a olhar só para os santos, suplicando-lhes um marido que não contrastasse com os desejos da sua avoizinha, mas que sobretudo se levantasse bem cedo para cuidar nas suas obrigações.

H. Roland.

Canhotadas...

Dizem que o amor é cego, e se assim for quantos tranbulhões não levará um cego amando?—G. Souza.

O amor é imensa teia de aranha que embulha a humanidade e a atira ao monturo da desdita.—Agô.

O matrimonio é essa coiza que se chama amor são, para mim, dois famigerados contistas do vigario que ha muito já deviam estar mortos, pois eles só trabalhavam para perder a gente.—Ajenor.

O meu coração é um formidável altere não pezoado que ainda não arranji uma da forma que o sustente. — *Clóvis*.

«Minha alma de moço» é um manifesto cujos volumes trazem marca e não trazem numero, e «eu faltaria ao mais sagrado dos deveres, se neste momento solene, em que são apresentados os despachos, não representasse. — *Garrido*.

Depois que passei ao uso dos olhos, já me sinto mais gordo e... bonito. — *Verdeira*.

Fui hontem ao cinema, mas, aqui em segredo, não gostei nada, pois foram só cinco fitas curtas e eu paguei dez tostões. — *Ezra*.

Queria que no concurso de geografia casse este ponto: Geografia, corografia do coração e etnografia do amor, pois nestes temas eu sou mais *baila telerecha*. — *Dico*.

«Se me fosse dado possuir a eloquencia de um Mirabeau», a empregaria todinha no «Canhêto». — *Alcides*.

NO BARBEIRO

— Meus senhores...
— Boa tarde.
— O! com a breca, tenho de esperar.
— Não, não; espera. Isto está pronto.
— Parece-me que o melhor é voltar mais logo.
— Prontinho. Depois desta senhor, e você.
— Bem. Então não demore.
— Novidades, heio?
— Tudo velho, meu caro, tudo velho.
— Não; ha de haver alguma coisa nova.
— Que eu saiba, nada.
— Então o cazorio do Hermes? o pessimo estado das operas?...
— A! sobre isso não discuto; não perco tempo com coisas insignificantes.
— Insignificantes?! Então um casamento daquela natureza é insignificante?! Bem se vê que você não está no par do que vai por esse mundo.
— Do que vai por esse mundo não estou, não...
— Alô! Queira sentar-se.
— Até que enfim...
— Barba?...
— Yes.
— Com que então, não tem nada para dizer, heio?
— A navalha está pessima.
— Prontinho. Esta que é novidade da Silva.
— Olhe, eu deixei o outro barbeiro, porque as navalhas eram de tal ordem, que levavam o coiro e deixavam o cabelo.
— U! As minhas sempre são superiores.
— A! isso não resta duvida. São esplendidas; levam coiro, cabelo e tudo.
— Em logo vê. Eram cascas as novidades.
— A! seu ararú, lá me cortou...
— O mil desculpas; isto não é nada.
— Não é nada?! Em você não é.
— Então que vale isto? as pequenas ficam encando de você na mesma.
— Que me importa as pequenas? Acabo com isso depressa.
— Então você pensa que eu não sei?! Olhe que as pequenas daqui são uma belé-

za, têm alguns dentes de Venus, e enfim são anjos caídos do céu.

— Sim?! Então essa senhora ai defronte, de cara chata, que parece um bôlo, também caiu do céu?

— Essa, coitadinha, teve a infelicidade de cair de nariz pra baixo...

Verdeira

Gavêta Canhóta

RECIBEMOS:

«O Democrata», de Jaguaré; «Mensajero da Fortuna», da Capital Federal; «Rio Novo», de Rio Novo; «O Mundo Feminino», de S. Paulo, e «Chico Jormal», folha mensaria de propaganda dos afamados medicamentos da Farmacia Chicó, desta Capital.

Gratos, permutaremos.

Partindo para a capital Baiana, mandou-nos o seu cartão de despedida o talentoso Francisco Prado, presidente da Sociedade Estudantil «Benedito Leite».

O florecente Club dos Democratas, de Sobral, teve a gentileza de nos comunicar o resultado da eleição para os seus membros dirigentes no corrente ano, gentileza que agradecemos.

O nosso distinto apreciador, Francisco Sindô, das rejóias longínquas do Brejo, teve a extrema gentileza de nos felicitar pela entrada do novo ano. Um abraço.

Antonietta Clotilde, inteligente diretora da apreciada «A Estrela» (Aracaty)—Que indescritível honra nos deu a sua cartinha de agradecimento ás justas referencias, feitas por nós, á vossa fulgurante *estrela*.

Club dos Democratas, Sobral (Ceará)—O Canhêto não tem palavras de agradecimentos a tantas distincões. Obrigado pelos cumprimentos de Boas Festas.

Dante.

As vantagens do "CREDITO MUTUO PRECUI"

SERIE	JOLAS	MENSALIDADES	DATAS DAS EXTRAÇÕES	
			15 de cada mez	15 de cada mez
Especial...	4\$000	2\$000	15 de cada mez	15 de cada mez
Economica...	2\$000	1\$000	15 de cada mez	15 de cada mez

Sede provisoria: Rua Coronel Colares Moreira—20.
Telefone—112 Caixa postal—76

Externato Rio Branco

SEDE—Rua 28 de Julho, 53

Curso primario

Diurno, das 8 ás 11 horas.

Noturno, das 7 ás 9 horas.

O ensino obedece os mais modernos metodos até agora introduzidos nas escolas.

O Canhêto Elegante

Aniversarios

Transcorreu a 16 do corrente o aniversario natalicio da exma. sra. d. Rozelia Ranjel, prezadissima esposa do sr. Joaquim Alves Ranjel, competente telegrafista morsista da estação desta capital, e mãe do nosso consocio Hermes Ranjel.

A casa do telegrafista Ranjel esteve, nesse dia, repleta de pessoas amigas, que foram levar os seus cumprimentos á exma. sra. d. Rozelia Ranjel, pela feliz data do seu natalicio.

A familia Ranjel expressamos os nossos sinceros saudaes.

Passou a 25 a data anniversaria de mille. Naiza Silva, inteligente e estimada professora publica municipal.

Fer anos no dia 27 o sr. conego João dos Santos Chaves, prorector prof. catedratico de latim do Liceu Maranhense.

Festejou a 30 o seu aniversario a exma. sra. d. Amelia Torres, extrenna consorte do sr. major Tiago Rodrigues Torres, sollicitador dos auditorios desta comarca.

Fer annos, hontem, a exma. sra. d. Ana Lobato Viana, prezada genitora do nosso consocio Waldemiro e do fulgurante jornalista Luiz Viana.

Fer anos também, hontem, a senhorita Laura Souza.

Decorre, amanhã, a data natalicia do sr. José Bittencourt, conceituado empregado do Tezouro do Estado.

Aniversariam-se mais:
A 4 a exma. sra. d. Mariana da Silva Caldas, dileta esposa do sr. Hercules Caldas, conceituado guarda-livros do Banco do Maranhão, e mãe do nosso inteligente companheiro bacharel em ciencias e letras João Paulo da Silva Caldas.

A 5 nmo. Olindina Nogueira Vinhas, extremada consorte do dr. Raimundo Alexandre Vinhas, juiz de direitas da vara de casamentos, e mãe do nosso dedicado commandante João Vinhas.

A 8 millo. Consuelo Arozo, nossa leitora constante.

A 10 a galante Aldehora, irmã querida dos nossos esforçados companheiros Djalma e Hilton Fortuna.

A todos, os nossos votos de perenes venturas.

Vizitas

Visitou-nos o sr. Adelmo C. sta, habil radiotelegrafista do paquete «Ceará», que entreteve conosco agradabilíssima palestra.

—Deu-nos o prazer da sua visita o sr. Augusto Furlanetto, representante da Biblioteca Internacional de Obras Celebres. Gratos.

Partidas e chegadas

Acha-se entre nós o ilustre capitão dr. Antonio de Castro Pereira Rego, deputado ao congresso legislativo do Estado, que vem tomar parte nos trabalhos da sessão do presente ano.

—Do Rio chegou a 24 do mez passado, no paquete «Bahia», o sr. Arthur Almeida, ultimamente nomeado para o cargo de administrador dos correios do nosso Estado.

Por terem de partir para Manaus, no dia 3, tiveram a gentileza de nos trazer as suas despedidas os nossos inesquecíveis apreciadores, Plinio, Laudiceia e Rejina Jucá. Auguramos-lhes feliz viagem e breve regresso.

Dr. Paulino Jucá

Parte amanhã para a capital amazonense o ilustre sr. dr. Paulino Jucá, ex-inspetor da nossa repartição aduaneira.

O dr. Jucá, que durante o tempo de sua gestão nesse departamento do ministério da Fazenda se manteve com dignidade e honradez, procurando sempre se mostrar um amigo e não um chefe dos seus subordinados, segue acompanhado de sua exma. Família.

As dr. Jucá, os nossos votos de feliz viagem, que são também os de todos os amigos que na sua estadia entre nós soube o distinto funcionario captar, pelas excois e peregrinas qualidades que lhe ornaram o espirito.

Eulides Marinho

Assumiu a 1.ª do passado o cargo de inspetor da Alfandega, em substituição ao dr. Paulino Jucá, o distinto cavalheiro sr. Eulides Marinho, 1.º escriptorio da aduana paraense, nomeado para aquele cargo, a quem enviamos os nossos efusivos parabéns.

Ajenor Santos

Passa amanhã o aniversario do nosso inteligente e ativo companheiro de trabalho Ajenor Santos, atualmente na capital da Republica, onde cursa, com rara distincção e reconhecida applicação, a escola Marconi.

Ajenor Santos, que desde os primordios da nossa cruzada se vem batendo conosco em prol do mesmo e nobre ideal, receberá, de certo, amanhã, embora longe da terra que lhe acalentou os primeiros soluços, sob a cupola de outro céu, os cumprimentos dos numerosos amigos que a sua afabilidade de trato há conquistado, aos quais juntamos os nossos, envolvendo-os nos mais acrisolados

dos votos pelo seu bem-estar, votos esses que se estendem também aos seus carinhos pais.

Um mimo vallozo

O nosso inteligente companheiro de trabalho Hermes Ranjel teve a nimia gentileza de nos oferecer um belo quadro com o retrato do inolvidavel chanceler brasileiro, Barão do Rio Branco, a crayon, por ele magistralmente trabalhado.

O trabalho é de uma perfeição a toda prova, que traduz clarivamente a dedicação espontanea do seu autor e contrasta largamente com as condições do meio em que vive, atendendo-se á deficiência de estabelecimentos que preparem o aluno para aquele ramo de arte.

Esse fato constitue, pois, uma revelação bem promissora, razão por que enviamos a Hermes Ranjel saudaes os mais efusivos e afetuozos.

Consortio

Comunicaram-nos o seu consorcio o sr. Alexandre Teófilo de Carvalho Leal e a exma. sra. d. Adalja Mendes da Silva Leal, gentileza a que nos confessamos pehorados, augurando-lhes um porvir rizo-nho.

Do sr. Augusto Botelho, agente, nesta capital, da companhia Antartica, de S. Paulo, recebemos um cronio com folhinha, para o 1914. Gratos.

Fitas

Como era de prever, com a entrada da nova estação os cinemas têm sofrido uma baixa consideravel no numero de seus espectadores.

A despeito, porém, dos agnaceiros que quase quotidianamente dezbam sobre a cidade, o Ideal ha mantido sempre uma frequencia de não pequena quantidade de habitués, o que atesta, cabalmente, a justissima nomenclatura de que goza da nossa sociedade.

Os films de successo têm sido ultimamente, *Tudo se revela* e *A Honra*, estando afixado no cartaz, para hoje, *A princesa Spina-roza*, em que tem papel saliente a primorosa e coquette Rita Sacheto, de Copenhague.

O exito será, a ver, franco. Almejamos ao Ideal muito pouca chuva e espectadores á ufa.

A. C.

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhota

CAPITAL.

Alfandega, 10—João Vitor resolveu apozentar todos vencimentos arcaico paletó tempo posse, cento vinte cinco remendos, parecendo oculos terem guardado nojo trez dias. — Garrido.

João Lisboa, 11—Nelson Rodrigues resolveu adotar mania teatral, seu primordial assunto: — *Arturo Arcevedo*, *Coelhos Netos*, *Aluizos*, comédias, dramas e pontos. — Frade.

Telegrafo, 11—Vitoriano di... di... di... diz vai pedir remoção Estado S. Pau-

lo, porque não pode viver mais aqui e a tima paixão gigantesca senhora lúria Api... banha. — Alcide.

Imprensa Oficial, 20—Ademar empunha-se fim arranjar emprego esta repartição. Governo consultou-me: informei haver inconveniente, visto não podermos servir pãu cabelreira. — Teixeira.

Praia Grande, 23—Rebouças contrató Antonio Head advogar sua cauza. Patro-namos negociação, visto pretendermos ila-lhe sociedade proximo ano. — Modolo.

R. da Palma, 24—Luiz Vieira Silva, se-ler «Pacotilha», hoje, desmaion; voltando a si, tentou suicidar-se, sendo por mim impedi-do. Até agora não conseguí saber motivo. — João Henrique.

Quinta Lapemberg, 26—Com grande concorrença teve lugar, domingo ultimo, inauguração Centro Cultura Física, havendo partidas Foot-ball, Tennis, exercicio Ginastica pedagogica, concursos galatas, etc. Fomos entusiasticamente ovacionados nosso grande esforço. — Carneiro, Viana e Moraes.

Predial, 27—Francisco Gama, apaixonado linda vista desta janela, vizita-nos diariamente. — Pinto.

Quinta Lapemberg, 28—Depois fundação Centro Cultura Física, tenho mais 500 musculos, 80 quilos de... apetite, não sei quantos litros sangue, força 20 vezes e mais velocidade que automovel. Só as po-queñas têm medo de me dar mão para não fazer dos seus ossos (dela mão) pó de João Lima... — Cloris.

Balnarte, 28—Pretendo alistar-me es-porte a ver se creço duas polegadas para ao menos ficar altura da pequena. — Luz.

Rua Paz, 29—Se houvesse esporte nazal, eu era dele de corpo e alma. — Vasconcelos.

Alfandega, 29—Garrido resolveu provar palavra Wuppischlander pertence lingua alemã, pois é universalmente falada na Dinamarca. — Raul.

INTERIOR

Natal, 20—Difano encontrou mais um colega de filança; sou eu... — Maximus.

—

As pessoas, que receberem o nosso jornal e não o devolverem no prazo de 5 dias, serão consideradas assinantes.

CAZA BORDALO

—DE—

Joaquim Ferreira Bordalo Succo

RUA GRANDE, 27—MARANHÃO

Encontram-se: Calçados para homens, senhoras e crianças, em todas as cores e dos mais afamados fabricantes nacionais e estrangeiros.

Grande emporio de cabedais para sapateiros.

Preços sem competidor.

Vendas somente a DINHEIRO.



Parágrafos

«Nos somos folhas e ramos
que se desprendem da grande
árvore da humanidade, e mor-
temos».

Assim disse alguém, cujo nome não
me recordo, e disse muito bem...

O borborinho nas ruas aumenta des-
medidamente, toda a cidade se apita,
uma alegria sem fim, um frenesi de lou-
curas.

Que é?... Que pôde ser?...

Perguntam uns e outros, mas nin-
guém explica o fato, porque isso não é
mais do que a folia do Deus Momo, que
nos embriaga a alma.

Cada um distrae-se como pôde, e
gasta o que lhe permitem as suas pos-
ses?...

Não, não é tal...

Ha quem nada tenha e, comquanto a
crize não permita, fecha os olhos para
o mundo da realidade, como se o fizes-
se para sempre, se aguardasse uma ven-
tura que ainda não foi sabida, passa,
torrivelmente, a vida iluzória, confi-
ante no futuro que o aguarda.

E um louco?

Não, e nem pôde ser.

E que esses, que assim procedem,
vivem sem limites, — isto acontece qua-
se que somente nos moços — gastam
mundos e fundos.

A expressão já conhecida, demarida-
mente vulgar, — *Vive um comete* — come-
ta a influir no intimo dos pobres de es-
pírito, dos que não vivem para a reali-
dade, e que só pensam em loucuras.

Alegar-se, viver livre, independente
mesmo, é o maior desejo, e o que mais
flicera a alma.

Logo de se não gozar a juventude, di-
zem uns, não de se não *flutuar* a moc-
idade, ponderam outros, para nada serve,
uma alguma adianta, não se pode ad-
iantar, porque o homem não nasceu para
isso.

E preciso gozar a vida quando se
é jovem, e velhice, quanto mais quando se

está ainda na flor da mocidade a voar
pelos céus dos quinze a vinte e tantos
anos.

Depois de morto, adeus minhas en-
comendas, nada mais podemos adian-
tar.

E por aí se vão, caminho a fora,
num indizível contentamento, a traves-
sando alas, de alma aberta em flor, a
procura do bem estar, verdadeiramente
entregues a plena ilusão, mas a uma
ilusão doce, que se não concebe e que
se não compreende mesmo.

E o carnaval a loucura dos moços,
e o carnaval tudo vale neste mundo.

Chora-se num dia, ri-se no outro.

O caminho da existência, que é tão
curto, é finito, e, por isso, não se pode
deixar de fazer loucuras.

E assim, quer de uma, quer de outra
fôrma, quer alegre, quer triste, é inega-
vel, um dia a matéria será destruída,
passaremos a vida do Nirvana, a religião
de Budha não falhará, ficando compro-
vada a desvalorização do homem.

Estamos no carnaval, folguemos, pois,
num auge de delírio, para expandir as
máculas, que nos dilaceram o ser, e ani-
quilar os males que nos exasperam o
intimo...

Abilio Pimentel.

A' tóa

DEPOIS DUMA DESPEDIDA

«Sejam os nossos corações
Luzes e relíquias de saudades,
E de recordações».

O! quanta saudade, no dia de hoje,
as mais cruciantes.

Que despedida comovente que me
deixou gravados no coração, os mais
indeleveis traços dum perfil que idola-
trei, duma effigie que, por longo tempo,
povoou os meus mais sublimes e alme-
jados sonhos aureos.

O! quanta desventura deixa uma se-
paração, quando as almas são dominadas
pertinazmente por um *perene afeto*
involuntário e indissolúvel!...

O! quanta tristeza! quanta utopia na
quele ultimo olhar que indicava cons-
tancia só e unicamente!...

O! quanta significação naquella res-
posta: — «obrigada, a minha jura de al-
mejar-lhe imorredouras felicidades!»...

E... deste sítio, local da despedida,
estas palavras, ditadas por um coração
alvejado pela seta da ingratidão, perdem-
se no vazio, sem que, aos ouvidos delá,
cheque o mais imperceptível bulício do
que, tão fielmente, aqui gravou...

E a constancia, como prometeu o seu
ultimo olhar?

O! vizões homéricas... aniquilai-vos
nas espirais azuis de fumo, que se espre-
guçam em minha frente, pois, para es-
paçar-me deste canho dantesco, izo-
lo-me e fico submerso na leitura de
Werther, joia gothiana, que me não
sai das mãos.

Quanta saudade!...

Dante Faria.

Os Ateniadas

CANTO PRIMEIRO

28

«Reservado já tendes lá no inferno,
Cuja vivenda é mais acimatada (46),
Um cantinho maior do lado interno,
Onde vossa mania apavilhada
Encontrará padrinhos, e do eterno
Botecho alcançareis a dedicada
Proteção, p'ra que todo o mundo veja
Vosso valor que o inferno todo inveja».

29

«E, como sois rapazes donodados,
Em quem desembro gestos de inimigos,
Porque não poupo a vossos aleijados (47)
Produtos, que detesto, vis castigos,
Ordeno o Botecho que respeitades
Por seus súditos sejam os antigos
Proceitos do dever, e em cada bota
Tenham vosso passado em grande notas».

30

Estas frases o Mario proferia,
Quando os *manhos*, por *am*, não se contendo
Numa folha, que o povo defendia,
De nós muitas asneiras foi dizendo;
Chamado à sala o *tal* já não sabia
Quem aquillo fizera, e já tremendo,
Retirou-se afinal vexadamente,
Ante o brilho que viu na nossa gente.

46) adequada

47) mal feitos

Camonillo.

A's florinhas do meu amigo Feijó

Quando eu era pequenino como vo-
cês, ou, por outra, quando tinha pouca
idade (porque ainda hoje sou pequeni-
no), gostava imensamente de ouvir as
historias que vós me contava e a meus
irmãozinhos.

Já habituados, não dormíamos sem
ouvir uma historia. E a pobre velhinha,
para nos ser agradável, passava as dias
inventando uma no-a historia para nos

"O Canhoto"

Órgão da sociedade literária
BARÃO DO RIO BRANCO

Literário, humorístico e noticioso

Tiragem 1.000 exemplares

Assinatura anual... 28000

Corpo redacional

Djalma Fortuna
 Joaquim Lira
 Hilton Fortuna
 João Caldas

Toda correspondência deve ser

dirigida a "O Canhoto"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

contar à noite; às vezes com, às vezes sem espírito.

Para não notarmos que a história era inventada quase a última hora e que estava mal decorada, a velhinha constantemente interrompia a narrativa com uma tosse demorada ou uma sêde constante, e quando estes pretextos estavam prestes a ser descobertos quem pagava o pato era o caximbo, que apagava a todo instante.

Certo dia, porém, sem solicitarmos, como de costume, a velhinha nos contou a seguinte história:

—Foi pela guerra de Canudos que meu sobrinho Frederico foi recrutado para servir a pátria. Muito chorei quando tal sucedeu. Passava as noites ajoelhada, fazendo orações, para que ele não morresse na guerra. A preta velha Sibina era quem sempre me aplicava essa forte dose de consolação: —Quá ia lá, tenha fé na *riçê* qui sinhô moço não é de morrer. Se ele não vortá ofiçã, hará de vim ao meno de *cabo prá-ribe*.

Já se tinham passado 2 anos, que para mim foram 2 séculos crivados das mais cruéis desventuras e cauzadores do embranquecimento de meus cabelos, no entanto ele não voltava.

Uma noite, quando estava rezando, como de costume, bateram à porta.

Fui abrir e, encontrando-me com um homem desconhecido, perguntei:

—Quem é?

—Frederico Valadares Xavier da Conceição, seu muito digno sobrinho e *fursê* do 5.º regimento de infantaria, estacionado nesta cidade, onde aguarda ordens do governo para mostrar quanto é valente, como mostrou em Canudos, no ano passado.

—Entra meu filho, então não chegaste a ofiçã?

—Não, trago apenas 3 fitas e 1 condecoração, não chegando a *uferes*, porque me apresentei em uma formatura sem o colarinho, pois o tinha emprestado ao Dôlota, repórter de um jornal.

—Então ainda voltas ou fica com tua velha tia?

—Minha tia, móro com o meu comandante, onde tenho *caxa, almoço, jantar e bola* e mais uma lavadeira que todos os meses étra a soma da minha conta; portanto, atendendo aos efeitos da crize, sou forçado a voltar...

Atentos ouvimos a bela história. Notamos, porém, que, durante essa narrativa, ao tinha havido tosse, sêde e nem tampouco o caximbo se tinha apagado. Ficamos ainda mais surpresos, vendo, ao

terminar, que duas grossas lágrimas desciam longamente pela face enrugada da pobre velhinha.

Dormi pensando em meu tio furriel, que talvez já fosse capitão; mas, em sonho, apareceu-me uma fada que me disse: —Se tua avó não foi atriz, é plagiária.

Jovira.

Cavações

Ao pézo de molestia tórpe e dura,
 Em solitária cama, quase escura,
 Falece um proletário;
 Trabalhador, ativo, intranzigente,
 Modesto, pontual, inteligente,
 Cumprindo o seu fadário.

Dá-se uma vaga; e logo incontinentemente
 A *cata transmissora*, obediente,
 Padece de trabalho!
 São *pistólis* que voam pelos fios,
 Fazendo os empregados corruptos,
 E vivos como um alho.

—Quero a vaga (diz um) para o Joaquim,
 —Para o Jorge, meu filho, quero, sim,
 E ele há de pagar!
 —Não, senhor, há de ser para o Leão,
 Que possui muito pouca proteção
 E o prazo vai findar...

E assim vai cada qual mais esgalgado,
 O rico, o rei, o príncipe, o morgado,
 Insanos a cavar!
 —Mas, ó decepção! o sorte impaga!
 —Quem paga, quem abiscota a boa vaga
 É um burro cavalgar...

Manhózo, incompetente, Calafaz,
 Que passou no concurso por detraz
 Com muita proteção!
 Vagabundo que vive num vai-e-vem,
 Que nem mesmo seu nome assina bem
 Só tendo o *pistólio*!

H. Ferrári.

Sociedade Literária Barão do Rio Branco

Foram propostas e aceitas, socias efetivas as senhoritas: Noemi Souza, Corina Caldas, Francisca Rios, Aurina, Valadão Borj, Aderia Valadão Borjes, Carmen Pontes, Ruimunda Azevedo, Prof.ª Rosa Castro, Otamires Santos, Silvina M. Piauchão, Branca Vinhais e Ana Amelia Viana Torres.

O brilhante romancista Coelho Neto, em ofício de 22, aceitou o cargo de sócio honorário, agradecendo ao mesmo tempo a atenção, aliás justa, que teve a sociedade para com sua venerada pessoa.

Foram eliminados 6 socios.

Biblioteon

Alem de uma coleção da «Biblioteca Interacional de Obras Celebres», adquirida por esta sociedade, foram feitas as seguintes ofertas pelos socios:

—Hilton Fortuna, um jogo de dicionários e doze obras; Djalma Fortuna, seis; Jozé Vinhais, duas; Djalma Vasconcelos, uma; e Clóvis Castro, uma.

O socio honorario Coelho Neto deu tres ob as da sua rutilante lavra.

E a socia Lilia Botelho, uma estante.

A sessão de 10

Conforme noticiamos, realizou-se a 10.ª sessão comemorativa do 2.º aniversário da morte do inolvidável patrono desta sociedade, o Barão do Rio Branco. Após aberta a sessão, o presidente Djalma Fortuna convidou a presidência o farmacêutico Julio Ramos, que, em seguida, concedeu a palavra a cada um dos oradores inscritos. Falou, em primeiro lugar, o socio João Caldas, sendo muito aplaudido. Depois se seguiram os socios: —Jozé Vinhais, que dissertou sobre a parte historica; João Ribeiro e Djalma Fortuna, que se referiram à data; e Hilton Fortuna, que recitou com emoção um longa poesia da sua lavra, intitulada «Rio Branco», que publicaremos no proximo numero. Alem dos socios, falaram ainda: —o escriptorio Jozé Maria de Jesus, que pronunciou um bem cuidado discurso; o representante do gremio Rui Barbosa, sr. Emanuel Coqueiro, improvisando uma alocução aluziva ao ato; e, finalmente, o farmacêutico Julio Ramos, que, num feliz improviso, exaltou a figura idolatra da do Barão do Rio Branco, encerrando, depois, a sessão.

Conferencia

No proximo dia 28, realizar-se-á na sede desta sociedade a 3.ª conferencia. Está a cargo do nosso conf ade Hilton Fortuna, que escolheu para tema «O Rizo».

Já estão sendo distribuidos os convites para esse dia.

Canhotadas...



(GENERO CARITA)

Quem vai ao cinema deve trazer sempre os olhos abertos; do contrario será impossivel ver as fitas.

Em fazendo uma carta, nunca devemos assinar o nome dos outros.

Quando quizermos pedir um sapato emprestado, nunca devemos fazê-lo a crianças de 2 anos, porque pôde não servir.

Não é bom, escrevendo, molhar-se o lapis nos olhos.

Para a boa interpretação deste preceito: «amar ao proximo como a si mesmo», ao vêrmos uma formiga, na iminencia de ficar esmagada, é melhor levantá-la com todo cuidado, passar e depois colocá-la no mesmo sitio.

Nunca devemos emprestar a nossa dentadura, principalmente a pessoas desconhecidas.

Quem é nervoso não deve cair no pó.

Deve-se evitar ler o jornal de cabeça para baixo, pois ficará, quem tal fizer, ameaçado de nada compreender.

É desnecessário tirar barratadas aos cégos.

É arriscado mandarmos dinheiro por pessoas ladras.

Não se deve comer aquilo que já serviu para alimento de outros...

Nos teatros nunca é bom bater palmas com os pés...

Antes de pôrmos qualquer carta nos Correios, devemos fecha-la a cadeado, afim de evitar a violação dos empregados...

Não é correto sair-se, à rua, nu.

Quem se quiser suicidar, é escusado empregar meios que não tragam a morte.

Ateia contra a civilidade quem traz sempre o calcanhar para a frente.

Antes do banho devemos nos despir para não molhar as vestimentas.

Quando se quer dormir, convém, antes de tudo, fechar-se os olhos.

Os filhos nunca devem dar cascudos em seus pais, mesmo quando eles façam malcreações.

Em hipótese alguma deve-se andar de cabeça para baixo, afim de não calejar o crânio.

Pelo inverno, é inconveniente o uso do guarda-chuva, fechado.

Um homem absolutamente não se deve cazar senão com uma mulher.

É desnecessário os surdos irem ouvir missas.

Nunca é bom se dar murros em taboas cheias de pregos ou em chapas de fogões quentes.

Ao usar-se um «Rodó», convém primeiro partir o pinzinho que ele traz.

Os rapazes elegantes jamais deverão raspar as sobrancelhas.

Os «confettis» nunca devem ser quadrados.

Quando qualquer pessoa sai mascarada, escusa de dizer o seu nome.

Os juizes nunca devem condenar o réu pelo o voto de Minerva.

Quando se faz uma petição, a qual quer autoridade, não é bom trata-la por «e» por um selo de tres vintens.

Não merece louvores quem escreve a giz nas costas alheias.

Cauzará grande transtorno todo aquele que fechar uma porta e boiar a chave fora; salvo se tiver duas iguais.

Ficará com a boca suja quem beber tinta.

Para comer um porco, deve-se mandar mata-lo, antes de ir ao fogo.

Si por qualquer eventualidade o «Rodó» nos cair nos olhos, não devemos tira-lo com o dedo.

Grande responsabilidade terá, perante o fiscal dos automoveis, quem ocupar estes veiculos por uma hora e pagar duas.

Dandy.

O Canhoto Elegante

Joaquim Luz

Partiu para o vizinho estado de Cajapió, em tratamento de saúde, em carta de paixões encubadas e amores quixotescos, o nosso inteligente e prestimoso companheiro Joaquim Luz, que ora ilustra o nosso serviço telegrafico com as narrativas dos seus novos amores naquela cidade europeia. Ao Joaquim os nossos sinceros votos de melhoras sensíveis e que de lá volte mais alto e menos apaixonado.

José Vinhais

Com intenso contentamento vimos passar, a 14 do corrente, a data natalícia deste nosso distinto coadjuvante que, desde a fundação da nossa associação literaria, vem batallando conosco pelo seu levantamento. Espirito perspicaz e inteligente, inve civil nas letras, muito se impôs à nossa estima tão distinto companheiro.

E, como prova de sua intrajizencia ao labor, foi, ha pouco, distinguido com sua aclamação unanime para 2º Secretario da Assemblia Geral da Equitativa do Norte, sociedade maranhense de pensões fundada, há pouco, entre nós.

Efuzivamente saudamo-lo.

Não foi só o carnaval que nos trouxe alegria, o belo lapso de tempo das conquistas. De envolta às alegrias do carnaval nos vieram duas bem intensas: — uma, a nomeação do nosso colega Clovis Castro para o lugar de praticante interino dos Correios, distincção alia justa, tal o desvelo característico do Clovis aos trabalhos confiados à sua guarda, e a outra a noticia da aprovação distinta do nosso companheiro Ajenor Alves dos Santos que, com raro e excepcional brilhantismo, cursou a «Escola Marcouza», do Rio de Janeiro, terminando, assim, o curso de radio-telegrafia.

Ao Ajenor um dos fundadores d'«O Canhoto», auguramos «galgo» a estação que em breve será inaugurada aqui, para, de perto, melhor gozarmos do seu trabalho que tanto tem levantado a nossa cruzada.

Já se acha em plena convalescença o nosso colega Marcos Guimarães Rios, que há algumas semanas guardava o leito. Não pôde este alegre amigo deixar o carnaval vê-lo na cama.

Teve a extrema gentileza de nos oferecer

um exemplar da «Rosa Laranja», valsa da sua fulgurante lavra, o maestro Adelmair Brazil Corrêa, abalizado chefe de orquestra que muito se tem distinguido pelo seu rotundo talento.

A inspirada valsa, este notavel muzicista dedicou a sua dileta filha daquelle nome, O Canhoto, penhorado, agradece.

Camélias e magnólias

Em 10 do corrente, festejou o seu natal o estimado e competente telegrafista Joaquim Alves Ranjel, carinhoso professor do nosso companheiro Hermes Ranjel.

Entre alegria dos que o prezam, festejou a 17, na intimidade do lar, o seu quinquagesimo aniversário natalicio o Major Alfredo Fortuna, estimado escriptor federal neste estado e pai dos nossos colegas Hilton e Djalma Fortuna.

No mesmo dia, natalicioou-se a senhorita Cotinha Bittencourt, o que aconteceu, a 18 a sua gentil irmã, a senhorita Alice.

Fez anos, no dia 20, a nossa gentil apreciadora e ledora constante, a senhorita Soquastiana Junqueira dos Santos.

Hontem amanheceu a nossa Redacção em festa, pois, com indefinido contentamento, vimos que o nosso canhoto marcava o dia do nascimento da interessante amiga-nha Iáia Vinhais, gentil florinha do jardim do Feijó, que idolatra a travessa aniversariante como rainha, que é, das canhotoleirinhas d'«O meu jardim».

Que o dia 21 se reproduza sempre festivo à Iáia e seus carinhosos pais.

Festeja o seu aniversário, em 26, a senhorita Edith Souza, dileta filha do nosso amigo Fernando Antonio de Souza, digno escriptor do nosso foro.

Em 28, a Exmª Srª D. Filomena Pires Vasconcelos, esposa do Sr. João Vasconcelos, nosso distinto amigo e apreciador.

Os nossos garrulos e interessantes amiguinhos Dulce e Tales Bastos de Melo, gentis filhinhos do nosso confrade Benjamin Franklin de Melo, nam mimozo cartãozinho, tiveram a gentileza de nos comunicar a vinda ao mundo do seu novo irmãozinho Mendelson que veio formar a triadão angelical da alegria do lar dos seus carinhosos pais. «O Canhoto», desvanecido, almeja ao novo amiguinho um porre ridendo.

Condes de Corrêa de Araújo
Foram, ultimamente, galhardados pelo Vaticano, com os titulos de condes de Corrêa de Araújo, o illustre pernambucano Conselheiro Corrêa de Araújo lente catedrático aposentado de Direito da Faculdade Juridica de Recife e ex-governador do seu estado natal, e sua Exmª esposa Srª D. Gasparina Corrêa de Araújo.

Foi o tirocinio academico do Dr. Corrêa de Araújo um dos mais brilhantes; e, o mais joven doutorando, como era, foi nomeado para o corpo docente da faculdade referida.

O illustre Conselheiro e tio da virtuosa consorte do nosso amigo Coronel Alfredo Nogueira.

Os nossos parabéns, pois.

Fitas

Imem Chinesa

Festejou, a 15, o seu quarto aniversário, este querido e apreciavel cinema que, em

sua reconhecida modestia, vem do hábito de ganhando terreno na arena da simpatia.

O programa exibido agradou notavelmente e a casa apresentava uma decoração deslumbrante sob uma iluminação feérica. Foi uma noite de verdadeira alegria que deixou a todos os frequentadores do Ideal, a mais viva impressão.

Domingo último, deu-nos «O direito à felicidade» excelente trabalho alentejo, verdadeiro lavor da Vitanópolis. Durante a semana, fez exibir diversas vezes a finíssima comédia nordestina «Sua Alteza» que se irá exibir na madrugada.

Para domingo, hoje, está anunciada «O filho da prisioneira» trabalho da acreditada «Le fil d'art».

As conferências

O nosso fulgurante confrade farmacêutico Julio Ramos, talento largamente esclarecido, pretende realizar uma conferência, aqui, em benefício dos pobres da «Associação de S. João», no salão do Centro Republicano Português. Julio Ramos, há dado provas do seu cultivo literário em diversas conferências que fez no Amazonas.

Assim, pois, teremos ensejo de julgar o jovem amante fervoroso da cruz da literária.

Somos gratos pela gentileza do convite que nos dirigiu.

D. F.

Hilton Fortuna

Transcorrerá, no próximo dia 28 do corrente, o aniversário natalício do nosso talentoso confrade e amigo Hilton Fortuna.

Hilton, dispende de uma sólida inteligência, cujo cultivo, aparelhado com os dotes distintos que possui, faz-se elevar além da nossa expectativa.

Batalhador tenaz pelas coisas do belo, o nosso apreciado colega tem-se feito desenvolver largamente nas colunas d'«O Canhóto», quer na prosa, quer na poesia.

Para atestar o que dizemos, basta salientar, entre os seus trabalhos, a poesia que recitou por ocasião do aniversário do falecimento do nosso patrono, o inesquecível Rio Branco, trabalho demasiadamente apreciável.

Ao aniversariante, os nossos efusivos parabéns, extensivos à sua digníssima família.

O MIRANHÃO CIVILIZA-SE!

Segundo o exemplo das grandes cidades, acaba de ser fundado, nesta capital, um *business* de negócios amorosos, com o nome de «Agência Cazamentina». Esta utilíssima instituição tem por *dedicação*—cavar, arar, jar e administrar namoros, promover a volta de namorados arribados, convencer pais ou tutores, etc., dispondo para isso de pessoal *geitozo e limpo* na sociedade.

Os planos de ação serão dados sempre pelo diretor e fundador da agência: sr. Antão do Head.

De há muito que o sr. Head se ocupa de tão nobre quanto útil missão; mas, como atualmente já não chega para as encomendas, resolveu fundar uma agência com pessoal habilitado, podendo, assim, corresponder às exigências da sua grande clientela, certa, pelos resultados já evidenciados, de sua habilidade profissional, fina e sagaz.

«O Canhóto», noticiando mais este

passo do *progresso* desta terra, congratula-se com todos os que já estão servidos e os que se venham a servir, pela criação d'esse *bureau*, que tão bons serviços virá prestar ao povoamento do solo.

Clown

O Canhóto treme

Quando vê:

—sair um *sábio* marca Neumayer, exibindo talento *palaciano* pelos olhos, cabeça, barba, ouvidos, nariz e até nas mãos para copiar os trabalhos alheios;

—O Corraes Pinto (praticante) improvisar um sono, para obter da pequena uma licença, para ir *abonar*... num baile;

—Os Djalma Canhóto escreverem sem se subreverem reverentes

—o Serra zangado e prometer vingança ao pessoal canhotoiro...

—as pequenas da rua de S. João dizerem à passagem do Voltaire e do Navarro: «São duas belas coisas modernas...»

—Reparando bem... parecem...

—os «lança perfumes» espanadores trazidos, há pouco, do Rio dos... Janeiro, pois não prejudicam a vista, e são limpinha

—o poeta Voltaire, na crítica «Jaburá», interpretando o papel do elefante.

—que seus assustados caloteiros vão sair no próximo domingo, na crítica «Rede do escóto».

—o Neves fantasiado de garrafa, lá pelo largo do Palácio.

—um ganso, na rua Formosa, que parecia o Neves Gaióto.

—que o nosso carnaval se quer assemelhar ao de Nice

—o João Lima amassado com aquele fraque dele, todo dele, do feito dele, bizarro como ele, ostentando a «pose» da sua nova patente de Redator e seu bichano Teixeira de... uem ao peito, ou melhor, de crizostomo Dê souza ao peito que mesmo debaixo da máscara palpita pela Laura «dele, toda dele, do feito dele»

—o escultor Rangel, lá pelo Galpão tentando suicidar-se injerindo carbureto, devido a inúmeras ingratidões.

Gavêta Canhóta

Recbemos a «Revista Typografica», relativa ao n. 1.º do VIII ano. Vem em formato de *clie* facículo e traz a mimosa joia de Coelho Neto «Serenata», ao lado do retrato, nitidamente impresso, do festejado jornalista. Recebemos, também, «Excelsior», órgão da florença e Sociedade E. Benedito Leite. Estampa, em sua primeira página, o retrato do eminente senador Urbano Santos.

Tivemos a agradável visita d'«A Luz» de Guimarães, que também traz o retrato do prestimoso senador.

Vizitaram-nos pela primeira vez: «A Escola», da Bifia; «O Trariense», de Trairas; «A Paz», de Santo Amaro; «Panoplia», bem cuidada revista dirigida por Beni Carvalho, de Fortaleza, e «Os Anais», órgão da «Nova Cruzada» de São Salvador.

Gratos, permuta-femos.

Durval Lopes, (Belem)—muito breve.

Boaventura Melo, Bibliotecário da União Operária Beneficente, (Goiatuba)—Agradecemos, retribuimos as apertadas felicitações.

Emanuel Socates—Não há dúvida, está perdoado. Mas, quem lhe disse que aceitávamos colaboração de pessoas que não fossem da Sociedade Literária «Barão do Rio Branco»?

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhóta

CAPITAL

Teatro, 15—Não consegui conhecer Aluizio vestido girafa baile daqui.—Antoninho.

Vasconcelos apareceu junto «madã». Conhecido porque recitou «cão leproso».—Alvaro.

Praça João Lisboa, 15—Alcide, vendo maestro perfumar apaixonada, suicidou-o com «confete».—J. Teixeira.

16—Julio Ramos, devido intensa paixão, pretende partir breve Caxias, pedir mão amada.—Almir.

Avenida Odorico Mendes, 16—Hontem, vinha caça noiva, encontrei Clovis tentando desmoroçar coqueiro sua força herculeia.—Saldanha.

Rua Paz, 18—Encontrei joia outrora perdida. Saudoso passeio cáis Sagração. Deixo ir Redação.—Vasconcelos.

Telegrafo, 18—Comunico deixei andar Valente, devido estar empregado correio.—Mendes.

Baluarte, 16—Mestre Jansen comprou magalica caça... ponta S. Francisco, aproveita do relatividade paz para compor sua shake-peareina obra «A esfinge maldita».—Vianna.

Alfandega, 18—Tenor Augusto franco sucesso dó de pei o.—Newton

INTERIOR

Cajapió, 12—Cheguei mais alto, saltei cáis Pharoux. Apezar muitas pequenas, não fiz com arefecer me brejo. Coração saudoso Rua da Redação, carnaimac parecido Maximus Neumayer. Digam pequenas daí estou mesmo uma tetéia.—Luz.

Cajapió, 15—Constou-me Nestor me tom u perna mbucana. Cizo afirmativo, deixo voitar alim *celar* desgraça.—Joãoquim

Cajapió, 20—Escrevi intermédio bo-lôta morena *lôta*. Nada digam pequena. Saudades. Brejeiro.

Rio, 18—Terminei curso, distinção. Vou br ve buscar pequena, receiozo peça carnaval-sea. Uenior.

S. Paulo, 19—Muita animação carnavales, palmeiras? Aqui vejeto, não vivo. Avequicho.

Itapeturu, 20—Que pena não poder dar baile «Terpsichorea»? Saudoso baile daí. Aqui, ao som reque-reque, procuro espaiar paixão Miguel.

Itapeturu, 20—Figurino Moderno saiu hoje rua? Suicidi-me saudades Remedios e circunvicihanças. Neres.

EXTERIOR

Bruxelas, 20—Fui caçada dezerto Sahra; leões, amedrontados feitura, fugiram vivendo. Filogonio.

Bruxelas, 22—Como vai aí Alcide com Maestro? Vai em Pa? Antonio Dias.

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º

S. Luiz, 22 de março de 1914

NUM. 38

O meu jardim

Cleonice Paraizo.

Miozotis.

Salve 1914, que tiveste a ventura de ser estreado, no meu Jardim modesto, com o surtimento do gracil Miozotis! Salve mil vezes salve!

Os anjos celestes, o sói rutinante, a brisa fresca matutina, tudo, no alvorecer do novo ano, tinha a plastica poética, tinha a harmonia encantadora do mais soberbo espetáculo natural, mas não somente para celebrar o principio desta nova era, também para prestar homenagens á mais inocente das criancinhas que é Cleonice, o mimozo Miozotis que veio iniciar a serie de novas flores.

Tão grande é meu deslumbramento, tão inarrável é meu entusiasmo, para descrever os seus moldes divinos, que até a tinta se foje as caricias da pena.

«Figure-se a mais bonita criança, com um vivo, agradável e alegre semblante; com os cabelos loiros e anelados, voando ao redor de seu pescoço; com o fogo dos céus nos olhos, com o sorrir dos anjos nos lábios, com a graça divina em toda ela e far-se-á ainda uma idéa incompleta dessa menina!»

E a simpatia, quem pôde descrever?...

Pequenhina e travessa está o Miozotis, altamente colocado no altar da minha imensa e indescritível admiração.

Se eu pudesse construir um canteiro circundado de safiras, nêle colocaria entre outras mimozas, flores, a interessante Cleonice, e todo dia esparjaria em sua fronte infantil perolas de simpatia e afeição.

*Lá das alturas, sorrindo,
O Padre eterno me disse:
Dou-te agora em Miozotis
A formosa Cleonice.*

Feljó

Parágrafos

Que bela impressão a do carnaval! Tudo era uma delícia.

É preciso, porém, notar que, falando-se do carnaval, damos a entender que os dominós, as dansarinas,

etc., que predominam a essas folias, são os únicos capazes de nos atrair o espirito e de nos mover no intimo essa predisposição com que nos manifestamos, quando de tal assunto nos vamos ocupar.

Pode que isso aconteça a outrem, menos a mim.

Ou'ora, quando nos tempos de creança, assim pensava. Nada me fazia transbordar de contentamento, e nada me calava tão fundamente no espirito, como ouvir o ruído do tambor nas manhãs de domingo go-dô.

Hoje, porém, não penso assim e nem deveria pensar, porque o espirito de creança é outro, bem diverso do nosso.

O que nos apraz, quando creança, cauza nos enfado quando homens.

É' proprio, enfim, da epoca; e espirito evolue.

Nos nossos tempos, tempos de mocidade, quando nos sentimos no verdor dos anos, nada nos é mais aprazível e divino do que a troca de gestos significativos e olhares atrevidos com as deidades que frequentam os pontos de diversões na epoca do carnaval.

E foi ainda no entusiasmo desse bem estar que senti alguma coisa que se prende ao coração, que me invadia o espirito, fazendo-me sonhar.

E sonhei... Sonhei dormindo, porque dizem, e eu sou de opinião, que também acordado o homem sonha.

Sonhei com uma virgem, a quem eu disse qualquer coisa de amor, quando dormia, e que, depois de haver despertado, pude escrever no papel as minhas impressões, que ora passo a registar nestas mal encadeadas linhas:

«Nuvem branca dos sonhos da minha alma!

Eu quizeria depôr aos teus pés, no altar da tua inocencia, se é que existes, as mais suaves, as mais doces e frescas iluzões dos meus passados tempos de infancia, as mais singelas e castas essencias de uma rosa, quando dezechada em manhã hiernal.

Eu quizeria cantar-te nos meus sonhos; quizeria amar-te toda a minha vida, simbolizando a tristeza do meu passado e coordenando os anelos do meu futuro.

Se me permitisses, amar-te-ia.
Se pudesse, descreveria o teu perfil

encantador, traçava-o ainda mais belo do que o da Venus de Milo, do que tanto falam os poetas!

Que belo seria!...

Dos teus rozeos e assetinados lábios, algumas vezes vermelhos como os sanguíneos raios do sol, nas manhãs de verão, tiraria a essencia da minha vida. Da tua palidez, arrancaria o estro maravilhoso da poesia. Faria ainda mais do que isso.

Dos teus sorrisos castos e virgins, corava a estrada da minha existencia, iluminando-a com o brilho dos teus lindos olhos.

Sonhava... Sonhava...

Se me veio a ideia de descrever as impressões deixadas pelas tres noites de folias de carnaval, para ensaios de cronicas, como é que me deixo levar pelo mundo afóra da fantasia?

E' que a virgem, que corou os meus olhos com a sua encantadora fisionomia, veio perpetuar-se no meu espirito, que se deixa levar facilmente.

Impressionei-me, deveras, por aquele tipo de mulher que ainda redive na minha alma. Guardo-o como reliquia, mas uma reliquia sagrada que muito venerei e acato.

Ama-la-ei loucamente, erijindo-lhe uma estatua no coração, se corresponder ás minhas preces e atender aos meus rógos.

Tudo passa neste mundo de iluzões; só o coração do homem, que se curva ao da mulher, cala e sente...

Abílio Pinontel.

A' tôa

Estou a bordo.

Digo estou a bordo, porque estar em nossa teuda de trabalho ou a bordo é a mesma coisa.

O tilintar estridente da agua pluvial, de um principio de inverno morozo, anunciando um duradouro lapso de tempo aborrecido, sobre a cantaria que está somente a tres passos de distancia e no mesmo declive, nos dá a idéa verdadeira d'um dos nossos rios quando, pela instancia de chuvas, se vai espreguicando e alargando como que se fugindo consideravel e vertiginosamente. Acima de nossas cabeças, o sapatear constante de garulas crianças, que lá habitam, esquecidas dos labores da vida. É' este bulicio infantil e cheio de garrido que se parece o pizar do café a bordo,

PARNÁZO

Eleanôra

Rio Branco

10 de fevereiro de 1912.

Salve patrono! Aceita as homenagens,
Sinjelas, sim, mas puras qual miragens
Das nossas gratidões!
Vé como em nosso meio, humilde, embôra,
A sombra de teu vulto, a toda hora
Palpitam corações!...

Morreste na aparência, sim, morreste,
Foste morar à sombra de um cipreste
Tristonho e comovido,
—A morte vil levou-te sem piedade
E atirou-te na fria eternidade
Do pranto e do gemido!

Nesse dia cruel, que fortes dores!
Chorou mar, chorou céu, choraram as flores,
De luto e de penar;
E no peito de todo brasileiro
O teu vulto ficou vivo, altaneiro,
Como estrela a brilhar!...

O manto da tristeza, eria e densa,
Envolveu o Brasil na dor imensa
Nesse dia fatal,
Porque tu foste o arcanjo da bondade
Interprete da paz e da igualdade
Inimigo do mal!...

De norte a sul teu nome gloriôso
Está sempre sublime, majestoso,
Cantado com ardor.
E não é só no Brasil, ó morto ilustre,
A todos os países tu és um lustre
De paz viva e de amor!...

A tua vida foi curta e dedicada
Para a pátria querida e muito amada
Que sempre te venera
Sentimos ainda hoje a proteção
Emanada do teu bom coração
E de tua alma sincera!...

Sempre na luta ingrata de uma vida
Sem ligar aos escolhos da investida
Dos inimigos vis,
Caminhavas em prol de um grande feito,
Que apagasse em seu brilho o vil despeito
De todos os servís!...

Quem pratica na terra o que fizeste
Só mereço canções em tom celeste
De nós reconhecidos;

— E tua obra é um colosso gigantesco,
Verdadeiro primor, fin, arabesco,
Em todos os sentidos!

Acro, Anapá, Missões e muitas mais
Estão sempre sublimes, colossais,
Até a eternidade!
E ao vê-las meu Barão, todo universo
Em pezar bem profundo fica lmeroso
E chora de saudade!...

Que fizeste por nós, nunca se esquece;
Cada labio brasileiro tem uua prece
Para te bendizer;
O teu nome, brilhando como um astro,
Passando pela historia deixa um rastro
De luz e de saber!...

A palma do triunfo e da vitória
Adorna tua memoria como a gloria
E brilha sem cessar!
— O grande chanceler vé nossa gente
Como vive na terra eternamente
Sandoza a te chorar!

Hontem, éras sol grandiloquo e luzente,
Brilhando no Brasil com amor ardente,
De vitória em vitória,
Hoje, és pó e teu nome valoroso
Vive a luzir de gloria majestoso,
Nas paginas da historia!...

E sempre inesquecível grande obreiro,
No coração do povo brasileiro
Erguido tens um altar,
Onde campeia o pranto com a saudade,
E do dor, sem consolo, a humanidade
Não cansa de chorar!...

Nós, microbios minúsculos da arte,
Também temos aqui nosso estandarte
— Tua memoria querida;
Em teu nome transponemos mil escolhos,
E brota a cada passo em nossos olhos
A lagrima sentida!

Salva patrono! Aceita as homenagens,
Sinjelas, sim, mas puras qual miragens
Das nossas gratidões!
Vé como em nosso meio, humilde embôra,
A sombra de teu vulto a toda hora
Palpitam corações!

10—2—1914.

H. Ferraril.

D. Voltaire.

a entrada ou saída da lenha para o porão.

E o jogo do navio, que vem a ser? Inquire o leitor.

—A minha cabeça de principiante que gira sobre mil idéas, que, sem bases para bons comentários, vacila, trepida, tremula fraca e sem forças, alentada apenas pela esperança vaga da realização do meu sonho dourado. Objeto eu.

De repente oigo pizadas que me vem perturbar a declaração que já ia começando.

—O grande Dante, como vais? Que há de novos?

E o vulto de um meu colega que se me apresenta todo elegante e bem trajado, como sempre, e com aquela

fala a brincar com os s s, adicionando-os e subtraindo-os de tudo que lhe vem á boca. E eu o aprecio sobremodo; pois, assim como eu brinco o leitor, apresentando sátiras miriades, porque, modestia á parte, eu para este numero nada tinha que dizer, o colega de que falo brinca com os s s consideravelmente.

E antes que ele me chame *Santes Pasrias*, vai aqui bem claro o meu nome: — *Dante Faria*.

Amôr e Dever

Lulita era uma menina loira, elegante e meiga. Tinha no seu olhar a doçura que contem o das imagens das santas trabalhadas pelos escultores; trato tão fino, educa-

Eleonôra, a teus pés em vão me curvo
Num suspiro de amor que me extazia
Que me eleva ao ideal da fantasia
Por um caminho, por caprichos, turvo

E me deixas que fique eternamente
Ajoelhado a teus pés, e triste veja,
Com um pranto de dor que ao olhar lanqueja
Como a estrela brilhando fortemente,

Demolir o castelo dos desejos,
Expulsar-me do amor do teu regaço,
Da frescura epidêmica do abraço
E a doçura orfêutica dos beijos...

E o branco paraíso,
Cheio de amor, de aroma perfumado,
Da flor do teu sorriso,
E aclarado com o olhar envenenado
Dos teus mímoços olhos,
Se desfez num longo pezadão,
Extenso mar de abrolhos,
De tudo quanto amei,
De tudo quanto é bello,
Do que frui, gozei!

E venho linda flor,
Chorar essa ventura,
Os gozos meus insanos
Na paizem sublime deste amor,
Essencia toda pura
Do aconchego amoroso de dez anos!

Deixaste-me na dor,
E através destes versos em que eu canto,
Que sublime o teu beijo aurorizado;
Eu suplico uma esmola desse amor
Do teu bálsamo santo
E um lugar no teu leito perfumado

Se leres esta supplica em que peço
Que outra vez tu me sejas amorosa,
— Bem sei que não mereço —
Os teus olhos em lagrimas, formosa,
Banharão esta carta em que o desejo
Busca a flor ofegante do teu beijo!

ção tão pura, que fazia vacilar o ente mais credulo na sua castidade amorosa, incitando com esses dotes os jovens a lhe fizerem a corte.

Nobreza de sentimento e castidade eram o unico alimento de sua imaculada existencia.

Bastava tocar-se de leve na sua futura vida de esposa, para que quabrassem os seus castelos infantis, formados pelo seu espirito castiço e cheio de injennidades.

Aproximava-se dos 18 anos e já era tempo de procurar um auxilio para si e das suas para a sua pauperrima e velha mãe.

Chogava nessa ocasião, o seu primo Mitinho, que, não com pequeno sacrificio, acabava de abandonar os estudos por circumstancia monetaria.

Não decorreram muitos dias, ora ôls empregado num grande armazem de estivas,

"O Canhôtô"

Orgão da sociedade literaria
BARÃO DO RIO BRANCO
 Literario, humorístico e noticioso
 tira em 1.000 exemplares
 Assinatura anual... 2\$000
 Corpo redacional

Djalma Fortuna
 Djalma Vasconcelos
 Hilton Fortuna
 João Colares

Toda correspondência deve ser
 dirigida a "O Canhôtô"

RUA 28 DE JULHO, N 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

no qual, pela sua aptidão e esforço, conquista graças do seu patrão

Mezes depois, Lúlia sentia uma pulsação estranha no seu coração. Que seria?... Era o brejeiro olhar do Mitinho que lhe despertava, dia a dia, uma nova vida, um caminho trilhado de meigas flores e indizíveis venturas; neste enlevo, passava momentos divinos, embalada nos mais fagueiros sonhos de felicidades.

O Sr. Rodrigo, patrão de Mitinho, ouvia constantemente falar-se da rara beleza da prima do seu empregado, despertando-lhe cada vez mais a curiosidade de vê-la. Começou a passear todos os domingos pela rua onde residia a emaravilha do amor.

Numa dessas pesquisas conseguiu penetrar na modesta vivenda dos jovens: Antequela deusa, raro tipo de mulher formosa, ficou estupefacto!...

No outro dia, não podendo suportar a tão amorosa que aquela linda imagem lhe despertava no coração, encaminhou-se novamente àquela casa onde tudo parecia sorrir entre o fleazarbrochar dos mimosos botões perfumados das rózeas e com um verdadeiro sentimento partido do fundo d'alma, declarou-se à linda jovem, pediu-a e comprometeu-se a se matricular em breve e dar-lhe uma vida tão feliz quanto suas forças permitissem.

O momento doloroso!... O momento de angústia!...

Ante aquela declaração, era a meiga Lúlia encoberta por um tranto lincoço, capaz de coarctar as pedras!...

Ao chegar ao armazém, o Sr. Rodrigo chamou Mitinho e disse-lhe: «Caro amigo, o nosso futuro depende de vós; acabo de declarar a sua prima e no curto espaço de 2 horas não consegui sondar a impressão das minhas palavras... conto com seu apoio e protecção; se conseguir esse enlace, serei o meu único amigo, interprete da felicidade de todos nós»...

Mitinho, nos primeiros momentos, teve supostos de dozeafrouta ao seu amor próprio, mas ao abrir, repentinamente, uma chaga no seu coração; suportar não pôde aquelas palavras e saiu quase alucinado em direcção ao mar.

Cena horrível e comovente!...

De péssima sua pé do louco e braços estendidos, esta solitário a candela primária da virginal!

Mitinho contemplou-a um instante e reconheceu a Lúlia, que to amo é uma mulher e esse sentimento é tão puro que não tem prova patente da sua realidade. Quando se voltou do Sr. Rodrigo, pois, não havia de sineris me ordena a con-

correr para tua felicidade; basta vêr-te feliz para me sentir o mas feliz dentre os mortais. E suas faces banharam-se pelas lagrimas do dever e da desesperança!

Braga Mendes.

Redicula Economia

O sol declinava no horizonte, claro como uma tarde no dozerito e belo como os jardins em manhãs de maio.

Ao longe, as vãs batiam mansamente nas praias, os marinheiros cantarolavam modinhas e dezas, quando subitamente o vapor deu um silvo forte e ensurdecador, e num coachar mais lento deixamos os rumores das aguas salgadas do mar, para entrarmos nas placidas e quiéas do igarapé, onde corria um vento lento e quente.

Aportamos, felizmente. A minha primeira impressão foi desagradabilíssima, assim mantendo-se até o terceiro dia.

Mas, (fora de modestia) — um rapaz da cidade, bonito, que tem dente de ouro e botinas amarellas, — no interior, não vive isolado. Graças a essas favoráveis atenuantes, no quarto dia já sentia um quê que fosse de agradável; no lugar e no povo, sentindo da cidade, apenas, dozejos das folgações do carnaval!

Quando, emproado no meu jaquetão, com pose de banqueiro, palido, passava pelas ruas, das janelas e portas das quitandas, olhares de curiosidade interrogavam-me:

— Quem é, de onde veio, será rico, casado, noivo ou solteiro?

A essas perguntas surdas, eu respondia com meus botões:

— «Sou eu, vim da cidade, pobre e solteiro e para espalheirar, tenho as ordens um coração bondoso para amar enquanto estiver sem ocupação!»...

Finalmente, aqui, tudo me sorri muito especialmente a parte pecuniária, pois não passei ainda pelo dissabor de ser, como na cidade, abordado por mendigos implorando niqueis, nem por amigos que descaradamente me assaltam a bolsa em entradas de cinémas e passagens de bondes!

E os cigarros? — Os cigarros?

— E a tarde, a sombra das frondosas amendoceiras, numa cadeira preguiçosa, atracado sofregamente: «As mulheres... de bronze» que, sem ao menos um olhar cubitico, sinto o sabor (nunca experimentado), deliciando do primeiro ao vigésimo cigarro da minha carteira...

Quanto é suave, belo e delicioso não se ouvir a rouquenha voz do — «Da-me um cigarro!»...

Jovira

Fitas

Após o delírio de «Atlântida», monumento nordisquino, nos deu o Ideal-cinema não menos emocionadora fita — Patria e Estrangeiro — trabalho que encerra um quadro deveras surpreendente, sintetizando um belíssimo exemplo da moral na nossa vida moderna.

O nosso simpático Pallander (grafia autorizada pelos esforçados proprietários do apressado cinema da praça João Lisboa) na película Intrigas de Amor — empregou toda sua pericia de galã apressado, deixando-nos com a sua morte, — quadro de

real destaque no decorrer no filme, — empolgados.

Já promete, o Ideal, para hoje, a inigualável Betty Nansen, que fará de certo a nota proeminente do domingo de hoje, na fita nordisquino — Amor Sublime.

A petizada, que já muito aplaude o Pallander, verá na matinal de hoje — Intrigas de Amor. — D. F.

Gavêta Canhóta

Recebemos:

«A Lavoura», do Ceará-mirim; «A Luz», de Januária; «O Norte», de Terezina; «Fonfon», de Avaré; «O Douradinho», de Dourado; «Crizantemo», de Camocim; «Os Simples», da florecente Barra do Corda; «O Alfinete», de Picos; «Pathé Journal», de Manaus; e alguns numerosos d'«O Brasil Filatelico», revista mensal ilustrada, utilíssima de Cachoeira, do Rio Grande do Sul.

Imprensa em festa

«A Serra», em comemoração do seu primeiro aniversário, deu-nos uma bem cuidada edição ilustrada com colaboração escolhida, salientando-se o artigo do seu talentoso Redactor-chefe, Jader de Andrade, trabalhado com real mestria.

Da «Credito Mutuo Predial», sociedade maranhense que tem tomado grande incremento no Brazil, recebemos o relatório do seu movimento de Fevereiro findo.

Canhotadas...

Se por um deazastre qualquer, cair arroz em nossos gergumilhos, não devemos tirá-lo com arame.

Antes de cair é sempre bom mandar comprar cerveja preta para tomar depois da queda.

A bandeira brasileira não pôde ser encarnada.

Um bom calendário nunca pôde rejistar as noites e sim os dias.

Por mais elegante que seja o rapaz, deve se abster de uzar a *jupe-culotte*.

Embora tenhamos muitos cabelos brancos, é inconveniente pinta-los a verdeiz.

Não é elegante o uso de anéis nos dedos dos pés.

É fêra da moda passear-se de automovel por dentro d'agua.

As moças da elite nunca devem usar rosetas no nariz.

É demaziadamente perigoso um antraz nos olhos.

Nunca se deve escrever com caneta que não tenha pena.

Antes de começar a leitura de um livro, deve-se abri-lo primeiro.

Para a cura da febre nada é melhor do que o chá do sangue da barata com um pedacinho de melancia.

Um coreano deve abster-se de sair sem sua competente giga.

E' muito incorreto, e B. Lobão mesmo, copiar-se um trabalho alheio e assinar-se.

As chaves dos problemas nunca são de ferro.

O Canhoto Elegante

GRÊMIO RUI BARBOZA

Registamos, com prazer, a visita que nos fizeram os diretores desta futura sociedade, entreendo animosa palestra, gentiliza a que nos confessamos sumamente gratos.

BRINDES

O sr. Augusto Botelho, incançável propagandista da deliciosa agua mineral *Sulfuraria*, de que é agente nesta capital, honrou-nos com belos reclamos dessa utilissima bebida.

HILTON FORTUNA

Conforme noticiamos, passou, a 28 do mez findo, o aniversario natalicio deste nesso talentoso confrade.

Aproveitando esse dia, o aniversariante realizou a sua conferencia sobre — O rizo, onde proven o seu já bastante apreciado cultivo literario.

Fazer aqui uma sintheza do que disse o conferenciante, do tema que abordou por espaço de quarenta ou mais minutos, é-nos, por demais, impossivel.

Foi essa a nota primordial d'«O Canhoto Elegante», que se aproveitou ativo, soberano, conservando ainda hoje grata recordação.

Ali esteve, junto ao aniversariante, onde, mais uma vez, teve ocasião de admirar, com todo o garbo, a estirpe e a apreciação que as gentis senhoritas da nossa *Mite* dispensam à Sociedade Literaria Barão do Rio Branco.

Era indescritivel o nosso contentamento!

A *soirée*, realizada após a conferencia de Hilton Fortuna, tomou um caracter solene o majestoso, embora ali predominasse a simplicitade, a graça, o trato sumamente lido, que traduziam o nosso enlevo.

HERMES RANJEI

Partindo brevemente para o Rio de Janeiro, onde vai encetar o seu curso na escola de Belas Artes, este nosso consocio resolveu, *a priori*, passar alguns dias no Itapicuru, afim de se despedir daquelas plagas longinquoas.

DR. ARTUR MOREIRA

Esteve entre nós por alguns dias, o illustre deputado pela Câmara Federal, dr. Artur Moreira, a cujo desembarque «O Canhoto» se fez representar.

Ao dr. Artur Moreira os nossas saudações.

A SOCIEDADE BENEDITO LEITE

Comemorando o passamento do seu patrono, esta florecente agremiação realizou, a 5 do corrente, uma sessão solene.

«O Canhoto» agradece, penhorado, o convite que lhe foi enviado.

PELAS ACADEMIAS

Sabemos, por noticias particulares, haver sido aprovado em exame de admissão, ao curso de medicina, na Academia do Rio de Janeiro, o nosso confrade Ruy de Vasconcelos Reis.

CONSORCIO

Realizou-se a 14 do corrente o enlace matrimonial do nosso illustre amigo Antonio

de Vasconcelos Pires, com a gentil senhora Ester Fortuna, filha e irmã dos nossos consocios, major Alfredo da Silva Fortuna, Djalma e Hilton Fortuna.

«O Canhoto» enuprimenta os efuzivamente, estendendo os seus saudaes ás distintas familias dos nubentes, agradecendo, ao mesmo tempo, a gentileza da comunicação.

SENADOR URBANO SANTOS

Eletuon-se a 14 do corrente, no gabinete da inspetoria da Alfandega deste Estado, ás 2 horas da tarde, a inauguração do retrato deste nosso eminente conterraneo.

A porta daquela repartição, por ocasião da cerimonia, tocou a banda de muzica do corpo militar fazendo-se ouvir, num bom elaborado discurso do illustre chefe da aduana, que foi correspondido, em sinal de agradecimento, pelo homenageado.

«O Canhoto» agradece o convite que lhe foi feito, para assistir a esse ato de justiça

MEMORANDO DO LAR

Nataliciaram-se:

A 1.º do corrente, o nosso bom amigo Antonio de Vasconcelos Pires; a 3, a meigo senhora Oziza Barnett; a 4, o travesso Waldir Nogueira Vinhas, irmão do nosso dedicado consocio José Nogueira Vinhas; e a gentil senhora Anicota Valente; a 6, o joven Raimundo Azeve o; a 7, o menino Tomaz Holanda; a 8, a simpatica senhora Mundoca Pires; a 9, a galante Noemi Holanda; a 13, o nosso dedicado amigo José Castello Branco, inteligente telegrafista da estação desta capital; a 15, a exma. sra. d. Ester Fortuna Pires, virtuosa esposa do nosso amigo sr. Antonio Vasconcelos Pires, e irmã dos nossos colegas Hilton e Djalma Fortuna; a 18, o esperto e traquinaz Felipe Fortuna; a 20, a interessante Oldinira Nogueira Vinhas; a 21, a exma. sra. d. Elijenia Hoyer.

Nataliciam-se:

A 26, o inteligente joven Brailio Pires Seabra; a 24, a galante Alzira de Padua Fortuna, filha do nosso illustre amigo, major Alfredo da Silva Fortuna.

Passará a 30 do corrente, entre rizo e flores, no seio da sua illustre familia, o aniversario natalicio da nossa gentil e distinta consocio, senhora Otamires Santos, filha do nosso amigo Luiz Santos.

Comemora, hoje, o seu natal, o nosso confrade Juli Ramos, que, sempre com feliz exito, nas rojões amazonicas, tem provado o seu cultivo literario.

Ao farmaceutico Julio Ramos, os nossos parabens.

Transcorrerá a 24 deste, a data aniversario do bacharel em ciencias e letras Djalma Sacramento.

Nome por demais conhecido em nosso meio, Djalma Sacramento, apesar da sua modestia se tem colocado á altura, gozando de geral estirpe dos seus admiradores. Camprimentamo lo.

DR. RAIMUNDO VINHAIS

Decorreu a 26 o dia natalicio do nosso illustre amigo, sr. dr. Raimundo Alexandre Vinhas.

Espirito altamente elevado, talento já bastante comprovado, o dr. Vinhas faz se apreciar pelos que com ele entretêm relações, usando, em geral, de inteira solicitude.

«O Canhoto» admirador sincero das suas nobres qualidades, enuprimenta-o pelo dia do hoje, estendendo-o a toda a sua illustre familia, especializando a pessoa

do seu filho, José Vinhas, que ha pouco aqui se bate pelas letras. — A. P.

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhota

CAPITAL

Rua da Paz, 6 —Caza «Krauze» trabalha mestria cunho iniciais medalha ouro. Mandei preparar uma supimpa prozontear minha *ela*. — Assis.

Rua Mogados, 6 —Felizmente encontrou aliança filada *bul masquê*. A filante é tão feia que resolvi deixar. — *Ida*.

Paz, 7 —Romancista Voltaire subitamente publicará uma obra. «Eu, o meu nariz e o do conego Lima». — *Zerico*.

Paz, 6 —Ramos fez conferencia; tem a camprimento. — *Maestro*.

Apicum, 7 —Vitoriano, vitimado ciúmes, abandonou idéa publicar livros matematica. — *Lili*.

Gabinete dentario, 5 —Dr. colocou Rodó meus olhos alvejando pupila. Estou ás voltas fizica agora afim substituir pupilas gata-porcha. — *Laureola*.

Protesante, 7 —Beaga Mendes acaba concluir romance intitulado «Imortalidade». O prologo será seu retrato, trabalhado na «Padaria Popular». — *Voltare*.

Caes, 9 —Vinhas comprometeu-se ficar calado durante o proximo congresso de mudos. — *Feljo*.

Idem, 1 —João Caldas comprou quinze passaros afim lhes mostrar sorte pequena, com seu papelinho. — *Bolba*.

Idem, 9 —Foi requerida a caboleira do Voltaire para a isca da pesca do tubarão. — *Tonico*.

Caes, 8 —As fantasias *ilazis*, belézas e gracios *intellectuais*, só si apoderam do culto espirito de Vinhas, depois das 12 e 37 minutos da noite. — *Aradilo*.

S. Paulilio, 9 —Z *de* acaba diplomarse em escovações e ovapões. — *Encenica*.

Madre Deus, 10 —D Voltaire fará brevemente uma conferencia literaria sobre «A Psicologia dos Pergaminhos». — *Farmacuti-co*.

Caes, 12 —Em vista do exito do Hilton n'«O Rizo» eu farei brevemente «Psicologia do Rizo». — *Idia Ruzo*.

Caza Parada, 12 —Dia inauguração Agencia Cazamenticia, segundo informação Antonio Head, haverá bulo. — *Combos*.

Paz, 13 —Acabei contra o canto igreja Ebenezer. Graças vou ter contratei novamente cantar igreja Rua Saavedra. — *Vasconcelos*.

Diario, 13 —Lugar virtuoso Silvino será preenchido Ademag, com forte pistão. — *Alcido*.

INTERIOR

S. Paulo, 8 —Sempre sandozo, Djalma guarde *palmearis* ocasião sua passeio diario. — *Maneco*.

Rio, 3 —Muitas felicitações amada hoje! Eu chorei cruzante saudade. — *Agua*.

Cafapió, 8 —Cada garrafa leite vaca turina que tomo ma faz pesar mas 20 quilos, criar 365 fios do bigode e 40 quilos cavanhaque. — *Luz*.

Estrela do Sul, 12 —Briga Mendes, hontem aqui, pediu pequena contar manira.

Ela disse imediatamente: Eu to amo... Mendes teve vergonha e vai se assassinar com tinta. — *Vasconcelos*.

Barão do Rio Branco

Amanhã, mais um ano desaparece nas insondáveis dobras do tempo, que veio ao mundo, para felicidade de nós outros, o maior vulto brasileiro, cujo nome epigrafa estas linhas.

O dia amanhã é, para o brasileiro, tão alegre quanto é o dia 10 de fevereiro de tristeza.

E maxime para nós que, por duplas razões, muito adoramos sua memória imaculada:—já como brasileiros, já como membros da corporação que, em tão feliz momento, escolheu, para seu patrocínio, a memória imorredoura do maior dos brasileiros que o soube ser, pelos feitos e pelo talento.

—Muito a contragosto deixamos de comemorar, como pretendíamos, o 20 de abril—inaugurando, em nosso salão nobre a efígie daquele, cuja morte, diz o parlamentar Dunshee de Abranches, foi, pelas nações americanas, considerada a grande catástrofe continental, o que faremos em breve empregando todos os possíveis esforços para assim mais contribuir para a glorificação deste nome que tanto nos honra as tradições, fulgindo como estrela de primeira grandeza no firmamento dos annais da história brasileira.

Parágrafos

Aqui está um assunto, sobre os demais, que bem merece a nossa atenção.

Julgarão talvez os leitores que irei ocupar-me dessas coisas banais; como geralmente acontece, que, sem nenhum valor, e com resultados quasi sempre negativos, são apreendidas nas colunas dos jornais.

Este, porém, não pertence a tal numero, e, senão, vejamos:

E o esperanto, a língua internacional, cujos resultados, anteriormente aguardados silenciosamente, como desfavoráveis, estão sendo coroados dos mais inesperados louros.

O progresso, que vai adquirindo, em grande escala, é digno dos nossos comentários.

Quem vem, como nós, que sempre estamos a par do que se diz progressivo, acompanhando todos os seus passos, seguindo-lhe minuciosamente o rastro, concluirá, de certo, que o esperanto é de grande utilidade para os povos cultos, ficará plenamente convencido que, dentro em poucos anos, os países civilizados o cultivarão interessadamente, sem encontrar nenhuma dificuldade para isso.

Basta dizer que, na Barra do Corda, nesse recantozinho do Brazil, onde tudo poderia francamente passar despercebido, encontramos «O Norte», que muito se tem ocupado dessa vantagem e recente lingua.

Se falarmos em Serjipe, procurando tomar conhecimento do que ali se passa, com relação ao esperanto, então veremos a grande aceitação que, por parte dos seus habitantes, ela tem tido.

Em nossas escolas, onde se procura, dia a dia, aperfeiçoar o ensino, já deveria existir um curso de esperanto, porque, com franqueza, esse neo-idioma virá trazer maiores vantagens do que outras quaisquer linguas.

Serjipe já fez introduzir a nova lingua nos seus estabelecimentos de instrução.

No Rio, como sabemos, funciona o 5.º Congresso Brasileiro de Esperanto, de que fazem parte os drs. Lauro Muler, Pedro Toledo e outras personagens de destaque.

Nós, que somos admiradores de tudo que diz respeito ao progresso, folgariamos, imensamente, se, dentro em breve, pudessemos contar, em nosso meio, com uma instituição ou coisa equivalente pró o esperanto.

Abílio Pimentel.

ESCULPINDO

Entre um mixto de pezar e satisfação, tomamos a resolução de comunicar a nossos amáveis e multiplos leitores o desaparecimento destas colunas do nome do já celebrado escultor Cincel.

Pezar, porque foi ele sempre um esforço auxiliar cá para nós; pois, não obstante alguns momentos seus de pre-

guiça em que nos obrigava a vos mandar «O Canhôtô» sem um vulto novo por ele trabalhado, sua aplicação ao officio era notada e comentada.

Satisfação, porque, retirando-se, ele não fechou contudo a oficina que ficou obedecendo a direção do seu applicado dicipulo que agora se estréia, o Rebi-Roi.

Por seu (do dicipulo) primeiro trabalho, que abaixo vos apresentamos, vemos que ele aproveitou otimamente o seu tempo de aprendizado, pois reformou o sistema de esculpir, tornando-o mais aperfeiçoado.

Vêde e conhecei:

Leitor, emprega a mim um teu momento, Assesta a lente e vê que te apresento

Um vulto assaz querido
No Maranhão que o tem como seu filho,
A politica afeito e nesse trilho
Tornado conhecido.

E assim sendo o partido em que seguia
(Por um barão de grande simpatia

Muito bem chefiado,
E que depois por morte do barão
O teve a frente) deu-lhe distincção
E fê-lo deputado.

E a cada passo da legislatura
A chapa do partido ali perdura

E seu nome apparece;
Para entre «os setos» estar representando
O nosso Estado, e assim vamos notando
O muito que mereço.

Da ciencia do célebre Esculapio
Conhece a fundo o esplendido cardapio...

E o Maranhão, contente,
Repara que entre os filhos que enviou,
Para representa-lo, ele alcançou
O amor de muita gente.

Craio, leitor, que basta p'ra atestares
Que o conheces de mais e proclamaras

A grande maravilha,
Que encerrada se vê nesse que zéla
Pelo jornal a quem o povo apêla:
A sabida Pacotilha.

Rebi-Roi.

A' tóa

Vamos hoje nos ocupar, um pouco, de nós mesmos. Vejamos se é, com effeito, bem pensada a expressão por mim usada, neste momento.

E da morbidez e sensaboria do nosso povo que me quero ocupar, e cito me saia bem, de vós, leitor amigo, exijó mancheias de flores, coroados, assim, o merito do despretençoso Dante Faria.

PARNÁZO

De volta

Rizo infantil

Madrugada

(Da conferência «O Rizo»)

Vamos juntos, querida, lembrar
Os tempos tão saudosos que passámos,
Carpiando a negra dor dum despertar
De outras carícias que tão bem gozámos.

Qual filho ingrato que volteja ao lar
Chorando desventura então voltamos.
Eu aurindo o desejo de te amar,
Tú chorando as agruras que passámos.

E com saudade louca então me vejo
Envolvido na dor por ti somente
Curvado de remorso e de desejo...

E teus olhos, qual astros gigantesco,
Eliminam do sol da minha mente
Homéricas vizões, sonhos dantescos !...

D. Fortuna.

Ha rizo nas palhóças pobretas,
Sempre que surge o sol tremeluzente;
Riem as gótas de orvalho resplendente,
No fulgor arjuntino das manhas !...

As flores riem, e riem grandemente
Quando as auras fagueiras, puras, são,
Fazem abrir as corólas das irmãs
Que inda estavam fechadas tristemente...

Tudo ri num delirio de iluzões,
A salpicar prazer em toda parte,
Salmodiando hinos e canções !...

Mas nada é belo nem contém nuanças,
Não possui o primor fino da arte,
Como o rizo sinjelo das creanças !

H. Ferrári.

Cochicham aves num palrar folente,
Brizas farfalham pelo campo a lora
E num delirio, na fragante aurora,
Zumbo a cigarra, do frescor, contente...

Grita a araponga, num cantar tremendo,
Sandando o sol que as brancas nubes cõra
E a mata espessa que em perfume enlora
Deixa o letargo de uma noite quente...

Estrélas piscam num adeus risonho,
Ovêlhas balam, ensternal majia,
De quem se envolve num soberbo sonho,

E canta o gallo proximo á moenda.
—Ai quanto é belo o alvorecer do dia
Entre os saudosos campos da fazenda !...

D. Voltairo.

—Porque é o cinematografo objeto
de idolatria do povo maranhense?
Digo maranhense exclusivamente
porque de outro não me quero agora
ocupar.

Será porque nos traga ele as mais
palpitantes novidades do seculo; as
evoluções da moda; nos faça peritos
no «filiz»; nos desperte um certo quê
de curiosidade libidinosa; perverta os
corações sem mácula, e nos prenda a
atenção, por alguns instantes, nos
nossos momentos de agruras?

—Não; absolutamente não acredito
que seja nada disso. Porque, se sa-
mos que nos trazem as fitas amorosas,
e as nossas gentis conterraneas, macu-
las indeleveis, para que a ele vamos,
imitando o fumante, que, concio do
efeito da nicotina, mais por ela, e só
por ela, se deixa atrair?

Não; não pode ser.

E a falta absoluta de outras diver-
sões que nos deixamos obcecar pelos
nossos cinemas. Porque, franqueza,
onde podemos nós apreciar os divinos
perfis das nossas compatriotas se não
temos outras diversões a não ser o
cinematografo? Os locais de estetica e
aproveitaveis são, atualmente, ocupa-
dos por coisas banais, que nada trazem
de melhoramento á nossa Atenas (salvo
seja).

Como se vê a praça do poeta do sa-
biá, isolada, e mesmo desprezada,
quando outra mais encantadora, mais
higienica, mais confortavel e bem habi-
tada não há no Maranhão!

Ali respira-se outro ambiente. Se,
em uma caza daquelas da praça da mi-
nha idolatria, se ouve o som de um
piano, neta-se uma harmonia deuzada,
que provoca uma saudade infunda da
hora de lá vir; e, quando á tarde, por
ocazão do passado, prestar a sua ho-
menagem diaria ao cantor do «Timbi-
ras e de «Seus olhos», lá estou, sinto-
me jactancioso e alegre, ao mesmo
tempo que de lá volto sublevado con-
tra a sensaboria da nossa população,
desprezando tão emocionante local para
passios.

Gabem-me o gosto ou reprovem-no;

eu vizito diariamente a praça das pa-
meiras; mesmo porque o cinema ainda
não fez com que eu tivesse algum
ponto a assinar.

E, muito embora assim, é lá que vou
chorar as minhas maguas, porque nin-
guem me ouve e nem de mim se lembra.

E, ás 20 horas, quando de lá volto,
pela escuridão erma das nossas ruas,
apenas vejo alguns D. Juans atarraca-
dos ás janelas (põdo em pratica o
que viram hontem no cinema) e as ca-
zas fechadas, tristes, como se fosse o
Maranhão habitado por monjas que no
convento se internam por pa-xóis atro-
zes.

Por Deus, escôl maranhense, abri as
vossas cazas, procurai esquecer esta
morbidez, não propria de um nortista
que quere progredir, fazei do cinema-
tografo, que tanto nos prejudica a
vista e a bolsa, méra diversão domini-
cal, revivei o Maranhão, mostrai o seu
valor admirando o belo !...

Dante Faria.

Fatos e Fitas

A ortografia nas escolas

Este pouco de cronica não tem o
fim altruistico de insinuar ao governo,
(longe de mim tal idea, meu Deus!),
mas serve para matar o tempo nas ho-
ras ociosas e dar «tratos á bola», quan-
do nada houver a fazer.

Já ouviram falar na tal D. Ortografia
nas nossas escolas ?...

Que pensam, vocês, que é ela ?...

—Nada mais, nada menos, que um
novo complicado, que, por mais se
faça, nunca se pôde descobrir a ponta.

—Dias atrás, em palestra com uma
distinta e provecta educadora, me fez
ela diversas objecções sobre a ortografia
emaranhada nas escolas, atualmente,
que me fez rir pelo interessante do caso
e chorar pela lamentavel situação.

—Os alunos, dizia-me ella, ou ficam
doidos, ou se tornam sabios, ou então
acabam, infelizmente, burros...

—Imajine, Sr. Hilpafor, que o aluno

entra para a aula de portuguez e apren-
de o sistema grafico do professor da
materia, que segue á risca as disposições
academicas...

—Sai desta e vai para a de fizica, por
exemplo, e tem que obedecer á grafia
uzada pelo lente, que não se conforma
em escrever *Fizica*, com f, e sim *phizica*,
com ph (que foi como o avô do seu pai
aprendeu).

—Ha de, custe o que custar, predomi-
nar o rejine etimologico, e acabou-se.

—Outra vez, entra o desventurado
aprendiz para as aulas de dezenho, e
ali, então, sendo o professor leigo na
lingua, a ortografia corre dando por
páus e por pedras, nem etimologica, nem
mixta, nem fonetica, nem o diabo que
o carregue (a elle) quer o catedro se-
guir...

—Na aula de geografia, o lente força
ainda o aluno a escrever pela sua forma
ortografica, toda especial, «dele, toda
dele» e que não concorda com as fór-
mas existentes, se limitando exclusi-
vamente ao ouvido. Tal qual se pronun-
cia, tal qual se escreve; e assim vòo
por completo a etimologia vocabular,
como uma bolha de sabão, e esborra-
cha-se na memoria do principiante,
tornando-o *passacão*...

—E sempre como o Christo pela via
sangrenta, o aluno, nova especie de
martir, passa pelas aulas todas, lidando
em cada uma delas com ortografia dife-
rente.

—Diga-me agora uma coisa: quando
o aluno estiver *preparado*, que poderá
ele saber de ortografia?... pergun-
tou-me ella).

—E eu respondi comovido: «Nada,
nada, absolutamente nada...»

Urje, pois, a quem de direito, tomar
serio interesse sobre o caso, de forma
a sanar semelhante balburdia, predomi-
nando somente um metodo; e se os
lentes outros não quizerem segui-lo é
melhor que se demitam e vão plantar fa-
vas, do que, por seu interesse proprio,
tornar trezentas e tantas inteliências
incompreendidas na sua lingua materna,
o que taxa de uma malvadez inquitito-
rial.

Em todo caso, como diz o adágio que supleia não deve tocar rabecão, e eu sinto-me escedendo muito, aqui faço ponto a esperar em que passem as modas...

Hilpafor.

Gavêta Canhota

Caixa Popular

Esta acreditada sociedade maranhense de pensões teve a gentileza de nos oferecer um fascículo do seu «Regulamento das Seções de Pecúlio e Prediais», que muito incremento tem tomado em todo o Brasil.

Maranhão Filatelico

Vizitou-nos em formato de *chic* revisinha, sintetizando, assim, o progresso notável dos colecionadores do selo, em nosso meio. Traz, desta vez, colaboração, destacando-se o sentimental soneto de A. B. M., que é uma verdadeira joia na arena filatélica.

Labor

Recomeçou as suas proveitáveis visitas aos seus muitos leitores o Labor, que nos deliciou com uma colaboração escolhida e apreciável, no seu número 9.

Equitativa do Norte

A Equitativa é uma sociedade que, pela sua bem estudada organização, pelas múltiplas vantagens que oferece, verdadeiramente suplanta as suas congeneres. Dos «Estatutos da Equitativa do Norte», que, por gentileza dos seus diretores, nos foram oferecidos, deduzimos, pela maneira bem estudada pela qual foram organizados os mesmos, que está fadada a ser a de maior progresso na espécie.

A Voz do Selvagem

É um jornalzinho bem trabalhado, de Alto Rio Doce (Estado de Minas), que muito apreciamos sua colaboração bem cuidada. Circula aos domingos e é independente, imparcial e vai permutar com o O Canhoto, que nisto muito se honra.

Pelo hospital dos Don... tores

Ze Pancrácio—(Capital). Eu quasi lia a sua be...la poesia. Então Nero foi criado com Leonardo Vinci? Você conhece a historia da Africa mais do que o D. Souza. Você merece o castigo de Lija, para deixar de ser be...letrista. De beletistas basta o nosso companheiro Lima.

B. D.—(Capital). Para que você não chore lagrimas encarnadas, vai aqui parte do seu fozgozo soneto:
«E tens cabelos verdes que coraram
Ao me verem sentar-me na paixão»

Seu B. D., se você continua a assentar-se nas suas paixões, esmaga-as. E sua paixão esmagada, só sendo rixa que se conserva, porque são as de boa qualidade, segundo a sua primeira quadra:

«Quêdo rixo cravo cor do sangue
Que me elustro simbolizando

O puro amor limonoso, vegetariano
Que era o meu, que era o meu la

Eu vou lhe dar uma colocação:—o J. Teixeira precisa de um professor de metrificação. Proponha-se.

Dante.

As vantagens do "CREDITO MUTUO PREDIAL"

SERIE	JOIAS	MENSALIDADES	DATAS DAS EXTRAÇÕES
Especial	48000	28000	15 de cada mez
Econômica...	28000	15 cada sortido	4 e 18 de cada mez

Sede provisória: Rua Coronel Colares Moreira—40.
Telefone—112 Caixa postal—76

O Canhoto Elegante

Eis-me, agora, ledôros, escapulindo de um sério compromisso, como se escape da vista sofredora dos homens a luz branca do soberbo astro-rei. E neste infundo dezoito de ver-me completamente livre, vos relato o que aproveitei neste curto espaço de duas semanas:

Manuel Lisboa

Por notícias particulares sabemos haver sido aprovado no exame de admissão à Academia de Direito de São Paulo, este nosso estimado companheiro, que, desde a fundação do nosso modesto jornal, ganhou lugar de destaque entre nós, já pela sua inegável competência e amor ao progresso, já por sua companhia dedicada e sincera. Foi nosso sub-Redator-Chefe, lugar que exerceu com o maximo brilhante a sua partida para continuar seus estudos. E como é o primeiro de nós, que, embora nos privando da sua inesquecível companhia, galga os degraus da conclusão da carreira dezejada, cumprimos um dever almejando-lhe os mais floridos dias do decorrer da vida acadêmica.

Joaquim Luz

O Bom! como o chamou o nosso colega Ac. tendo tomado lá pelas plagas enjapio-ensos muito leite, e portanto, criadinho mais força e vigor, voltará em breve restabelecido da molestia impiedosa que o prendeu por longos tempos ao lugar em que noturnamente nos prende Morfeu.

Os nossos parabéns pela convalescença e as lembranças pelo apetitoso doce do leite...

João Ribeiro

Camparamos este nosso inteligente colega, pela convalescença dos pertinazes

incomodos que por longos dias o prendem ao leito.

Hermes Rangêl

Volveu do interior do Estado este nosso estimado colega, que seguiu, a 15, para o Rio, onde vai estudar belas artes. Cumprimos-lhe.

Paraizo das Rozas

A 27 do mesmo mez, passou o natalício da senhorita Zezé Jorge, nossa distinta apreciadora.

No dia 29 do mez findo transcorreu o feliz natal de Madame Zila de Vespasiano Ramos, virtuosa consorte do nosso inteligente confrade Heracleito V. Ramos.

A 29, entre rizes e flores, colheu mais um botão da sua preciosa existência a inocente Alzira, irmã dos nossos companheiros Djalma e Hilton Fortuna.

A 3, aniversariou-se a nossa gentil consocia Otamires Santos, filha do capitalista Luiz Santos, e irmã do nosso esforçado colega Ajenor Santos.

A 1, deste, natalicionou-se a aplicada e inteligente normalista senhorita Alice Costa, irmã do nosso ilustre colega Alcides, Coata.

A 2, transcorreu o aniversário do nosso amigo sr. José Seabra; a 3, o da sra. d. Atália Almeida Nogueira, tia do nosso colega José Vinhas e irmã do nosso amigo sr. Alfredo Nogueira.

Também, nesse dia, passou o natal do sr. José P. das Neves.

José Jezus

No dia 9, evaporou-se o eter dos tempos, mais um ano da vida deste nosso estimado colega.

Inteligente, regular cultivado, e de uma afabilidade incomparável, deixa ele ao primeiro encontro, gravada no competente lugar do coração, a sincera amizade para aqueles que procurem analisá-lo pelas palavras. «O Canhoto» o tendo como um dos seus mais esforçados consócios e distinto colaborador, renova-lhe o anexo da amizade extensivo à sua exma. família.

João Caldas

Também no mesmo dia 9, transcorreu o natalício do nosso companheiro, cujo nome epigrama estas linhas.

Cultivador incessante das letras tem João Caldas mostrado provas reais do seu talento e do seu irrepreensível cultivo.

Ora dando-nos a ler crônicas debaixo de um qualquer pseudônimo, ora embalando-nos com a doce harmonia dos seus versos.

«O Canhoto» reproduz-lhe o sincero abraço almejando que sejam bordadas de realidades todos os seus sonhos e castelos, e cumprimenta por esse florido dia, o seu respeitável pai, Sr. Herculano Caldas e sua virtuosa irmã senhorita Corina Caldas, nossa distinta consocia.

—Decorreu a 12, o natal da senhora d. Josefina Bittencourt, mãe do nosso amigo Sr. José Bittencourt e irmã do nosso consocio Alfredo Fortuna.

A 13, passará entre cantos e perfumadas flores, o natal da gracios e amável senhorita Bêbe Reis, aplicada aluna da nossa escola Normal.

José Braga Mendes

No dia 8 tivemos o prazer de ver passar o natalício do nosso esperançoso colega

esse nome intitula estas sinceras linhas. Bem justo é, pois, o nosso prazer, porque Braga Mendes muito se tem esforçado pelo progresso da sociedade, empregando todos os meios para desempenhar, como tem acontecido, o lugar, que ocupa, de Subsecretário.

Saudamo-lo efusivamente.

— Por telegrama dirigido à sua família, sabemos ter sido aprovado no exame de admissão que se submeteu na Escola de Engenharia da Bahia, o nosso conterrâneo José de Oliveira Machado.

A família Machado, que no "O Canhoto" é por demais distinguida, apresenta-nos os nossos mais cordiais parabéns pelo bom êxito de José Machado, que, mais uma vez, demonstrou possuir o desenvolvido intelecto a que, geralmente, possuem os filhos desta terra que, oxalá, continue a justificar o seu cognome de Atenas Brasileira.

Dr. Holanda

O lar deste reto e respeitável juiz sorriu regorjando em flores, pela passagem do seu natalício, ocorrido a 14.

Luiza Viana

Esta inteligente e graciosamente apreciadora d'«O Canhoto» viu, ontem, entre os carinhos paternos e cercada das mais sinceras afeições dos seus extremos irmãos, transcorrer o seu feliz natal, pelo que lhe almejamos um porvir risonho e bonançoso, comprimentando-a, assim como, aos nossos confrades Valdemiro e Luiz Viana, aquele nosso incansável companheiro e este talentoso cronista maranhense.

— Em 19, passou o aniversário do nosso estimado confrade padre comendador Silvino Anjo da Silva, a quem sinceramente comprimentamos.

Transcorrerão ainda este mez os seguintes aniversários:

a 22, o da nossa simpática apreciadora Anicota Godinho; a 23, o do abalizado professor maranhense Cezario de Melo Anchieta; a 24, o do clínico dr. Oscar Galvão, e da encantadora senhorita Alice Lebre e o da virtuosa Sra. d. Zeila Lopes, esposa do sr. A. Lopes, comerciante desta praça; a 29, o da exma. sra. d. Carolina N. Botelho de Andrade, extremecida esposa do sr. Augusto B. de Andrade e genitora das nossas memoráveis consocias Lúlia e Cezaltina; a 29, o do nosso consocio, José Holanda. A todos o «O Canhoto» comprimenta sinceramente, almejando longos dias trilhados em meigas flores.

Conferências

Conforme ficou transferida, realizou-se, no domingo último, a conferência do nosso consocio João Caldas sobre «O sonho e as suas impressões».

Ante a zelosa assistência o conferencista falou por longo tempo com real mestria, o que nos demonstrou o seu valioso esforço em prol das letras maranhenses.

Club Ideal

Por força maior ficou transferida para o dia 2 de maio, a partida que este club tencionava realizar no passado sábado da aluluia. Agradecemos a gentileza do convite.

Paraíso das fitas

Depois da belíssima película «Em companhia de Satan» a qual nos deixou uma ver-

dadeira saudade, pela maneira com que foi interpretada pelo simpático Psilander, tivemos ocasião de ver ainda no domingo um novo e acolhido trabalho da reputada Nordisk «Sob as vestes do Consul», peça em 3 atos que muito agradou os inteligentes apreciadores das boas fitas. A passagem dessa película e a da «Consciência de Juiz» foram de verdadeiro sucesso, o que se repetiu varias vezes durante a semana. Para hoje o apreciado «Ideal» nos aguarda com um novo e surpreendente programa o qual virá patentear ainda uma vez o quanto é apreciado pelo fino gosto do seletto publico maranhense.

D.

Uma viagem

O céu do mais puro azul, donde não se via uma nuvenzinha sequer, assemelhava-se a um vasto lago de anil e a lua, como se fosse um cisne de prata, deslizava por ele suavemente, derramando sobre a terra, com a palidez da sua luz melancólica, um mixto de poesia, tristeza e amor.

«Só eu, como um penitente
No rebordo do navio
Com olhar inconcinto,
Fitava a margem do rio».

E' que, ao mesmo tempo em que aquele vapor, de um prozaismo medonho, conduzia o meu corpo para o ultimo ponto do Norte, o meu espirito, docemente embalado na poetica barquinha do pensamento, viajava tambem, mas em sentido oposto. Eu tenho uma destas barquinhas, muito bonita, muito leve e muito ligeira, que trago sempre comigo e que batizei com o nome de Ideal. Em qualquer parte, onde me ache, serve-me de ponto de partida. Esteja em casa, na rua ou mesmo na cama, tomo a minha barquinha, corto a margem do rio um ramo bem verde e coloco a proa, é a vela. Assento-me no meu lugar e, sem mais bagagem, além de uma carteira de notas, deço o rio. Amor, quasi sem reparar nos muitos atrativos que todos admiram nas suas margens pinturescas.

Passo num cachoeira e contemplo aquélas pedras duras por natureza, mas que perseverante assiduidade das aguas consegue amolecer um pouco, deixando nelas, bem visíveis, os vestígios de sua passagem. Haverá corações tão duros, mais duros do que aquélas pedras?

De quando em quando, bandos de garças atravessam silenciosas o majestoso rio, ao passo que os grupos alegres das barbolêtas azuis que se aventuram ao largo vêm em vôos doidejantes poizar um momento nas folhas da minha velinha verde. Mais alem, jaburús erguem-se das praias, estendem o longo pescoço e as compridas pernas e, com um vôo pesado, parecendo grandes serpentes com azas, fojem para a margem mais proxima.

E a minha barquinha, sempre a correr, sempre a correr, impelida, apenas, pela briza fresca que sopra incessantemente, fazendo tremularem em harmonico concerto as delicadas folhas da minha velinha verde. O rio alarga-se mais e mais, saio numa baía, e por fim, entro no Oceano.

A minha barquinha começa a ser embalada pelo vai-vem das ondas inquietas, perco a costa de vista e me sinto atordoado pelo rouquejar constante desse leão eternamente enfurecido — O mar.

Mas, sempre animado pela esperança simbolizada na cor da minha velinha verde, afiro no sem temer as vagas tumultuosas e busco o rumo desejado, contando somente na fiel orientação da bussola que levo no coração.

«Com a alma torturada
Ando triste pelos cantos
Cismando com uma fada
Que perdeu os seus encantos».

H. Roland.

Canhotadas...

«CONSELHOS A NAMORADAS E A MARIDOS:

Não ajoelhar aos pés de uma mulher para fazer uma declaração de amor. — (ajam-se as calças e a posição é bastante incomoda).

Não falar á noiva estando endefluxado. — (As palavras de amor misturam-se com os espirros e não há paixão, por mais romantica, capaz de resistir a tal coisa).

Sendo calvo, não escolher esposa muito alta: pelo contrario, o mais baixo possivel. — (O homem calvo visto de baixo para cima, não faz má figura; visto de cima para baixo, o efeito é desastroso).

Não fazer a barba diante da mulher. — (As caréas no momento são infalíveis remédios contra o amor).

Antes de comermos uma galinha devemos mata-la porque ella pode fugir do prato e nós nada temos com isto.

Quem é frujinero não deve absolutamente comer vegetais.

Os automoveis devem evitar de andar aos pulcs.

O bandolim não deve absolutamente ser tocado com arco.

Mesmo na falta de couve, não devemos comer ortiga.

Quem não ouve deve evitar de ir a concertos; pois pode constipar-se.

O papel, em caso algum, substitua a mata-borrão.

Por mais difficil que seja um exercicio de piano, nunca deve o pianista servir-se dos pés no teclado, principalmente se for mulher. Só se tiver previamente o cuidado de polir as unhas.

Antes de entrarmos em um cinema convém, antes de tudo, comprar um bilhete e procurar a porta.

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º



S. Luiz, 10 de maio de 1914



NUM. 40

Rio Branco

De Rio Branco, o papel político é todo internacional. Foi o ultimo benfeitor das nossas fronteiras.

Não direi, como se tem dito, que nos dilatou o territorio.

Não. Os grandes meritos de outras coisas não precisam que da verdade. So ela, no tribunal da posteridade, assiste ao juizo final.

Thiers, obtendo a dezocupação do solo de França, pelos alemães, não augmentou o territorio francez: restabeleceu-o.

Foi seu libertador, Rio Branco, alcançando o reconhecimento do nosso direito á rejião que o estrangeiro nos disputou, não alargou as nossas divizas: restaurou-as.

A sua obra não foi de ampliação, mas de retificação, de restituição, de consagração. Mas nem por isso é menor.

O territorio brasileiro não se poderia acrescentar senão pelo dinheiro e pela força.

Pelo dinheiro éra compra, e não glo-

ria.

Pela força, não seria gloria, mas crime.

Para sermos bons irmãos, entre os nossos vizinhos, cumpre assentar, em clara julgada, que o Brazil nunca teve cobaiças nem perpetrôu expansões territoriaes.

Inevitavel destino o desse nosso continente em sua realidade, projetando o seu vulto sobre os extremos do paiz, especie de nume tutelar, como deus Terreiro da nossa integridade nacional.

Rui BARBOZA.

Dominicais

Estamos em maio, o tradicional mez das flores. Uma alegria toda nova, rebofante, risonha, se espalha pela mata, e nas altas torres dos templos os anjos lambalhamalacrememente, como a

indicar uma nova era de venturas florais e viçoas.

Das choupanas das aldeias grupos de rusticos camponezes, num fervor sinjelo, inerente ás almas tristes, se abalançam do lar a prestar o seu culto á Virgem Santissima, que, na sagrada ara, com o olhar tenue e piedoso, esparze sobre a humanidade bençãos de paz e luz, salmos de bondade e doçura, menses de carinhos e clemencias...

Anda a pairar pela alma simples daquella gente a influencia benéfica e poderosa desse grandevo e luminoso espectro que se chama—fé.

A vida bucolica e nomade que levam esses morigerados pastores, rudes mas honestos, pacendo, numa virginal pontualidade, os seus rebanhos de gado; o contacto directo com a natureza ubere daquellas parajens, onde, em cada variado encanto dela, encontra essa venturoza gente campezina um ramo de actividade humana; o rumor majico das densas brenhas, com todo o encanto ideal das suas arvôres; a salutar influencia do clima sadio, que revigora os habitantes e os prepara para enfrentar, com denodo, a *struggle for life*; os naturais habitos ordeiros que do meio decorrem; enfim, as condições do *habitat*, tudo impele á fé, á crença religioza.

Quam antagonicas são a influencia religioza da aldeia e a da cidade! Nesta, já com fóros de civilizada, predomina a *coquetterie*, a pelintrice estulta e ouzada. Cada moça trata de se mostrar da maneira mais insinuante e atraente aos olhos masculinos; vai á igreja por mera diversão e até, ás vezes (perdoem-me se vou ferir os melindres de alguma), com o escôpo unico de se entregar, durante os momentos do officio religiozo, a espetaculosos namoros, que o bom senso repele e a sociedade repudia.

O templo transforma-se em ornamentado palco, onde Cupido é o protagonista da bizarra cena que, na mór parte dos cazos, traz consigo deploraveis consequências. Se, porventura, acontece se traduzir em fato uma dessas consequências, aqui del rei, queixam-se da igreja, lançam-lhe as mais puzilhanimes pragas. Mas, se assim é, a culpa não assiste á igreja e sim aos seus fieis, porque o que nela se deu podia ocorrer em qualquer outra parte, dês que a conduta da mulher nessa qualquer outra parte fosse igual á que mantinha no templo. E' lojico. Tudo está na conduta. Cessando a causa, cessa o efeito. E a conduta depende do meio em que vive a mulher. Se é um meio dissolutivo, que desconhece, por completo, as rigorozas regras do bem e da moral, ela mulherfica na posição do inconciente, que não sabe o que é moral, nem o que é imoral, e que pensa ser moral tudo quato faz, em-

bora o não sejá. Ai, então o defeito é da sociedade e não da igreja. Esta, quando muito, consegue atenuar essa dissolução por meio da fé.

Dir-me ão que a igreja tem feito, também, as suas vitimas. Bem sei disso. E a prova temo-la na Idade Media, quando ela exerceu a mais poderôza influencia no espirito dos povos, com o exemplo frizante das Cruzadas. E' preciso, porém, atender a que a civilização reinante naquella epoca não era a mesma que grassa atualmente.

Objetarão as gentis leitoras que me estou dando ares de moralista. Não. Nunca fui moralista, nem nunca tive pretensões a tal. Sou um simples observador de fatos e essas são as minhas opiniões a respeito da vida religioza da mulher na cidade, opiniões certamente condenaveis por aquellas que se abalam a ler as minhas balelas.

Todas as ponderações que aí ficam me foram sucitadas por um fato que observei, ha dias, em certo templo desta abençoada capital, fato que muito tem de deprimente e vergonhozo para os seus autores e que não quadra, de maneira alguma, com o logar onde se desenvolve, pois no templo deve haver todo o recato possivel e a mais absoluta seriedade.

Maio despontou entre jorros da mais perene alegria e prodigas resteadas de luz de um sol senegalesco e ardente! Erra pela claridade transparente do dia um vago e nostalgico esplendor de bema-venturança e paz, uma claridade langue que borboletêa na alma da população, um sentimento nove, vigorozo, que conduz á fé... Já a Cathedral, todas as noites, regorjita de fieis, que vão lá receber a clamide augusta da fé, dessa fé imaginaria e misterioza, vaga e indefinida, que revigora o corpo e tonifica a alma.

As minhas gentis leitoras, creio, com o que acabei de dizer, fortalecerão a sua crença, durante o cadente mez, se portarão á altura dos preceitos religiozos, numa fé sincera e nobre, para não dar margem a que outros relatem fatos como o que acima ficou, muito embora paguem os justos pelos pecadores.

O mez é propicio ás preces religiozas. As flores se nos apresentam com uma inflorescencia dezuzada, com um perfume todo novo, sutil e evocador.

"Maio! Sorri Nossa Senhora pelas Torres altas e claras das Estrelas, Braços abertos para os Pecadores".

A. G.

PARNÁZO

Saudades...

Arquiteta um soneto alegre! entanto,
uma saudade infinita me aquebranta.
Atassalha-me a alma e me transplanta
uma dor que minôro com meu pranto...

Quando eu partir, saudade que suplanta
a de adorar de perto aquêlo encanto
divino, sedutor, sublime e santo,
—o ente que a minh'alma, triste, canta,

não é saudade da praça da palmeira,
nem saudade da terra alviçareira,
onde gorjeia e canta o sabiá;

é lembrança imortal, saudade, enfim,
de farfalhar e estalejar de um *lê*
dam naviozô e terno bandolim!...

D. Fortuna.

Narrativa

A toi, sentiment...

Mulher! Quanta triteza que me invade
O intimo d'alma, e que me faz sonhar!
Quanta desdita e que voraz saudade
Que no meu ser se vai localizar...

Falo á noite, sozinho, á soledade;
A's estrelas; imploro sempre ao mar...
Corro incessante o véu desta anciedade
Para ver se desvendô um doce olhar!

Apezar da firmeza que domina,
Tudo em vão! Só provejo a desventura
Que se transforma em negro dissabor...

Eu penso desfazer a minha sina,
Confesso-te, e talvez esta amargura
Para poder gozar dum casto amor!

Abilio Pimentel.

Injenuo

(Parodia á Injenuo, de Dante Faria)

Sob o clarão que ao cinema havia
Muito contente estava o João Bolina
Sorratoeiro, juntinho da menina,
Preparando-se a entrar na vil moçina...

Não mui tarde, começa a sinfonia,
Apagam a luz e logo a clandestina
Maneira do buliro João Bolina
Executa com rasgos de ousadia...

—Senhor, socogue, veja não tem goito,
E que descaramento, onde é que viu
Maxer no pé da gente sem direito?...

Não é, sinhá, repare, eu sou que penso
Que por descuido neste chão caiu
O seu mimôzo lenço!...

Hilton Fortuna.

(H. Ferrári.)

"O Canhoto"

Orgam da sociedade literaria

BARÃO DO RIO BRANCO

Tira: em 1.000 exemplares

Assinatura anual... 2\$000

Toda correspondência deve ser
dirigida a "O Canhoto"

RUA 28 DE JULHO, N. 53

BRAZIL—MARANHÃO—SÃO LUIZ

De Relance

Adens querida juventude!... Dispensa
ao menos, nestes ultimos dias de tua
existencia, um pouco mais de conforto e de
alegria, para que eu possa receber, forte e
corajoso, os ultimos momentos dos meus de-
zoito anos!...

Fôram estas as palavras sentimentais que,
ao pentear-me á tarde, balbuciei, ante o pe-
queno espelho, quando, por mais que mi-
rasse o *diurnal rosinho*, deparei com os pri-
meiros rebentos da minha futura barba...

Barbado eu? Não, nunca pensei que os
pêlos viessem encobrir o que, por mais que se
faça, sempre advoga com pericia extrema
as canções que lançamos aos olhares e in-
vestigações do publico; e esse abalizado
juiz é o que ora me abandona: — a juventu-
de, a meninice!...

Se me vissem ontem colocando em alguma
janela, por intermedio da rotula, uma car-
tinha perfumada, diriam naturalmente:

O menino namora, mas não tem coragem
de uma entrega pessoal, deixem que faça;
pois é natural das crianças traquinas!...
E hoje? dirão com justa razão os que virem
a minha frondôza barba: Que malandrão!
Quere iludir uma pobre menina, que nem pen-
sa em namôro embora tenha ela mais do
que eu nos quatro anos nas lutas que en-
carcicamos pela vida, que vive envolvida
anda com as bonéas! Ora deixem estar que
lê farei a cama!...

Pobre de mim, porque unicamente já to-
cho a sombra apagada da desgraçada bar-
ba!...

Se ficasse nisso era muito bom, mas des-
de a hora fatal do espelho que tenho na
mente a perdição do futuro: barbo, depois
me cazo, terei filhos e ainda por cima serei
um dia avô e portanto "Sôgro!..."

E por aí falam tanto mal dos "Sôgros",
que até ao me lembrar disso se me arripiam
os cabelos!...

A!... quem dera que sangue de
morcego detivesse a idade, como dizem de-
ter a barba... — D.

Canhotadas...

Quem quizer mudar de fisionomia
basta rolar, com vontade, uma escada
de caracol.

Antes ser acometido de conjestão no
cerebro do que de um antraz na mão.
(A primeira enfermidade provoca cóli-
cas e a segunda dor nos dentes).

Os livros sem folha devemos guardar
com desvelo; mas os que as teem não
devemos fazê-lo, porque podemos, se
assim fizermos, estraga-los.

Para colhermos uma róza, torna-se
desnecessário o emprego do machado.

Faz tontices no estomago comer-se
gêlo em frigorifico.

E' arriscado pelar-se um porco com
revólver.

Em enterros não fica decente darmos
vivas aos defuntos.

Terá prejuizo quem tiver dez tostôis
e emprestar dois mil reis.

Para entrar num automovel não é
necessario tirar-se os sapatos; pois, os
chauffeurs, de carrega-los, não fazem
questão.

A pessoa bem educada é que perten-

ça á *haute gomme* convem evitar entrar
nas cazas alheias pelas janelas.

Quando se jejua, não se deve comer
nada.

Pela quaresma não se pode sair mas-
carado.

Mesmo quando em caza tenhamos
muita mosca, não devemos abate-las
para o jantar.

O pintor quando vai para a sua tela
não se deve esquecer da tinta.

Mesmo quando esteja fazendo frio, é
prejudicial tomar banho com agua fer-
vente.

Nunca é estetico comer o cartucho
antes do sorvete, porque se arriscará,
quem o fizer, a ficar com as mãos ge-
ladas.

Por mais forte que seja o sono, a
pessoa não pôde tirar as meias antes dos
sapatos.

Não é decente soltejar pelas narinas.

Por mais comprido que seja o dedo
indicador, não convem se coçar a gar-
ganta com ele.

A MODA

Eis-nos metidos em serio par de bo-
tas com a Exma. moda Feminina.

Digo como o outro:

A moda não pira, não descansa um
momento.

A mulher bela já não tem valor...
O que se exige é a mulher na moda.

Rindo-me da *jupe culotte*, pensando na
ridicula figura, que fazia uma dama en-
fiada numa dessas extravagantes calças,
ao atravessar uma praça esbarro com

um jornal estrangeiro, onde deparo com uma elegante de cabelo verde.

Fiquei surpreso, e a custo contive uma exclamação.

Um sorriso velhaco e um abanar de cabeça, e assim fiquei contemplando a... "nova moda".

Realmente, as mulheres sempre foram as coisas mais interessantes do mundo.

Pobres vítimas; não demora que vos veja com o cabelo multicolor.

Enfim, leitor amigo, nada devemos estranhar.

As romanas, já em tempos, o faziam.

O mais singular era o arabe embacelar-me com as suas esquizitais tatuagens pelo corpo, quando elas, as vítimas da moda, deram agora para pintar no rosto toda a qualidade de pas-sarilha, flores, etc.

Pobres vítimas...

Fitas

Facelozza e garrida, Asta nos fez lembrar a "Mocidade e loucura", na finíssima comedia que, por diversas vezes, exhibiu o Ideal, intitulada "Um anjo". Portou-se irrepreensivelmente, demonstrando sua aprimorada graça de rainha do palco. "O sol da meia noite", exhibida diversas vezes, é um trabalho apreciável, é uma verdadeira joia nordestina, que traz, no seu decorrer, eletrizados os espectadores, empolgando-os grandemente.

Hoje, em 5 partes, nos dará a ver o Ideal, suntuoso trabalho da Nordisk. "Gulpado não culpado", no seu sarau, e na matinal, mais uma vez "Um anjo", que bastante deleitará a petizada. — D. F.

Gavêta Canhota

Recebemos, pela primeira vez, os seguintes colegas:

«A Patria», de Belem, quem como diretor Roberto Camelier.

E nitidamente impresso e traz leitura amena: «Porto Acre», de Porto Acre; «O Popular», da cidade do Carmo, e «O Vila Olimpia», de São Paulo.

Excelsior

Recebemos o 3.º numero do «Excelsior».

É uma vizita que muito nos agrada no deleite duma leitura erudita e variada. «Mar», bela joia do n.º 3, é um inspirado trabalho, que bem sintetiza um futuro esperançoso aos jovens que dirigem o «Excelsior», que são os membros da Sociedade Estudantil «Benedito Leite».

O Selo

Entre nós appareceu um jornalzinho biatletico, que tomou o nome que encerra estas linhas. É bem impresso e traz as mais recentes novidades.

Figuras e figurões

Recebemos o n.º 18 dessa elegante revista, que está no seu primeiro anno, mas com uma aceitação plena em nosso meio.

Moirejam nela penas de valor comprovado, contendo um humorismo de veras apreciável e delectante.

«O Canhoto», de tão pequeno que é, não sabe como agradecer tão honrosa permuta.

Numa Oliveira (capital). Bem vê «O Canhoto» em você um apreciador dos mais embeicados. A sua oferta tem, para nós, um valor inconcebível. A linda poesia que nos ofereceu será cantada por nós, no dia que «O Canhoto» tiver a honra de sua vizita.

Arquimedes (capital). É preciso ser socio da «Rio Branco» para colaborar n' «O Canhoto» que é seu organ.

Dante.

Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco»

Foram propostos socios e aceitaram: Vitoriano Almeida, José Braga Mendes, José Maria de Jezuz, Benedito Raimundo da Silva, Manuel Ferreira Pinto Garrido, dr. Anibal Padua Pereira de Andrade, Almir de Oliveira Souza, Edmundo Calheiros, Adelman Brazil Corrêa e Oswaldo Teles de Souza.

Foram propostos para os quadros de efetivos e benemeritos, respectivamente, a gentil senhorita Cristina Vinhais e o major Alfredo Fortuna, escrivão federal, os quais atenciosamente nos responderam aceitando.

O socio Almir Cruz pediu sua demissão, que foi concedida.

O Conselho Julgador, em sessão de 2, procedeu a eleição para seu Vice-Presidente, saindo vitorioso o socio José Vinhais, que logo foi empossado.

O socio José Braga Mendes pediu exoneração do cargo de Secretario, sendo dada.

Por se achar ausente o funcionario efetivo, foi nomeado Tezouzeiro-interino, o socio Djalma Vasconcelos.

Em sessão de 8 de abril, ficou deliberada a mudança do nome do organ da sociedade — «O Canhoto», para outro que oportunamente será escolhido.

Foram eliminados 6 socios.

Conferencias

No dia 12, realizou o socio João Caldas uma conferencia, da qual já tratámos.

No dia 16 de maio, o Presidente Djalma Fortuna fará a sua segunda conferencia humoristica, que terá como titulo «Os mandamentos».

Biblioteca

O socio Nestor Madureira ofertou 3 obras: Djalma Fortuna, 8; José Braga Mendes, 1; João Caldas, 1; Clóvis Castro, 1.

O farmaceutico Julio Ramos ofereceu 2 livros e o sr. João de Melo Alencar 3 obras de Domingos Barbosa.

Sessões solenes

Ontem realizou-se, com raro brilho, a inauguração do retrato do nosso patrono, no salão nobre desta sociedade.

Orou o socio Hilton Fortuna, eleito para esse fim. A assistencia de senhoritas foi avultada; e, por isso, é escusado dizer que foi improvisada uma *soirée* dansante.

Repartição Particular

DE

Telegrafia Canhota

CAPITAL

Alfandega, 25. Maestro *marizoso* Humberto foi contratado trabalhar tenor no *Palaceuse*.

Sucesso perfumado "finas essencias". — *Valadão*.

Alfandega, 26. Carvalhinho rasgo catolico está formando grupo semiaaristas.

Já tinha o *Palacio* e acaba contratar Burnett.

Peço, vosso intermedio, convidar outros coristas tomar parte grupo. — *Júlio*.

Rio Branco, 26. Caldas foi visto bonde Rio Branco acompanhando eleito seu coração; consta andar fazendo convites cazamento breve. Seus companheiros Delegacia lhe oferecerão *chic* mimo nupcias. — *Michel*.

Remedios, 27. Dante Faria, julgando-se doente, consultou medico, que declarou sofrer de paixão aguda, cronica, carater galopante. — *Juquinha*.

Biblioteca, 28. DR. Julio consultou 1000 volumes, realização conferencia, produzindo, por minuto, centenas expressões que atraem belo sexo, ocazando rasgo entusiasmo, auxiliado espiros. — *Fonseca*.

Telegrafo, 4. Pedro Mendes declarou não mais se formar, procurando, daga em diante, dentre muitas das suas adoradas, a mais bela para cazar-se. — *Cbr*.

Guarda Morta, 4. Almir Souza contratou "Krause" oculo alcanço, melhor fabricante, para, de longe, gozar olhares fascinantes amada. — *Carvalho*.

Correio, 4. Valente acaba pedir retificação telegrama ultimamente publicado, em vista de não ter sido nomeado esta Repartição. Diz ser frequentador diario daqui por causa *réguas* jardim fronteiro. Saudações. — *P*.

Alfandega, 4. Surjiu Mario Valente, da caixa marca "caricaturista", pretendendo pintar fisionomia do Valadão. Raul desmaiou e Garrido perdeu alma de moço. — *Carvalho*.

Cemiterio Ingles, 5. Motivado grande eclipse sol, bigode Nazinho tornou-se ruivo. — *Palacio*.

Rua Grande, 6. D. Fortuna acaba de

contratar livreria coleção cartão de visitas com novo pseudônimo "Capitão Bispo". — *Eurípides*.

INTERIOR

S. Paulo, 6. Fui aprovado exames. Alentado esperança voltar palmeiras, tenho galgado lugar destaque. — *Maneco*.

Belem, 6. Jornais noticiaram ter aparecido ai "caricaturista" Mario Valente.

Fiquei raivoso devido competencia e vou rapido me bater duelo "a crayon" com joven neofito.

Convidei padrinhos: Raul e Yantok. — *Porciuncula*.

Rio, 6. Sob comando capitão Burnett, parto hoje "Palma", afim realizar concerto muzical, executando flauta valsa saudosa intitulada "Sinhá". Lembrança. — *Ajenor radio telegrafista*.

S. Salvador, 7. Intermedio Machado, soube um girata do vizinho Codó anda ai passeando propriedade minha. Já não estou em paz. — *Chico Prado*.

Baía, 7. Como vai só dai? Sempre brilhante?

Eu sempre firme como pinheiro. — *Zeca*.

Baía, 7. Registrou-se aqui cazo envenenamento devido estar Teivelino, ai, passeando muito avenida rampa. — *Machado*.

Baía, 8. Carlos segue "Almerind", cauza intimação policial para realizar catorio. — *Urbano Pinheiro*.

S. Paulo, 8. Ouvi missa igreja S. Terça, quando Costa me disse haverem palmeiras mudado lugar. Quazi caio junto altar Maria, choque impressionativo.

Peço mandar informação verdadeira pelo Djalma, que é todo admirador poeta palmeiras. — *Manequinho*.

EXTERIOR

Bruxelas, 8. Depois chegada honroz a receção, mandei editar pozimetro liga Dicologonio & Dias. Foi tão procurado que estou rico produto sua venda. Injeções fosforicas fizeram pele diafana, inteligencia avultadissima e estetica europeia no corpo. Saudades convívio zozofones filogregos. — *Philloghoniol*.

O Ganhôto Elegante

Não sei porque me coube de sorte, pela segunda vez, fazer a cronica dos natalícios e dos acontecimentos ocorridos cá por casa, ou mesmo externamente, neste maio tão alegre e divinal que nos faz o espirito vagar pelo espaço a fóra.

O mez

Maio é um mez tão simpático e admirado, que vive, anualmente, a nos embriagar a alma e a nos dar corajem para resistir aos dissabores ocasionados nas demais temporadas.

As igrejas, nestes tempos, estão re-

pletas de fiéis, que, desde o cair das tardes, pela bimbahada de sinos, para lá se dirijem.

Nós, católicos compenetrados do nosso papel, também não deixamos de assistir a essas festazinhas bem agradáveis, que, quando, se ultimam, sempre nos deixam triste e saudosa recordação.

Vizitas

Honrou-nos com a sua presença, em dias do mez passado, o nosso distinto confrade Candido Bispo, d' "Os Simples", da Barra do Corda.

— A 3 do corrente, deu-nos alguns instantes da sua palestra o dedicado prof. Benjamin de Melo.

— A 4 tivemos o prazer de trocar ideias, por algum tempo, nesta redação, com os fulgurantes poetas Arlindo Martins e Corrêa de Araujo, sendo-nos, por aquele, em nome do autor, oferecido um folheto em que está impressa a bela ode, *A Bandeira*, do dr. Enes de Souza, nosso eminente conterraneo.

A todos "O Ganhôto" confessa-se sumamente grato.

Djalma Fortuna

E' com extraordinario contentamento que registamos a passagem, a 16 deste mez, do natal deste nosso infatigável colega.

Djalma Fortuna, que desde os principios vem conosco lutando, foi o mais forte elemento que "O Ganhôto" abraçou na sua exhibição no terreno literario.

Não é só um trabalhador constante e intemerato; o seu inqívoco talento e a sua inigualável dedicação pelas letras sempre tornaram patente e elevado o seu nome.

Revestido de demarcada modestia, aparelhada de bons predicados, tornou-se admirado por todos os que com ele convivem nesta despretençiosa tenda de trabalho.

Ao aniversariante, assim como a toda a sua digna familia, os nossos mais efuzivos saudaes.

Manuel Lisboa

Passou, a 4 do corrente, o dia natalicio do nosso prestimoço confrade Manuel Lisboa.

Mesmo de lonje, onde se encontra, Manuel Lisboa tem sempre os olhos voltados para esta instituição, de que ele foi um dos fundadores e dos mais interessados pelo seu engrandecimento.

Embora não se possa dedicar de corpo e alma ás coisas do belo, de quando em vez submete á apreciação dos nossos leitores os seus trabalhos bem feitos e lúcidos.

A' sua illustre familia, pela passagem do seu natalicio, apezar de tardiamente, os nossos parabens.

Dezembargador João Costa

O lar do nosso incansável compaheiro bacharel Alcide Costa, estará, no dia 16, em festas, pela passagem do aniversario do seu digno genitor cujo nome encima estas linhas.

O dr. João Costa, que sempre em nosso meio ocupou lugar em destaque, faz-se

merecedor da admiração dos que com ele privam, já pela lhanza do trato, já pela modestia de que se reveste.

Ao aniversariante, aos nossos consócios Alcide e Zulima Costa, apresentamos os nossos embóras, estendendo-os aos demais membros da familia.

Plínio Jucá

Completo mais uma primavera, no dia 6, este nosso talentoso amigo, filho do dr. Paulino Jucá, que, por muito tempo, fóra inspetor da nossa aduana.

Ao Plínio Jucá, que é o nosso dedicado correspondente nas rejdiões amazonicas, os nossos abraços.

Memorando do lar

Nataliciaram-se:

A 1.º do corrente, a gentil senhorita Sinhá Chagas e a interessante Ana Holland; a 3, o sr. Alexandre Pires, digno comandante do vapor "Brazil"; a 6, a meiga Genuina Costa; a 7, o nosso distinto conterraneo, doutorando Enés Costa, irmão dos nossos illustres consócios Alcide e Zulima Costa; a 9, a exm. sra. d. Clotilde Nogueira Buzaglo, virtuosa esposa do sr. Jaime Buzaglo, e a simpática senhorita Odixe Estrela.

Nataliciam-se:

A 16, a gracioza mademoiselle Judit Chagas e a proveta educadora Almerinda Roza; a 20, o inteligente joven José Fortuna, digno filho do nosso estimado amigo e consocio, major Alfredo da Silva Fortuna; e irmão dos nossos prezados companheiros Hilton e Djalma Fortuna. Ainda a 20, o nosso bom amigo Antonio Nogueira Vinhais e a inocente Celeste Carvalho.

As nossas festas

Teve lugar hontem, ás 19 horas, no salão nobre desta sociedade, a sessão solene de inauguração do retrato do nosso inesquecível patrono, o barão do Rio Branco.

Além da sessão, em que orou o nosso talentoso confrade Hilton Fortuna, teve lugar, em seguida, uma *soirée* dançante, de que compartilhou a nossa elite. As dansas prolongaram-se até alta madrugada.

Fôl uma festa que nos deixou devéras, bela impressão.

A' hora em que circulam os primeiros exemplares d' "O Ganhôto", ainda reina grande animação.

Uma surpresa

A 5 do mez corrente, ás 21 horas, por ocasião do forte aguaceiro que debaiva sobre a cidade, fomos surpreendidos, nesta redação, pela vizita do nosso apreciado consocio Joaquim Luz, nesse momento chegado das *poéticas* matas do Cajapió.

Joaquim Luz chegou forte e inspirado, pelo que, adiantamos aos nossos leitores, brevemente reencetará a atividade da sua pena, ora interrompida pelos incomodos que o levaram áquelas parajens.

Parágrafos

Saudado! gosto amargo de infelizes,
Delicioso punir de acerbo espinho,
.....

Disse assim um poeta, cujo espirito se desfazia, naturalmente, numa saudade, mas dessa saudade infinda, que mortifica o homem e que o conduz a manifestar, num sentimentalismo sem limite, tudo o que lhe devora a alma povoando-a de uma fantasia inominável.

Todos nós, não somente o poeta, temos a nossa faze de tristeza, de pesar, de infortúnio, de inatividade, assim como temos a de alegria, de satisfação delirante, de felicidade, finalmente, de atividade.

A nossa sociedade, quando nos investimos dum condenável pessimismo, classificamos de corruta; no caso contrario, isto é, quando nos revestimos do impecável otimismo, tudo nos delicia, tudo nos apraz, e fechamos os olhos para essas pequeninas e desvalorizadas coisas que nos não calam bem no fundo da alma,—que nos produzem uma dessas monotonias irritantes.

Tudo depende das ocasiões, conforme o nosso temperamento, as nossas concepções...

Estamos, agora, no melhor desses tempos, nos tempos das iluzões, ou, por outra, do otimismo.

A melhor faze para as conquistas é a que agora se vai findar,—é o mez de maio.

É uma temporada em que, não sei qual o motivo, se passa alegre, risonho, expansivo.

Desde que o velho e antipático abril vai fechando as suas portas, despedindo-se para novamente aparecer depois do espaço de tempo que o separa, de longos doze mezes, dando, assim, passagem ao garboso mez das flores, parece que se vai experimentando uma nova vida, que não é a primitiva, toda cheia de aventuras, preta de entusiasmos, inteiramente repleta de esperanças, como que assinalando um verdadeiro bem-estar.

Flôres e mais flôres dão-nos um ar de alegria, uma alegria inebriante, inegável e até mesmo dominante.

As flôres assemelham-se nos tão risonhas, tão viciadas, a ponto de nos darem também vida e coragem para enfrentar as eventualidades que se nos antolham, para desfazer os pezares que se localizam no nosso eu, encorajando-nos, destarte, a um viver feliz, a um viver contente, cheio de entusiasmo, de desejo e de fé.

Malo nos conduz às conquistas, aos segredos da alma. Algumas vezes, às felicidades; outras, ao infortúnio.

Ilude-nos, torna-nos quazi sempre expansivos, cheios de amor, até mesmo fêbricitantes.

Toda a natureza se ajita, num entusiasmo inconcebível, ao que nos parece, quando maio surge, e é porisso que um dos nossos inspirados poetas o canta neste belo quarteto:

«Tudo sente que vive, quando chegas!
Tudo, sim! vive palpito de amores;
E, aos amores sensuaes das lindas flores,
Tu, floreo maio, lubrico te entregas!...»

João Caldas.

Dominicais

Uma recordação escolar...

Desde que o Afonso Alencar, filho do taberneiro Alencar, deu pra se meter de gosto com a Dulce Lara, a filha do tanoeiro do mesmo nome, começou a desmerecer a fama angariada nas aulas, onde eramos companheiros de curso.

A vizinhança toda frizava:—Sem Afonso anda palido, enfiado, parece que uma paixão profunda o assedia lá no intimo e o menino já nem se alimenta suficientemente. Por aí anda coisa gasta...

E em casa os comentarios recrudesciam:—E' aquela dezavergonhada que anda a dezanquear meu filho, desviando o menino dos bons precedentes que o amparam. Deixa estar, tirana de uma figa, tu pagas o mal que nos andas a fazer.

Durante o dia, na escola, o Afonso desperdiçava o seu tempo em fumar cigarros, nos intervalos das lições, e nestas era o que se sabia: repelições constantes do professor; que ele não andava direito com os livros; não dava uma lição que prestasse; e humilhava diante dos seus co-participes de idéas com aquelas manifestações de completo abandono às tarefas escolares; assim não podia continuar...

Prometia-lhe, até, no caso de prosecução da conduta, aplicação de penas severas, que o estimulasse a recobrar o aproveitamento com que encetara o curso, tão cedo turbado pela inclinação amorosa áquela dissolvente fada, que lhe era os cuidados.

Eu, que lhe conhecia de sobra o fraco, podia bem aquilatar do exício causado á sua organização mental por aquela «bruta» paixão. Previa-lha as consequências, fatalmente deploráveis.

Aquilo se ia infiltrando aos poucos, formando alícerce, para um belo dia ruir tudo por terra, num fragor violentissimo, com a ação enérgica do tempo, talando-lhe as pretensões, desviando-o das amoráveis honras tradições de família burguesa, mas nobre e reconhecida-

damente proba, onde nunca o cardo da dissolução medrou, de molde a lhe deixar gravado na vida, em caracteres imarcescíveis, vestígios, também imarcescíveis, de amargura, que a nevoa destruidora do tempo não consegue apagar, nem, ao menos, atenuar...

Não demorou muito a minha protecção. Naquela humida manhã de abril, quando a chuva se abatia sobre a cidade em densas cordas e nos achavamos nós na aula de gramática, o Afonso entrou como nunca o vira assim: sobrolho carregado, fisionomia de quem recebera uma afronta que reclamava reparação imminente, ensopado como um pinto, sobraçando a carga de livros sustentada por um correame de cadarço, sizudo, inquieto... Rompera com a sua Dulcinea, por um *malentendu* qualquer entre ambos. O pai applicara-lhe uma formidosa tunda. Fugira-lhe a rara felicidade daqueles dias desfrutados deliciosamente, ao sabor virjem de beijos prolongados, numa orquestração de labios vaporosa, tepida, ardente... Estava tudo acabado.

—O seu Afonsinho, bemvindo seja, disse o professor. Então está molhado, não é assim? Apanhou muita chuva. Estes dias de inverno... Venha para a lição.

—Diga-me, caro aluno: que é substantivo? esfuçou o mestre.

—Substantivo é, é...

—Acalme-se. O sr. está tremulo. Que é isso? Bem, já que lhe não ocorre a definição, dê-me, então, o exemplo de um substantivo proprio. O sr. sabe. Vá á loiz e escreva. O sr. está perturbado com a pergunta. Não vale nada. Vá. Contente-me em que grave na pedra um substantivo proprio.

Pernas froixas, sentindo o dedalo da hora fatal, passo incerto, lá se foi o Afonsinho ao quadro negro, tomou do giz e a mão tibia instintivamente tremulou na loiz: Dulce.

A. C.

A' tóa

Meus poucos leitores não se lembram de que na ultima das minhas garatujas á tóa vos falei da obcecação do nosso povo, pelo cinematografo?

Pois eu vos vou contar um fato admiravel que se deu comigo e que bem prova que não sabemos como vivemos para agradar a todos os corações, a todas as almas.

É a opinião, á referida obcecação, de duas gentilissimas senhoritas irmãs, com quem, dias após, entreteve agradável palestra, sobre a minha mesma cronica do numero 39.

"O Canhôtô"

Orgão da sociedade literária
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão.

CORPO REDACIONAL:—Djalma Fortuna,
Clovis Castro, Hilton Fortuna e Joa-
quim Luz.

Assinatura anual..... 2\$000

"O Canhôtô" será enviado à impren-
sa, mediante permuta.

Acceptam-se anúncios por preços mo-
dicos.

Imaginem que são duas *demoiselles* lin-
das, gentis, de afabilidade rara, (estão
imaginando?); dessas que nunca passam
sem ter ao lado um ou mais *creoulos*.
São verdadeiramente o protótipo da
moça namoradeira, o que, julgo, cons-
titue, quando fiel, o balsamo consola-
dor e vivificante duma vida no verdor
da juventude, quando tudo nos sorri,
tudo nos é utopia, embalado na aspira-
ção dum futuro que sempre antevemos
alcatufado de flores.

—Uma, alta, olhos grandes, cismado-
res, provocantes, faceciosa e meiga, me
disse:

—Sr. Dante, muita razão teve quando
disse ser, em nosso meio, o cinemato-
grafo objeto de idolatria a muitas pes-
soas. Eu não me incluo nesta lista. Não
me vem à memória o cinema, quando
estou ao lado do meu noivinho, naque-
le palestrar interminável, para o qual
nunca falta assunto, naquele delírio do
amor firme, na ereção dos nossos cas-
teles. Que maior prazer quero eu que
lhe ouvir a palavra tão doce, tão cheia
de graça, tão erudita na psicologia apo-
roza?

Eu, ante aquele palavreado que, tão
facilmente, lhe escapava dos lábios, res-
pondi-lhe:

—Mas é só em casa que, junto ao seu
feliz noivo, encontra esse prazer que
tão elegantemente me pinta?

Por ventura ao cinema também não
se experimenta o mesmo alento, quan-
do se tem a pessoa eleita dos nossos
corações, ao lado?

—Qual, eu nessas ocasiões deixo no
olvido o cinema; retorquiu a gracil-
dama.

—A outra, mais leviana, volúvel, apo-
lojista inveterada do *flirt*, sem mais
preambulos, interceptou-se na palestra,
explicando:

—Comigo a antiteze se opera, *sen*
Dante, eu me sinto ufana, quando, a
meu lado, no cinema, está o meu pe-
queno. Aquelas fitas a que o senhor se
refere, —as amorozas... o que prazer
experimento ao vê-las! Aqueles inve-
jáveis coloquios, doces carícias, infide-
lidades, sacrifícios, mas, sobretudo —
beijo nórdico. Que alegria ao ver,
na tela, aquela série interminável
de carícias, beijos trocados com volu-
pia, mas uma volúpia franca.

Aquilo me anima, me deleita a retina,
me esperanças o... me «faz água na
boca», com sinceridade.

Eu, ao ver aquela justificativa tão ero-
tica, tão libidinosa, olhei firmemente
para aquela com quem palestrava e, no

seu semblante, vi implantada a sinceri-
dade, sob um sorriso alacre de levian-
dade feminina.

Vede leitores, duas irmãs, de fato;
porém, em opiniões tão antagônicas!

Enquanto uma olvida o cinematogra-
fo, a outra esperança a sua perene fre-
quência. Que mundo de contradições é
este nosso — esse caos horripilante, pre-
nhe de amarguras libadas na taça inde-
level da desesperança e da dor!

Quanta tristeza enflora a mente dum
vivente, que alimenta suas esperanças,
quando, em todos os sentidos, a con-
tradição, a amargura, a discordância
imperam!...

D. Fortuna.

Chiiii!!...

Para me distrair e também quem qui-
zer, decidi criar esta seçãozinha, que
se ocupará dos assuntos em voga.

Como bom católico que sou, convi-
dei Sua Santidade para benzela e a pa-
raninfa-la o meu velho camarada Abílio
Pimentel.

Terminadas as cerimônias da pragma-
tica, inaugura-se a seção:

Pio X já se está virando para a vida
profana. Sua Santidade já se preocupa
com a folia.

Aplaudi com entusiasmo o gesto do
Sumo Pontífice aconselhando calmaria
seus filhos quando se derreterem nos
requebros do tango platino, terminan-
do apresentando-lhes a sua dança pre-
dileta e dos antigos salões de Veneza,
batizada por Furlana ou melhor — Santa
Furlana, pois que está canonizada.

O respeitável prisioneiro do Vatica-
no quiz mostrar com os seus sacres pés
os primeiros passos alegres da dança;
mas estancou por ter o aureo crucifixo
pendente do seu pescoço lhe batido no
peito, determinando-lhe prudência, re-
quizado necessário a um verdadeiro re-
presentante do Cristo na terra, mesmo
sem procuração.

E ele obedeceu sem vacilar.

A se o Santo Padre ouvisse troar,
embora num desmantelado gramofone,
o «Rato-Rato» ou o «Corta-Jaca!...»

Abílio Pimentel, paragrafando, mos-
trou-se assás interessado pelo progres-
so da língua esperantista. Penalizou-se
por não termos ainda um collegio ou
coiza parecida relativa à mesma, quando
na Barra do Corda até as crianças falam
esperanto.

Carradas de razão tem o *Abilinho* mani-
festando-se admirador do neo-idioma.

Do modo porque se expressou pare-
ceu-me que o caro Pimentel é profes-
sor da língua paragrafada ou tem incli-
nação para a coiza.

A se assim, pôde o simpático cronista
abrir um curso de esperanto nesta ci-
dade, que prestará relevantes serviços à
mocidade.

Conheço alguns rapazes que bem po-
derão associar-se ao Abílio. Talvez eu
faça parte do grupo; mas, primeiro que
tudo, exijo que me diga o Pimentel com
quem aprendeu e que método adotou o
seu professor ao ensino que lhe minist-
rou.

«Sine qua... non».

Entre os justos aplausos dos que nesta
terra cavam a vida, apoderou-se da pol-
trona governamental o ilustre Sr. Dr.
Herculano Nina Parga.

Como sabemos, S. Exc. vai levantar
um Estado enfermo, já sob a machadi-
nha da morte; por isso deym estar
calmos os assistentes, para não pertur-
bar o novo medico, que precisa de muita
paciência para a aplicação do crutério.

A entrada do novo salvador á casa do
moribundo foi com bulhas de alegria, o
que demonstra grandes esperanças no
restabelecimento do doente.

O agonizante quiz levantar-se, mas
adormeceu novamente e... descansa
em paz.

Jomajus.

O Rizo da Mulher

(Da conferencia O Rizo)

O rizo da mulher é como a flor.
Dezabrochada em plena primavera,
Que nos transporta ás plagas da quimera
E faz até de um santo um peccador.

Anima-nos a alma e a refrijera
Dos embates vilissimos da dor,
Apaga sempre o mal perseguidor
E logo um bem geral em tudo impéra...

E rizo doce e puro como um canto
Que não se encontra em labios de qualquer
Firme, divino, meigo e sacrosanto.

A rosa, o lírio, o cravo, o malmequer
Aparecem num mistico de encanto
No sorriso faceiro da mulher!...

Hilton Fortuna.

As florinhas do amigo Feijó

Quando as gentis amiguinhas crece-
rem, hão de compreender o grande con-
tento de quem sentimos relembran-
do os tempos ditos da nossa mene-
nice: os dias felizes que passavamos,
entretidos com bonecos de madeira,
figuras de papelão, ou ouvindo historias
da corochinha, contadas por nossas mui-
queridas avozinhas.

A minha bateu o record na invenção
de historias e, para provar, aqui vá uma
das de sua lavra:

—«Era uma vez... um soldado e
um sarjento, que foram ouvir missa; logo
que essa principiou, o soldado sacou
da aljibeira um baralho de cartas e, pon-
do-o diante dos olhos, como quem réza
em um catecismo, folheava carta por
carta... O sarjento repreendeu-o, dan-
do parte ao coronel daquella má ação
praticada na hora da santa missa.

O coronel, ouvindo tal acuzação, per-
guntou-lhe:

—Então, soldado, como vá você ou-
vir missa com tal cartilha?

—Sabera V. S.—respondeu o solda-
do—que as coizas não são como pen-
sam alguns presuadidos e sim como re-
almente são.— Meu soldo é demaziada-
mente insuficiente para o meu cotidiano
sustento, quanto mais para comprar
cartilha; apenas num baralho de cartas
que achei, tenho encontrado a imitação
da cartilha, podendo, assim, assistir ao
S. S. da missa...

—Como assim?— pergunta-lhe o coronel.

—Sabes, V. S., que, quando pégo no ar (valendo de mim), me lembro que há um só Deus verdadeiro; o 2 me faz lembrar do Novo e Velho Testamento; o 3 lembra-me que os 3 Reis magos vieram do Oriente adorar Jesus, nascido em Belém; o 4 me faz lembrar das 4 virtudes cardinais; o 5 torna-me mais crente e mais disciplinado, porque me faz lembrar das 5 chagas de Cristo e dos 5 galões de meu coronel; o 6 não me deixa esquecer que foi em 6 dias que Deus fez o mundo; o 7 acentua em meu pensamento os 7 artigos da fé, pertencentes à Divindade; os 7 pertencentes à Humanidade e dezola meu coração ao lembrar-me que, nem sempre, tenho folga no 7.º dia da semana; o 8 me faz lembrar das 8 pessoas que se salvaram no Dilúvio, que foram: Noé, sua mulher, 3 filhos e 3 noras; o 9 me faz tremar de remorsos por lembrar-me que infringi o 9.º mandamento da lei de Deus; o 10 me faz rezar o restante dos 10 supraditos mandamentos; o 11 (valendo de onze) me faz tremar nervosamente o coração, por me lembrar que, quando chegar no céu, hei de ser recebido pelas 11.000 Virgens; o 12 (valendo de doze) me faz lembrar dos 12 apóstolos, dos 12 meses do ano e dos 12 pares de França, que defendiam a religião cristã; a sota ou dama me faz lembrar da Rainha Sabá, que veio de terras longínquas adorar a sabedoria de Salomão; o Rei faz com que eu adore o Rei do céu; obedeça e sirva o Rei da terra e, finalmente, quando conto 52 cartas que tem o baralho, lembro-me que o ano tem 52 semanas, inclusive a santa... 52.

—Muito bem, soldado,—retorquiu o coronel,—defendes a tua causa como um verdadeiro crente; notei apenas que não fizeste referência ao conde ou valente. —Porque o excluiste?

—Porque, para mim, ele representa 3 coisas diferentes em uma só pessoa verdadeira: as coisas são: hipocrisia, inferno e satanaz e a pessoa é um sarjento...

—Como assim?—pergunta o coronel.

—Ora, é muito simples: este sarjento que aí está prova o que digo, pois, enquanto eu ouvia missa com o meu baralho-cartilha, ele, fingindo rezar, lia a *Memória das 3 Sãs*, de Paulo de Kok...

—Mediante esta acuação indefeça, o coronel fez do sarjento soldado e do soldado sarjento e... o novo sarjento era o meu sobrinho Frederico Valadares Xavier da Conceição, antigo ex-furriel... concluiu a vozinha...

Eu, porém, estando prevenido com o sonho da fada, protestei dizendo:

—Tenha paciência, vozinha, esta história já vi num jornal, de forma que você é, como me disse a fada, —uma plajaria!...

—Plajaria?! nunca.—Então não posso ter um pensamento genuíno?...

Jovina.

Dois contos de vigário...

Quem não conhece hoje o Rio, diz-se, está atrasado. Todavia, raro é o brasileiro que não interponha nos ideais

de seus sonhos doiro essa cidade, obra esmerada do Onicente.

Isto sim, porém, si inda não teve o gostinho de pasmar ante o glauco espetáculo, imponente, que nos dá a majestosa Guanabara.

Basta observar-se esse pedaço do Atlântico, bravo aqui e calmo acolá, numa heterogeneidade que encanta; de quando em vez todo manso e límpido, afagando sua formosa e inseparável cidade, de quando em vez levantando-se em bôlha monstruosa, beijando-a com impetuosos beijos, concentra em si toda imponente e altivez pra um irizado panorama.

Pra darmos à nossa alma alguns tempos de gozo, basta a†istirmos a essa epopéia da Natureza, sem mesmo pizarmos em terra, confundindo-nos com o alvoroço constante das ruas, com aquele bulício atordoador.

O próprio brasileiro não pasma: orgulha-se de ser brasileiro.

Não é só no Rio que se encontram trabalhos da Natureza, talhados com buril de ouro: em todo o Brasil!

De que, porém, serve tanto esplendor no território brasileiro? —Não enalteçemo-lo!

O que fazemos é deixar tudo correr ao Deus dará...

Falta de aptidão ao trabalho? não?

Encostemos a um canto as letras, peguemos a enxada, a picareta e façamos que fique em alto relevo esta terra tão própria para um esplendido trabalho. Feito isto, propaguemos e façamos fragorosos reclamos de nossa pátria... Frizo bem: isto, só depois de bem decorada a terra, pra não dar o que falar aos estrangeiros que, depois de pizarem, de serem tratados com carinho cá, muscam-se pra suas terras às vezes chamando-nos de comelões de bananas, ou macacos, e até selvagens...

Mas não, já estamos arraigados a esta falta de atividade, o que concorre para que seja impossível darmos um movimento em nossos braços, movimento este de bom proveito. —Já não digo também que não fazemos projectos... Mas, não os levamos a efeito.

Por isso é que vamos marchando a beira dum abismo.

Precizamos de um coadjutor; não estamos acostumados a trabalhar, maximamente nós. Para isso arranijemos um meio de atração aos estrangeiros, para que estes tragam de suas nações outros meios, porém de progredimento aos nossos domínios. Devemos atraí-los com perspicácia, para que depois nos não traguem...

Com toda esta nossa falta de tática, ainda acolhemos de quando em vez estrangeiros. Não se entendam aqui esses homens da rale, sem instrução nenhuma, que nos aparecem só pra tirarem lucros de nossos tezoiros... imóveis.

E aqueles vêm ao Brasil?

—Não, Brasil para eles é só Rio e São Paulo; e quasi sempre destes não passam. Unicamente, são estes dois Estados que fazem seus olhos ficarem plenos de alguma admiração.

E podemos mesmo dizer que todo o progredimento brasileiro concentra-se em Rio e São Paulo.

Rio, porém, é o que mais chama a atenção no território brasileiro; quem lhe

piza vê-se logo prêzo em grilhões vigozozos.

Conquanto estupidamente, quem o admira bastante é o nosso caipira. Antes que a morte lhe bata à porta, não deixa de dar um passeio ao Rio.

(A seguir).

Paulicéa.

M. L.

Fragmento

E' muito bom se cantar,
Sem saber que vai chorar.

Na vida não ha delicia
Que não se envolva em malicia.

O canto, a musica e a dança
E a mais casta esperança...

O homem é um animal
Que ainda dormindo faz mal

Paulino Jucá.

Maldito assunto...

Avalia leitor que eu trabalho em um 2.º andar e M.ª habita o primeiro. Por uma feliz coincidência, uma das janelas da minha seção fica mesmo por cima da em que M.ª costuma espaiar-se dos labores domesticos. Eu tenho o costume de me pôr a janela nas horas vagas e muitas das vezes na mesma ocasião em que M.ª espaiar-se. Ela usava umas bluzas de ultima moda, bem decoradas na frente e alguma coisa trouxas, o que me permitia, de cima, um espectáculo pyramidalmente delicioso. Um dia destes, porém, estava comigo um colega e... conversa vai, conversa vem, falámos de passaros, referi-me a cardéas; e o dezalmado teve a triste idéa de exclamar: —«Que beleza de bicos eles têm»!

M.ª, que da conversa só ouviu esta ultima frase, lançou um olhar sobre o côlo, soltou um gritinho de espanto e... sumiu-se. Muito tempo M.ª levou arribada da janela, porém agora já vai aparecendo, porém com umas bluzas muito fora da ultima moda. Só de maliciozo.

A conversa nem era com ela...
Peior desgraça não podia ter acontecido ao

Clown.

O Canhóto Elegante

E' de praxe, entre os meus compa-nheiros que se incumbem de fazer esta seção, sempre começar dizendo: —«Não sei porque me coube a vez»; —«eis-me agora, leitores, escapulindo de um sério compromisso...»; —«como costume cá de casa, cada um tem sua vez»; —«agora chegou-me a difficil missão de mostrar aos nossos inteligentes leitores e leitores... etc e tal...» e assim, depois destes floreios, cada qual descreve os acontecimentos. Eu, porém, acho que tais comentarios são baldados e nada adiantam, por isso vou logo abordando os assuntos!

O mex

Continúa o mal com seus vícios e floridos, com seus encantos que não deslumbra e não corajem para a vida

A catedral, nestas noites religiosas em que Maria é a estrela que nos guia os passos ao preceito do belo, tem estado repleta de fiéis, que vão lá, não, como dizem as Marianinhas, mas, sim, para ouvir a palavra egreja e filosófica do nosso virtuoso pastor D. Francisco, que, entre argumentos sábios, tem falado sobre — "Os mandamentos".

Pena é que o mez tenha forçosamente de terminar hoje, pois já nos tínhamos acostumado a ele tão piedosamente...

Waldemiro Viana

Este nosso bom e sincero colega, num ato justo do governo atual, foi distinguido com o cargo de Praticante da Secretaria do Congresso.

Na nova pasta, em que Waldemiro vai mais uma vez mostrar os dotes de empregado ativo e modelar, desejamos-lhe muito progresso e sobretudo que alcance os loiros de um bom futuro.

Djalma Vasconcelos

Eis que o nosso Vasconcelos, o fulgurante poeta que se encobre no pseudônimo de D. Voltaire, vai ascendendo ao pináculo do progresso, passando para Caixa da futura sociedade de pensões a "Caixa Popular".

A 12 futuro, as muzas amanhecerão poéticas, a briza, tão cantada por ele, terá mais perfume, o céu estará mais estrelado, pois passará o seu natal.

Amigo sempre dedicado, possui um sem numero de simpatias. Aos abraços nossos não se poderá furtar, está visto, e a cerveja correrá a *usa*...

Os nossos parabéns ao amigo e colega, e desejamos que vá sempre avante na carreira aurifluente em que se iniciou.

Braga Mendes

Em substituição ao Djalma Vasconcelos, este nosso companheiro assumiu o lugar de auxiliar do escritório da casa comercial de Candido Ribeiro & Comp.

Como se vê, a troca em nada foi desvantajosa, pois, retirando-se um ativo empregado, entrou outro ativíssimo ao superlativo.

Ao Braga, os nossos abraços fraternos.

Inauguração

A 9 do corrente, fizemos no salão nobre desta nossa agremiação a inauguração do retrato do Barão do Rio Branco, o nosso inesquecível patrono esaudoso brasileiro.

Ao ato, que foi revestido da mais brilhante solenidade, compareceu grande numero de senhoritas da nossa sociedade e guapos e amáveis cavalheiros.

Prezidindo a sessão o Dr. Lourenço Holanda, integro juiz do foro estadual, deu a palavra ao orador oficial, Hilton Fortuna, que teceu a apolojia, em leves traços, da gloriosa individualidade de Rio Branco, demonstrando o seu espirito patriota, o seu critério inabalável de fino e colossal diplomata.

Terminado o discurso, a gentil consocia, distinta professora El-Zuila Souza, desvendou o retrato entre acalorada ovação de entusiasmo.

Hilton Fortuna, então, recitou uma poesia de sua lavra.

Uzou depois da palavra a inteligente professora El-Zuila Souza, que, num bem organizado e eloquente discurso, tratou da personalidade do Barão.

Falaram ainda os srs. Julio Ramos, José Alencar e o representante da "Benedito Leite" e, finalmente, o dr. Holanda, encerrando a sessão e nos incitando a tomar Rio Branco como um espelho às nossas ações.

Terminada a oração, vibrante salva de palmas reboou no recinto.

Seguiu-se animado sarau, que se prolongou até alta madrugada, sempre entre risos e flores.

Djalma Fortuna

Pelo seu natal, a 16, Djalma, nosso presidente, foi muito cumprimentado.

Seus amigos, combinados, fizeram-lhe, á noite, significativa manifestação de carinho, interpretando o sentimento de todos o consocio João Caldas.

Falaram mais: Joaquim Luz, Djalma Vasconcelos e Hilton Fortuna.

A redação estava repleta de senhoritas da "Rio Branco", socios e representantes da imprensa.

Terminou por uma brincadeira, que durou até às 2 horas do dia seguinte.

Memorando do Iar

Nataliciaram-se:

a 24, o conceituado, ativo e competente guarda-livros do Banco do Maranhão, Hercules Caldas, carinhoso progenitor dos nossos caros consocios João e Corina Caldas. Por este motivo o Iar do prezado amigo Hercules esteve transbordante de alegria, entre os doces carinhos da sua estimada familia e as felicitações sinceras dos seus muitos admiradores; a 25, o ilustre dr. Antonio Lopes, joven e inteligente advogado; a 26, o interessante pequenito Milton Paraizo, estudioso aluno do Externato Rio Branco; a 30, o ativo e zeloso escrivão Fernando Souza e o dr. Paulino Jucá, querido e competente conferente da Alfandega de Manaus, que esteve entre nós na Inspeção da nossa.

A todos, as nossas felicitações.

—Hoje, na capital amazonica, a senhorita Rejina Jucá, diletta filha do dr. Paulino Jucá, festeja o seu natal, entre as felicitações das suas amigas. Parabéns Nataliciam-se:

A 1º, o joven João José de Freitas Jorje; a 2, Yolanda Paraizo, galante filhinha do nosso amigo Artur Paraizo; a 3, a meiga e simpática Bembem Pires, mimoza "Saudade" do pequeno jardim do nosso companheiro Feijó; a 6, o habil farmaceutico Jezus Gomes; a 9, a senhorita Janoca Alves e o joven Lino Gandra, ativo empregado da Alfandega; a 10, o aplicado Roberto Vinhais, irmão do nosso colega José Vinhais e que se acha atualmente na grande capital franceza; a senhorita Jandira Nogueira, estimada filha do coronel Alfredo Nogueira, e a senhorita Santinha Gandra, nossa prezada assinante.

Felicidades mil.

Alcide Costa

A ampulheta do tempo marcará, a 11 do vindouro, mais um ano de preci-

za vida do querido, simpático e bon-doço colega Alcide Costa, o jornalista de critério, o cronista de espirito, o empregado modelo.

Alcide, que, pela sua fidalga maneira de tratar, tem conquistado a amizade de todos os seus companheiros, naquelle dia mal chegará para as encomendas, pois, ao que podemos adivinhar, já estão sendo preparadas a ele varias manifestações de apreço.

Lá estaremos firmes no abraço e na... cerveja.

Nestor Madureira

Eis que a 5 de junho se natalicia o espirituoso Nestor Madureira, tão apreciado pelas senhoritas, quando na sala recita cheio de «erve» o apreciado. Sou eu!... e tão estimado por nós, que muito o admiramos pelas suas bellas qualidades de amigo dedicado e colega solidario. Empregado no escritorio dos srs. Cunha Santos & C., Sucs., desenvolve toda a sua atividade ao trabalho e ao progresso.

Naquelle dia, satisfeitos, iremos dar-lhe o amistoso abraço canhoto e almejar-lhe, pessoalmente, a sua felicidade perene.

Corina Caldas

A distinta senhorita Corina Caldas, nossa amavel consocia, diletta irmã do nosso prezado confrade João Caldas, festejará o seu natalicio a 3 do proximo mez de junho, quando receberá as felicitações das suas amigas, que são em grande numero, atendendo às suas bellas qualidades.

Os socios da "Rio Branco" preparam-lhe carinhosa manifestação de apreço, indo todos, incorporados, cumprimentar-lhe por tão auspicioso dia.

Para não imitar os meus colegas, que terminam sempre com um comentario qualquer, eu faço ponto aqui e espero que chegue a minha vez.

H.

Plajio

Audacia de um... Simples...

A contragosto saio da minha norma de ação, onde lido com flores infantis e retrato a lapis, perfis anjelicos de senhoritas simpáticas, para desmascarar a ouzadia do joven e malogrado Eça, distincto colaborador do nosso colega «Os Simples», da Barra do Corda, que, se não é um plajiarista fino, é um gramofone da melhor marca patente...

Este infeliz Eça, um qualquer Criz... antemo dezocupado, iludindo a boa fé dos directores d'«Os Simples», na edição n. 7, de abril ultimo, impinju um *lapis* de sua lavra, escandalosamente *taquigrafado* de um perfil que fiz, no n. 36, do nosso «O Canhoto», de uma joven normalista, rainha da rua da Cruz, alcançando por este feito o *panteon da imortabilidade*, coroado com os loiros do *nosso desdem*.

Que o joven *ateniense* não prosiga com tanto ardor no *honrado afaz*, que ora iniciou, são os votos que faço como maranhense, pois poderá ir parar no hospicio, onde já se encontram outros tantos colegas seus.

Feijó.

O Canhôtô

BIBLIOTHECA PÚBLICA
do

ESTADO DO PARANÁ não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º



S. Luiz, 21 de junho de 1914



NUM. 42

Parágrafos

Quem não conheceu o velho professor Martins, aquele pobre homem que perambulava pela cidade, algumas vezes, sob um sol á pino; outras, sob uma chuva copiosa; tendo, em uma das mãos, um grosseiro cajado, não por luxo, mas para se defender dos cães bravios?

Trajava sempre uma velha fatiota, suja, rasgada, chinêlos nos pés, guardachuva quasi completamente inutilizado e chapéu de feltro portador de poeira.

Leccionava aqui, ali, acolá. Não estabelecia preço.

A matemática, dizia ele, não tinha paciência, nem dedicação.

Preferia as linguas. Conhecía perfeitamente o francez, o portuguez, o latim. Quanto ao inglez, não era perito, mas ensinava-o.

Se encontrava um conhecido, pedia-lhe um níquel para comprar qualquer coiza que pudesse aplacar a sua fome.

Morava de favor em um vasto pardi-eiro, fronteiro ao gazometro, onde por muito tempo fôra fabrica.

Não se maldizia a ninguém.

Levava a vida muito naturalmente, sem nenhuma preocupação, ao que me parece.

Ao passar uma pequena, estendia, em sua direção, a já cançada vista, lembrando-se dos seus bons tempos de rapaz.

Fôra veterano da guerra do Paraguai, mas nunca me contou as suas aventuras.

Ninguém sabia ao certo a razão por que ele adquiriu esse método de viver.

Diziam uns que, se ele levava a existência em completa filosofia, não era sinal por equívoco; outros ponderavam que a cauza disso era o desgosto que experimentava pela morte de uma filha.

Pobre velho...

Veio a falecer, não faz muito, atirado em um dos apoentos do hospital, para onde fôra removido, congestionado.

O que eu mais admirava naquele tipo de homem ancião, era longa cabeleira crespa, que se estendia sobre as crelhas, alva, completamente alva.

Nos tempos de liceu, em época de exames, eu e outros camaradas não o delatávamos, solicitando-lhe as paulificantes traduções de latin, em que ele gastava seguramente duas ou trez horas, sendo recompensado por pequenas importancias que lhe davamos, por ele estimulado nunca superiores a mil reis para cada uma lição.

Pobre homem que não soube aproveitar os conhecimentos que possuía!

João Caldas.

Alfrêdo Santos

Imersos em punjentíssima dor cumprimos o doloroso dever de noticiar o passamento do saudoso chefe de seção da nossa Alfandega, nosso dedicado amigo e inteligente diretor da «Revista Aduaneira».

A sua perda foi muito sensível para nós que muito o admiramos como chefe competente, amigo de seus subalternos e como modelar pai de familia.

Morreu como um sol majestoso na plena irradiação de seu talento e a sua obra ficou assinalando a sua passagem grata aqui na terra.

Por ocasião do trizezimo dia de sua morte o Inspetor e empregados da nossa aduana prestaram-lhe uma homenagem digna de seu merito.

Um folheto estampou na 1.ª pagina o seu vulto venerando e na segunda uma sentimental poesia, devida a pena abalizada, glorificou a sua memoria.

A sua desolada familia, embora tardiamente, os nossos sinceros pezames.

Dois contos de vigario...

(Continuação)

Vivendo desde verdinho embrenhado pelos sertões sem jamais ter a noção do que é uma cidade nada alem percebe sinão a Natureza.

E no Rio, então, que vaivém não sósta, majestozano Pão de Açúcar, no Corcovado, em outros momentos em que se occultam misteiramente suas cauzas, mas também algumas belas obras do homem.

E ali que se observam com rizadas esses tipos dos sertões.

Esses êles, coitados, constantemente o escôpo daqueles que vivem do conto de vigario. A despreocupação critica ai quasi que não existe. Imagine-se uma cidade com um milhão e muitos habitantes em que a metade e talvez um pouquinho mais trabalha honestamente. O resto, que horror!

Todavia, são naturais esses paradoxismos na natureza característica duma sociedade principalmente onde há promiscua mescla de caracteres.

Brazil é um paiz que vem paulatinamente tomando âres de civilização há uns quatro seculos; mas, não esbarrou em seu terminio de civilização e parece, não esbarrará...

Entretanto, quem pôde dizer que ôle se não civiliza?

Pra constataremos que este paiz não vive ainda em selvajaria, fite se essa perversidade matizada de almas. Não é uma perversidade instintiva como a dos nossos aborijenes.

Com alguma precizão nota-se o aperfeiçoamento dum paiz, justamente, quando neste pululam caratôres de natureza rom.

Disse um filósofo: «uma perfeita sociedade é precisamente, aquêla em que há imperfeição de caratôres sob a capa da perfeição».

Não se evidencia ás claras, isto, nas sociedades brasileiras?

Tomemos por exemplo o co-junto social fluminense.

Ali onde há toda a casta de homens, é que se salienta, é que se põe em relevo a corrupção social.

A corrupção (o termo é um pouco pezado...) vem desde o high-life da sociedade até os mais baixos graus desta.

Essa corrupção de espiritos corre paralel com toda aquêla formozura da cidade, beleza esta modelada pelos proprios corruptions.

A razão é que o Rio talvez seja uma cidade cosmopolita, o que faz que se adapte ai as diversas naturezas morais do mundo. Isso é um grande elemento para a decomposição abominôza do espirito dum povo.

Nessa cidade, como em toda parte, são os contos de vigario que se tecem com mais perfeição. Aparecem em todos os cantos e se vêem tão bem arranjados, que até os expertos neles caem.

As vítimas dessa especie de officio são quasi sempre os papalvos sertanejos. Estes, passando a vidinha em suas terras, naquella brutalidade, mas com quietude e mesmo sem serem incomodados, não deviam se deslocar a lugares onde ha alguma civilização: só quando o fizerem com o intento de copiar as perfeições de outrem para seus domínios.

(A seguir).

M. L.

Paulicéa.

Fatos e Fitas

—COMO SE FAZ UM CONTO—

A primeira preocupação de quem se inicia nas letras é fazer um conto.

Uns facilmente arranjam; outros, porém, empregam toda sorte de sacrificios, e nada conseguem, quando, no entanto, a coisa não é tão difficil quanto á primeira vista parece.

Aos primeiros nada quero dizer; porém, a estes ultimos, gramôtos impraticos da marinha litteraria, vou dar uma liçãozinha.

PARNÁZO

9. Não dezesarás

(Ao Milton Fortuna.)

Si a mulher é morena, si é bem feita,
Si nos olhos seus brilha o fulgor
Des momentos salmicos do amor,
Quem não dezesarás-la assim, perfeita?

Mas, si é clara, alegre, é satisfeita,
Dam rostinho formoso, encantador,
E tem nos olhos do castanho a cor,
Quem é que no vê-la despreza a seita?

— Eu comparo essa beldade com o progresso
Que nos ensina amar todo momento
Sempre pra frente, sem menor regresso.

E assim sendo, ledor, vamos á fora
Mandando á fava o nosso mandamento,
Dezendo a mulher solteira ou nora...

D. Voltaire.

No Cinema

Diz no programa: — Grande Sensação! —
E de povo o salão fica entupido
Para ver as proezas do Cupido,
O deus do amor, o deus da danação...

— Isto eu vejo tristonho e conpungido,
E as vezes com tamacha comção,
Que não posso conter a pulsação
Deste peito sofrente e combalido...

— Os dramas quazi sempre são de dor,
Uns, exemplos de escândalo insolente,
Outros, e mais impudicas de amor

— E sempre a bandalheira neste imperio
Do quazi todos são umi sorridente
O monstruoso e mísero adulterio...

Hilton Fortuna.

Contraste

(A jovem dos meus ciúmes)

O, sonhos d'alma que o meu ser condão,
O, niveis roza que a minha alma cantão,
Esses teus olhos são, linda falena,
A doce imagem de uma virgem santa...

Sim, porque penso que esta vida aterra,
Rubea de encantos, de miragem tanta,
Não nos destrevo dezesar a vida,
Horrenda eisua que se não suplantou...

Mas, esta sorte que se nos enfrenta,
Cheia de escolhos mil, toda ferida,
Para que serve, se nos não contenta?

Deixemo-la passar, qual uma roza,
Assim como prediz a nossa sina,
Tristonha um dia, noutra venturosa.

João Caldas.

"O Canhoto"

Orgão da sociedade literaria
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho n. 53 — Maranhão.

CORPO REDACIONAL: — Djalma Fortuna,
Clovis Castro, Hilton Fortuna e Jos-
quim Luz.

Assinatura anual..... 2\$000

"O Canhoto" será enviado á impren-
sa, mediante permuta.
Aceitam-se anúncios por preços mo-
dicos.

— Quando se quer fazer um conto, nada
é mais fácil que pegar de uma folha, ou mes-
mo de duas folhas de papel, arranjar uma
caneta com pena, tinta de qualquer cor,
(um lapis pôde servir também), enfim, to-
dos os apetrechos para escrever, e, com tudo
isto, sentar-se a pessoa ante uma meza de
qualquer qualidade e dar começo á obra.

— A principio a coisa vai muito mal, a gen-
te esbugalha os olhos, sua fric, geme e os
vocalculos desordenadamente não querem
por nada sair do cerebro para morar no
papel.

— Imaginam-se cenas imprevisas de pro-
logos interessantes e de epilogs sensacio-
nais; mas, nada de escrita.

— Afinal, depois de muito esforço, lá se
vem o conto, tremulando a mão como se es-
tivessemos sob a pressão hipnotica de um
máximo, saindo, e aparece no papel:

"A noite estava medonhamente escura e
nem uma estrela sequer alumia o manto
impenetravel das trevas."

— Tudo era silencio; aqui mar-se debatia
brando, num espreguicamento mole, de en-
contro ás pedras das praias, verdes como a
esperança das almas venturosas; ali o ven-
to cautelezo passava sinistro entre as rama-
gens das casuarinas; veleiras tristonhas da
fria sepultura; acolá a população adormida na
imensa letargia do Morfeu...

— Eu me recolhi, então, muito tristonho.
deitei-me preocupado com uma idea incom-
preendida, chorava, e o meu pranto quente
como inferno (e por aí vão-se as comparações)

era apenas acompanhado ritmicamente por
um unico ser insensível, por um unico con-
panheiro desinteressado, pelo unico amigo
que comigo vêla toda noite quando penso na
"DOCE VIZÃO DOS MEUS SONHOS", que acom-
panha o interminante do meu pobre cora-
ção, e este ser que me não deixa, que
estimo muito — é o relógio —

— E, pronto, está feito o conto, embora
muito mal alinhavado, mas é um conto.

— Falta só o titulo: este, porém, é mais
difícil de arranjar; mas, como para tudo tem
remedio, a gente vai ao dicionario, que pôde
ser de qualquer autor, e procura um
nome gracioso que mais ou menos diga
com o assumto.

— Depois de lutas renhidas, acha-se, por
exemplo: DEVANEIO, e devaneio fica sendo,
aparecendo mais tarde em uma columninha
do jornal, rasgando-se, assim, para a gente,
o começo da estrada espinhosa que termina
na immortalidade.

Já vem, pois, que não é tão difícil.

Hilpafor.

CONHECI, HÁ POUCO... quatro
gaitados que têm como officio dormir du-
rante o dia e perturbar o socêgo pu-
blico, durante as horas calmas da noite.

Suas partidas, demasiadamente enco-
modas, são, quazi sempre, chistozas:

Aqui vai uma de que fui testemunha.
O regulador publico da aldeia aca-
bava de, pausadamente, num som a-
mortecido de caldeirão rachado, anun-
ciar 23 horas.

Subitamente ouve-se um celerado re-
pinicado de sinos anunciando incendio.
A população, mal acordada, ajira-se e,
numa correria dezenfreada, dirige-se á
praça onde está situada a capelinha.

Homens, mulheres e crianças chegam
esbaforidos de cansaço, com a roupa e
os cabelos em desordem e num alarido
desesperador dirijem perguntas a todos
e olhares rapidos, ansiosos, em todas
as direções, procurando, debalde, o lo-
cal do sinistro incendio!

A lua paira no firmamento, azul co-
mo o oceano calmo, sublime como o
sorriso de uma criança, deserto e bri-
lhante como o olhar de um justo, a

multidão aumenta e os sinos, com mais
furor, bradam, como se se tivesse agri-
vado o perigo...

A curiosidade auctoza domina a mul-
tidão, que num impulso violento diri-
je-se ao sineiro e, num extorção de an-
gustia, ouve-se em coro, esta pergunta:

— Onde é o incendio?!

A tal pergunta, apparecem os gal-
tos, que respondem:

— Não há incendio, é...

—?!...

—...é, apenas, para comer a po-
tes de qualhada de um passageiro que
perdeu o vapor saído agora...

Jovina.

Gaveta Canhota

Recebemos, pela primeira vez: «O Di-
reito», de Bananal; «O Sonho», de Pam-
ba; «O Comercio», de Avare; «O Astro»,
de S. Paulo; «Jornal Infantil», de Pa-
naíba; «O Republicano», de Amarante;
«O Tocantins», de Carolina; «A Renas-
cença», órgão literario e noticioso, re-
pleto de boa collaboração, que se pu-
blica em Caxias; «O Norte Filatelista»,
excelente revista dedicada aos coleco-
nadores do selo, publicada em Fribale-
za; «O Pensamento», órgão do Circulo
Bacterico da Comunhão do Pensamen-
to, em S. Paulo, que é um trabalho im-
mórzo e apreciavel, concatenado a
uma chique revista; «A Fé Cristã», ap-
ciavel revista religiosa, que obedece á
sábia direcção de Zuzarte de Mendonça,
e se publica mensalmente em Lisboa;
órgão da classe academica — «União Academica», Trás, em seu nu-
mero 6, feita e bem cuidada collabora-
ção, e o numero 13 d'«A Primavera»
em 12 paginas plenas de litteratura e bo-
mórismo atraentes. Gratos, permitte-
mos com assiduidade.

A Credito Mutuo Predial

Dessa florecente sociedade de marcan-
se, recebemos um relatório do seu vi-
vimento durante os meses de fevereiro
e março. Que continue no mesmo pro-
gresso são os votos cordaes de todos.

Hotel Avenida.

primeira caza no genero do Rio de Janeiro, teve a gentileza de nos oferecer o rol dos seus hospedes durante este que foram em numero de 22.749. Este excelente hotel, que pode hospedar diariamente 400 pessoas, está bem situado na Avenida Rio Branco.

Les Grandes Modes de Paris

Da Agencia Lila Internacional, unicos representantes desses figurinos em São Paulo, recebemos um exemplar da importante publicação parizense que enuncia as linhas. Nos veio trazer as mais palpitantes novidades do mundo elegante. Enriquecem o numero que temos em mãos suplementos coloridos com os mais ricos e encantadores vestidos modernos. A assinatura anual, que é do preço de 40 francos, pode ser feita na propria agencia, a Rua S. Efigenia, 33 A.

Que a Agencia Lila nos continue a honrar com a permuta de «Les Grandes Modes de Paris».

—De Lisboa recebemos o «Mundo Moral», organ mensal das sociedades: Liga Anti-alcoolica Portuguesa, Liga Antitabagista Portuguesa e Liga Portuguesa da Moralidade Publica. E de formato chique e traz boa colaboração. Gratos, permutaremos.

O MALHO

Obrilhante organ carioca «O Malho» ainda mais uma vez nos deixou desvalizados, distinguindo-nos com as encomiasticas referencias, que abaixo transcrevemos, sobre a nossa edição n. 19, onde se acha um trabalho do nosso companheiro Hilton Fortuna:

«O Canhoto» (S. Luiz) — Já está o n. 39. Gostamos muito do artigo — A ortografia nas escolas. Embora não estejamos de acordo total com a fonetica, e ainda preferamos a mixta, fazemos coro com o autor do artigo na sacralidade que passa em certas escolas, onde cada cabeça de professor representa uma sequência diversa, fazendo o aluno perder o dele...

Urge, de fato, uniformizar a ortografia, não puramente a dos sons, nem a puramente etimologica — ambas ridiculas.

No meio é que está a virtude».

D.

Canhotadas...

— Não se deve entrar nos automoveis pelo lado do chauffeur, porque não tem portinhola.

— Na falta de hostias, os sacerdotes não devem dar aos seus fieis rodela de papão, pois são anti-higienicas.

— Para um candieiro dar boa luz convem estar cheio de querosene ou de outro qualquer combustivel liquido.

— Por mais posta que se seja nunca é bom se fazer versos alheios.

— Os proprietarios de cinemas devem ter todo cuidado em não fazer projeção com fitas de gorgorilo ou seda. Do contrario ficarão arriscados a receber parabens com os pes...

— Atenta contra a moda quem, dansando, em vez de pegar a moda pela cintura, segurar-a fortemente pelos pés...

— Na falta de carvão ou lenha as cozinheiras não tirarão resultado algum cozinhando com fosforo de cera.

— Os fumantes elegantes devem caprichar em não fumar pontas de cigarros alheios.

— Um cavalheiro mesmo quando esteja em rigoroso luto fica indecoroso uzar véu no rosto ou em outro qualquer sitio.

— Em caso algum um homem será manífero.

— Por mais longos que sejam os cabelos de uma *demoiselle*, nunca é conveniente se fazer uso deles para cordas de rédes ou enfiadores de sapatos.

— É bastante inconveniente qualquer individuo servir de marido interino, na ausencia do efetivo.

— Nunca se deve ler o que não se escreveu, pois é muito arriscado haver s e de mais e... de menos.

— Não devemos dizer a alguém que estamos dormindo ou que morremos, pois é arriscado se ficar com a lingua pendurada.

— Não é de uso se içar uma bandeira onde não tenha pau.

— Por mais viciada que seja uma pessoa, passará como porcalhona se adotar o sistema de roer as unhas dos pés.

— Num concerto não deve o pianista tocar em pianos desafinados.

— Não é bom, por maior intimidade que se tenha com uma senhora, beijar-la na presença do marido.

— Na sexta-feira santa é impróprio andar um cavalheiro com gravata encarnada.

— É desnecessario o luto pela morte do Carnaval.

— Quem tem dentadura postica não pode brigar a dentadas.

— Mesmo na grande abundancia de lagrimas não é correto uzar as enjas em vez de agua.

— Os versos alexandrios só podem ter doze silabas.

— Os bons vegetarianos não devem comer carnes.

— Quando pretendermos mandar fazer um sapato devemos ir a casa do sapateiro, não a casa do dentista.

— Não é higienico uma senhorita, que se diz da moda, andar de chapéu na mão.

— Se um cavalheiro, estando de calça muito estoque, quizer cair onde tenha moque é conveniente vir em casa mudar outra calça que não seja muito justa.

(O susto da queda pode trazer consequências graves).

— Não devemos uzar as meias por fora das botas.

— Os escritores, pouco inteligentes, não se deverão aproveitar dos tipografos, que tiverem de compor seus artigos, para distribuir a pontuação nos lugares que julgarem competentes.

— Por mais constipados que estejamos, nunca devemos assuarmos-nos pelos ouvidos.

— Quem é feio não se deve mirar no espelho.

— Por absoluta falta de lugares que haja no cinema, nunca é decente o cavalheiro sentar-se no colo de qualquer *demoiselle*.

— Os saltos nunca são colocados no rosto dos sapatos.

— Por mais educados que sejamos, nunca devemos dizer a alguém, depois de nos perguntar: — é esta a sua esposa? — é nossa.

— Por mais forte que sejam os nossos dentes, nunca é correto modernos os móveis.

— Comprar fiado é merecer confiança, não pagar é merecer cobrança.

— Não deve uzar remedio quem esteja bom de saúde.

— Quem assua o nariz nas abas do fraque passa por mal educado.

— Por mais intimidade que tenhamos, nunca devemos cruzar as nossas pernas com as dos amigos.

— Por mais trabalhadeiras que sejam as nossas esposas, não nos devemos desempregar por isso.

— Quem quizer mudar de sorte E depressa se cazar Tire do bolso cem reis Para «O Canhoto» comprar.

— As pessoas feias devem abster-se de vaidade.

— So as pessoas idosas é comum o uzo do cabelo branco.

— Os viciados no fumar cachimbo devem sempre observar um só lado do faquar para a boca.

— Hontem, á tarde, D. Cota Muito Canhoto comprou. Quando foi hoje, mul zedo, D. Cota se cazou.

Maldito assunto!

— Por descuido de revisão em o nosso numero passado no arranjo de Cota, sob a epigrafe acima, saiu: "... porém agora já vai aparecendo, porém com o etc", onde se deve ler: "... porém agora já vai aparecendo com etc".

O Canhoto Elegante

Acho, no meu fraco pensar, que, todos os meus colegas que se têm encarregado desta seção, laboraram, sempre, em erro, consagrando-a exclusivamente a comentários de festas, elogios de fitas e anunciando que: «a graciosa senhora Fulana, filha alçada do coronel Beltrano, nosso assinante, o irmão do nosso companheiro Sierano, colheu mais um botão de rosa no primavera jardim de sua preciosa existência: nossos parabéns!»

Tudo isto é muito chapa, muito batido, apesar de indispensável, portanto, se me permitem, dora em diante iniciarei, intercalada nesta seção, uma:

Inflação de cronleas:

— Não é só no celeste império ou... na jovem república, que se fazem negócios da China, nem só no Pará que se impingem *contos de vigário*; nestes há, sempre, infalivelmente, duas personagens: — o enganador e o enganado; naqueles: — um felizardo e um paspalhão; felizardo: — o que impinge a *baza*; paspalhão: — o que a aceita!...

O mais interessante, porém, é que no ato do negócio, cada qual se julga mais esperto. Ora vejamos:

Há pouco chegaram aqui uns pobres diabos, sem ofício definido, que se diziam baritonos, tenores, sopranos, ou coisa semelhante.

Procuraram *caçar* a vida afim de arranjar, ao menos, com que pagassem o Ejdio, da Pensão. Foram a «Pacotilha», ao «Diário», a «O Canhoto» e anunciaram um grande concerto. Puseram-se em campo passando bilhetes a Deus, ao diabo, ao mundo e a mim, rão cojitando na ocasião de outra coisa a não ser os \$5000. E o caso de se dizer: «até aí morreu o Neves». Mas, o interessante foi que no dia marcado, quando, com alguns colegas da minha láia, chegamos ao teatro, *juquetamente* vestidos, ouvimos do porteiro estas palavras, para nós, quazi que desconhecidas: «Se entra quem traja cazaca, fraque ou *smoking*»...

Eu que não tinha e nem tenho nenhuma dessas *peças*, limitei-me a dizer: era uma vez, um rapaz que tinha \$5000 e não tinha *smoking*...

Fui vítima de um *conto*, assim como muita gente boa; fui o enganado e o baritono de uma figa foi um *vigarista* — o enganador; no entretanto, eu supondo estar fazendo um alto negócio em ouvir por \$5000 tão *celebres* *altistas*, não passei de um paspalhão, e eles não deixaram de fazer um... *negócio da China*...

Corina Caltas

Conforme anunciamos, realizou-se a manifestação de apreço promovida pelos moços da «Rio Branco» em comemoração ao aniversário dessa distinta consocia.

As 19^h 30, de 3, os sócios, incorporados foram cumprimentados, orando, em nome da sociedade, o Prizidente Djalma Fortuna.

A aniversariante, numa feliz e breve alocução, agradeceu a homenagem de seus companheiros, protestando, então, os seus votos de solidariedade para a continuação da nossa cruzada.

Depois improvisou-se um simples sarau dançante, que se prolongou até a hora do dia seguinte.

Nestor Madureira

Entre rizes e flores no seio do seu lar querido, ou... entre gargalhadas e gritos, incensados pela gelada «Brahma», na redação d' «O Canhoto», passou a 5, o natalício deste nosso dedicado consocio e amigo.

As 20 horas estava ele entre nós, recebendo as amistosas felicitações e sufocantes *quebra costelas*. Pricipiou a discursar mas, o contentamento que, então, reinava entre nós, fez com que se estabelecesse uma balburdia tal que nem sequer demos tempo para o tradicional agradecimento *comorido*.

Das manifestações entre rapazes, foi a que se revestiu de mais imponência e... algazarra. Imaginem que só ao terminar notamos se haver partido um copo, rompido uma camisa, perdido um anel e engolido um dente... postigo (está bem visto)!

Aurina Valadão

Transcorreu, a 8, o natalício da distinta professora normalista, Aurina Valadão Borjes, nossa consocia.

Por este motivo, foi ela bastante felicitada pelas inúmeras pessoas que a estimam. A «Rio Branco», cumprindo um dever, fez-se representar por uma comissão.

A aniversariante enviámos nossas efusivas felicitações, extensivas a sua Exma. família.

Alcide Costa

Em virtude de haver partido, a passeio, para Viana, fomos privados de abraçar, a 11, este nosso exorçado e talentoso consocio. Contudo, aqui expressamos a nossa solidariedade de colegas e amigos, enviando-lhe um punhado de parabéns pela data de seu natalício e outro pela sua nomeação para o cargo de *vuxiliar* de escrita do nosso telegrafo.

Bom prezente de anos, em tal crise, caro colega!

Djalma Vasconcelos

O dia 12, foi para nós, uma grande data; pois, foi nela que o nosso companheiro Djalma Vasconcelos armazenou, junto as suas 37, mais um primavera.

Segundo diz a lenda da Grecia (contada pelo Vinhalis) quando um poeta faz anos, as musas fazem festa. Acredito; mas, quando o poeta é possuidor de uma formidável B... as festas não têm brilho porque as flores cobrem-se de luto, receiosas de serem sorvidas por uma aspiração.

O Djalma que, para nós, não merece menos que outro qualquer, também ganhou suas palmas e discursos. O que lhe não dispensamos foi o agradecimento *comorido* e a cervéja *comorida*, no... gelada.

Trezena de «Santo Antonio»

Soubemos que se revestiram de grandiosidade esses festejos feitos pela Sra. D. Raimunda R. Santos.

Gratos, pelo convite.

Camellias e Magnolias

Ainda que tardiamente, pelo que pedimos desculpa, vimos agradecer ao nosso consocio João R. Guimarães a sua comunicação de casamento com a

senhorita Acilina F. Sampaio Guimarães.

Aos jovens despoçados, nossas felicitações.

João Vitor Ribeiro

Passou, a 15, o natalício deste nosso fulgurante companheiro de trabalho.

Devido a sua auzencia, em consequência do seu estado de saúde, fomos privados de abraçar-lo naquele dia.

Aqui, porém, patenteamos a nossa solidariedade, enviando-lhe os mais auspiciosos votos pela data do seu natalício, assim como lhe desejamos um breve e pronto restabelecimento, pela sua auzencia muito nos contrista.

Lares em Festa

Nataliciaram-se:

a 14, a meiga Maria de Lourdes Fortuna, filha e irmã dos nossos consocios Alfredo, Hilton e Djalma Fortuna; a 16, d. Joana Pontes Souza, digna esposa do sr. Fernando Antonio de Souza; a 18, o estadiço jovem Delmiro Botelho, filho do nosso amigo Augusto Botelho e irmão das nossas distintíssimas consocias Líbia e Cealmina Botelho; a 19, d. Maria da Graça Freitas Jorge, virtuosa esposa do conceituado capitalista José F. Jorge.

Parabéns a todos.

— Nataliciam-se:

a 22, o Sr. Dr. José Viana Vaz, muito digno juiz Federal neste estado; no mesmo dia, o Sr. João Batista Teixeira, conceituado repórter da Imprensa Oficial e o inocente José Campos, a 24, a senhorita Nhazinha Ramos; a 25, o Sr. Leandro Ericelra e a 29 a senhora Alice Valadão Borges, irmã das nossas gentias consocias Aurina e Adélia Valadão Borjes.

Felicidades mil, desejamos.

Sociedade útil

Soubemos se haver fundado, no Rio, sob a iniciativa do nosso patricio Ricardo Lima, uma agremiação denominada «Sociedade Beneficente dos Radio-Tel-grafistas».

Que alcance o exito desejado é o que almejamos a utilíssima agremiação.

Ideal-Cinema

Esta sempre querida e modesta casa de diversões tem, ultimamente, proporcionado aos seus inúmeros frequentadores as mais recentes e belas novidades cinematográficas.

A grandeza literaria e artistica de grandes *filmes*: «Torquato Tasso», «Filha do Governador», «Grito de Criança», «Joven Inlana», «Sacrificio de Amor», «Sonambulas», «Senho de Opio» e muitos outros — não se descrevem e precisam-se.

Hontem, o seu programa foi o mais atraente possível.

Para hoje estão anunciadas grandes novidades, quer na ma inada, quer na sessão da noite.

Hirra! Já me estou tornando *migador*: lá não há papel; se faltou alguma noticia ou alguma referencia mais *engraçada*, acuzem ou desculpem o

Vielra da Luz.
(Jovira)

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º



S. Luiz, 28 de julho de 1914



NUM. 43

28 de Julho

O Maranhão comemora, hoje, a data em que, num gesto de verdadeiro patriotismo, aderiu à independência do Brasil.

Ha noventa e dois anos, a 7 de Setembro, a atual república brasileira sentiu necessidade de desobrigar-se do predomínio a que se vinha subordinando, qual o de viver dependendo de Portugal, a república irmã, dos nossos dias.

E levou a efeito o seu *desideratum*, sob a fé de um patriotismo unico, tendo á frente D. Pedro I, que deu o brado, aterrador aos espiritos naturalmente contrários, de—Independência ou morte!—brado que ecoou fortemente nos campos do Ipiranga.

Tornar-se-ia de todo enfadonho vir agora fazer minuciosa descrição do que foi esse memorável acontecimento, que se diz notável ás almas dos brasileiros puramente patriotas.

Essa missão, ou melhor, esse encargo compete á historia, que gostosa e largamente o desempenha.

O 28 de Julho, entre nós, é a data que veio assinalar a nossa inteira solidariedade áquele ato, tão acertadamente praticado.

E é por isso que nós o comemoramos, orgulhosos, pelas medidas tomadas por D. Pedro I, e bendizendo o seu augusto nome.

Professor Machado

DECORREU a 1.ª do corrente a data natalícia do muito illustre professor Domingos Afonso Machado.

Como de praxe, fizeram-lhe os seus numerosos alunos carinhosa manifestação.

Relembrar essa justíssima moção da classe estudantil maranhense e para nós e para o Maranhão uma verdadeira glória.

Temos no professor Machado um vivo espelho de saber e honestidade, duas pegadas muito raras e que os seguem.

De longa data é o seu nome repetido e louvado por milhares de almas, tal é o sentimento de gratidão, que domina cada um dos que tiveram ou têm a fortuna de tomar suas sábia lições.

Jamais poderíamos desmentir esses louvores filhos da verdade e inspirados pela boa índole e talento essencialmente dele pois os artistas da nossa tenda o tiveram por mestre.

Fomos todos, toscas pedras entregues a esse exímio lapidário que as burilou e moldou para entregá-las ao eterno retocador—o tempo.

Participámos outr'ora dessa imensa leção de almas que atravessa o vasto deserto da vida onde se defronta o oásis almejado a que chamamos a escola. E o nosso guardião, o luminoso guia dessa jornada, foi o professor Domingos Machado.

A passagem do seu aniversário regista anualmente o muito que lhe querem os seus alunos.

Embora tardios, enviamos os nossos emboras ao abalizado mestre.

Ao revez de toda essa admirável ostentação, de um vivo pulsar de admiração e acatamento a esse velho preceptor, não faltam entes ignobéis que descaradamente procuram atassalhar o seu mérito.

São poucos e terríveis.

O legendário Pharaó, na sua perversidade, perseguiu o povo Israelita, por ver que ele era o povo de Deus. Houve, no entanto um enviado deste que foi o protetor e obsteu a marcha do exercito vingativo—Moysés.

Assim também, esses entes vis, como fazendo parte de um exercito hostil procuram ofuscar o majestoso esplendor do emerito educador.

Nós, como Moyses, formamos a nossa coluna contra eles e não trepidaremos em combater esses muitos e idiotas viventes que se empenham em apresentar por falso o que bem sabem ser verdadeiro.

E a explosão de uma paixão violenta e vergonhosa.

Foi num desses impetos de hidrobia que um vulto de nosso meio, apontado como literato, procurou desfazer quasi ás nossas barbas o merecimento do nosso professor.

A sua gana vem de eras remotas.

Faz-lhe mal ver o culto que rendemos ao nosso mestre.

E para patentear a esse gratuito, mesquinho e pretencioso adversario o nosso resentimento, aqui fica rejistado o nosso unânime protesto pela indigna e degradante acção que praticou em se furtar ao reconhecimento da importância e competência do nosso prorecto educador.

Parágrafos

Estamos a bordo do «Barão», de partida para a cidade de Viana, onde se vai festejar o Santo Antonio.

São duas horas da tarde, de onze de junho.

A viagem, que está marcada para as tres horas, será, certamente, bastante precipitada, por isso que o alvoroço, desde cedo, reina entre os passageiros.

A rampa, nota-se um dezuçado movimento. São osromeiros que demandam aos escaleres, que, em poucos minutos, os transportam para o gaiola.

Os azeites tomam a sua marcha progressiva.

Todos, a bordo, se ajitam aguardando o inicio da marcha do navio, que, lentamente, cambaleia para um e outro lado, num movimento quasi imperceptível, mas calmo e constante.

A confusão é extraordinaria.

Chove amiudadamente.

Nota-se, em geral, pela fisionomia, um sorrizinho, que, pouco a pouco, se vai comunicando até áqueles que demonstram estranheza a tudo o que ali se passa, sentindo a voraz saudade que os dezanima, e que lhes invade a alma, prendendo o espirito á capital, numa impressão atterradora, inquebrantável mesmo.

As despedidas recrudescem.

Dá-se começo á jornada, que não será de modo algum agradável a uns, e preenhe de contentamento a outros.

A tarde, tempestuosa e triste, começa a escurecer.

Deixamos, por completo, a cidade.

Momentos depois, vem a noite tenebrosa, envolvendo o ceu e o mar no seu negro manto, aumentando, assim, a saudade.

Começa a pandega.

Alguns conversam, outros contam anedotas e, ainda outros, dedicam-se ao jogo.

O navio, na sua lenta marcha, corta as aguas durante a noite, numa solidão interminável.

O mau tempo não cessa, enquanto a impressão que tudo nos causa é pavorosa e verdadeiramente dezanimadora. Alguns dormem; outros velam, já ansiosos pela chegada.

Alguem se lembra de tocar muzica, e uma pequena orquestra, composta apenas de trez figuras, logo executa lindas peças do seu repertorio, dando, assim, vida e corajem á noite.

O Zico, nosso amavel companheiro, cujo natalicio nesse dia decorre, levamos ao bufete, onde nos manda servir a cerveja, que habemos em regozijo á sua saúde.

Vem a madrugada; a manhã faz-se bé-

PARNÁZO

Pela Vida

Do Djalma Fortuna

A vida é o próprio sonho, nesse caso
Passamos a sonhar a vida inteira,
Estrelas, céu e a lua forasteira
Sonham também no leito do Parnázo.

Sonhando morre a flor dentro dum vaso
Quando o perfume a deixa bem sozinha,
Sonhando morre a palida tardinha
Quando o Sol se reclinou na ocasião.

Até os corações morrem sonhando,
Porem, no céu das flores contemplando
Um destes raios languídos, sem fim;

Que o mundo bem conheço, mas no entanto,
Tudo parece um brilho sacrosanto,
Iluminando um santo de marfim.

D. Lopes

Flôres

Alguém pediu-me flôres. Cravos, rosas,
Camélias, bugarias e malmequeres,
E por flôres eu dou os meus sofreres
Nestes versos de couzas vaporosas...

Don-lhe do peito a flor dos meus sofreres,
Do coração verbenas mais viçosas
E da minha alma as flôres desenhadas
Que emurcheceam aos olhos das mulheres;

Dou-lhe da vida a Paul Neron formosa,
Arde o Paul Neron dos meus desejos
Que se definha, aos poucos, capitoza...

E nam conjunto da paixão imersos,
Rubros botões das flôres dos meus beijos
Dezabrochando num rozal de versos!...

D. Voltaire.

Maria

Sempre que penso em ti sonho acordado,
Acendo aos céus, e vou assim sonhando
Por entre a luz do flauto só passando,
Aos pés da virgem mãe do Christo amado!

—Os dois prefis, tão belos, comparando,
O teu de amor e encanto circulado,
De santidade e de lá aureolado,
Só de tão lindos, vão me extasiando...

—Teu porte rejio, virginal Maria,
Reune a graça plastica do gesto
No encanto vivo de uma simpatia...

—Jamais consigo, ó deusa do Universo,
Cantar a forma linda do teu rosto
Nas pobres rimas do meu triste verso!

Hilton Fortuna.

"O Canhão"

Orgão da sociedade literária
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho n. 53—Maranhão.

CORPO REDACIONAL:—Djalma Fortuna,
Clóvis Castro, Hilton Fortuna e Joa-
quim Luz.

Assinatura anual..... 2\$000

"O Canhão" será enviado á impren-
sa, mediante permuta.

Acceptam-se anúncios por preços mo-
dicos.

la, e o silêncio, que ha pouco predomi-
nava, desfaz-se imediatamente.

Estamos a singrar as aguas do Pinda-
ré.

Cerca das oito horas avistamos o Ba-
ro Vermelho, onde permanecemos al-
guns minutos.

É um lugar bem agradável, que mui-
to impressiona a vista dos viajantes.

Uma hora depois, mais ou menos, o
«Barão» lança-se ás aguas do lago de
Viana, que o atravessa quasi rapida-
mente.

Viana saudá-nos num estoirar de fo-
guetes, saudação a que correspondemos.

O panorama da cidade embriaga a
vista do espectador, já pela sua modestia,
já pela beleza dos céus que a co-
brem e do verdor das arvores que se a-
parelham ás cascas, algumas de palha,
outras de telha.

Ao longe, no centro, destacamos a
torre da igreja matriz, que se eleva sin-
gularmente, guardando uma certa supe-
rioridade aos mais altos predios que a
cidade possui.

Abriados, como nos achamos, á que-
le local, tratamos de providenciar so-
bre o desembarque, em cujo porto es-
taciona grande numero de curiosos.

O sol, a pino, obriga-nos a procurar
imediatamente repouso, o que fazemos
após poucos instantes de haver saltado.

Trez dias depois, tendo já minucio-
so conhecimento de tudo o que ali
existe, no final dos festejos em honra

ao S. Antonio, que foram seguidos de
estrondozos bailes, a que compareceu a
fina flor da sociedade local, destina-
mo-nos a bordo, de regresso á capital,
onde chegamos precedidos de uma via-
jem em que se gastam perto de vinte
horas, nada agradável, e onde se sente
mais vida e mais entusiasmo, melhores
costumes e melhores impressões, que
não são aquelas ha pouco experimenta-
das.

Abilio Pimentel

Falecimentos

Em 10 do corrente finou-se a exma. sra.
d. Antonia Maria Saldanha, avó e tia dos
srs. Almir Saldanha da Silva e Alfredo e
Alberto Fortuna.

Sentidos pezares.

—E' com profundo e inexpressivo pezar
que registamos o passamento da exma. sra.
d. Ana Francisca da Silva Fortuna, ocor-
rido, nesta capital, a 20 do corrente.

A veneranda senhora, que em nossa so-
ciedade gozava de geral estima pela sua
maneira afável de tratar, era mãe e avó
dos nossos dignos consócios major Alfredo
da Silva Fortuna, Hilton e Djalma Fortu-
na.

A estes especialmente, e aos demais pa-
rentes da finada, apresentamos os nossos
mais sentidos e significativos pezares, pelo
rude golpe que acabam de sofrer.

No posto de honra!

Existe na Barra do Corda um *for-
naléco* intitulado «Os Simples» que
entendeu agora ter nome no nosso
meio.

Hontem, um dos seus *inteligentes
colaboradores* plajava escandalosa-
mente um perfil a lapis que havia-
mos publicado.

Agora, vem um outro, não menos
inteligente, com a assinatura de C.
Léda, em linguagem insultuosa, que
só pode ser digna do autor, comen-

tando haver um cronista d'«O Ca-
nhão» dito que—na Barra do Cor-
da, até as crianças falam espe-
ranto.

É extraordinario isto. Vejam os
leitores o que se passou:

Abilio Pimentel, o cronista dos
«Parágrafos», em o n. 39, referindo-
se sobre o esperanto, disse:

«Basta dizer que, na Barra do
Corda, esse recantozinho do Brazil,
onde tudo poderia francamente pas-
sar despercebido, encontramos «O
Norte», que muito se tem occupado
dessa vantajoza e recente lingua».

Um outro nosso companheiro, em
em o n. 41, inaugurou uma seção hu-
moristica e, aproveitando-se do que
aquele havia dito, expressou-se des-
te modo, sobre o assumto:

«Abilio Pimentel, paragrafando,
mostrou-se assaz interessado pelo
progresso da lingua esperantista.
Penalizou-se por não termos ainda
um colejo ou coiza perecida relativa
a mesma, quando na Barra do Corda
até as crianças falam esperanto».

Vê-se, perfeitamente, que isto é
puro humorismo, que não foi com-
preendido pelo cronista da—Sim-
plificando.

Ora, seu Candido Bispo n. 2, se
você não sabe ainda o que é humo-
rismo, procure tomar algumas liçõ-
is,—enquanto nós aqui ficamos, dis-
postos a däl-as, em nosso posto de
honra.

Dois contos de vigário...

(Conclusão)

Não podem, porem, viver perene-
mente por aquelas partes de onde são
nátos. Chégam-lhes aos ouvidos em pa-
lavras bem fantaziadas, noticias duma
cidade que progride, noticias do Rio.

Logo e logo isto lhes faz sonhar, formar o seu primeiro ideal; já encontram insipidez no seu modo de viver, isolado do mundo culto; o desejo de conhecer parâmetros em antagonismo às suas ex-tasias; esquipáticas conjecturas sobre o que pode ser o Rio rebentam-lhes pelo espírito. Impreterivelmente querem dar um passeio à cidade do prazer!

Partem. Que felicidade! realizaram-se seus sonhos... estão onde queriam, posto que sua sorte seja a antiteze dessa satisfação.

Passam-se dias, lá estão eles em lamúrias queixando à Polícia...

Roubaram-lhe com um conto de vigário, foram enganados, perderam tudo. Pobres diábolos!

Lamentando-se das misérias daquela terra, não deixam de despertar o mesmo desejo em seus conterrâneos, desejo de conhecê-la.

E vai tudo de fio a pavio.

O Pulquerio da Anunciação, um desses caipiras, boçal de maneiras grotescas, um tipo ridículo enfim, mas um homem inofensivo e de boa fé, foi arrebatado pelas ligeiras azas dum desses desejos irresistíveis.

Com relação às suas pretensões manifestou-se a sua cara metade. Esta, refletida, praguejou: Não me digas isto; és um homem que vive tão bem aqui e vais a essa cidade perigosa; é uma asneira Pulquerio!—E uns fios de lagrima escorregavam-lhe pelo rosto; mas, nada o fazia retroceder.

Agora só esperava o dia da viagem... e partiu. Depois de horas chega à estação da Central, no Rio. Anclou, deixa o comboio.

Já não era o mesmo Pulquerio. Ora, destro, com as pernas leves, toma um veículo e dirige-se a um hotel.

Só parece que sua mulher adivinhava. Acorda ele um dia sobresaltado por uns murros que davam à porta. Em trajes menores, como estava, abre-a e um sujeito, assustado, exclama: Senhor, a casa pega fogo!

De fato, com os olhos arregalados, cheios de terror, viu um fumo intenso. Apavorado, nada mais espera e atira-se pra fora.

Sua carreira de louco, causando até vertigem, foi interrompida bruscamente por um criado do hotel, que apontou seu estado ridículo, apagando-lhe a ideia de incendio...

—Po... pa... porém não pode ser um sujeito me avizou que a casa pegava fogo!

—Ora, o senhor está alojado num quarto junto à cozinha!

Envergonhado, o Pulquerio volta a seus apazentos.

O fim do espetáculo?

Estava roubado.

Triste e inconsolável, deseja tornar imediatamente a sua terrinha onde não havia desses ladrões finos. Num sacco mete algumas coisas sem valor, desprezadas pelo ladrão, e desloca-se à Central.

No *quichê*, com altivez e sobranceiro, pedia uma passagem de ida e volta. Ao fazer o pedido suas faces ruborizaram-se e um zinzinho zombeteiro borbolhou-lhe nos lábios.

—O Pulquerio dizia com os

botões: «Esse palerma nem sabe que vou e não volto mais!»

Havia se vingado do conto de vigário! Todavia hoje é ele quem diz a todos seus conterrâneos, que se não deixem levar pelo desejo de conhecer o Rio.

Nessa bela cidade os contos de vigário assumam em diferentes aspectos.

E diga-se que no Brasil não há civilização... (Paulicéa).

M. L.

Sociedade Literaria

"Barão do Rio Branco"

Movimento de junho:

Entraram para o quadro de socios colaboradores os distintos senhores: Alvaro Valadão Borjes e Luiz Martins Machado.

O precioso facultativo, nosso conterrâneo, Dr. José Eduardo Teixeira de Souza, dirigiu-nos amizosa carta, agradecendo a sua admissão como membro honorário.

E' este o estado atual:

Efetivos.	Socios	18
	Socias	21
Colaboradores		16
Honorarios		3
Benemerito		1
Total		59

Continuam suspensos, por infração do regulamento, 5 socios.

Reassumiu o cargo de sub-secretario, visto ter renunciado a licença que se achava gozando o socio José Braga Mendes.

Biblioteca

O prezidente Djalma Fortuna fez oferta de mais 8 obras; os socios Alcide Costa, de 1; Hilton Fortuna, de 2; João Ribeiro, de 1; José Vinhais, de 1; todas de autores diversos.

Conta, atualmente, a nossa biblioteca 70 obras, afora os 24 volumes da «Biblioteca Internacional de Obras Celebres».

Para a leitura estão destinadas as segundas, quartas e sextas, até às 21 horas.

Esperanta Grupo "Rio Branco"

Conforme já noticiamos, acha-se fundado um grupo esperantista anexo a esta sociedade, o qual tem por fim a cultura, entre nós, do prestimozo idioma universal.

Para isto já temos varias obras daquelle estilo, a saber:

Oferecidas pelo distinto professor B. de Melo, incansavel propagandista do esperanto:

Vortaro-esperanta-portugala, kompilata de Tobias R. Leite;

Karlo, de Edmond Privat;

Primeiras lições, de T. H. Cart;

O Esperanto, conferencia do Dr. Everardo Backheuser; pela «Brazila Ligo Esperantista»;

Curso Elementar, de M. Mendes e C. Fernandes;

Esperanto, conferencia de Antonio Carlos de Arruda Beltrão;

Premier Manuel de langue auxiliaire; Brazilio, parolado de Everardo Backheuser; Karlo; O Esperanto, e varias

especies de revistas brasileiras sobre a grande lingua.

Respondendo á communicação que lho fizemos, da fundação deste grupo, a Brazila Ligo Esperantista, no Rio de Janeiro, nos endereçou animadora carta nos incitando a progredir, prometendo todo o apoio á nossa iniciativa.

Brevemente serão abertas as aulas que terão de funcionar neste grupo.

Assunto da rua

Quando algum individuo se sente preocupado com uma qualquer coisa, procura a solidão ou a diversão. Esta suaviza os sofrimentos; aquélla quasi sempre, acabrunha os mais.

Eu, quando me sinto indisposto, pelas conjecturas que faço da minha vida de *coitô*, procuro o bulício da rua, pois apesar do não ser ele, para mim, um tonico de efeito rapido, pelo menos, suaviza o mal que, constantemente, de diversos modos, me atrofia a cachimonia. A rua, o cinema, o teatro ou outra qualquer diversão são, para mim, tonicos de efeitos duvidozos, pois em qualquer destas partes que esteja, não me posso entregar, por completo, as delicias efemerias da fantasia, por sobrar-me, sempre, um pouco do pensamento para encarnar a duradoura e crua realidade. Em qualquer parte que permaneça, estou sempre com ar prazenteiro, inda que simulado; porque, cá por dentro, sinto uma dor atroz, pois não há possibilidade, de um momento sequer, esquecer-me que minha camisa está contaminada de remendos... —Chego a compara-la com um mapa-mundi, onde o peitilho representa o oceano Atlantico em momentos de borrasca; as costas representam os terrenos explorados pela lavoura, e, finalmente, as mais partes, comparo com o nosso infeliz sertão, onde há falta de meios e furtura de misérias, de remendos... Fecho o jaquetão, já surrado, sentindo, assim, um alivio por não estar tão descoberta minha nudez, mas... imediatamente lembro-me dos dias santos nas meias e do serzido das calças... Não posso uzar paletó curto nem sapato raso!

Saindo para a rua, porém, termino me conformando com a dura realidade, por ver o aluvião que, filozoficamente, me acompanha indifferente.

—«A! si as cozinheiras fossem escritoras, que admiráveis livros nos não dariam!» —Assim se expressa um cronista fluminense, que entrevistou uma destas bisbilhoteiras, —eu, porém, digo que as lavadeiras nos proporcionariam coisa mais bela si tal apito tocassem! Quantas vezes se encontram elas na dura necessidade de pagar um par de meias, reclamado, que, pela sua madura idade, si esvaia com o sabão? No entanto, na semana anterior, o dono da tão rara preciozidade a trazia encoberta com as suas botas espelhanças pela ação benéfica da graxa que, tão bom, encobre os rasgois, como o pó de arroz encobre os pés de galinha na tez juvenil das tias!...

Jovira

H Predial Maranhense

Com o fim de distribuir 15 casas, no valor de 1.000\$, cada uma, aos seus associados, foi criada, nesta capital, uma sociedade com o nome acima. Almejamos sua prosperidade.

Fatos e Fitas

(COMO SE FAZ VERSO)

Ontro dia, nesta humilde colúna, sem pretensões a professor, dei algumas lições de — como se faz um conto — e agora, se me permitem a cacetada, vou ensinar, aos que ainda não o sabem, — como se faz verso —.

Muita gente de gravata lavada julga que o dom soberbo da poesia só é dado aos que usam longa cabeleira frizada e ondulante, aos que não se enojam de envergar, anos sobre anos, um só paletó surradinho, enfim aos que se distinguem dos mais pelo modo todo particular de poeta, com a competente borboleta de seda roxa ou encarnada, ao pescoço laçada.

Muita gente crê isto e ou também pensa a mesma coisa.

Hoje, porém, estou convencido que o tal officio das rimas não é nenhum arco da velha, como diziam. Já se não vêm daqueles vates taciturnos e melancólicos enamorados da lua, a vaguear abstratos sob os raios argêntos e inspiradores, nem se alimentando da fresca brisa da tarde fagueira e debaixo das laranjeiras, debaixo dos laranjais.

Todos, mais ou menos, são poetas, e não ha quem possa dizer o contrario.

A arte de Camões e o segredo de Gonçalves Dias são misterios já deslindados e industrias das mais exploradas e... assassinaadas.

A melhor maneira de os fazer, até hoje, conhecido é esta:

A gente sai de casa pela manhã, bem cedo, e procura um lugar onde tenha ruído de mar ou onde a brisa farfalleie entre o arvoredo.

Lugares assim não faltam.

Pois bem. O poeta, ao aspirante, vai para ali, senta-se comodamente em qualquer parte plana, concentra o espirito, eleva a imaginação de dentro do corpo, lembra-se de flores perfumadas, de meninas bonitas, de amores fantasticos e com o lapis, em punho da cabeça á epopeia.

—Eis a manhã que vem rompendo agora, De uma beleza lucida sem par!

—Eis o prenuncio auguro de uma aurora!
E o sol nascente pisca a rebrilhar!

Aqui as ondas batem-se nervozas!

Ali o rouxinol caueços gorjeia!

E o sol em crispacões tão latigerozas!

A cidade acordante já prateia! >...

E por aí esfia-se a bateria imensa das inspirações numa epidemia febril esclamações.

Depois de pronto o poema, inédito e co-movedor, passa-se a limpo como o maximo cuidado de maneira que não fique um erro e dedica-se em original a uma qualquer redacção de jornal, onde o chefe-dirigente em sinal de gratidão pela esplendida oferta, depois de ler e avaliar, manda para o costoso latidão onde se arquivam as joias poeticas que não prestam.

—E facil, experimentem.

Hilpufor

O Canhoto Elegante

Aniversarios

Carmen Pontes, Cristina Vinhais e Marieta Portuna

Mandamos a estas nossas distintas consocias, as melhores felicitações pelos seus anniversarios natalicios, respectivamente, a 1, 7 e 27 do andante.

Fizeram anos: a 1.ª, o sr. Garibaldi Pinheiro de Brito, agente de leilões; a 14, a exma. sra. d. Marcolina Serra, avó da nossa illustre consocia Carmen Pontes; a 21, a gentil senhora Maria José Moreira, estudiosa aluna do Liceu Maranhense; a 24, o sr. José Francisco Jorge, chefe da firma Jorge & Santos, de nossa praça, e a Exm. Senhora D. Josefa, tia do nosso companheiro Alcide Costa; a 25, o major Tiago Rodrigues Torres, muito atvo Solicitador do nosso foro, que, com inimitavel criterio e reconhecida competencia exerce o cargo de Delegado de segurança publica, espinhoza missão tão acertadamente confiada aos seus nobres cuidados. Pelo 25, enviamos daqui a nossa distinta consocia Nhazinha Torres e a Exma. Familia, os nossos parabens efuzivos; a 26 a pequenita Anica, filha do Sr. José Francisco Jorge.

Faz anos: hoje o sr. capitão Sebastião Campos; e a 29, a exma. sra. d. Olava Costa virtuosa esposa do desembargador João Costa e mãe do nosso fulgurante companheiro Alcide Costa.

Felicitações.

Hermes Ranjel

A 31 do corrente faz anos o nosso estudioso consocio Hermes Ranjel, atualmente na capital da Republica, onde estuda escultura.

Coronel Alexandre Moreira

Decorreu, a 12 do corrente, o dia natalicio do sr. coronel Alexandre Cantanhede Collares Moreira, delegado fiscal do tesouro nacional, neste Estado.

Os funcionarios da delegacia fiscal, onde o coronel Moreira conta largas sympathias, foram, incorporados, á sua residencia, levar-lhe os parabens, sendo-lhe, tambem, por essa ocasião, oferecido valiosos mimos.

O Canhoto, embora tardiamente, envia ao aniversariante os seus mais efuzivos saudaes.

Nacimentos

O sr. Flavio Goes dos Santos e sua digna consorte exma. sra. d. Julieta R. de Andrade Santos, tiveram a suprema gentileza de nos comunicar o nascimento de seu filho Alfredo Nicolau dos Santos, ocorrido em 26 de Junho, ultimo.

Agradeoendo essa prova de distincção, auguramos ao petiz um florido porvir.

Casamentos

Fomos honrados com a comunicação do casamento de exma. sra. d. Vitoria Columbiana de Souza, com o distinto cavalheiro Manoel Teodoro da Costa funcionario da Companhia S. Luiz a Caxias.

Ao jovem par desejamos toda sorte de venturas e agradecemos a gentileza da participação.

Partidas e chegadas

Despediram-se de nós os srs. Lauro B. Vasconcelos Duarte e seu irmão Atila que seguiram para a capital do Paiz; e o dr. Julio Ramos, por ter de seguir para Curupú de onde foi nomeado promotor publico.

Aos distintos cavalheiros a melhor viagem.

A Diretoria do Centro Caixaerial, sociedade benficiente da classe comercial, teve a gentileza de nos enviar o seu relatório de 1913.

Gratos.

Hiláritas

Entre amigos:

—Sabes o que se passou hontem das 2 para ás 3 horas da tarde?

—Não, não sei, naturalmente alguma desgraça!...

—Não, apenas se passou 1 hora...

—O meu amigo está tão pálido e abatido!... o que tem feito?!

—Trabalhar, desde pela manhã até á noite, descansando só uma hora...

—E ha quanto tempo dura isso?!

—Começa amanhã.

—Que foi menino? Porque chora tanto?

—Perdi... perdi... meu... pai

—Vejam que desgraça! Tambem como é que se entrega um pai a uma creança destas!...

Na rua, uma senhora escorrega e cai de uma maneira um tanto dezaiz-roza. Ao levantar-se, repara num sujeito que a fitava com olhar investigador e diz-lhe toda irritada:

—O senhor não é um cavalheiro!

—Pelo que acabo de prezenciar tambem V. Exa. o não é...

Num hospital de doidos:

—Ha quanto tempo está aqui? (pergunta um visitante a um doido).

—Desde que, os que lá andam por fora, perceberam que eu descobri que os doidos eram eles.

Labiche, que morreu a 24 de Janeiro de 1888, foi jantar a casa de um rico financeiro, e não abria a boca senão para comer.

Quazi no fim do jantar manifesta a intenção de falar.

—Chut! chut! (faz o banqueiro encantado) O Sr. Labiche vai falar!

E Labiche timidamente:

—Eu queria repetir as hervilhas.

—Tem ganchos invizíveis?

—Tenho sim, minha senhora.

—Deixa-mos ver?...

A mãe de uma atriz, mostrando a uma amiga, sua filha que passa de automovel com um sujeito:

—E' a minha filha.

—São cazados?

—Ele é, ela não.

Numa escola paroquial:

O professor: Analize esta oração: «Pedro morreu de bexigas». Onde está o sujeito?

O aluno: No outro mundo.

Um colecionador estrangeiro interrogando um pobre diabo:

Quais são as moedas mais raras neste paiz?

—Todas, senhor! Ha seis mezes que não vejo uma moeda de 500 rs.

O CANHOTO

DE CANHOTO NÃO TEM NADA, É BEM DIREITO ATÉ (D'O MARTELO)

ANO 3.º

S. LUIZ, 18 DE AGOSTO DE 1914

NUM. 44

Barão do Rio Branco

«Salve patrono! Aceita as homenagens
Sinjélas, sim, mas puras qual mirajens
Das nossas gratidões!
Vê como em nosso meio, humilde, embora,
A sombra de teu vulto, à toda hora,
Palpita corações!...»

Tanjindo as cordas mais sensíveis do coração, embalados nas azas da saudade eterna, tributamos, hoje, ao gloriôso morto e benemerito brasileiro, o mais significativo preito da nossa profunda admiração.

Dizer aqui nestas linhas o que foi a vida do colossal e fino diplomata é desnecessário; já porque todos a conhecem, já por ser tarefa espinhossíssima e longa.

—Quem pôde contar as estrelas que piscam na grande amplidão do espaço, sem deixar escapar uma siquer?

—Ninguém.

E assim são os feitos patrióticos de Rio Branco, — um enormíssimo manto de estrelas brilhantes e inapagáveis; a luzir eternamente na vasta amplidão da nossa história.

—Quem ouza descrever a beleza incomparável da majestosa «Paulo Afonso», naquêlê jorro continuado, que resplandece à luz do sol, ofuscando quem dê se aproxima atraído por sua suntuosidade?

—Ninguém.

Assim é o saudoso chanceler, gigantesca cachoeira de patriotismo, num caudal ininterrompido de benemerência, que em tempo algum se conseguirá definir.

A sua obra está gravada para sempre na história literária e política, rejistando triunfante a sua passagem grata.

Cada uma delas representa uma corôa de louros a cingir a sua gloriôza e augusta cabeça.

A sua personalidade histórica está toda assinalada de feitos gratíssimos à pátria, desde a interminável questão das Missões, até a intrincada vitória do AMAPÁ e ao inesquecível TRATADO DE PETROPOLIS.

Tombando, inesperadamente, Rio Branco, a 10 de fevereiro de 1912, para sempre, na frieza penetrante de um tumulo, o luto, a tristeza e o dezalento feriram profundamente a alma nacional.

O seu nome, porém, jamais será apagado dos nossos corações reconhecidos; a história o arquivará com orgulho paternal, e a sua figura, genial e animadora, viverá eternizada por todos, em todos os tempos.

E hoje, 1.º aniversário da nossa sociedade, prestamos com ufania e saudade as nossas homenagens humildes ao nosso querido patrono, ao colossal chanceler, ao diplomata sem rival, ao benemerito brasileiro, ao batalhador da paz, ao poliglota aprimorado, ao fino escritor, ao vigoroso jornalista, ao orador sereno, ao historiador sem par, que foi hontem o assombro das potências e glória do Brasil.

—Dorme, querido Barão! Descança, inesquecível mestre, que os povos te rendem o culto de que és digno, entom hinos ao teu nome, veneram o teu vulto, e

«Nós, os microbios minúsculos da arte,
Também temos aqui nosso estandarte

—Tua memória querida!
Em teu nome transpomos mil escolhos
E brota, a cada passo, em nossos olhos,
A lagrima sentida!»

ESCULPINDO

Vêde através do pano destes versos
Surjir ao longe alguns traços dispersos
D'un filho de Caxias,
Dessa cidade luz do nosso Estado,
Que foi berço também do celebrado
Vate Gonçalves Dias.

Seu talento de escôl vale um tezoiro
Onde corôas reluzentes d'ouro
Multiplas se amontôam;
A sua proza é doce e seu estilo,
Como as obras do rutilo Camilo,
Os sábios apregôam.

SERTÃO, essa obra-prima bem traçada
Revela o seu valor, sua grande alçada
Na faina de escrever;
A SEARA DE RUTH, o BANZO e agora
Os CONTOS ESCOLHIDOS e os de outrora,
São ótimos de ler.

No vasto campo da literatura
Cunhado está sua alta envergadura
E nitido fulgôr,
Com que venceu na grandioza arena
Da academia, os seus rivais, á pena
E se fez professor.

Representa na Camara uma parte
Do Estado seu natal, desse estandarte
De glória do Brazil;
Como socio honorario nós o temos
E um preito de homenagem lhe rendemos
Entre louvôres mil.

Irbério

Chico, o sertanejo

Trauteando sempre, numa alacridade constante, vivia o Chico, rapaz gordo e atarracado, olhos negros e pouca barba dos vinte anos. Quem o visse, assim, sempre cantante, na expansão plena duma alegria intensa que já habitava seu coração, diria: — terá o Chico razão para tamanha alegria?

Era que amava ele a Ritinha, crioula fresca e robusta, lábios de papoilas, cabelos negros como os bigodes do Chico, rosto redondo e risonho como uma lua nova de maio, afável e graciôza.

E era justa a alegria do Chico, porque era a primeira vez que uma mulher lhe chamara a atenção, era a primeira vez que experimentava as delícias do amor, desde que se tinha entendido naqueles campos verdes e viçosos, como verdes e viçosos eram os seus sonhos e esperanças.

A primordial diversão do Chico era a dança do tambor, que ele executava com perfeição, numa contorsão rara dos seus músculos rijos de camponio trabalhador. Saracoteava e espanjava areia solta, como o gado atado para ser abatido, e cantava uns versinhos harmoniosos tanto, que toda a aldeia se ajitava delirantemente para ver e ouvi-lo.

A Rita assistia jatançoza a sua dança e dizia: — seu Chico é dístico como a onça e harmonioso como o rouxinol.

— Conforme os seus parceiros meios lhe permitiam, já tinha o Chico arranjado modestamente a casinha, onde, em breve, o nosso casal iria fazer o seu ninho de amor.

Ajita-se em festa a aldeia: é o filho do administrador da moenda que chega formado, em visita ao velho pai. É um belo rapazão, de traço fluminense, elegante e olhar expressivo.

Nas festas da noite, enquanto o Chico dança e canta, para maior solenidade

PARNÁZO

O BRAZIL

Pára ! Uma terra nova ao teu olhar fulgura !
Detem-te ! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,
Em carícias se muda a inclemência das vagas...
Este é o reino da Luz, do Amor e da Fatura !

Treme-te a voz afeita às blasfêmias e às pragas,
O' nauta ! Olha-a, de pé, virjem morena e pura
Que aos teus beijos entrega, em plena formozura,
—Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a ! O sol tropical deu-lhe a péle doirada
O barulho do ninho, o perfume da roza,
A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a ! é a mais bela flor da Natureza inteira !
E farta-te de amor nessa carne cheiroza,
O' desvirginador da Terra Brasileira !

Olavo BILAC.

MARIA

Si Deus, por um qualquer descuido ou distração,
Mandasse para mim, dos céus, muito dinheiro,
Me fizesse feliz, me desse o mundo inteiro,
Que pensas tu, Maria, que eu faria então ?

—Aposto que já 'stás pra i, com teus botões,
A mal dizer de mim, pensando, com certeza,
Que eu iria arrotar bazofias de nobreza
Vivendo como um rei nos faustos e salões...

Que eu faria um palácio enorme e majestoso,
E nele me encerrando iria, então, viver
Entre tudo o que é belo e tudo o que é prazer
Calcando a humanidade em tom nobre e vaidoso...

—Que da cabeça aos pés me cobriria doiro,
E como mizantropo, e rispido, e insolente,
Tornava-me um ajiôta, um desvairado ardente,
A zelar, avarento, o aurífero tezoiro...

—Que a pobreza infeliz me não daria ais,
Que seria um verdugo, um vil sem torção,
Sonhando ao faminto o miserável pão,
Expulsava a chicote até meus próprios pais...

Porque pensas assim, porque julgas, Maria,
Que eu, —pobre de mim—, na capa da avareza,
Si tivesse poder seria, na certeza,
Um terrível verdugo, um Rei de fancaria ? !

—Não penses deste modo, ao menos se piedoso,
Não atribuas a mim arrancos de vaidade,
Que não mereço, não, assim, tanta maldade,
Mostra sempre que és boa, ó tu que és tão bondosa !

dade da noitada, o Dr. Jorje, era o seu
noite, dirigi-se a Rita, diz-lhe que a
achou chique e elegante, graciosa, e
tudo mais; promete-lhe casa nova e bo-
nita na cidade e sua mão de esposo.
Ela, na sua ingenuidade de quem não

conhece a existência dos sedutores das
grandes cidades, diz-lhe: mas, só si
saímos escondidos; porque Chico tem
força como um garrôto e é geniozo
como um índio.

O Dr. aceitou a proposta, e meia

noite partiam em demanda a cidade vi-
zinha, onde iriam, conforme as pro-
messas vis do Dr. Jorje, viver juntos.

Pela manhã, bem cedo, vai o Chico
à moenda e, como não vê sua noiva

—Olha, escuta:—si eu fosse ao menos um momento,
Um poderôzo, um rei, um rico, um portentado,
Não deixava a pobreza aonde fui criado,
Nem seria tampouco um mizero avarento...

Eu tudo trocaria, alegre e sem resabios,
Oiro, prazer, riqueza e tudo que tivesse,
E a vida mesmo, cré, daria, si pudesse,
Por um beijo de amor haurido nos teus labios !

Hilton FORTUNA

DEVANEIO

Si uma partida inesperada é triste,
Si bebe o pranto o iníquo que chora,
Como meu ser não está porque pediste
Que eu não, partisse, não me fosse embóra ?

Tu suplicaste com prazer e chiste,
Com essa doçura que em tua voz enflora,
Toda da graça com que te vestiste,
Trazendo aos labios o frescor da aurora:

—Não partas, caro amigo, eu morro, eu choro
De saudades por ti. Quando voltares
Já no catre funereo então demoro...

Laura, não vês que eu parto contrafeito
Levando, com o fulgir dos teus olhares,
Todo este amor que me devora o peito ? !

D. Fortuna.

MAGUA...

Si eu pudesse dizer-te o que a alma sente,
Si eu pudesse narrar-te sem temor,
Viveria a sonhar desejo ardente,
Confiando, em segredo, a minha dor.

Não seria um momento tão descrente,
Não teria ventura, linda flor,
Passaria a viver eternamente,
Sem paz, sem lar, sem sorte, sem amor !

Si eu pudesse narrar o meu tristãoho
Sentimento, repleto de pureza,
Não dirias, de certo, ser um sonho !

Que te importa, porém, si o não fizer,
Pois se eu sei que dóto a natureza
De fútil coração toda mulher ?

Abílio Pimentel.

querida, dirigi-se à caça grande, e lá está o administrador, que lhe conta o ocorrido.

Num estertor de odio, corre celereamente às circumvizinhanças, perguntando aqui e acolá.

Volta ofegante de cansaço, lança improperios ao seu chefe, e, sendo despedido, vaga errante, chorando sua Riti-nha ingrata.

Quando lhe convidam agora a dan-sar, diz, com os olhos razos de lagri-mas:—eu já não sou mais déstro como a onça e harmoniozo como o rouxi-nol...

E, sempre perambulando, tendo em mente a doce visão de quem lhe não soube compensar o amor tão puro, vive o desventurado Chico, o dansador de fama de outrora.

Ingrata aldeã, foste severa !...

D. Fortuna.

Lidia Serra Pontes leciona toda sorte de prendas femininas, especialmente trabalhos de maquina SINGER, em sua residência e em casas particulares.
Rua dos Graveiros, 38.

Parágrafos



Dezoito de agosto...

Data que se celebrou cá em nosso meio, por motivo da fundação da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» e d'«O Canhoto», hoje órgão da mesma, que antes vinha já circulando isoladamente, tendo à frente uma pleiade de rapazes inteligentes, que por si sós se recomendavam, cheios de coragem e dispostos às aventuras jornalísticas.

Erra pelo intimo das nossas almas, no dia de hoje, uma superioridade de contentamento, uma convicção de victoria que se vem cantando no terreno em que trilhamos, onde, pela terceira vez, desfraldamos com mais entusiasmo, coragem e fé, a bandeira da paz e da constancia, que se vem alçando desde o inicio da nossa jornada, que tem sido algumas vezes revestida de dezanimio, outras, coroada de venturas.

Não é para menos esse contentamento, porque, quando foi fundada a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» logo, em côro, aos quatro cantos da cidade, apregoavam insistentemente que teriamos o fim das nossas conjeneres, cujas vidas foram demaziadamente efemerias.

Efetivamente, apesar da firmeza de carater que para logo em todos se manifestou, e que mesmo predominava forte, constante, impassivel, sentia-se um *quelque chose* de dezanimio a este viver, até agora conservado.

Todas essas predições, ora sujeridas, têm sido, felizmente, de resultados negativos, e serão *ad perpetum*, se assim

quizerem todos os que aqui se congregam ao trabalho.

O soerguimento desta cruzada poderá ser feito facilmente,—basta, para isso, a união.

A união, porém, é que se não têm tornado precisa aqui, até o momento atual, o que nos é, por demais, vantajozo...

Acalentados por essa esperança de viver eternamente unidos, compartilhando das mesmas idéas, é que sentimos ter ainda por algum tempo, talvez, existencia, mas uma existencia que nos será, quer queiramos ou não acreditar, de grande utilidade.

Erra em nossas almas, no dia de hoje, uma alegria doudejante, embriagadora, porque assinalamos mais um ano de existencia, toda dedicada às lutas de imprensa.

E basta isso para o nosso contentamento !

A luta, que se tem tido para fazer frente aos empecilhos antolhados, não é pequena, nem pouco dezanimadora.

Mas, até hoje, temos conseguido conservar aquela mesma disposição que outrora sentiamos, embora em certos instantes semi-despidos de coragem, pelos embaraços que, dificultosamente, vamos aniquilando na senda em que estamos a trilhar.

E', de fato, espinhoza a nossa missão.

Que fazer, porem, senão proseguir na rotina a principio traçada, especialmente agora, que são já passados dois annos de uma verdadeira luta, dois annos duma existencia quazi completamente ajitada ?

O pedestal, atualmente, já se acha consolidado e não mais ameaçará ruína. Poderá, entretanto, o que não ambicionamos, ficar estavel por algum tempo, até que possamos continuar a erguer a columna que, certamente, um dia se descortinará espaço a fóra !

João CALDAS.

Externato Rio Branco

Sede—RUA 28 DE JULHO, 53.
Curso Primario e Secundario
DIURNO, das 7 ás 11 horas.
NOTURNO, das 19 ás 21 horas.
O ensino obedece os mais modernos metodos até agora introduzidos nas escolas.
Preço modico.

FATOS E FITAS

(Ironia da sorte)

Ora, a ironia da sorte !

—Que é ?

—Uma travessa personagem, que tem papel saliente na vida das coizas, uma *demi-mondaine* já bastante explorada pelos cronistas vadios e assáz conhecida por quem tem a desventura de com ella se encontrar.

Aqui vai, si me dão licença, uma narrativa sobre a tal importuna:

—Um dia destes, em um teatro, uma tabolêta espalhafatoza, em letras gigantescas: apregoava «A Princeza dos Dolares». (com maiusculas) Hoje !

Eu matutei com os meus jovens e amigos botóis:

Que diabo será isto de «Princeza dos Dolares» ?

Impressionado pelo nome sujestivo e respeitavel, consultei um colega conhecido das coizas elegantes e este me explicou:—E' a apresentação de uma opereta chistôza e rica, historia de um Conder opulentissimo ! Uma coiza espantôza ! Principes, barôis, viscondes e tudo quanto é nobreza aparece num espectáculo deslumbrador.

Verdadeira maravilha !—Atraído pela propaganda, arranjei uns *côbres* e, antegozando as delicias do imprevisito, entrei e abanquei-me curiózo.

—Tocam a sinêta e a cortina ladeia-se aparecendo, á 1ª. cena, um palacio riquissimo e preciozo, franjas doiradas, rendas finissimas, tapeçarias escolhidas, cerimonia principêsca.

Tudo luxuozissimo !

Começa a opereta.

E' chegado o momento da almejada aparição do Conder, do poderoso Conder já celebre e arqui-milionario.

Lá vem elle, cazaca bem talhada, monoculo, gravata de sêda, botóis de brilhante, botas luzidias e por onde passa os famulos genuflexos beijam-lhe os pés...

—Pasma e delirio na platêa !...

—Sussurros de entusiasmo !...

Senta-se o majestozo Conder, faz soar o timpano, e um criado descalça-lhe as luvas de pelica; outro tira-lhe o chapêu; outro mais escova-lhe, reverente, o feto; outro ainda com um leque de plumas refresca-lhe a atmosfera...

—Um nabalbo em pleno Maranhão !...

E, assim, entre o espantozo e o sublime, decorre a peça; e, ao ruido das gazes e ao estalido sonante dos metais, termina o espectáculo...

Maravilhado vou para caça e sonho gostozamente com o Conder poderozo e opulento.

Mas, no outro dia, a primeiaa figura que encontro na rua é o Conder; porem, já sem a cartola, sem o monoculo elegante, sem os brilhantes preciozos, sem aquêla pompa principêsca. Um mizero paletó de lustrim, rôto nos cotovêlos, cobre-lhe a camiza enxovalhada; um chapêo de côco cinje-lhe a cabeça mal penteada; em vez do monoculo, grandes olheiras assinalam o depauperamento organico da luta com a fome, e os sapatos, a rir, dezabaladamente, dos dêdos, completam a cena realista...

—A ironia da sorte predomina !—

Hilpafer.

O CANHOTO

ORGÃO DA SOCIEDADE LITERARIA
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho, N. 53

Presidente—DJALMA FORTUNA
Vice-Presidente—CLOVIS CASTRO
1.º Secretário—HILTON FORTUNA
2.º Secretário—BIBLIOTECÁRIO — DJALMA
VASCONCELOS
Tesoureiro—JOAQUIM LUIZ

Assinatura anual . . . 2\$000

«O Canhoto» será enviado à imprensa,
mediante permuta.

Aceitam-se anúncios por preços módicos.

A proposito

Marca hoje o calendario a data em que se fundou nesta capital, em 1913, a Sociedade Literaria Barão do Rio Branco, e em 1912 o respectivo jornalzinho «O Canhoto».

E' bem difficil, nesta quadra em que tudo é efemero, em que o indifferentismo, o pessimismo a preguiça mental e outras tantas forças maleficas entravam a marcha dos bem intencionados, procurando enfraquece-la até a sua completa paralisação, conservar-se, durante um regular periodo, uma agremiação como a «Rio Branco» zelando uma modesta biblioteca, com sala de leitura onde os seus membros têm tudo o que é necessario ao cultivo das letras e ao estudo das sciencias, e mantendo uma bem organizada redação.

E' sabido que isto deve-se apenas a alguns dos denodados rapazes de que se forma a Sociedade, os quais, fortalecidos pelo amor ao saber, rendendo preito a intelligencia, têm conseguido manter-se firmes nos seus postos, gritando sempre avante, embora os entusiasmos d'outrora tentem desanimá-los fugindo ao compromisso tomado nos excessos dos entusiasmos fôfos que fortalecem os inconstantes.

Grande é o numero de sociedades e jornais literarios que já rolaram ao nada. Uns tiveram a ventura de viver uma semana; alguns de um dia; e outros receberam nome, mas não tiveram vida.

Ainda me lembro de uma sociedade que apenas confeccionou os estatutos e logo expirou, porque nasceu moribunda. De um jornal que sómente arrecadou as importancias das assinaturas e... até hoje. Talvez que appareça em «maio vindouro». E assim, muitos outros. Portanto:

E' de utilidade ás letras de nossa terra que viva, por longos annos, «O Canhoto»; que os seus mantenedores compenetrarem-se dos seus deveres, cumprindo á risca o que prameteram fazer no momento solene do juramento so-

cial; que abandonem o estado ocioso em que estão e voltem a cerrar fileiras com os seus leais companheiros, cuja integridade ainda não se abalou mesmo com a conflagração europea.

Já disse alguem:

«A Imprensa — virgem criada
Pra discutir o dever
Não pôde na escuridade
Ser sepultada — morrer !»

Murilo Pincaré.

SOGRA

Os melhores cigarros da actualidade

O BEIJO

O !... Sim, o beijo ! é o mais inebriante e embriagador contacto de dois labios de amantes; é o mais sublime, o mais sedutor sentimento que nos arrebatá, levando-nos nas azas douradas do amor, ás mais altas regiões da ternura.

O beijo !

O !... o beijo dáde nuns labios humidos e avermelhados de um ente amante, afavel é delicado, que se desabrocha no verdor dos annos, como um botãozinho de roza banhado pela luz radiante de uma manhã de primavera, e que, deixando mostrar as suas aveludadas petalas, recebe o orvalho matutino, é o mais ardente, o mais sublime contacto que nos queima, uma sensação de caricias.

Mas esse beijo de amor, esse beijo de amante apaixonado, que muitas vezes repassado no mais requeitado enlevo, nos atira, sem sentirmos, no mais aprofundado abismo.

Silvia.

VIVA A FRANÇA !

Salve a Patria do Genio europeu !

Já ao mundo annunciou o telegrafo que o paiz de Victor Hugo retomou Alsacia-Lorena em poder dos prussianos desde 1870.

Foi sempre a maior preocupação da gloriosa França a posse da sua Alsacia, que Bismarck alapardou com assentimento de Napoleão 3º.

Pelo prologo conhecido, já, sem duvida, estarão arrependidos os adversarios do pavilhão tricolor, provocando-o ao campo de batalha.

Os soldados francezes, com o heroismo da celebre «Pucelle d'Or-

leans», já suplantaram 16 000 alemães que agora entulham os braços abertos pelos poderosos canhões da França.

O vitorioso de setembro de 70 ainda julgava no Governo francez o filho apavorado de Luiz Napoleão; o idiota monarca que fez capitular, vergonhosamente, o exercito francez; o derrotado e prizoneiro de Sedan !

A culta França perdendo Jaurès conquistou Lorena. E será a triunfante na peleja porque os seus heroicos filhos, vertendo o liquido rubro, saberão espantar a aguiá negra que ameaça arrebatá aos ares a rainha europea.

Então a Marselheza o povo francez que o pavilhão tricolor será fincado em Berlim.

Salve o França ! Viva a Inglaterra !

C. Mauzer.

A correr..

Não pensem os srs. Director Geral dos Correios Brasileiros e Chefe da Administração do Maranhão que lhes venho dar, aqui, alguma lição.

Não, absolutamente não !...

O meu desejo é propôr, ás illustres autoridades, o seguinte: A criação, com a devida venia do illustrado Secretario do Interior e Instrução Publica, dum lugar de agente postal adido ao Liceu Maranhense, que, como os embarcados nos paquetes do «Lloyd», atendem os passageiros, possa atender os alunos, com especialidade, os femininos.

Ora, p'ra que ? dirão as autoridades referidas e os ledôres.

Vou explicar: nas aulas do citado estabelecimento, —segundo me informou amigo meu, lá estudante,—os alunos, enquanto o illustre professor faz a sua preleção, põem em circulação uma quantidade assombrosa de bilhetes, cartões e... até cartas.

Ora, imagine, se fossem taxadas essas correspondencias, dariam regular renda para o governo, que anda tão precizado delas.

Tambem, se creassem um carimbo especial, como de uzo geralmente, augmentar-se-iam as colleções filatelicis com mais esse *marque postale*.

Pode ser que não seja tomada em consideração mas, em todo o caso, aqui fica a lembrança do

Jovines.

Mademoiselle HENRIETTE BRICOTTE

leciona francez em sua residencia e em cazas particulares.

Rua Grande — 106

Coordenando

A guerra é atualmente o grande assunto universal. Por todos os cantos não mais se ouve, nada tem mais valor que comentários a respeito.

A Europa está assemelhada a um desses colossais formigueiros, quando abor-da no outro rebocado por alguns súditos um gorduroso naco. Este é cubica-do pelas diversas famílias da *Formigófo-lis*. Os mais fracos maltam os seus an-tônimos; a dissensão estoura; os com-bates se sucedem... é uma revolta geral que pagará o incauto paciente que por descuido aproximar os pés descalços do formigueiro insurreto.

Eis em suma a Europa de hoje.

A França, a Inglaterra, a Bélgica, a Rússia, a Suíça... são vítimas do odio da Alemanha e ainda o serão aquelas nações que não responderem aos ger-manicos ultimatus nem concederem passagem às tropas homorgánicas.

Ela se mostra poderosa, a desafiar estabandamente os seus «companheiros de pensão», esquece-se por completo de que *l'union fait la force*, os aliados se avolumam... e depois? Vá o KAI-SER fazer outro bigode, porque o que lhe resta já mais se frizará.

Mas, como ia dizendo, a guerra pre- zentemente é tudo. Todos procuram com avidez a negra taboleta da *Pacoti-lha* para saber como vai a guerra, o pa-triotismo dos franceses, a filozofia dos ingleses, o caiporismo dos alemães, o catolicismo dos italianos, a sensaboria dos japonezes e o esverdeamento dos russos.

E através de toda essa balburdia surge a troça e a exploração.

Si um brincalhão passa e vê a aglo- meração de curiosos avidos de uma nova, aproveita o ensejo e impõe uma das suas: «A Salsa Morena foi re- conquistada pelos franceses»; «os belgas tomaram a Alemanha»; «o IMPERA- DOR da França prendeu o rei da Alema- nha...» e assim prosegue ele a entulhar a cabeça do mais aparvalhado proxi- mo.

Este, que por natureza engole algo- dão por doce japonês, visto que são pa- recidos, acredita piamente na *bóia piada* do amigo sem indagar quem foi que disse a tal coisa.

Rapazes aí portadores de um mili- grama de juízo, reunidos em mago- tes numerosos e empunhando velhos estandartes das nações amigas, obtidos de alguns armadores, externam convi- ctamente a beleza de suas idéas glo- rificando aquelas e hostilizando a pa- tria do nosso fornecedor de chapéus.

Por outro lado reúnem-se, munidos de largos cinturões, travam luta paci- fica, para avaliar o grau de rezis- tência comportada em cada um.

A Europa escolhida é a praça Gon- çalves Dias.

O mais robusto faz de Alemanha. Compenetrado de seu papel de *kai- ser* envia o seu ultimatum aos que fa- zem de Inglaterra, França, etc. Estes não respondem e se trava a luta.

Os aliados se dezafrontam do alemão que lhes deu a primeira lambada e as costas que atestem as forças dos *belije- rantes*.

No acézo da luta o clarim do quar- tel general faz chegar a seus ouvidos o toque das 9 horas. A *alemanha* lem- bra-se de meter o costado no *dique* e arvora a bandeira branca da despedida. Os *adversarios* vêm nisso a fraqueza e vaia-na. Ela repele a vaia. O segun- do toque adverte o seu dever e ela re- zoluta toma o caminho de casa não sem algumas ultimas lambadas que a fazem correr para gaudir dos inimigos que entoam *La Marseillaise* e o *God save the king*.

Finalmente os retalhistas, á vista da situação, declaram guerra aos seus fre- guezes. Estes sem meios de defeza nada mais fazem que lhes enviar o seu rico dinheiro se quizerem viver.

O padeiro diminui sua bitola, o que nos obriga a escorregar mais cobres que de costume, se não nos quizermos le- vantar mal satisfeitos da meza do café. —E' a ordem do dia da guerra.

O vendeiro sobe o preço da farinha, do arroz, do sabão, etc., como se tais generos viessem das rejôis litigantes. E' também da guerra.

O carvoeiro, o verdureiro e o fru- teiro vendem o carvão a cruzado, o quiabo e o tomate a meio tostão e a banana a tres vintens e assim tudo. E' por cauza da guerra.

A ser assim, amanhã o magarefe venderá a carne a dous mil réis por- que a Europa está em guerra.

E durma-se no Brasil com a im- pertinencia da Alemanha e ouvindo as suas façanhas.

E mais nada.

J. Rivière.

FUMEM os deliciosos cigarros COMBATENTE

LANTERNA MAGICA

9.ª FIGURA

(Versos de pé quebrado)

Sentado com toda pose
Pegando sempre no muque
Dando lições de inglês
Dizendo:—o nome é *simuque*

Calsa smart e bem talhada
Que na dobra nunca quebra
Na cabeça traz pouzado
Chapéu que diz ser de *lebra*

Gosta do *flirt*. E gingando
De polaina sempre andando
Ao lado do Laudelino
Ao belo cumprimentando.

Trabalha, coitado, e muito
Em casa do proprio pai
Eis porque, ficando miope,
Só de luneta ele sai.

Dante

Coitado !

—Conhece o Dico ?

—Não; naturalmente, e com toda razão, me respondem, porque eu proprio não conheço o Dico de quem vou tra- tar. Imaginemos, porem, um Dico qual- quer, viremos a folha e prosigamos a historia.

E' ele um rapazito alto, magro, cara rapada e amigo inseparavel de uma ben- galinha possante. Apesar de já contar 18 invernos e ter no olhar vivaz uma qualquer coiza que demonstra intelligen- cia, é demaziadamente tolo e ijenuo, muito especialmente em si tratando do vulgarissimo officio de namorar.

Atualmente, ande ele apaixonado, fa- zendo versos para a lua, até em noites de escuro, e azucrinando o espirito de alguns dos seus amigos. Está, deveras, apaixonado pela Julita, aquélla encanta- dora menina que também não conhe- cemos.

A sua demaziada papalvice e injenui- dade muito têm concorrido para que ele continue sobre as procelozas ondas do mar da duvida.

—Olha, Dico—dizem alguns de seus amigos—porque não te atiras á pequena com um palavreado romanti- co para decidir logo esta questão que te acabrunha a alma ?

—Mas, como ?—Objeta elle; não te- nho intimidade com a Julita; não a encontro senão nos bondes e em algu- mas brincadeiras, e mesmo como me expressarei para confessar-lhe a paixão que me vai nalma ?

—Deixemos de tolices, não sejas tão lórpá; atira-te, faz cara dura, finje esco- vação, procura aproximar-te com as- suntos banais, pilhericos, tolices mes- mo; depois, encaminha o assunto para o terreno dezejado e verás como se de- cide uma questão. Já ouço o som do clarim, anunciando tua victoria.

Pois bem, seguirei teus conselho na primeira oportunidade. Assuntos banais... pilhericos... tolices mesmo... tua victoria... e o desgraçado saiu a correr, como um alucinado.

Estamos em uma festa de aniversario, em casa das Veiga. Lá está o Dico, seus dois inseparaveis amigos Viriato e Borges e a Julita.

—Já a viste, Dico ?—perguntou o Borges.

—Já, e como está bela com aquêlê vestido azul e aquêlê lacinho no cabelo, branco, igual a minha gravata, cor que simboliza a pureza de meu amor e a beleza de minha... e empalideceu.

Era ela que, orgulhosa de beleza, despendendo olhares voluptuosos, com a sua elegancia escultural, passara, indo, indiferente, postar-se numa janêla de onde, extasiada, admirava o firmamento iluminado de estrelas e banhado pelo clarão embaciado da lua.

Quem a visse tão absorta diria como eu, que estava a duvidar que as estrelas tivessem mais brilho no céu do que ela naquela sala.

—Aproveita, Dico,—disse o Borjes, empurrando-o, bruscamente, para a janêla, no mesmo instante em que ela voltava para os comensais, o seu busto escultural, o seu olhar cintilante, deixando, num sorriso de felicidade, aparecer uma finíssima dentadura (que não pude saber si era natural)...

O Dico, de tão atarantado, quasi ia a pique, pois viu imminente um desastroso abaloamento.

—Desculpe, disse elle com voz vacillante.

—Não há o que, Sr. Dico. Porque vacilava em aproximar-se de mim? Tem por acaso receio que não lhe aceite para...

—Tinha D. Julita, mas..., agora...
—Pois não tenha tal receio, experimentarei muito prazer em dansar a primeira valsa com o Sr.

E o Dico embatucou, supondo se tratar de outro assunto. Contudo, murmurou:—Muito obrigado.

—Não há que agradecer, Sr. Dico. Enquanto esperamos tocar, conversemos.

—Que há de novo?
—A guerra, D. Julita.
—Procuremos assuntos mais comuns e de melhor interesses, deixemos a guerra e os guerreiros.

—Pois bem, D. Julita, diga-me uma coisa:—porque quando chegamos em casa, à noite, nos despimos, envergamos o chambre, sentamo-nos na cama, olhamos para um lado, para outro; pensamos nas dificuldades da vida; nos acontecimentos do dia; no futuro; metemos o dedo indicador entre os dentes, limpamos o *chull*, e cheiramos?

A orquestra rompeu numa melodiosa valsa; Julita, aproveitando tão sublime interrupção, sem dar uma palavra, por delicadeza, oferece-lhe o braço e principiam a dansar.

No meio da valsa, porem, quando Dico já se considerava «o mais feliz dos mortais», Julita aparenta um encomodo qualquer e pede para sentar-se, no que é atendida. Dico descuidou-se um instante e, enquanto ella desaparecia misteriosamente da sala, o nosso

herói, com cara de lórpa, ficou vendo navios e a cheirar o dedo de *chull*!...

Coitado! Nada disso succedeu ainda; no entanto apesar de ser um rapazito dotado de bons sentimentos, trabalhador, morigerado, e amar verdadeiramente a Julita, eu prevêo, pelo negrume do seu horizonte, pelo implacável desdém da sua adorada Julita, um desfecho bem fatal para elle.

Coitado!

Vieira da Luz.

Caza Bordalo

DE

Joaquim Ferreira Bordalo Sucessor

Rua Grande, 27—MARANHÃO

Encontram-se: CALÇADOS para homens, senhores e crianças, em todas as cores, e dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros

Grande emporio de cabedais para sapateiros

Preços sem competencia, porrem só vendemos a dinheiro.

Gaveta canhota

Recebemos: «Leumen I», orgão do livre pensamento, que se publica em Pelotas; «Boletim do Azilo Santo Antonio», revista catolica de Estancia; «O Municipio», de Rio Preto; «A Idéa» e «E Evolução», de Terezina.

Chapas avulsas

Com o titulo supra, Alvares Cantuaria, o cronista já conhecido nas columnas d'«O Correio da Tarde», vespertino que saí á luz nesta Capital, ali por volta de 1909, acaba de publicar um folheto.

Contém esse valioso facículo dezois sonetos, em que se acham descritos os vultos de algumas personagens do nosso meio.

O trabalho, que está impresso nitidamente, e em papel de superior qualidade, distrai o espirito do leitor, provocando-lhe algumas vezes o riso.

Recomendamos, pois, aos nossos leitores as «Chapas avulsas».

O seu autor ofereceu-nos um folheto, que fez acompanhar de outros, afim de serem expostos á venda, nesta redacção, pelo preço modico de quinhentos reis.

Gratos pela oferta.

Uma associação util

Numa idéa altruistica e feliz os funcionarios dos telegraphos desta capital fundaram, em 28 de julho proximo passado, uma sociedade mutua com o fim nobre de distribuir peculios aos seus associados por falecimento. A nobre sociedade foi inaugurada com nu-

mero de socios superior a 80, o que patenteia plenamente a sua boa aceitação. A Diretoria é composta dos seguintes membros: José Francisco de Araújo e Souza, presidente; Artur Belo, vice-presidente; Palmerio Mariano de Lemos, tesoureiro; Francisco Couto Fernandes, 1º secretario, e Pedro Alexandre Rodrigues, 2º secretario.

Que de dia para dia aumente o seu numero de socios são os nossos votos sinceros.

Pelo hospital dos Dou...dos

João Sem Til (Capital) Recebemos seu soneto; não se affija, porque já foi publicado no nosso n. 25; e é da lavra do nosso confrade D. Voltaire. Você é parente do DE Souza, ou do Candido Bispo n. 1, da Barra do Corda?

Gosmindo (capital) Então os seios da sua *ela* «são de falenas»; não?

Si você afirmasse que *ela* tinha *telas* como as suas, ainda poderia passar, porque, finalmente, você é um genio, um fenomeno; e não era das coisas mais difíceis você dizer isto, desde que, mais adiante, seu soneto diz:

«Eu sou *facileto* como as flores belas,
Branças, sinjelas, como o trovador!»

Desculpe os grifos que são nossos, mas é conveniente tomar a «Saude da Mulher», ou outro qualquer medicamento que possa produzir efeito a esse mal, que tanto atropela a humanidade!

Otávio—(Capital). «To bi, or notobi» é o titulo do seu soneto *avacalhado* e digno de ser lançado no lixo, com todas as formalidades do estilo.

O professor Miners precisa dum auxiliar.

Proponha-se.

Dante.

Inspirações femininas A' O CANHOTO

Vences hoje o terceiro aniversario de incessante luta.

Data festiva para todos nós que te admiramos. Quizera possuir a inspiração dos grandes poetas, para traçar com esmero e arte o teu elevado merecimento.

Continuas a trilhar por essa senda difficulosa da vida, espalhando por todos os recantos desta terra a tua bemfazeja luz, e tendo sempre em mira, que os fracos recuam perante as sirtes em que esbarram, mas os fortes, os que têm vontade, afrontam corajosamente os obstaculos, resistem, lutam e vencem. E neste combate br

A França e a guerra

E de França altaneira o coração se expande
Num esforço de guerra e tetrica vingança:
E' que acendera agora a magua já sentida,
Elevando-se altiva e nobre, forte e grande,
Uma palma de loiro, abençoada alcança
Retomando Lorena, a filha tão querida !...

Ao troar dos canhões e ao soprar da metralha,
Quando a bala sangrenta espedaça o francez,
Da-lhe um tom marcial de soberba vitória
E em cada soldado o amor mais se espalha,
Mais se espalha o seu odio a tão vil germanez
E procura sedenta o caminho da gloria !...

—Esses mares azuleos tão mansos, tão claros,
Que com a guerra se ajitam, em soberbas passagens,
São da esquadra sublime, elevados transportes !...
Esses céos, que fuljiram entre brilhos tão raros,
Onde um passaro branco e de linda plumagem
Percorreu maviozo entre canticos fortes,

São da negra batalha estirões tão sombrios
Onde sulcam cortando esses mundos alem,
Aos bandóis a voar os biplanos guerreiros,

Que no alto a soltar em mil calidos fios
Lavas rubras de fogo onde a morte bem vem
Fazem campos arder em enormes brazeiros !

E a Alemanha, potencia altaneira do mundo,
Que o orgulho e ambição levarão para o nada,
Vai perdendo ao lutar, em milhõs, os seus filhos;
Mas, seu nome de fama ordena que profundo,
Seja o golpe de França e a Servia arrazada
E a Inglaterra tornada em pedaços de trilhos !

E uma ordem de guerra ela manda p'ra Beljica,
Ameaças de fogo à pacata Inglaterra,
De vaidade enlevada em pensar ser sagrada;
Mas o Belga valente em carreira estrategica
Um milhão de soldados atira por terra
E os inglezes transformam em flotilha sua esquadra !...

Salve ! França guerreira ! o teu nome na historia
Nunca mais perderá essa fama tamanha,
Prá orgulho e vaidade entre os teus decedentes,
E prá sempre serás, deste mundo, uma gloria,
Pois calcaste, a teus pés, a soberba Alemanha
E a pó transformaste esses «brutos» valentes !...

D. VOLTAIRE.

N. R.—Por conveniencia de paginação, deixou de ser
inserta esta poesia no «Parnazo.»

lhante, surjirás grande e sempre, estimado.

Como uma das tuas admiradoras, envio-te efusivas congratulações.

Ulaizel.

E' uma das coisas mais raras uma
mulher sincera! O homem que não
sabe corresponder a firmeza duma
mulher não é digno de ser amado—Alice.

O homem é uma creatura divina,
creada para o amparo da mulher.

Nilab.

Os olhos do coração

...E assim o baile se fazia anunciar
pela orquestra irrepreensível.

Na ampla sala se via o que dezejar
pudesse o gosto nas fantasias multi-
cores dos carnavalescos.

Tudo era rizos de alegria.

Luciano era um *pirot*, que, a todos
os convivas, fazia admirar. Mas, com
tudo isso, nunca deixava de abstrair-se,
mesmo nos divertimentos, tal o seu es-
tado melancolico.

Sob a mascara em que se achava,
ninguém diria ser o Luciano, porquan-
to sempre era festivo e divertido.

Um impeto, ou talvez uma torça de
vontade, o fez querer dansar.

Dentre os convivas, somente uma
única carnavalesca, dotada talvez dos
mesmos predicados, se achava sentada.
Corajem e vigor nalma.

—Senhorita dê-me o prazer desta
valsa ?

—Desculpe-me. Um quer que seja
me obriga a não dansar.

—Perdoe-me, senhorita.

—Nada. Mas... aceito.

Os dois valsavam.

Num momento, parara-se o par.
Rizos de alegria tismavam-se em lagri-
mas de tristezas. Luciano desfaleci-
damente caíra nos braços de seu par e
numa voz quasi sumida murmurava:

—E ela tem sobre o seu peito, pre-
zo, o meu retrato !...

Gentil de Granada.

Rio, 1914.

Entrevista

Acorda coração !... Que tens ?

Já te não sinto o pulsar vibrante, for-
te e destemido que tanto me consolava !

Não és mais aquele incessante bata-
lhador das iluzões tagueiras !

Trocaste o prazer pela magua, a
vaidade pelo silencio e assim vives ati-
rado á esse recanto obscuro e sombrio
do meu peito !...

Soltas doridos ais e longos suspiros,
que só podem traduzir uma dor pro-
funda e uma paixão inconsolavel.

Dize... Dize... Acazo te feriram ?
Quero vingar-te... ainda que me seja
precizo derramar a ultima gota do
meu proprio sangue, penar, sofrer, hei
de restituir a tua liberdade, atirar-te

aos braços comovida e soluçante, essa
mulher que, coberta de vaidade e be-
leza, ousou ferir as fibras mais sen-
siveis do teu intimo. Quero vê-la hu-
milhada aos teus pés, a suplicar: Per-
dôa coração... Perdôa... Fui uma in-

grata, fui perjura... Amo-te... Amo-
te !...

—Não, não quero vingança, si de
min se apodera o sofrer, a culpa é
minha: Amei uma mulher que atravez
do carinho, do rizo, do pranto, envol-
vida num mistico dedocura, conduzia
a mascara negra da traição, esperando
os momentos sublimes do amor e da
luxuria, para ferir-me cobardemente,
atirando ao lodaçal impoluto do des-
prezo...

Batalhei, lutei para libertar-me, até
que já sem forças, exausto, quasi mor-
to, cousegui respirar o ar livre e puro
das manhãs primaveris !

Mas que sina.

Quando menos pensei já estava
acorrentado aos braços d'outra, que
que nem sequer me concede um olhar,
um menor gesto de esperança, com
que eu possa ter forças para rezistir
sua cruel indiferença.

Quizera poder nas horas silenciosas
da noite, passear dentro do seu pro-
prio peito para me certificar si nele
existe uma pequena particula desse
sentimento puro e inebriante que se
chama amor !

Não posso mais ouvir-te; as tuas
maguas me merecem compaixão; é
precizo que digas a quem amas... qual
seu nome ?... E' morena ?

Fala !

—Alzira. : Alzira...

—E como um sorriso de dor e de
desdem, pulsou fortemente duas ve-
zes dando livre expansão ao pranto
que toldava a voz rouca e expressiva de
uma profunda magua.

Braga MENDES.

"O Canhoto elegante"

Nataliciaram-se:

a 1.ª, o nosso assíduo leitor José Andrade, aplicado aluno do Liceu; a 2.ª, as Exmas. Sras. D. D. Lidia Serra Pontes, carinhosa mãe da nossa gentil colega Carmen Pontes e Maria de Lourdes Costa Lopes da Cunha, virtuosa esposa do Dr. Antonio Lopes da Cunha e irmã do nosso fulgurante confrade Alcide Costa e o jovem Vicente Reis, nosso assinante apreciador; a 3.ª, o abalizado educador maranhense José Augusto Corrêa; a 12, a senhorita Laudiceia Jucá, atualmente em Manaus; a 13, a senhorita Ana Campos e a Exma. Sra. D. Amelia Moura, virtuosa consorte do Dr. Benjamin Moura; a 15, o Sr. Alberto Fortuna, competente funcionario da Alfandega e o caricaturista emerito Mario Valente; a 17, o jovem Silvio Souza, desenhista da companhia de S. Luiz á Caxias.

Nataliciam-se:

hoje, a Exma. Sra. D. Alzira Borjes de Padua Fortuna, distinta esposa e mãe dos nossos consocios Alfredo, Hilton e Djalma Fortuna e «O CANHOTO», orgam da Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», que, em 1912, appareceu á arena jornalística, tenro e frágil, e hoje luta forte e corajoso, já possuidor de um certo e reconhecido conceito dos seus multiplos admiradores e amigos.

A todos felicitamos, almejando vida longa, a par de um porvir ridente a venturoso.

ADERIA VALADÃO

No dia 10, voltou mais uma pajina no album doirado duma existencia florida e esperançosa a nossa inteligente consocia, professora Aderia Valadão Borjes, senhorita distinta que se impõe á nossa estima e viva admiração, já pela lhanza do seu trato e já pelas nobres e perigrinas qualidades morais que a cinjem.

A «Rio Branco», nesse dia, representada por uma comissão de seus membros, foi levar, a aniversariante de 10, o seu parabem afetuooso.

ZULIMA COSTA

Vimos transcórre, através do nosso mais intenso contentamento, em 12, a data natalicia da nossa illustre consocia, cujo nome encima estas referencias sinceras. O lar bemdito do Dezembargador João Costa, naquele dia, esteve repleto de apreciadores dos elevados dotes da nossa talentosa colega, que a foram felicitar pela auspicioza data do seu natal.

«O Canhoto», embóra tardiamente, daqui, a felicita.

HOJE

Motivo já conhecido pelos nossos leitores nos inibe de festejar, como pre-

tendiamos, o dia de hoje, dia que demarca mais um ano que levantamos o nosso vôo debil e vacilante. Em vez das pomposas festas do ano passado, festas que ainda jazem em nossa lembrança, despertando-nos fuscas reminiscencias, este ano só podemos comemorar o evento de 18 de agosto com a presente «edição especial», que com muito sacrificio recomendamos á melhoor officina tipografica de São Luiz e com uma sessão solene, na sede desta sociedade, na qual, conforme o noticiado noutro local, interpretará o sentir de todos, como orador oficial, o nosso brilhante confrade, que modestamente se oculta sob o pseudonimo de D. Voltaire, Djalma Vasconcelos.

VIZITAS GENTIS

Em 14, visitaram-nos as nossas interessantes e garrulas apreciadoras, as jovens Amanda e Laurentina Boré, diletas filhinhas do Dr. Frederico Boré.

Muito agradecemos a meia hora de agradável palestra e ofertamos uma coleção do nosso jornalzinho.

No mesmo dia também visitou-nos o Sr. David Schapira, jovem argentino que, conhecedor de todos os grandes centros europeus, entreteve conosco agradável palestra sobre a atual guerra do Mundo civilizado.

Foi, pois, uma delicada e cativante vizita, que muito agradecemos.

D. F.

Sociedade Literaria

Barão do Rio Branco

Movimento de julho e agosto:

Para o quadro de colaboradores entrou o Sr. Joaquim José de Andrade e para o de efetivos, as distintas liceistas — Luiza Viana e Marieta Fortuna.

Este o estado atual dos diversos quadros:

Efetivos	Socios	19
	Socias	22 41
Colaboradores		17
Honorarios		3
Benemerito		1
TOTAL		62

O socio José Braga Mendes exonrou-se do cargo de 2.º secretario bibliotecario, sendo nomeado para substitui-lo o socio Djalma Vasconcelos que anteriormente havia renunciado o mandato no Conselho Julgador.

O socio João Caldas pediu sua eliminação sendo, porem, negada, por maioria, em sessão de 7 do corrente.

Na referida sessão os socios José Braga Mendes, João Caldas, Djalma Vasconcelos, Nestor Madureira, Hilton Fortuna e Joaquim Luz apresentaram um pedido de reforma aos estatutos, o

qual posto em discussão foi aprovado com algumas emendas, entrando logo em vigor. O novo regulamento extinguiu o Conselho Julgador ficando a sociedade administrada por uma diretoria composta do presidente, vicepresidente, 1.º secretario, 2.º secretario-bibliotecario e tesoureiro.

Em comemoração á data aniversaria será relizada, hoje, ás 19 horas, uma sessão solene, orando o inteligente confrade Djalma Vasconcelos.

Biblioteca

Continua muito frequentada a nossa seção de leitura que, conforme já dissemos, compõe-se de mais de 70 obras de autores antigos e modernos.

Os dias destinados á leitura são: segundas, quartas e sextas das 15 ás 21 horas.

Retratos a martelo

Sempre pensativo, parecendo caminhar para o ignoto, percorre todos os dias a cidade em cumprimento do seu dever.

Empregado de cobrança duma casa comercial, entra aqui e acolá, de estatura regular, olhando sempre o chão.

Chapeu todo amolgado, ora metido até ás orelhas, ora caindo levemente sobre os olhos, atira com as pernas ao acaso, no balanço cadenciado do corpo.

Conhecido por «Camôis» devido faltar-lhe a vista esquerda, ri-se sem saber porquê, monologando palavras incompreensíveis.

De lapis atraz da orelha, os bolsos sempre abarrotados de papeis, cara toda rapada e aí vai ele gesticulando filozóficamente, com o braço direito quebrado — á laia de colhér de sópa — caminhando lentamente, forçado, talvez, pelo meio seculo já passado.

Verduraria.

Os rapazes elegantes, que primam pelo «chic», só devem fumar os aromáticos e deliciosos cigarros

COMBATENTE

Tabacaria — FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE de Belfort Carneiro & C.

Rua Grande, 39 — Maranhão

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º

S. Luiz, 13 de setembro de 1914

NUM. 45

7 de Setembro

Nestes tempos de guerra, onde o direito das gentes é conspurcado escandalosamente e violentamente ultrajado, nada é tão doce, nada é mais grato á alma, do que comemorar uma data tão gloriosa, tão patriótica, como esta de 7 de setembro!

Ha 92 anos trazemos vivamente gravado, na fibra mais sensível do coração, o brado libertador que, D. Pedro I, o saudozo imperador, nas margens poeticas do Ipiranga, fez espalhar pelos quatro ventos, como alevia de nova era.

«Independencia ou Morte», escrinio de entusiasmo, repozitorio de patriotismo!

Nós que, ha mais de trez seculos, nos achavamos agrilhoados ao torpe servilismo, a mancha inapagavel, o virus asqueroso, sentimos a benfeita harmonia de uma faze de liberdade, es-erimentamos o efeito da grandioza ideia.

Com o nosso contentamento, vemos passar em nossa imaginação, envolta um manto de saudade, a figura excelsa do martir Tiradentes, o apostolo mais dedicado, o altruistico defensor da primeira conjuração em prol da nossa emancipação, a quem espiritos fôcos e cheios de ambições, fizeram com que fosse punido com a força.

As lagrimas dos seus compauheiros, exilados e o sangue vertido á sua gloriosa cabeça transformaram-se no brihante crepusculo que faz resplandecer hoje, como estrela magnifica, a nossa superioridade ante o mundo culto, empuja

com a faixa branca da ordem e do progresso.

Hoje, graças a D. Pedro I, o Brazil fulge invejavel no mapa sublime dos paizes independentes.

Salve 7 de setembro!

Data de ouro que jamais será olvidada pela mocidade brasileira!

Primeira pedra colocada no alicerce robustecido do nosso engrandecimento!

Sol radiozo e inconfundivel que illumina o sublime feito de uma benemerencia!

Toque de clarim, que no seu repercutir, rompe os meandros do infinito e eleva e proclama o nome brasileiro ao paralelo dos povos livres!

Salve, mil vezes salve!

O nosso inesquecível patrono, o gloriôzo Barão do Rio Branco, era o grande zelador da nossa independencia, era a guarda avançada do nosso bem estar, e, assim sendo, bendiquemos os nomes de Tiradentes e D. Pedro I, e saudemos a memoria do colossal chanceler de ouro!

—CHOE—

Parágrafos

Ha entre nós, atualmente, quatro tipos verdadeiramente populares, cujos nomes são, em geral, conhecidos, porque as suas individualidades e os seus atos e convicções servem para a distração dos que os admiram, sem fazer menção da troca, aliás condenavel, com que a molecagem os festeja.

São eles que assinalam a faze prezente de uma celebridade inominavel.

O respeitavel Governador de Caxias, que é um deles, e talvez o de mais importancia, trajando o seu fraque com ares de autoridade veridica, outras vezes, gufrouado um simples palito, indicando mo-

destia, quando no caso de se achar afastado das suas lides governamentais, corre as nossas ruas, munido de um cajado, fazendo descrições aos que o atendem, da sua celebre fazenda, onde possui tantas cabeças de gado, propondo se a casamento com as nossas patricias, etc.

Ha dias, estivera aqui, seguindo depois para o Turissu, a onde fôra por ordem da policia, que o fez embarcar, afim de escapar das inevitaveis vaias com que a molecagem o saudava quando o via.

Tempos depois, quando já esquecido, apresenta-se novamente em nosso meio, trajando novas fatiôtas, com o novo titulo de Visconde de Gravatá, além do honrozo que já possuía.

E aí está o pobre do Governador de Caxias, a viver perseguido por uma chuva de vagabundos, que se prevalecem das suas condições...

Não menos sujeita á troca está a Janoca, com toda a sua dedicação a fazer croché.

Esta, porém, está izenta dos vagabundos, nem foi mesmo porque. Quem dela se ocupa são as personagens da melhor categoria, do *high-liveli*, quero dizer, são os rapazes que frequentam a nossa sociedade, os nossos salões.

Antes assim, entregue á critica da diplomacia, o que não acontece com aquele.

Em caso idêntico, temos a *Pepêira Lima*, que se impressiona de haver arranjado um noivado, com um tal Baptista, que, no seu dizer, é um verdadeiro transformista.

Está noiva, adianta ela a quem lhe ouve e atende. O seu Baptista, que é oficial de marinha, está *doitinho* de amôres por ela. Cazar-se á brevemente e... muito confidentemente ela segreda a quem a escuta, que, alta noite, ali para as bandas da praça da Alegria, sob uma daquelas arvores, atirados molemente num banco, quando não ha viva alma, trocam beijos... abraços... num idílio de amor, casto e santo, *au clair de la lune*!

Temos, finalmente, a quarta personagem da actualidade, que nos falta citar.

Esta é a mais intelligente, e, talvez, por ser a mais enjaneira, menos conhecida que as anteriores.

É o *Massa Fina*, como lhe chamam.

PARNÁZO

SORRO REHEISTE

Éra belo nos vêr e admirar;
Marchando com progresso, sempre avante,
O sol da liberdade era brilhante
E a família vivia em paz no lar.

Mas de tempos pra cá, e neste instante,
A borrasca nos quer aniquilar
A canôa do bem vai naufragar,
Todo mundo tornou-se ignorante...

A vil baixeza aniquilou vergonha,
Tombou em derrocada o majistério,
Tudo se leva a golpe de corôna...

E assim, neste vil campo deletério,
Anda a honra maculada de peçonha,
Topando face a face no adultério!...

Hilton Fortuna.

"O Canhôtô"

Orgão da sociedade literária
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho, n. 53—Maranhão.

Presidente, *Djalma Fortuna*; Vice-presidente, *Clevis Castro*; 1.º Secretário, *Hilton Fortuna*; 2.º Secretário-bibliotecário, *Djalma Vasconcelos*; Tesoureiro, *Joaquim Luz*.

Assinatura anual..... 2\$000

"O Canhôtô" será enviado à imprensa, mediante permuta.

Aceitam-se anúncios por preços módicos.

mam, que, com todo o seu enjuno e arte, limita francamente o cucurito do galo, o piar do pinto, o ganir do cachorro quando apanha, e, sob um sentimentalismo que se não define e que se não explica, canta incessantemente a celebre modinha «Eu vivo triste...», expandindo, assim, talvez, alguma paixão que lhe dilacera fortemente a alma.

Estes quatro tipos, agora citados, não, não resta dúvida, os substitutos legais dos de outrora, conhecidos por *Salico*, *Juda-Cheio* e mais que não ocorrem à memória.

Julio Cadaval.

Inspirações masculinas

O! o nosso coração! Esse belo e enigmático marcador dos nossos sentimentos, bate com mais força, fervor, apaixonado e quase desesperadamente, naquelas que, ultra-

passando os limites da idade, aspiram ao menos um desdentado e sebento marquez, que, estando na florecência dos seus setenta e nove janeiros, possa despoza-la.

Biron Pancy.

Já houve homem que, ficando viúvo, se cazasse com a mãe da ex-mulher!... tal a paz que reinava ali.

Bocó.

Um homem sem filhos é como a árvore sem galhos.

Biltre.

O homem solteiro é um navio, num mar revoltado, sem velas.

Biron.

Quem cazar com moça branca Ganhará um coração;
Quem cazar com moça preta Ganha um côco com carvão!...

Biron.

O homem, de cujo casamento traz para seu lar, com todos as formalidades do estilo, esse anjo da paz esse querubim formoso que se chama sogra, pode, com ufania, dizer que implantou a harmonia bendita.

Max.

...Conceber um ideal anima-

NA VIDA

Manhã! Brincam nuvens formozas, dionais,
E o lindo sol, doirando em rutilos arminhos,
Aquece, entre a docura harmônica dos pais,
No ninho adormecido, implumes passarinhos.

É noite! Entre o negror as formas espectrais
Percorrem num bailar a orla dos caminhos,
Sorrindo num montão de plantas naturais
E logo se escondendo a um lado entre os espinhos.

Assim é do poeta a alma entristecida;
—Desperta num sonhar de mil venturas primas,
Embalado nos sons dos beijos e das rimas!

E quando o sol descamba em quêda amortecida,
Choro o gôzo do amor no pensamento imerso
Soltando uma por uma as lágrimas do verso!...

D. Vasconcelos.

lo como uma mãe anima um filho, ajeita-lo, vesti-lo cada dia com uma perfeição nova, e, de repente, vê a realidade impor-se esmagadoramente prozaica, chatamente bruta, bestialmente chata!... é doloroso...

Julio Ribeiro.

Quando a luz da ciência fala, todos se curvam; só se pode debater com ela a própria ciência.

Quando a ignorância fala, tudo quêda; só se pode debater com ela a própria ignorância.

De.

O ignoratismo é inconveniente.

Deef.

O matrimonio e a loteria são identicos entre si; namora-se dez para despozar uma.

Jobrades.

O Canhôtô Elegante

Natalizaram-se: a 26 ultimo, a garrula e meiga Atala Paraiso, filha do nosso amigo Artur Paraiso; a 27, a gentil senhorita Maria da Gloria Belo, difeta filha do Telografista Artur Belo; a 29, a aurovel senhorita Imbel de Sá Vinhaes, irmã das nossas inteligentes consocias Cristina e Branca Vinhaes, e um dos mais admiráveis ornamentos do escol maranhense; a 30, a nossa simpatica assinante Raimunda Vasconcelos, aplicada aluna do Liceo

Maranhense; a 31, o capitão Raimundo Nogueira de Souza, competente funcionario da Associação Commercial; a 4, o tenente Almir Saldanha da Silva, funcionario postal, o defensor inveterado da França nas discussões da actual confagração e o nosso apreciador e amigo Rozalindo Seabra; a 5, a Exma. Sra. D. Apa Passarinho da Rocha Souza, virtuosa consorte do capitão Raimundo Nogueira de Souza e o simpatico jornalista Waldemiro Viana, e a 7, a talentosa e carinhosa Zelia Viana, carinhosa irmã da nossa distinta colega Luiza Viana.

Natalicim-se: amanhã, a menina Gracinha Jorge, interessante e travessa filha do Sr. José Francisco Jorge; a 16, o telegrafista José Gaioso Neves, apreciador poroso do luar do Cão da Sagração; a 19, a estudiosa liceista Hilda Lopes, nossa apreciadora constante; a 22, a senhorita Antonia Chaves; a 25, as nossas apreciadoras gentis Antoninha Maia e Zica Jorge; a 28, o coronel Augusto Botelho de Andrade, extremamente pai dos illustres membros desta cooperação Cezaltina e Lilia Botelho de Andrade, e a 29, o nosso brilhante confrade Luiz Viana, actualmente no Rio de Janeiro, do onde, por intermedio da «Pacotilha», nos dá a lér as mais belas e apreciáveis crônicas da actualidade, arquirotadas sob o patrocínio do seu fulgurante cultivo literario.

Clovis Castro

Além das alegrias que nos trouxe o inolvidavel 7 de setembro, um outro contentamento, não menos intenso, nos povoou o coração, naquele faustoso dia, foi o aniversario natalicio do nosso companheiro Clovis Castro, Vice-presidente desta sociedade, que, com raro zelo e competencia, exerce o cargo de Praticante dos Correios, neste estado.

No tempo de guerra, em que nos vemos actualmente, nos entrincheiramos em uma das salas desta associação, e, aguardando a entrada do Clovis, investimos contra elle, num ataque de abraços e aclamações sinceros e justos.

Na ata dos trabalhos daquele dia, foi lançado um voto de congratulação pelo festejado evento de 7 de setembro.

Cezaltina Botelho

Em 16 proximo, transcorrerá a data natalicia de Cezaltina Nogueira Botelho de Andrade, um dos ornamentos da fina elite maranhense, que temos a suprema ventura de contar em meio das nossas gentis consocias. Esta colega, que se impõe á viva admiração dos que a conhecem, pelo seu cativante delicado modo de tratar, é uma das mais devotadas batalhadoras em prol da nossa cruzada. Foi uma das primeiras moças que iniciaram essa falange de senhoritas cultivadoras incessantes das letras, que pertencem a «Rio Branco», dando mais coragem e impulso ao seu levantamento.

Miguel Ribeiro

Entragando aos labores de sua vida afeitada e lutas quotidianas, passa, em 29, o natal, a nossa plágia itapocurionense, o nosso colega cujo nome encima estas linhas. E, lá, funcionario da Companhia São Luiz & Caxias, e, de longe mesmo, não nos abandona, emprestando-nos, tanto quanto pôde, o seu valioso apoio.

Manifestação justa

Veio em nossa redacção uma comissão composta dos jovens esdantantes: José de Riba-mar Pereira, Francisco Teixeira Leite, José Maria Fernandes, Nilo Monteiro, Rinaldo Cunha, João Rodrigues de Oliveira, Fernando de Moura Viana e Adalberto Serrão Branco, que nos convidou a assistir os festejos que vão ser feitos, hoje, em homenagem ao natalicio do dr. Oscar Duarte de Barros, director do Instituto Maranhense, um dos mais acrotidados estabelecimentos de ensino, onde se ministra, com mestria, a educação moderna.

O dr. Barros, pelo cavalheirismo do seu trato, está de posse de todo o acatamento e admiração dos seus dicipulos.

E' este o programa organizado pela comissão: ás 20 horas, uma conferencia litteraria pelo dr. Antonio Lopes, ás 21, um concerto vocal e muzical, onde tomará parte o eximio pianista dr. Carlos Marques, o violoncelista academico Enéas Costa, o aplaudido tenor Antonio Vivas e o esmerancoso bariton-amador José de Riba-mar Pereira.

Depois do concerto, seguir-se-á uma *soirée* dansante, para a qual já foram feitos todos os convites.

A decoração do predio está a cargo da casa Baltazar Pereira, a muzica externa do corpo policial o acompanhará o sariu dansante a harmonioza orquestra do Palacio.

Será, certamente, uma festa brilhante, atendendo ás innumeras simpatias que conta o aniversario no seio da sociedade culta maranhense.

Esta redacção, onde o engenheiro Oscar de Barros conta largas menses de admiradores, muito efuzivamente o felicita.

A todos os aniversariantes acima, a Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco» envia daqui as mais cordiais felicitações.

Vizitas

Neste mez tivemos o prazer de receber a vizita do nosso confrade Paulo Eleuterio, aluno da Universidade de Manáus, que anda em excursão pelo Brazil. O joven batalhador da imprensa amazonense fez aqui duas festas litterarias, que obtiveram o melhor triumpho ao seu talento.

Tambem viziton a nossa redacção o sr. Henrique da Silva Guimarães, presidente da Sociedade 14 de Julho.

Gratos pelas vizitas.

D. F.

—*—

Canhotadas...

Os melhores culinarios não costumam provar as ponélas com os pes.

O mocotó exije limpeza rigorosa dos intestinos do animal.

Por mais amizade que tenhamos aos moveis não devemos abraçá-los.

Entre galiñaceos:

Fala o galo: compadre, estou envergonhado, pois a minha moradia é classificada de galiñeiro. Julgão poventura que a minha rezidencia é casa de Gonçalo?...

As pessoas dotadas de perfil bonito só deverão andar de lado.

Por menor que seja um relógio de aljibeira nunca devem as senhoritas uza-lo na ponta do nariz.

Não é higienico namorar aos beijos quem tem a boca *marianica*, isto é a mariano.

Os purgados devem abster-se de trajar branco; si assim o fizerem comprometem sua vaidade.

Aos conquistadores não é conferido, pela constituição do amor, selarem os seus requerimentos de admissão com... beijos...

E' muito raro uma donzela de 30 anos ter fé em S. Antonio.

Uma mulher nunca ama eternamente; ama até aos 45.

Os cofos de carvão, ainda mesmo pintados, não podem servir para os chapéus da nova moda,

Quem abotoa espartilho para traz não tem pretensão a elegante.

Quem tem sogra tem advogado para as questões cazeiras.

Um cavalheiro sempre deve esperar que uma dama o vá tirar para dansar.

E' encomodo segurar a tezuira com os dedos dos pés para cortar as unhas dos dedos das mãos.

A mulher tem por habito perder a idade depois dos trinta.

Entre maliciosos

Pergunta o Filomeno a uma senhora cazada:

—Infrinjur o nono mandamento é um crime social?

—Não; retorquiu ela.

—Neste cazo... amo-vos...

—Obrigada; corresponde-lo é.

Sociedade Literaria

"Barão do Rio Branco"

O Canhôtô Falado

O fulgurante companheiro de lutas Djalma Vasconcelos, em sessão de 7 do corrente, propoz que, a exemplo do que já se pratica na Capital do Paiz e em varios Estados da União, fosse adotado por esta sociedade o sistema de jornal falado, o que virá, a ser um não pequeno progresso em nossos labores literarios.

Aceita com entusiasmo a nòvel idéa ficou deliberado que sairá o primeiro numero no proximo dia 20, tomando parte os socios que logo se inscreveram, cada qual em sua seção.

Os convites, que serão feitos oportunamente, estender-se-ão aos socios e a todos os assinantes.

E' de esperar que seja coroado do maior successo mais este nosso gesto progressivo.

Biblioteca

Continúa muito frequentada pelos socios e socias e distintos vizitantes a nossa biblioteca instalada no prédio onde funciona a redação d' "O Canhôtô".

Varias

Em sessão de 7, foi eliminado por infração do regulamento o socio efetivo Manuel Ferreira Pinto Garrido.

Gavêta canhóta

Recebemos: "O Lepido", de Terezina, numa edição luxuosa, trazendo na 1.ª pagina o retrato dos seus directores, além duma colaboração bem cuidada e apreciavel; "Pegureiro da Fé", organ da União Espirita Maranhense. Traz um editorial variado, sintetizando a devotada dedicação dos cultores daquela ciência no nosso estado; "O Timoneiro", no seu 1.º numero. E' organ da Sociedade Filatelica São

Luiz, e tem como redatores os nossos companheiros bachareis João Caldas e Djalma Sacramento. T'á farta e variada colaboração literaria noticiosa e recreativa.

Pelo hospital dos don... dos

Aquiles Loiola (capital)—Sua poesia está arquivada no cesto de lixo. Continúe.

Jomaduno (Amarante) Si sua colaboração vier no nivel da nossa, será publicada.

J. Nina (São Luiz)—Entenda-se com o illustre espirita Cand. Bispo, que só não plajia o que não acha bonito...

Seu conto é aparentado da Caôlha de D. Julia Lopes.

Garrido (capital)—Isto de "alma de moço" e "falanje de pleiade" é com o cronista do "Vol d'oiseau", o bacharel Garrido.

Bitóla (Riba-mar)—Se suicida, mas não amóle a paciência alheia com suas babozeiras. Proponha-se para colaborador d' "Os Simples", que faz coiza melhor.

Direito.

Regulamento da Sociedade Literaria BARÃO DO RIO BRANCO

Fundada em 18 de Agosto de 1913.

(REFORMA)

A sociedade, seus fins e sua administração

Art. 1.º Com o titulo de Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco", sendo patrocinada pela memoria desse inolvidavel brasileiro, e de accordo com as deliberações tomadas em sessão de 18 de Agosto de 1913, fica fundada esta associação com o mesmo programma das suas conjeneres dos diversos estados do Brazil, tendo por principais fins o seguinte:

a) preparar os seus associados a poder cultivar a litteratura, principalmente por meio de um periodico, que circulará, pelo menos duas vezes por mez, denominado "O Canhôtô", e que será distribuido gratuitamente aos socios e vendido, por preço minimo, ao publico;

b) divulgar esse periodico, além das colaborações litterarias dos socios, informações sobre o desenvolvimento litterario do Brazil, e tudo quanto disser respeito á litteratura e possa interessar aos cultores das letras;

c) exercer benefica influencia em favor do engrandecimento da litteratura, realizando sessões civicas, litterarias, jurís historicas, etc.;

d) manter uma biblioteca, que será formada de obras de proveito litterario, instrutivo e recreativo.

Art. 2.º A sociedade será extremamente de qualquer idéa religiosa, politica, partidaria ou particular.

Art. 3.º A sociedade será administrada por uma Diretoria composta dos seguintes membros:

1 Presidente, 1 Vice presidente, 1 Primeiro secretario, 1 Segundo secretario-bibliotecario e 1 Tesoureiro.

Art. 4.º A orthografia official será a moderna, conforme as regras da Academia Brasileira de Letras.

Dos socios em geral

Art. 5.º Os socios serão assim distribuidos em os seguintes quadros:

a) honorarios—os que prestarem serviços de grande relevancia á litteratura, serviços estes reconhecidos, pela sociedade, em sessão;

b) benemeritos—os que fizerem donativos da quantia de 100\$000 a mais ou doçõs equivalentes;

c) fundadores—os que até o dia 18 de Agosto de 1913 pertenciam á antiga Sociedade Jornalística "O Canhôtô";

d) efectivos—em numero de 20, sendo, porem, elevado por senhoritas da nossa sociedade, as quais serão izentas de pagamento;

e) colaboradores—em numero indeterminado.

Art. 6.º Todo socio, excetuando os honorarios e benemeritos, será obrigado a concorrer mensalmente com a importancia de 3\$000, devendo satisfazer esse compromisso até o dia 10 de cada mez.

§ 1.º O socio que não puder contribuir no prazo estipulado deverá comunicar á Presidencia, que, segundo as finanças sociais, marcará um prazo para a sua quitação.

§ 2.º Si decorrido um mez depois do prazo concedido, o socio não satisfizer o seu compromisso, será, então, eliminado.

Dos deveres do socio

Art. 7.º O socio deverá:

1º—cumprir fielmente as disposições do presente Regulamento;

2º—comparecer a todas as sessões, ou em caso de não poder, constituir um seu representante para cada sessão;

3º—portar-se convenientemente com respeito, moralidade, decencia e ordem na sessão social;

4º—respeitar e acatar o socio quando estiver no exercicio de suas funções;

5º—participar por escrito ao Presidente quando mudar de residência.

(A seguir.)

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º



S. Luiz, 4 de outubro de 1914



NUM. 46

Memórias

Creio que em todo o lugar há pessoas que em tudo se querem meter. A história é um tanto longa e antiga; mas, se a dezo-
mam ler para conhecê-la, tenham um pouco de paciência...

Em 1892, o maestro Antonio Raiol orga-
nizou os pastores líricos, letra de Pacifico
Bessa e outros cujos nomes agora me es-
capam; e musica original daquelle compo-
nista e de diversos maestros nacionaes e es-
tranjeiros, por elle artisticamente coordo-
nadas e adaptadas. O principio da meada é
e etivamente em 1892; não é a essa tem-
porada, porém, que me quero referir. Nesse
ano, alem de ter sido organizada a peça, foi
ela encenada e representada. Dessa época
é só isto.

Dez anos depois, isto é, em 1902, tentou
Antonio Raiol executar pela segunda vez
os ditos pastores líricos, melodrama em
dois atos. Os ensaios que correram com
muita regularidade, principiaram em outu-
bro, e as vozes eram protegidas pelo acom-
panhamento de flauta, clarinete, rabeca a-
compañadora e baixo. Repetidos ensaios
de bailados realizaram-se não no mesmo
edifício em que principiaram, mas no teatro
San-Luiz, onde seriam efetuadas as repre-
sentações. Ao aproximar-se o dia da estreia
e fossem isto dias antes dele, procederam-
se aos ultimos ensaios, com orquestra, sen-
do na véspera, o geral, ou redondo, como
diziam as moninas, que graciosamente to-
maram parte.

Para chegarmos ao fim da tal historia,
carece-nos da paciência que solicitei ao ini-
ciar estas linhas. Explicarei, ainda, a ma-
neira por que era disposto o conjunto or-
questral.

Compunha-se não direi a equilibrada,
senão a regular orquestra, de duas primei-
ras rabecas, três segundas, uma violêta,
um contrabaixo, uma flauta, um clarinete,
um oboé, um fagote, dois cornetins de pistons,
dois trombones, um par de timbales, bom-
bo e prato. Por aqui se vê que apesar do
não corresponder os instrumentos de cordas
aos de sopro, na proporção de 3:1, não era,
contudo, das mais dezechilibradas.

Era um delirio nas exhibições. Forma-
ram-se os partidos da galega e do guia, e,
dias depois, outros. Os cantos eram cons-
tantemente interrompidos pelas manifesta-
ções calorozas dos partidarios. Como era
bela ver-se o decor dos grupos trajados
daquellas tunicas e daquelles mantões de
variadas cores!

Um dos trechos mais impressionantes do
melodrama, e, sem duvida, o do guia e coro
anjelico que é um concertante adoravel.
Ha nele um quê de artistico e misterioso...

Cheguemos, em fim, à encantada historia.

Numa das primeiras representações, um
cidadão, se me não atraia a memória que
tinha algo de interesse no exito da execu-
ção, dirigiu-se ao maestro diretor da orques-
tra, aconselhado, talvez, por um desses
entendidos que pululam nas coizas do arte.

— Maestro, diz o pandego, acho que a
orquestra não satisfaça.

— ?!

— Faltam instrumentos.

O maestro encolheu os ombros e elle con-
tinuou:

— Falta, pelo menos, um instrumento
cantante. Um trombone, por exemplo.

O maestro, com a sua placidez, conten-
tou-se em dizer-lhe que se não dispunha
já de trombones, salvo, se importassemos
algum...

A. C.

Fatos e Fitas

Enquanto a velha Europa se bate
e se aniquila sanguinaria na mais
encarnizada e estupenda das cam-
panhas, nós, aqui, nestas poeticas
pl. gas brasileiras, vamos vivendo,
despreocupadamente, voltados para
o curso dos acontecimentos, sem me-
ditar, ao menos um instante, sobre o
nosso futuro.

A guerra, esse polvo sinistro, filho
de um imperio maldito, que espreme
o velho mundo, põe em nós, os re-
flexos deprimentes da miseria devas-
tadora.

Cada vez mais sobem os preços
das tabelas commerciaes, cada vez
mais o cambio nos persegue e cada
vez mais damos um passo de retro-
cesso na civilização.

E' uma verdadeira lastima.

Hoje, nos chega um telegrama
oficiôzo afirmando que um *zépelinho*
tudesco lançou um *esplojo* sobre
Berlin, e, por isso, por esse *verda-*
deiro acontecimento belico, o pa-dei-
ro tira uma polegada da bitôla, o
lojista diminui o metro, o carnicheiro
substitue os pezos, e todos sofrem.

Mais tarde, outra nota denuncia
ter um refimento belga cercado a
culuna moscovita de oeste, e outra
vez o commercio se aproveita e san-
guesuga o povo.

E assim é tudo; cada nova que
chega corresponde a um novo assalto
descarado ás nossas aljibeiras.

Maldita guerra!...

Si fossemos um povo laboriôzo e
em vez de estacionarmos estupe-

factos ante as taboetas negras das
redações, pegassemos a enchada
produtora e fôssemos lavar a terra,
talvez um futuro mais bonançaço
nos aguardasse, talvez uma estrêla
mais brilhante nos sorrisse.

Infelizmente, porém, o marasmo
entorpecente nos avassala e domina.

Quando a fome do sangue deixar
a Alemanha satisfeita; quando o
acendrado patriotismo da França
exultar; quando a força gigantesca
da Inglaterra fizer tremular o pavi-
lhão da vitoria; quando, enfim, todo
o velho continente descansar da re-
frega mortifera, o brasileiro, como
a vadia cigarra da fábula, olhando
em redor, sentir-se á abatido como
se houvesse participado, realmente,
da luta, e revoltar-se-á da sua iner-
cia.

A fome, com ares imperiaes, nos
enviará seu *ultimatum* e as suas
hestes nos tomarão de assalto.

Até vêr não é tarde.

Hilpafor.

Coordenando

Foi-se o fatidico mez de agosto, le-
vando apôz todo o seu longo sequito
de dezastres.

Ainda bem que já tenhamos dobrado
a segunda esquina depois dele, ouvimos
o murmuro de sua passagem, ainda de
leve.

Desde nossos avós, era tido agosto
como o terror de todos os annos; apon-
tava-se a 1.ª segunda-feira e o dia de S.
Bartolomeu como os mais terríveis. A
proporção, porém, que a pilha de se-
culos se foi alteando, o foi também a
má estrela do mez; espera-se em todo
o seu decurso os mais funestos dezas-
tres.

Não foi, portanto, uma grande sur-
preza o desaparecimento do Pio X,
justamente no momento em que o velho
continente mais carecia dos seus servi-
ços para o empreendimento da paz
européa. Foi obra da fatalidade que
tinha reservado esse desfecho para agos-
to.

A furia imperial alemã e real prussi-
ana mais se acenderam nesse mez, a
ponto de querer aderir a seus dominios
todo a Europa; por momentos esperet
arrebentar a mania da conquista da ca-
deira papal.

Tudo isso foi influencia de agosto,
como também foi o prejuizo do nosso
agente consular da França.

PARNÁZO

EM SONHO

Verdade

Sonho maldito

Sonhei que tu batêste, silenciosa,
A porta onde eu, tranqüilo, repousava.
Que um sentimento estranho experimentava
Ao sentir, no meu quarto, odor do roza...

Saltei do leito; e tu sempre formosa
Vieste aos braços meus; eu enlaçava
O teu formoso busto, que oxalava
Um perfume de anjélica viçoza.

E arfava tanto a curva do teu seio,
Que me entregaste o labio em terno anseio
Num doce beijo, quente e demorado...

Partiste; e a madrugada ia raiando!
Ai! quem me dera estar sempre sonhando
Pra sempre estar por ti sendo beijado!...

De Alice o amor a relembrar eu choro,
Tantas carícias que a gozar passei;
Choro as saudades do que já gozei
Com Laura injenua, cujo amor deplorei...

Bendigo os beijos de outra amante; e sei,
Quando ao falar-lhe, como eu tremo e coro
Por ver-lhe os lábios que, em beijar sonoro,
Aos lábios meus, com frenezi, coleí...

Choro esses tempos que já são passados;
E na doce fragrância dos valsados
Tudo relembro em marigal d'amores.

E em fremente dansar, em terno anseio,
Amo os belos contornos do teu seio,
Te conquisto, Lucinda, e spóz Dolores...

Em noite iniqua de tristeza cheia,
Sonhei que era profeta e cartomante,
E assim me vi no mundo, delirante,
Da vida oculta desdobrando a teia.

— Depois de muitas mãos revêr, arfante,
Li minha sorte e vi que me rodeia
Um facho que a ventura em mim clareia!
Outro que põe-me da desgraça adeante.

— Cercavam-me dois anjos sorridentes
Afagando-me a fronte entristecida,
Tendo a cor das manhas alvinitentes...

— E desde então, — é triste a minha sorte
Um me conduz aos parâmetros da vida,
Outro me leva ao pelago da morte!...

D. Fortuna

D. Vasconcelos

Hilton Fortuna

"O Canhoto"

Orgão da sociedade literaria
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho, n. 53 — Maranhão.

Presidente, Djalma Fortuna; Vice-presidente, Clóvis Castro; 1.º Secretário, Hilton Fortuna; 2.º Secretário, bibliotecário, Djalma Vasconcelos; Tezoureiro, Joaquim Luz.

Assinatura anual..... 2\$000

"O Canhoto" será enviado á imprensa, mediante permuta.
Aceitam-se anúncios por preços módicos.

E como estes muitos outros se passaram por esse mundo velho e ainda ignoramos.

Deixemos, porém, esses incidentes e viremos a pajina.

Chega-me aos ouvidos um silvo agudo; sucede-se outro; que será?!

Depois de minuciosas pesquisas conclui que eram dois namorados que se correspondiam.

Era o caso de uma vizinha que namora sem conta; avaliam que não ha ainda seis mezes que a conheço, já tive ocasião de contar o mesmo numero de namorados seus. Não direi no entanto que fui na onda e esbarrei na praia do dexe-gano.

Mas não suponham que estou despeitado, assim falando. Não, não ha tal, isto foi apenas para dar a entender que os silvos partiram da minha vizinha e do competente pequeno.

O chic do flirt — um silvozinho para celebrar.

Pelas praças, igrejas, cinemas, por toda parte, enfim, percebe-se o flirt pelo silvo, anunciador.

Se o namorado chega e não encontra a pequena, basta alongar os lábios, absorver o ar imprimindo-lhe assim um som agudíssimo e logo ela aparecerá.

Foi isso o que ouvi.

O pequeno chegou e assobiou, ela ouviu e correspondeu. Daí a nada conversavam satisfeitos.

Mas na época em que estamos tudo é fictício, ninguém tem garantias.

Ainda não tinham chegado a meio dos derriços iniciais, já o classico pai da pequena, no papel do kaizer, desbaratava a aliança dos dois namorados.

Naturalmente quando iam tratar da Guerra, o assunto-chapa, tiveram-na de assalto e pronto, tricaram reciprocos ultimatums e romperam as hostilidades.

Irbério.

Real e Justo

Pobre homem!... Quem poderia supôr que aquêlê chefe de família, de idéas tão lucidas, e valiosas, de procedimento invejável, cujos dotes simbolizaram um modelo de virtudes paternas, viesse tombiar inesperadamente, no repudiável caminho do vício e da corrupção!

Ele, que inda ontem era tomado como exemplo á educação moderna, êle que tanto era admirado pela sua nobreza de carater, pela sua honradez e dignidade moral, é hoje esclusivo objeto da critica, do escárnio e do ujo.

Foi sempre bom filho, bom irmão, sincero e amigo; porque sofreu essa atroz transformação?... O Natureza impiedosa!... Tu que propagas justiça em todos os recantos do universo, tu que és tão pura, tão cheia de bondade, esqueces o filho, e o deixas embrenhar no abismo da perdição!...

Não creio que o faças.

Ea que contemplo e admiro os teus feitos, o colosso sublime e impalpável do teu poder infalível, compreendo a forma inimitável com que dissertas sobre cada um de nós, quando enviado para este planeta vil e laborioso; somos qual a embarcação que, ao partir dum porto, conduz a sua derrota; portanto, dêle não nos podemos furtar o cumprimento-lo. Amando foi bom e sensato, hoje é mau, indecoroso.

A torrente inconsolável de lagrimas vertidas pela noiva ao encaminhar-se para o paço conjugal, acompanhada pelos demais membros da família é justa e justíssima, porque é aluziva ao infortunio inevitável, que pode estar reservado a cada vivente. Chorai, pais, irmãos, que todos vós chorais e chorais com razão.

Braga Mendes.

Sociedade Literaria

"Barão do Rio Branco"

Para o quadro de socios colaboradores entraram os Srs. Vitor Pereira de Azevedo e Raul de Moura Carvalho.
E' este o estado social:

Efetivos.	Socios....	15	
	Socias....	23	38
Colaboradores.....			16
Honorarios.....			3
Benemerito.....			1
			59

Sessão

A requerimento dos socios José Vianaes e José Braga Mendes, realizou-se a 18 do ultimo mez, uma sessão extraordinaria, na qual foram propostas varias alterações ao regulamento.

Tezouraria

Em vista de ter seguido para o Estado do Ceará, licenciado, o tezoureiro, Joaquim Luz, foi nomeado para substituí-lo, interinamente, o confrade João Vitor Ribeiro.

O Canhoto Falado

Realiza-se no proximo dia 17, a aparição do 1.º numero deste novo meio de diversões literarias, adotado recentemente nesta sociedade, para o que reina grande entusiasmo.

Espera-se o comparecimento de todos os socios.

Biblioteca

Continua sem alteração.

Falecimento

Trouxe-nos o telegrafo a lamentavel noticia de haver succumbido, no vizinho Estado de Serjipe, a 10 de setembro ultimo, o conceituado sr. Manoel Joaquim Carvalho.

O extinto era sogro do nosso amigo João Ferreira de Lima Nascimento, 2.º escriptorio da Alfandega, a quem, como aos demais parentes, enviamos os nossos mais sentidos pezaes.

Canhêto Elegante

Sociedade "Silvio Romero"

No dia 20, realizou-se com uma colossal imponencia e esplendoroso brilho a inauguração da União Estudantil "Silvio Romero".

A sociedade, que tomou por patrono a immaculada e gloriosa memoria de Silvio Romero, o escriptor fino, o brasileiro amigo e erudito jornalista, está baseada nas mais firmes e possantes colunas das vontades fortes de uma pleiade de inteligentes rapazes que cursa os bancos do liceu.

Fizeram-se ouvir diversos oradores e entre eles se salientou a palavra sabia clara e desembaraçada do grande mestre Antonio Lobo, que, de improviso, mostrou, numa bela peça oratoria, o quanto temos decaído em materia de literatura, dando como exemplo a fecunda Atenas de hontem e a indefinível Atenas de hoje.

Terminou mostrando que os amigos dos homens são os livros, com quem poderão um dia contar como fideis, e nunca como traidores.

E, nós que sabemos o quanto amor dispensam ao estudo os fundadores do "Silvio Romero", deixamos aqui consignados os nossos votos de congratulação, pelo progresso e fraternidade de tão futuroza instituição.

A Sociedade Literaria "Barão do Rio Branco" se fez representar pelos socios Djalma e Hilton Fortuna e João Vitor Ribeiro, usando este da palavra.

Aniversarios

Nataliciam-se: a 7, a inocente Conuelo C. Maia; a 8, a distinta e competente professora Zelia Campos, prezada irmã dos nossos amigos Sebastião e Palmeiro Campos; a 12, a Exma. Sra. D. Corina M. Ferreira, virtuosa consorte do Sr. Vicente M. Ferreira; a 13, o estudioso liceista Astrolábio Caldas, extremado irmão dos nossos consocios João e Corina Caldas; a 14, o sr. Augusto Melo, da Imprensa Oficial do Estado; a 17, o sr. José Camões, habil telegrafista do Cabo Submarino; a 22, o nosso amigo João de Sá Vinhaes, irmão das nossas inteligentes colégas Cristina e Branca Vinhaes; a 28, o sr. José Gregório dos Reis, contador da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional em Sena Madureira; a 30, a interessante Lucina, filha do nosso consocio Major Alfredo Fortuna e irmã dos nossos consocios Djalma e Hilton Fortuna.

Elzulla e Noemi Souza

A 6 e a 12, respectivamente, a caza da familia Souza achar-se-á prenhe da mais soberba e encantadoira messe de alegria, pelo aniversario das nossas distintas consocias Elzulla e Noemi.

Dois espiritos cultos e inteligentes, afeitos ao apurado estudo, modelando num só gesto a lhanza do trato, e a cativante simpatia. Tem cada uma delas gravado nos nossos corações de devotados apreciadores, um culto de admiração, de amizade e de respeito.

Enviamos os nossos sinceros cumprimentos por tão auspicioza data, elevados até a ex.ª familia.

Ana Amélia Viana Torres

Entre o carinho estremo de seus idolatrados pais e dedicação sincera daqueles que a admiram, passará, no dia 13, o aniversario natalicio desta nossa distinta consocia, a quem do coração desejamos as mais perenes e sublimes venturas.

D. Francisco

O bondoso pastor da igreja maranhense, D. Francisco de Paula e Silva, verá transcorrer no dia 21 mais um ano do seu natal. Nós, que, de perto, admiramos as suas virtuosas qualidades, quer como sacerdote quer como homem publico cujos atos são immaculados, vimos hipotecar os nossos sinceros votos de felicidade e paz a tão inteligente e apreciado orador sacro.

Odiã Nogueira

Terá seu lar em festa, a 30, o nosso bom amigo Alfredo Nogueira, pelo aniversario da sua idolatrada filha Odiã Nogueira, nossa distinta consocia, que faz parte da mais fina seleção maranhense e tem concentrado e feito impor entre nós, o seu nome, que é digno de mais alto merecimento e da mais fina e leal atenção.

Consignamos os nossos sinceros parabens por tão venturoza data e elevamos aos seus irmãos e virtuosos pais.

Festas intimas

A 21 do proximo passado, realizou-se em caza do nosso admirado consocio Dr. Anibal Andrade, em virtude do natalicio do seu primojoenito o interessante Anibal, uma festa intima que se prolongou até alta madrugada quando todos satisfeitos saíram cativados pelo fino trato da familia Andrade.

Lá nos fizemos representar pelos nossos consocios José Braga Mendes e Djalma Vasconcelos.

Ainda a 26, realizou-se uma outra intima brincadeira em caza do Sr. Eduardo Melo, competente gerente da "Caixa Popular", por motivo do seu natalicio.

A caza regorjirava de moças, como que traduzindo um sorriso em cada labio e um amor em cada peito.

A dansa terminou as 24 horas, nada deixando a dezer, em virtude da fineza do trato e solicitude do aniversariante e familia.

Joaquim Luz

Partiu a 25 em companhia do Sr. Francisco Castro para o vizinho Estado do Ceará, o nosso amigo e leal companheiro Joaquim Luz, que, não muito tarde, nos tornará dar o prazer da proza e agradabilidade que lhe são peculiares.

Que o nosso Jovira se expanda na bela terra da "Virgem dos labios de mel", e que brevemente nos dê o seu amoravel abraço são os nossos sinceros votos.

— Foi, segunda autorização do Sr. Dr.

governador do Estado, readmitido o Sr. Guilherme Matos, no lugar que a tempos exerceu no Tezouro Publico do Estado.

Por esse motivo enviamos-lhe os nossos votos de congratulações.

— Por ter de partir para o Rozario, veio nos trazer, a 28, o seu abraço de despedida, o esperançoso joven Benedito Muniz, a quem desejamos uma feliz viagem e uma boa estadia no pitoresco Rozario.

Dr. Julio Costa Junior

Transcorreu a 1.ª do corrente a data natalicia do Dr. Julio Costa Junior, competente engenheiro fiscal do governo federal junto a Companhia de S. Luiz á Caxias e carinhoso progenitor das nossas amiguinhas Camélia e Magnólia.

Ao distinto aniversariante e á sua Exma. familia, embora tardios, mandamos os nossos mais sinceros parabens, fazendo limitados votos pela sua prosperidade.

Concerto Adelman

O nosso prezadissimo contrade e fulgurante muzicista, Adelman Corrêa, realizará, no proximo dia 12, no Teatro Cinema Palace, um concerto, cujo programma, organizado caprichosamente, é uma verdadeira e finissima seleção de arte.

E de antever, pois, que mais este festival do inspirado maestro se revista do maior successo e que os assistentes lhe não regateiem aplausos.

Ao amistoso convite que nos dirige só podemos responder com um abraço de congratulações.

Bodas de prata

Na intimidade do lar, teve a felicidade de solenizar, a 7 de setembro, o 25.º aniversario de seu consorcio, o distinto cavalheiro Joaquim Mendes da Rocha e a Exma. Sra. D. Izabel Nobrega Passarinho da Rocha, carinhosos progenitores da Exma. Sra. D. Ana Passarinho da Rocha Souza, virtuosa consorte do Tenente Raimundo Nonato de Souza.

A todos os nossos efuzivos saudaes.

A Republica Portuguesa

Amanhã, passa a faustoza data em que foi proclamado o rejime republicano em Portugal. Comemorando esse feliz evento, o Centro Republicano Portuguez realizará em sua sede uma sessão solene, ás 20 horas, para a qual recebemos amistoso convite, que muito agradecemos.

Colégas

Recebemos o n.º 2 e 3 d'«O Timoneiro», jornal literario e noticioso, organ da Sociedade Filatelica S. Luiz, que em pouco tempo experimentou um grande progresso, atendendo á aceitação simpatica que teve pelo povo ateniense. Traz farta e variada colaboração de penas de merito firmado.

Igualmente recebemos a «Gazetinha», do Rio, de cujo corpo colaborador faz parte o nosso talentoso companheiro Ajenor Santos. Trazem os numeros que nos vieram bem cuidada colaboração.

Carta aberta

Meu Vasconcelos

Conhecemo-nos de muito, e, assim sendo, somos amigos velhos. Logo, entre nós não há, nem deve haver, a rotina melancólica que entre muitos há.

Diz-me, amigo: que achas sobre a nossa deturpada maneira de escrever?

Si te pergunto isto, não é para me vires dizer de *cumbulhada* com o grande filólogo Cíndido de Figuerêdo, que a academia brasileira cometeu um grande assíntico na nossa língua, sem respeitar sequer a nossa etimologia; não, quero que me des a tua desinteressada opinião, o que há resultado do teu estudo assíduo até o momento atual. Quanto a mim, sabes que reconheço a reputada competência do Dr. Cíndido de Figuerêdo, como reconhecimento igualmente a dos ilustres membros da academia brasileira.

Como sabes, eu sempre apreciei as discussões; e para que não discutamos somente um em frente ao outro, apresentando coisas futeis, autorizadas por sábios e filólogos de nomes inventados por nós, discutamos por este meio, pois isto já é um ramo de esporte muito diferente.

A reforma da ortografia, pela qual escrevo, creio, só pode ser comparada a inesquecível reforma do ensino feita pelo ministro de idéas elevadas.

A academia prometeu quando deu ao público as regras da reforma, breve e paulatinamente ir reformando a ortografia, afim de mais facilitar a nossa maneira de escrever.

Esso ficará para as *calendas gregas*. Sauda-te.

Dante Faria.

EXTERNATO RIO BRANCO

☞ Sêde - Rua 28 de Julho, 53 ☞

Curso primário e secundário

DIURNO, das 7 às 11 horas.

NOTURNO, das 19 às 22 horas.

O ensino obedece os mais modernos métodos até agora introduzidos nas escolas. - Preço modico.

Regulamento da Sociedade Literaria BARÃO DO RIO BRANCO

Fundada em 18 de Agosto de 1913
(REFORMA)

Continuação)

Dos direitos do socio

Art. 8.º Os estatutos asseguram ao socio, sem distincção de classe, a inviolabilidade dos seus direitos, nos termos seguintes:

1.º - ao efetivo, deliberar livremente sobre a aceitação ou não aceitação de um cargo, salvo se for por

eleição, porque, sendo assim, será obrigado a aceita-lo, embora, depois de empossado, tenha de renunciar;

2.º - ao mesmo, votar e ser votado nas eleições, e ao colaborador o direito exclusivo de votar;

3.º - manifestar se livremente por escrito ou pela palavra, sem dependencia de censura, respondendo, cada um, pelos abuzos que cometer, nos casos e pela forma que os estatutos determinarem;

4.º - propor, por escrito, qualquer medida que julgar conveniente a Sociedade;

5.º - requerer convocação de sessão extraordinária, desde que declare o fim da mesma.

Da Presidencia

Art. 9.º Exercerá a direção da Sociedade o Presidente, como chefe eletivo.

§ 1.º Substituirá o Presidente, no caso de impedimento, o Vice-presidente eleito simultaneamente com ele.

§ 2.º No impedimento, ou falta, do Vice presidente, será chamado a Presidencia o Secretario, até que volte a assumir o cargo o serventuário efetivo.

§ 3.º São condições essenciaes para um socio ser eleito Presidente ou Vice presidente da sociedade:

- 1.º - ser maranhense;
- 2.º - estar no gozo de todos os direitos sociais;
- 3.º - ter exemplar conduta;
- 4.º - ter mais de 6 meses na sociedade.

Art. 10 O Presidente será auxiliado pelo Tezoureiro e Secretarios, agentes de sua confiança, que lhe subscreverão os atos, cada um no que lhe competir.

Art. 11 O Presidente exercerá o cargo por um ano, podendo ser reeleito.

§ 1.º Os periodos presidenciais terminarão em 31 de dezembro de cada ano.

Art. 12 O Presidente e o Vice-presidente pronunciarão a seguinte afirmativa, no ato da posse, perante a sociedade:

«PROMETO MANTER E CUMPRIR COM PERFEITA LEALDADE OS ESTATUTOS E PROMOVER O BEM GERAL DA SOCIEDADE».

Art. 13. O Presidente e o Vice-presidente não se poderão retirar desta cidade, por periodo superior a 8 dias, sem que, por escrito, comuniquem a sociedade, sob pena de perderem os seus respectivos cargos.

Da eleição do Presidente e Vice presidente

Art. 14. O Presidente e o Vice-presidente serão eleitos por safrão direto da Sociedade e maioria de votos.

§ 1.º A eleição terá lugar a 1.º de dezembro de cada ano, sendo a apuração feita por uma comissão, para isso nomeada, apresentando o resultado na sessão que, para esse fim, for convocada pelo Presidente.

§ 2.º Em caso de empate, será procedida nova eleição.

Das atribuições da Presidencia

Art. 15. Compete privativamente ao Presidente:

- 1.º presidir as sessões;
- 2.º proclamar e fazer chegar ao conhecimento dos socios os seus atos e resoluções;
- 3.º expedir portarias e instruções para a boa administração da Sociedade;
- 4.º nomear e demitir livremente os Secretarios e Tezoureiro;
- 5.º convocar extraordinariamente sessões, quando sejam precisas;
- 6.º promover e manter relações com outras sociedades, jornaes do Brazil e estrangeiro;
- 7.º dar conta mensalmente da Sociedade, aos socios, indicando lhes as providencias urgentes e necessarias em mensagem que lhes lerá na primeira sessão de cada mez.

Art. 16. Compete ao Vice-presidente:

- 1.º assinar, com o Presidente, as atas das sessões;
- 2.º auxilia-lo quando haja acumulo de serviço;
- 3.º substitui-lo nas sessões em que não possa comparecer por qualquer couza, ou exercer o seu cargo por qualquer impedimento;
- 4.º tomar parte ativa na redação do organ social.

Dos Secretarios

Art. 17. Aos Secretarios compete:

- 1.º lavrar e ler as atas das sessões;
- 2.º receber officios, representações, petições e todos os demais papéis dirigidos á Sociedade e fazê-los constar em protocolos especiaes para isso creados;
- 3.º empregar todo o zelo e pontualidade para a boa marcha dos serviços da Secretaria;
- 4.º fornecer, mensalmente, ao Presidente o relatório do movimento da Secretaria.

Art. 18. Ao 2.º Secretario-bibliotecario compete:

- 1.º substituir o primeiro nos seus impedimentos;
- 2.º catalogar e trazer com a maxima ordem os livros da biblioteca da Sociedade e zelar pela sua conservação;
- 3.º encargar-se da expedição do organ da Sociedade;
- 4.º fornecer, mensalmente, ao 1.º Secretario, o relatório do movimento bibliotecario.

-A seguir.

O Canhão

De canhão não tem nada, é bem direito até. (d'O MARTELO)

ANO 3.º



S. Luiz, 25 de outubro de 1914



NUM. 42

Gonçalves Dias

Passa, no próximo dia 3, mais um ano, em que, na horrenda catástrofe do «Ville de Boulogne», em 1864, pereceu o glorioso vate maranhense, Gonçalves Dias, o saudoso cantor dos Timbiras, o excelso autor do «Ainda uma vez—adeus!»

Nacido ali naquele relicário de tradições nobres, a pequena Caxias, Gonçalves Dias viveu para as letras, cultivando-as, enaltecendo-as.

O seu único enleio foi a cultura do belo, de que sapicou os seus versos que revelam a pujança grandíssima do seu talento, ora como cantor da raça indijena, ora como doutrinário do amor e da arte.

Espírito de sonhador, e alma verdadeiramente apaixonada, ele vazou nas suas inumeráveis canções um exemplo raro de estilo formoso, uma prova eloquentíssima da sua dedicação à terra que lhe foi berço.

Ao lermos as preciosas linhas da «Canção do exílio» em que o seu éstro incomparável imprimiu as mais fortes vibrações do seu talento de artista, sentimos um arrebatamento saudoso e experimentamos o mais confortante dos entusiasmos:

—Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
E as aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

—Sim, glorioso Poeta, a tua terra, o teu querido Maranhão, não te esquecerá jamais; tu viverás para sempre eternizado no coração de cada um de nós, tu terás em cada passo da nossa vida uma glorificação, uma idolatria perene.

O teu nome, na nossa história, fulge como uma estrela das mais preciosas, viva e inapagável.

Tu és o símbolo do nosso afeto, tu representas a personificação incomparável do gênio maranhense de hontem, e o incentivo bemfazejo dos teus contemporâneos de hoje.

Com uma lagrima de saudade, depomos aos teus pés os nossos corações palpitantes de admiração e repleto de entusiasmo.

O homem e a mulher

O homem é a mais elevada das criaturas, a mulher o mais sublime dos ideais. Deus fez para o homem um trono, para a mulher um altar.

O trono exalta, o altar santifica.

O homem é o cérebro, a mulher o coração. O cérebro produz a luz, o coração produz o amor. A luz fecunda, o amor resuscita. O homem é imensurável e o anjo. O gênio é imensurável e o anjo é indefinível. A aspiração do homem é a suprema glória, a aspiração da mulher a virtude extrema.

A glória produz grandeza, a virtude produz divindade.

O homem tem a supremacia, a mulher a perfeição. A supremacia representa a força, a perfeição representa o direito.

O homem é forte pela razão, a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence, as lágrimas comovem.

O homem é capaz de toda os heroísmos, a mulher de todos os martírios. O heroísmo enobrecer, o martírio sublimar.

O homem é o código, a mulher o evangelho. O código corrige, o evangelho aperfeiçoa.

O homem é um templo, a mulher um sacrário. Antes o templo descobrimos, ante o sacrário ajoelhamo-nos.

O homem pensa, a mulher sonha. Pensar é ter um cérebro, sonhar é ter na fronte uma aureola.

O homem é um oceano, a mulher é um lago. O oceano tem a perla que o embeleza, o lago a poesia que o deslumbra.

O homem é a aguiça que voa, a mulher é o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço, cantar é conquistar a alma.

O homem tem um fanal—a consciência, a mulher uma estrela—a esperança. O fanal guia, a esperança salva.

Enfim, o homem está colocado onde termina a terra, a mulher onde começa o céu.

Victor Hugo.

Falecimentos

Atassalha-nos o coração registrar aqui, com a mais punjente das dores, o passamento, em 8 deste mez, da desditosa senhora d. Clotilde Nogueira Buzaglo, como uma das mais sensíveis perdas à sociedade maranhense.

Foi o seu enterramento muito concorrido, vendo-se o ataúde coberto com ricas cores, ultima homenagem merecida e justa, a estimada extinta.

A Sociedade «Barão do Rio Branco», que muita admiração tributava aos peregrinos dotes morais da falecida, envia, daqui, as suas mais sinceras condolências à família maranhense, consociada em seu desolado espozio, sr. Jaime Buzaglo, nossos distintos colegas, ora enlutados, José Vinhaes, Odila Nogueira, Lilia e Cealtila Botelho, e demais parentes da pranteada morta.

Finou-se no dia 18, em avançada idade, a respeitável senhora D. Ana Francisca Gonçalves da Silva, avó dos nossos amigos Prof. Domingos Machado, Luiz, Alfredo, Raimundo e João Gonçalves da Silva e João Machado.

O seu enterramento foi bastante acompanhado, atendendo às simpatias e alto conceito de que gozava pelas suas qualidades nobres.

A Sociedade Literaria «Barão do Rio Branco», representada pelo seu timoneiro, «O Canhão», envia aos parentes e amigos as mais expressivas condolências.

A proposito do «Kaizer»

O imperador Guilherme é, no mundo, o homem que mais uniformes conta, a ponto tal de ser difícil enumerá-los. Quando muito, se poderá passar uma rápida revista nesse guarda-roupa suntuoso e multicolorido.

Depois do protocolo bizarro e complicado a que ele se impoz, no espaço de uma audiência de duas horas apenas, não é raro vê-lo mudar de vestuário sete ou oito vezes.

—Recebe um oficial? — Ei-lo no uniforme de sua arma.

Si a vizita é feita por ocasião, de uma qualquer solenidade, envergá o uniforme de gala.

—O filho de um oficial ou de um dignatário vem lhe participar a morte de seu pai?

—Pois bem, ele o acolhe nos trajes do defunto.

Mas, onde as coisas, necessariamente, complicam, é em viagem.

Não se esqueceram sobre este ponto os incidentes de que foi assignado o seu passeio à Inglaterra, em 1902.

—O «Hohenzollern» era visto nas costas inglesas e os personajens enviados ao encontro do kaizer o esperavam em «Port-Victoria».

Com o binóculo, eles assestaram a coberta do yacht, avistaram um general alemão que passeava no tombadilho e disseram: —o imperador está vestido de general alemão.

O «Hohenzollern» avizinha-se; atiram a escada; os embaixadores da Corte se precipitam, encontram um almirante e passam a procura do general alemão: —este almirante inglês era Guilherme II.

Desculpam-se e tomam o trem prestes a partir.

O Imperador fica nm instante no

PARNAZO

Retrogado

—Porque não queres, vir ingrata amiga,
Para junto de mim que te amo tanto?...
—Porque não queres minar o pranto
Que me prende na dor, que me castiga?...

Porque não vens tirar-me do quebranto
De que vivo sofrendo a infernal liga?...
—Não vês como a saudade me afadiga
Por não ver os teus olhos, doce encanto?...

—Mas bem vejo, o motivo agora é este:
Tú aí com prazeres venturosos,
Sem razão, num momento, me esqueceste...

—Mas, podes crêr, morena alvicaireira,
Que mesmo nesta dor e sem ter gozos,
Não te posso olvidar, embôra queira!...

Hilton Fortuna

"O Cãnhôto"

Orgão da sociedade literária
BARÃO DO RIO BRANCO

Rua 28 de Julho, n. 53 — Maranhão.

Presidente, *Djalma Fortuna*; Vice-presidente, *Cloris Castro*; 1.º Secretário, *Hilton Fortuna*; 2.º Secretário bibliotecário, *Djalma Vasconcelos*; Tezoureiro, *Joaquim Luz*

Assinatura anual..... 2\$000

"O Cãnhôto" será enviado á imprensa, mediante permuta.
Aceitam-se anúncios por preços módicos.

tegon-salon, depois de aparecer, e, alguns minutos mais tarde, um oficial do 1.º Regimento de Dragões, que julgamos ser da comitiva, entra sem que ninguém dele se ocupe: — é Guilherme II.

Chegam a gare de Wolforton onde estacionam as carruagens da Corte.

Os adidos dirigem-se á portinhola do wagon imperial: — nada de Dragão!...

E Guilherme II salta, de sobre-cacaça, chapéu alto e luvas cinzento-perla... (*Memórias da "Lecture pour tous"*)

Terá hoje o kaiser tempo de mudar uniformes sobre o sólo ensanguentado da França?...

Estará vestido de general bavar, de prussiano ou trará costume de caça com chapéu tirolez pardo como a roupa e ornado com uma pena de galo (que bem poderia substituir por uma de abutre)?...

—De todas as suas vestimentas a mais decorativa é a de coiraceiro branco, com o capacete encimado por uma águia coroadada, de azas abertas.

Talvez tenha Guilherme II revestido este fardamento alvo para atravessar a infortunada e valorosa Bélgica, incarnando assim, em uma barbaria sem nome, o vivo emblema de seu império: — a águia negra, o costume branco e os pés tintos de sangue dos heroicos martires.

E o vento que faz tremular todas as bandeiras conduziu este — estandarte do

«Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!» E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, palido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto A Via-Lactea, como um palio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saúdo e em pranto Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: «Tresloncado amigo! Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?»

E eu vos direi: «Amai para entendê-las! Pois só quem ama pôde ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.»

Olavo Bilac.

odio — ao centro das planícies de Champagne e de Woëvre, destruindo tudo á sua passagem, como um cataclismo que nada respeita: — nem a terra, nem a família, nem o templo.

France-Brésil.

Fatos e Fitas

A MORAL NÃO É PARA TODOS

A casa das minhas fitazinhas inocentes, num desses domingos ultimos, como é de meu habito, prepari-me com uma certa elegancia e encaminhei-me para ouvir missa.

O templo amplo de portas escancaradas, como um gigante de fauces arreganhadas, começou engulir gente, e gente muita.

Em breve tempo a nave regorjitava e o espectáculo era soberbo: — cabeças inquietas moviam-se incessantes e leques espanejavam num freneri interminavel.

Cochichos daqui e rizinhos dali enchiam, vi-lavam a austeridade sacra, como se fora aquillo uma caça de diversões.

Porém, trez vibrações agudas de uma sineta previnem ao povo que o reverendo e o sacristão já estão no altar executando o santo officio, e para logo um silencio letal domina e não mais se ouve o farfalhar ligeiro dos leques de gaze e seda.

O latinorio rebôa numa longa serie de exclamações e o clérigo compenetrado do seu dever incontestemente acolitado pelo pequeno magro, pateta e quasi indolente, prosegue religiosamente o seu mandato.

Eis chegado o evangelho:

— O padre persigna-se, inspira-se em S. Lucas e virado para os fieis e ouvintes, com gesto nobre de orador quilatado, inicia a pratica:

«Deixae que venham a mim os meninos, disse Jezus.

Pois bem, meus irmãos muito amados, façamos como o Nazareno, instrua-

Quazimodo

A desforme cabeça lho decia
Entre dois oucos montes; na achatada
Fonte por fulva como sobreada
Um olho de cyclope apparecia.

Um tetraedro por nariz trazia,
E da nojenta boca desdentada
Por entre a dentadura feia e uzada
Bem raro a rouca voz se desprendia.

Tinha braços e pernas mui calozos,
Era todo seu corpo um calo inteiro,
Um composto de calos monstruosos!

E d'ele se dizia: E vesgo infame,
Corcunda — torto e côxo e feitiçoiro,
Sineiro atroador do *Notre Dame*.

Gonçalves Dias.

mos a infancia essa reliquiazinha, esse sacrario puro e virgínio que encerra as esperanças de Deus e o futuro da Patria...

Quantos de vós, meus filhos, não sois pais, e não vos compenetraes dos vossos eloquentes deveres de ensinar, de amar, de dotar essas ovelhinhas, do espirito relijioso, da instrução, deixando que elas sejam criadas á lei da natureza, como os irracionais?...

Quantas e quantas vezes mesmo, não maltrataes esses pequeninos seres innocentes, por coizas, por motivos, que eles não são culpados e nem podem ser responsaveis, e, quando por uma traquinagem propria da infancia, como um réu sem perdão, os castigais severamente, desprezando, assim, os principios da lei do Criador?...

Quantas vezes...?

— Neste interval, o sacristãozinho, cansado talvez de jejuar, cochilava medonhamente.

«Sim, meus filhos, Deus disse: — deixae que venham a mim os pequeninos, continuou o pregador...»

— Um ruido seco, seguido de vidros quebrados, repercutiu no salão: — era o sacristão que, num cochilo, batera com a cabeça na banquetta fazendo debarbar o halo par de galhetas, o unico que restava, cheio d'fino «Xeres» e de agua...

— O padre, furioso, esquece-se do sermão, e ali mesmo, com turba insana, vóo como um dezalmado, iniciando na cabeça do pequeno uma valsa funebre de cascudos e caçoletas...

— Maldito! dorminhoco! Irra que não prestas para nada!...

— O pequeno chorava de dor e de vergonha...

«Sim, meus filhos, Deus disse: — deixae que venham a mim os meninos, estas creaturinhas dignas da nossa afecção, carinho e amor, que representam a gloria de Jezus e a esperança da Patria...»

E assim, acabou o sermão acompanhado pelo soluço chorominguado do sacrista.

Hilpanfor.

O Ganhoto Elegante

Com a alma repleta de gozos, bebidos na sublimidade de Euterpe, transponho o limiar da crônica de hoje.

Vimos de apreciar a ex-celsa mestria do nosso ilustre consocio Adelman Correia o majestoso cultor do sublime e do harmonioso, que transpira pelo seu mavioso sopro e admirável execução toda sua alma de músico, bem educada pelas tenazes lucubrações a que se entregou.

Esforado admirador de Rossini, Verdi, Bellini, Donizetti—Mayerber, Mozart, Weber, Hasse—Boyerlieu, Berton, Rameau, Lulli e muitos outros, ele revela seu apurado gosto e delicadeza, quer como compositor, quer como executante.

Com a esplenidida sôrre de 12 ultimo, patenteou ele mais uma vez sua alta reputação, de longe firmada, como o soberano flautista do norte senão de todo o Brazil, reunindo em suas maiores preciosidades da escola italiana.

Não calarei, entretanto, os eximios musicistas João Andrade e exma. sra. d. Laura Ewerton, que emprestaram ao nosso apreciado Adelman seu valiosissimo concurso.

Ambos, executores de raro merecimento, houveram-se brilhantemente nas partes que lhes foram confiadas, preenchendo com metodo, clareza e maxima perfeição os mais exigentes clar. s. salientando a sobreexcelexencia da expressão de suas notas.

Sonegar encomios a essa trindade incomparavel, seria desconhecer a suave beleza da arte que tão eficazmente sabe exprimir e suavizar os sentimentos e paixões.

Noss alma sorridente bebeu essa doce harmonia prolongada até as sublimes noitadas da ermida dos Remedios.

Ai foi a successão agraabilissima da melodia vocal e sinfonica que nos proporcionaram distintas senhoritas e emeritos amadores de Euterpe, sob a competente batuta (leque) do prestimoso Dr. Carlos Marques.

Podemos considerar uma das mais sublimes maravilhas de nossa Atenas esse conjunto harmonico e melodioso que tanto nos apraz ouvir.

Ao Dr. Carlos Marques, o incansavel operador dessa grandioza cruzada, não faltarão louvores pela acrizolada dedicação á cau a iniciada pelo seu venerando pai e o Maranhão o terá como um dos seus mais valorozos filhos.

Grças a ele, teve a festa dos Remedios o seu brilhantismo nesta época de tremendas dificuldades.

O nosso entusiasmo não permite segregar essa grandioza obra de cavalheirismo do ilustre conterraneo e daqui proclamaremos bem alto o seu valor real.

Ainda nos parece ouvir o côro suave daquelas educadas vozes que tanto nos deleitaram durante a novena.

Mundica Souza, Bêbé Kerth, Vitorinha Borralho, Amelinha Ramos e Almerinda Mendonça eram cada uma delas uma voz radiante: um delizioso quinteto que otimamente desempenhou o responsavel papel de primeira voz, satisfazendo condignamente desde as mais agudas ás mais graves notas.

Vitorinha Mendonça, Enedina Marques da Silva e Maria Luiza Braga em

nada de mereceram as qualidades puramente sublimas para o apoio harmonioso da primeira voz.

Finalmente o simpatico José de Ribamar, com sua voz bem moldada, muito contribuiu áquele concerto mavioso que repercutiu no templo da virgem redentora do commercio e da navegação, cantando com firmeza o belo sólo que lhe foi distribuido.

Esteve sobremodo sublime a bem inspirada Ave-Maria da lavra do emérito musicista Dr. Carlos Marques a alma suprema de toda essa beleza de Arte.

Guardamos ainda saudozas recordações dessa empolgante temporada, quando tudo sorria na doce expressão de nossas almas juvenis, quando em cada coração se erguia esplendoroso um altar para nele se elevar uma imagem eleita entre mil vibrações de afeto.

Nesse supremo eden tudo era um embriagante respirar de sonhos rozeos onde sobreexcelexia a fina flor do sexo atraente que matizava o largo ambiente da elegante praça das lindas palmeiras em cujas frondes gorgoeja o poético sabia da nossa terra.

Com a mais viva saudade exaltamos d'aqui o insigne herôe da santa cruzada, o ilustre Dr. Carlos Marques, que mais do que outrem bateu se pelo brilhantismo da festa.

Acaba de se instalar, entre grande entusiasmo, mais uma sociedade literaria sob o patronato da memoria de Machado de Assis o brilhante autor de *Helena*, *Yayá*, *Garcia*, *Memorias Posthumas de Braz de Cubas*, *Phaleas* e muitas outras.

Esses esforçados rapazes, cheios da seiva de progredir, firmaram ainda uma vez a tradição do velho Maranhão, revelando o seu bairrismo para as couzas de letras.

A Sociedade «Rio Branco», que recebera antecipadamente convite para assistir á cerimonia, lá se fez representar pelos srs. Djalma Fortuna e João Vitor Ribeiro, uzando este ultimo da palavra.

A sessão que esteve concorridissima foi prezidida pelo abalizado educador Domingos Afonso Machado, seguindo-se animada sarau até alta noite, quando todos, manifestando agradabilissima impressão, se disseminaram enviando louvores aos promotores daquela sublime harmonia.

Aos membros da novel sociedade os nossos votos pelo seu engrandecimento e duradoura existencia.

E com esta ultima encerro a minha croniqueta aguardando anciozo o 3 de novembro, consagrado ao brilhante poeta Gonçalves Dias.

Irbério.

A' tóa

Ainda a ortografia

Não faz muito tempo que o coléga Hilpafor, dos «Fatos e Fitas», se occupou rapidamente da ortografia nas escolas,

dizendo que era uma verdade, a grafia portugueza nos estabelecimentos de ensino.

Agora, me vem uma nota interessante de um coléga, que é citado como o modelo das escolas, entretendo palestra com uma distinta professora normalista, soube que, no estabelecimento de ensino a que me referi, existe uma cadeira eximia concededora do portuguez. Imaginem os leitores que ela manda escrever *asidética* com *se*, composto com *pp*, e manda dizer, analisando portuguez, que o periodo é composto por coordenação, quando tem oração principal!

Ora vejamos como anda a nossa Atenas! — no maior progresso do seculo, em materia de instrução. Em presença de concededores da lingua dessa estirpe, há quem deixe de conhecer a analize portugueza, numa era de tanta luz?

Citei apenas trez amostras, porque se eu vos fosse aqui dizer que eu li, firmado pela referida professora, no caderno duma aluna sua, que «quando o periodo é composto de subordinadas, não tem oração principal», naturalmente diriam que já era uma anedota do Calino, e eu não dezejeando perder o traco conceito, faço ponto, aguardando melhores lições para aproveitar também um pouquinho.

Nada é mais difficil do que viver-se agradando a todos, neste mundo de filozofos.

Em o numero passado, talvez se lembrem, eu encetei, a pedido dum coléga, a cujo nome enderecei a minha «Carta aberta», uma qualquer coiza, com ares de polemica sobre ortografia portugueza. O coléga, poeta, me tinha manifestado dezejo de polemizar, e eis que lhe enderecei algumas babozeiras infantis, e ele, a elas, não deu a menor importancia, que tanto reclama a cortezia. Mas é facil explicar: — o meu ex-futuro adversario é, se assim me permitem expressar, um moço admirador do belo, isto é, um namorado platonico que diz «amar todas as mulheres», alimenta essa pretensão e, com ela, diz ele, há de morrer, digo de aparecer porque os poetas não morrem e sim desaparecem.

Dai duas coizas se concluem bem logicamente: — ou o Voltaire, antes de me responder, foi tomar algumas lições de grafia com a competente professora de que falei no começo destas garatujas, ou então o cargo da Intendencia, que em horas vagas exerce, lhe rouba seu precioso tempinho, que mal chega para a elaboração dos choroços sonetos e das amorudas missivas diarias, com que interpreta, perante a «deusa dos seus sonhos» todas as suas descabeladas paixões.

Dante Faria.

Tipos

O poeta

Tem o cabelo comprido, penteado para traz das orelhas.

Traz debaixo do braço um «Lamartini» que quer ler ás senhoras debaixo das arvores. Tem os olhos meigos e tristes como os de uma vitela mamôna morta. Os pais quando ele chega levantam as bengalas. A' noite no clube, de-

dos primeiros lanceiros, vai para o pé do piano, em que uma pianista preludia uma valsa, e, alteando o peito, mete uma mão na abertura do colête, passa a outra pela frente, crava os olhos num canto, e principia:

«Lembraste, Eliza...»

Ramalho Ortigão.

Regulamento da Sociedade Literaria BARÃO DO RIO BRANCO

Fundada em 18 de Agosto de 1913

(REFORMA)

(Conclusão)

Do Tesoureiro

Art. 19. Ao Tesoureiro compete:

- 1.º envidar todos os esforços para o bom equilíbrio das finanças sociais;
- 2.º trazer na devida ordem e asseio a respectiva escrituração á seu cargo;
- 3.º fornecer, mensalmente, ao Presidente o boletim do movimento da Tezouraria.

Da responsabilidade do Presidente e do Vice-presidente

Art. 20. São motivos para destituição do cargo, os atos do Presidente ou Vice-presidente que atentarem contra:

- 1.º a existencia da Sociedade;
- 2.º os estatutos em vigor;
- 3.º a probidade da administração;

Disposições gerais

Art. 21. Todo o socio que estiver no exercicio de Presidente ficará isento do pagamento da mensalidade.

Art. 22. Não será permitido o accumulo de cargos, sejam eles quaes forem.

Art. 23. O socio ficará sujeito ás penas seguintes: de advertencia, pelo Presidente, e de suspensão, pela Presidencia em geral.

§ 1.º De advertencia, quando em sessão não guardar o decore e a conveniencia devidos, ou sempre que se faça mistér por infração dos preceitos da boa educação e de qualquer disposição destes estatutos.

§ 2.º De suspensão quando:

- 1.º no exercicio do seu cargo, cometer abuzo possivel de punição;
- 2.º na séde da Sociedade proferir palavras offensivas ou afrontozas dirigidas a outrem;
- 3.º aceitar cargos ou comissões, e não quizer dar cumprimento a esses deveres sem motivo plenamente justificado;
- 4.º for repreendido, em vista do

seu mau procedimento, e não se quizer submeter;

§ 3.º De demissão quando:

- 1.º promover o descrédito da Sociedade;
- 2.º lezar, ou tentar lezar a Sociedade, directa ou indirectamente.

Art. 24. O socio que se retirar da Sociedade sem motivo plenamente aceitavel, o que será verificado pela falta de comparencia ás sessões e infração do art. 6.º ou abandono de cargo, não poderá ser readmitido.

Art. 25. As deliberações não previstas nos presentes estatutos serão determinadas pelo Presidente com aprovação da Sociedade, em sessão, sendo incluída a referida emenda como aditamento.

Art. 26. O socio que for denunciado como plagiario, mas que fique provado, será, immediatamente, eliminado do quadro social.

Art. 27. O socio deverá aceitar todas as comissões, para que seja eleito ou designado pelo Presidente. Em cazo contrario deverá renunciar, declarando o motivo da recusa.

Art. 28. As propostas de demissão e admissão de socios serão resolvidas pela Sociedade, em sessão.

Art. 29. O organ social será dirigido pela Presidencia da Sociedade, sendo esta o seu corpo redaccional.

§ 1.º A colaboração do socio, no gozo dos seus direitos, preterirá outra qualquer materia, excetuando o movimento social.

Art. 30. O socio atrasado nos seus pagamentos não poderá retirar livros da biblioteca da Sociedade.

Art. 31. O socio só poderá representar um outro socio, em cada sessão.

Art. 32. Em cazo de dissolução da Sociedade, deverão os seus bens ser postos em hasta publica, e o seu produto, depois de satisfeitos, integralmente, os compromissos até então, legalmente, contraidos, deverá reverter em beneficio da pobreza.

S. Luiz do Maranhão, 7 de agosto de 1914.

(Assinada) A Directoria.

Recebemos, agradecemos e permutaremos: «Jornal Infantil», de Parnaíba; «O Orvalho» de Macaé, e «O Binculo de Sapucaia».

Tambem nos foram enviados, pela Biblioteca Publica de Sergipe, dois folhetos contendo, um, a entrevista concedida pelo exm. snr. General Siqueira Campos ao dr. Silveira e Souza e, outro, notas biographicas de Freitas Garcez, autor do projecto da criação da Biblioteca Publica municipal de Sergipe. Gratos.

A festa gonçalvina

Prometem suntuosidade os festejos que as diversas cooperações literarias maranhenses, congregadas, pretendem levar a efeito, no proximo dia 3, data do desaparecimento do maviozo e imortal poeta maranhense, Antonio Gonçalves Dias.

Para isso, reuniram-se, no dia 15, e constituiram a seguinte comissão promotora dos festejos: presidente, Djalma Fortuna, da Sociedade Literaria Barão do Rio Branco; Acirio Figueiredo, da União Estudantil Silvio Romero e José Vieira, do Gremio Estudantil Rui Barboza.

Até agora, sabe-se que as homenagens constam de uma passeata, a partir da Praça João Lisboa, onde tomará parte o Governador do Estado; o Corpo Militar, o Inspetor e Officiaes da 3.ª Rejão Militar; União Militar da Guarda Nacional; Liceu Maranhense, Escola Modelo e demais estabelecimentos publicos estaduais de ensino: Instituto Roza Nina; colejo do Sagrado Coração de Maria; Escola de Aprendizices Artifices; Externato Rio Branco; Instituto Maranhense; Colejo de Nossa Senhora da Victoria e Instituto Sotero dos Reis, ás 16 horas, que se dirigirá á Praça Gonçalves Dias, onde em frente á estatua, se fará ouvir o nosso brilhante confrade, o simpatico tribuno Antonio Lobo, escolhido unanimemente para orador official, o que gentilmente aceitou, sintetizando, ainda mais uma vez, o seu profundo afeto á mocidade estudantil.

Falarão tambem: João Ribeiro, pela Sociedade Rio Branco; José Perdigão, pela Silvio Romero; Prof. Zuleide Bojé, pelo quadro social feminino da Silvio Romero; Prof. Raimundo Lopes, pelo corpo docente do Instituto Maranhense; José de Riba-Mar Pereira, pelos alunos do mesmo instituto; o liceista José Pinheiro e o aluno do Externato Rio Branco, Oswaldo Paraizo, que recitará a imortal «Canção do Tamoio».

Tambem prestará seu auxilio ao prestituto os Secretarios do Governo e o Director da Biblioteca Publica.

As caza de Santos Martins & Comp. e Macieira Filho & Comp., convidadas pela comissão, cederam gentil e graciosamente a decoração da praça. A primeira enfeitará a estatua e a segunda dará a tribuna e embandeirará o largo, nas imediações do monumento gonçalvino.

Nesta semana a comissão fará o resto dos convites e publicará inteiro o programa dos festejos.

A Escola Modelo e o Instituto Roza Nina entoarão a «Canção do exilio» ao pé da estatua.

A comissão promotora, da qual é presidente o nosso Director Djalma Fortuna, tem encontrado o mais franco apoio e auxilio da parte do governador, seus Secretarios e chefes dos diversos estabelecimentos que convidou a tomar parte na tão justa homenagem.

As sociedades Machado de Assis, Gonçalves Dias e Filadelfica S. Luiz deixam de fazer parte da comissão promotora, por não se ter podido representar, acompanhando, porem, o cortejo e tomando parte em todas as manifestações. Será, certamente, uma festa literaria brilhante e concorrida.

"O Canhão"

Com a presente edição, desaparece o querido *di-reito* para ser substituído pel' «O Ateniense».

Se bem que boa impressão não cauze a palavra «canhão», mas quem o conhece de já e sabe a razão de semelhante nome continua a apreciar lhe a leitura, continua a conceitua-lo. A carreira d'«O Canhão» foi luminosa. Há trez anos vem ele circulando em nosso meio, resistindo inabalável aos efeitos de todas as crises, ao apuro da garotagem do obscurantismo, sem recuar um passo sequer.

E' certo que os jovens que mais o alimentam com veemência são em numero pequeno, mas continuam a querê-lo, continuam a incitar o progredimento seu, imprimindo lhe o cunho altisonante das evoluções da literatura hodierna.

Quando Djalma Fortuna e Ajenor Santos tiveram a idéa de se reunirem a mais dois adeptos do belo (Hilton Fortuna e Manoel Lisboa) para fundarem um jornalzinho, não eram mais que estudantes ginazias; e o fizeram critico, mas duma critica mordaz e depreciativa, dando-lhe acertadamente o nome de «O Canhão».

Hoje, porém, que já é orgão de uma associação de letras, cujos membros estão cercados de grandes mentalidades como socios honorarios, é preciso que esta folha corresponda perfeitamente os fins a que se destina uma agremiação literaria que tem em seu patronato a memoria da estrela mais fulgurante que brilhou e brilha ainda no firmamento azul da historia do culto Brazil, e se chamou o Barão do Rio Branco.

Atendendo a esta capital circunstancia foi que um dos nossos colegas propoz a mudança do nome deste quizenario, e que um outro, na sessão de 13, propoz «O Ateniense», o que foi *in totum* aprovado, visto se tratar de reviver o nosso cognome de Atenas brasileira.

O Canhão cumprimenta

os seus amáveis leitores e amigos, almejando-lhes as Festas mais felizes, e um Ano-Novo repleto de venturas, hipotecando a todos que o distinguiram com o seu acolhimento gentil a sua eterna gratidão e pede de coração que continuem a dispensar o mesmo afeto ao seu substituto

O Ateniense.

Assim terão os leitores no ano proximo «O Ateniense», com o mesmo programa do actual «O Canhão», com a mesma orientação, esperando a mesma consideração e simpatia.

Memórias

Desde que me entendo, como vulgarmente se diz que oigo a minha mãe contar uma anedota com relação á minha personalidade artistica... infantil.

E' inveterado o costume de, apoz três anos de enterrado um morto querido, a familia dele muito carinhosamente exumar os ossos para os recolher a uma urna e deposita-la na igreja onde estiver o jazigo dos seus antepassados.

O meu esquecido pai, entre os vivos se chamou Balduino Brasil Correa, e era viuvo quando se casou com minha mãe. Ao terminar o prazo de três anos, tiraram, com as formalidades do estilo, os ossos da sua primeira mulher, e levaram-nos para a casa, em que nós, isto é, eu e os que já pertenciam, moravamos e os que fossem, porventura, pertencer, á sua segunda familia, morar. Por esse tempo, aproximava-me dos dois anos de idade. Já andava dezenbaracadamente, e articulava palavras ora certas, ora disparatadas, e sem me ufanar, cantrolava algumas *arritas*, mesmo imperceptíveis para os ouvidos cultos. Hoje não affirmaria a justiça, a valiação da minha então débil e atualmente extinta voz. Havia de ser bastante divertido... Talvez fossem melodias

que mais tarde as reduzisse á musica contemporanea... A minha habilidade, confessa minha mãe, era algo interessante. Prova-o sobejamente o que von narrar-lhes.

Colocaram com todo o escrupulo e toda a religiozidade aquêles restos mortais em uma bandeja, em um logar arejado, que recebia diretamente os benéficos raios solares, como de praxe, antes de os encerrar na respectiva urna, e eu, com a minha artistica travossura, pilhando os meus em completo descuido, absorvidos nos labores domesticos, fui desalojar a tibia, não sei se a direita a ou esquerda da de funta mulher de meu pai. Imaginem o horror que causei ao entrar na sala de jantar, entoadando um daqueles trechos que me enchiam o cérebro, com ares de tocador de offido á frente de banda de musica da roça. Calculem o panico...

Hoje, acrescenta minha mãe, rio-me do ocorrido, porque realmente depois de termo-nos apoderado da canela de *** cessou o nosso pavor, mas, na ocasião, Santo Deus, nem me quero lembrar? Tem coisas que calham, diz ela e conclue: vieste a ser o que em tão tenra idade pronunciaste... — A. C.

Destino cruel

(Para o Mario Valente).

Coincidencia!... Naquêllo mesmo gabinete onde outrora, cheio de vida, sedento de glorias, Alberto passara o melhor da sua mocidade a estudar com denodo, dez anos apoz, assassino e suicida, dormia o seu ultimo sono.

Orfão em tenra idade e sem recursos, vira se obrigado, muito cedo, a ganhar a vida, sacrificando assim a esperança que acariava havia muito, — formar-se em direito.

Entretanto, não desanimara.

Ao recolher-se, á noite, do seu rude mistér de caixeiro, atirava-se com avida aos livros, adquiridos a custa de penosas economias.

Passaram-se alguns anos. Sempre lutando com as tempestades da sorte, ele via, com resignação, passar-se toda a sua juventude na obscuridade de um balcão sebento. Um dia, tendo levado para o armazem um livro, que lia nas horas vagas, o patrão, um portuquez bocal, despedira-o bruscamente, alegando que isso de *letras* e *rapos* — que não *queria* em sua casa.

Por fim, quando já havia perdido as fa-

Sonnet

A. Hilton Fortuna.

Au retour d'une fête où mon âme peinée
A su trouver un baume à son amer chagrin,
J'éprouve le besoin d'écrire ma pensée
Pour vous l'offrir, poète, en vous serrant la main.

C'est bien vrai que je souffre en voyant la trainée
De sang sur mon pays meurtri par le Germain...
Mais cependant ce soir m'a presque consolée
Par son patriotisme enchanteur et serein.

Il n'y a que le beau pour endormir la peine;
Il n'y a que le bien pour dissiper la haine;
Il n'y a que le vrai pour ennoblir un cœur.

Le Vrai, le Bien, le Beau, votre immortel poète
Les chante dans ses vers, son âme s'y reflète:
Qu'il soit votre modèle et vous rende au bonheur.

France-Brésil.

São Luiz, 3 novembre 1914.

queiras iluzões que lhe tornavam a vida mais suave, conseguiu, por concurso, um emprego publico, que lhe permitiu tornar numa realidade o seu sonho doirado, — a formatura.

Em chegando da academia, onde fixara com brilhantismo todo o curso juridico, abriu banca de advogado. Era então feliz.

Pensou mais tarde em casar-se, o que levou a efeito um ano depois.

Dai toda a sua desgraça.

Atraído covardemente pela mulher que escolhera para sua companheira, pôz termo à vida, depois de ter punido com a morte, — como aliás o mereciam, os causadores da deshonra da sua lar.

Carneiro Vieira.

Desditto Natal

Quem visse todas as manhãs, ao romper da alvorada, anunciada pela cotovia que cantava no bosque, o velho fazendeiro Armando Palhares, alquebrado pelos anos, com o seu possante cajado do jacarandá, um barrêto de lá vermelha cobrindo-lhe a cabeça encanecida, a passear pelo pátio de sua fazenda, conversando a meia voz com as plantas, as aves, os animais e dirijido chalaças aos vaqueiros que munham o leite e as moçoilas que, de lábios violáceos, cor de azeitão, e cabelos esparsos ao vento, espadas suas, mostrando a rizeira dos seios, regressavam do seu banho matutino, diria, como eu: — é um homem feliz!

— Era ele muito abastado e bastante querido por todos de sua fazenda; entretanto existia, — debaixo daquele comum sor-

riço de mistica doçura, —quasi santo, quasi innocente, tão expressivo como uma prece, tão casto como um sonho de virgem, mais maviozo, talvez, que uma melodia, — um grande acabrunhamento moral, que ele procurava encobrir e que confidencialmente, me contou, como uma visão aparecida em sonho, no pátio de sua fazenda, em uma noite luarenta de Natal...

— Leonor Palhares, — principiou calmamente o velho Armando, — era a miú quetida e bela filha do meu tio Sebastião Palhares.

Vi-a pela primeira vez, quando gozava as férias do meu segundo ano de academia. Foi numa representação de pastores. Não podendo resistir o violento amor que me despertou aquela rapariga de 15 anos apenas, no seu traje de pastora, onde mais que nunca realçava a sua beleza de formas, já pelo seu simples trajar, já pelo seu porte elegante, sacrifiquei a minha formatura — coisa unica até então ambicionada — para amala com todas as forças que permitiam os meus 22 anos. Aos 23, numa manhã enfiada de maio, cazamo-nos.

Desde o momento em que me senti empossado do meu ambicionado teçoiro, considere-me invejado por todos: —ninguem mais feliz do que eu existia!

Pouco mais de um ano, porém, —ô desgraça suprema! — a morte, com todo seu poder, crueldade, rebeldia e inveja da minha felicidade, arrebatou-m'a impiedosamente!

Expirou como uma santa no seu leito de dor, sem palavra, sem contração que defeituasse sua beleza incomparavel, despe-dindo-se de mim com um sorriso mais belo

do que um poema do amor, mais belo do que todas as belezas terrenas!

Deixou para consolar minha desolação o seu retrato numa loira menina d'olhos azues como um céu de abril, — fructo do nosso amor.

Depois de ter beijado pela ultima vez a minha companheira de tão curta felicidade, fui acariciar minha innocente filhinha, que dormia com os lábios como que entreabertos no seu primeiro sorriso, completamente alheia a perda preciosa que acabavamos de sofrer.

Quedei-me prostrado pela dor sobre o seu berço de innocencia e jurei, perante Deus, consagrar a noite de natal, como a de maior angustia e contentamento; — angustia para o meu coração de espozto inconsolavel, contentamento para o de pai estremoso.

— Quando Luciola, a minha galante filhinha, atinju aos 5 anos, principiei a consolar-me, por considerar vaidade a posse de dois entes tão perfeitos como minha mulher e minha filha.

— Não sei a quem amei mais; sei, porém, que, apesar de tudo, conservo no meu intimo as memorias de minha santa espozta e de minha desventurada e ingrata filha.

— Luciola chegou aos 15 anos, sempre cercada dos carinhos e confortos que permitiam o meu coração de pai e a minha avultada fortuna.

Apesar de ser a data do falecimento da sua mãe, consenti que ela festejasse o seu natalicio, tomando parte numa representação de pastores, com o mesmo trajo com que ha 17 anos atraz conheci Leonor. Ao vê-la assim, dezejei-a não como pai e sim como amei Leonor.

Da suscetibilidade do amor, porém, não tinha eu privilegio.

Contive-me á tentação daquela beleza, deveras atraente, não succedendo o mesmo com um aventureiro ha pouco chegado do sul.

Minha filha, com todo o seu encanto, beleza e graça, despertou-lhe um amor desenfreado e não o amor sentimento, casto, puro, verdadeiro, como o que senti ao ver sua mãe e como, aliás, era merecedora, mas sim um amor satânico e libidinoso de dez-humano aventureiro que não deixa a preta quando lhe agrada.

E então, — ô desgraça cruel! — minha filha, a minha querida Luciola, deixando-se prender pelos diabolicos artificios e promessas irrealizaveis do conquistador, fujou com ele, para destino ignorado, dando assim mortal punhalada no meu coração de pai...

— E o velho Armando, banhado em lagrimas, com as palavras entrecortadas de angustioso soluçar, proseguia:

— Passou-se um Natal, outro, outro e mais outro. Depois de penozas pesquisas, por parajens reconditas do mundo, fui encontrá-la com o corpo escandalosamente dilacerado de chagas e carcomido pela tuberculose, numa casa de saúde, no Rio de Janeiro, onde, ao cair de uma tarde invernal, expirou em meus braços, com uma lagrima cristallina de arrependimento a deslizar pelas suas faces cadavericas, balbuciando, com esforço por entre os lábios já amorticados como numa prece:

— Pai, perdão! Perdão!

Vieira da Luz.

Falecimento

A morte vem, muitas vezes, aniquilando a felicidade de um lar. Quantas vezes vemos entes felizes, cheios de vida, de

aparecerem inesperadamente vitimados, ora, por enfermidades a cujos efeitos a medicina é improficua, ora por uma dessas casualidades tão frequentes em nossa vida comum, e outras vezes por traições ignobis de nossos próprios semelhantes, que não medem a falta que cauza a desaparição de sua vítima, não medem a hediondez de sua perversidade ao auje de arrebatá-la dentre os vivos quem tanto entre eles prezava permanecer?

E com a mais acerba das dores, com a mais cruciante das saudades que aqui gravamos estas palavras noticiantes do desaparecimento dezastrado e sinistro, que tanto consternou a população maranhense, e fez vibrar de dor as mais intimas fibras dos corações daqueles que o queriam, do nosso inesquecível amigo Antonio de Vasconcelos Pires, filho do estimado comandante Alexandre de Vasconcelos Pires e carinhoso esposo da Exm. Sra. D. Ester Fortuna Pires.

Saiu daqui o pranteado extinto, em serviço de sua profissão de imediato com destino a Caxias, e do lugar Remoense Mariana foi feito o leito de sua morte.

Entre um acontecimento casual e propozital vacila-se até então, — a ação da policia, em vestigações, não conseguiu dos tripulantes do vapor que vinha sob seu vice-comando, a verdadeira causa do lamentavel fato, que veio envolver no duro crepe da viuvez sua esposa apenas de 8 mezes.

Aqui nada podemos relatar pormenorizando o desaparecimento fatal, porque nada se conhece, para um véu de misterio, que só a posteridade, certamente desvendará. Que tivesse sido uma ramagem á beira do Itapecurú que o atirasse a agua, que tivesse sua queda sido efeito de um choque do vapor, ou que tivesse sido a maneira precipitada com que fez passar as amarras para os marinheiros, que o atirasse ao rio, se desconhece que seja verdadeiro, pelo que se ouve dos passageiros e tripulantes do «Brazil».

No dia da missa que, no setimo dia foi rezada á sua alma, fez o nosso companheiro Hilton Fortuna publicar, na confrade «Pacotilha», um soneto de sua já festejada lavra, em ultima homenagem ao seu desventurado cunhado, que aqui transcrevemos:

Uma Inezima

(A memoria do desditoso e pranteado amigo Antonio de Vasconcelos Pires).

Tombaste, caro amigo, ás garras da impiedosa morte que nada poupa assim devastadora, que não detem seu passo e sempre enganadora, rouba e aniquila tudo á vida esperançosa.

Aqui tudo a chorar na magua abraçadora lamenta a grande perda em forte e congoza, infinita caudal de lagrimas, saudosa, que mais e mais aumenta a dor companjadora.

— Descansa em paz, amigo, as bençãos lá dos céus Sabem distinguir os sacrificios teus Na justiça sem par que da bondade sai.

— Pra sempre tu terás, honrando-te a memoria As lagrimas da esposa abandonada, ingloria, E o triste coração saudoso de teu pai!

Sobre o tumulto do inditoso amigo que dentre nós foi roubado, as nossas imorredoras saudades; e aos seus parentes o nosso vivo e intenso pesar.



Meia noite em Bethlem. Clarões de prata ardente — Entre palhas sorri o loiro Nazareno,

Resplandecem da cauda enorme de uma estrela, Lançando para a vida o casto olhar ameno, Na bondade paterna a tudo hospitaleira...

— E a Virgem sacrosanta adora o Pequeno, Mandado pelo Eterno ao mundo, peregrino, Para salvar na morte a humanidade inteira...

Hilton Fortuna.

Sociedade Literaria

«Barão do Rio Branco»

Em 13 do corrente mez, realizou-se a sessão de eleição da presidencia no proximo ano de 1915, com a presença de 16 socios, sendo esta a apuração apresentada pela comissão para isso nomeada, a qual foi composta dos socios Antonio Lobo, Cristina Vinhães e Noemi Souza:

Para presidente:

Hilton Fortuna.....	9 votos
Clovis Castro.....	4 <
João Vitor Ribeiro.....	1 <
Djalma Fortuna.....	1 <
Uma cedula em branco.	

Para Vice-presidente:

El Zuila Souza.....	9 votos
Joaquim Luz.....	5 <
José Vinhães.....	1 <
João Vitor Ribeiro.....	1 <

Foram eliminados, do quadro social, a pedido, os Srs. José Braga Mendes e Almir de Oliveira Souza e por infração de regulamento, os Srs. Alcides Costa, Benedito Silva, Oswaldo Souza, João Caldas e José Joaquim de Andrade.

Para o quadro dos socios honorarios, em sessão de 20, foi proposto pelo socio José Vinhães, S. A. Imperial o Principe D.

Luiz de Bragança e Orleans, que, com o seu majestoso livro «Sous la Croix du Sud», traduzido para o vernaculo com o titulo de «Sob o Cruzeiro do Sul», firmou a sua reputação de homem de letras de reconhecido merito.

Para o quadro de socios efetivos foi admitida a senhorita Esveraldina Fortuna e para o de colaboradores o inteligente José Carneiro Vieira.

O Canhêto Elegante

A exacerbadora situação financeira a que nos vem reduzindo a crise bélica da hora, atirou nos pra aí a um canto durante o espaço de dois longos mezes.

Por nossa felicidade um raio do sorte arrancou-nos desse mórbido isolamento e de gambiarras enfraquecidas apparemos de novo á tona esperançosos de melhores ventos no 27.º da Republica que já aí vem firmando o 93.º da Independencia a arrumar os seus trens e se por ao fresco.

E' o exemplo das sucessões; ha pouco foi a solene posse do novo governo da nação, enquanto o velho seguia para as pajinas da historia critica dos jornais.

Por aqui movimentou se também a S. L. B. R. B. para a representação d'um honesto «Wenceslau» que lhe empunhe as rédeas presidenciaes, vencendo todas as candidaturas o atual ministro do Interior, o incansavel e inteligente «Agale».

Muito merecidamente venceu a chapa vice presidencial a gracioza confrade El Zuila Souza, cuja eleição saiu a contentamento geral dos nossos «políticos».

A posse dos supra citados será a 1.º de janeiro de 1915.

Mas... eu me fiz adeantar falando das occorrencias de dezembro e só agora veifiqui que me serviam de pasta os apontamentos de novembro.

Por ordem cronológica rejisto em 3.º o aniversario da morte do maviozo poeta caxiense Antonio Gonçalves Dias.

Nessa data, por iniciativa da S. L. B. R. B. a mocidade estudiosa do Maranhão, lhe promoveu grandioza homenagem, patenteando assim mais uma vez o desmedido orgulho de sua terra por essa soberba reliquia cujos traços sobressaem dentre os verdes palmares da alacra praça dos Remedios.

Foi uma suntuosa festa que ecoou longe trazendo-nos ainda o apoio do illustre patriota Coelho Neto que em honrosas frases dirigidas ao Governador do Estado eleição e operoso tentame dos moços de sua terra.

Junto ao monumento do sublime barão se fixaram ouvir diversos oradores pronunciando o discurso official o talentoso escritor maranhense e nosso socio honorario Antonio Lobo, que com fulgurantes e substantiosas palavras granjeou mercedias aplausos do seletto auditório que atiava a praça.

Falaram também os nossos representantes João Vitor Ribeiro e Hilton Fortuna que recitou uma sentimental poesia de sua lavra, circulando logo após uma poliantes consagrada a Gonçalves Dias onde entre outros figurava aquele precioso trabalho.

— Circulou nessa mesma data a «Inhã» ergam da U. E. S. R. trazendo forte colaboração de agradável leitura.

— Na sede da E. L. G. D. realizou-se em homenagem á memoria de Gonçalves Dias, patrono dessa agromação, uma ce-

são solenemente presidida pelo provecto educador Domingos Machado que ofertou a diretoria um valioso autografo do homenageado.

Representaram-nos os srs. Djalma e Hilton Fortuna.

Ainda em 8 de novembro transcorreu a data natalicia da senhorita Maria Luiza Braga uma das ótimas cantoras que tomaram parte no coro harmonioso da festa dos Remedios; em 4, a senhorita Leticia Holanda; a 7, a senhorita Laura Moura; a 9, a senhorita Raimunda Vinhaes; a 12 o sr. Ezra Souza; a 13 a gracioza Bembem Pereira dileta filha do dr. Alvares Pereira; a 15, a senhorita Iáia Rodrigues; a 19 o sr. Henrique Gandra; a 21, a senhorita Maria Amelia Costa; a 25, o illustre Conferente da Alfandega, Bacharel Benjamin Aranha de Moura; a 27, o sr. Astor Carvalho, nosso dedicado amigo; a 28, a simpática senhorita Mundica Souza, a alma grandioza do magnifico conjunto vocal que tanto deleita os fies devotos da ermida dos Remedios; a 29, a gentil senhorita Sinhá Rios nossa amavel e dedicada consocia; a 30, o gárrulo Silvio Moura.

Ainda em novembro assistimos á inauguração da sociedade de letras «Castro Alves» a cujos directores expressamos os nossos emporas almeando-lhes um grande progresso.

O calendario das solvas havia já demarcado os ultimos ventos do 1914.

O silvestre páu d'arco o havia anunciado com a sua copa aurifera e a petizada alacra antegozando as delicias da quadra sublime das férias entoadas os ultimos cantos de despedida á escola, essa benfazeja gruta de luz e de saber.

Entre outras festas, assistimos as dos colégios do Sagrado Coração de Maria e de Nossa Senhora da Vitoria, cujas directoras nos enviaram amaveis convites.

Recebemos tambem do Instituto Maranhense, competentemente dirigido pelo engenheiro Oscar de Barros, um fasciculo onde se acham transcritas algumas ótimas opiniões a respeito e o resultado dos exames ultimamente realizados nesse estabelecimento de instrução.

A todas essas gentilezas agradecemos desvanecidos.

Virando a ultima pagina do 15.º volume do seculo XX chega-nos ás mãos o ultimo numero d'«O Martelo» (caixeiro-viajante da afamada farmacia «Marques», deste Estado) que com uma suave «martelada» transcreveu parte da cronica da tambem ultima edição do nosso jornal.

Imanua honra «está muito acima dos nossos merecimentos», todavia um sincero agradecimento e um «canhoto» operto de mão pela «chaleirinha» que me emprestou.

Arrancadas as primeiras folhas do nosso bloco relativo a dezembro, demos a 9 com o aniversario natalicio da senhorita Judith Chagas; a 12, o da senhorita Esveraldina Fortuna nossa distinta e esforçada consocia; a 15, os do sr. Alfredo e Elvira Nogueira, o senhorita Celina Holanda nossa consocia; a 17, a gracioza e inteligente senhorita Zuzza Ribeiro, irmã do nosso colega João V. Ribeiro; tambem nessa data o do nosso confrade Joaquim Luz (o Bastião) que se viu obrigado a trepar na meza da redação para poder receber os nossos abraços com effusão (até rimou); a 18, a senhorita Cecília Moura; a 23, o nosso Fern Souza, inteligente estudante; a 22, a senhorita Dolores Holanda o hoje as senhoritas Lilia

Botelho, nossa apreciada consocia e Frimiza Costa, a quem como a todos oses e aqueles enviamos os nossos parabens.

Antecipadamente, tambem cumprimentamos os aniversariantes de 29, senhorita Euedina Silva; de 30, a galante Lijia Nogueira e inteligente Carlos Pires o de 31 os srs. João Torres e Euclides Marinho Aranha, zeloso inspetor da nossa Alfandega.

Para fechar tenho o grande prazer em registrar o esperado successo da missa do galo celebrada, de hontem para hoje, na ermida dos Remedios.

Deleitaram-nos mais uma vez os apreciados coristas, que entoaram belos trechos sacros, coroando assim o abnegado esforço do estimado dr. Carlos Marques.

Constituiram a primeira voz as senhoritas Mundica Souza, Bebê Kerth e Almeirinda Mendonça; a segunda as senhoritas Vitorinha Mendonça, Euedina Silva e Amelinha Ramos e a terceira o sr. José de Riba-mar Pereira, que cantou com expressão o *Noel* de Adam.

Tomaram parte na orquestra os amadores Carlos Moreira, Clovis Castro, Alcides Ferreira, dr. Carlos Marques e o musicista Manóe Freitas, participando tambem desse conjunto a senhorita Daisy Tei-



xeira que tocou com mestria um sólo de violino.

Foi mais um triunfo do incansavel batalhador dr. Carlos Marques que já se está empenhando para o esplendor da missa do dia de Ano bom, sendo intento sen ser cantada novamente nesse dia a missa de Bathman, que foi a nota chique da festa dos Remedios.

Para tal fim estão sendo convidados diversos musicistas e amadores do nosso meio, sendo desejo do dr. Marques a organização de duas orquestras, uma de senhoritas e outra de cavalheiros.

Dezajamos o mais alto successo desse novo tentame e para não perder tempo enviamos aos nossos colegas e amigos (entre os colegas o «O Martelo», entre os amigos o «Correio» - Cm.) sinceros saudações pe ano novo que vem perto para substituir o inditozo 1914 que levará o nosso «O Canhoto» dando lugar ao novo «O Ateniense».

Irbério.

Partidas

Em viagem de recreio seguiram, a 25 do mez ultimo, para a cidade de Paraupeba, as distintas senhoritas, professoras Henriette Bricotte e Zilda Corrêa, nossas constantes apreciadoras.

A's jovens excursionistas desejamos a mais feliz viagem e proximo regresso á esta capital onde são tão estimadas.

No progresso

Acabam de ser aprovados no brilhante concurso de 2.ª entrancia a que se submeteram os inteligentes 4.ºs escritores da Alfandega, João Vitor Ribeiro e José Maria de Jesus, nossos companheiros de sociedade aos quaes muito queremos e desejamos uma carreira digna dos seus esforços de moços estudiosos que são.

Gaveta canhota

Hoje, com é despedida minha dos amaveis leitores *canhotos*, que no proximo ano saborearão «O Ateniense», tenho grandes celebridades da lingua de Frei Luiz de Souza para vos apresentar:

Almanaque d'«O Pensamento» para 1915

Recebemos da Emp. Tip. Editora «O Pensamento» de S. Paulo um volume desta preciosa publicação que ha 3 anos se vem apreciando.

O ALMANAQUE D'«O PENSAMENTO» é uma publicação de simpatia popular, isso se deprende pela grande aceitação que teve nos anos anteriores, sendo obrigado o editor a publicar segundas edições.

O Almanaque d'«O Pensamento» para 1915, alem de conter os prezajios dos dias felizes e infelizes, traz o Grande Oraculo da sorte, o Dicionario Majico ou os Segredos da Majia dos campos, a Arte de ganhar na Lotaria e em outros jogos, em suma, uma variedade de estudos de Astrologia e occultismo.

As pessoas dezejozas de obter esta preciosa publicação poderão dirigir-se á Livraria Ocultista «O Pensamento», rua Senador Feijó, n. 19 S. Paulo.

O preço do Almanaque é de 28300 pelo correio e 10 volumes 138000 livre de porte.

Agradecemos o exemplar que nos enviaram.

Tambem recebemos um numero da brilhante folha carioca «Correio da Noite», que muito agradecemos e permutaremos.

«A Estrela».

Nos é sempre uma intensa alegria a vizita gentil d'«A Estrela», bem elaborada revista dirigida pela brilhante poetisa e beletista Antonieta Clotilde de Aracati, no Ceará.

Festejando seu 8.º ano de luminosa rota jornalística nos deliciau com uma edição bem cuidada de 52 paginas, com illustrações e plenas de trabalhos das maiores mentalidades do Ceará atual.

Que continue na sua carreira triunfante são os votos *canhotos*.

Temos recebido sempre «O Imparcial», hebdomadario desta capital, que tem por diviza «Tudo pela verdade» e é dirigido pelo conhecido jornalista Néri de Medeiros.

Gratos, permutaremos.

De Terexina, saído da Tipografia Paz, recebemos um folheto intitulado «Principios», contendo varios versos dos nossos futuros colegas d'«O Imparcial» — Luiz Oliveira e João Ferri.

Agradecemos o exemplar que nos naratu de nos ofertar os jovens autores.

Dirleto.

Os bazares onde se compram cavalos de flandres, ba-lões, para presentear as pe-quenas as escondidas, eram dispensáveis, pois nada va-lem...

A novena tem estado ani-madissima, porque as coris-tas concorrem com seus *dons vocais*, para abrihantala.

Emfim, a festa esse ano, tem estado de luz, de prazer e de sumtuozidade...

Festeiro

Tipos excêntricos

Os senhores conhecem o J... L...?

Um rapaz elegante (elegan-cia de *urubá chumbado*), bo-nito, principalmente, quando traja um fraque obsoleto, azul, com a órla um pouco róida, não tanto, e quando põe a cabeça uma carapuça, que ele diz: é do Chile, a cabelei-ra foveira; cor de burro quan-do fôje, etc.

Fico *embasbacado*, quando o vejo rolando, entre os dõ-dos, uma bengala; com uma das mãos nos bolsos; rindo com *Deus* e o *Mundo*, para mostrar a sua tão alva e for-moza dentadura (coitado, só tem dois queixas inferiores).

É um puro parisiense.

Já me ia esquecendo:

Andou, há alguns mezes por aqui, uma atriz francesa com quem ele travou relações; quando apresentaram-no a ela a qual proferiu algumas pala-vras em francês—(talvez: *com-ment allez vous?*)—ele respon-deu não tem de que mada-me... não tem de que, ma-dame, etc...

A sua resposta, Joãozinho, á essa madame, não constata a sua *pura francesia com que se veste*.

Vá aprender francês ou es-peranto... com o *astrônomo* B... M..., para não passar por outra decepção.

Não precisa pôr a balha outras deformidades, do tal Joãozinho, pois, não são sua culpa... sua grande culpa...

Só me falta dizer é que, pondo estes elojios á parte, ele é rapaz *polido* (não com polimento de marceneiro), *in-teligente*, e até, *literato* (não muito, só para o gasto).

Só quero é que se não zan-gue comigo; pois, são aprecia-ções de um *injénuo*.

Dévem, também conhecer o *Victor Hugó*..., não?

Pois, vou analisar esse ti-pinho:

É um *fantóche* vestidinho de branco, uma *rolinha sem fel* etc.

Encontro-o, sempre, a por-ta do *cinêma* São Luis, com a bengala em punho, parecen-do ameaçar os frequentadores do dito.

Só Victor, não é preciso tanta póse, para o *cargo*, tão simples, que exerce (namora-do); basta a sua *durêza pernal*.

Aceite meu consêlho.

Não seja pedante, senão cái em ridículo.

É consêlho de amigo.

É verdade, diga-me uma coiza:

Porque imprime seus car-tões com o nome: Victor Hu-go... e não Victor Paulino...?

Paulino, é um nome tão bonito!

A! Já sei. Porque era o do grande poeta francês. Não é?

Seu nome, não é Victor Hugo... e sim Victor Pauli-no...

Creio, talvez, que queira, o nome desse poeta nunca, fique esquecido; mas, por esse meio não; procure outro, Só Victor Paulino.

E pedantismo não é comigo.

O *Crizostômo*, outro excên-trico, inda é; mas, tornava-se mais, com o seu bruto sinal preto.

Pois, mestre *Crizostômo*, aquele sinal, lhe ficava muito elegante; não sei porque o tirou.

Pensava o contrario?

Não.

A sua *pele*, é tão *diáfana*, e o sinal *realçava* com tanta estética!

Disseram-me que o expôz em uma casa de *modas* desta cidade. É certo?

Pois, faça isso, o seu sinal é um *puro diamante preto*! Estou um pouco confuso.

Não se aborreça.

Poock.

Carnet FAMILIAR

Completam anos:

—Á 15, o sr. Alberto da Silva Fortuna, digno Comandante das Guardas da nossa Aduana;

—Á 17, o jovem Silvio Mamêdo de Souza, alentoso auxiliar da Es-trada de Ferro;

—Á 18, a Exma. Sra. d. Alaira Borges de Padua Fortuna, virtu-za esposa do Sr. Alfredo da Silva Fortuna, cancelando Escrivão do Juizo Federal.

Nesse dia levará á Pia batismal uma sua filha que tomará o nome de Alaira, e da qual serão para-ninhos, o nosso colaborador Hilton de Padua Fortuna, a distinta profes-sora D. Rosa Nina Rosa, e a gentil senhorita Marieta Fortuna.

No mesmo dia far áca também a virtuosa senhora D. Carmosina Picot do Valle, esposa do sr. José Picot do Valle, negociante da nossa praça.

Implico:

...extraordinariamente, com uma paixão, que traz o no-me amigo e colaborador, W. V.

O Canhôtô

ORGÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO ESTUDANTAL

ANO I

S. LUIZ. 1.º DE SETEMBRO DE 1912

NUM. 2

EXPEDIENTE

Jornal crítico noticioso e literário.
Aceitam-se artigos, em linguagem decente e instrutiva.

Correspondência dirigida a «O Canhôtô». Rua 28 de Julho n. 53.
SÃO LUIZ

Vizão de amor

O Julio, era um desses rapazes cuja propensão especial era a apolojia da beleza feminina. Era um rutilo sonhador, de um flebil coração, sujeito às mais eves paixões inspiradas pelas mais suaves adêjos do amor.

Sempre que deparava uma moça bonita e de su simpatia, sentia logo vir ao encêlo da seu coração um prezajo puer e de afeto que o cativava a beleza daquelle que então o dominava.

A Antoniêta, era uma linda joven de pequena estatura, olhos negros, cabellos profusos e bastos, rosto moreno e rosado e um divinial sorriso que se escondia por entre as delgadas covinhas da face. Tudo isto lhe dava um poder de sedução irreversível.

Ninguém poderia resistir à admiração que inspirava aquella beleza delicada e de suaves contornos...

Elle experimentava por ella uma viva paixão acompanhada de um cégo amor... mas... que contraste... ella era noiva e todos os esforços por elle empregados para procurar conquistá-la, eram improdigos.

A um nariz

Desgraçado mortal! Pois que? Aguentas?

Tanto pèzo na cara tú supòrtas? Parecem do inferno as négras pórtas, As tuas feias, cabeludas ventas!

Desgraçado mortal porque não tentas Sofrer operação, á vêr se córtas Metade do nariz que tú transportas, Do trambolho imortal que mái sustentas?

Vai vêr si algum doutor teu bégue apára, Pois antes conservar a cicatriz, Do que uma calza conservar tão rara

Quando esse tronco vêjo sem raiz, Não sei si o teu nariz pertence á cara Ou si a cara pertence ao teu nariz.

A. A.

Era uma tarde de primavera. O céo anilado recamava-se de nuvenzitas muito alvas e diafinas.

O sol avizinhandose já das portas do ocidente lançava seus raios, momentos antes crepitantes pelos mais altos galhoas das arvores.

Ao longe onvia se de quando em vez o saudoso gemido da juriiti...

Pelo meio da grande quinta do... dezenrola-va-se uma larga avenida que parecia ir estreitando á proporção que se estendia.

Era ladeada por uma rica vegetação de flores multicolores, algumas das quais iam emurchecendo com o fenecer do dia enquanto outras ainda em botão

sem dezoar, chando para receber no delicado calice as pequeninas gotas de sereno arjentadas por Phebe sob a influencia do quarto crecente...

Em uma curva do caminho atravessava um pequenino regato, cujas aguas deixavam transparecer a elvura d'areia sobre que corria...

Era algumas vezes encoberto pelas vastas ramajens da grama e outras plantas rasteiras que se confundiam. A vegetação ostentava ali todo o luxo e vigor...

Passavam por aquella avenida o Julio e a bela Antonieta.

Iam ali ao lado um do outro, em suave enleio, frizado pelos sopros tépidos da brisa que vinham impregnados dos perfumes das lindas flores que ornavam aquelle esplendido cenario de amor, até que se internaram por um logar mais sombrio.

Era ali uma alta latada de trepadiras e flores agrestes cujos ramos oscilavam impelidos pela nortada como que saudando o jovem par...

Amavam-se... e ali a sós faziam juras reciprocas de eterna amizade...

E seguiam naquele mesmo idílio quando de repente o julio se vio só. Olhou em torno de si e via ainda o belo cenario, porém... ella havia desaparecido.

Levou as mãos aos olhos e quando as retirou um ponto luminoso lhe feria o olhar. Era Phebe que escapando-se por uma nesga do telhado lhe illuminava o rosto... dentro da rede.

Tudo aquilo fóra apenas um sonho.

Pery.

combinou com o galego Júca, caxeiro do Praxédes, reparasse o bicho, que o seu patrão, punha na urna; e conforme o efeito, seria bem remunerado...

O Júca, aceitou.

No dia seguinte, foi como quem não quer nada, entrando no gabinete do Praxédes, e bispou a letra A, não vendo o résto por ter seu patrão posto, a mão em cima.

O Júca correu muito satisfeito e comunicou o ocorrido ao Max, dizendo: *Saves* ó Max, que não púdi bêre o «vicho», porque o vurro do patrão assim que me *biu*, pôz a mão em cima, e só púdi *bêre* a letra A; logo *dêbe* sêr e ou *Aguia* ou *Abestruz*.

Max, imediatamente cazou nos dois bichos.

No outro dia o Max, foi para o canto da Agência, esperar o seu cúmplice, para saber o resultado.

As 2 1/2, lá vem o Júca, muito atoqueado e na sua dura lingua diz-lhe: *Saves* ó Max, nem foi *Aguia*, nem *Abestruz*... —Então o que foi? Perguntou Max; pois não me disseste que eram os únicos bichos da letra A?

Disse sim, replicou Júca, mas, me tinha esquecido de um vicho, também da letra A e este justamente foi que o vurro patrão tinha escripto...

Então qual foi? Diz Max, já aborrecido.

O rapaz, o «Alifante»!...

Feljo

FILM

E' incontestavelmente o «Ideal Cinema», o cinema ideal desta capital, pois, capricha na escôlha dos films que exhibe, ficando assim, todos que o frequentam, cativos pelos seus proprietários, e deslumbrados pela beléza das projeções.

O «São Luiz», com seus vastos salões, agrada também, e ainda hoje os seus frequentadores sentem saudades dos pandegos «Geraidos».

O «Palace», todo de branco, deslumbra-nos a vista e as suas fitas não são menos belás.

Manquito.

PELO «RAIOS X»

...vi o fraque, do bacharel G... está muito chûjo. Só Doutor, quando *apozenta* o seu arcáico fraque? (Diz elle que só manda fazer outro quando for reeleito mandarim, da China).

...vi a corcunda do Flavio Souza, é muito engraçada, parece os chapéus da moda feminina, as toucas.

...vi o nariz do D... Fortunato, é um «ar-tnouveau».

Vou substituir, o meu «Raios X», por esse interessante nariz.

...vi uma membrana que liga os dedos do Manéco Lisboa, fazendo-o assim pertencer á classe dos «palmipedes».

...vi a mãozinha do Paxéco.

BOATOS

...o «Crizostomo», está saudozo pelos «matapastos» do quintal de S. Antonio.

...o João Lima, vai montar uma fabrica de tapioca e outra de «sêbo de holanda», somente para seu uzo.

...que o Zadok Pastor, é «invalido» da nossa armada. Reparem o seu andar.

...vão fundar um «club», os elegantes: Zéca Rego, João Lima, Heros Viana e João Rodolfo.

...o Waldemiro Vianna e o Domingos Vieira, estão á procura de mais 2 companheiros, para formarem um grupo de «gatos pingados».

Iché... olhem como elles andam.

...o Victor Paulino, vai arranjar uma patente de «Oficiá da

bríoza», para responsabilizar os redatores d' «O Canhoto».

Pra lá seu zambêta!...

...a boca do Nelson Rodrigues é iguel á de um jacaré.

...o Nereu Chaves não uza espinhas no rôsto.

Z.

RECREIOS

Um individuo perguntou uma vez á Calino:

—Uma pessoa quando se levanta da cama, o que encontra debaixo?

—Encontra cuspo; respondeu Calino convencido.

—Cuspo não, e sim um par de chinélos.

Quando marido e mulher se deitam o que encontram ao levantar-se?

—Encontram os filhos, está visto.

—Os filhos não, e sim 2 pares de chinélos.

E quando uma galinha está deitada, o que está em baixo?

—Ora, óra; disse Calino, filosoficamente, prezizava que eu fosse muito burro: São trez pares de chinélos.

CREADA LETRADA

—Creada, compra-me um maço de grampos, á venda proxima.

(A creada só volta após 2 horas).

—Que demôra foi esta? (diz-lhe a patroa zangada).

—O meretrismo patrão, demorei-me porque ou aliás eu escorreguei-me, numa infalível casca de banana e indubitavelmente me bati-me como inevitavel e corcovado nariz, na vejetação exuberante, da insupôrtavel e micronômica calçada de *pirlipipedos*.

1 Destingui na mulher esta cidade—1—2.

O Canhoto

ORGÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO ESTUDANTAL

ANO I

S. LUIZ. 15 DE SETEMBRO DE 1912

NUM. 3

EXPEDIENTE

Jornal critico noticioso e literario
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Correspondencia dirigida á «O
Canhoto». Rua 28 de Julho n. 35.
SÃO LUIZ

Retratos á lapis

I

(S... A...)

Não encontro palavras para fa-
zer aqui com as minhas tóscas
garatuhas, o retrato de S... A...,
em todo cazo peço a indulgencia
dos leitores para o que encontra-
rem de menos neste retrato

A vez primeira que eu vi a re-
tratada de hoje, foi em uma
procissão, ao ano passado, não
me lembro como, si nas azas ver-
des da Esperança, ou se repre-
zentando a Caridade. Eu seguia
acompanhando religiosamente o
cortejo mas o meu pensamento e
o meu olhar acompanhavam uma
virtude, mas uma virtude que fala
e ri, uma virtude Viva. Toda
aquella multidão se acotovelava
para aproximar-se do andor da
bela imagem e eu, unicamente eu,
ainda que levando enormes em-
purões, fazia esforço para ir
sempre ao lado d'aquella meiga
virtude, mais meiga talvez que
aquella imagem! E num largo
atapetado de capim verde, onde
sobresaeem duas arvores apenas
e uma cruz preta, erguilla em
frente a uma velha igreja que
sob o peso de muitos anos pa-
rece ter mudado de cor, eu a
perdi de vistas.

Depois de um enterro

Sete palmos de terra l... Muitas fló-
res,

Muita cá, muitas vozes em memen-
to...

E depois...um punjento esqueci-
mento...

Eis o final cruel de tantas dôres l...

A's vêzes, raras vezes, um lamento,
Raras vêzes um dito de louvores,
Mas sempre a solidão, com seus
tristôres
E a campa com seu triste acolhi-
mento l...

Sete palmas de terra l... Sete pal-
mos l...

Um simples ataúde, tristes salmos,
E um cadaver envolto num sudário l

E nisto, se resume a vida ingloria.
Pinda-se um drama, acaba-se uma
historia,
Chega-se assim ao termo de um Cal-
vario l...

Americo Cezar.

Si tivesse sabido com antece-
dencia, que ella, este ano, se-
ria novamente virtude, teria ido
empenhar-me com o sr. Bispo,
para um logar de anjo! Mas já
que isto não succedeu, limito-me
a rogar a esta santa pequena
que me dê consolo ás maguas
afim de que possa estudar sem
dificuldade as aborrecidas regras
da Gramatica, os *cacôtes* teore-
mas da Arimetica e da Geome-
tria, e as impiedosas leis da Fi-
zica e da Quimica.

Ella estuda no Convento, na-
quella caza velha e triste da rua
do Egypto e talvez seja por isso
que o seu nome é santo.

Têm aí os leitores um retrato
á lapis Sali á martelo, mas está
aí. Prometo retratar a maior
parte das senhoritas da nossa
elite.

Os retratos serão traçados á
lapis e rezumidamente, pois
como sabem os leitores ellas são
tantas que nem dez milhões de
canhotos e direitos seriam sufi-
cientes para retratar-as detida-
mente. Não zanguem-se as velhas
e... vivam as moças l...

A. Erre.

O amor sempre vence....

A'?

Foi por uma bela tarde de
maio o florido mez de maio, que
Julio estudante de direito, viu
uma menina a qual tornou-se
para si um anjo que desse mo-
mento em diante elle passou á
idolatrar.

Como será o nome della?
Acceitará uma carta declarando-
lhe o meu amor? Estas duas
perguntas, traziam o espirito de
Julio em completa perturbação.

Era preciso tomar uma qual-
quer resolução, embora arrisca-
da. Mas, faltava-lhe a coragem
necessaria, para enfrentar uma
empresa tão perigosa.

Depois de muito pensar sobre
o cazo, lembrou-se do Armando,
um seu colega com quem muitas
relações tinha, dirigiu-se a elle para
pedir-lhe que o apresentasse á caza
dos pais da «petite», porque de
outra maneira nada podia obter.

Ao mesmo tempo lembrava-se
de que os velhos podiam não con-

Lanterna majica

4ª Figura

Senhores, o meu nariz,
Aprezento agora em cena
Tamanho de palmo e meio
Tem *cardou* que faz pena,

Num idílio com a pequena,
Me disse sem se exaltar:
«Seu Lillo» Moraes Rêgo.
Procure o nariz cortar?...

5ª Figura

Ele um flautista saudoso,
Que só larga *calinada*
E' tipo muito mauhózo...
Amigo da meninada...

A' rua da Palma gosta,
O Agendar da menina
Que não lhe quer dar resposta
Das cartas de *lêtra fina*.

6ª Figura

E' empregado postal
Esta figura dentuça
Tem cara de carnaval
De malandro e esrapuca...

O Saldanhinha dengoso
Tá gostoso de dizer graça,
E's um tipinho amoroso
E' certo, não é chafazá...

Raffles.

Film

O «Ideal cinema» continuou na sua carreira impenetrável, aliada aos esforços empregados pelos seus delicados proprietários, de exhibição do que há de mais belo, mais empolgante em cine mágica moderna, os films *mo-rais e instructivos*.

Frequentei o «Ideal» e que a fantasia maranhense encontra distração ao espirito, principalmente nas filhas da fabrica «Nordeste».

Os seus distintos proprietários, sacrificando nenhum, pouparam, para apresentar aos seus frequentadores as melhores produções daquelle acreditada fabrica, onde

o espectador comovido, ante o quadro mais emocionante sente certa afeição pelo ente que padece e retira-se satisfeito, não só pelo que viu como também pelo modo com que foi tratado.

Manquito.

O DOMINGO

Realizou-se no domingo passado a festa com que o nosso digno governador, resolveu solemnizar a passagem do tricentenário da fundação desta cidade de S. Luiz.

Pelas 9 horas da manhã formou garbozamente, na Avenida Maranhense, o corpo Militar, sob o competente commando do brioso coronel Guapind-yá, prestando contingencias ás bandeirolas brasileiras, franceza e maranhense, que foram içadas nos respectivos mastros por trez gentis senho-ei-ras, ao som dos hinos brasileiros, maranhense e francez, que, com proficiencia, foram executados pela banda de muzica do mesmo Corpo Militar.

A esse ato solene assistiu grande massa popular, destacando-se entre as pessoas gradas o nosso honrado governador o ilustrado e virtuoso prelado maranhense, o Coronel Figueira e o Dr. Godofredo Vianna, integro juiz substituto federal.

As 2 horas da tarde foi instalada a exposição dos productos maranhenses, em compartimentos do palacio do governo e conservou-se até ás 10 horas da noite sempre visitada por grande numero de familias e populares.

Foi realmente de inextinguivel brilho as festas com que se solemnizou tão preciosa data.

Daute Faria

PELO RAIO X

...vi o coração do Albino, se aniquilando nas *chamas da paixão*...

...vi as sobrancelhas do Heros e a cabileira do Ory. Não são posições como dizem.

...vi que o Alfredo Carvalho é tudo: empreg do publico, ator, poeta, muzico, tipographe etc... menos homem, mas projéto de homem. E' *pequenininho*!

...vi que a paixão do São Bêlo, está concentrada na sua jiga.

...vi o casal de jacótas, Heros Viana e Ze de Melo, com que parece?

...vi uma menina que gosta muito de seu Poit. Elle é estimo do pelas *meninas*!

...vi o Ademir Serra saltar á rampa, com *uma mala* á costa, com vistas á Alfama legá!...

Pooch.

Boátos

...o chile do Gordo, não veio de *Moioba*, como dizem, a sim do *Pira*, que foi o bicho que deu sabado.

...os futurozos e apheados jovens Filogonio Lisboa e Dico Lopes, ac b m de inventar um importante aparelho fisico, ao qual deram o nome de *Dicologonio*.

Foi feita a experiencia do *pinhomático*, na aula de Phisica, causando admiração aos assistentes e duas formidaveis quedas, aos inventores.

...o Fernando Bittencourt, contrahiu aliança com uma gentil senhorita sua vizinha?

Gentes! Olhem o Fernandinho!...

IMPLICOS:

...com as rietas d's *paletots* do João Victor Ribeiro.

...com o Diutis Humberto Oliveira, que vive á *apouquear* os onvidos da vizinhança com a sua *sombra flauta*.

Z.

O Canhoto

ORGAM DE UMA ASSOCIAÇÃO ESTUDANTAL

ANO I

S. LUIZ, 29 DE SETEMBRO DE 1912

NUM. 4

O CANHOTO

Jornal critico noticioso e literario
Os assinantes têm direito de co-
laborar.

• Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Correspondencia dirigida á «O
Canhoto». Rua 28 de Julho n. 53.
SÃO LUIZ

PARA R. G. M.

Era uma tarde de primôres.
Os sinos repicavam a Ave-Maria,
e os fiéis pouco a pouco enchiam
o templo, afim de entoarem o
hino á Maria. De repente vejo
entrar uma donzella vestida de
branco, com um ar de riso. Eu
estava inquieto para vê-la de
perto, entrei, e comecei a con-
templar a beleza que irradiava
todo o espaço.

Nesse momento, não sabia se
estava no templo ou se estava
sonhando a ver uma beleza sem
igual. Momentos depois vi a apro-
ximar-se, quando fiz as minhas
cortezias, como de costume, ella
passou de par com uma senhora
de idade que parecia ser sua tia,
ou coisa equivalente. Aproveitei em
seus labios um sorriso
sedutor a guisa de estê em certa
altura, quando de repente a vi
chegar em uma caza onde estava
a sua esposa, uma senhora, que
abençoou-lhe, e beijou-lhe a fronte
alva. Era de certo, sua mãe ado-
rada.

Passou-se esta noite. No dia
imediatto, pela manhã tentei pas-
sar pela caza onde vi entrar quem
meu coração encheu de ale-

ETERNO AMOR

Conspire contra nós alguém... em-
bóra

Entre nós se levante uma barreira,
Será nossa constancia verdadeira
E o nosso amor persistirá, Senhora.

Hei de sempre te amar, bem como
agóra.

E a nossa loira estrela alvicaireira
Diz que a sorte, p'r'a nós, será fa-
gueira,
Conspire o povo contra nós... embó-
ra...

Embora o céu nos dê grande tor-
mento,
Brade a terra, conjure o mar sanhú-
do,
Haja tréva e desabe o firmamento:

Nós teremos no afeto a mesma au-
rora,
Passaremos incolumes por tudo
E o nosso amor persistirá, Senho-
ral...

Americo Cesar.

gría. Ao longe avistei-a debru-
çada a janêla, cumprimentei-a,
ella me respondeu, com um sor-
rizo encantador, e assim come-
cei a gozar as delicias do amor;
até que um dia deixou-me para
sempre e hoje vivo só, a pensar
nos dias sublimes que passei ao
lado dessa bem amada...

N. A. C.

AULA NOTURNA

A rua 28 de Julho, n. 53, lecto-
na-se o curso primario, por preço
modico.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

7ª Figura

Pernas zambêlas, curtinhas,
Do Albino atarracado
São como arco de barril
Creio estar bem comparado.

E num cinema elle achou,
Uma coizinha engraçada:
Um leque junto a um soneto
Do Varêla para a amada.

8ª Figura

O Viãna meus senhores
Que vai passando sozinho,
Andar de gato pingado
Tem fama de bonitinho.

Macaco, afirmo qu'elle éra
Na primeira encarnação;
Tanto que pegado a força
Lhe furaram o narigão...

Quando vê o Zé Palacio
O Waldemiro se esconde,
Ficando o nariz deitado
No trilho que passa o bonde.

9ª Figura

Ell o senhores, as armas!
Porfilar em posição,
E' feio de dar alarmas...
Espinhas tem em porção...

Namora por fantasia
As meninas, o Nereu,
E' andré, faz poesia,
Tem nariz de pelebreu.

Raffles.

Vitima de atrozês padecimen-
tos expirou domingo passado, o
nosso querido colega Fausto Was-
hington Santos, rapaz dotado de

RECREIOS D' "O CANHOTO"

O Concurso n. 2, foi uma verdadeira consagração para nós.

Foram tantas as cartinhas dicifradorias, que choveram em nossa redação, que o carteiro do nosso distrito, está atacado terrivelmente de *pernas cambias*.

Decifrações:

- 1º—Machado.
- 2º—Amor de Perdição.
- 3º—Alarico.
- 4º—Mascaras.
- 5º—Lilá.
- 6º—Deus é grande.

As que estavam certas foram, as dos queridos leitores. Abel Ramos, Alvaro Rebello, Raymundo Azevêdo, Waldemar Santos Adelzito Almeida, Ramiro Guterres, Nereu Alves Chaves Vicente Reis, dentre os quais, foi sortiado o simpaticizado e ativo auxiliar do comercio

Nereu Alves Chaves

ao qual daqui mandamos-lhe um abraço de *quebrar-costelas*, juntamente com um luxuoso exemplar da celebre obra de Zola: «O Paraíso das Damas».

Concurso n. 3.

- 1º—Tempo agradável! Leitor, as minhas festas!...—2—1.

ciza dessas palacudas de circo prá viver! Enquanto eu viver, elle tambem ha de ter o pão nosso de cada dia. Um cachorro que eu estimo, como si fosse meu filho!

On' comem dois, comem trez. Pois não é assim vizinha!

Falei, descompuz, pinte!...

O sem vergonha, nem cazo!

Aquillo já era demais!

Abracei o meu Cupido, beijei-o, e sai dali vendendo azeite as canadas e fui direitinha fazer queixa ao meu velho.

2º—Da terra este pronome é um vizo—1—1.

3º—Cura e sara a ave—2—2.

4º—Esta esfêra vindo da India come-se—2—1.

5º—Sustenta as flôres, engorda os gatos e alegro o povo—2—2.

6º—Qual é o largo que veste farda?...

7º—Qual é o homem que é ave?...

As dicifrações devem vir como dissemos no numero anterior, até o dia 5 de Outubro, sendo vencedores os concorrentes que apresentarem as dicifrações, acompanhadas de maior numero de *Vales*.

1. Premio

Um artistico tinteiro prateado.

2. Premio

Um livro encadernado á parcalina.

O famoso dr. Simplicio tem que relatar um assassinio. Eis a conclusão do seu notabilissimo trabalho:

—«Em rezumo a vitima recebeu duas feridas, causando a morte á primeira; enquanto a segunda, *felizmente* não apresenta gravidade.

—Calino tem um filho que ainda não foi vacinado.

—Mas porque essa teima. Não

Não, que fôsse já era tempo!

Eu tinha um nó entalado na garganta e, si não dezabafasse, morreria com certeza.

—A senhora benisábe quameu velho é aquilo que se vê... Não é capaz de fazer mal a uma mosca...

Mas assim que soube da malvadez do equestre, ficou... vizinha!...

Ficou que parecia uma fera! Eu até tive medo delle... palavra!

Antes, porem, que eu pudesse segurar-o, elle coveredou pela

vés que a epidemia está terrível?

—Não creio na vacina.

—Não crês, porque?

—Porque tive um irmão que se vacinou e 3 dias depois, morreu.

—De bexiga?

—Não, de uma queda.

Entre estudantes

Um estudante, tentou suicidar-se ingerindo uma dóze de veneno.

Um colega que o foi vizitar, querendo consolar-lhe, disse:

—Então quizesse te suicidar por semelhante tolice!...

Olha, se eu fosse me suicidar por cauza de reprovações, já tinha morrido oito vezes.

Quem quizer escolher noiva,

Escolha p' lá andar:

Toda aquella que for falsa

Piza no chão devagar.

Fui-me confessar, e disse

Que te andava namorando.

Por penitencia me deram

Que fosse continuando.

Recreios d' «O Canhoto»

VALE

Para o concurso n. 3

sála dentro como uma tempestade!

Eu fiquei fria!

A' vizinha! Como me arre-

pendi do meu passo! Se eu soubesse, nada tinha contado ao meu velho!

Fui na pontinha dos pés, e puz-me a escutar atrás da porta.

(Continua)

A. B.

O Canhoto

ORGÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO ESTUDANTIL

ANO I

S. LUIZ, 20 DE OUTUBRO DE 1912

NUM. 5

O CANHOTO

Jornal crítico noticioso e literário.
Aceitam-se artigos, em lingua-
gem decente e instrutiva.

Assinatura mensal

Capital 300 réis

Interior e Estados . . . 300 réis

Correspondência dirigida á «O
Canhoto», Rua 28 de Julho n. 53
Maranhão SÃO LUIZ

A festa

Salve! Festa dos Remedios
tão bem querida e amada pelos
nossos antepassados!

E' bem justo que amemos
e queiramos esta tão inesque-
cível festa.

Com muito pesar vi que
as noites de sexta e sabado
estavam gelidas qual a mais
gelida região boreal.

O João Rodolfo o o Laudo-
lino, não tiveram grandes ser-
viços, contar as moças que
entravam na igreja, pois eram
tão poucas; o Filogrôno fo-
tografo, lá estava tirando belas
chapas; o Eiter e o Antonio
Martins, que mudam as rou-
pas e vão ganhar seu *vinhem*
rolando o *carrousel* também
folgaram bastante; o Mariano,
bem alto falava francez com
o *globe trotter*. O prestimozo
Cazuza, lá estava! Basssta!...
bem que o Nereu não o fiteiro,

Presente d'ânos

A' A. O. M.

Quantas vezes, querida, penso em
Esquecer este amor desamparado,
Esta paixão sutil, que por meu fado
Veio habitar meu pobre coração.

Tento abafal-a e logo uma ilusão
Suave me domina, e condenado
A este eterno martirio a mim talhado
Subo ao calvario enfim sem reden-
ção

Quantas vezes querida hei demon-
strado
A ti—divina flor dos meus carinhos
Este perene afeto acrizolado

Hoje por teu rizonho natalicio
A par dos meus saudares tão mes-
quinhos
Te ofereço este amor em sacrificio.

R. V.

mas o canhoto, nos forneceu
a lista dos cavalheiros e se-
nhoritas, mas como eram pou-
cas, ficará para quinta-feira.

Senhoritas noivas e não
noivas, levem os noivos para
o largo, gozar a frêscia aragem
da Praça Gonçalves Dias e
ouvir a exímia orquestra que
é o que lá domina.

Hoje! a noite dos estudan-
tes deve ser uma delicia, pois
elles preparam uma encanta-
dora surpresa.

Dante Faria

Precizam-se de vendedores para
este jornal.

Tipo Excentrico

Passaram-se alguns tem-
pos, sem eu analisar rezumi-
damente os tipos exóticos
que vagueam pela S. Luiz,
incontestavelmente por falta
de assunto; pois não queria
me ocupar de pessoas *baru-
lhentas* (á Kraque).

Como tenho agora terna,
piuto minhas garabulhas, pela
segunda vez.

Já os leitores bem sabem
que só me ocupo de pessoas
pacatas ou mesmo de gran-
des capacidades... senão...
coitado do seu «Bingo», tal-
vez estivesse hoje enterrado
com os *limpos* canos do mal
arranjado esgôto. E basta!

Agóra entremos em apreci-
ação.

E como jamais me lembrei
de publicar nesta divirão, o
nome e as peripecias do pres-
timozo «Cazuzinha» coacervo
agóra sua vasta e fecunda in-
teligência com uma dellas.

Eil-a:

Passava uma vez, por uma
rua, quando senti cair em
seu alunilado chapéu do *Chi-
le*, um... um... tenho ver-
gonha de dizer... mas, os
leitores já sabem o que pode
ser! Não digo o que é senão
a vovó delle fica zangada:

«Ora, meu *nenho* fica azá-
do... agóra!... Perde toda
a freguezia!...

E elle nem se zangou, pois
compreendeu logo que só po-
dia ser alguma das suas ami-
guinhas.

Temos a honra de comunicar aos nossos leitores que resolvemos substituir esse concurso pelo de elegancia que hoje iniciamos.

A Elegancia

A elegancia, é a coisa mais apreciada no genero feminino. Pode uma senhorita ser bela, sem ser elegante? Não Logo a elegancia é o talismã mais precioso, e por isso o mais apreciado.

Ao vermos uma senhorita o primeiro golpe de vista, é a sua elegancia e ao seu porte.

Pois vejamos que fazem rapaziada, lacem as pequenas na elegancia, basta que um só as ache elegantes para chamar o graxéio d' «O Canhoto» e comprar todos, encomendando outro tanto para o dia seguinte.

Abaixo vai o coupon, que o votante terá de obedecer o que está escrito. Se acertamos em envelopes fechados, que podem ser entregues no «Cazeza Carnaúba Praça João D'Alva, Jardim central, Figueira Bravia n.º 11» ou endereçados mesmo a «O Canhoto» Rua 28 de Julho 53 S. Luiz.

Aproveitem rapaziada, que a purgação será feita no ultimo dia da festa.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz

Volante

Retrato a lapis

II

L. L.

Morena, mas um moreno claro e acentuado, simpatica e afavel; nos seus labios borbulha sempre um arzinho de riso.

Encontramol-a numa das principais lojas desta capital, suavizando o odorifico calor, que reina naquella estabelecimento comercial *Lá* na musica, *Itô* seu nome; o cog nome, seu pai, por ser comerciante importou o do glorioso berço do imortal Camões. E a vida daquella caza comercial; as vezes vou lá unicamente para vel a

«Quando a mulher é bela, pode a róz
Ser comparada a formozura della,
Nem há na terra coisa mais preciosa
Do que a mulher quando a mulher é bella»

A. Erre.

Policiamento secreto d'«O Canhoto»

DIZ O OFICIAL DE ESTADO

o Lazulito depois que contraton casamento, está ativo, lá para as bandas do Santiago.

Cava Laudico das meninas...

o Pedro Rebouças pretende breve passar a socio de uma caza bancaria. Seja feliz seu Rebouças.

...o Domingos Vieira Fantoche, como passou a carteiro, anda procurando uma...

Al, seu Fantoche...

...o Pinheiro Costa, tem trazido as pequenas, apaixonadas!

Não faça isto, seu Pinheiro!...

o Manduca, está sangrado com a «Guambuca»!

Porque Manduca!...

o Amadeu, quando encontra uma qualquer menina, beija-lhe as mãos e a fronte.

Eu digo!

o Deota Mattos, em breve, contratará casamento com «ella».

o casal de ferôtas, quer conhecer o Redator d'«O Canhoto».

Senhores Janotas, o Redator sou eu!

foi oferecido aos revizores do «Diário Oficial», um rico presente: mamadeiras, pipos, leite e brinquedinhos!...

o prestimano que acaba de trabalhar no Cinema «S. Luiz», conseguiu a vista dos espectadores, dar um certo tom de graça nos mimozinhos queixos do: Dr. Mariano, José Amaral, Dico Bello e Aurelio R. Lima.

Pena é, que não seja para sempre!

o liga Dicologonio & Dias procezarão o Dr. Luiz Serra, distinto professor de fizica do Liceu, por crime de leza—ortografia moderna.

irão para a Exposição os seguintes aparelhos da fabrica Dicologonio & Dias: Maquina de Morin Decimetro da refracção.

as moças abandonaram o Cinema «S. Luiz», pois quando espartilhadas não podem entrar naquellas cadeiras. Baço de avindas!

o quadro que o Melofone mandou para a Exposição, obteve medalha de ouro.

Nem deller que tinham dezechados braços, pernas, pés, rosto, etc. também via-se escrito abaixo «por acabar B. Mello».

que o Firmino Valente não dança onde tem «riança», só onde tem vovô. Ora Firmino.

o João Maciel briga com sua... ela porque?... O Prado sabe; é tão bonitinha affeia...

o Lindoso brevo fará um tiroteio na praça central com seus devedores que não o pagam.

o Abimacl não vai a festa, porque vive o dia inteiro na ó... obraça

O Canhoto

Do canhoto não tem nada, é bem direito até (d' «O Martello»)

ANO I

S. LUIZ. 27 DE OUTUBRO DE 1912

NUM. 6

A festa

Domingo, a festa esteve como nunca. Tinha gente até na torre da igreja prozando com os quatro evangelistas.

De segunda-feira para cá, a festa foi aumentando a influencia progressivamente, até ante-hontem a noite das senhoritas e hontem a do commercio que foram igues as de domingo passado!

E hoje o grande dia de N. S. dos Remedios, dia tão bem querido e amado, com que impo-nencia não deve estar. Para isso se esforce a incançavel comissão.

Hoje mesmo é que lá faltará ninguém, desde o mais feio, até o mais bonito e elegante (com licença do nhô Pego).

No proximo numero trataremos minuciosamente desta grande festa de hoje.

Dante Faria.

Retratos a lapis

III

C... R...

Simple e bela, olhos contemplativos e facinadores; seu nome parece-me uma derivação de *Consuelo* e talvez seja isso que lhe dê tanta graça. A beleza é, sem duvida um dom peculiar ás *Consuelos*; conheço duas, que são dois lirios.

Vejo-a raramente. As poucas vezes que ella encontra o humil-

A CARTA

A. A. M. S.

Santa. Estas linhas que te escrevo

Chefas de afeto e cheias de espe-
rança,

Nada mais são que lépida lem-
brança

Daquelles dias prósperos de ou-
tr'ora

Quando á tardinha ao badalar da
hora

Final do dia em fúlfida aliança
Nós dous em grande bemaventu-
rança

Num doce idílio que nossa alma
enflora

Lá naquella janela descorada
Entre sorrisos íntimos de afeto
Entre os beijos suaves da nortada,

Conversavamos e eu alimentava
Este amor que te oferto, mui se-
creto

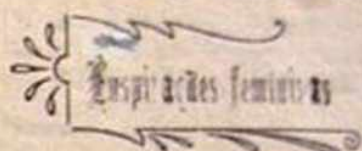
E que p'ra confessar-te me aca-
nhava.

R. V.

de autor destes retratos não pro-nuncia, siquer um classico bom dia; pelo contrario, zomba da minha microscopica ligora e... só.

Rezide em um sobrado ao lado de Odorico Mendes, gozando, portanto, a briza que em impetos medonhos abraça aquellas gigantes palmeiras. Foi ha algum tempo, premiada em um dos nossos concursos de beleza. Conhecem-na?

A. Erres.



A pedido de distintas senho-ritas, que dezejam colaborar n'«O Canhoto», o que nos honra bastante, resolvemos abrir esta Secção, sob a epigrafe acima, onde serão publicados as produções que chegarem, pela ordem.

O meu coração é um altar,
onde estão eréctas todas as
minhas iluzões e a tua pessoa.

Assim como os passarinhos,
saltitando de flor em flor, en-
contram o néctar com que se
alimentam; assim também eu
nos teus olhos, encontro a es-
perança e o conforto que ali-
menta e ameniza o meu cora-
ção apaixonado.

Elza.

Amar e estar auzente da pes-
soa amada, é viver enclauzu-
rada num convento, sofrendo
as maiores incertezas e sau-
dades, porém se um dia o des-
tino nos vem reunir para sem-
pre, a nossa vida é compara-
da a um batel doirado, nave-
gando em um mar de delicias,
tendo por timoneiro, o Cupido,
Deus do Amor...

Eldenora.

Tipos excêntricos

Escandaloso plagiato

Não deitava registrar nesta folha, nome de qualquer pessoa de caráter estranho ao nosso, isto é, já publiquei alguns que são taxados do que disse acima, mas, como por esta **malha** não passa, *camarão*, peguei um que me ia quasi escapando:

O *futuro* poeta, ao luar, Raymundo Prado Pereira, tipo exotérico e demaziadamente convencido...

E' *inegável*, o Maranhão é a terra dos *poetas*, ... que poetas!

Chefiados por um *galo tonto*, que o leitor ou leitora já conhece bem, vivem elles *azando*, a paciência, dos incautos.

Não ponho agora, às apreciações dos leitores, um *seu trabalho*, de *grande canceira*, mas me aguardo para a primeira ocasião.

Enfim, esse tipinho se finje nosso amigo... e em nossa ausência: páu nos *canhoteiros*!

Passemos ao primordial tema da *gora*, pois não devemos nos nivelar, por enquanto, com o *galo tonto*.

Disto que eu quero falar:

«Ao amigo Corrêa Pinto.

Adeus! forte rainha do *inverso*, Adeus oh mocidade esperançosa Maranhão moderno que o perverso Mal combate contente e corajoso».

E por aí avante... sem o copador deixar de escrever um acento.

Esse plagiário é refinado, pois em vez de escrever: *universo*, (como estava no belo soneto do Sr. Carvalho filho,) escreveu *inverso*, supondo que são sinônimos.

ESCULPINDO

Deve-se brevemente fundar nesta cidade uma galeria de escultura, seu director incumbiu um dos nossos companheiros de preparar os diversos monumentos, estando já adiantado o trabalho. Começemos pois de hoje:

I

Este primeiro que vos mostro em gesso, De pernas finas e chapéu cinzento, Nada mais é nem menos que um portento De inspiração p'ra um verso. Não conheço

Lá na Escola Normal, eu vos confesso, Aluno mais poeta e nem talento, Que exceda o seu sublime valimento. Avaliem leitores o seu preço:

Ha tempos aqui estive um tal— Galliza, Semi-vate de mangas de camiza Que «mestre» lhe chamou. Olhem que é sério.

As abas do casaco ao vento atira. Juntos as pernas a carêta e a lira. Nos dão certeza que é um M. Etéreo.

Pery.

E assim por diante, a chusma de asneiras...

O poetastro só chegará ao nível dum poeta, quando *galinha*, ciscar para frente.

Creio eu, que a *poética* não é para quem quer, e sim para quem já a tem desde o berço.

Olhe seu *coisa*, largue a lira dos outros e vá lambear sóla.

E por hoje basta...

Bingo.

Precizam-se de vendedores para este jornal.

Policiamento secreto

d'«O Canhoto»

DIZ O OFICIAL DE ESTADO:

a flauta do Agenor, quebrou-se quando executava um trecho de *Mozart*...

...o João Rodolfo tem um olho de vidro... qual d'elles?

...o fiscal Magalhães consta que raspou o seu *meio bigodinho*...

...o Dr. Heros não quiz enfeitar as genivas do Bello, porque o serviço é *pouquinho* e não valia o trabalho...

Espreze o Zadok seu Bello.

...o Nereu foi retirado do Palácio, por estar contaminado o ambiente perfumado com sua *grandíssima* cabeleira...

...o Mariano, tomará parte no Foot-Ball de domingo com seu queixo... nariz... cabelo... etc...

...diz o João Victor que é bem raro um frade filho de outras nações que não seja italiano...

...o Victoriano Almeida deixou na fita do telegrafo um rastro de sua gagueira.

...o Ne son Jacaré... depois que o «Diário» morreu... vive de lesionar «metricagem de verso».

...o Vitor Paulino era o rapaz mais elegante que estava na festa, elle não estava muito duro lá como dizem, estava até bem mole e... dengoso... neurastênico...

...o Albino experimentou conversar com todas as pequenas que estavam no largo... elle dava marradas que ellas ficavam com medo... óó boi...

...o Rodolfo Rego, mil dentes... foi encontrado no Anil procurando o Correio... perdido estava... coitado...

...o José Palacio depois que deixou o Seminário está arrependido. Porque Palacio?

Pois não vais passar a socio de uma companhia de vapores?

O Canhão

De canhão não tem nada, é bem direito até (d' «O Martello»)

ANO I

S. LUIZ, 3 DE NOVEMBRO DE 1912

NUM. 7

Gonçalves Dias

Quarenta e oito anos são passados que desapareceu o rutilo cantor do Timbras!

Sonhador que teve o prazer de nacer e morrer em Maranhão: Caxias o seu berço, e Itacolomi o seu túmulo.

Genial bu-lador da rima que tão bem se salientou entre os vates na nossa terra.

Salve excelso contratante, a tua memória receberá as homenagens que hoje te fazem.

A festa

Sublimes, em toda extensão da palavra, estavam as noites de domingo e segunda-feira.

Domingo, desde às 5 horas da madrugada passava gente aos punhados. As 7 horas o largo estava tão cheio que só Dr. Lemos Vianna e o clube das garrafas podiam transitar desembaraçadamente.

Sobre a decoração da igreja, nada temos a dizer, pois o Dr. Carlos Marques incansável na sua honrosa missão trabalhou sem o mínimo interesse com todo afino para maior brilho desta festa.

As senhoritas mais belas e elegantes da nossa selecta sociedade, transitavam em bandos alegres e sorridentes.

A rapaziada, toda snob,

RECOMENDANDO

Gravados tenho n'alma os radiantes
E extremos olhos, que corando,
Me lançavas, ó flor, de quando em quando,
Entrechoando aos meus febricitantes.

E os divinos sorrisos cativantes
Que por baixo do leque, disfarçando,
Deixavas escapar, me extasiando
Entre mil fantasias, delirantes.

Inda sinto o pulsar dentro do peito
Daquelle ternos afeto, tão recemente,
Que por ti experimentei, ... bem que sus-
peito!

E' que meu coração naquelle euredo
A luz dos olhos teus, por ti somente,
Palpitava de amor muito em segredo!

R. V.

applicava constantes declarações que causavam dó...

Finalmente, segunda-feira, animada da mesma forma.

Com muito pesar a 1 hora da madrugada, vi os festeiros se despedindo de suas... elas muito chorozos, e pedindo-lhes que não faltassem a de domingo dia de Gonçalves Dias.

Permitam os céus que esse ano passe depressa para chegar tão inesquecíveis noites de prazeres e namoros...

Dante Faria.

Um novo colega

Aparecerá brevemente um jornalzinho «O Futuro», sob a direção dos futuros jovens José Andrade e José Pereira.

Dezemos ao coleguinha, próximo aparecimento.

Retratos a lapis

IV e V

H. L. e H. M.

Duas Hilda, que só têm de comum a beleza e o nome.

Uma tem nas faces a cor morena de Lisboa; a outra — a brancura da neve, sol que desponta sobre os monteiros desta capital.

Uma é formosa até parua onde passa os dias trabalhando incessantemente; a outra, bela e paciente, resignando-se com a cruz que vê a todo momento.

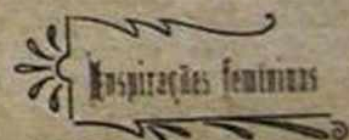
Uma fala *correctly* a lingua de Jorge V; a outra, diz o que sente «conforme as regras segundo as quais se escreve e fala a lingua portugueza».

Uma — «meteoro de sombras»; a outra — «meteoro de luz».

Esta 2 senhoritas, que até tens retratadas, leitor, representam dois «padre nossos» do meu Rosario das Santas Moças.

S. Luiz, 28 - X - 912.

A. Erre.



A constancia é um elo inquebrantavel e sublime, que une na azequia dois corações que se amam.

Helena.

Corajem !... avante !...

Ao amigo Doutor

A's vezes, está o homem muito satisfeito, junto da pessoa amada, quando um revêz da sorte, o atira para lonjiquas e medonhas rejões, onde o ar, que se respira é fogo, a água é lama, os frutos venenos, as aves são còrvos esfaimados, as plantas são lugubres ciprestes, enfim, a natureza não lhe sorri, pelo contrario, concorre para o seu desespero e fal-o lastimar, não ter um seio amigo, que de escrínio lhe sirva para depositar nelle, os doces sonhos d'amôr, as ridentes inspirações do futuro.

Mas esse homem, de tal fôrma bafejado pelo destino, não deve jamais dezanimar, e encorajado pela doce esperança de um dia, depois de muito trabalhar, e lutar com as infadas ingratas da vida ha de concluir o seu ideal, e junto do seu querido amor, exclamar entusiasticamente: «O amor sempre vence !!!».

Lilica

A Elegancia

Sobe ao apôje do entusiasmo, entre os nossos queridos leitores, este Concurso de Elegancia, sendo a votação conhecida até hoje, a seguinte:

Regina Jucá.....	59
Lilia Botelho.....	50
Maria José Moreira.....	47
Laudisêa Jucá.....	45
Antoninha Maya.....	45
Caçul Nogueira.....	43
Victorinha Mendonça.....	40
Cotinha Motta.....	40
Ozitha Burnett.....	33
Sinhazinha Costa.....	30
Odila Nogueira.....	28
Virginia Wall.....	24
Naiza Souza.....	20
Santinha Arozo.....	12
Dinah Teixeira.....	10

Jessie Salles.....	10
Zenaide Lopes.....	10
Nazareth Costa.....	10

De hoje em diante, só publicaremos os nomes das senhoritas que tiverem de 10 votos para cima.

O primeiro premio, com já dissemos no nosso numero anterior, será uma bela alegoria, trabalho do futurozô jôvem Poreluncula de Moraes, a qual já está quasi concluida, sendo por estes dias posta em exposição.

Os outros serão verdadeiras surpresas, que para maior triumpho, guardaremos a sili.

Os cupons, devem vir em cartas fechadas, dirigidas a «O Canhoto», Rua 28 de julho n. 53.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz é

Votante

Tipos excêntricos

Pedi por hoje, esta seção em p estada ao c lega Bingó, unicamente porque tenho de dar alguns conselhos a um francez improvisado que anda por si depreciando este jornal. «A Fita» lhe chama de doce, e elle fica tão satisfeito, coltado, que vai a festa, e não tendo assunto para

tratar com as moças (que gostam tanto d'«O Canhoto»), o seu chapéu de côô desmoraliza o profundamente

Disse elle: «uma môça não deve busultamente ler le «Canhoto».

Diz você que não gosta desta folha porque não lhe chama doce. Ora seu Juca, não eixa que lhe chamem doce que é couza bem feia, é priôr do que lhe ouvir falar francez.

Seu Juca, tipo como você, sa algum vez sair n'«O Canhoto», é nesta seção.

Recorra os numeros passados deste jornal n' seção de «Tipos excêntricos» e veja quem são os seus colegas, veja com quem eu lhe comparo: com aquelles que já saíram nesta divizão.

Cuidado! que um canhoto, mesmo com sua mão esquerda pode lhe rechatar o boné que usa constantemente.

E passe bem.

Guazéto.

Policiamento secreto

d'«O Canhoto»

DURANTE A FESTA DE DOMINGO E SEGUNDA:

sen Crizostomo, o gerente do «Diário» quer falar com você...

... foi com 26500 que o João Pachôla adquiriu toda aquella póze. Lunêta faz coiza!...

... o bacharel Garrido encarece tanto as pernas quando anda e arregala tanto os olhos por detraz da lunêta, que até parece que vai no mundo da lua...

... a liga Dizalogoio & Dias é formada por sujeitos tão feios que até doem na vista

do
ESTADO DO MARANHÃO

O Canhôtô

Do canhôtô não tem nada, é bem direito até (d' «O Martello»).

ANO I

S. LUIZ, 10 DE NOVEMBRO DE 1912

NUM. 8

Gonçalves Dias

PATINANDO

Sai do meu minúsculo pa-
lacete, Domingo, rumando a
praça em que se festejava
Gonçalves Dias.

Depois de um exercício pe-
destre de meia hora, entrei
solenemente no antigo largo
dos Remedios, onde já havi-
am flores, luz e bandeiras.
Para ouvir melhor os oradô-

O PENSAMENTO

Para pensar em ti, às vezes fecho os olhos.
E deixo o pensamento as asas destender
Por esse espaço azul onde não há abrdões.
E pode a crença morta, inda florir, viver!

E elle, o viajero, o peregrino oozado,
Que não tem balaôis nem raios de porcelas
Transporta-me a sorrir a um templo auri-
rozado
Onde as edoas danôr dedizam-se mais bô-
las.

E amo o sonho e gôzo uma ventura infinda,
Revendo o que morreu, o que extinguiu-se
Seguido o pensamento a sua rôta sinda
Meu coração palpita em dulçor de encanto.

o autor d' *O Mar*, já bastante
melancolizado pelos termos
sentimentais que ouviu.

De autônovei, entre o João
Lima e o novo poeta Teixeira
procurei os penantes.

Souza De Lima

NOTA: O De Souza, que
estava detalhado para discus-
sar em nome da posteridade,
como um bom discípulo, imi-
tou os mestres.

S. D. L.

res aninhetados, tristes de me
perfilar em cima de um can-
teiro paralelo à estatua mar-
tirizando a grama, que te-
ve a dura sorte de experi-
mentar, pela vez primeira,
os meus pés de boneca.

Já um pouco massado pela
demora do começo renei brad-
ar o muito conhecido *tá na
hora* com que o Zé manifesta-
nos circoos de cavalinhos.

Por se terem eclipsados to-
talmente os oradores, Antonio
Lobo e Mingo Barboza, ape-
zar de muito nos ter prometido
o programa dos festejos. De-
pois das vozes femininas em
torno da estátua do grande
cantor surgiu á tribuna o vulto
simpático de Fran Paxêco,
que, com merecidas palmas,
foi acolhido. Falou no poeta
e do poeta e foi escutado sob
um grande silêncio.

Logo após appareceram ca-
zal e meio de meninos, que,
com um cicio, tiveram a
rapidez da fita na lente cine-
matografica. Lêu por ultimo

Para pensar em ti, afasto-me das illas,
Exilo-me no mundo e busco a solidão !
At na brisa olente em creio ouvir de as falas
E o murmúrio sutil dos nossos corações.

Na aza do pensamento ha de vagar errante,
Transponho o lar gentil onde vivi um dia
E ainda sou feliz uma hora no se instante
Nos mundos do ideal, nos mundos da poe-
sia.

Francisco Salles de Souza.

O Sr. Dr. Governador do Es-
tado umas tiras de papel,
com tanto entusiasmo que
entuziasmou a pequena mul-
tidão na praça estacionada.
*Preenchidas essas formalida-
des*, cantaram as colegiais o
hino maranhense.

E assim se terminou a co-
memoração de 3 de novem-
bro deste ano, deixando-se
novamente adormecer, izola-
do, o maior dos vates contem-
poraneos dos meus avós, o
qual vive porque não morreu.

Quando as costas voltei
para tomar um auto esban-
dilhado que me esperava, la-
deixei a banda de musica da
milicia estadual para animar

Nereu Chaves

Colhe a 12 do corrente, mais
um botão, no jardim da sua exis-
tencia (delle) o inocente Nereu
Chaves, que verá alvo neste dia de
uma expressiva manifestação por
parte de suas *ellas*. O Canhoto tam-
bem enviará nesse dia ao *mimozo*
bébé um bom encadernado amplexo,
pela amizade que lhe dedica.

Retratos a lapis

VI

L. B.

Não possuo, é verdade, a pe-
rícia artistica, em materia de re-
trato, como o querido colega que
nesta seção ha retratado o que
de mais selêto p'ssue esta ilha
querida.

Mas, como quero hoje fazer
um ligeiro esboço, embora não
saia bem feito, de uma jovem
que tem me prendido a atenção;

«O Canhoto» não se serve por dezencubir puxões. Declare-se a v. Del. por meio de carta e não pelo «O Canhoto».

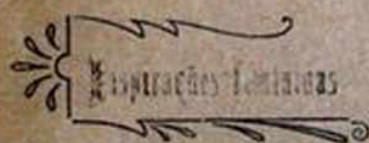
Recebemos visitas dos distintos colegas:

Folha do Norte . . . Pará
Portug. e moderno . . . Rio de Janeiro
Bo. fin. agric. l. . . Pernambuco
Gazeta P. Bahia
A Capital Belém
A Comarca Cuiabá
Anapuru Brejo
O Martello Capital

Agradecemos sumamente a visita que nos fizeram.

Comunicamos aos nossos assinantes, que em vista do «O Canhoto» ter de sair todos os domingos e feriados e dias santos, com algumas edições especiais, resolvemos aumentar as assinaturas para 400 reis, com o direito a todos os números publicados.

Essa resolução vigorará do mês de dezembro em diante.



A pedido de distintas senhoritas que desejam colaborar no «O Canhoto», o que nos honra bastante, resolvemos abrir esta seção, sob o epígrafe acima, onde serão publicadas as produções que chegarem, pela ordem.

As minhas lágrimas, são as mais preciosas perolas que encontrei no Oceano do Amor.

O despezo é a sã mais cruel que pode ter o coração sensível de uma mulher sincera.

Carmelita

O amor só pode ser um sentimento puro e inocente quando existe num coração sincero e nobre.

Helena

Films

Com numerosa concorrência, deu nos o Ideal Cinema, domingo passado, o mimo e emocionante drama—Última hora, que nada deixou a desejar.

Quinta-feira: «O segredo de Aviação», arrojada concepção cinematográfica, que faz patente as terríveis causas da infidelidade conjugal e mostra-nos, em cena, até onde pode chegar o arrojo de um homem ambicioso, desprezando-se o vazio, e caindo brutalmente no solo, desfazendo em mil pedaços um belo aeroplano e tudo isto causado pela espolia infiel dum glorioso avião que havia batido o record de altura.

Tal é mais ou menos o belo drama com que o Ideal alcançou mais um sucesso.

E hoje domingo, exhibirá conforme o anunciado, um importante film que de certo atrairá grande concorrência.

A tarde como de costume *matinée* e *crepusculo*.

Outras casas de diversões, também darão *matinée* e sessões continuas à noite, com programas novos.

Manquito.

A Elegancia

Ainda continúa a dar sorte, o Concurso de Elegancia, por nós organizado, sendo a votação a seguinte:

Regina Jucá	146
Lilia Botelli	119
Maria José Moreira	107
Laudisséa Jucá	100
Odila Nogueira	98
Ozitha Burnett	95
Antoninha Maya	85
Caçul Nogueira	80
Bembeir Meirelles	77
Colinha Motta	70
Victorinha Mendonça	64
Virginia Wall	61
Naiza Souza	60
Santinha Arozo	59
Sinhazinha Costa	55
Dinah Teixeira	50
Zenside Lopes	44
Jessie Salles	41
Nazareth Costa	28
Regina Carvalho	18
Melinha Costa	13
Quetinha Pereira	11

Os cupons, devem vir em cartas fechadas, dirigidas a «O Canhoto», Rua 28 de julho n. 53.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz é

Volante

O Canhôtô

Do canhôtô não tem nada, é bem direito até (d' «O Martello»)

ANO 1

S. LUIZ. 17 DE NOVEMBRO DE 1912

NUM. 9

O 15 de novembro

Leitor, apesar de não ser republicano (nem monarquico) e ser indubitavelmente alheio aos feitos de qualquer paiz e mesmo do Brazil, encerro aqui o que sei com relação ao nunca esquecido dia 15 de novembro 1889.

Deodoro, Bocaiuva, Campos Salles e outros, cujos nomes me não vêm agora à memória, aproveitaram a revolta de um «batalhão de linha» contra o ministério de Ouro Preto e fizeram o que hoje está sendo uma verdadeira anarquia e que para pior vai. Julgo eu. E por isso se sois republicano (brazileiro da gema) desculpai-me. E para pior vai, como disse, pois cada vez mais se alastra neste meu torrão o sangue dos pobres brasileiros ocasionado por inauditas vinganças e revoltas (dispensáveis), imperadas por pessoas que nem sabem os infortúnios que causam as famílias brasileiras. Não compreendais com isso que eu seja monarquista. Nem tenho idéas sobre essa coisa, mas, quero dizer, enquanto esta vamos sob o domínio de um, não eramos livres, nada disso acontecia com calamidade.

A crise que atravessamos hoje na república proclamada desde o dia 15 de novembro adivinha qualquer acídia do povo brasileiro que não é sendo negligente. Leitor, não tenho ainda pensar suficiente

para me manifestar em favor desta ou daquela politica, mas almejava coisa melhor que o que está aniquilando perenemente os corações maternos. Queria uma república risonha e esperançosa.

Retratos a lapis

VII

Teremos o nome desta, se reunirmos a primeira pessoa do pretérito perfeito do verbo *ler* à primeira pessoa do pretérito imperfeito do mesmo verbo.

Seu cognome traz-nos a idéa da *rocha*, mas diferente das outras, porque esta é *rocha* da carne e osso, que sorri e fala.

E' modelista; morena, graciosa e bôla. Foje aos olhares de todos, especialmente aos meus que sempre foram desafortunados. Ainda ha pouco, na festa de 3 do corrente, ella fazendo parte do cortejo, mudava constantemente de lugar, occultando um laço de fita, que lhe prendia o cabelo, seu rosto pequeno e risonho. Eu, indifferente, assistia tudo. Senhorita, não tenha susto, porque de hoje até Março não terá o desgosto de ver a cara feia de um retratista de dedo chato.

Esta é a ultima fotografia que faço aqui em S. Luiz.

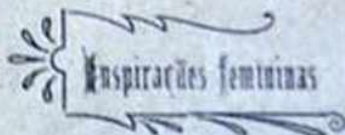
Preparei os meus retratos conforme me pareceu mais acertado, em todo o caso, peço desculpa às retratadas.

Dos sertões longínquos do meu

Pianhy amado, *retratarei*, quando me for possível.

S. Luiz, 5—XI—912.

* A. Erre.



A saudade é uma flôr triste que vive no recondito da alma, embalada pelo zêfiro das recordações.

Helena.

A inocencia é o lírio que embalsama a infancia.

Elza.

Os teus olhos são duas estrelas que me guiam, assim como a bussola guia o nauta nas ondas perigosas do mar.

Carmelita.

PATINANDO

Estou a entregar de porta em porta estas orações, que transcrevo e que me foram dadas a distribuir, pelo meu parente Henock Lima, encontrado, á noite passada, na rua, melendo-as nas frechas das gelozias das janelas.

As rezas, que são uma parodia do Pai Nosso com o respectivo acompanhamento e do Credo, são

Policiamento secreto

d' "O Canhoto"

DIZ O OFICIAL DE RONDA

...hontem a noite, o Djalma, eslava li o chorôzo, que o Teixeira, agarron o pelo... braço e mandon que elle fizesse a irrigação no trecho de seu Cinema...

O Djalma, porque não fôz p'ra Malôba.

...o João Victor, com sua amabilidade, andava e mudicando o nacemento do primojeito da sua gravata.

O'l raites...

...o Amer Souza, quando serviu de ponto na revista «83 den o touro», gritava tanto, que o maestro João Nunes passou-lhe uma tremenda descompostura: ...ôôô tá... êstando?... âle mais... nicho seu... oiza...

...a ella do Agenor, não quer mais guial o, pois não serve de guia, á rapazes feios

Entorquese Agenor e não odeie o Dante Faria que elle vai p'ra Malôba se Deus quizer...

...o Manéco Lisboa andava domingo, com um dr. americano, e quando encontrava qual quer pessoa, dizia ao dr: «mai fridi is gôd bôl tu bôl ai raxe gôl dême epique ingliz,tú-bôl etc, etc»

Vá aprender, avec mister Miners, seu colega.

...o José Pereira, anda procurando, quem lhe ensine que diabo significa: *originais*... pois quando foi contratar a impressão do seu futuro jornal: «Futuro», os tipografos disseram-lhe que levasse os originaes.

Originaes seu coiza é a *origem* das coizas *originadas* da sua *original* caixôla...

Sabesss...

...o Nereu (bêbê) quer por força acompanhar o Dante Faria, na perigrinação *coiolica* á Malôba.

Não seu colega fique aqui aprendendo p'ra f'gneteiro.

...o Dr. Lemos Vianna diz que quando ninguém p'ler passar em um lugar estreito, é só chamar o que todos passarão.

...o Sebastião Campos durante a festa dos Remedios despendeu a fabuleza soma de... tres... tostões.

O que? com tudo isso você quebra o seu patrão.

...o Cardozo da Huertanica, plajrou o narizinho do Mariano (dr) para cant' o «El Boleo». E seu vôvô, eu não sturava.

...o Lauro Duarte anda valdozo com o *talisman* que tem por baixo do quixo.

...os muzicos do «S. Luiz», parecem cada um com o instrumento que tóca especializando o clarinete e o rabeção.

...o Agenor carteiro não pode dispensar o palito na boca paraurar os fragmentos dos dentes (do Eraque).

Quem lhe roubou os dentes seu Agenor?

...o Zé Amaral e o Bello (bonito), são parentes até nos queixos, bôças, narizes e dentes.

Viva o clube dos queixos!...

...o José Riba mar (magricélio) e o Zéca Antrade (galinha branca pintada) disseram que «O Futuro» sorrirá para o futuro.

Logo... será sempre o futuro.

...o João Maciel e o Prado (pernas direitinhas) fizeram as pazes Associaram-se

...o capitão Lindoso (não tem nada de lido) em vista dos seus devedores não o pagarem, vai ser bicheiro. Olhe a policia... Capitão da não sou nada.

...o Alvaro Silva no dia da festa dos Remedios fazia cortezi-as com o chapen alheio. Dizia elle: senhorita, 37 votos estão lá.

A se o velho te pega!...

...o Zéca Neves (da muza) pôde andar ou navegar em 2 carros. O Canhoto não se em-

porta mais. Basta o pedido seu... encontrei o bilhete que se segue. As intellectualidades do Maranhão honram-se em ter o autor deste bilhete como Director d' «Os Anais».

P...

Vão aí Os A... e a R... que pediste. Sabes? O L... não está cá, porisso que m'o apressei a bem te servir da revista nossa e da delle que ex secretario (!!).

Olha: o dinheiro não deu. Sabes? O ultimo garbo já lá te foi ter? Comindo precizo de la talar a ti sem falta boja.

Ten

G...

Winter.

Cuiamboca d' "O CANHOTO"

Continuamos a receber visitas honrozias:

Comercio do Amazonas. Mandos
Estado do Pará... Belen
Folha do Amazonas... Manios
Jornal do Comercio... Mandos
A Pimenta... Pará

Ramiro Gutierrez (Guimarães)

Não se assuste nem se impressione, que você não vai á «cuiamboca».

O soneto, que voce perdeu seu latim e uma boa hora de ficar calado, eu já o conheço de muito tempo, ate gosto de cantal os: «Nós não podemos probricar sens verginhos no nombro que sai, mas não vaia ficar» zangado com a gente e continue a ser nosso assinante.

Você não tem medo de lhe sconeecer o mesmo que ao Crizostomo, Raymundo Pereira o Lilo Amoras?

Vá procurar um outro offico, tire o sentido da poesia seu coiza.

Guaxinim.

do
ESTADO DO MARANHÃO

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até (d' «O Martélio»)

ANO I

S. LUIZ, 1º DE DEZEMBRO DE 1912

NUM. 10

Sonhando...

Celina era uma menina encantadora e meiga. Contava apenas quinze anos de idade e morava em uma pobre cabana rodeada de belas e odorosas flores que eram cuidadosamente cultivadas por suas rozeas mãozinhas.

A sua mamã vivia preocupada com o seu futuro e humilde situação.

A bondosa senhora passava horas inteiras a transmitir a interessante criação a instrução que possuía. Celina era inteligente e viva, mas as vezes se tornava pensativa, procurava a solidão e sempre dava preferencia a um lugar pitoresco que ficava ao lado da cazuinha onde sentada em uma enorme pedra contemplava a agua cristalina de uma fonte a que ella chamava, «Fonte das Violetas» devido a quantidade dessas flores que se estendia naquella agradável recinto.

Celina amava. No intimo de sua alma estava nitidamente gravada a imagem do seu apaixonado!

Alberto era o nome que Celina repetia incessantemente com a voz do coração. Alberto filho unico de um fazendeiro abastado, morava a uma legua distante da modesta habitação de Celina. Desde o primeiro dia em que se viram que os seus corações ficaram presos pelo amor.

Alberto era rico mas fazia da sua riqueza um misterio tal que Celina e seus pais ignoravam. Alberto resolveu pedir aos seus

A R E

Era uma pobre industrial de amêres
A Ré de muito amar era senhada
O Juiz era eu. Sals apinhada;
Verbozo e autis os defensores

—Como te chamas? perguntei—Dolôres
—Teus annos? dezesseis. Pobre sem nada
—De que vives?—De amar e ser amada
—Quem te perdeu?—Seus olhos sonhadores

—Depois? —Abandonou-me sem piedade
E vi-me só, com frio, o corpo nú,
Vagabunda nas ruas da cidade».

—Responde-me: e quem foi o homem eró,
Que sem pena de tanta mocidade,
Idílio te desfolhou nas aorubras?—Tô.

J. P.

o consentimento para se cazar, dizendo que já o seu coração tinha eleito uma menina que era um exemplo de virtude. Os pais ficaram indecizos. Dezejavam conhecer a escolhida. Alberto partio com a alma cheia de alegria e foi convidar Celina e sua familia a darem um passeio pelo campo imaginando fazer a sua noiva uma surpresa feliz. O convite foi aceito. Foram...

Celina ao lado de Alberto em poetico devaneio. De repente parou ante um deslumbrante papo rama que se descortinava aos seus formozos olhos. Uma magnifica morada situada no alto de um morro coberto de relvas se destacava no meio de frondozas arvôres.

Alberto, perguntou Celina, quem habitará aquelle paraizo? Elle respondeu:—aquella é a casa dos meus pais onde vamos construir o nosso «Nid

amour» Celina e seus pais atônitos julgaram ver um verdadeiro sonho! Os pais de Alberto ficaram encantados com a presença de Celina.

Desde aquelle abençoado dia todos ficaram na mesma residência gozando de uma felicidade infinita. Os pais de Celina recordam o passado e sempre dizem: A quem Deus promete não falta.

William

Retratos a lapis

VIII

O. N.

Pela segunda vez, estou a fazer retratos muito embora ainda não tenha a precisa competencia.

Possue a simpatica retratada de hoje, um cativante porte, das mais cativantes filhas de Pernambuco, terra que muito merecidamente apelidaram os brasileiros de «Leão do Norte».

A sua delicada cabeça, coberta de bastos fios doirados faz sobressair a sua tez fina e rozada, quasi uma roza primaveril.

Estatura baixa, porte elegante e bem acertadamente ocupa um elevado lugar em nosso Concorso.

O seu nome somente cinco letras possui e seu apelido é o nome de uma madeira europeia de grande valor, com a qual se fabricam as mais ricas e luxuozas peças de mobilia.

Lanterna majica

(Versos de pé quebrado)

26ª figura

Este freguez prometido,
Em nosso num'ro passado,
E' o maior dos maiores,
Malandro muito escovado.

Vive talhando jaquetas
Paletó calça e colêtes,
Lá na rua de Sant'Anna
O Clemente Gué-de-lêtes.

Um dia foi atacado
Do mal sanhudo e mortal
Que persegue muita gente,
De raiva ao nosso jornal.

Mas ficou bom a Deus graças
E hoje é nosso amigo
Viva o Clemente leitores
O maior, mais poético.

27ª figura

Este colega gordinho
Que na tela vai passando
E' amado das guazélas
Mesmo sem ser namorando.

José Seabra se chama,
Muito letrado e pedante,
Mas, talvez não se recorde
Que não passa de um estudante

28ª figura

O meigo Euvaldo Oliveira
Conosco ficou zangado,
Por não ter inda saldo
Nesta folha criticado

Agora querido Euvaldo,
Que chegou a sua vez,
Tenha santa paciência
Aguente qual burguez.

Lá no Corroio é taruna,
Começou feito carteiro,
E hoje é seu praticante,
Mas não é de sapateiro...

E' muito estimado, mesmo
Gosta muito de café,
Quando o virem pela rua,
Tirem ligeiro o boné

Raffles.

Films

Quando se anuncia uma fita
Nordisk no Ideal cinema, a fa-
mília maranhense acode pressu-
roza e cheia de curiosidade.

Porque todos sabem e conhe-
cem o fino gosto que os proprie-
tarios desta familiar casa de
diversões, tem na escolha dos
seus films. Nunca cinema algum
exibiu melhores fitas que o Ideal
na semana finda. Domingo, «O
mais forte», concepção cinema-
tografica que deliciou seus fre-
quentadores, pois satisfeitos pe-
diram a sua repetição. Terça-
feira: repetiu o Ideal a «Historia
de uma mãe», que penso eu,
todas as familias tiveram ensejo
de ver. Nesse mesmo dia foi
levada pela segunda vez «O mais
forte».

E hoje o Ideal levará em sua
pomposa *matinée* para creanças
mais uma vez este mesmo film
e na *soirée*, como nenhum outro
faz, exhibirá um outro film Nor-
disk: «Um drama no mar», que
de certo será um verdadeiro su-
cesso, pois o título desta impor-
tante fita recomenda por si só
o seu triunfo. Neste film o espe-
ctador terá ensejo de assistir
como nunca em cinematografo,
um incendio a bordo de um tran-
zatlantico.

O Albuquerque é que tem feito
as delicias dos frequentadores do
S. Luiz; e a Troupe Freire do
Palace.

Manquito filho.

ESCULPINDO

VII

Prezida, prezada que está parada
Um manjô fundilheiro de boné,
Lá da rua d'alli—de Nazareth
E que em tempo nenhum falou se-
rado.

Lá na câmbra, não pode estar calado
Quando ouve discutir, pergunta o
que é
E uma esmenda qualquer, merca-
do que
Vae tirando até muito inchado.

Tem armazem de grossas asneira-
das.
Se numa roda está, logo se rizadas,
Teem saída, porque só diz besteira,

Ouvi-lo conversar vale uma pan-
doga.
Quando aparece acato pela alfân-
doga,
Prá despacho uns gendros de cholei-
ra.

Peri.

Tipos excentricos

Agora, leitor, que tipo tendos
em cena.

Uma capacidade, capacita-
da, por excellencia!

E até metido a conquistadora!
Trabalha insanamente, com seu
pai, para de quando em vez, ter
money, para ir ao alfaiate e man-
dar correr o terro em uma calça
de flanela. Isto aos sábados, pois
quando chegam os domingos,
amanhece nas ruas, ou nas igre-
jas, com a tal... imitando as
mais belas posições de um snob...

Facias rózeas (devido as es-
pinhas) usa pence-nez e com todo
chiste diz ás suas amadas, quando
está debaixo da janelle, isto:

«Que bela lua; é verdade, lá
vem um bonde!»

E safa-se.

BIBLIOTHECA PUBLICA
do
ESTADO DO MARANHÃO

O Canhoto

De canhoto não tem nada, é bom direito até (d' «O Martello»)

ANO I

S. LUIZ, 8 DE DEZEMBRO DE 1912

NUM. 41

PATINANDO

Legalmente autorizado pelo meu parente Manoel Antonio de Souza, convido os senhores e senhoras, amantes do cinema ao ar livre, para, de pé, assistirem uma prolongada sessão, que será efetuada no dia 22 do corrente em a pensão Beira Mar, á rua Direita, onde foi o antigo Trapi-che Santo Angelo, em homenagem ao segundo aniversario da chegada do primeiro automovel, nesta capital. As fitas, que irão lá, serão escolhidas por pessoas entendidas na materia. Entre outras, apparecerá uma *quasi corôida*, e tambem a do cirio de N zareth, que será traduzida ao publico, na ocasião, pelo inteligente amador Lobato cara gorda. Se ainda sobrar tempo, falará á massa trepado num bonito cavallo o *Mizéqi* que encetará as *rodoladas e confetiadas*. O programa dos festejos poderão ser procurados desde já, na praça João Lisboa, em mãos do banqueiro, Golias de graxa e escôva.

Avança pessoal! Não percam as festas! O cinema ao ar livre não custa nada!

Souza De Lima.

De relance...

Esta manhã fui vizitar minha doce amada, aquella moreninha filha de minha terra, que mora ali no caminho da officina, que o

Tuberculoza

Palida, os olhos mortos, encovados,
Tristonhamente chega, abre a janella,
Olha, diviza ao longe, ao longe della
Um bando de casais de namorados.

Relembra aquelles tempos seus passados
Que nos saíam fóra a rainha bella
E hoje vive tão palida e amarela,
Tendo os loiros cabelos desganhados.

Que dor! Que dor eu sinto ao vê-la assim
Essa que tinha os labios de carmin,
Essa que antigamente eu q'ria ver.

Junto comigo nas manhãs formozas,
Junto comigo em horas tenebrosas,
Dando-me vida para eu não morrer.

C. P.

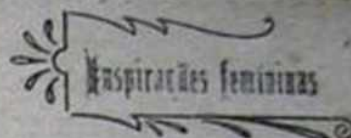
leitor não conhece e que eu co-nheço.

Ella, depois de afetuozo cum-primento, perguntou-me inje-nuamente, com a meiguice das pombas mansas, estás zangadinho, Lopes...?

—Não, meu amor; respondi-lhe. E' que vi-te pela vez primeira e amei-te. Eu não era assim... Mas o ciúme, que nasce no coração de quem ama, fez-me ficar assim... E hoje, porque tua beleza me domine, eu sou assim!...

Então, minha doce amada, com a meiguice das pombas mansas, aconselhou-me que lesse *O Canhoto*, unico lenetivo que poderia encontrar para o meu sofrimento de amor.

Belem 1912. D. Lopes.



Por pedido de senhoritas, que dezejam colaborar n' «O-Canhoto», resolvemos abrir esta seção com o titulo acima, onde publicaremos de muito bom grado, as produções que vierem, pela ordem.

A confiança é o talisman precioso com que ofertamos o predileto do nosso coração.

Elza.

O ciúme é o companheiro inseparavel do amor verdadeiro e sincero.

Carmelita.

O amor, é uma lagrima que parte da mais profunda magua do coração; é o soluço tristonho da vida, e o mensageiro eterno do desgosto.

Dulce.

Retratos a lapis

IX

N. S.

Esta rainha do rei dos astros, é bella qual a mais bella filha da Andaluzia.

Em a vendo occorre-me á me-

E' bacharel do Liceu,
Mostra grande sapiencia
Fazendo rir quem o vir
Trabalhando na Intendencia.

O nome delle eu não digo,
Mas o apelido, direi:
Se chama Pisto garrido
E na barriga tem rei.

30ª figura

Silencio caros amigos
Não vos quero fazer mal...
Quero somente mostrar-vos,
Um tipinho original.

Figura mui popular,
Em nosso distinto meio,
Mas é um pouco tolinho,
Pois assim ao mundo veio.

Gosta muito de escrever,
Inumeras... crizosteiras
Tem uma pança turuna,
Onde accumula as asneiras.

Se chama Zé Riba-mar,
Não sei de que de Pereira
Tem buchechas pra... Crizoste
E de João Lima a poeira.

Raffles

PELO RAIOS X

... Vi o fraque do corta orêlha,
esta muito na moda.

Seu corta orêlha, aquelle seu
fraque de tão apertadinho parece
até uma camisa de força, que você
se mete e vai em toda festa que
há por aí. Você acha que elle ain-
da não lhe pagou o dinheiro?

... vi o Reitor do Seminario fa-
lar com nhô Rego. Elle dizia que
Nhô Rego, tem vocação para o
sacerdocio, e que esperava que
os seus pais não cortassem á sua
carreira.

... vi o João Pachôla, tirar de
quando em vez o lenço do boiso
e friccionar a dentadura dando-lhe
um pequeno lustro. De vez em
quando elle pega os dentes, saca-

de experimentando se assim estão
fortes e não lhe fazem vergonha;
e com a bengala então vive o Pa-
chôla a bater na queixada cons-
tantemente.

Fique descançado que o seu
serviço *bocal* está muito bem
feito, basta ser executado por uns
habilitados profissionais (os jano-
tas).

... vi o palitô do Crizóstomo,
tem uma força automatica na re-
taguarda, pois elle quando anda
com toda póze, sacudindo o pes-
coço (imitando o mestre), o palitô
começa a flutuar como a bandei-
ra africana.

... vi o Zeca Neves (das A-
guas) inscrever-se no *clube das*
garrafas, para isso, conversava
elle com o secretario Satú, que
disse-lhe, cazo quizesse os esta-
tutos, do clube, fosse falar com a
Presidente e a Vice Presidente,
que se achavam naquella ocasião
no largo, sem suas bolsas.

... vi nos bachareis do Liceu
dois que não podem uzar a luneta
do estilo devido os seus narizes
não terem onde as segure: o
Djalma e o Filógrógnio Lisboa.

Guaxélo

A Elegancia

O presente concurso, conforme
noticiamos terminará no dia de Na-
tal. «O Canhoto» circulará nesse
dia, em edição especial, trazendo
o resultado geral do concurso. O
1.º premio que será entregue á se-
nhorita que obtiver maior numero
de votos acha-se exposto até hoje,
no salão de espéra do «Ideal cine-
ma». É uma pintura á aquarela,
trabalho do habilitado joven Par-
ciencia de Moraes.

Vai abaixo a votação conhecida
até hoje:

Regina Jucá.....	333
Lília Botelho.....	330
Landicéa Jucá.....	327

Odija Nogueira.....	326
Maria José Moreira.....	325
Naiza Souza.....	315
Virginia Wall.....	292
Bebem Meirelles.....	290
Santinha Arozo.....	187
Ozitha Burnett.....	165
Antoninha Maya.....	159
Caçula Nogueira.....	157
Cotinha Motta.....	133
Victorinha Mendonça.....	127
Melinha Costa.....	121
Regina Carvalho.....	95
Nazareth Costa.....	79
Dinah Teixeira.....	65
Sinhazinha Costa.....	62
Jessie Salles.....	59
Quetinha Pereira.....	49
Eunice Machado.....	45
Neusa Aranha.....	40
Vinolia Pinho.....	37
Laura Gameiro.....	30
Marietta Souza.....	30
Zezê Jorge.....	30
Maricota Castro.....	22
Marietta Perdigão.....	21
Lília Rocha de Souza.....	20
Anicota Godinho.....	20
Nhazinha Martins.....	15
Helozina Calvet.....	15
Maud Pereira.....	10
Edith Ribeiro.....	10

Os cupons, devem vir em car-
tas fechadas, dirigidas á «O Canho-
to», Rua 28 de julho n. 53.

Concurso de elegancia

A senhorita mais elegante de S. Luiz

Volante

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direito até (d' «O Martello».)

ANO I

S. LUIZ, 15 DE DEZEMBRO DE 1912

NUM. 12

Retratos a lapis

X

B. M.

Coube-me a vez de ser retratista. Não entendo absolutamente de caricatura, quanto mais retrato. Mal sei fazer as leves criticas que hei feito, enfim como de tudo, improvizo um pouco, começemos: O nome da retratada, é formado por duas iguais sílabas tão bem melodiôzas, quanto o maviôzo cantar de um bem-te-vi. E lá para as bandas da costa, gozando da briza marítima, ella quando na janêla fitando, como quem conta as estrêlas que piscando e palpitantes sob sua cabecinha, dão-lhe a graça e o esplendor de uma morena bôla, mas bôla em toda extensão da palavra.

O seu divinal sorriso, encanta os mais indifferente de todos os homens. E quando dança, fazendo as delicias de um seu par, esta que cujo perfil, vai ligeiramente aqui traçado, cada gesto, cada movimento e cada volta que dá em sua dança, só podem ser comparados mesmo ao seu furtivo olhar.

A simpatia, a delicadeza e a meiguice, ali imperam e dominam. Os seus negros cabelos que voltivolos ao sopro do vento que reina na sua habitação; simetricamente se combinam com os seus olhos de jaboticába, fornecendo as-

Receio

(A' meus pais).

Meus pais, eu tenho medo de morrer...
Não que a morte, me a-suste ou me apavore
Bem sei eu que mais cedo, ou mais demôro,
Com ella um dia, eu tenho de me haver.

Sei mais que com vontade ou semquerer,
Ou de rizes, ou lagrimas eu chore,
Ella sei donde viva ou donde more
E de Deus a justiça vem trazer.

O que receio, o que me faz penar,
E' a dôr cruel que tendes de passar
Ao me verdes no esquife amortalhádo

E no outro dia, as almas caridôzas
Ao jazigo levarem, silenciôzas,
Do vosso filho, o corpo inanimado...

S. C.

sim, mais furtividade ao seu olhar.

Justo, e bem justo, é o lugar que occupa em o nosso concurso, pois apesar de ser gorda, possui todos os predi-cados que se pode dezejar á uma moça elegante.

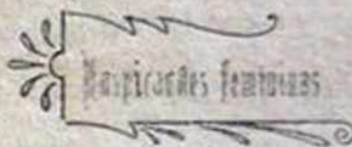
«Se fala da garganta cristalina
Uma nôta sublime e harmonioza
Se desprende tão grata e maviôza
Que mais parece uma canção divina.»

E foi esta linda morena, que na semana finda, tanto preocupou o espirito do retratista

d'«O Canhôtô», que tem inspirações tão futeis, não dignas das senhoritas que tem sido retratadas.

«Sorridente, sozinha entre as flores
Graciôza, gentil moreninha,
Tão formôza, tão linda e tão bôla,
Junto ás outras... tú eras rainha!»

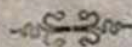
Dante Faria



O sorriso é tão necessario á um coração jovial, quanto a harmonia é necessaria á muzica; o primeiro traz consigo o sublime encanto das ilozões, o segundo a recordação do ultimo sonho de amor.

A belêza é o idilio sublime dos olhares! Contempla-se com entusiasmo, e bendiz o seu divino leito: a verdadeira amizade.

Dulce.



Quando amamos sinceramente, a separação é o maior dos supplicios. E' ella o punhal que nos fere, mas, ao mesmo tempo faz aumentar o nosso afêto, obrigando-nos a derramar copiózas lagrimas so lembrarmos os dias felizes.

Elza.

Retruca-o outro lanceiro:
Aqui nesta posição,
Sou invejado por todos
Que não têm um anelão.

Sou bacharel diplomado
Pelo Liceu cá da terra
Quem não me chamá Doutor
Eu te garanto que érra! !

Adeus queridos leitores,
Este ano é a última vez,
Que dou sessão na lanterna
Pois vai findar-se este mez

O nosso proximo numero
É de ouro e consagrado
As meninas do «Concurso»
Trazendo o seu resultado

Logo está visto que o Raffles
Não pôde nelle cantar
Pra não sujar as colunas
Todas de luz e nacar.

Raffles.

Films

Quinta-feira o Ideal apresentou aos seus frequentadores um escolhido «programa americano», que os deliciou.

Quem não aprecia uma fita americana? Quem não louva a naturalidade com que os artistas americanos, desempenham os seus papeis? Pois pouco lhes falta, para se rivalizarem com os dinamarquezes. E as cenas campestres, que as fabricas americanas fazem desenrolar em suas películas, quem não as aprecia? Pois o «Ideal cinema» que todas as quintas feiras, apresenta um programa americano, se destaca bastante pelos loiros que vai colhendo constantemente.

Hontem deu-nos ensejo de assistirmos.

A força do mal, que emocionou a platéia. Bem justo pois

é, que os seus proprietarios a repitam mais umas vezes, pois será certo o seu triunfo.

Hoje, o Ideal, como sempre levará na *matinée* uma linda peça «Nordisk» O Amor, que tanto emocionou quem a assistiu domingo passado e «A força do mal». E a noite, levará, a incomparavel joia cinematografica concedenada em 2 partes e inumeros quadros: «A catastrophe» film da fabrica «Nordisk», pelo que dispensa qualquer ecomio.

Este simpatizado cinema, prepara uma arrebatadoira surpresa para domingo proximo.

—No S. Luiz, fez o Albuquerque, as delicias da platéia no seu beneficio, fazendo este fino excentrico, rir o mais sizado espectador.

O Palace tem funcionado bem.

Manquito filho.

PELO RAIOS X

...vi o Vieira (fantoche, carteiro, parente do Garrido no andar) declarando se á Presidente do «club das garrafas». Dizia elle:

—esta polca, é boa para a gente dançar.

—é com enfeite...

—é esta valsa, é ainda melhor...

—me parece-me a mim.

—inda ha vaga, para mim entrar para o clube?

—ó, pois não o *sinhó* será o «uradó officá»;

At, seu coitô...

...vi o Vicente (papa hostia) arrematar no leilão o fraque do «corta orelha» que está a uzar.

...vi o Satã ir para «São José», e deixar em sua viga de conquistador o Nelson (aquelle curtinho e que não se parece com uma estaca). Coitado do colô sem sorte...

Guazelo.

Prozando e Torzando

«Conta uma lenda arabe que o Demônio appareceu, um dia, á um moço e lhe disse: Tu vais morrer, no estrelento, posso prolongar a tua existencia, com uma das tres seguintes condições: mata teu pai, esborda tua irmã, ou entrega-te ao vicio da embriaguez.

O moço, depois de curta reflexão e cojido pelo medo, escolheu a terceira, e embriagado, matou o seu pae e deu pancada em sua irmã».

Pois bem, parodiando Felisberto de Carvalho, registam os fatos recentes que o Diabo, ou a caveira de burro que nos persegue, surgiu ante o povo desta *Athenas escanthalada*, e perguntou-lhe o que preferis: se os velhos bondes, cheios da reclamações, de burros tízicos e linhas corcovadas; se uma soberba tração eléctrica de primeira ordem, a preços reduzidissimos, ou transportes feitos por automoveis? E o povo, como o rapaz da lenda, querendo vê-se livre das imundices dos bondes, temendo os desastres praticados diariamente, nos logares servidos pela tração eléctrica, escolheu o transporte por automoveis. E foi realizado o seu desejo, e foi feita a sua vontade para máo grado seu.

Viêram os automoveis, e logo iniciaram entre nós, o rejimem do terror; superior aquelle posto em pratica na França pela revolução.

do
ESTADO DO MARANHÃO

O Canhôtô

De canhôtô não tem nada, é bem direlto até (d' «O Martêllo»)

ANO I

S. LUIZ, 25 DE DEZEMBRO DE 1912

NUM. 13

* * A ELEGANCIA * *

Após umas quatro rapidas semanas de franco succésso termina hoje este nosso Concurso, que bastante saudades nos deixa.

O pleito correu animadissimo como o provam os numeros anteriores, aguentando a rapaziada alegre d'O Canhôtô, sem dezanimar, firme, a nota brilhante do Concurso.

A apuração foi feita com todo o rigôr, saindo justamente vencedoiras as tres senhoritas abaixo, ás quais talvez esta distincão vá ferir de perto as suas modestias.

Mas as elegantes premiadas, de certo, terão complacencia para conosco e perdoar-nos-hão por algumas faltas que porventura tenhamos cometido:

1.º Lugar—530

ODIJA NOGUEIRA

muito digna, incontestavelmente deste lugar elevádo em nosso modesto jornalzinho.

O seu retrato, embóra em breves traços, já foi feito a lapis pelo nosso companheiro Feijó, em nossa 10.ª edição, portanto são desnecessarios mais detalhes sobre a elegancia e porte esbulto da simpatica e distinta vencedoira.

Resta sómente coroar-lhe a fronte anjelical com os loiros das noxas homenajens.

2.º Lugar—412.

LAUDICÉA JUCA

senhorita filha das majestôzas terras pernambucanas, dotáda de rara elegancia, fisionomia sempre alegre e expansiva, impõe-se a todos que tem a feliz dita de conhecê-la de perto.

Pois são bem justas as homenajens prestadas á tão elegante brasileira.

3.º Lugar—400

BEMBEM MEIRELLES

maranhense que se distingue, já pela sua elegancia bem moldáda, já pela meiguice que a orna.

A' todas essas trez distintas patricias, «O Canhôtô» presta hoje dia do Natal de Christo as merêcidas homenajens a que fazem jus, apresentando-lhes ao mesmo tempo os seus efutivos parabens.

Obtiveram tambem votação elevada: Regina Jucá, 385; Maria José Moreira, 380; Naima Souza, 367; Lúlia Botelho, 360; Virginia Wall, 357; Santinha Arôzo, 300; Caçula Nogueira, 290 e outras menos votadas.

E' o quadro á aquarêla que por muito tempo esteve exposto no salão de espera do «Ideal Cinema», que será entregue por uma comissão a senhorita do primeiro lugar. Tambem ás outras que se seguem serão levados lindos mimos.

Em o quadro, acha-se a seguinte inscriçáo: «A elegante senhorita OdiJa Nogueira, humilde homenajem d' «O Canhôtô».

Natal! Natal!

«Natal! Natal! é luz, é flor, é vida
Natal! Florentes campos matizados,
Doce canção jamais interrompida!»

Após um labutar continuo de 11 mezes, as creanças despertam da quella especie de letargo e vivamente e com alegria exclamam:

«Meu mestre, estamos quasi no Natal, é tempo de irmos descansar e buscar as nossas festas e anos em mãos de nossos pais que anciosos nos esperam. Vamos partir, adeus!»

E emocionado, o pedagogo separa-se daquellas avezinhas frajeis a quem ensinara o primeiro voo para a imensidade do real, que é o que se chama a vida. Mas este segundo pai tem o semblante alegre e esperançoso, pois os seus amiguinhos voltarão após as férias.

Natal! Natal! C' que natal risonho dos amparados, o natal, tão bem querido e amado.

..

E ali, naquella casa ali, na «Assistencia a Infancia» aquellos desvalidos, com quem dirão que vão passar suas férias e a quem expandirão suas maguas? Enclauzuras ali, sem o carinho paterno, que prazer podem sentir?

A quem dirão elles, como os do colejo:—papai eu quero de festas um carrinho, e mamãe, eu quero de festas uma boneca?

Auxiliai, daí a essas avezinhas óbulos que um dia sereis recompensados, vede, imital as familias caridózas que para se tornar mais risonho o natal dessas debéis criancinhas, espontaneamente mandão-lhe o necessario.

Protegei-os, guiai os!

«Salve, pois, o natal das avezinhas,
O festivo natal dos desgraçados,
O risonho natal das criancinhas!»

Djal Fontoura.

NATAL

Natal!—data memoravel do nascimento do grande Salvador da humanidade. Dia festivo em que todos os corações regorjitam de alegria, os templos sagrados apresentam um aspecto mais deslumbrante os crentes elevam ao céu fervorosas preces.

As creanças cheias de contentamento, tomam as vestes dos pastores do antigo tempo e entoam hinos melodiosos aos pés de Jesus. E eu como um dos devotos rogo ao Creador, que proteja as senhoritas menos votadas no nosso «Curso de elegancias».

Wilson.

A MULHER

(Ao DANTE FARIA).

A mulher na sua infancia é a mais santa e pura das mais puras frazes da existencia. Nesso quadra risonha de sua juventude, é virgem. Mais tarde a menina é um casto lirio em botão que desabrocha em lindas petalas ao beneficio e safocante calor do amor paterno que é o que ella conhece nessa idade de innocencia. Depois vem-lhe os poeticos e encantadores sonhos da iluzões de sua mocidade, é quando ella sente as primeiras manifestações do amor, esse angelical sentimento que nunca conhecera, que lhe invade sutilmente o seu coração.

A inocente menina de outrora, pensa agora silenciosa nas horas em que está sozinha, na doce contemplação, nas iluzões do amor. Já não é o amor de pai que ella sente, já é um outro que então desconhece na sua juventude.

Finalmente entrega-se ao fogo do amor, passa a chamar-se esposa, contudo ainda é ella o anjo de bondade.

Portanto digamos sempre leitor, temos um espirito mais encantador e mais sedutor do que o nosso, que é a mulher, porque sem ella, o que seria de nós?

Uns desvalidos, uns monges, uns soldados sem patria, e todo que ha de mais horripilante sobre este mundo de iluzões.

Então, não ha coiza mais bella, mais encantadora e que indique mais ternura do que seja a mulher.

Itapetú, 18-12-912.

Nello Castro.

Contradição

(Ao DANTE FARIA).

—Vem!

Ella foi.

—Vae te!

Voltou.

—Mira-me!

Desviou os olhos.

—Não me olhes!

Abraçou-me com as pupilas

fixas

Fala-me!

Calou se.

—Cala te!

Cantou.

Beija-me!

Recuzou-me os labios.

—Arreda a boca!

Extaziou-me com um osculo

Então compreendi o quanto era ella propensa a fazer precisamente o contrario do que eu lhe pedia e resolvi aproveitar-me da sua inclinação para a desobediencia, a fim de obter della todas as delicias do amor.

Mas, sem duvida, reparou na cilada, porque, depois que eu disse-lhe, na outra manhã. Ah! se-me infiel, conjuro-te; enganou-me oito vezes antes de ser meia noite!

Ella riu-se.

D. Lopes.